
ATO II: A QUEDA
2
DECLIVE
De uma colisão apaixonante
VEIO A QUEDA QUE FEZ MEU CORAÇÃO SANGRAR
MISS CONFUSED

# DECLIVE

ATO II: **A QUEDA**

MISS CONFUSED

**© COPYRIGHT 2023 MISS CONFUSED**
TODOS OS DIREITOS DA OBRA SÃO RESERVADOS À MISS CONFUSED. É PROIBIDO QUALQUER TIPO DE REPRODUÇÃO, CÓPIA NO TODO OU EM PARTES, IMPRESSÃO, DISTRIBUIÇÃO POR MEIOS FÍSICOS E DIGITAIS, REVENDA OU ADAPTAÇÃO.

TODOS OS DIREITOS ESTÃO PROTEGIDOS DE ACORDO COM A LEI nº 9.610/98, Art. 184 do Código Penal.

**DIAGRAMAÇÃO**:
Miss Confused
**REVISÃO**:
Karoline Panato (@karolrevisa)
**LEITURA BETA**:
Daniela Lima, Giovanna Alves, Isis Casemiro, Marcela Marengo e Sara Evelyn
**ARTES E ILUSTRAÇÕES**:
Thay Tonzar (@raz_not), @Arda.arts

# Sumário

NOTA DA AUTORA

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

*37*

38

39

40

41

42

43

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

# PLAYLIST



Link da playlist no Spotify

# REDES SOCIAIS

Instagram | Twitter

*Suas raízes se entranharam em mim, mescladas a cada artéria, pulsando junto aos meus batimentos como um órgão vital. Agora, cada uma dessas raízes atrofia meus ossos e faz sangrar o que de mais nobre eu tinha para oferecer a ele.*

*O meu coração.*




ARDA
ARTS

*De uma colisão apaixonante veio a queda que fez meu coração sangrar*

# NOTA DA AUTORA

*DECLIVE* se trata de uma obra difundida pelos gêneros *new adult* e *dark romance*. Além disso, é um romance *Slow Burn*. Todos os personagens, o nome da cidade na qual a trama é ambientada e os estabelecimentos citados são meramente fictícios. O livro apresenta alguns temas sensíveis, por isso leia a nota da autora atentamente, antes de prosseguir com a leitura.

*DECLIVE* é uma história dividida em **dois atos**. Este livro é o **volume 2** de DECLIVE e é necessário ter lido **DECLIVE: ATO I** antes de iniciar a leitura de **DECLIVE: ATO II.**

O livro é recomendado para maiores de 18 anos. Possui linguagem imprópria, nudez, sexo descritivo, dependência química, uso de substâncias ilícitas, cenas fortes de violência, sangue, coação, episódios de assédio, assassinato, tortura, violência infantil, abandono parental, morte, luto, menção a abuso sexual (não há cenas de estupro no livro, e sim a menção ao ocorrido). Ao longo dele, você encontrará temáticas pesadas e personagens que nem sempre tomarão decisões vistas como moralmente corretas. No entanto, temas hediondos não são romantizados.

***DECLIVE ATO II: A Queda*** possui uma abordagem mais intensa do que o primeiro ato da obra. Nesta continuação, você encontrará um arco de corrupção que levará ambos os protagonistas a tomarem atitudes que não refletem os valores éticos da sociedade, podendo assumir condutas questionáveis ao longo da narrativa. Em **DECLIVE ATO I** acompanhamos a *colisão* entre Kaylee Clark e Finch Sullivan. Agora, chegou a hora de conhecermos a *queda*.

Tenha uma boa leitura!

# ATO II

## *A QUEDA*

# 01



# Finch Sullivan



***Estado do Maine***
***Dois anos antes***

Peguei a bolsa de viagem debaixo da cama às pressas e abri o zíper com tanta força que quase estourei o fecho.

Verifiquei por cima se tudo o que escondi ao longo da semana ainda permanecia em seu devido lugar e enfiei um pacote com um bolo de dinheiro lá dentro.

Feito isso, fechei a bolsa e a carreguei para a sala de estar. Estava sozinho naquela casa, portanto era o momento certo de partir. Não havia por que esperar mais, e, ainda assim, eu não saia do lugar. Deixei os minutos correrem como a contagem regressiva de uma bomba relógio, perambulando em círculos enquanto meus nervos explodiam.

Eu não teria muito tempo se quisesse escapar da cidade ileso depois da merda que acabara de fazer. Algo me mantinha ali, no entanto. Quis ficar para tentar, pela última vez, salvar a única pessoa que havia me restado.

Enfim, às três e vinte da manhã, a porta de entrada se abriu e Andrew Sullivan passou por ela. Aprumei a postura, e meu estômago congelou de nervosismo.

— Puta merda, Finch! Onde se meteu? — meu irmão mais velho ralhou, frustrado. — Alguém chamou a polícia e tivemos que fugir de Avenue Hill.

Avenue Hill é cidade vizinha de Middleton. Naquela noite, meu irmão e outros caras de gangue organizaram um pega de motos com uns moleques de lá. Não tinha relação com trabalho, foi só um jeito que ele e os amigos encontraram de se divertir às custas dos outros. O foco era aterrorizar um grupo de garotos que possuía uma informação de interesse para a gangue. E é claro que transformaram a coisa num circo, com direito a espancamentos e gente se machucando pra valer.

Andrew jogou a chave da moto da mesa de centro e se sentou no sofá, exausto. Passou a mão pelo cabelo raspado e expirou devagar. Seu pé batia no piso repetidamente, e ele não parava de apertar os nós dos dedos, elétrico demais, tentando descarregar energia.

Ele costumava ficar assim quando não estava sóbrio.

— Não vai abrir a boca? Aliás, onde você se enfiou no final da corrida? — me questionou, estranhando meu silêncio.

Respirei fundo, os músculos sobrecarregados de tensão.

Fazia um tempo que estávamos na cola de uns garotos da cidade vizinha, e isso porque os Coiotes queriam encontrar Erick Butler. Bom, eu também precisava achá-lo, mas não pelo mesmo motivo.

Conhecia Erick há uns anos. Nos cruzamos pela primeira vez na Arena, um autódromo de corridas e apostas ilegais fora da cidade. Viramos amigos e ele ficou cada vez mais inteirado da sujeira com a qual eu ganhava a vida. Por influência minha, ele teve uma amostra desse mundo.

O cara se viciou em cocaína, se endividou, torrou toda a grana e não conseguiu pagar as pendências. Eu o aconselhei a sumir por um tempo, visto que não demoraria até que mandassem alguém atrás dele para cobrar sua dívida. E eu, melhor do que ninguém, sabia como essas cobranças funcionam. Muito sangue, tortura, uns ossos quebrados, às vezes sequelas permanentes, roubos como garantia. Não existia um limite, era apenas o necessário pra conseguir o dinheiro. Erick fez o que eu disse e se mandou antes que pudessem caçá-lo.

Naquela época, eu já estava empenhado em juntar evidências para foder os Coiotes e ter um passe para sair daquela vida. Assim que começaram a suspeitar que alguém de dentro pudesse estar vazando

informações da gangue, tive que pensar rápido e joguei a bomba para cima da única pessoa que estava longe o bastante para não se foder.

Erick Butler.

Menti para os Coiotes. Disse que, antes de fugir, Erick me fez perguntas suspeitas e que poderia saber mais do que deveria dos nossos negócios, devido ao tempo que passou conosco. Isso serviu para distraí-los por umas semanas.

Enquanto os Coiotes faziam uma busca pelo cara, eu agi por debaixo dos panos e reuni um verdadeiro dossiê que derrubaria os chefões da gangue, pronto para jogar a merda no ventilador e me mandar.

Eu não tinha nada a perder, nem mesmo amigos com quem contar. A partir do momento que eu fugisse, estaria por conta e risco, sem teto, sem porra nenhuma. Então, pensei em ir atrás do Butler, afinal, se ele havia conseguido fugir dos Coiotes e se mantido oculto por tanto tempo, ele poderia me ajudar a fazer o mesmo.

Foi graças a uns moleques do antigo motoclube do Erick que consegui encontrá-lo. Finalmente, eu tinha um abrigo em vista onde poderia me esconder por um tempo.

No mesmo dia em que descobri a localização de Erick, deixei as malas prontas. Sem pensar muito, traí minha própria gangue e joguei o que sabia na internet. Absolutamente tudo para foder o esquema de tráfico de drogas na cidade de Middleton. Enquanto os Coiotes estivessem ocupados tentando escapar das autoridades, eu poderia dar o fora daquele lugar de uma vez por todas.

Para ser franco, acho que agi pensando em Andrew. Acompanhei de perto o quanto a gangue ferrou com a cabeça dele, por isso o queria livre daquela podridão. Eu sabia que ele não abandonaria os Coiotes por bem, já havíamos conversado sobre o assunto, e ele sempre foi irredutível. Sendo assim, tive que dar meu jeito. Se o único modo de tirá-lo daquela vida era acabando com a porra da gangue, então que fosse, estava decidido.

Me entristecia saber que, graças à gangue, Andrew se tornou dependente daquelas malditas seringas que o deixavam irreconhecível. Eu não queria apenas dar adeus aos Coiotes, queria destruir tudo.

Segui o plano à risca, movido pelo ódio. Só que deu errado pra caralho.

Naquela noite, após falar comigo duas vezes e não obter nenhuma resposta, Andrew se levantou do sofá e franziu o cenho, estranhando meu comportamento.

— Que porra tá rolando, Finch? Tá esquisito. — Só naquele momento ele reparou na bolsa de viagem que deixei no chão. Olhou de mim para ela, ressabiado. — Pra que a mala? Tá indo pra onde?

Dei um passo à frente, tentando vencer o medo. Eu deveria encurtar o papo e me mandar dali, sem dar explicações. Mas, recusando os alertas do meu lado racional, quis tentar pela última vez.

Engoli a saliva e limpei a garganta, ganhando coragem.

— Precisa fazer as malas, Drew — o comuniquei, sem delongas.

— O quê? — Andrew estreitou os olhos e riu nasalado, como quem escutou errado. — O que disse?

— A polícia vai revirar a cidade em breve, não vai sobrar ninguém pra contar história, tá legal? Eu tô caindo fora. Vem comigo!

— Mas que merda está falando, Finch? É sobre a polícia ter aparecido no racha? Porque se for...

— Não, Andrew! Por favor, me escute. — Eu me aproximei dele, suplicante. — Acabou, já era. O esquema dos Coiotes vazou, e virão atrás dos chefões. Os que ficarem vão se ferrar junto. Não vai demorar até que comecem a abrir a boca e entregar o restante. Temos que ir embora enquanto nossa identidade não foi comprometida. Eles ainda não têm nada que nos incrimine, mas não podemos dar bobeira, temos que vazar agora!

Andrew balançou a cabeça, aturdido. Ele me fitava de cima a baixo, como se eu fosse louco.

— Será que dá para explicar de que porra está falando, Finch? — ergueu a voz, alterado. — De onde tirou essa merda? Como algo poderia ter vazado?

Minha boca secou. Eu parecia pequeno diante dele. Andrew tinha esse poder sobre mim. Às vezes, me sentia um pirralho idiota ao lado dele, subordinado e fraco demais para bater de frente.

Mas estava exausto disso. Era a hora de quebrar a corrente.

— *Porque eu fiz isso!* Entreguei o esquema das drogas, o Richie, o nome dos donos das boates e dos vigias, a localização dos depósitos da mercadoria e dos puteiros onde vendemos, o tráfico por baixo do motoclube! Não deixei uma ponta solta. Logo a polícia vai bater aqui,

talvez ainda nesta madrugada, talvez amanhã... vai saber, Drew! Mas já era, a gente tem que sair daqui agora! Faça as malas!

Andrew não se moveu. Ele não falou. Nem sequer piscou. Durante longos segundos, meu irmão não fez nada além de me encarar em um profundo silêncio, digerindo minha confissão.

Quando ele saiu do transe, passou a mão pelo rosto e deu um pequeno passo para trás, assimilando. Naquele segundo, senti o coração pulsar no meu crânio, bombeando com um impacto fodido. Minha boca estava seca, e meu estômago contorcido em um nó.

Andrew soltou um riso curto e moveu a cabeça em negação, perplexo.

— Me diga que está brincando — pediu, incrédulo. Ele chegou mais perto, me analisando com os olhos em alerta. — Finch, me diga que essa porra que acabou de dizer é a merda de uma piada e que só está tirando com a minha cara. Diga logo, caralho!

Engoli em seco e enrijeci os ombros para parecer firme, embora no fundo estivesse mais inseguro do que nunca.

— Diga que não fez isso, caralho! — Andrew berrou tão alto que sua voz raivosa reverberou pela casa. — Essa porra não tem graça, caralho! Você não faria uma merda dessas comigo e com os caras!

— Eu fiz! Estou com a minha mala pronta e vou cair fora daqui agora, porque eu fiz! Eu acabei com tudo, Andrew! Já era. Um ano atrás, perguntei o que faria se eu quisesse sair da gangue. E você deixou claro que não me ajudaria, que não faria porra nenhuma por mim! Então, encontrei meu próprio jeito de sair.

Meu irmão riu e deu alguns passos para trás. Um brilho raivoso incendiava seu olhar quando apontou para mim, se negando a acreditar.

— Você não tá falando sério. Vai se foder! Não pode!

Eu não estava pensando raciocinando direito quando invadi seu espaço e o segurei pelos ombros. Olhei nos olhos do meu irmão, suplicante, tentando trazê-lo de volta.

— Por favor, Drew! Vem comigo. Nós podemos fugir, confia em mim, cara. Vamos sair de Middleton e encontrar outro lance. Vai dar certo. Não precisamos disso, *você não precisa dessa merda*. Se deixarmos tudo para trás agora...

Minha fala foi interrompida pelo impacto pesado que estourou no meu rosto e me jogou para trás. E, antes que eu pudesse me recompor, um

segundo golpe veio ainda mais forte, arrebentando a minha cara e me fazendo cair desnorteado no chão.

Minha visão embaralhou quando tentei me reerguer do tapete. Vi a figura borrada de Andrew diante de mim e toquei a mandíbula, onde ele acabara de me atingir. A dor me deixou zonzo.

— O tempo inteiro você estava mentindo, agindo pelas minhas costas, mesmo depois de tudo o que eu falei! — ele me acusou aos berros. Rastejei para trás e me ergui aos tropeços. Ele continuou vindo pra cima de mim. — Me apunhalou feito um filho da puta traiçoeiro! Pensei que pudesse confiar em você, seu pedaço de merda! Como pôde fazer isso comigo?

Minha mandíbula doía pra caralho, e o gosto do sangue inundava minha boca. Meu irmão parecia transtornado, o rosto contraído de ódio e a postura ameaçadora enquanto vociferava histericamente:

— Como acha que vou pagar a porra dos custos dessa casa sem dinheiro, seu filho da puta burro? Acha que a grana que tenho vai durar para sempre? Por acaso você se esqueceu de tudo? Quer mergulhar na miséria outra vez, como quando éramos crianças? É isso o que quer? Porra, você tem ideia da merda que fez, Finch? Tem noção do prejuízo? Meu Deus! Puta merda! — Andrew avançou furioso em minha direção.

Tentei me esquivar, mas minhas costas se chocaram contra a bancada da cozinha. As mãos do meu irmão agarraram minha camisa com tanta força que poderiam rasgá-la.

— Os Coiotes são tudo o que temos, caralho! Tínhamos um bilhete premiado na porra da mão e você acabou com isso. Como pôde ser tão burro?

Eu o afastei com um safanão e escapei de seu alcance.

— Acha que *eu* sou burro? — bradei, ofegante. — E o que você é? É a porra do cachorrinho do tráfico! Uma marionete de merda que acata tudo o que Richie manda! Tão fodido que começou a se injetar heroína! Qual de nós dois será que é o mais burro, Andrew? Porque eu fiz isso pra tentar nos salvar!

— Nos salvar? — Andrew riu, colérico. Seu rosto estava vermelho de ódio, as íris tremeluziam de uma forma assustadora. — Se queria meter o pé e desaparecer, já deveria ter feito isso, seu fracote do caralho! Poderia ter seguido com sua ideia de merda sozinho, mas você preferiu ferrar comigo antes! Quem foi que disse que preciso ser salvo, Finch?

— É só olhar para si mesmo e terá a resposta! Se enxergue, está drogado! Não consegue ficar sóbrio por mais de dois dias, porra! Se parece com os viciados que nós caçamos na cidade. Exatamente como eles!

Andrew reuniu bastante fôlego e inflou o peito, parecia prestar a partir para cima de mim. Cada passo que ele avançou ao meu encontro fez meu estômago se contorcer e as mãos suarem frios.

Não sabia o que ele havia usado naquela noite, mas, pela forma como as íris estavam vidradas e as mãos eram incapazes de se conter, ficava óbvio que estava em um estado perigoso de euforia que, quase sempre, vinha seguido de uma explosão furiosa.

— E sabe com o que você se parece? — Andrew vociferou, apontando o dedo na minha cara. — Parece a porra de um pirralho covarde e ingrato. Um traíra! Coloquei comida na porra da mesa e te mantive vivo pra você me dar uma rasteira dessas! É isso? — Seu punho fechado socou a bancada da cozinha com tanta força que os talheres tilintaram nas gavetas. — Eu fiz o que podia por você, e o que me deu em troca? O quê, Finch? Não tinha o direito! — Ele agarrou um copo de vidro da bancada e o arremessou na pia em um acesso de raiva. Pegou uma garrafa de cerveja vazia e disparou na parede atrás de mim, por pouco não me atingindo. — Caralho, não consigo nem olhar pra porra da sua cara porque quero te arrebentar, Finch!

Vê-lo tão desequilibrado me arrasava e me assustava na mesma proporção.

— Andrew, eu entendo que esteja com raiva, mas pense direito. Não adianta continuarmos aqui. — Com as mãos erguidas em um pedido de trégua, eu me aproximei cautelosamente. — Pode não concordar com o que fiz, mas sabe que estou dizendo a verdade. Depois que a polícia chegar e começar a revirar tudo, não vai sobrar nada. Você já tem passagem pela polícia, não pode se arriscar. Vem comigo, por favor.

Ele moveu a cabeça em negação e riu pelo nariz.

— Acha que vai a algum lugar? Não, caralho! Não vai mesmo. Você decidiu por mim, então agora decido por você. Não vou deixar que saia daqui, seu traidor de merda! Na verdade, já sei o que fazer para consertar sua cagada. Vai ficar aqui e resolver essa bosta como um homem. Não vai fugir!

No segundo seguinte, Andrew avançou até a sala e abriu minha mala ferozmente. Puxou roupas e mais roupas para fora, até encontrar o envelope

pardo com um chumaço de notas de cem. Ele encarou o dinheiro e travou a mandíbula. Quando se voltou para mim, os olhos estavam saltados de fúria e as narinas dilatadas.

Minha respiração travou.

— Que porra é essa? É o meu dinheiro? — Balançou o envelope no ar. — Mexeu nas *minhas* coisas e pegou *meu* dinheiro? Odeia tanto a gangue, mas na hora de fugir vai usar o dinheiro sujo, não é? Você é tão hipócrita, Finch! — Seu timbre era um trovejo de fúria. Arremessou o pacote no chão e veio até mim. — Caralho, está me roubando. Filho da puta! Roubando de mim? Como teve coragem?

— Eu ia te devolver depois, Drew. Juro! O que eu tenho não é o bastante, só precisava de uma grana pra me manter por um tempo e... depois, longe daqui, eu ia juntar uma quantia e...

Ele apontou o dedo em riste na minha cara e marchou para cima de mim, feito um animal descontrolado, me encurralando na cozinha.

— Você não vai sair daqui até resolvermos essa parada. Vou chamar os outros agora e você vai dizer a eles exatamente o que acabou de me dizer.

— Ficou maluco?

— É isso aí! Se a polícia bater aqui, vou alertar os caras enquanto é tempo. Richie vai bolar um plano, vamos nos movimentar antes das autoridades. E, se sairmos da cidade, você vem com a gente! Não passa de um X9 filho da puta, não vou te deixar para trás pra abrir a boca outra vez. Já me mostrou que não posso confiar em você. Então agora vai funcionar assim, está me entendendo? Vai continuar aí e esperar os outros Coiotes chegarem!

— Eles vão acabar comigo, Andrew. Sabe disso.

— E não é exatamente isso que você merece? Me diga, Finch. Você nos traiu! Me roubou! Você fodeu com a minha vida, porque, se os caras acharem que eu sabia disso e estive te acobertando, vou acabar na mesma vala que você. Não vou pagar o pato pelas suas merdas!

— Fiz isso pensando em nós dois.

— O seu rabo que pensou em nós! O que esperava conseguir? Acha que vamos nos mandar daqui e que o mundo vai passar a sorrir pra nós? Que tipo de emprego acha que podemos arrumar lá fora, sem estudos, sem merda nenhuma? Acorda, moleque! Você está enfiado na lama até o pescoço e não vai ser fugindo que vai se desvincular disso. Não vou deixar

que me culpem pela sua cagada, vou te entregar pra eles. E te juro que nunca mais verá a porra da luz do sol! Queria tanto fugir daqui, mas com a merda que fez vai virar um prisioneiro!

Fiz que não com a cabeça, decidido.

— Não, Drew! Se quiser continuar e se agarrar ao que sobrar dos Coiotes, a decisão é sua. Mas não vai me arrastar com você!

Eu o afastei bruscamente com intenção de chegar à sala, mas Andrew me puxou de volta e uma pancada atingiu minhas costelas. Nós dois nos atracamos feito bichos naquela casa, eu tentando me defender, e ele descontando sua fúria com socos que desferia na minha cara. Tive sorte ao conseguir afastá-lo com uma cotovelada no rosto e uma joelhada no estômago que o lançou contra a bancada.

Cair na porrada com Andrew era a última coisa que eu gostaria, mas não ficaria parado enquanto ele estava totalmente descontrolado. Saquei o canivete do bolso, pronto para reagir.

— Já disse que não vai sair daqui! — ele decretou, transtornado.

— Eles vão me matar, Andrew!

Meu irmão não me ouvia. Ele veio para cima de mim outra vez, mas foi surpreendido pela lâmina do meu canivete se erguendo na altura do seu pescoço. Apenas isso o deteve. Suas íris pretas e trêmulas oscilavam entre o meu rosto e a lâmina afiada.

— Não quero fazer isso, Drew. Me deixe passar. Vou embora e você nunca mais vai me ver. Eu juro. Só me deixe ir.

Ele não se intimidou. Pelo contrário. Avançou outro passo e nos deixou cara a cara. A lâmina tocou seu pescoço, e ele sorriu amargamente, o rosto contraído em fúria e decepção.

— Durante anos eu alimentei a porra de uma cobra que, na primeira oportunidade, me deu uma rasteira. Depois que nossos pais se foram, achei que você era o único que havia me restado. Mas agora... — ele me encarou de cima a baixo, enojado — deveria ter me livrado de você quando era um moleque imprestável. O que ganhei em troca foi ver meu próprio sangue ter a audácia de colocar uma lâmina na minha cara, depois de me roubar.

Minha respiração travou no peito, parecia cada vez mais difícil empunhar o canivete com firmeza enquanto a lâmina tocava a garganta do meu irmão. Os olhos de Andrew eram borrões, irreconhecíveis e ferozes,

não havia um pingo de misericórdia neles. Não tinha mais volta, ele jamais me entenderia.

— Acha que consegue passar por mim só por causa dessa porra de canivete? — jogou a pergunta, sarcástico. — Pode se achar muito forte agora, Finch, mas ainda é o mais fraco, o mais covarde... sabe que, no momento que eu quiser, te destruo, porra! Não pense que vai me assustar com a merda de um canivete quando sei que você é exatamente como a cadela da nossa mãe. Medroso, mole, tão fraco que na primeira oportunidade quer fugir com o rabo entre as pernas, igual a ela.

Cerrei os dentes ao travar a mandíbula, fora de mim ao ouvi-lo me comparar com aquela puta do caralho que eu odiava. Meus músculos se contraíram em cada centímetro. Investi toda a força quando meu punho esquerdo atingiu a cara dele. O soco foi tão bruto que Andrew precisou se equilibrar na bancada ao lado.

Aproveitei a chance e me mandei para a sala, capturando a mala e enfiando tudo de volta nela o mais rápido possível. De relance, vi meu irmão contornar o balcão e puxar algo da gaveta.

Um facão.

— Larga a porra da mala! Agora! — ele ordenou entredentes, me apontando o facão. Depois, indicou a porta da sala. — Se chegar perto daquela porta, juro que te acerto com essa faca, Finch!

Fechei a mala e passei a alça pelo ombro, enfrentando-o.

— Vai se foder! Acabou, Andrew.

Eu só tinha uma chance se quisesse escapar inteiro daquela casa, e não pensei nas consequências. Saltei a mesa de centro e fui em disparada até a saída. Andrew também correu. Antes que eu pudesse tocar a maçaneta, vi a lâmina do facão reluzir diante dos meus olhos. Drew me puxou pela camisa e nos desequilibramos. Caímos no chão, ao lado da mesa de centro, e o canivete escapou da minha mão. Andrew ficou por cima de mim e pressionou a ponta da faca no meu peito.

— Sabe o que eu deveria fazer? — ele bradou, descontrolado. Havia um brilho insano em seu olhar. Segurei sua mão, tentando afastar o facão de mim, e ele exerceu ainda mais força para mantê-la empunhada contra o meu coração, a milímetros de me esfaquear. — Eu deveria deixar os Coiotes te arrebentarem bem aqui, até que seus miolos fiquem espalhados nesse chão! Porque você não passa de um rato traiçoeiro e ingrato!

— Andrew... — Minha voz saiu engasgada. Fazia um tamanho esforço para afastar a faca do meu peito enquanto ele usava o dobro da força para mantê-la apontada em mim. — Você é meu irmão, porra... me deixe ir, eu só quero ir embora. Por favor...

— Não vem com esse papo molenga pra cima de mim, desgraçado! Escolheu me apunhalar e me roubar, e agora quer me comover?

Parei de respirar e rangi os dentes de dor quando a ponta da lâmina atravessou a camisa e perfurou minha pele.

— Você é um maldito sanguessuga! Depois de anos se beneficiando de tudo que *eu* conquistei para nós, você me traiu. Acha que vou te perdoar só porque somos irmãos? Não, é pior ainda porque o meu próprio irmão me ferrou da forma mais filha da puta que podia, me jogando na porra da sarjeta!

Não conseguia mais ouvi-lo. Enquanto Andrew me ameaçava, minha mente desligou e seu rosto virou um borrão. Não tive dúvidas de que ele me mataria, bem ali.

Olhei ao redor e vi o canivete jogado embaixo da mesa de centro. Eu utilizava as duas mãos para barrar o facão, mas precisei usar a esquerda para tentar alcançar o canivete no chão. Andrew afundou a ponta do facão com mais força no meu peito, rasgando a pele.

— Andrew, pare... vai me matar! Você está drogado, não tá pensando direito! — bramei em meio a um grunhido de dor, desesperado. — Não faz isso! Por favor!

Minha mão direita lutava com todas as forças para impedir que ele me esfaqueasse, e a esquerda estava quase alcançando a ponta do canivete. Quando consegui puxá-lo entre os dedos, o empunhei depressa e cravei a lâmina na coxa de Andrew. Ele urrou de dor, e eu arranquei o facão das suas mãos e o arremessei para o outro lado da sala. Eu estava cego pela adrenalina quando apunhalei o braço de Andrew. Ele tentou roubar o canivete, e foi monstruosa a maneira como lutamos.

Com muito esforço, resistindo aos seus golpes, capturei o cinzeiro da mesa de centro e acertei a cabeça de Andrew com ele. A pancada brusca o desorientou e consegui tirá-lo de cima de mim, me arrastando pelo chão e lhe acertando pontapés.

Ele rastejou atrás de mim.

— Não preciso da faca. Posso acabar com você com as minhas próprias mãos! — Sua entonação raivosa e potente estremeceu o chão sob nós.

Eu me levantei aos tropeços e esbarrei na estante da sala. Antes que Andrew pudesse se reerguer, segurei as prateleiras da estante e a virei na direção dele. A estrutura pesada, feita de carvalho, tombou sobre Andrew, esmagando metade do seu corpo.

Suas pernas e parte do seu torço ficaram presos debaixo da estante, e ele gritou de dor. Tentava escapar dali, sem sucesso.

Cambaleei para trás, ofegante e zonzo. Agitado a ponto de não conseguir assimilar o cenário caótico à minha volta.

— Finch! Se sair daqui eu vou te achar, seu desgraçado, custe o que custar! — ele berrou. — Não vai se safar! Vou atrás de você onde quer que esteja!

Meus ossos rangiam, e o corte superficial em meu peito fez um filete de sangue descer pela camisa. Toquei o ferimento para me certificar de que eu ainda estava inteiro e arquejei profundamente, tentando voltar a mim. Não conseguia respirar. Não sentia as mãos. Não podia pensar.

Agi no impulso. Agarrei a alça da bolsa e corri cambaleante até a porta. Ao girar a maçaneta, olhei para trás e vi Andrew lutando para escapar da estante. Sua face estava vermelha de raiva. As veias da testa saltavam, formando vincos pelo seu rosto transtornado.

— Vou te caçar, seu filho da puta traidor! Não vai ter paz enquanto estiver respirando! Vou colocar todos atrás de você e te dou a minha palavra que vai pagar caro pelo que fez comigo e com os Coiotes! Está ouvindo? Juro que vou fazer você se arrepender até seu último suspiro! Vou te encontrar, porra!

E eu enxerguei nos olhos dele, tão furiosos e vingativos, que a ameaça era verdadeira. Andrew jamais me perdoaria por aquela traição.

Sem dizer nada, escapei da casa e corri para a garagem. Puxei a chave do carro do bolso da calça e fui direto ao Mustang preto estacionado. Ele pertencia ao Andrew, um dos seus artigos favoritos, um clássico conquistado com grana do tráfico.

Eu sabia que fugir levando um dos seus carros o faria me odiar ainda mais. No entanto, já tinha vendido minha moto e precisaria de um teto enquanto estivesse na estrada. O carro serviria como um abrigo. Foi por

isso que naquela noite, após quase ter meu coração esfaqueado e ouvir meu irmão dizer que poderia me matar com as próprias mãos, eu fugi dele e dos Coiotes no seu Mustang 1966.

Minhas mãos tremiam no volante, e meus olhos ardiam, marejados. Não sabia se as lágrimas eram de tristeza ou de raiva. Talvez fosse uma mistura amarga e conflitante de emoções.

Estava deixando aquela vida para trás, incluindo o meu próprio irmão após ter destruído tudo que ele tinha.

# 02

## Kaylee Clark

Não sei há quantos minutos estamos na estrada, perdi a noção de tempo quando fui arremessada para dentro do carro. Estamos bastante afastados do centro da cidade, e tudo que nos cerca é a límpida extensão do deserto de Faigan, longe de qualquer ponto de movimentação.

Isso me assusta.

O delegado Callum Allen não emitiu uma palavra sequer desde que assumiu o volante. Em momento algum o revólver saiu da mão dele. Faz questão de mantê-lo empunhado, ao passo em que conduz o carro. Tenho a sensação de que a qualquer instante ele vai atirar na minha testa.

Não sei dizer se estamos mais próximos da Linha Velha ou da Linha Nova. Para qualquer direção que olho, vejo apenas areia e nuvens de poeira nos rodeando.

O veículo trepida ao sair da estrada e trafegar pelo terreno irregular do deserto. Finco os dedos no estofado do banco, engolida pelo desespero, enquanto Callum nos guia para cada vez mais longe do asfalto. Entro em alerta quando, pela quarta vez, meu celular toca dentro da bolsa, que está jogada no piso do carona, bem ao lado de Callum. Imagino que seja Nash, visto que pedi que me buscasse na galeria, antes de ser raptada.

É aterrador pensar que nenhum dos meus amigos faz ideia de onde estou. Se o delegado fizer algo comigo e eu jamais for vista, nunca sequer

saberão o que aconteceu. Meu coração se aperta só de pensar em meu pai. A possibilidade de nunca mais vê-lo me faz querer desabar em lágrimas.

Logo meus pensamentos me levam até Finch. Um nó cresce em minha garganta ao presumir que, após se livrar de mim, Callum irá atrás dele. Se algo acontecer comigo hoje, espero de todo o meu coração que Finch fuja. Quero que vá para o mais longe possível de Faigan, seguro.

Céus! Não estou pronta para dizer adeus ao Finch. Engulo a vontade de chorar na intenção de me acalmar.

Assim que o veículo diminui velocidade, cravo o olhar no retrovisor, vigilante a qualquer movimento de Callum. O delegado para o carro no meio do deserto. Meu corpo é dominado pelo medo. A respiração pesada ameaça levar meus batimentos cardíacos à garganta, como se o órgão pudesse saltar a qualquer segundo.

— Saia do carro — ele é breve ao ordenar.

Engulo a saliva com dificuldade, hesitando obedecer.

— Por que estamos aqui?

— Saia do carro agora, Kaylee! Nada de movimentos bruscos. Só saia do carro — ele torna a ordenar.

O delegado me observa pelo retrovisor, monitorando cada ação. Abro a porta do carro e, com muita cautela, ponho um pé para fora do veículo.

Grãos de areia arranham minha pele, trazidos pela forte corrente de vento que agita meus cachos. Corro o olhar ao redor e me desespero ao perceber que estamos no meio do nada.

Meu coração estremece quando Callum salta do carro. O revólver em sua mão direita encontra-se mirado em mim, pronto para disparar.

— Vamos conversar, srta. Clark — ele diz tranquilamente, como se não estivesse me ameaçando com uma arma. — Dependendo do que me disser, posso ou não atirar em você, bem aqui.

Meus músculos tensionam, e dou um pequeno passo para trás, sentindo os sapatos afundarem na areia fofa.

— Você sabe que, se atirar em mim, terá que explicar muita coisa depois. — Minha voz cria forças ao desafiá-lo e eu nem sequer sei como.

— Veremos... Estou mesmo curioso pra descobrir quem pode estar te ajudando nisso, porque sei que não conseguiu aquelas informações sozinha.

— Ele se aproxima devagar. O cano do revólver focado no meu rosto. — Agora me diga, Kaylee. Quem te ajudou.

Cerro os punhos para controlar os tremores nas mãos e ergo o queixo com coragem. Estou em pânico, com o estômago embrulhado e os pulmões comprimidos de aflição, mas a única forma de fazê-lo me temer é mostrando confiança.

— Se atirar em mim, nunca terá a resposta.

Suas sobrancelhas grossas se erguem, indiferente à afronta.

— Não preciso atirar em você. Posso fazer diferente. Posso deixar que volte para casa, e também posso machucar qualquer pessoa com quem se importe. Posso tirar de você algo muito mais importante do que sua própria vida. Prefere assim? Se não abrir a boca e me contar o que sabe, é o que vou fazer.

Fico em silêncio, fingindo que a ameaça não me apavora.

Os olhos de Callum passeiam por mim em uma análise demorada. Sinto que ele é capaz de captar o meu medo.

— O que acha do seu pai? — lança, dissimulado. — Liam Clark, eu o conheço de vista. Sei que anos atrás perdeu a esposa num acidente, você ainda era criança, não era? Me pergunto se seria pior tirar a única filha dele e fazê-lo ter uma segunda perda dolorosa, ou deixá-la órfã de pai e mãe. O que acha que doeria mais, srta. Clark? Tirá-lo de você, ou tirar você dele?

Aperto o maxilar para descarregar o ódio. Consigo me imaginar cometendo uma loucura. Poderia saltar sobre Callum feito uma fera histérica e tentar arrancar a maldita arma das suas mãos, mesmo que eu fosse baleada e morresse no processo. Contudo, me apego ao meu lado racional. Não posso me precipitar se quiser sair daqui viva.

Observo o carro dele. O modelo prata com os vidros escuros parece novo. Minha bolsa continua lá dentro com meus documentos e celular. Torno a olhar Callum. Um sobretudo pesado, a arma na mão direita e a chave do carro na esquerda. Analiso seu indicador posicionado no gatilho do revólver. Vejo quando ele guarda a chave no do bolso superior do sobretudo.

Detalhes. Preciso estudar cada um deles para achar uma saída.

— Estou pensando em algo — o delegado discorre friamente. — Se eu trouxer aquele criminoso de quem tanto gosta até aqui e colocar uma bala na cabeça dele, você vai abrir a boca de uma vez por todas?

Encaro seus olhos cruéis e desprezíveis.

— Se tocar no Finch...

— Isso só depende de você, garota! Pare de ser burra. Se não funcionar atirando nele, então será um dos seus amigos, seu pai, vou atrás de todos, um por um, até que não te reste nada e você finalmente abra a maldita boca!

Callum chega mais perto, e o cano da pistola fica a centímetros do meu rosto. Meu corpo inteiro paralisa, e o suor desce pela minha têmpora.

— Não preciso te matar agora, mas posso te machucar pra valer. A ponto de você nem ser capaz de lembrar o próprio nome. A ponto de me dizer tudo, porque não vai resistir a dor. Estou te dando várias opções, e cabe a você decidir qual a melhor.

Tento recuar, mas não chego longe o bastante para me esquivar da bofetada pesada que Callum desfere em meu rosto. O impacto me faz cambalear. Ele me puxa pelos cabelos e encosta o cano do revólver em minha têmpora.

*Verme desgraçado!*

A fúria faz meus nervos fervilharem. Quero explodir neste maldito lugar e fazer com que Callum se arrependa por ter me tocado. Quero devolver em dobro cada golpe recebido, assim como fiz com seu filho. No entanto, a pistola na minha cabeça me obriga a engolir a afronta calada.

— O que vai escolher, sua desgraçada? — vocifera e aperta o cano da arma na minha testa. Ele retorce meus cabelos e me prensa no carro. — Diga logo!

Cerro os punhos de modo que minhas unhas cravam nas palmas, preparados para acertá-lo. Entretanto, não posso ignorar a arma mirada na minha cabeça. O desespero aprisiona o fôlego nos meus pulmões. Preciso de outra alternativa, qualquer uma.

*Não posso perder. Eu não posso me entregar. Eu não sou fraca, porra!*

*Não posso, não posso, não posso...*

Estou em total desvantagem. Tampouco sou páreo para um embate corpo a corpo. Ele me destruiria. Preciso de um plano B.

E então a ideia mais insana e arriscada se desenha diante dos meus olhos. Mas é a única coisa que tenho.

— Me diga o que sabe, garota! — ele berra na minha cara, descontrolado.

Permaneço calada, totalmente imóvel.

— Vou fazer você falar, por bem ou por mal!

Callum me empurra para longe do carro e dá duas coronhadas na minha testa. Nem sequer tento me equilibrar, permito que meu corpo vá ao chão, prostrado na areia. A queda é dolorosa. Meus olhos se fecham junto ao impacto do meu crânio no solo. E eu não me movo.

Continuo jogada da maneira que caí, de olhos fechados. Preciso fazê-lo acreditar que o golpe em minha cabeça me fez perder a consciência.

— Levante daí! — Callum ordena num brado.

Eu me mantenho da mesma forma, como se estivesse desacordada.

— Vagabunda, eu mandei se levantar! — ralha novamente. Lágrimas inundam meus olhos quando um chute atinge minha perna. — Levante desse chão, caralho! Não pode ter apagado. Se mova!

Não faço nada. Minhas pálpebras estão fechadas, segurando as lágrimas que imploram para transbordar, e meu cabelo cobre parte do rosto.

Sinto os passos de Callum me rodearem enquanto meu coração estremece freneticamente no peito. Os dedos dele empurram meu cabelo para trás da orelha, e eu me esforço para continuar perfeitamente estática. Callum segura minha mandíbula com firmeza, e eu engulo a dor do seu aperto.

— Você não vai apagar antes de me dizer o que quero, garota — decreta, raivoso. Minha mente rodopia. Chego a perder os sentidos quando um tapa estala na minha face. — Acorde! Levante da porra desse chão!

Callum sacode meu corpo e coloca os dedos bem abaixo das minhas narinas, verificando se estou respirando.

— Puta merda! Desgraçada... — resmunga, frustrado. — Uma hora você vai levantar.

Callum se afasta. Ouço a porta do carro se abrir e, segundos depois, ele me captura, uma mão firmada em meu tronco e a outra enganchada em meu braço, me tirando da areia. Está me arrastando para dentro do carro.

Ambas as mãos do delegado estão firmadas em mim, isso significa que ele não está mais empunhando o revólver.

É a minha chance.

Arrasto os dedos na areia e encho a mão com os grãos. Em um rompante, eu me debato nos braços do delegado, pegando-o desprevenido.

Desfiro cotoveladas em seu estômago e chutes nas pernas. Callum me empurra contra a lataria do carro, e eu lanço o punhado de areia em seus olhos, comprometendo sua visão.

— Filha da puta! — ele brada, irado, sem conseguir me enxergar.

Antes que puxe o revólver do cós da calça, eu me lanço sobre ele, acertando-o com joelhadas ferozes e arranhões pelo rosto e pescoço. Enquanto ele estiver com areia nos olhos e não puder me enxergar, estou em vantagem.

Agarro o bolso do seu sobretudo e dou um puxão que arrebenta a costura do tecido, tentando roubar a chave do carro. Recebo um soco no rosto que me lança para trás. Callum saca o revólver e atira às cegas na minha direção. Eu me abaixo para me esquivar. Dois disparos atingem as janelas do carro e espatifam os vidros.

Reunindo força e coragem, parto para cima do delegado e luto bravamente para tomar a arma das suas mãos. Em meio ao confronto pela posse do revólver, mais disparos escapam da arma silenciada. Seguro direto no cano do revólver para tirá-lo da minha mira enquanto Callum segue apertando o gatilho.

Minhas costas batem na janela do carro e o vidro se despedaça ainda mais, espalhando cacos pela areia. Lanço uma joelhada no meio de suas pernas. O golpe é certeiro e o desnorteia. Callum quase cai de joelhos, e eu finalmente arranco o revólver de suas mãos. Meus dedos tremem, suados e escorregadios, conforme busco manusear a arma. O delegado agarra meus braços e me puxa para o chão, vindo sobre mim. Movida pelo desespero, encaixo o dedo no gatilho e atiro na direção da sua barriga.

E nada acontece.

Puxo o gatilho outra vez. Callum continua firme feito um touro sobre mim.

A munição acabou.

— Solte a arma! — ele berra, me sufocando.

Arquejo, engolindo areia e saliva, e arremesso o revólver para longe de nós. Meu peito se aperta, sem fôlego, parece que os ossos vão arrebentar. Tateio a areia ao meu redor e agarro um pedaço do vidro da janela. Golpeio o rosto de Callum e abro um corte na bochecha. Crio outro rasgo profundo em sua clavícula quando ele tenta arrancar o caco de mim.

No momento em que ele solta meu pescoço, desfiro joelhadas nas suas costelas e busco tirá-lo de cima de mim. Rastejo na areia e acerto um pontapé em seu queixo, tendo sucesso em afastá-lo.

Eu me levanto em um salto, completamente zonza. Vejo de relance um objeto brilhante reluzir na areia e reconheço a chave do carro. Eu a apanho depressa. Ao mesmo tempo, o delegado se ergue para correr na direção do revólver que eu arremessei para longe.

Desesperada, abro a porta do carro e me lanço para dentro dele. Através da janela, assisto o delegado recuperar o revólver na areia e pegar um carregador do bolso para repor a munição. Ligo o carro. O ronco do motor atrai o olhar de Allen, que percebe que roubei sua chave.

Tudo acontece rápido. Piso no acelerador, e ele mira o revólver na minha direção. Grito assustada quando os vidros traseiros do carro se espatifam, anunciando cada disparo que o delegado executa.

O carro avança na areia, e eu me encolho no banco, tentando me proteger dos tiros que estraçalham as janelas. Piso fundo no acelerador, as mãos tremendo, a testa suando e calafrios pelo corpo.

Pelo retrovisor, dirigindo em alta velocidade, vejo Callum ser engolido pela nuvem de poeira que deixo para trás. Ranjo os dentes ao sentir uma fisgada dolorosa no braço direito e percebo uma mancha vermelha crescendo na manga da minha camisa.

É sangue.

Fui baleada.

Não paro para pensar nisso, somente acelero o veículo em sua velocidade máxima, o carro chacoalhando na areia e meu corpo embalado pelos solavancos. Meu coração bate tão depressa que começo a hiperventilar. Parece que vou sofrer um ataque cardíaco. Pisco rapidamente para me manter desperta e puxo ar pela boca.

Minha bolsa se encontra jogada no piso, e penso em buscar o celular para pedir ajuda. Contudo, estou tão eletrizada que não consigo fazer nada, senão continuar dirigindo a mil pelo deserto de Faigan.

Ao avistar a estrada, diminuo a velocidade, sem saber para qual lado seguir. Bem ao longe, um ônibus desponta na pista, e eu não penso duas vezes. Freio o carro bruscamente. Puxo a bolsa, abro a porta e escapo do veículo aos tropeços, correndo com tudo que posso. Largo a chave do carro na areia e avanço na direção da estrada. O ônibus se aproxima, e eu ergo os

braços para pedir socorro. Não posso voltar para a cidade no carro de Callum, seria arriscado.

Preciso de ajuda.

Paro no meio da estrada, dolorida e ofegante. O ônibus diminui o ritmo e estaca no acostamento. Corro rumo à condução, e as portas se abrem para mim. Subo os degraus e percebo que não se trata de um ônibus comercial comum, mas sim de uma excursão estudantil, a julgar pela quantidade de adolescentes uniformizados que se erguem alarmados dos bancos para me observar.

— Você está bem? — o motorista me pergunta com preocupação e encara a mancha de sangue na minha blusa. — O que aconteceu? Está ferida?

— Me leve embora daqui, por favor! — imploro, a voz falhada e ofegante. Abro a bolsa às pressas e busco minha carteira. — Tenho dinheiro, me deixe ficar e me leve embora o mais rápido possível. Preciso de ajuda!

O motorista ergue as sobrancelhas, espantado.

— Alguém te machucou? O que fizeram com...

— Por favor, só me leve embora daqui! — Meu timbre sobe oitavas, em pleno desespero.

— Posso deixá-la no hospital mais próximo ou na delegacia...

— Não! Só me leve para... — Estou tão tonta que nem consigo pensar. Toco meu braço direito, e o ferimento dói ainda mais. — Pode me deixar o mais próximo que puder de La Victoire?

— Sim, sim... eu posso. Tudo bem, suba no ônibus. Deve haver algum lugar livre lá atrás.

Eu assinto e agradeço.

As portas do ônibus se fecham, e a condução se move.

Ignoro os olhares de espanto que recebo dos adolescentes e atravesso o corredor de bancos lotados até encontrar um lugar vago no final da condução. Afundo no assento, com o corpo moído e exausto, a respiração ofegante e o coração explodindo de aflição.

Olho pela janela e vejo o carro de Callum Allen abandonado no meio do deserto. O veículo prata se torna cada vez mais distante, até que eu não consigo mais vê-lo.

Solto um sopro de alívio e fecho os olhos, incapaz de acreditar que continuo viva.

# 03



# Finch Sullivan



Os segundos se arrastam com uma lentidão agonizante enquanto continuo vidrado na imagem Andrew Sullivan.

Bem na minha frente.

Há centenas de perguntas rondando minha mente. *Como me achou? Há quanto tempo sabe que estou aqui? Quem veio com ele?* No entanto, não consigo formular uma palavra sequer e me odeio por isso. Porque sua presença me intimida a ponto de me fazer sentir um garotinho medroso diante do irmão mais velho, que é maior, mais forte, mais rápido, mais esperto e assustadoramente cruel.

Eu não era assombrado por essa maldita sensação há anos.

Puta que pariu!

É estranho. Embora Andrew esteja diferente, visivelmente mais velho e com as feições marcadas pelo tempo, parece que apenas um dia se passou desde aquela noite. Tudo ainda é tão fresco na minha memória.

As linhas de expressão de Andrew estão forjadas pela raiva mais pujante e sua postura é ameaçadora. Ele examina nosso entorno e faz uma análise meticulosa do apartamento. A barra de ferro se move em suas mãos, e ele crava os olhos gélidos em mim.

— Faz ideia do trabalho que tive para te achar? — As palavras soam lentas, moldadas pelo rancor. Ele aperta a barra com força entre os dedos e

dá um passo em minha direção. — Dois anos, Finch. Você correu de mim feito um covarde por dois anos.

Parece que estou chapado, como se tivesse fumado um estoque inteiro de erva e perdido a capacidade de raciocinar. Escaneio meu irmão dos pés à cabeça, atordoado.

Devo estar pálido, porque não sou capaz de mascarar o baque.

— O que está fazendo aqui, Andrew? — consigo formular a frase, devagar. Continuo encarando-o de cima a baixo, digerindo essa merda. — Como... chegou aqui?

— Está surpreso? — Seu timbre destila escárnio, se divertindo com meu choque. — Ou melhor! Está apavorado porque consegui farejar cada rastro que deixou desde que fugiu de Wichita, meses atrás?

Movo a cabeça em negação, e meu corpo recua no automático. Olho para além de Andrew, esperando por companhia: os antigos membros da gangue. No entanto, ninguém surge.

— O que houve, Finch? — ele me questiona ao perceber meu olhar. Com o polegar, aponta para a porta atrás de si. — Está esperando alguém?

Intercalo o olhar entre ele e a passagem aberta, ressabiado.

— Onde estão os outros? — arrisco dizer. Minha respiração refreia, e os músculos se tensionam, preparados para o pior. — Não estão com você?

Andrew nega com a cabeça e estala a língua com descaso.

— Por enquanto, seremos só nós dois, Finch. — Aponta para mim com a barra de ferro. — Precisamos conversar. Eu te fiz uma promessa, se lembra? E, como pode ver, sou bom em cumprir com minha palavra. Bem diferente de você.

A acusação me balança e sou transportado a uma viagem ao passado. As cenas correm como um filme em minha mente: Andrew tentando cravar uma faca no meu peito, nós dois lutando e sua promessa furiosa trovejando em meus ouvidos.

*Vou te caçar, seu filho da puta traidor! Não vai ter paz enquanto estiver respirando! Vou colocar todos atrás de você e te dou a minha palavra que vai pagar caro pelo que fez comigo e com os Coiotes! Está ouvindo? Juro que vou fazer você se arrepender até seu último suspiro! Vou te encontrar, porra!*

Lembro de cada palavra.

Reteso os ombros, firme em minha postura, tentando não me abalar pelo passado. Não posso deixar Andrew me assustar como fez um dia.

Aquilo acabou.

— O que quer aqui, Andrew? — vou direto ao ponto.

— Não é óbvio? Estou te procurando, seu filho da puta ingrato e traiçoeiro! — Ele encurta nossa distância e mantém a barra de ferro apontada para o meu rosto, intimidador. Seu timbre raivoso reverbera: — Não finja que não sabe. Estou aqui para acertar as contas e tomar de volta tudo que você me roubou.

Engulo em seco. Respiro tão devagar que meu corpo mal se move.

— É dinheiro o que quer? Se for apenas isso, te devolvo o que peguei e você some daqui. Vamos resolver isso.

Andrew abre um sorriso ácido, nitidamente perturbado. Inclina a cabeça e crispa os lábios ao me medir com os olhos. A ponta da barra de ferro quase toca meu queixo.

— Dinheiro? Acha mesmo que eu atravessaria a porra do país atrás de você por tanto tempo só por causa de dinheiro? Você me deve muito mais do que dinheiro e sabe disso. Me deve por ter me apunhalado. Me deve por ter fodido com a minha vida, por ter me feito perder tudo. Me deve pelos últimos dois anos miseráveis que tive. Você me deixou para ser preso, seu bastardo miserável!

Nego com a cabeça, devolvendo o olhar implacável que ele me lança.

— Você escolheu ficar para trás! Poderia ter ido embora comigo, mas quis continuar naquela merda. Eu queria ter te tirado de lá.

Ele ri pelo nariz, e seus olhos traiçoeiros se estreitam, desconfiados. Cada pequeno gesto é articulado e hostil.

— Sabia que eu perdi a casa? — A barra de ferro toca levemente meu queixo, e um calafrio sobe pela minha espinha. — É, eu perdi aquela casa. Depois que o esquema caiu e vários Coiotes começaram a ser presos, também acabei em cana. Depois que saí, precisei sumir de Middleton. E, adivinha? O dinheiro que eu tinha juntado acabou. Sem casa, sem grana... todas as garantias que os Coiotes me deram se foram. E te juro que, durante todo esse tempo, não houve um maldito dia em que eu me esqueci que foi *você* o filho da puta que tirou cada uma dessas coisas de mim. Foi você quem acabou comigo, Finch! — O berro raivoso troveja pelo apartamento.

Não retruco. Eu realmente o fiz perder tudo. Não tenho argumentos para rebater as acusações.

Bem devagar, Andrew abaixa a barra de ferro. Libero o fôlego preso, mas permaneço estático e apreensivo. Conheço como ninguém a instabilidade explosiva de Andrew e sei que a qualquer momento, as coisas podem se tornar um pandemônio.

— Cheguei na cidade há alguns dias e estive observando você — ele revela, perambulando pelo hall e gesticulando com a barra metálica. — Ouvi dizer que você participa de lutas ilegais. Fiquei surpreso, porque, pelo que me disseram, você é uma máquina nos ringues. Comentam que é louco como um animal lutando. Acho engraçado, porque o Finch que eu conheço sempre perdeu pra mim.

— Talvez você não me conheça mais — retruco, seco.

Ele curva os lábios em um gesto de deboche e move a cabeça em concordância.

— Pode ter razão. Acho que nunca de fato te conheci, porque, se conhecesse, não teria sido apunhalado da forma que fui, não concorda? — Ele torna a erguer a barra de ferro na altura do meu rosto. Um lampejo sinistro atravessa suas íris. — Se eu te conhecesse o suficiente anos atrás, teria acabado contigo, antes que me ferrasse. Mas infelizmente demorei para perceber que não passa de um parasita traiçoeiro!

Em um rompante de fúria, Andrew bate a barra de ferro na parede, berrando descontrolado:

— Tirou tudo de mim, até mesmo a porra do meu carro você roubou! Aliás, vamos começar resolvendo isso. Me devolva o Mustang. Eu o vi estacionado lá embaixo. Quero a merda do meu carro de volta!

— Eu preciso dele.

Andrew gargalha alto. Bate a barra de ferro na parede novamente e logo em seguida torna a apontá-la na minha cara, me ameaçando. O rosto vermelho e as veias saltando ao vociferar:

— Você precisa?! Eu quero que você se foda, porra! Estou cagando para o que você precisa. Isso não é uma negociação. É um acerto de contas, e nós só estamos começando!

Mantenho o queixo erguido e cerro os punhos. Observo a barra de ferro a centímetros da minha face e encaro as íris furiosas do meu irmão.

— Andrew, pelo amor de Deus! Eu só quero paz. Vou te dar o dinheiro, mas é tudo que posso no momento!

Suas sobrancelhas sobem com desdém.

— É tudo o que você pode?! Acho que ainda não entendeu como essa merda vai funcionar.

Andrew abaixa a barra de ferro e passa por mim. Ele cruza a bancada e invade minha cozinha sem cerimônias. Fico enraizado no lugar, confuso e sem ação, enquanto ele abre a geladeira e fuça as prateleiras lá dentro.

— Tem cerveja — ele conclui ao pescar uma garrafa.

Com a barra firmada na mão direita, Andrew se senta na banqueta e remove a tampa da garrafa com os dentes. Pisco algumas vezes, estranhando seu comportamento. Ele toma uns goles e me aponta com a mão que segura a bebida.

— Tenho que te contar as novidades.

Franzo o cenho.

— Do que está falando?

— Eu fiquei preso por uns meses. E sabe o que rola na cadeia? — Ele bebe mais cerveja, me esperando dizer algo. Como não respondo, ele prossegue: — Eu comi o pão que o diabo amassou no presídio. Tive crises de abstinência longe da heroína e surtei lá dentro feito um bicho, durante meses, todos os malditos dias em crise. É uma... sensação fodida que não dá pra explicar, uma tortura. Eu quase morri! Tomava porrada dos carcereiros e dos outros detentos até apagar.

Andrew vira longos goles da cerveja goela abaixo. Ao terminar, bate o casco na bancada e se levanta. Ele ergue parte da camisa e deixa o abdômen à mostra. Uma cicatriz grande e vertical marca sua pele acima do umbigo.

— Consegui isso quando quase me mataram lá dentro. Um preso me atacou com uma navalha e fez um buraco no meu estômago. Eu tive sorte de sobreviver. Mas sabe a pior parte? — Ele dá passos lentos ao meu encontro, feito um predador sorrateiro. — A pior parte foi passar todo aquele tempo enjaulado pensando que nada daquilo estaria acontecendo se não fosse por você.

Fico nauseado e com a boca seca, impactado pra caralho.

Jamais pensei que ele tivesse sido detido depois que fugi. Achei que pudesse ter escapado de Middleton a tempo ou... sei lá, mas isso é muito pior. Nem consigo imaginar o inferno que ele viveu.

Reúno fôlego, com um misto de sensações embaralhando minha mente.

— Andrew... eu...

— Não diga porra nenhuma, ainda não acabei. — Seu tom rígido e rancoroso me corta.

— Quando foi liberado? — despejo a dúvida, precisando entender.

— Liberado? Eu nunca fui, Finch. Eu nem deveria ter saído. Mas, quando a oportunidade surgiu, dei meu jeito e escapei. Então podemos dizer que eu não tenho nada a perder, afinal, de qualquer forma, se me pegarem, eu volto pra detenção. Olhe bem para mim e entenda que, se eu perdi tudo e se estive a um passo de morrer na cadeia, a culpa é sua! Você esteve vivendo livre por aí enquanto eu fui castigado dia após dia. Massacrado, sem nada! É um miserável! Não quero seu maldito olhar de pena, quero que sinta o que eu senti!

Colérico, meu irmão se aproxima, pisando duro e declarando em alta voz:

— Vai viver todo o inferno que eu vivi na mesma proporção, eu te juro! Vou me encarregar pessoalmente disso!

Num piscar de olhos, Andrew me golpeia com a barra de ferro. Meus reflexos trabalham rápido, e uso o braço como um escudo para me proteger. Ele ruge de ódio e desfere outro golpe com a barra, mas me esquivo a tempo de escapar.

— Andrew, pare!

Ele não escuta. Parece movido apenas pelo ódio quando corre em minha direção, atingindo meus braços e costelas com pancadas poderosas. Seguro a barra e tento arrancá-la dele. Acerto suas pernas com pontapés e consigo removê-la das suas mãos. Ela cai no chão, e, antes que Andrew possa recuperá-la, eu me lanço sobre ele.

Ele me puxa pela camisa e acerta meu estômago com joelhadas dolorosas. Sou jogado contra a parede. Minhas costas e cabeça batem no concreto, e novos socos me atingem.

— Ainda continua perdendo para mim, Finch, veja só! — Seu punho pesado atinge minha cara, quase quebrando a mandíbula. Sou agarrado pela gola da camisa, e meu corpo se choca na parede. — Acho que é justo. Você tirou tudo que eu tinha, agora eu tiro tudo de você!

Uso os braços como escudo e me protejo do próximo soco. Encontro uma brecha e dou um gancho de direita na cara dele, empurrando-o para longe e conseguindo uns segundos de descanso.

— Que merda você ganha fazendo isso? — berro para ele.

— O que eu ganho é poder dormir sabendo que, depois de tanto tempo, eu finalmente te fiz pagar caro. É isso o que ganho e é isso que merece depois de apunhalar a pessoa que te manteve vivo!

— Você sempre jogou isso na minha cara. Sempre! — eu explodo, rancoroso. — Quando te procurei e disse que não queria continuar na gangue, você não me defendeu. Pelo contrário, me ameaçou. Escolheu o lado deles! Houve uma época em que eu faria qualquer coisa por você, Drew, eu morreria por você. Até perceber que você não faria o mesmo por mim! Que tinha se corrompido tanto que eu já não poderia contar com você para porra nenhuma!

Minha acusação o deixa ainda mais puto.

Dessa vez, quando Drew parte para cima, estou pronto. Desvio da sua investida e lhe acerto um soco na cara. A pancada embaralha seus sentidos, fazendo-o recuar, desorientado. Ele cospe o sangue no chão e volta obstinado pela raiva, pronto para me acertar. Andrew me encurrala contra a bancada. Faço uma rápida inspeção em busca de algo para me defender.

Alcanço a pilha de talheres limpos na bancada e, por reflexo, uso toda a minha força para enfiar um deles nas costelas de Andrew. Meu irmão se afasta com um grunhido longo e gutural, e eu percebo que empalei os dentes de um garfo na lateral do tronco dele.

Puta merda!

Andrew puxa o garfo fincado em sua carne. O sangue esguicha no processo e encharca sua camisa rapidamente, indicando que o corte foi profundo. Ele trinca a mandíbula, baqueado pela dor, e aperta o ferimento para estancá-lo. Isso me dá tempo de capturar a garrafa de cerveja sobre a bancada da cozinha. Bato o casco na quina do mármore para quebrar o fundo, improvisando uma arma cortante e eficaz.

Miro o vidro afiado na direção de Drew, ameaçando-o.

— Vá embora daqui agora! Fora Andrew! — vocifero e vou em sua direção com o vidro apontado em sua cara. — Vou cortar sua garganta se não for embora agora. Vá logo!

Andrew não reage. Seus olhos estão arregalados de choque, e as linhas de expressão tensionadas de ódio. Ele me encara como se não pudesse me reconhecer ou aceitar o fato de ter levado a pior em nosso embate.

Respirando rápido, ele cospe mais sangue no piso e limpa a boca com o dorso da mão.

— Acha que conseguiu se livrar dos Coiotes? — me desafia, os dentes cerrados de fúria e as feições animalescas. — Ainda sobraram alguns antigos Coiotes, aqueles que não foram presos na operação em Middleton. Adorariam saber onde você está. E se eu contasse a eles que te achei?

Não respondo à provocação. Conheço Andrew. Sei que isso pode ser só um blefe para me amedrontar. Por outro lado, pode ser a verdade nua e crua que ele está fazendo questão de esfregar na minha cara.

De repente, passos estalam no corredor do prédio, e em questão de segundos Erick invade o apartamento em disparada.

— Que porra tá rolando aqui? Escutei o barulho e...

Ele para de falar quando aterrissa os olhos no meu irmão. Erick ergue as sobrancelhas com alarde e recua assustado, sem acreditar no que vê. Andrew o encara de volta, igualmente surpreso em encontrá-lo. Continua estagnado no lugar, puto e ofegante, apertando o ferimento no tórax para conter o fluxo de sangue.

— Então também está aqui, Butler? — Andrew conclui e o examina com repulsa, como se encarasse um inseto. — Quando foi a última vez que o vi? Ah, é, estou me lembrando. Foi quando te encontrei em Wichita e te arrebentei pra caralho, enquanto o merdinha do meu irmão se escondia.

Erick examina a bagunça formada pelos talheres e vidro espalhado no assoalho. Ao perceber a presença da barra de ferro jogada no chão, ele pensa rápido. Corre até ela e a empunha prontamente, preparado para uma briga.

— Como esse desgraçado chegou aqui? — Erick me pergunta, sem tirar os olhos de Andrew.

Meu irmão é cercado por nós. De um lado, Butler o ameaça com a barra de ferro, do outro, eu mantenho o casco pontiagudo mirado nele. Erick me fita e aponta para Andrew como a cabeça, somente esperando um sinal para atacá-lo. Mantenho a ofensiva, pronto para afundar a garrafa quebrada na cara do meu irmão se for preciso.

— Está sangrando demais! — brado para Andrew. — Vá logo para um hospital e suma daqui!

Seus olhos rancorosos me encontram. Andrew ri pelo nariz e cerra a mandíbula de dor. O sangue que escorre em sua camisa começa a respingar na calça, e ele passa a pressionar o ferimento com as duas mãos.

— Está preocupado comigo, Finch? Que bela hipocrisia.

Nego com a cabeça em um acesso de raiva, o sangue quente pela adrenalina.

— Não estou preocupado, apenas quero que pare de sangrar como um boi no abate no chão do meu apartamento! — Chego mais perto dele, deixando os cacos pontiagudos da garrafa a centímetros do seu peito. — Não estou brincando, Andrew. Quero você fora daqui, caralho! Eu fugi por uma razão, então siga sua vida e me esqueça! Finja que morri se quiser, porque pra mim você morreu naquela noite em que quase cravou uma faca no meu peito!

Andrew desce o olhar embebido pela fúria até a garrafa e depois foca no meu rosto.

— Nosso pai estava certo em te arrebentar quando era um moleque. Ele deveria ter te matado antes que se tornasse o filho da puta que é! Bastardo do caralho!

As palavras venenosas me atravessam tal qual uma flecha pontiaguda. É como ser engolido pelo passado. Nossa velha casa, nossos pais, os conflitos. A revolta me faz sangrar por dentro.

Lembro que meu pai fedia a álcool na noite em que arrebentou a minha cara com a porra de uma frigideira. O impacto bruto me derrubou no chão e me fez perder um dente de leite. Estava me punindo por ter acidentalmente quebrado uma janela jogando beisebol no quintal. Puta merda... Também me lembro da vez que ele me acusou de ter roubado vinte pratas da sua carteira. Meu pai me estrangulou na sala e bateu minha cabeça na mesa de centro com tanta violência que abriu um corte no couro cabeludo. Mais tarde, naquele mesmo dia, ele descobriu que Andrew havia pegado o dinheiro, não eu. Mas ele não fez nada com meu irmão. Ele era o filho favorito. Eu, por outro lado, era aquele que ele julgava ser um bastardo mesmo sem ter certeza, então sempre fui castigado.

Ter essas infelizes memórias resgatadas por Andrew me faz querer esmagar seu crânio em minhas mãos e fazê-lo implorar por clemência.

Imagino as várias maneiras que eu poderia rasgar a cara do desgraçado do meu irmão com essa garrafa, um ato puramente irracional.

Consigo visualizar essa porra acontecendo bem aqui. Meu sangue ferve de desgosto.

— Sai daqui agora, caralho! Não vou dizer outra vez! — vocifero a ordem, tomado pelo furor.

Avanço contra Andrew e empunho a garrafa na altura do seu rosto ao ameaçá-lo, obrigando-o a recuar até a saída. Só paro de marchar quando ele cruza a soleira da porta. Ele escapa do apartamento e dá passos de ré pelo corredor.

— Quero o meu carro de volta, porra! — ele exige, entredentes.

— Vá buscá-lo no inferno então, desgraçado! Porque não terá nada aqui! Não vai me assustar. Vaza da porra da minha frente antes que eu faça uma merda!

Ele me metralha, os olhos nublados de fúria e o desejo de vingança deformando suas feições. Receber tamanho ódio do cara que me criou me destrói. Me sinto miserável.

Erick se coloca ao meu lado na porta para me dar suporte. Ele continua empunhando a barra de ferro e não se acovarda diante do meu irmão. Andrew nos observa em silêncio e recua mais alguns passos, aceitando a derrota. No entanto, seus olhos obstinados mostram que ele não desistirá tão facilmente. Conhecendo-o, tenho certeza que não.

Ele nos dá as costas e acelera pelo corredor, mancando. Desço o lance de escadas atrás dele para me certificar que está mesmo indo embora, e Erick me acompanha. Ao encerrar a escadaria no térreo, Andrew marcha rumo a saída e atravessa as portas do prédio.

Sigo em seu encalço e paro sob o alpendre da construção, assistindo-o descer os degraus para a calçada e mancar até um Corolla vermelho estacionado do outro lado da rua. É um dos seus antigos carros, mas a placa é nova.

Aperto o que restou da garrafa em meus dedos com o máximo de força, desejando estilhaçá-la para descarregar o ódio. Entro em um impasse e me pergunto se deveria ir atrás de Andrew e cortar sua maldita garganta, antes que ele acabe comigo primeiro. Contudo, apesar do instinto selvagem que me faz desejar derramar seu sangue no asfalto, não faço nada. Não

consigo. O ar parece rasgar meu esôfago a cada vez que puxo e solto o oxigênio.

No instante em que meu irmão adentra o carro e liga o veículo, eu solto a garrafa, sem dar a mínima para os cacos que se espatifam aos meus pés. O Corolla vermelho ganha velocidade e desaparece após virar a esquina.

Engulo um bolo de saliva, com os punhos cerrados e sedentos para arrebentar alguma coisa, precisando descarregar a energia acumulada antes que meus miolos explodam.

Do mesmo buraco que Andrew saiu, outros antigos membros da gangue podem surgir. Meu irmão não perderia a chance de se vingar me entregando aos velhos Coiotes. Seria um prato cheio.

É, estou com os dias contados.

# 04

## Kaylee Clark

— Puta merda! Droga... pelo amor de Deus! — Os murmúrios aflitos escapam de Nash quando ele entra no banheiro da loja de conveniência, carregando uma sacola plástica.

Apoia tudo na pia e abre a torneira para lavar as mãos, tão rápido e nervoso que espalha água para todos os lados durante o processo.

Ele está surtando.

Assim que o ônibus da excursão me deixou em La Victoire, liguei para Nash e contei o que havia acontecido. Em menos de dez minutos ele me encontrou no bairro e me trouxe correndo para uma loja de conveniência da região.

Enquanto ele comprava itens de primeiros socorros, me refugiei no banheiro apertado nos fundos do estabelecimento para me limpar, respirar fundo e organizar a mente.

Não profiro uma palavra quando meu primo começa a enfaixar os cortes nos meus dedos que ganhei ao acertar o rosto de Callum com um caco de vidro. Após cobrir os dedos da minha mão esquerda com band-aids, Nash ergue a manga ensanguentada da minha camisa para ver a gravidade do machucado no meu braço.

Estive ignorando o ferimento e fingindo que não era grande coisa durante o percurso até aqui. Agora, no entanto, não consigo disfarçar a dor

das fisgadas. Estão piorando.

Evito olhar para o local enquanto Nash o averigua.

— Está muito ruim? — arrisco a pergunta.

— Eu... não sei dizer, Kay. Está feio, mas acredito que tenha sido um tiro de raspão. Não foi profundo, mas está sangrando bastante.

Nash vasculha a sacola na pia e apanha uma embalagem de batata frita congelada. Com as pernas doloridas e o corpo implorando por descanso, eu me escoro na parede de ladrilhos brancos, respirando pela boca.

Nash segura meu rosto e pressiona a embalagem congelada na minha testa para amenizar a dor e o inchaço causado pelos golpes de Callum. Os olhos castanhos do meu primo estão arregalados, e o rosto pálido de choque. Sua cabeça se move em recusa, sem acreditar no que vê.

— É coisa demais pra assimilar — enfim declara, piscando rápido e respirando fundo. — Quando pretendia me contar que sequestrou Hunter e o chantageou?

— Nash... eu... não sei. Aconteceu tanta merda nos últimos dias e eu...

— Você não podia guardar tudo isso, Kaylee. O tempo inteiro esteve correndo perigo enquanto nem eu ou Veronica imaginávamos a gravidade da situação. Se algo acontecesse com você hoje nós nem saberíamos por onde começar a te procurar. Não pode fazer isso!

— Eu não quis te assustar...

— Mas assustou, droga! Estou em pânico, Kay! — Sua voz embarga, e ele dá uma pausa na bronca, nervoso. Seus olhos marejam, arrasados. — Callum poderia ter te matado hoje. Por Deus, venha aqui.

Sem dizer mais nada, Nash me embala em seus braços com cuidado. Deito o rosto em seu ombro e o abraço de volta, respirando profundamente e me permitindo descansar na segurança de seu acolhimento. O cheiro de sua loção cítrica invade minhas narinas, e a familiaridade da fragrância me faz apertá-lo ainda mais forte.

— E agora, Kay? — ele prossegue, sem me soltar. Acho que Nash precisava desse abraço mais do que eu. A maneira protetora como ele se recusa a me largar demonstra isso. — O que vamos fazer?

Continuo enterrada em seus braços e movo a cabeça negativamente. Minha mente está pilhada demais para que eu consiga elaborar algo.

— Para onde devo te levar, Kaylee? — Nash insiste. — Não pode voltar pra casa. É arriscado demais.

— Sei disso. Não vou para o flat. Seria o primeiro lugar onde o delegado me procuraria.

— O que acha de passar um tempo na faculdade? Talvez possa ficar em alguma irmandade por uns dias. Estela te conhece, poderia te deixar passar um tempo na casa Belle e...

— Mas e depois? — Escapo de seus braços para encará-lo. — O que eu faria enquanto estivesse escondida? E o meu pai? Callum também o ameaçou.

Nash libera o fôlego em uma longa lufada, tentando pensar. Afasta meu cabelo do rosto e volta a pressionar o gelo em minha testa.

Me sinto péssima por colocá-lo nessa situação. Sei que meu primo me ama e que tentará me proteger, mas também sei o quão injusto é inseri-lo em um problema que jamais quis fazer parte. Vejo em seus olhos o quanto está apavorado.

— Me leve até o apartamento do Finch.

— O quê? Não, Kay. Você não pode aparecer em Château. É perigoso.

— Mas preciso falar com Finch. Tenho que alertá-lo sobre Callum. Eu preciso muito vê-lo. Ele saberá o que fazer.

— Você tem certeza que é boa ideia?

Eu anuo com a cabeça, decidida. Nash afasta o gelo da minha testa e se escora na pia, tenso e silencioso. Enquanto reflete, arrasta a mão pelos cabelos crespos e coça a nuca. Sua testa está franzida de preocupação quando ele me entrega o pacote de batatas congeladas.

— Tudo bem. Eu dirijo até lá — concorda, mas não parece aprovar a ideia. — Mas você só vai sair do carro se for seguro. Se houver qualquer movimentação suspeita na rua, te tiro de lá na hora.

Coloco o pacote congelado na pia e seguro suas mãos, suplicante.

— Nash, me perdoe, não queria te envolver nisso. Mas, por favor, não deixe meu pai sozinho. Callum não tentaria nada em público ou com testemunhas por perto.

— Não se preocupe. Vou falar com meu pai e sugerir que ele convide tio Liam pra jantar com a gente hoje. É noite de jogo, então, como sempre,

eles vão acompanhar a liga de hóquei na TV até tarde, e seu pai vai pegar no sono no sofá depois de umas cervejas. Ele ficará com a gente.

Balanço a cabeça em concordância, um pouco aliviada. O nó na garganta aumenta, e tenho vontade de chorar ao pensar no papai. A preocupação me sufoca.

— Obrigada, Nash — digo com a voz vacilante.

Ele afaga minhas mãos e me abraça outra vez, tentando me acalmar. Ao nos separarmos, ele guarda tudo que comprou de volta na sacola.

— Quer ver o Finch agora ou prefere esperar um pouco mais? Quem sabe, comer alguma coisa e deixar a poeira baixar...

— Preciso encontrá-lo o quanto antes.

— Tá legal. — Nash se afasta para abrir uma brecha na porta do banheiro. Após espiar o lado de fora, ele acena para indicar que é seguro sair. — Vamos, Kay.

Com o coração esmagado pela apreensão e os músculos esgotados pela dor, crio forças onde não existem e vou em frente. Seguro a mão de Nash e o acompanho para fora da loja de conveniência.



Subo o lance de escadas do prédio da sra. Liu às pressas, meus pés latejando dentro dos tênis pelo esforço. Sinto os cortes nos dedos enfaixados queimarem ao abrir e fechar a mão esquerda.

Depois que me livrei da blusa manchada de sangue, Nash me emprestou um casaco que estava no carro. As mangas compridas me impedem de espiar o ferimento no meu braço, mas, pela intensidade das fisgadas, não parece estar melhorando.

Paro em frente ao apartamento de Finch e aperto a campainha freneticamente. Vozes ressoam do outro lado da porta e, num rompante, a passagem se abre. A primeira coisa que vejo é a lâmina reluzente e ameaçadora de um canivete apontado na minha direção. A segunda, são os olhos negros de Finch Sullivan vidrados no meu rosto.

Ao me reconhecer, ele imediatamente abaixa o canivete e murmura algo inaudível.

— Porra... graças a Deus é você — ele parece aliviado ao constatar. — Me desculpe, Kay. Eu... ei?! — Seus olhos se arregalam ao me percorrerem dos pés à cabeça. Horrorizado, Finch foca nos curativos em meus dedos, no leve inchaço na testa e nos cabelos sujos de areia. — Puta merda! O que aconteceu?

Antes que eu possa processar as palavras, Finch me leva para dentro do apartamento e tranca a porta atrás de nós. Erick está na cozinha e se levanta da bancada ao me ver. Assim como Sullivan, ele se espanta com o meu estado deplorável.

— Finch, precisamos conversar. Algo aconteceu — eu me adianto, desesperada.

Erick e ele trocam um olhar preocupado. Somente agora noto que há um hematoma na maçã do rosto de Finch, como se houvesse levado uma pancada. Tem cacos de vidro no chão, perto da cozinha, e uma barra de ferro jogada no tapete da sala.

A percepção me assusta.

Será que Callum foi mais rápido do que eu e já passou por aqui? Por isso Finch estava armado com o canivete ao me receber?

— Do que está falando, Kaylee? — Finch me interroga, verificando cada pedaço meu com assombro. Ele segura meus ombros, depois meu rosto. — Pelo amor de Deus, me diga de uma vez! O que houve?

— Callum Allen. — No instante que o nome escapa dos meus lábios, Erick fica em estado de alerta. A mudança no seu semblante é automática, e ele se aproxima para ouvir melhor. — Callum Allen me raptou, ele... quase me matou.

Enquanto Finch assimila o que escutou, Erick arrasta o cabelo loiro para trás e murmura um palavrão, em choque. Ele já juntou as peças, porque sabe o que fizemos com o filho do delegado no Halloween.

Finch é o único que não faz ideia do que aconteceu no Dia das Bruxas.

— O quê? — Finch me encara perdido e cada vez mais agitado. — Como isso aconteceu? Preciso saber o que aquele desgraçado fez! Me explique!

Comprimo os lábios e troco um olhar nervoso com Erick. E Finch percebe.

— Eu... fiz uma coisa... Eu precisava fazer e... você tem que me prometer que vai me escutar com calma. Vamos conversar e...

— Kaylee, vá direto ao ponto! Como assim?

Engulo a saliva com dificuldade, procurando o jeito certo de começar. Olho para Erick, receosa. O loiro faz um discreto aceno com a cabeça, me aconselhando a ir em frente.

— Eu chantageei Hunter. Por isso a queixa contra você foi retirada. Eu... o sequestrei na noite do Halloween e... o ameacei.

— Como é que é? Mas que porra... o quê? — Finch meneia a cabeça, boquiaberto.

Ele se afasta e me dá as costas, ralhando palavrões. Marcha até a bancada e espalma o mármore com força. Seu soco indignado estremece a estrutura. Ele se volta para mim, perplexo.

— Eu sabia... — Seu timbre é um sopro de lamento. — Eu sabia que nada tinha sido por acaso, Kaylee. Porra... eu perguntei se tinha feito algo e você mentiu!

— Finch, me desculpe. Mas eu não podia te contar. Você jamais concordaria e...

— É claro que eu jamais concordaria, porra! Você ficou maluca? — berra, puto e decepcionado. — Como fez isso? Como essa merda aconteceu?

Erick e eu nos entreolhamos, ambos afetados pelo nervosismo. Finch capta a interação e analisa nossas reações, desconfiado. Ele já percebeu que estamos ocultando algo.

— Que porra é essa? Por que estão se olhando desse jeito? — aponta para nós dois, exigindo a verdade. — Será que um dos dois pode começar a explicar?

A tensão me engole e não consigo ir adiante, abalada demais. Então, Erick dá um passo à frente e toma a iniciativa:

— Na noite do Halloween, Kaylee, Reid e eu fomos até Monsieur Calliste e sequestramos o filho do delegado. Nós levamos o cara para o deserto. Kaylee o ameaçou, dizendo que ia expor os podres da família dele se a queixa não fosse retirada — ele admite sem rodeios. — Era um jeito de te livrar da cadeia, então nós fizemos.

— Puta que pariu! — Finch alterna seu olhar entre nós, incapaz de acreditar no que escutou. — Vocês perderam a porra do juízo? Como fizeram uma merda dessas e ainda esconderam de mim?

— A gente só estava tentando ajudar e...

Erick não consegue concluir o raciocínio, porque Finch dispara feito um raio contra ele, implacável. Suas mãos o agarram com brutalidade pelo colarinho da camisa.

— Ajudar quem, Butler? Kaylee tá toda machucada agora graças à merda que fizeram! Como isso ajuda? E como você pôde agir pelas minhas costas, caralho?

Corro até eles e me infiltro no conflito, me tornando uma barreira entre os dois.

— Solte ele, Finch! Pare! — peço, exasperada, tentando separá-los. — A ideia foi minha! Não é culpa dele!

Sullivan libera Erick e o empurra para longe de nós. Suas íris furiosas focam em mim, e eu envolvo o rosto dele em minhas mãos, tentando acalmá-lo.

— Por favor, sei que não concorda, mas está feito. Callum virá atrás de nós a qualquer momento! Precisa me ajudar a pensar em algo!

Finch se afasta do meu toque, emputecido. Arrasta a mão pelo cabelo e bufa, respirando forte e rápido.

— Butler! — ele chama pelo amigo, alto e ríspido. Lança um olhar cortante na direção de Erick, como se ainda quisesse voar em seu pescoço. — Nos dê um minuto! Kaylee e eu precisamos conversar.

Erick assente e endireita a gola da camisa que Finch amassou ao quase estrangulá-lo. Dessa vez, ele não abaixa a cabeça para o amigo e rebate sem medo:

— Vou sair. Mas preste atenção, Sullivan! Você pode estar puto e depois terá todo o tempo do mundo pra surtar. Só que agora a merda explodiu, Kaylee está machucada bem na sua frente e só Deus sabe que porra vai acontecer. Então é bom que respire fundo e pare de retaliar quem está do mesmo lado que você!

Finch sustenta um olhar implacável na direção do amigo, se negando a dar o braço a torcer. É típico dele. Erick se afasta e abandona o apartamento, batendo a porta após sair.

A sós, Finch vem ao meu encontro.

Ele segura meu rosto com urgência e analisa o inchado em minha testa. Em seguida, a marca vermelha na minha bochecha. Embrulha minha mão entre as dele para verificar os curativos nos dedos. Ele examina cada ponto

do meu corpo atrás de ferimentos e se concentra na pequena mancha vermelha na manga do casaco que visto.

— O que é isso no seu braço? Está sangrando.

Não respondo. Por conta própria, ele dobra a manga do meu casaco até o ombro para descobrir a origem do sangue no meu braço.

— O que foi isso, Kaylee? — insiste na pergunta, oscilando o olhar entre meu rosto e o ferimento.

Deixo os ombros caírem e cedo:

— Foi um tiro. Mas a bala pegou de raspão. Não está tão ruim.

Finch suspira, derrotado, e esfrega o rosto com a mão, absorvendo a informação. Seu pomo de adão se move, e ele trava o maxilar. Não consigo distinguir se está furioso ou arrasado.

— Kaylee... por que fez isso? — Seu tom soa mais baixo e controlado. — Eu pedi tanto que não se envolvesse.

— Eu não podia te deixar enfrentar um julgamento. Você não seria inocentado. — Minha voz embarga com a vontade de chorar, mas me contenho. — Eu não podia permitir.

— Então você se sacrificou por mim? Acha que é isso o que quero, Kay? Te ver em perigo, machucada, levando tiros e arriscando a própria vida por minha culpa?

— Você faria o mesmo por mim. Por que não posso fazer por você?

Finch abaixa o olhar, cada linha do seu rosto contraída de preocupação. Leva as mãos à cintura e expulsa o ar dos pulmões, esforçando-se para manter a calma.

— Certo. Me conte o que aconteceu hoje.

— Callum me cercou no centro da cidade e me levou à força até o deserto. Ele me ameaçou com uma arma para descobrir como consegui as informações que usei para chantagear Hunter. Nós lutamos, e eu por sorte escapei. Roubei o carro dele e dirigi até despistá-lo. Mas sei que ele virá atrás de mim.

Finch assente, devagar e pensativo. Desvia o olhar para longe do meu, e um vinco cresce em sua testa.

— Você tem algum lugar onde ficar, além do flat?

— Eu... acho que não. Pelo menos, nenhum lugar que seja seguro.

Novamente, sua cabeça se move em concordância.

— Então vou te tirar daqui por uns dias. Não deveria ficar comigo agora, é o pior momento para isso. Preferia que tivesse outro lugar para se esconder, mas não vou deixar que fique sozinha. Eu... porra... vou encontrar um lugar pra nós.

Sua relutância me chama atenção. Pisco devagar, captando alguns sinais por trás de sua fala.

— Só um minuto... Por que esse é o pior momento para que eu fique com você?

O semblante de Finch desaba, e ele comprime os lábios, abatido. Um longo intervalo de silêncio se instala, e a ansiedade me aflige. As íris obsidianas não se parecem em nada com aquelas esferas vívidas que refletiam intensidade ontem à noite. Agora as vejo absortas e pesarosas.

Finch parece destruído. Sua demora em responder me agoniza.

— Meu irmão me encontrou — ele quebra o silêncio. — Uma hora atrás, Andrew bateu na minha porta. Veio aqui para acabar comigo. Tive sorte por tê-lo atingido primeiro. Erick me ajudou a colocá-lo para fora. Mas ele está furioso e sei que vai voltar. Não estou seguro em Faigan, Kaylee. Eu tenho que... — sua voz vacila, e ele umedece os lábios, tomando fôlego — sair da cidade o mais rápido possível. E meu irmão não pode saber que estamos juntos.

Fecho e abro os olhos, perdida. Fico torcendo para ter escutado errado, em negação. Eu já estava destruída, porém, olhar nos olhos de Finch e ouvi-lo dizer isso, me estilhaça de vez. Fico desnorteada.

— O seu irmão... aqui? Como isso é possível?

— Eu não sei, Kay. Mas ele esteve aqui, neste maldito chão que estamos pisando. A vida dele foi um inferno desde que eu me mandei de Middleton, por minha culpa, e ele está puto. Acho que vai mandar os antigos Coiotes atrás de mim, não sei o que esperar.

Sinto um aperto no peito, e o ar se torna cada vez mais denso ao meu redor. Chego a ficar zonza e preciso respirar fundo, catatônica.

— Já imaginava que as coisas acabariam se complicando — Finch lamenta em voz baixa, pesaroso. — Eu sempre soube que te deixar entrar na minha vida teria um preço alto e agora estou vendo.

Meus olhos ardem, marejados.

— Finch...

— Você deveria se afastar de mim.

— Não diga isso.

— Por minha causa, está correndo perigo de vida. O meu maior erro foi pensar que isso poderia funcionar. Estou te arrastando para o olho de um furacão, porque ignorei os limites e... Caralho! Não vou suportar te ver pagando um preço alto por mim. Você fez uma dívida com Theo e agora está sendo caçada pelo delegado. Eu já estou fodendo a sua vida inteira. Isso tem que parar, Kaylee. Talvez... *nós dois* tenhamos que acabar.

Discordo com a cabeça, exasperada.

— O que está dizendo?

— Apenas a verdade. A coisa mais sensata que eu poderia fazer, por você, é colocar um ponto-final nisso. Principalmente agora que Andrew me achou.

— Não fale assim, Finch. Por favor. — Vou até ele e seguro seu rosto entre as mãos. Finch abaixa a cabeça, vulnerável com o contato. Ele fecha os olhos e une nossas testas, desolado. — Não me afaste agora.

O calor dos seus dedos envolve minha cintura, e sua respiração suave atinge meu rosto. O medo faz meu coração se retrair, frágil feito papel. Assim como Finch, eu fecho os olhos, segurando as lágrimas.

— Não quero que se machuque outra vez, porra. Quero que fique segura, amor.

Minha garganta aperta, e meu timbre soa trêmulo:

— Eu me sinto segura com você, não importa onde estivermos. Me leve para onde for, mas não desista de nós. Eu me sinto mais segura quando estou nos seus braços do que em qualquer outro lugar. Quero ir com você.

Seus braços me embrulham, e o calor do seu corpo me rodeia, me acalentando e amenizando a angústia crescente em meu peito. Eu me agarro a ele com todas as forças, apreciando cada segundo do contato. Os dedos de Finch passeiam pela raiz dos meus cabelos. Ele beija minha testa e ergue meu rosto para si.

— Vou até o seu flat pra pegar suas coisas e trazê-las para cá. E, mais tarde, vamos sair daqui e passar uns dias em um hotel, até que eu consiga pensar em uma saída.

Anuo com a cabeça sem nem pensar, mergulhada em seu olhar. Vou para qualquer lugar ao lado dele. Eu confio inteiramente em Finch.

Ele solta um suspiro arrastado e repleto de preocupação. Acaricia minhas bochechas e mexe em meu cabelo para me acalmar.

— Me dê sua chave. Vou buscar suas coisas e volto em breve. Enquanto isso, pode tomar um banho aqui e descansar um pouco. Erick vai ficar de olho, então não estará sozinha. Assim que eu voltar, vamos cuidar do ferimento no seu braço, e depois vou fazer minhas malas. Combinado?

— Certo — concordo, fungando e prendendo o choro.

Os lábios de Finch tocam os meus, castos e leves. Sinto sua aflição, seu cuidado, o temor... tudo é exalado em nosso beijo.

Ao nos separarmos, pego a chave do flat e dou a ele.

Logo que Finch sai do apartamento, Erick ressurge e garante que ficará comigo enquanto o amigo estiver fora. O que me deixa mais tranquila.

Abraço o corpo dolorido e caminho até a janela. Através dos vidros fechados, vejo Finch cruzar a rua e adentrar meu prédio. Fico sufocada quando penso em meu pai lá dentro e lágrimas quentes inundam meus olhos. Tomara que Finch não esbarre com ele nos corredores e que papai não faça perguntas.

Céus! Espero que ele fique seguro, junto com Nash e meus tios. Eu não vou me perdoar se algo respingar nele por minha culpa.

Gostaria de poder abraçá-lo e me despedir, ao invés de apenas desaparecer sem a previsão de retorno. Contudo, não posso arriscar. Finch tem razão, estou correndo perigo de vida.

O que foi feito está feito e as consequências são imutáveis.

Não há mais volta.

# 05

## Kaylee Clark

Saio do chuveiro e me enxugo na toalha, tomando cuidado para não esfregar o tecido branco no braço direito, de onde gotículas vermelhas ainda respingam.

Embora eu tenha sido baleada apenas de raspão, a ranhura em minha pele foi extensa e certamente deixará uma cicatriz. Os cortes nos dedos da mão já estancaram, mesmo assim doem um pouco. O galo na testa está quase desaparecendo após ter aplicado gelo.

Com o cabelo úmido descendo pelos ombros e a toalha enrolada no corpo, saio do banheiro e vou para o quarto de Finch. Faz minutos que ele saiu e até agora não retornou.

Mordo o canto da boca e aperto os nós dos dedos, perambulando de um lado para o outro, incapaz de me conter.

É estranho pensar que, dentro de algumas horas, pegaremos estrada para nos refugiarmos em algum hotel. E só Deus sabe quanto tempo precisaremos ficar escondidos até que as coisas se acalmem.

Por quantos dias terei que ficar longe da minha família? Dos meus amigos? Da faculdade? Ainda vou poder ter uma vida normal quando isso acabar? Eu não sei...

Minha mente está a todo vapor. Impossível desligá-la.

Uns minutos atrás, Nash me enviou uma mensagem avisando que meu pai está em sua casa, se preparando para jantar com seus pais. Embora seja uma precaução, saber disso não me alivia completamente. Creio que o delegado Allen não seria imprudente a ponto de tentar algo contra o meu pai na frente de tantos vizinhos e testemunhas. Ainda assim, não duvido de nada vindo daquele canalha.

Sobressalto no lugar quando a porta do quarto se abre, mas suspiro de alívio e relaxo os músculos ao me deparar com Finch. Ele carrega uma mala cheia e uma sacola reciclável, mas, além da bagagem, está trazendo outra coisa.

Alguém.

Duquesa está enroscada no braço de Finch, feito um filhote. Bastante receosa e observadora, os olhos arregalados da gata correm por cada canto do cômodo. Está assustada com a mudança de ambiente, estranhando o local desconhecido, mas parece se sentir segura junto ao Finch.

— Você a trouxe! — Eu me surpreendo e olho emotiva para Duquesa.

Finch deposita as coisas no chão e me entrega a Duquesa. A bichana se aninha nos meus braços, aliviada em me ver. Ela mia baixinho e esfrega a cabeça no meu ombro para pedir afago.

— Eu não podia deixá-la sozinha no flat, também não sei quanto tempo vamos ficar fora. — Dá de ombros e toca as orelhas dela em um carinho rápido. — Achei que gostaria de tê-la por perto.

Sorrio fraco para ele, agradecida. Aquece meu peito ver seu zelo comigo e com Duquesa.

— Eu trouxe o máximo de roupas que deu pra enfiar na mala. Espero que tenha tudo que precisa aí dentro — ele informa e indica a bagagem no chão. — Nessa outra sacola, coloquei as coisas da Duquesa que encontrei no flat. Pode colocar comida e água pra ela.

— Obrigada, Finch.

Ele meneia a cabeça, dando a entender que não preciso agradecer.

— Você parece melhor — conclui, esquadrinhando meu rosto. Seu olhar cansado analisa cada detalhe. — O galo na testa diminuiu, mas é bom colocar mais gelo. Vou lavar as mãos e já volto para fazer o curativo no seu braço.

— Não se incomode com isso agora. Tome um banho e descanse um pouco. Enquanto isso, eu mesma faço o curativo.

— Tem certeza?

Ajeito Duquesa em um único braço, e ela se agarra em mim. Toco o rosto de Finch com brandura.

— Sim, pode ir. Eu estou legal. Meu braço não está mais doendo tanto, acho que melhorou.

— Ainda está sangrando.

— Mas está melhor — lhe garanto, para não preocupá-lo. — Agora vá, precisa esfriar um pouco a cabeça antes de irmos embora, ou não vai conseguir dirigir direito.

Visivelmente fatigado, ele assente.

— Certo, não vou demorar. — Seu olhar foge do meu quando se afasta. Ele ruma em direção ao banheiro, mas congela os passos e emenda: — Ah! Erick acabou de sair. Tranquei a porta do apartamento, então, se alguém bater ou tocar a campainha, ignore.

— Pode deixar.

Ele assente, tenso e devagar, e retoma a caminhada até o banheiro. Me agonia vê-lo tão sobrecarregado. Queria ser capaz de arrancar a apreensão que pesa em seus ombros e livrá-lo da carga emocional que o corrói.

Depois que Finch entra no banheiro anexo, ponho Duquesa na cama e vasculho minha mala, selecionando peças limpas. Deixo as vestimentas sobre o colchão e me sento ao lado delas, moída de tão exausta.

Enterro o rosto nas palmas das mãos e inspiro fundo. O dia foi tão caótico que parece impossível acreditar que tudo aquilo foi real. Eu poderia não ter escapado com vida daquele deserto. A bala que atingiu meu braço de raspão poderia ter me acertado em cheio.

Por Deus...

Saio da cama e ajusto a toalha no corpo para pegar Duquesa nos braços. Eu a carrego junto com suas coisas até a sala e a deixo no chão, para que desbrave o ambiente novo, e me dirijo à cozinha. Abro a torneira da pia e sinto fisgadas no braço ao encher o pote da Duquesa com um pouco de água fresca.

Coloco o potinho no chão e chamo pela bichana, incentivando-a a beber um pouco. Ela se mostra bastante ressabiada ao explorar a casa desconhecida, mas, com alguma insistência, se aproxima de seu pote e bebe a água.

Meu estômago se contrai de fome, mesmo assim não tenho apetite para ingerir nada. Portando, pego cubos de gelo na geladeira e preparo uma compressa fria para aplicar na testa. O inchaço sumiu, mas a região permanece dolorida. Levo um bom tempo pressionando o gelo na área ao passo que caminho inquieta pelo apartamento.

Quando já estou descartando o gelo na pia, encaro o braço direito e me deparo com um rastro fino de sangue escorrendo pela pele. Eu me apresso até o quarto para cuidar do machucado, antes que o sangue se espalhe.

Me aproximo do banheiro anexo, onde Finch está. Não ouço o barulho do chuveiro ligado e presumo que ele já tenha terminado o banho. Bato à porta, e sua voz distante e cansada me autoriza a entrar.

Adentro no cômodo, a caminho do armário da pia, e vejo de relance que Finch está fora do box, passando a toalha pelo cabelo molhado.

— Vim buscar as coisas pra fazer um curativo no braço. Está sangrando um pouco — esclareço.

Finch não diz nada, só assente com um movimento de cabeça. Completamente absorto. Ele nem sequer me encara, descolado do presente. Senti-lo tão distante e apreensivo faz meu coração se apertar. Não quero que ele se afaste e se tranque em um casulo novamente.

Porém, é o que está acontecendo.

Um bolo se instala em minha garganta quando abro o armário em busca de gaze, esparadrapo, algodão e antisséptico. Coloco tudo na pia e começo a limpar o ferimento.

É difícil utilizar a mão esquerda com os dedos machucados. Não consigo manusear o algodão corretamente, e uma tarefa simples se torna um desafio. Espremo os lábios para prender os grunhidos de dor e higienizo o corte da melhor forma que posso.

De repente, a imagem de Finch surge atrás de mim no reflexo do espelho. A toalha está amarrada em sua cintura, e seu cabelo úmido cai bagunçado sobre a testa.

— Deixa que eu faço isso — ele decide. Noto que seus olhos evitam focar os meus pelo reflexo. Por mais que estejamos a centímetros um do outro, uma muralha nos separa. Sullivan segura meu braço e toma o algodão da minha mão. — Não se mexa, não quero acabar te machucando.

Não me oponho.

Finch é cuidadoso ao limpar o ferimento. Enche um algodão com antisséptico para esterilizar o corte. Depois abre o armário e pega um frasco de álcool 70%. Arregalo os olhos com espanto quando Finch abre o recipiente, visto que já compreendi o que pretende fazer.

— Isso vai doer bastante, Kay, mas vai ajudar a não infeccionar — ele avisa, prestes a derramar o álcool no corte. — No começo é pior, mas depois se acostuma com a queimação.

— Isso é recomendado? Eu... tenho quase certeza que os médicos não indicam colocar álcool em machucados — argumento, meio temerosa.

— Eu não sei como os médicos fazem, mas sei como eu faço. Ou esqueceu que ganho dinheiro lutando num ringue? Já me machuquei feio e sempre cuidei de tudo sozinho, então acho que tenho propriedade quando o assunto são ferimentos e curativos.

Mordo a bochecha, incapaz de rebater sua lógica.

Finch me oferece sua mão.

— Pode apertá-la se doer muito — sugere.

Eu concordo e envolvo a palma da mão dele entre meus dedos. É inevitável apreciar o contato, a enorme diferença de tamanho, o jeito como a minha mão se encaixa perfeitamente na dele.

Contraio a mandíbula e me preparo para o pior quando ele derrama álcool direto no machucado. A queimação é profunda e eu prendo um grito na garganta, lutando contra a dor. Esmago os dedos de Finch entre os meus, e o aperto nem parece afetá-lo.

A ardência passa, e eu sopro o fôlego preso. Finch é ágil ao cobrir o ferimento e enfaixar o local. Ele dá umas três voltas com a gaze no meu braço e a prende com os esparadrapos.

— Achou muito apertado? — pergunta, atencioso.

— Não, está bom. Obrigada.

Tento fazer contato visual através do espelho, mas seu olhar continua fugindo do meu.

— Agora me deixa ver esses dedos. — Ele captura minha mão esquerda.

— Não precisa, já pararam de sangrar há algumas horas.

Finch ignora meu comentário e busca band-aids no armário. Fico somente assistindo-o enrolar com perfeição meus quatro dedos em

bandagens. Ainda que mal estejamos trocando palavras, receber seus cuidados me conforta.

Gosto que ele cuide de mim.

Ao terminar, Finch guarda tudo de volta no armário da pia, calado.

Ele está prestes a sair do banheiro, mas minhas mãos buscam por ele. Seguro seus ombros largos e o trago de volta para mim. Finalmente ganho seu olhar e me perco nos orbes obsidianas.

— Ei, espere. Finch, por favor, não faça isso.

— Isso o quê?

— Não se afaste de mim. Não se feche de novo. Sei que está preocupado, mas, por favor, não faça isso com a gente.

Seu olhar exala lamento. Finch se mostra culpado por eu ter notado seu afastamento. Ele envolve meu rosto e mexe no meu cabelo úmido.

— Eu não consigo, Kay. Nunca, realmente nunca em toda a minha vida, eu senti tanto medo quanto agora. E não é apenas medo do que pode acontecer comigo, mas sim um pânico fodido pelo que pode acontecer com *você*.

Seguro a mão dele e a mantenho encaixada em minha bochecha. O contato é simples, mas me anestesia. Meu corpo vai de encontro ao dele.

— Também estou com medo, Finch. Mas não me negue seu olhar, seu toque ou sua presença. Eu não quero que se afaste.

Sua mão se move suavemente em minha bochecha, e o polegar toca meus lábios em um carinho delicado. As íris negras refletem afeição, admirando ponto a ponto do meu rosto.

— Callum quase te matou, Kaylee — ele sussurra, arrasado. — Eu quase perdi você por muito pouco. Durante a minha vida inteira eu sempre perdi tudo. Não vou suportar perder você também.

— Eu ainda estou aqui. — Seguro o rosto dele. Em seguida, toco a palma da mão em seu coração, bem acima da coroa em chamas no peito dele. — Continuo aqui, Finch. Com você. Não vai me perder. Sou sua.

A mão de Finch cobre a minha sobre seu peito, apreciando o gesto afetivo. Fico na ponta dos pés e ergo o rosto ao beijá-lo, bem devagar. A princípio, Finch não reage. Mas logo seus lábios se movem lentamente contra os meus e seu braço contorna meu tronco com firmeza, me reivindicando.

Seu beijo e o calor do seu corpo me dominando era tudo que eu necessitava. Os toques exigentes desbravando minha pele me deixam dopada. Minha mente se perde em um refúgio, onde somos apenas nós dois.

Jamais quero me esquecer dessa sensação. Também não quero que Finch se esqueça. Preciso puxá-lo de volta. Fazê-lo mergulhar no mesmo êxtase em que estivemos na noite passada, para que ele não seja mais capaz de cogitar a ideia dolorosa de me deixar.

Dentro do seu beijo, começo a afrouxar a toalha em meu tronco e permito que o tecido deslize pelo meu corpo, me deixando totalmente nua. Desfaço o nó da toalha de Finch para removê-la de sua cintura. Mas antes que eu possa despi-lo, ele escapa do beijo e me encara ao perceber que estou descoberta.

— O que está fazen...

Toco seus lábios levemente com o indicador para calá-lo.

— Não pense em nada, tá legal? — sopro em sua boca. — Dentro de algumas horas estaremos longe daqui, e sei que as coisas podem virar um inferno. Mas agora somos apenas você e eu. Preciso que me faça sentir tudo outra vez. Preciso de nós.

Os orbes escuros escaneiam meu corpo nu em contemplação, passeando por cada detalhe sem conseguir desviar de mim. A fascinação crescendo em suas íris faz uma corrente estática rastejar pelo meu ventre. Termino de puxar a toalha que o cobre e a descarto, deixando-o completamente despido. Seus lábios encontram os meus, cedendo ao meu pedido.

Não me importo se é insanidade desejar tanto tê-lo agora, enquanto ambos estamos sendo caçados e temos poucas horas para desaparecer de La Victoire em segurança. O instinto é forte demais para que eu possa domá-lo. Eu o quero, preciso.

As mãos de Finch se encaixam em minha cintura, e eu busco pelo membro rígido que pressiona meu ventre. Encho os dedos com seu pau duro e, bem devagar, simulo uma punheta. Finch geme baixo e rouco dentro do nosso beijo, aprovando minha iniciativa. Com um movimento rápido, ele nos faz girar no lugar. Meu corpo é colocado contra a parede, e as pernas dele separaram as minhas.

É a minha vez de gemer em sua boca quando os dedos de Finch deslizam pela minha virilha e traçam um caminho delicioso até minha

intimidade. Ele massageia meu clitóris devagarzinho à medida que masturbo a extensão do seu pau.

Pauso o beijo para gemer e ofegar no segundo que Finch aumenta a velocidade dos toques, friccionando meu ponto sensível tão habilmente que faz minhas pernas bambearem em uma explosão de prazer. Faço o mesmo ao masturbá-lo, apertando-o em meus dedos na medida certa para enlouquecê-lo e acelerando o vai e vem.

Finch me puxa para o seu colo. Agarra minhas coxas e cria um encaixe certeiro entre nós. Entrelaço o quadril dele com as pernas e prendo a respiração ao sentir a cabeça do pau dele contornar minha abertura. A sensação gostosa e provocante faz meu abdômen se contrair de ansiedade à medida que eu me esfrego nele. Meus olhos estão imersos nas íris obsidianas quando Finch começa a me penetrar, me preenchendo aos poucos e me arrancando suspiros chorosos.

Meus dedos se agarram em seu cabelo úmido, e eu fecho os olhos, deliciada, conforme suas estocadas começam. Meus seios ficam espremidos contra seu peitoral, o corpo dele me prensa na parede e suas investidas me levam para cada vez mais longe da realidade.

Mordisco meus lábios, incendiando com a excitação que pulsa em minhas terminações nervosas. Eu me sinto quente em cada extremidade, desmanchando com o atrito tórrido entre nossos corpos.

— Você não tem noção do que eu seria capaz de fazer para continuar te sentindo assim pelo resto dos meus dias — ele confessa em meu ouvido, a voz rouca e ofegante. — Para sentir seu gosto, seu corpo no meu. Para estar dentro de você, te fodendo desse jeito e te ouvindo gemer pra mim. — Seus beijos provocantes tracejam meu pescoço, e sinto a pele flamejar com o contato. — Eu poderia ir a loucura por você, porque é exatamente isso que vai acontecer no momento que eu não puder mais te ter.

— Pare de dizer isso — eu suplico, a voz sôfrega e baixa, sentindo seu membro entrando e saindo de mim numa lentidão deliciosa. Seguro seu maxilar e o faço me olhar cara a cara. Libero um gemido abafado, trêmula de prazer, e toco sua boca. — Não vou a lugar algum sem você, está me ouvindo?

Arfo, chorosa, envolvida pelo calor de sua mão subindo vagarosamente pelo meu tronco e acariciando meu seio. Finch une nossas bocas, e sua língua mergulha na minha ao mesmo tempo que suas estocadas

aceleram. Arqueio a coluna em uma sequência de espasmos contra a parede. Fico torpe, cada vez mais próxima do clímax.

Finch segura meu queixo e abre caminho para marcar a lateral do meu pescoço com um chupão voraz. Sua boca me devora, sentindo meu sabor. Seus toques se tornam mais brutos, e minhas unhas cravam em suas costas em resposta à sucção dolorosa que ele deixa em minha pele.

Sullivan desliza para fora de mim e me coloca de volta no chão. Minhas pernas bambeiam, e meu clitóris pulsa, ansiando por mais. Sullivan me puxa pelos cabelos e me gira de costas para si, enlaçando minha cintura com o braço musculoso. Minha pele arde, e eu arquejo sem fôlego. Fico alucinada com sua pegada rude e intensa, me agarrando por trás e espalhando seu calor por todo o meu corpo.

Em meio ao êxtase, uma fisgada atinge meu braço quando Finch o segura. Resmungo baixinho com a dor. Na mesma hora, ele para o que está fazendo e me vira de frente, preocupado.

— Droga, Kay. Me desculpa. Você levou um tiro. Eu não deveria te segurar desse jeito...

Nego com a cabeça e o interrompo:

— Foi só de raspão.

— Não quero te machucar, amor.

— E eu não quero que me trate como se eu fosse de porcelana, Finch. — Detenho seu rosto nas mãos e o trago para bem perto, olhando em seus olhos. — Eu só quero você, preciso te sentir em cada pedaço meu da forma mais intensa que for. O seu toque, o seu jeito. Quero que me foda e me faça esquecer de todo o resto.

Finch me perscruta demoradamente, incapaz de conter a cobiça flamejando em seu olhar. A ponta do seu nariz encosta no meu, e seus dedos voltam a se infiltrar no meu cabelo. Finch repuxa a raiz dos fios e reivindica minha boca com voracidade, me fazendo provar uma dose perfeita e ardente de luxúria. Seu beijo é profundo, nossas línguas saboreando uma à outra com um desejo incontrolável.

Choramingo em sua boca quando a coxa dele se encaixa bem entre as minhas pernas e massageia minha vulva, me estimulando. Eu me esfrego sem pudor em sua perna, respingando de tanta excitação.

Reassumindo o controle, Sullivan me vira de costas para ele e me empurra até a pia. Ele agarra a popa da minha bunda, os dedos cravados na

carne, e a estapeia. Espalmo as mãos no espelho para me equilibrar conforme Sullivan me faz debruçar sobre a pia, com a bunda empinada para ele.

Pedi que ele me fodesse, e é exatamente o que ele vai fazer.

Mordo o lábio inferior com expectativa enquanto o observo pelo reflexo do espelho. Finch enrola meu cabelo na mão, como se fosse uma coleira, e separa minhas pernas. Sua glande inchada acaricia minha vulva lentamente, me provocando arrepios saborosos. Sinto-a deslizar desde o clitóris até minha abertura. Seu olhar lascivo se encontra vidrado no meu corpo, e ele trava a mandíbula ao me penetrar, indo fundo em mim.

A palma da sua mão estala com força na minha bunda, e eu engulo um grito, extasiada com a ardência do tapa e o prazer da penetração. Contraio as paredes da boceta, e Finch chega a ofegar de satisfação com o aperto gostoso em seu pau. Suas investidas avançam, estalando alto a cada choque entre nossos corpos, me alucinando. Meus seios saltam com as estocadas firmes, e eu respiro pela boca em meio aos gemidos, meu ventre fervilhando com o sexo intenso.

Finch repuxa meu cabelo para me erguer. Sua boca faminta se encaixa na curva do meu pescoço, e ele me encara fixamente pelo reflexo do espelho ao mordiscar minha pele, instigante e sensual. Seus lábios me enchem de chupões enquanto ele me fode sem pausa.

Nossos gemidos ecoam pelo banheiro junto ao som das estocadas na minha bunda. Meu corpo inteiro tremelica, com ondas de prazer resvalando até meu abdômen. Arranho o espelho e fecho os olhos ao ser tomada pelo ápice. Finch desfere tapas ardidos da minha bunda para que eu choramingue ainda mais alto, do jeito que ele gosta.

O orgasmo me domina, e eu perco as forças, flutuando nas sensações.

Finch me agarra pela cintura e nos deixa frente a frente. Contorno o pescoço dele com os braços e apoio o rosto em seu ombro. Tento recuperar o fôlego, trêmula e frágil. Minha pele se eriça graças ao toque quente das mãos dele, que descem acariciando minhas costas em direção à minha bunda.

Devagar, nos guio do banheiro até o quarto. Conduzo Sullivan à cama e monto em seu colo, pronta para mais. Não quero esperar nem um segundo sequer. Eu o empurro, até que esteja completamente deitado no colchão. Eu me esfrego vagarosamente em seu pau, só para provocá-lo.

O par de orbes pretos e sedutores escaneia meu corpo sem deixar passar nenhum detalhe, brilhando de excitação. Eu encaixo seu membro em minha abertura e me sento nele bem devagar. Faço questão de aproveitar cada centímetro que me preenche. Rebolo sensualmente no pau dele e jogo o cabelo úmido para trás, dando ao Finch uma visão privilegiada dos meus seios.

Com as mãos espalmadas em seu peito, acelero o ritmo da cavalgada e arranco gemidos roucos de Finch. Deito-me sobre ele e mantenho a frequência das galopadas, insaciável. Seus músculos definidos se contraem no momento que um grunhido lascivo abandona sua garganta. Sullivan afunda a cabeça no colchão e cerra os dentes, entorpecido. Meus choramingos se misturam aos gemidos dele.

Minha boca percorre seu peitoral com avidez e sobe para beijar a tatuagem da meia-lua em seu pescoço. Inicio uma sucção ali. Saboreio a pele morna, rebolando nele e gemendo de satisfação. Meu indicador toca seus lábios macios e inchados, e eu o beijo lentamente. Com as mãos firmadas em meu quadril, Finch começa a estocar em mim, intensificando a velocidade e aumentando nosso prazer.

Um gemido arrastado escapa pelos meus lábios e, num piscar de olhos, trocamos de lugar. Finch se coloca sobre mim e flexiona minha perna para aprofundar a penetração. Fecho os olhos ao receber uma trilha de beijos macios entre os seios. A língua dele brinca com meus mamilos conforme Finch estoca em mim. Sou incapaz de controlar os espasmos prazerosos que me atravessam.

Gemo alto, arquejo e choramingo, pedindo mais.

O moreno segura meus pulsos e os mantêm presos ao colchão, acima da minha cabeça. Marca meus seios com beijos ávidos e ondula para dentro de mim num ritmo delicioso. Amo o seu corpo colado ao meu, o toque das suas mãos me arrepiando por inteiro e a sensação de ter cada pedaço meu venerado por ele.

Acompanho seus movimentos com o quadril e suspiro, ofegante, perdida num frenesi de sentimentos. Cravo os pés no colchão e sou arrebatada por um orgasmo intenso. Eu choramingo alto e desejosa, me desfazendo sob Finch com cada investida que recebo.

Ele libera meus pulsos, e eu firmo os dedos nos seus cabelos úmidos. Finch apoia a testa na minha e ofega em minha boca, me fodendo com

ferocidade. Estou mole e zonza, cada centímetro de pele borbulha em contato com Sullivan. Um gemido rouco ecoa por seus lábios quando ele atinge o ápice dentro de mim. O som me fascina.

Sorrio em pleno deleite e afundo a cabeça no travesseiro, completamente satisfeita.

Ainda ofegantes e entorpecidos pelo clímax, nós nos beijamos. A junção macia e saborosa dos nossos lábios transborda sentimento. Seu braço forte contorna minha cintura, não deixando que exista um milímetro entre nós. Seu calor, seu tato, sua pele... somos uma só coisa.

Os próximos segundos são pura calmaria. Estou leve feito pluma e acho que sequer saberia dizer onde estou.

Finch sai de cima de mim e se acomoda ao meu lado no colchão, respirando alto e rápido. Meu coração bate em descompasso, o corpo inteiro anestesiado. Eu me aninho no calor dos braços de Finch e deito a cabeça em seu ombro. Ele me abraça como se não suportasse me ter fora do seu alcance.

Faço um cafuné em sua cabeça e penteio os fios macios. Assim ele relaxa. Pela primeira vez desde que cheguei em seu apartamento, ele parece sereno. Se antes eu o sentia distante, agora tenho convicção de que estamos na mesma frequência, igualmente rendidos.

Finch beija meu ombro. A palma da sua mão desliza pelo meu abdômen, me causando cócegas e suaves arrepios.

— Não temos muito tempo aqui, Kay — ele avisa, a voz rouca e baixa.

— Eu sei. Só mais um pouquinho.

Ele não contesta. Pelo contrário, cede e permanece ao meu lado na cama, aproveitando o intervalo passageiro de calmaria e paixão.

Com um toque em meu queixo, Finch requisita meu olhar.

— Vou cuidar de você, eu prometo — declara, imerso em meus olhos. — Não vou deixar ninguém te tirar de mim.

Afago sua bochecha e faço que sim.

— Vamos cuidar um do outro.

Finch sela nossas bocas, trazendo acalento ao meu coração.

Porque sei que vamos fazer isso. Com todas as forças que tivermos, cuidaremos um do outro.

# 06

## Kaylee Clark

Eram quase dez horas da noite quando Finch guardou nossas malas no Mustang e nos tirou de La Victoire.

Viemos para um pequeno apart-hotel de beira de estrada, na saída de Faigan, um local isolado e discreto o bastante para passarmos uns dias longe do delegado Allen ou de Andrew Sullivan.

Finch tentou me transmitir segurança. Não quer me apavorar, mas posso ver em seus olhos que ele não tem ideia de quanto tempo teremos que ficar escondidos.

Não consegui parar de pensar no meu pai, me lembrando a todo instante das ameaças de Callum. Não tive coragem de ligar para ele, visto que ainda não posso explicar onde estou, nem quanto tempo ficarei ausente.

Durante a noite inteira, no quarto do hotel, estive abraçada ao Finch. Eu mal consegui dormir. Diversas vezes, ao longo da madrugada, acordei assustada e ofegante. E, em cada uma das vezes, Finch acarinhou minha cabeça, me apertou mais forte em seus braços e garantiu que estávamos seguros e que eu poderia voltar a dormir. Tenho certeza que ele passou a noite em claro, apenas cuidando de mim.

Já passa das nove da manhã de sábado.

Termino de escovar os dentes e me encaro no espelho do banheiro. Meus cachos parecem mal definidos, cheios de frizz. O cansaço é evidente

em meu semblante.

Atravesso o batente e adentro o quarto. O lugar é apertado, uma alocação simples com uma cama de casal, um banheiro e uma salinha acoplada à cozinha. Mas é bastante higienizado e bem dividido. Servirá para passarmos alguns dias.

Pelo menos Duquesa está conosco, e é reconfortante tê-la por perto. Ela dormiu com a gente na cama, enroscada entre mim e Finch.

Agora, no entanto, olho ao redor e não a encontro no quarto. Finch também não está aqui. Vejo somente a cama bagunçada e as malas jogadas no chão.

Ajeito a blusa folgada no corpo e os shorts de algodão. Abro a porta do quarto, silenciosa. Me deparo com Finch e Erick sentados na bancada da cozinha anexa à sala, tomando café da manhã e conversando.

Nem sabia que Erick viria para cá. Deve ter chegado ainda há pouco. Nenhum deles me vê, e continuo parada no batente para escutar a conversa.

Finch fala baixo, mas compreendo as palavras com precisão.

— Não tem outro jeito. Preciso agir rápido, antes que Andrew volte — ele confidencia ao amigo.

— E não vai dizer nada pra ela?

— É melhor não, cara. Kay não vai concordar.

— Mas ela vai saber.

Finch dá de ombros.

— Contanto que saiba depois que já estiver feito, não ligo. Posso me foder nessa, mas não dou a mínima, não tenho nada a perder. Vou fazer o possível para tirar aquele filho da puta da cola dela. Nem que eu acabe voltando pra cadeia.

Erick não retruca. Dá uma golada na caneca de café e arrasta a mão pelo cabelo, demonstrando preocupação. Seu semblante muda drasticamente no segundo que seu olhar me encontra aqui. Finch percebe e vira a cabeça na minha direção, se dando conta da minha presença.

Caminho decidida até eles e encaro o moreno com um ar de cobrança. Se pretendia fazer algo pelas minhas costas, o tal plano acaba de cair por terra.

— Qual o problema? — vou direto ao ponto. Contorno a bancada a paro ao lado de Finch. — O que você não ia me dizer?

Finch termina de mastigar a omelete e limpa a garganta, pego de surpresa.

— Não achei que estivesse acordada. Te deixei dormir porque vi o quanto estava cansada — ele tenta mudar de assunto, nada sutil. — Erick chegou ainda há pouco.

Cruzo os braços e o encaro severa.

— Finch, não me trate como uma criança. Escutei o que estava dizendo. Me explique!

Finch solta o ar pela boca e se levanta na banqueta, deixando o prato com torradas e omelete pela metade. Ele passa por mim e se dirige ao fogão, fugindo do confronto.

— Vou preparar seu café da manhã, gata — disfarça, sem me encarar. — Posso fazer outra omelete. Comprei umas coisas mais cedo. Olha na geladeira e vê se tem algo que queira que eu coloque.

Cerro os olhos, ultrajada com sua postura. Eu me volto para Erick buscando uma explicação. O loiro na mesma hora desvia o olhar e dá de ombros, como se dissesse “resolva com ele e não comigo”.

Eu me aproximo de Finch e tomo a frigideira dele, olhando-o com reprovação.

— Posso fazer meu próprio café da manhã — ralho, zangada.

Finch puxa a frigideira de volta e retruca:

— Não com esses dedos enfaixados.

— É sério que vamos ficar nessa? Sabe que escutei a conversa, então abra a boca e me diga o que pretende fazer. Se acha que vou te deixar sair daqui sem entender do que estava falando, você não me conhece.

Finch reúne fôlego e esfrega a mão na testa para se acalmar. Deixa a frigideira no fogão e encurta nossa distância para segurar meus ombros.

— É justamente por te conhecer que não quero abrir o jogo, Kay. Mas não se preocupe, vou resolver tudo.

Toco seu peito e chego mais perto. Busco seu olhar, esperando a verdade.

— Te ouvi dizer que precisa tirar alguém da minha cola, nem que isso te fizesse voltar pra cadeia. Finch... não está pensando em ir atrás do Callum, certo? — arrisco um palpite, receosa.

Seu olhar desvia do meu por um segundo, e ele engole em seco. Afaga meus ombros para me tranquilizar, e as íris negras tornam a orbitar as minhas.

— Você não pode continuar se escondendo e vivendo com medo. Eu vou resolver essa merda de uma vez por todas, não me importa como. Aquele desgraçado quase te matou. Se eu colocar as mãos nele, não vou pensar duas vezes antes de agir.

— Você não vai até Callum sozinho! Ao menos tem um plano? O que pretende fazer quando encontrá-lo?

— Isso é o de menos, Kaylee. — Finch se afasta, resoluto. — Mas eu te juro que essa perseguição vai acabar hoje. Nem que eu tenha que rasgar a garganta daquele desgraçado e vê-lo se engasgar no próprio sangue.

— Pense direito! Sei que sou uma moeda de troca valiosa. Callum quer uma informação que eu possuo. Podemos pensar com calma e fazer isso juntos.

Ele emite um riso nasalado que reflete cinismo, zombando da ideia como se fosse patética.

— Não, você vai ficar aqui dentro, bem quietinha, e não vai sair até que eu resolva isso. O que acha que vai acontecer se Callum contar aos D'aramitz que uma universitária curiosa conseguiu informações que podem comprometê-los? É preciso agir agora, rápido.

— Talvez os D'aramitz já saibam sobre mim. É uma possibilidade.

— Se fosse o caso, acho que você já estaria morta — Erick se intromete na discussão. Ele balança os ombros e nos aponta. — Ninguém me perguntou, mas é o que eu acho.

— Erick tem razão — Finch responde. — Callum não teria se arriscado te raptando se os D’aramitz pudessem fazer o serviço sujo por ele. Acho que ele não quer que saibam que foi exposto.

— Isso é só uma teoria — eu contesto.

— Uma teoria que faz sentido e que estou torcendo para estar certa. E é por isso que não vou perder um segundo sequer. Hoje mesmo, vou até Callum dar um fim nisso. E você vai ficar aqui! Está decidido.

— Dar um fim nisso? De que jeito, Finch?

Ele não se explica. Seu silêncio pesa, e sei o que seu olhar inflexível significa. Finch não pretende conversar com o delegado. Ele vai atacá-lo

com toda a força do seu ódio e fará o possível para me proteger, mesmo que isso signifique se sujar com o sangue de alguém.

Há muito em jogo. Se algo der errado, Finch pode acabar atrás das grades outra vez ou...

Morto.

O pensamento faz meu estômago gelar.

— E se você for preso? Não... nem pensar, não vou te deixar fazer isso!

Giro nos calcanhares e parto para o quarto a passos largos. Finch me segue e me assiste quando começo a revirar minhas malas em busca de roupas. Pesco um jeans e uma blusa qualquer, a primeira que vejo.

— O que está fazendo? — ele me interroga.

— Vou me trocar e vou sair daqui. Não vou ficar parada vendo você fazer uma besteira. Se não vai me deixar ajudar, vou fazer sozinha e do meu jeito!

Finch se aproxima e arranca as roupas das minhas mãos, jogando-as na cama. Tento pegá-las de volta, mas o moreno me segura pelos braços e me coloca contra a parede para barrar meu escape.

— Chega, Kaylee! Você não vai sair daqui! Está correndo perigo, porra! Então me deixa resolver essa merda. Isso não estaria acontecendo se você não tivesse feito o que fez no Halloween. Não reclame quando estou dando meu melhor para consertar a sua cagada!

Meu semblante nubla, e eu o trucido com o olhar.

— Seu ingrato! Não entende que eu e os garotos fizemos aquilo porque nos importamos com você? E quer saber? Eu faria tudo de novo, porque jamais suportaria te ver num presídio. Se está aqui, livre, é graças ao que *eu* fiz. Então não me subestime, Sullivan. Não sou uma garotinha burra que precisa ser protegida por você. Naquela noite, eu joguei com as armas que tinha e consegui o que queria — declaro, enfática, e aponto o dedo em riste na altura do seu peito. — Eu queria você comigo.

Finch me solta e recua. Arrasta o cabelo para trás e expulsa o ar dos pulmões, acalmando-se.

— Olha só, esse não é o melhor momento. Minha cabeça está explodindo desde ontem, e eu não quero brigar. Só quero que fique segura. Então, por favor, Kaylee, facilite as coisas. Reid vai chegar daqui a pouco. Ele e Erick vão ficar com você pelo tempo que for necessário. Não vai

colocar os pés fora daqui e, se qualquer coisa acontecer, os dois vão saber o que fazer. Vão ficar te vigiando para ter certeza que não fará nenhuma loucura saindo do hotel.

— Então esse é o seu plano? Vai me deixar trancada aqui dentro como uma prisioneira?

Finch chega mais perto, e seus olhos focam os meus com firmeza.

— Vou. É exatamente o que eu vou fazer, Kaylee. Goste ou não, vai continuar aqui enquanto eu resolvo essa merda!

De queixo erguido e devolvendo o olhar desafiador, dou um passo em sua direção e nos deixo cara a cara, nada intimidada pela ordem.

— Boa sorte, então. Porque eu garanto que não vou facilitar.

Finch trava a mandíbula e sorri sem humor, aborrecido por ser contrariado. Intimidador, ele esbanja presunção ao segurar meu queixo e recitar calmamente:

— Eu te conheço, amor. Não esperaria que facilitasse. É por isso que Reid e Erick estarão aqui. Você não dará um passo fora da curva, uh? — Lança uma piscadela petulante, brincando com a minha paciência. — Se comporte, gatinha.

Sustentando a postura insolente, ele solta meu queixo e se afasta, liberando a passagem. Lanço olhares cortantes sobre ele, e Finch ignora cada um deles ao rumar até as malas. Ele puxa a jaqueta de couro para vesti-la por cima da camisa e calça os tênis surrados.

— Vou sair — me avisa, pegando carteira e chave para enfiá-las nos bolsos. — Você e os meus amigos já sequestraram uma pessoa e brincaram de se fantasiar juntos, então vão se dar bem. — Seu timbre é banhado de sarcasmo.

Semicerro os olhos e contenho a vontade de xingá-lo.

— Aonde você vai? — cuspo a pergunta, brava.

Ele me olha de soslaio, mudo. E, se mantendo em silêncio — e sabendo que estou puta —, Sullivan sai do quarto e dá a discussão por encerrada.



Faz mais de cinco horas que Finch saiu sem me dizer nada.

Reid chegou pela manhã para assumir o posto de carcereiro, junto ao Erick. Sei que a chave do quarto está com um dos dois, mas ainda não descobri com qual deles.

Tentei sondá-los acerca do paradeiro de Finch. Eles não foram nada esclarecedores quanto ao que sabiam, mas me garantiram que Sullivan não estava indo atrás de Callum, pelo menos não por enquanto.

As horas se passaram, mas eu continuo aqui, roendo a unha do polegar enquanto perambulo pela sala do alojamento. A ansiedade me deixa hiperativa. Só vou sossegar quando ver Finch passando por aquela porta, são e salvo.

Encarar as grades das janelas me dá a real sensação de estar presa, e isso tem me agoniado. O mais próximo que posso chegar do lado de fora é me debruçando no parapeito para observar a quietude da estrada e arredores da hospedaria.

Erick e Reid estão tentando me distrair. Já jogamos conversa fora falando sobre o clima, a cidade e o quanto este lugar é isolado do resto de Faigan. Admiro o esforço deles para aliviar a tensão no ar, já que precisam ficar de olho em mim feito cães de guarda. De certo modo, é reconfortante tê-los comigo. A companhia me distrai, pois estaria pirando se passasse uma tarde inteira sozinha aqui.

Ter um cara bolando baseados na bancada da cozinha não era o que eu esperava para hoje. Contudo, me sinto até aliviada. Pelo menos, dessa vez, não é cocaína que Erick Butler pretende usar, mas sim um pouco de erva.

Reid está jogado no pequeno sofá marrom que fica em frente à TV. E eu continuo perambulando e espiando entre as cortinas a cada cinco minutos, como se a qualquer momento algo grandioso pudesse surgir do lado de fora.

Sopro o fôlego e paro em um canto da sala, escorada na parede e de braços cruzados, entediada pra caramba. Reid sai do sofá e vai até a bancada onde Erick prepara cigarros de maconha minuciosamente. Ele se dedica a enrolar a seda, criando beques impecáveis.

Duquesa se encontra em cima da bancada. Seus olhos verdes e ariscos se atêm à movimentação de Erick e Reid, visto que a bichana não os conhece e parece receosa com a presença desconhecida.

— Está caprichando, hein! — Reid comenta com bom humor, indicando os baseados em produção. — Acho que tem um talento, Butler.

Erick solta um riso nasalado e faz que sim com a cabeça, orgulhoso.

— É uma pena que a arte de bolar um bom baseado seja subestimada por aí. Se isso fosse o tipo de coisa que se coloca em um currículo, porra... eu estaria bem na fita.

Erick passa a ponta da língua na seda para terminar de enrolar o terceiro baseado. Ainda há uma boa quantidade de erva no seu dichavador, presumo que esteja preparando um grande estoque de cigarros para mais tarde.

Duquesa desfila pela bancada, curiosa. Encara o dichavador com estranheza e se aproxima para cheirá-lo. Mas, antes que a gata o alcance, Erick a afasta.

— Ei! Isso aqui não é erva de gato, sabia? E me custou uma grana — ele avisa, como se a gata pudesse entendê-lo. — Se comer isso aqui, vai ficar apagadona por um dia inteiro e sua dona não vai gostar.

Atravesso a sala depressa e resgato Duquesa da bancada. Ela se aninha no meu colo e resmunga baixinho.

— Vou tirar minha gata daqui, antes que acenda um deles e ela fique chapada por tabela.

Erick vê graça, mas prende o sorriso. Ele guarda os baseados no bolso do moletom e me fita de soslaio.

— Não faça essa cara de julgamento, Kaylee. Vai dizer que nunca deu um trago? — lança a dúvida.

Encolho os ombros com indiferença e ponho Duquesa no sofá, onde ela se aconchega.

— Sim, quando era adolescente. Em festas, algumas vezes...

— Ah... Então não é tão careta assim! — me provoca.

— Careta? A Kaylee? — Reid intervém, divertido. — Ela nos fez vestir máscaras de Halloween e sequestrar o filho do delegado. Colocou uma roupa de mulher gato, ou sei lá, e saiu por aí com um taco de beisebol feito a porra da Arlequina. Ela é tudo, menos careta, cara. Eu diria que é *pirada*.

Erick não discorda. Meneia a cabeça ao ponderar e curva os lábios, vencido pelo argumento.

— Às vezes, me esqueço que fizemos aquela merda no Halloween. Não, tem razão. Kaylee é pirada pra caralho. No fim das contas, acho que

todo mundo aqui tem um parafuso a menos e é meio problemático em algum nível, então...

— Estamos em casa! — Reid abre os braços de maneira teatral. Vai até a geladeira e pega uma cerveja gelada. — Um brinde à nossa Arlequina que usa o taco de beisebol pra bater em riquinhos por aí! — Ergue a latinha de cerveja para mim, descontraído.

— Um brinde! — Erick repete e ergue um baseado no lugar de uma bebida.

Contenho o sorriso e reviro os olhos de forma afetada, como se achasse isso uma grande bobagem. Mas gosto dos dois e me sinto à vontade na companhia deles, e eles sabem disso.

Reid toma um pouco da cerveja e se escora na pia, me examinando. Arrasta os dedos pelo cabelo marrom e afasta a bebida da boca.

— Sullivan tem sorte. Eu também queria uma garota pirada que espancasse mauricinhos e cortasse a cara deles por mim.

Ergo as sobrancelhas, achando graça. Entro na brincadeira.

— É mesmo? — faço a pergunta querendo rir.

— É, você é o meu tipo, Kaylee. Tenho procurado uma mulher assim há tempos. — Me lança uma piscadela, atrevido. — É uma pena que Finch chegou primeiro.

O comentário me surpreende, mas levo numa boa porque não há maldade em sua fala. Além do mais, Reid é um cara divertido, tudo o que sai dele carrega uma dose de humor.

— Deixa o Sullivan te ouvir falando uma merda dessas, Reid — Erick o alerta, botando pilha. — Ele vai te arrebentar e não vai nem querer saber se está brincando ou não.

— Deixa ele vir. Estamos sempre treinando junto, conheço os golpes do Sullivan.

Erick gargalha alto.

— Então não tem problema se o Finch souber que você estava flertando com a Kay? — o loiro desafia o amigo, dissimulado.

— Ei! — eu me intrometo. — Ele não estava flertando de verdade.

Reid abre um sorriso culpado, e seus olhos castanhos ganham um brilho galante.

— Talvez eu estivesse...

Butler dá risada, e Reid bebe mais de sua cerveja, tranquilo. Meu rosto esquenta e franzo as sobrancelhas com descrença, um sorriso tímido enchendo meus lábios.

— Vocês são uns idiotas — digo, levando na brincadeira.

Erick puxa o isqueiro do bolso da calça, mas outro objeto vem atrelado aos dedos dele, e logo percebo que se trata da chave do quarto.

*Então está com ele!*

Ele devolve a chave ao bolso e usa o isqueiro para acender um baseado. Reid abre a geladeira outra vez e puxa uma segunda cerveja. Ele lança a latinha em minha direção, e eu a pego no ar.

— Não adianta ficar andando de um lado pro outro, Kay. Finch vai demorar. Sossega, toma uma comigo e tenta ficar numa boa até ele voltar.

Toco o lacre da latinha e mordo o canto da boca, refletindo. No fundo, sei que Reid tem razão. A impaciência não está me ajudando em nada, pelo contrário. Portanto, abro a lata e ingiro alguns goles. Cerveja nunca foi minha bebida favorita, mas terá que servir.

Não demora até que o cheiro da maconha flutue pelo ar conforme Erick traga o baseado tranquilamente. Tomo mais um pouquinho de cerveja e sinto uma pontada no braço machucado. Apoio a latinha na bancada e avalio o estado do curativo. Está significativamente vermelho, indicando que é hora de trocá-lo.

Deixo os rapazes ali e vou ao quarto, em busca dos itens de primeiros socorros que Sullivan trouxe. Pego o necessário e retorno à cozinha, despejando gaze, esparadrapos, algodão e antisséptico na bancada. Os dedos da minha mão esquerda continuam enfaixados e meio doloridos. Não será fácil fazer o próprio curativo nessas condições, mas me esforço.

Primeiro, limpo o ferimento e noto que, apesar de ainda sangrar, não parece ter piorado. Bom sinal! Significa que não infeccionou. Após higienizar a área, vem a parte mais complicada: enrolar a gaze no braço e selar com o esparadrapo.

Sinto os olhos de Erick e Reid cravados em mim enquanto tento contornar o braço com a gaze e falho miseravelmente. Butler se ergue da bancada e vem ao meu encontro. Ele pega a gaze da minha mão e me faz parar.

Com o baseado preso no canto da boca, Erick fala embolado:

— Eu te ajudo. Fique parada.

Aceito a oferta, grata. Fico imóvel, e Erick envolve meu braço com a tira de gaze com bastante firmeza. Ele parece não ter muito tato para isso, porque aperta a gaze com mais força que o necessário.

— Ai! Não precisa apertar tanto — explico, fazendo uma careta de dor.

— Poxa! Foi mal, é a primeira vez que tento enfaixar alguém — ele afrouxa a gaze ao se explicar. É meio difícil entender o que ele diz devido ao baseado preso no canto dos seus lábios. — Melhorou assim?

— É, está melhor. Agora não vai travar minha circulação sanguínea, então...

Suas sobrancelhas se erguem com a alfinetada.

— Tô ajudando e ainda levo patada. Você e Finch têm muito em comum, sabia? — ele retruca, mas levando numa boa.

Rio baixinho e rolo os olhos.

Erick toma mais cuidado ao finalizar o curativo no meu braço, selando as pontas com esparadrapos e, por incrível que pareça, fazendo um bom trabalho.

— Então isso é "ficar de babá"? — Reid joga a provocação, querendo me irritar. Ele termina de beber a cerveja e para do outro lado da bancada, de frente para mim. — Diferente, nunca tinha tentado.

Semicerro os olhos e retruco com plenitude:

— Não sou nenhuma criança. Vocês nem precisavam ficar aqui.

— Ah, mas é claro que precisamos. Porque, do contrário, você teria ido atrás do Finch, mesmo sabendo que estão te caçando lá fora.

— Como pode afirmar isso?

— É simples, está desenhado nesses seus olhinhos que chegam a brilhar quando veem o Sullivan. Está apaixonada pelo Finch. E é por isso que, com certeza, iria atrás dele.

O palpite é certeiro, e a propriedade em sua argumentação é tanta que me deixa sem fala. Me sinto exposta e odeio não saber o que dizer.

— Ele te pegou nessa, hein, Kay — Erick me importuna e dá um leve tapinha em meu ombro para implicar. — Ficou até sem resposta.

Embora estejam cobertos de razão, não quero admitir que é verdade. Sendo assim, faço uma expressão blasé e ignoro o comentário ao recolher os itens da bancada.

— Já que estou presa e vocês são meus carcereiros, será que podemos ocupar o tempo? — jogo a ideia para mudar de assunto e recebo um olhar curioso de Reid. — Achei um baralho nas gavetas do quarto mais cedo. Podemos jogar pôquer, vinte e um... vocês que sabem.

— Ah! Eu curti a ideia — Erick se manifesta. Ele sopra a fumaça e aponta para mim com a mão que carrega o baseado. — Mas eu só jogo a dinheiro.

Dou de ombros, indicando que por mim não há problema.

— Melhor ainda, porque com certeza vai perder — Reid caçoa dele e me olha ao decidir. — Eu tô dentro!

Bato uma palma, animada.

— Certo, eu já volto!

Entro no quarto para buscar o baralho que encontrei mais cedo, que provavelmente pertenceu a algum hóspede que passou por aqui. Os garotos e eu nos sentamos na bancada da cozinha para iniciarmos uma partida de pôquer, com direito a singelas apostas em dinheiro.

A iniciativa serviu para matar o tempo e me arrancar algumas risadas após ganhar dos rapazes várias vezes. No entanto, preciso admitir que não foi um grande desafio, levando em conta que o único oponente à altura foi Reid Masih, já que Erick ficou chapado em poucos minutos, em uma linha tênue entre a lucidez e a lentidão.

As horas correm, e, através da janela, acompanho o céu escurecendo lá fora. Quando o relógio bate às seis, fazemos uma pausa no jogo para comermos alguma coisa. Ligo a TV, e Erick se afunda no sofá, inteiramente chapado, enquanto Reid cuida da louça suja do almoço.

O barulho de chaves e o estalo da maçaneta me coloca em alerta. A porta de entrada se abre, e Finch passa por ela, finalmente. Ele tranca a passagem e enfia a chave no bolso da jaqueta.

Vê-lo aparentemente intacto me faz respirar aliviada. A pressão que esteve castigando meu peito pelas últimas horas se dissipa. Morri de preocupação e estava louca para encontrá-lo, mas, apesar disso, meu orgulho fala mais alto e não lhe dirijo a palavra quando ele se aproxima.

Finch parece cansado. Deixa a chave do carro e uma sacola plástica na bancada. Seu olhar me encontra e me avalia.

— Trouxe uns celulares descartáveis — ele anuncia em um tom comedido, avaliando o terreno e tentando descobrir se continuo brava. —

São mais difíceis de rastrear e bem mais seguros. Podemos precisar deles.

Finjo que nem escutei, e com isso ele já tem sua resposta. Talvez esperasse que eu lhe fizesse mil perguntas, mas foi pego de surpresa pelo meu gelo.

Dessa forma, ele não insiste no diálogo. Abre a geladeira e pega uma garrafinha de água, quieto. Seus olhos me esquadrinham, e eu sei que ele quer me dizer algo. Nossa troca de olhares silenciosa é como uma batalha para saber quem irá ceder primeiro.

— Como foi em Royaume, cara? — A pergunta parte de Reid.

Masih assume um lugar na bancada, ficando exatamente entre nós dois.

— Foi tranquilo, resolvi umas coisas com Devan. Passei aqui só pra pegar uma grana. Já vou sair de novo. Não sei quando volto, então você e Erick terão que ficar aqui por mais um tempo.

A informação me preocupa.

Que droga Finch pretende fazer esta noite? E que diabos esteve fazendo o dia inteiro? Ainda planeja procurar Callum?

Minha língua coça para interrogá-lo, mas me contenho.

— Erick tá chapadão, então de qualquer forma ele nem vai reclamar por ter que passar mais tempo aqui — Reid comenta e aponta para o sofá, onde o amigo está jogado. — Vamos ficar pelo tempo que precisar.

Finch assente. Mais uma vez, o par de orbes escuros vem em minha direção, tentando ler minhas expressões. Ignoro seus olhares, e logo ele e Reid retomam o assunto.

Finch bebe todo o conteúdo da garrafinha e a descarta na lixeira embaixo da pia. Ele se dirige ao quarto anexo, e Reid o acompanha. Consigo ouvi-los mencionar algo sobre Royaume e Devan, o homem do cartel.

Espalmo a bancada e solto o ar pela boca, tensa até os ossos. A postura enigmática de Finch está me enlouquecendo e, embora queira invadir o quarto e berrar até que ele me diga a verdade, não tenho energia para uma nova discussão.

Preciso de outra abordagem.

Abaixo a cabeça, inspirando e expirando devagar. Jogo os cachos para trás e observo a sacola que Finch trouxe da rua. No entanto, minha atenção

é atraída pela chave prateada que ele esqueceu ao lado dela.

É a chave do Mustang.

Tão rápido quanto um lampejo, uma ideia atravessa meus pensamentos. Em questão de segundos, consigo elaborar um plano.

Escuto Finch e Reid conversando no quarto. Suas vozes são apenas ruídos, e ambos se esforçam para manter a discrição. Aproveito a chance para surrupiar a chave do carro e guardá-la no bolso do short.

O próximo passo é ir até a sala.

Eu me sento no sofá, ao lado de um Erick Butler completamente chapado. Está jogado no estofado, a cabeça pensa para o encosto, os olhos fechados e a respiração serena. Fortemente dopado pela erva.

Toco o ombro dele para atrair a sua atenção. Erick desperta e abre os olhos devagar.

— Butler, você tem um baseado pra mim? — murmuro.

Devagar, ele gira o rosto na minha direção e bate as pálpebras, assimilando a pergunta.

— O quê? Vai fumar?

— Hm... é, tô meio nervosa, preciso me acalmar. Não conte ao Finch!

— Ele já chegou?

A pergunta me deixa sem reação, visto que Finch cruzou a sala bem diante dos seus olhos minutos atrás. Presumo que Erick estivesse tão grogue que nem sequer notou.

— Não... ele ainda não chegou — minto descaradamente e espio a porta do quarto, onde Finch e Reid estão. — Me empresta seu isqueiro?

Antes que ele responda, eu mesma enfio a mão no bolso do seu jeans, onde a chave do hotel está escondida.

— O que tá fazendo? — ele resmunga com a língua arrastada. — Ei! Cuidado onde enfia a mão pra não sair pegando em outra coisa.

Ignoro o comentário e encho a mão com tudo o que encontro em seu bolso, puxando-os para fora. A chave e o isqueiro caem lado a lado no sofá, e Erick nem percebe.

— Os baseados estão no outro bolso? — indago, criando uma distração.

— É... estão. — Ele faz que sim, se esforçando ao máximo para fazer sentido. Esfrega o rosto com a mão e coça a cabeça, lento em cada ação. —

Vou pegar.

O loiro tomba a cabeça para trás e respira fundo, bastante relaxado. Um riso nasalado e sem sentido escapa dele, e suas pálpebras caem. De olhos fechados e perdido em seu próprio tempo, ele vasculha o bolso à procura dos baseados.

Butler parece tão descolado da realidade que não me detenho. Aproveito a deixa para capturar a chave do quarto e saltar do sofá. Erick nem olha na minha direção quando acelero de fininho até a porta para destrancá-la.

Escapo do quarto sorrateiramente e, após fechar a porta, disparo pelo corredor externo que dá acesso aos demais quartos da hospedaria. A brisa gelada da noite empurra meu cabelo e faz arrepios percorrerem minhas pernas descobertas pelo short curto. Desço os degraus, apressada, e atravesso a divisão de quartos do térreo, correndo para o estacionamento.

Para ser franca, nem sei ao certo o que farei. Mas não vou permitir que Finch destrua sua vida hoje à noite indo atrás de Callum sozinho. Se eu tiver que roubar seu carro e desaparecer daqui só para garantir que ele não fará uma loucura, então que seja.

Chego ao estacionamento e olho de um lado para o outro à procura do Mustang. Os postes de luz da calçada não funcionam, tornando a área amplamente mal iluminada.

Serpenteio entre os veículos ali parados e me guio pelas penumbras que me cercam. A escuridão me deixa apreensiva, tenho a breve impressão de avistar algo se mover além dos carros. Localizo o Mustang em uma das últimas vagas e corro em sua direção. Pesco a chave do bolso e contorno o automóvel para abrir a porta do motorista.

Um calafrio atravessa meu corpo quando passos pesados estalam no asfalto. Olho à minha volta, rodeada pelo breu e assombrada pelo pressentimento de estar sendo cercada. Agarro a porta do carro, mas, antes que eu possa destrancá-la, sou puxada para trás. Meu corpo é colocado contra a lataria do Mustang, e vejo os olhos pretos e impetuosos de Finch Sullivan diante de mim.

Está furioso.

— O que pensa que tá fazendo? — ralha para mim, possesso. — Ia fugir com meu carro?

Não abaixo a cabeça, nem me intimido. Respondo à altura:

— Eu disse que não facilitaria. Agora sabe que não estou brincando.

Finch pragueja, entredentes, encarando minha resistência como uma afronta.

— Precisa voltar lá para dentro, Kaylee! É sério. Não podem te ver andando por aí!

— Por que não me escuta, Finch? Quero te ajudar, mas não vou deixar que vá sozinho até o Callum. Enquanto esteve fora, eu pensei bastante e tenho um plano.

Ele levanta uma sobrancelha, cético.

— Um plano?

— Sim, e sou a melhor aliada que você poderia encontrar agora, porque possuo informações cruciais sobre Callum. Além disso, sabe que vou te infernizar enquanto não me ouvir! Tentei fugir agora e garanto que farei outras mil vezes se for preciso. Então a decisão é sua. Vamos fazer isso juntos ou prefere que eu desapareça?

Sei que Finch odeia ser contrariado. Está desenhado em cada traçado do seu rosto o quanto minha persistência o enerva. No entanto, o ultimato surte efeito e ele leva um tempo ponderando minhas condições.

Esfrega a têmpora e respira forte. As íris austeras me censuram, mas não me acovardo. Vencido pelo cansaço, Finch resmunga um palavrão e enfim declara:

— Então me conte qual é o seu maldito plano!

# 07

## Kaylee Clark

Finch e eu mergulhamos numa longa e cansativa discussão.

Precisávamos de um bom plano, e foi exatamente isso que ofereci a ele. Uma alternativa estratégica para colocar Callum contra a parede, usando não somente a força, mas a cabeça. E, apesar de relutar categoricamente a princípio, Finch cedeu à minha ideia e conseguimos chegar a um consenso.

Após sairmos do estacionamento, retornamos ao quarto do hotel. Troquei de roupa, e Finch buscou um dos celulares descartáveis que comprou. Depois, embarcamos no Mustang e Finch dirigiu até a região de Royaume, nos levando para um lado da periferia no qual eu jamais havia estado.

Assim que o veículo estaciona em uma viela escura, faço uma verificação minuciosa dos arredores através das janelas. Estamos em um ponto taciturno e mal iluminado do bairro de Fossé. À nossa volta, não há o menor indício de movimentação.

Finch parece familiarizado com o local.

— Esse é mesmo um lugar seguro para nós? — eu o indago.

Ele desliga o carro e mantém o olhar concentrado no para-brisa, com um vinco formado em seu cenho.

— Foi o melhor que consegui arrumar. — Ele puxa o celular descartável do porta-luvas e me dá o aparelho. — Tem certeza de que quer fazer isso?

Seu timbre é sério. Os olhos dele me analisam na esperança que eu desista.

— Absoluta! — enfatizo.

Ele expulsa o fôlego e recosta no banco, contrariado. Os dedos tamborilam no volante, revelando sua inquietação.

— Então ligue pro Callum e faça como combinamos — ele instrui, sucinto.

Finch nem esconde o quão insatisfeito está. Se dependesse dele, eu continuaria trancada no hotel por tempo indeterminado. Porém, ele não quer que eu tente fugir de novo e só por isso está dando o braço a torcer.

Puxo meu próprio celular do bolso da jaqueta, onde anotei o número da residência dos Allen. Graças aos contatos em comum que possuo com Hunter na faculdade, não foi difícil conseguir o telefone residencial da família.

Teclo os números no celular descartável e faço a ligação. Enquanto aguardo ser atendida, ao som dos toques da chamada, Finch mantém os olhos cravados em mim.

— *Alô? Quem está falando?* — A voz de uma mulher ecoa do outro lado da linha.

Empertigo a postura num ímpeto e reúno fôlego. O nervosismo circula pelas minhas veias.

— É da residência dos Allen? — modulo suavemente meu tom de voz ao fazer a pergunta, ressabiada.

— *Sim, quem está falando?*

Presumo que a mulher do outro lado da linha seja Margaret Allen, esposa de Callum.

Mordo o canto interno da bochecha e olho de soslaio para Finch. Seus orbes impacientes continuam fixados em mim, ansiosos pelo desfecho.

— Eu gostaria de falar com o delegado Allen, por favor.

— *Me diga seu nome e do que se trata* — a mulher insiste com certa aspereza.

Crispo os lábios, tentando pensar. Não posso expor minha identidade na ligação. Entretanto, posso revelar um nome que sei que vai atrair a atenção do delegado.

— Me chamo Ariel — eu minto, utilizando o nome da mulher com quem sei que Callum trai sua esposa, devido às investigações de Theo. — Diga ao delegado que sou Ariel e preciso falar com ele o quanto antes. É uma emergência.

A linha permanece muda por longos segundos. Troco olhares com Finch, e ele sibila um "*e então*? *O que tá rolando?*".

— *Certo. Aguarde um momento* — Margaret Allen me avisa.

Ouço vozes distantes do outro lado da linha e reconheço um timbre grave e masculino. Pouco depois, uma nova voz ressoa na chamada:

— *Você ficou louca, porra?* — o delegado Allen rosna a pergunta. Escuto passos estando no chão e presumo que esteja se afastando da esposa e buscando um lugar discreto para falar. — *Por que ligou pra minha casa? Sabe que não pode fazer isso! Te expliquei um milhão de vezes!*

— Sinto muito, Callum. Mas não sou quem está pensando. — Há uma dose de cinismo em minha entonação. Um minuto atrás, estava aflita. Mas ouvir a voz desse desgraçado trouxe à tona a raiva que venho acumulando. — Não reconhece minha voz? Se esforce um pouco e você vai saber quem sou eu.

Um intervalo de silêncio preenche a ligação.

— *Vagabunda estúpida!* — ele vocifera, e com isso assumo que tenha me reconhecido. — *Não pense que vai se esconder por muito tempo!* V*ou te encontrar, está me ouvindo?*

Tensiono o maxilar e libero um riso nasalado, banhado de acidez. O ódio que sinto por esse ordinário consegue ser ainda mais pujante do que a aversão que tenho pelo seu filho.

Da última vez, Callum me pegou desprevenida. Eu estava apavorada. Só que agora será diferente. *Eu* serei diferente e vou dar as cartas nesse jogo.

— Quanto a isso, estamos de acordo — afirmo, segura de minhas palavras. — Você vai me encontrar porque eu mesma vou te passar minha localização. Fará isso hoje à noite — declaro não como um pedido, e sim uma ordem.

— Está tentando zombar de mim, garota? Não brinque comigo. Foi por muito pouco que conseguiu escapar ontem. Mas, na próxima vez, não vai. E, depois de acabar com você, vou até o seu pai.

*Miserável! Canalha! Maldito!*

Só de ouvi-lo tocar no nome do meu pai sinto minhas entranhas se retorcerem e o coração se inflamar de ódio.

— É você quem vai me ouvir agora, Callum! — rebato duramente, calando-o. — Tem trinta minutos pra chegar no bairro de Fossé, rua Saint Malo, 843. Quer saber como descobri seus podres? Vou te dar o que quer. Quero resolver isso logo. Mas, se não aparecer ou se vier acompanhado, eu vou saber na hora. Tenho uma matéria pronta pra ser disparada na internet e, se não fizer o que digo, ela será publicada ainda está noite. Venha sozinho, ou vai estar acabado, eu juro! Rua Saint Malo, número 843, em Fossé!

E dito isso, encerro a ligação sem demora. Não estou interessada em debater ou ouvir suas ameaças. O que tinha para dizer já foi dito. Callum anda tão desesperado para me calar que sei que aparecerá.

Sou a isca perfeita. Agora é uma questão de tempo.

Desligo o celular descartável e enterro o rosto nas palmas das mãos, inspirando fundo. Arrasto os dedos até o couro cabeludo e passo os cachos para trás, controlando as emoções e mantendo a calma.

— O que ele disse, Kaylee? — Finch me inquire, afoito.

Entrego o celular descartável a ele e guardo o meu dentro do bolso da jaqueta.

— Ele me ameaçou. Está furioso. Vai chegar em poucos minutos, só temos que torcer para que venha sozinho.

— Se ele vier acompanhado, vamos voltar pro carro e sumir daqui na hora, sem conversas! — dita em tom de ordem, o olhar refletindo preocupação.

— Certo, eu sei disso. Já conversamos.

Finch emite um muxoxo aborrecido e libera o ar dos pulmões. Parece uma pilha de nervos.

Ele pesca um molho de chaves do bolso da calça e escapa do carro. Vou logo atrás dele com o coração agitado e as mãos suando. A sola dos meus tênis toca o concreto irregular, e o ar sinistro e misterioso do beco faz

calafrios dançarem pelos meus braços. É o tipo de local no qual eu jamais me sentiria segura para caminhar à noite sozinha.

Acompanho Finch pelo beco e saímos em frente a um galpão fechado. A estrutura tem mais de dois andares. Algumas janelas do pavimento superior estão vedadas por tábuas. As portas de ferro se encontram fechadas e repletas de pichações. As construções vizinhas são casas abandonadas e um extenso terreno murado que exibe placas da estação de descarte de lixo.

A rua toda fede. As calçadas são fantasmagóricas de tão escuras e desabitadas.

Finch usa a chave para abrir a porta de ferro da construção. O material envelhecido range alto ao ser empurrado, nos dando passagem para o galpão.

— Como conseguiu esse lugar?

— Foi hoje cedo. Tive que molhar a mão de uns caras pra pegar o galpão emprestado. Gente que conheci no Cerberus. — Ele termina de empurrar a porta pesada e me oferece sua mão. — Vem! Temos que subir e encontrar um bom lugar pra vigiar a chegada do delegado.

Seguro sua mão e avanço junto a ele para dentro do galpão. Está um completo breu, e Finch saca o celular para iluminar o caminho com a lanterna. Ao passo que nos aprofundamos na construção, vejo caixas de madeira espalhadas e velhas máquinas inoperantes. Não sei ao certo o que esse lugar foi um dia, mas o maquinário considerável me leva a crer que se trata de uma fábrica desativada.

Passamos por baixo de uma escada de ferro que nos leva até o quadro de força. Finch liga o interruptor e luzes incandescentes se acendem ao som do estampido. A iluminação é fraca, mas suficiente para conseguirmos nos locomover sem o auxílio do flash do celular.

Observo as paredes acinzentadas, cobertas pelo concreto, e as plataformas de ferro acima de nós. São passarelas que se estendem pelo galpão e interligam as salas do andar superior.

— Finch...

O moreno trava os passos e se vira para mim. Suas linhas de expressão estão tensas, parece profundamente perturbado. O olhar vazio revela o turbilhão em sua mente.

— Por que você alugou esse lugar para hoje à noite? — ouso perguntar. — Digo, você fez isso antes de saber do meu plano, então... o

que pretendia fazer aqui?

Ele encena um riso exausto e balança os ombros.

— Por incrível que pareça, eu já estava planejando trazer Callum pra cá. — A revelação é evasiva, assim como sua postura.

Enrugo o cenho com dúvida.

— O que você faria quando ele chegasse?

Seus olhos escuros como a intensidade do céu noturno focam nos meus. Uma linha discreta tensiona sua testa.

E ele não responde à pergunta.

Fazia bastante tempo que eu não via Finch encoberto por essa aura sombria e enigmática. Depois que nós nos conectamos, ele passou a se despir dela na minha presença, livre de escudos. Entretanto, agora, aqui está ela novamente, envolvendo-o como um manto soturno e imprevisível, tão intenso quanto eu me lembrava.

Desisto do assunto, porque talvez eu não queira escutar a resposta.

Entrelaço nossos dedos, mansa e gentilmente, para quebrar a tensão. Minha investida o pega desprevenido.

— Mas... o que esteve fazendo em Royaume a tarde toda? — cicio a próxima dúvida, esperando que esse não seja um terreno proibido.

Ele solta o ar pela boca, e seus dedos se movem bem devagar entre os meus.

— Andei procurando meu irmão. Queria saber se alguém tinha uma pista de onde ele está ficando.

Anuo com a cabeça, compreendendo. Sua apreensão me contagia, por isso acabo soltando a mão dele.

— E conseguiu algo?

— Nada. Pelo que disseram, chegaram a ver um cara com as descrições do Andrew rondando o bairro. Mas ninguém sabe nada dele.

Inspiro fundo e passo as mãos pelo jeans, buscando conter a inquietação. Abraço meu corpo e olho ao redor, observando o galpão extenso e empoeirado.

Faço menção a me afastar, visando explorar o térreo. No entanto, Finch segura meu pulso e me puxa de volta.

— Ei, espere — ele pede. Em uma rápida aproximação, suas mãos envolvem minha cintura, e Finch me leva para perto. — Me desculpe por

estar esquisito pra caralho. Sei que tem sentido isso. Mas é que... porra, ando pilhado por causa do Andrew e... todo o resto.

As íris obsidianas se concentram nas minhas, imersas em um lamento profundo. Pouso as mãos em seus ombros e afago os músculos tensos. Meu gesto é capaz de quebrar sua armadura e Finch se desarma, deixando que a vulnerabilidade venha à tona através do seu olhar emotivo.

Eu meneio a cabeça positivamente.

— Eu entendo, Finch. Você não é o único que está com a cabeça virada do avesso.

— Sei disso, mas não sou bom lidando com essas merdas. Eu sou uma bagunça, Kay, e sei que me afastei. Mas não é por sua causa. Não duvide nem por um segundo do que sinto ou das coisas que te disse na noite do jantar. Você continua sendo meu oxigênio. É a única coisa boa na qual tenho me agarrado. Meu coração, fodido do jeito que é, continua pertencendo a você.

Minha mão direita escorrega até o peito dele, onde sinto seus batimentos cardíacos vibrarem na caixa torácica. Cada batida me pertencendo, como ele afirmou. A mão dele cobre a minha, atenciosamente, mantendo-a em seu coração.

Suas íris são uma mescla de desolação e fascínio mergulhando nas minhas.

— Ontem eu disse que deveria se afastar de mim e que eu tinha que ir embora. Mas quer saber a verdade mais dolorosa de todas? Se isso acontecer, eu não vou suportar. E eu sinto ódio por pensar no quanto seria infernal não poder te ter comigo, amor. Por isso estou distante, porque isso está fodendo a minha cabeça. Não consigo lidar com essa porra sem surtar.

Os cantos dos meus lábios tremem, e eu os espremo em uma linha tênue, tentando conter o abalo de emoções atravessando meu peito. Finch me puxa contra seu corpo, e eu afundo em seus braços. Deito a cabeça em seu ombro. Fricciono o rosto em sua camisa e absorvo seu aroma inebriante.

— Eu nunca senti isso por ninguém. Não dessa forma — declaro, baixinho, abrindo o coração. Ao escapar dos seus braços, ergo o olhar para imergir em suas íris. — Com você, tudo é diferente e intenso demais e... doloroso demais, viciante demais. Muito mais do que já senti na minha vida

inteira, e eu não consigo desviar. Acho que eu seria capaz de qualquer coisa para jamais perder isso.

Seus olhos se enchem de ternura, tão penetrante e febril, que me magnetiza. Receber esse olhar me faz ter certeza de que tomei a decisão correta quando escolhi me arriscar por ele. Porque a paixão que incendeia meu peito ao receber *esse olhar* é arrebatadora.

Ele segura minha mão e sorri de leve, os lábios selados.

— Sei que é um momento de merda. Está tudo dando errado, mas... acho que a única coisa boa foi poder levar você e Duquesa embora. Gosto de ter vocês duas comigo. Faz eu me sentir em casa.

Um sorriso comovido enche meus lábios. Finch leva minha mão até a boca e estala um beijo delicado no dorso dos meus dedos. O carinho faz meu coração ebulir de ternura.

Seus dedos se entrelaçam aos meus, e ele prossegue:

— É bom dormir com as minhas duas gatinhas. Uma abraçada comigo e a outra deitada no meu peito, feito uma bolinha de pelos.

— Acontece que está me deixando mal-acostumada, Finch. Depois de duas noites com você fazendo cafuné na minha cabeça até eu pegar no sono, acho que não vou mais querer dormir sozinha quando isso acabar.

— Sem problemas. Posso atravessar sua janela todas as noites — ele brinca, tentando aliviar o clima.

— E vou deixá-la aberta para você todas as noites.

Sorrimos juntos, dolorosamente emotivos. Dividimos o mesmo sentimento e o mesmo medo, visto que não sabemos como isso, *nós dois*, vai terminar. Tudo o que temos são promessas e desejos que não sabemos se vão se concretizar.

Finch segura meu rosto. O polegar acaricia minhas bochechas, e os dedos contornam a linha da minha mandíbula. Seu beijo me envolve, suave, me livrando da sobrecarga emocional.

— Kay, olhe para mim — ele pede, mexendo em meus cabelos e empurrando os cachos pelos meus ombros. — Não vou deixar Callum tocar em você.

Seus olhos veementes queimando nos meus me mostram que a promessa é real. Antes de permitir que qualquer um me toque, Finch perderá o controle e será capaz de causar um desastre.

*Por mim.*

Vasculho o bolso da minha jaqueta e puxo o canivete de lá. É o mesmo que Finch me deu. Mostro o artefato, confiante, e aciono a lâmina.

— Eu também não pretendo deixar que ele me toque.

Finch alterna o olhar entre meu rosto e a lâmina afiada. Na mesma medida que encontro temor em seus olhos, também vejo aprovação. Parece orgulhoso da minha coragem.

Ele me beija mais uma vez, seu calor me fazendo desmanchar em seus braços. É como estar em casa. Completa. O coração em combustão, e os sentidos entorpecidos. O momento diz muito, segundos significativos que esfregam na minha cara o quão intensamente apaixonada estou.

Gostaria que durasse mais, contudo precisamos nos preparar para a chegada de Callum.

Com nossas mãos atadas, Finch me guia pela escada de ferro e me leva ao próximo andar do galpão.

Entramos no que parece uma sala de controle. O cômodo possui uma janela vazada para o interior da fábrica, proporcionando uma visão ampla da entrada. Daqui poderemos monitorar a chegada do delegado.

Além do painel de controle empoeirado, um balaústre de ferro delimita o final da estrutura, e, lá embaixo, está o térreo, cheio de velhas caixas e máquinas. Uma pessoa poderia ser facilmente empurrada daqui de cima e sofrer uma queda. Portanto, opto por ficar longe do balaústre.

Os próximos minutos tornam-se angustiantes. Não podemos fazer nada, senão esperar e torcer para que Callum apareça sozinho.

Quase vinte minutos depois, escutamos o primeiro ruído vindo do galpão. Através da janela da sala de controle, vejo a penumbra que cruza a entrada da velha fábrica. A iluminação baixa não me permite enxergar seu rosto, mas a figura se assemelha a Callum Allen.

Em silêncio, observo o indivíduo solitário se locomover entre as máquinas desativadas.

Seguindo o plano, Finch se esconde no cômodo anexo, me deixando sozinha na sala de controle. Dessa forma, Callum não saberá que há mais alguém aqui dentro e poderemos surpreendê-lo. Não nego que me assusta estar sozinha em uma sala com o homem que tentou me matar. Por outro lado, há tanto ódio queimando dentro de mim que me vejo capaz de cometer uma loucura caso Callum tente me machucar.

Engulo a saliva e tateio os bolsos da jaqueta. Sinto o celular escondido em um; o canivete no outro.

Estou pronta.

Ouço pegadas estalarem na escada de ferro do galpão, se aproximando. Inflo os pulmões. Mantenho a postura rija e o queixo erguido, só esperando.

Olho diretamente para o homem que adentra na sala de controle. Callum veste um de seus típicos sobretudos marrons, os fios grisalhos estão arrumados, e as mãos guardadas nos bolsos da vestimenta, onde posso apostar que ele esconde um revólver. Ele não viria desarmado.

Há uma linha vermelha e diagonal carimbando sua bochecha. É o corte que *eu* fiz no rosto dele ontem, no deserto.

Os olhos frios de Callum Allen me medem da cabeça aos pés, e ele faz uma breve inspeção da sala. Meu coração retumba, e o choque que atravessa minha nuca é um presságio de ameaça.

# 08

## Kaylee Clark

— Está sozinha? — é a primeira coisa que o delegado diz.

Seus passos lentos e calculados o trazem para mais perto. Ele para no centro da sala, a poucos metros de mim. A posição é estratégica, visto que logo atrás dele está a porta do anexo, onde Finch se esconde, apenas esperando o momento certo para entrar em cena.

— Estou. — Sigo o plano e, assim como ele, escondo as mãos nos meus bolsos. Aproveito para segurar o cabo do canivete, por precaução. — Você veio sozinho?

Ele emite um riso nasalado e olha à nossa volta ao dar de ombros.

— Como pode ver, sim. Ou está vendo mais alguém comigo, srta. Clark?

— Como posso saber que não há homens do lado de fora do galpão esperando por mim?

— Terá que confiar em mim, menina. Estou fazendo o que me pediu. Vim até aqui e estou disposto a negociar pelas informações que possui.

Franzo as sobrancelhas, os olhos estreitos com desconfiança.

Sua postura pacífica não me engana. Não acredito em nenhuma palavra que sai da sua boca. Callum é traiçoeiro e, assim como eu, deve ter um truque na manga.

— Então não quer mais me matar? Ou ao meu pai? — o desafio.

O delegado abre um sorriso cruel e instala a língua, desdenhoso.

— Isso depende. Não gosto de perder tempo e pode ter certeza que se vim até aqui, foi para colocar um ponto-final nessa história. Então não me aborreça ou tente me desafiar, porque pode não gostar do desfecho.

Por um milésimo, olho para além de Callum, focada na passagem anexa onde Finch se esconde. Sei que ele é capaz de escutar nossa conversa, e espero que não faça nenhuma besteira agindo antes da hora.

Torno a fitar Callum, inabalada pela ameaça.

— E o que quer saber primeiro? Veio até aqui para descobrir como tive acesso aos seus crimes, então... prefere que comece dizendo tudo o que sei sobre sua má conduta ou quem me contou? — destilo sarcasmo e levanto uma sobrancelha. — Você escolhe!

Callum me examina por longos segundos. Remove as mãos dos bolsos do sobretudo e avança um pequeno passo em minha direção. Meu corpo se retesa com calafrios, mas continuo imóvel, encarando-o sem medo.

— Que merda de jogo está tentando fazer, garota? — O delegado deixa a falsa cortesia de lado e adota um tom áspero. — Sabe muito bem o que quero e o que farei com você se não cooperar. O que pensa que vai ganhar armando todo esse circo e me chamando até aqui?

— Quero uma garantia. Quero ter certeza de que, depois de revelar como descobri seu envolvimento com a facção D'aramitz, você não chegará perto de mim ou de alguém ao meu redor.

— Eu posso até concordar com isso. Mas antes acho justo igualarmos as coisas por aqui. — Callum chega mais perto numa pose intimidadora. As íris azuladas e impiedosas me fulminam. — Vê o que fez no meu rosto?

Seu indicador aponta para a linha vermelha que atravessa a pele alva da sua bochecha.

— Depois do que fez comigo e com meu filho, eu deveria, no mínimo, marcar seu rosto para te deixar com um lembrete permanente. — Ágil e preciso, Callum puxa um revólver do bolso do sobretudo e o aponta para mim. — É o que estou pensando em fazer. Mesmo que te deixe sair daqui respirando, talvez esse rostinho tão bonito nunca mais seja o mesmo.

Não respondo à ameaça. Aperto o cabo do canivete no bolso, pronta para sacá-lo a qualquer instante. Travo a respiração. Meu coração salta à garganta quando vejo Finch escapar do esconderijo. Ele se movimenta à

espreita, passos silenciosos e o olhar implacável mirando Callum, feito um predador se preparando o bote.

— Então, me responda, querida — o delegado Allen me diz, sem sequer imaginar que Sullivan está bem atrás dele. Um clique ressoa quando Callum destrava a arma, apontando-a na minha cara. — Que parte do seu rosto eu devo deformar?

Callum está tão confiante de sua vantagem que não pressente a movimentação veloz de Finch.

Em um piscar de olhos, Sullivan o pega desprevenido e o embosca pelas costas. Uma de suas mãos captura o maxilar do delegado, e a outra empunha um canivete no pescoço dele, imobilizando-o. A lâmina afiada para na jugular de Callum, a milímetros de uma perfuração letal.

— Solte a arma agora, ou vou rasgar seu pescoço, filho da puta! — Finch rosna, ameaçador.

É impactante ver a fúria genuína que incendeia seus orbes obsidianas e a determinação com a qual ele firma a lâmina na garganta do delegado. Não há hesitação.

O cano do revólver continua mirado em mim, e Callum não move um músculo, processando o fato de ter caído numa emboscada. Olha para baixo, tentando enxergar o ponto da lâmina que toca seu pescoço. Suas feições se contorcem, coléricas, e os olhos odiosos me fitam como se pudessem me exterminar.

— Eu vou atirar nela! — Callum declara.

Finch aperta ainda mais a mandíbula do delegado, fazendo-o ranger os dentes.

— Faça isso e eu te mato! Pode ter tempo de puxar o gatilho, mas não terá tempo de impedir que a lâmina atravesse sua jugular. Vai morrer engasgado com o próprio sangue, seu miserável! — Finch o ameaça, a voz gélida e contundente.

— Quem é você?

— Não vai saber quem sou. Mas vai morrer ouvindo a minha voz se não fizer o que digo. Solte a arma se quiser viver. Estou mandando, largue ela no chão antes que eu perca a paciência — cicia, lento e ameaçador.

Permaneço estática sob a mira do revólver. A respiração presa, os ombros tensos e o olhar abismado, focada apenas em Finch. Nunca antes eu

o vi assumir um timbre tão sombrio e cruel. Quer dizer, é claro que já o vi enfurecido outras vezes, mas jamais tão frio quanto agora.

— Me deixe adivinhar — Callum balbucia, mantendo o revólver apontado para mim. — É aquele criminoso que está trepando com essa vadiazinha, não é? É claro que é você, seu desgraçado. Você quase matou o meu filho!

Finch abre um sorriso mordaz, como se estivesse orgulhoso da sua reputação. Ele move a lâmina no pescoço de Callum. O delegado contrai os ombros em resposta. Embora tente mascarar o temor, a forma como seu corpo inteiro se retesa o denuncia.

— É. Infelizmente, foi mesmo um *quase* — Finch enfatiza, tranquilo. Sua lâmina passeia pela garganta de Callum, brincando com seu medo. — Aquele seu filho é uma piada, um covarde de merda. Ele deveria se envergonhar. Eu poderia ter esmagado a cabeça dele com minhas próprias mãos e estraçalhado os ossos dele no chão daquele bar. Faria isso se não tivessem me parado. Soube que ele está melhor. Uma pena.

Callum trava a mandíbula e exibe os dentes cerrados, enfurecido.

— Seu pedaço de merda! O julgamento pode ter sido anulado, mas não vou descansar até te ver sendo torturado num presídio ou enterrado debaixo da terra!

Sullivan ri pelo nariz, insolente.

— Já ouvi ameaças piores, senhor delegado. Se quiser me assustar, terá que fazer melhor. Sou eu quem está com uma lâmina no seu pescoço, então não me irrite! — Finch esmaga a mandíbula de Callum com tanta força que o faz urrar. Em seguida, vocifera no ouvido dele: — Largue a porra da arma, caralho!

Callum me fuzila com o olhar. Os vincos marcando sua testa parecem prestes a explodir de ódio. A contragosto, ele obedece Finch e solta o revólver. A arma despenca no chão.

— É isso aí, agora me ouça, seu verme — Finch ralha no ouvido dele. — Chute a arma na direção da Kaylee.

Callum crispa os lábios com força. A sola do seu sapato alcança o revólver, arrastando-o no chão. Ele chuta a arma para frente, mas ao invés de guiá-la na minha direção, Callum a impulsiona direto para a borda da plataforma. O revólver passa por baixo do balaústre de ferro e despenca para o andar inferior, longe do meu alcance.

*Filho da puta!*

Dou um passo à frente e encaro o delegado. Puxo o celular do bolso da jaqueta e desbloqueio o aparelho. Mostro a tela para Callum.

— Quer mesmo saber por que eu te trouxe aqui? Foi por isso. Melhor do que ter um acervo de podres ao seu respeito, é ter uma gravação onde você confirma todos os seus podres e me ameaça de morte. — Sorrio, cínica, e encerro a gravação de áudio que iniciei minutos antes da sua chegada. — Se acha tão inteligente, mas não pensou nisso nem por um segundo, Callum?

— Vou te matar, vagabunda! — ele brada, descontrolado. Finch dá um tranco no corpo dele, mantendo-o sob controle. — Eu vou destruir vocês, porra!

Ergo a voz ao rebater:

— Não. Você não vai, porque eu tenho tudo que preciso pra acabar com você! Antes que ouse fazer qualquer coisa comigo, já estará arruinado.

— Acha que não vou te caçar se vazar essas merdas na mídia? Pensa que vai estar segura? Você não vai sair ilesa!

— Esse não é o melhor jeito de negociar quando se está a um passo de ser degolado, não acha? — Finch ironiza. Sua voz retumba autoridade ao emendar: — Cale a boca e escute, antes que eu deixe a lâmina escorregar *sem querer* na sua garganta.

Callum se cala diante da ameaça e engole em seco.

— Quero selar um acordo — proponho, ciente do perigo. — Você vai me deixar em paz a partir de hoje. Tanto você quanto seu filho ficarão longe do meu caminho e da minha família. Em troca, o material que eu tenho nunca irá ao ar. Simples.

Callum fica em silêncio. Troco olhares com Finch, e ele não esconde o quanto desaprova este plano. Ainda assim, cumpre seu papel.

— Quero que destrua todas as evidências na minha frente — Callum exige. — Quero ver isso diante dos meus olhos, garota.

Nego com a cabeça, direta.

— Negativo. Minha única garantia de que andará na linha são essas provas. Tenho outra proposta, Callum. Eu continuo com as informações, muito bem guardadas, e você esquece que eu existo. Que tal?

Ele não se manifesta. E eu continuo firme, vestindo a couraça de coragem. Sou a mesma Kaylee Clark da noite do Halloween e percebi que gosto da sensação.

— Vou deixar que pense por um tempo e decida que caminho vai seguir — eu sentencio, severa. Ergo o dedo em riste para ele ao pontuar: — Mas, se mandar seus capangas atrás de mim ou de qualquer um à minha volta, já sabe o que vai acontecer com o seu nome. Reputação e carreira destruídas e muita coisa para explicar às autoridades. Está preparado para a ofensiva da mídia?

Callum parece derrotado pelos meus argumentos. Enfurecido, é claro, mas desarmado. Aquela típica arrogância foi arrancada do seu semblante. Vê-lo reduzido dessa forma me satisfaz.

Agora é hora de ir.

Olho para Finch e faço um gesto de cabeça, indicando que solte o delegado. Ele não o libera, no entanto. Eu o encaro, sem compreender por que ele não está seguindo o plano.

— Não vou soltá-lo, Kaylee — Sullivan soa curto ao decretar. — Não confio nele!

Bato as pálpebras, pega de surpresa.

— Finch, temos que sair daqui agora. Já temos tudo o que precisamos.

Ele meneia a cabeça em negação, irredutível.

— Não é o bastante. Ele não vai parar — Finch pontua, mantendo a lâmina no pescoço do delegado. — Não vou me perdoar se eu o deixar sair daqui e ele fizer algo com você.

Sinto a boca secar e o oxigênio ser sugado dos meus pulmões. Meus olhos congelam em Finch. Nem ouso perguntar o que ele pretende fazer com Callum. A fúria primitiva em suas íris é esclarecedora.

Hoje mais cedo, vi que Finch não hesitaria em me proteger e que seus impulsos falariam mais alto se o momento chegasse. Mesmo assim, não posso deixar que ele siga esse caminho. O que aconteceria depois? E se fosse descoberto? O peso das consequências? Sullivan seria preso, condenado, talvez encontrasse a morte atrás das grades. Como eu poderia permitir que ele arruinasse sua vida?

— Saia daqui e me espere no carro! Chego lá em minutos — ele ordena.

Eu petrifico diante do seu olhar feroz e sanguinário, drenado pela raiva.

— Finch, não! Eu não saio daqui sem você. O que... o que vai fazer?

— O necessário para que esse filho da puta nunca mais chegue perto de você. Agora vai! Volta pro carro!

Finch me contou sobre seu passado. As agressões, as torturas e as atrocidades que cometeu contra pessoas inocentes. Em contrapartida, me garantiu que nunca chegou longe o bastante para dar fim a vida de alguém. Um limite que ele nunca havia cruzado. Agora, no entanto, olhando fundo em seus olhos, percebo que talvez *essa* seja a fronteira do limite. Estamos nela, e ele está disposto a ultrapassá-la.

Espremo os lábios, segurando o ar em nos pulmões.

— Finch — recito devagar, apostando num tom cauteloso para fazê-lo pensar com clareza. — Isso não é necessário. Não faça nada que irá te prejudicar. Você não é isso.

Finch solta um riso nasalado e doloroso.

— *Isso* o quê, Kaylee?

Engulo em seco, com o coração apertado.

— Um assassino.

Os olhos de Finch assumem uma frieza implacável.

— Talvez eu devesse ser. Já perdi tudo mesmo, não vou deixar que ele me tire a única coisa boa que me restou. Além do mais, não é como se Callum fosse uma perda para o mundo. Sinceramente, acho que pela primeira vez na vida eu estaria fazendo algo correto. Pelo menos, seria por um bom motivo.

— Ei... — Callum arrisca dizer, respirando devagar, os olhos arregalados. — Escute a garota, rapaz. Você não quer uma merda dessas sujando sua ficha, acredite.

— Não é você que vai me dizer o que devo ou não fazer! — Finch rosna para ele.

— Eu não farei nada com vocês! — ele garante para salvar a própria pele. — Tem minha palavra. Vou deixá-los em paz!

— Sua palavra não vale de porra nenhuma! — Sullivan esbraveja, fora de controle. Seus olhos irados me encontram e ele berra: — Kaylee, volte para o carro agora!

O grito ecoa pelas paredes, e meu corpo se sobressalta. Seu punho chega a tremer com a força que segura o canivete, tomado por um impulso selvagem.

— Finch, por favor!

Minha resistência o enerva, e Sullivan desconta isso no delegado. Não reajo quando ele chuta as pernas de Callum e o faz cair de joelhos. Finch o acerta com uma sequência de pontapés que o deixam prostrado no chão.

Vai espancá-lo e matá-lo.

Tento alcançar Finch, e, rápido demais, Callum rasteja pelo chão e puxa algo de dentro do sobretudo. Sua mão captura a barra da minha jaqueta, e eu vislumbro o cano de um revólver mirado contra mim. Meu primeiro reflexo é sacar o canivete e golpear a mão de Callum. Finch salta sobre o delegado para tirar o revólver da minha mira.

Um disparo seco e ensurdecedor explode. Eu me abaixo às pressas, com o coração estremecendo e a certeza de que fui atingida. Vejo Callum caído no chão e Finch correndo até mim. Sullivan me puxa em seus braços e me leva consigo. Outro disparo explode ao meu redor. Minhas pernas se enroscam uma na outra enquanto sou praticamente arrastada por Finch.

Sou puxada para a sala adjacente e me escoro na parede para me esconder, ao lado de Finch.

Callum Allen tinha uma segunda arma escondida no sobretudo o tempo todo.

Merda!

Observo meu corpo e percebo que estou ilesa. Mais disparos estalam no ar. Ouço as balas ricocheteando pelas paredes.

Finch agarra a minha mão e, no instante em que os disparos cessam, me puxa consigo. Corremos da sala para a escada de ferro, tentando escapar. Ainda estamos na metade dos degraus quando os disparos recomeçam. Olho para trás e vejo um vulto atravessar a saída da sala de máquinas. Os tiros nos cercam, atingindo o corrimão e os degraus, pipocando de forma ameaçadora. Para a nossa sorte, a baixa iluminação atrapalha a mira do delegado.

Saltamos da escada e nos esgueiramos atrás dos maquinários enferrujados. Os passos de Callum estalam nos degraus, indicando sua aproximação.

— Por aqui! — Finch me instrui. Com um gesto de cabeça, ele indica um estreito corredor entre o maquinário. — Vamos, Kay!

Corro junto a ele, nos esquivando entre as estruturas de ferro. Meu coração bate tão desenfreado que as palpitações chegam à garganta, sinto que eu poderia vomitá-lo. A única coisa que me mantém em terra firme é ter a mão de Finch atrelada à minha.

Avisto a passagem aberta por onde entramos no galpão. É isso! Estamos quase lá.

— Não vão chegar longe! — O grito de Callum ecoa.

Jamais pensei que pudesse atingir tamanha velocidade com minhas pernas. Tudo diante dos meus olhos parece um borrão, pois meu único foco é a saída. Finch me impulsiona para frente e me faz passar primeiro pela porta, escapando do galpão. Lado a lado, nós corremos rumo ao beco onde escondemos o carro.

Alcançamos o Mustang e nos lançamos para dentro dele. Finch bate a porta ao assumir o volante. Eu me enfio no assento do passageiro, e minhas mãos tremem descontroladamente ao afivelar o cinto de segurança. O motor ruge como um pedido de socorro, e Finch pisa fundo no acelerador, nos tirando da viela e nos lançando para a rua de trás, longe das portas do galpão.

— Deveria ter vindo para o carro quando mandei! — Finch me repreende, irado.

Não protesto. Minha voz está presa junto com meu fôlego.

— Puta que pariu! Caralho! — Finch pragueja, furioso, e desfere um soco no volante.

O carro avança sobre o asfalto, cantando pneu e atravessando as ruas abandonadas de Fossé em alta velocidade. Olho para trás sobre o banco, tentando conferir se estamos sendo seguidos. A rua mal iluminada parece deserta. Até então somos os únicos aqui.

— Para onde estamos indo? — solto, a garganta seca e a voz vacilante, praticamente arquejando.

— Eu não sei! — Finch exclama, alterado pela adrenalina. O olhar está vidrado na pista, e seus dedos apertam o volante. — Não faço ideia, porra!

Sua hostilidade me faz murchar no banco. Tombo a cabeça contra o encosto e aspiro o máximo de ar pela boca, a fim de controlar o turbilhão

que explode em minhas veias e pulveriza minha mente. É puro caos agitando cada pensamento.

Apenas agora percebo que o canivete ainda permanece empunhado na minha mão direita. A lâmina manchada de vermelho, respingando sangue pelos meus dedos e gotejando no jeans. O ferimento em meu braço dispersa fisgadas dolorosas debaixo do curativo, consequência do movimento brusco que fiz ao atacar Callum.

Cerro os dentes com força e engulo a saliva, tentando ignorar a dor. Por garantia, olho para trás e sinto calafrios rasgarem minha espinha ao avistar um par de faróis que despontam sobre o asfalto.

É ele.

— Merda... Finch! Callum está...

— Eu sei, estou vendo. Se abaixe no banco!

Finch gira o volante. O carro dá uma guinada tão brusca que a única coisa que me impede de voar do lugar é o cinto de segurança. Entramos em uma rua taciturna, sem comércio ou moradias. Logo o cenário muda e as construções de tijolos de pedra dão lugar a árvores secas e a montanhas de lixo que ladeiam a estrada.

Estamos saindo de Fossé.

O velocímetro do Mustang está quase em seu limite. A sensação é de que o carro decola sobre o asfalto. Pelos retrovisores, é possível avistar os faróis de Callum atrás de nós.

— Conhece esse pedaço da cidade? — minha voz aflita sobe oitavas quando pergunto.

— O suficiente — Finch sintetiza, concentrado na pista. — Está com o cinto de segurança?

— Sim! E você?

Ele não responde.

Agora, além do medo de sermos alcançados por Callum, temo que Finch perca o controle com a alta velocidade e nos faça sofrer um acidente. Estamos indo rápido, assustadoramente rápido.

Tento assimilar o cenário à nossa volta. Suspeito que já estejamos cruzando os limites de Royaume, levando em conta o matagal que se faz cada vez mais presente. É quase madrugada. Somos os únicos cortando a estrada em alta velocidade, cercados pela vegetação rebelde.

Um grito aflito morre na minha garganta quando um estampido espatifa o vidro traseiro do Mustang. Afundo no estofado para me proteger dos disparos que ricocheteiam na lataria.

— Caralho! Filho da puta! — Finch berra. Por um microssegundo, ele tira o foco da pista e me fita para saber se fui atingida. — Kaylee? Fique abaixada! Não se mexa, vou nos tirar daqui!

Movo a cabeça freneticamente e prendo a respiração. Finch dirige em zigue-zague na pista para driblar os tiros. Retraio os músculos num tranco quando o vidro da janela de Finch se estilhaça. Sullivan solta um palavrão, e eu estremeço de pavor, com lágrimas nos olhos, sem saber se ele foi atingido.

Nós nos aproximamos de uma curva, e Finch não diminui a velocidade. O Mustang avança a todo o vapor, e, quando penso que vamos colidir com as árvores, Finch manobra o volante habilidosamente e nos faz dar um *drift* no asfalto.

O carro retoma a velocidade insana, e mais tiros ecoam. O Mustang se agita bruscamente e meu corpo é jogado para o lado. O carro pende para a esquerda e patina no asfalto. Finch perde o controle, e o Mustang estaca no lugar, em diagonal, no meio da pista.

Não faço ideia do que aconteceu, mas não há tempo para pensar. Olho através da janela de Finch e vejo o carro de Callum acelerando em nossa direção, rumo a uma batida violenta. Agarro o braço de Finch, querendo gritar de desespero, quase cega pelos faróis que se aproximam como o anúncio de uma desgraça.

Callum desvia de nós para se esquivar do impacto que certamente destruiria ambos os veículos. A manobra arriscada faz o carro patinar no asfalto, descontrolado. A velocidade é tanta que, ao passar por nós, o veículo é lançado contra a mata que contorna a estrada.

Com os olhos arregalados, assisto Callum Allen perder a direção do carro até se chocar nos troncos das árvores, espatifando vidros e esmagando toda a dianteira da lataria. Um impacto brutal. O som escandaloso assusta os pássaros da mata, fazendo-os alçar voo.

Não consigo desviar da imagem.

— Ah, meu Deus... — Eu ofego, em choque. Não acredito que estou viva.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas quando olho para Finch. Agarro sua camisa às pressas e inspeciono cada pedaço dele, em busca de ferimentos. Suas mãos seguram meu rosto, desesperadas, enquanto me livro do cinto de segurança.

— Kay! Você está bem? — Seus olhos refletem pânico, focados nos meus. — Porra, me diga se está bem!

Faço que sim, atônita.

— Você foi baleado? — Minha voz treme, segurando o choro. — Finch, ele atirou na sua janela. Você...

— Estou bem. Não fui atingido — ele me assegura. Seus polegares secam minhas lágrimas e afagam minhas bochechas. Ele me leva para mais perto, quase unindo nossas testas. — Estou bem, amor.

Aos poucos, a adrenalina que agita meu corpo se abranda e consigo regular a respiração. Olho ao redor e analiso o terreno. Somos os únicos na estrada.

— Ele deve ter atirado no pneu do Mustang — Finch presume e puxa a chave da ignição. Olha em direção ao carro de Callum e ergue as sobrancelhas. — Caralho... ele bateu com tudo.

— Vamos embora, Finch. Aproveite que Callum bateu e nos tire daqui. Vamos conseguir dirigir por um tempo com o pneu furado, só até acharmos um lugar seguro.

Sullivan, no entanto, não faz menção de ligar o carro.

— Não. Nada garante que isso acabou. Kaylee, me ouça e fique no carro.

Dada a ordem, Finch escapa do veículo. Chamo por ele, aflita, vendo-o marchar direto ao ponto da batida.

Mesmo que tenha ficado preso nas ferragens, Callum ainda pode atirar nele. Pensar nisso me faz saltar do Mustang aos tropeços e correr atrás de Finch. Contudo, conforme me aproximo, vejo que a situação foi ainda mais grave do que pensei.

Paro no asfalto, ao lado de Finch, impressionada com o resultado da batida. Agora, de perto e com o auxílio da iluminação dos postes, vejo os galhos que atravessam o para-brisa e invadem o carro.

Dou mais um passo à frente, saindo do asfalto e adentrando no solo da mata. Finch me acompanha. Olho para a janela do motorista. Está aberta. Graças a isso, enxergo um galho cravado no ombro de Callum. Parece

desacordado, a cabeça pensa para frente e a respiração quase inaudível arranhando a garganta. Uma cascata vermelha escorre pelo seu ombro, manchando o sobretudo e o cinto de segurança.

Fico vidrada na cena, perplexa.

O cheiro de sangue embrulha meu estômago e faz a bile atingir a garganta. Recuo um passo e cubro a boca com a mão. Meus olhos encontram os de Finch, e ele está tão surpreso quanto eu.

— Puta merda — ele murmura, impressionado. Examina cada pedaço destruído do carro e, por fim, se concentra em Callum através da janela. — Ele está vivo. Teve uma perfuração no ombro, mas... vivo e respirando.

Formo um vinco na testa.

Olho para Callum com desconfiança. Como se a qualquer segundo ele pudesse se mover e sacar a arma para atirar em nós.

Arrasto meu cabelo para trás e encaro o céu ao respirar fundo. Tomo um tempo para processar tudo, estarrecida por um sentimento conflitante. É inacreditável. Conseguimos escapar por tão pouco.

Com os lábios entreabertos e os olhos saltados, eu observo as duas pontas da estrada, me certificando de que nenhum outro veículo está vindo para cá. Levo a mão à boca e seguro a ânsia que volta a revirar meu estômago.

Finch permanece enraizado no lugar, encarando a cena trágica sem dizer nada. Chego mais perto dele e sinto o solado dos tênis pegajosos na terra. Abaixo a cabeça e vejo o líquido brilhoso que se espalha pelo local. Vem do carro de Callum.

Eu me agacho para olhar melhor e um cheiro característico invade minhas narinas.

— Está vazando combustível — eu aviso.

Finch também se abaixa para observar o solo umedecido.

— A batida deve ter rompido a mangueira de alimentação do motor ou o tanque. — Ele faz uma demorada análise do estrago.

Fico de pé e evito olhar na direção de Callum.

— Temos que sair daqui, Finch. Antes que algum carro cruze a estrada.

Ele se levanta e me encara.

— Não podemos deixá-lo aqui desse jeito.

— O quê? Mas o que mais poderíamos fazer? Não dá pra chamar a polícia ou a ambulância sem atrair suspeitas.

Finch enruga o cenho e move a cabeça negativamente, me mostrando que não foi isso que ele quis dizer.

— Não estou falando disso, Kaylee. Estou dizendo que não podemos deixá-lo para trás. — Aponta para o carro amassado. — O que acha que Callum vai fazer depois que acordar e se recuperar? Estaremos acabados. Além do mais, a roupa dele deve estar cheia de material genético. Podem encontrar nosso DNA e todo esse tipo de merda, ele pode armar para nós. Mas, se resolvermos isso agora e do jeito certo, podemos fazer parecer que foi apenas um acidente.

O alívio de minutos atrás dá lugar a um novo medo.

Expulso o fôlego e cruzo os braços, tentando controlar o nervosismo. Encaro o corpo desacordado do delegado e faço a pergunta:

— Quer tirá-lo daqui? — Há recusa em minha voz. Não quero fazer isso.

— É claro que não. — Sua resposta me confunde. Eu o encaro perdida. — Vamos deixá-lo exatamente onde está. E vamos aproveitar isso — aponta para o solo —, o vazamento de combustível. É tudo o que precisamos. Algo inflamável o bastante para causar um...

— Incêndio — eu completo, assimilando a ideia. — Uma batida de carro que resultou em um incêndio devido ao vazamento de combustível.

Finch concorda com a cabeça. Ele enfia a mão no bolso do jeans e puxa algo de lá. Mediante às luzes dos postes, vejo que se trata de um isqueiro.

Meu olhar oscila entre Finch e o delegado.

Os ombros de Callum se movem lentamente, acompanhando a respiração fraca. Além do ferimento em seu ombro, ele parece intacto. Sem concussões no rosto ou lesões mais graves.

Engulo a saliva e um bolo cresce em minha garganta. Olho para Finch e organizo minhas palavras.

— Certo... faz sentido, mas... — discorro, o receio transbordando em minha voz — ele está vivo.

Finch não titubeia diante do óbvio. Pelo contrário. Seu olhar transmite convicção quando ele decreta:

— Por pouco tempo. Se depender de mim, ainda hoje ele estará batendo nas portas do inferno.

Um calafrio permeia meu corpo.

Abro a boca, pronta para protestar contra a ideia macabra, simplesmente porque parece monstruoso carbonizar o corpo de uma pessoa *viva*.

*Assassinar alguém.*

Por outro lado, uma voz instintiva ganha força em minha mente. Ela me diz que Finch tem razão. Que estamos em um jogo de sobrevivência. Que entre viver ou morrer, o mais sábio é escolher o caminho para a autopreservação.

Minutos atrás, naquele galpão, implorei que Finch deixasse Callum viver, e isso quase custou nossas vidas.

*Por tão pouco*.

Entro num maldito conflito interno, incapaz de opinar. Fico estática, apenas assistindo.

Finch acende o isqueiro. Não há um pingo de hesitação em seu olhar. A luminosidade alaranjada da chama reluz em suas íris negras enquanto ele encara o corpo do delegado.

— Isso acaba aqui, Kaylee — ele me avisa.

— Finch, você... tem certeza disso? Eu não quero que faça algo do qual pode acabar se arrependendo... porque... não tem mais volta e...

Finch apaga o isqueiro, e as íris obsidianas me encontram. Ele vem em minha direção, tão próximo que seu calor me envolve.

— Esse filho da puta tentou te matar duas vezes! Está fora de controle! Se ele quiser tentar outra vez, terá que voltar do inferno antes. — Sullivan segura meus ombros, certo de suas palavras. Há rancor brilhando em seus olhos. — Eu prometi que não deixaria ele tocar em você e vou cumprir a promessa. E eu nunca, jamais, vou me arrepender disso, Kaylee.

Fico em silêncio, fitando a tempestade em seus olhos.

A Kaylee Clark de meses atrás jamais concordaria com ele. Havia muito dela que se recusaria a fazer parte de algo tão sombrio. Ela possuía um manual de conduta que a impedia de descer tão baixo. Ela não queria se sujar. Entretanto, o meu “eu” de agora não é capaz de contestá-lo. Entendo

o peso e a gravidade dessa decisão, e, ainda assim, me vejo dando razão ao Finch.

Callum Allen é um homem desalmado. Tentou me matar duas vezes. Manteve Finch trancafiado em uma cela, sendo espancado a seu comando por dias. É a porra de um monstro!

Talvez... ele mereça isso.

E é com essa convicção que lentamente eu anuo com a cabeça, dando meu aval para que Finch prossiga.

Eu aceito.

É a nossa saída.

Ou ele, ou nós!

— Não precisa ver isso se não quiser — Finch me alerta. — Pode voltar pro carro e me esperar lá.

Olho demoradamente para ele. Depois, fito Callum Allen inconsciente dentro do veículo destroçado. Movo a cabeça devagar e torno a encarar Finch.

— Não. Eu vou ficar bem aqui. — Dou um passo em sua direção e ato nossas mãos. — Estamos juntos nisso, Finch. Você e eu.

Percebo a surpresa em seus olhos. Está ali, refletida junto à ira, ao cansaço e à determinação. Ele umedece os lábios e enche o peito de ar, concordando em silêncio.

Finch pede para que eu me afaste dos destroços. Obedeço e subo no asfalto. Inspiro fundo pela boca, suando frio, com o coração agitado martelando em meus ouvidos.

Finch acende o isqueiro e o aproxima da folhagem seca que forra o solo. Uma pequena fagulha entra em contato com as folhas. As labaredas se espalham pela trilha de combustível. É instantâneo, como mágica. O laranja e o vermelho dançando pelo solo e traçando um caminho até o carro. Não demora até que outras labaredas comecem a subir pela lataria, alimentadas pelo vazamento de gasolina.

Finch se afasta do carro e vem até mim. Ficamos lado a lado na estrada, assistindo às chamas se erguerem pela carcaça e interior do veículo. As labaredas dançam com agressividade, consumindo tudo o que tocam e fazendo os metais do carro estalarem e se contraírem com o calor.

Um cheiro enjoativo e amargo de carne queimada se ergue. Meu semblante congela, e eu nem mesmo pisco. Vejo o contorno feroz das chamas envolver o corpo de Callum.

Queimando-o *vivo*.

A palavra reverbera em meus pensamentos. E, ao contrário do esperado, não me sinto consumida pela culpa. Não existe nenhum resquício de remorso pesando nos meus ombros enquanto assisto à vida de um homem sujo se esvair bem diante dos meus olhos.

De uma forma insana, tudo o que sinto é alívio.

Franzo o nariz, enojada com o odor forte que empesteia a estrada; uma mistura confusa entre gasolina e carne tostada. Ao som de uma explosão no interior do carro, uma chama poderosa se espalha, não deixando que nada escape do seu alcance.

Finch e eu recuamos na pista e nos afastamos do incêndio que começa a se espalhar pelas árvores próximas.

Talvez isso provoque uma queimada de proporção alarmante na mata. Não há como saber. Tudo que podemos fazer agora é deixar queimar. Cada evidência que poderia ser usada contra nós se tornando meras cinzas, esmaecendo junto ao corpo carbonizado dentro do carro em chamas.

Quando Finch segura minha mão e me puxa para mais perto, eu o abraço, urgente. Aperto-o firmemente em meus braços e enterro o rosto em seu peito, buscando aconchego. Ele beija o topo da minha cabeça e sussurra:

— Acabou, Kay. Vamos para o carro.

É o que fazemos.

Enquanto o incêndio se alastra, nós voltamos ao Mustang.

Finch liga o carro. Com certa dificuldade, o veículo se move. A carroceria está pensa para a esquerda, mas, ainda assim, o Mustang vai adiante pela estrada, trabalhando com os três pneus que lhe restaram e nos distanciando do incêndio.

Meses atrás, quando Finch atravessou minha janela, jamais poderia prever que chegaríamos em um ponto tão crucial. Lutando por sobrevivência e quebrando regras que jamais imaginei ultrapassar.

Cúmplices.

Acho que é uma boa definição para o que viramos. Parceiros de crime e amantes.

Respiro fundo e descanso o corpo dolorido no banco, agoniada pelas náuseas, sentindo o gosto da bile na garganta.

Encaro o retrovisor e vejo, lá ao longe, o incêndio feroz que deixamos para trás. O corpo carbonizado dentro de um carro. Um desastre se alastrando em forma de chamas vívidas pelo matagal.

O homem que tentou nos matar esta noite. Agora, morto.

# 09



## Finch Sullivan



Foi um desafio conduzir o Mustang com a direção pesando uma tonelada para a esquerda e a carcaça reclamando a cada metro percorrido.

No entanto, apesar do contratempo com o pneu furado, conseguimos nos afastar do trecho da estrada onde abandonamos o corpo de Callum.

Com o carro nesse estado, seria impossível dirigir até o hotel na saída de Faigan. Por isso, peguei um desvio e retornei à região de Royaume através de uma nova rota, visando qualquer lugar seguro onde eu poderia dar um jeito no pneu furado.

Kaylee não disse nada quando percebeu que estávamos voltando ao Fosso. Durante todo o percurso, permaneceu muda no assento, apertando os nós dos dedos e observando o entorno através das janelas. A musculatura rígida. Costas eretas. Os olhos despertos e vigilantes, como se temesse uma ameaça à espreita.

Acho que a merda que rolou na estrada foi demais para a Clark.

Quero perguntar se ela se arrependeu, mas, em contrapartida, não sei se quero ouvir a resposta. Vou me sentir estranho pra caralho se Kaylee disser que sim.

Não me importo nem um pouco com a vida de Callum Allen. Ele era um verme desprezível e merecia a morte mais impiedosa que o universo pudesse lhe conceder. Apenas dei a ele o que era seu por direito. Faria

aquela porra mil vezes se necessário, sem titubear e sem um pingo de culpa. Só não quero que Kaylee me veja como um monstro.

Essa é a única coisa que me destruiria.

Durante muitos anos, mergulhei numa vida criminosa. Arruinei muita gente inocente, enchendo-os de droga e depois caçando-os como se fossem animais, sem piedade. Hoje dei um passo além, foi a primeira vez que acabei definitivamente com uma vida. E, por mais bizarro que seja, dar esse passo e me corromper mais um pouco valeu a pena. Porque fiz isso pela garota mais preciosa que já conheci. Foi por ela. Não sinto remorso, nem de longe.

Sujar minhas mãos dessa maneira estava longe dos meus planos quando saí de Middleton. Contudo, de alguma forma, cada dia mais estou abraçando as velhas sombras que me adornam e que fazem parte de quem eu me tornei.

Por muito tempo eu as odiei. Achei que fossem uma maldição. Mas foram elas que me ajudaram a continuar de pé quando tudo desmoronou. Como um combustível que move meu instinto de sobrevivência. Sem dúvidas, foram essas sombras entranhadas no meu cerne que me tornaram capaz de lutar para proteger Kaylee hoje. Foram elas que me fizeram ter a coragem de enfrentar Andrew. Elas me fizeram abater cada oponente na porra do ringue e destrocá-los como se não fossem nada. Por dinheiro e sobrevivência, como em uma selva.

Estou mesmo na porra de uma selva, vamos aos fatos. Então talvez eu precise mergulhar nessas sombras mais do que jamais pensei.

Paro o carro rente à calçada, a poucos metros do Kochs. Desligo o motor e relaxo as costas no banco. Estão tensas feito uma rocha, igualmente aos meus ombros sobrecarregados. Até minha cabeça pesa. Expulso o fôlego demoradamente e olho de esguelha para Kaylee.

— Não precisa sair do carro se não quiser. Vou só dar um pulo lá fora e encontrar alguém para dar um jeito no pneu — aviso.

— Eu preciso de um ar. Vou com você — Sua voz soa fraca, um murmúrio distante.

Kaylee parece aérea, um olhar vago e ausente. Posso apostar que seus pensamentos continuam presos no que ocorreu na estrada. Ela pode estar fisicamente dentro do carro, mas sua mente está muito longe daqui.

Não digo nada a respeito porque, honestamente, não sei o que ela quer ouvir.

Saio do Mustang, sendo seguido por Kaylee. É mais de uma hora da manhã, e damos de cara com uma madrugada agitada no Fosso. Carros estacionados ao longo da rua e grupos dos mais diversos marcando presença nas calçadas. O pico de movimentação se concentra mais ao longe, próximo à entrada do Cerberus.

Trago Kay para mais perto de mim. Guio-a para o canto da calçada e cubro os ombros dela com meu braço. Ela aceita a aproximação, segura sob o meu amparo.

Meus olhos correm de um lado para o outro, vigilantes. Estou preparado para o pior, deixando as paranoias criarem um filme detalhado na minha cabeça. Imagino o momento em que luzes e sirenes vão despontar de todos os lados, prontas para me encurralar. Então, os tiras colocarão algemas nos meus pulsos e serei preso por matar Callum Allen.

Preso por assassinato.

O cenário catastrofista que crio é tão real que faz um calafrio atravessar meus ossos.

Balanço a cabeça para afastar os devaneios.

Não houve testemunhas. À essa altura, o corpo de Callum já deve ter virado uma pilha de ossos e cinzas. O carro destruído, apenas ferro e fuligem para contar história. Não sobrou nada que me incrimine.

Nada!

Em meio ao fluxo de gente, reconheço o sujeito que se aproxima na calçada. A figura alta e musculosa, de cabelos e barba ruivos, carrega uma garrafa de cerveja na mão.

Devan Lancaster.

Ao lado dele, uma mulher de longos cabelos negros que nunca cheguei a ver por aqui.

— Sullivan! — ele me cumprimenta de longe e vem em minha direção, acompanhado pela mulher desconhecida.

Noto a maneira com que Kaylee diminui as passadas e endurece os ombros, hesitante em prosseguir. Ela olha para Lancaster cheia de receio. Afago seus ombros para tranquilizá-la.

— Ei, Devan! — o cumprimento de volta, tentando soar natural. Quero parecer despreocupado, como se fosse uma noite comum e eu não tivesse acabado de carbonizar um corpo. — Isso aqui tá lotado hoje à noite — comento, jogando conversa.

A mulher ao lado de Devan me fita da cabeça aos pés, curiosa. Em seguida, faz o mesmo com Kaylee. O par de olhos esverdeados, a pele branca e bronzeada e os cabelos longos e escuros não me parecem nada familiares.

Devan toma uns goles da cerveja e aponta para o Mustang atrás de mim.

— Ei! O que houve com o carro? Os vidros traseiros estão detonados e... o pneu furou? — ele questiona, impressionado com o estado do Mustang.

Antes que eu responda, ele passa por nós e vai até o carro. Apoia a garrafa de cerveja no teto do Mustang e se abaixa para averiguar o estrago no pneu traseiro. Após uma breve análise, solta um longo assobio e ri pelo nariz.

— Esse buraco no pneu foi feio, hein! — afirma, observador.

Devan se põe de pé e arrasta os olhos pela carcaça do Mustang. Algo chama sua atenção, e ele toca a traseira do carro. Seu polegar contorna o furo arredondado que arromba a lataria, próximo à lanterna direita.

Com as sobrancelhas vincadas e um semblante intrigado, ele me fita.

— Janelas estilhaçadas, pneu furado e isso aqui... — Dá duas batidinhas na traseira do carro e estala a língua, pensativo. — Olha, eu tenho certa experiência nisso e preciso perguntar. Isso aqui é um buraco de bala? Meteram bala no Mustang e por isso o carro ficou desse jeito?

*Mas que porra!* Minha tentativa de passar despercebido foi pelos ares. Comprimo os lábios para não ralhar um palavrão, puto.

Removo o braço dos ombros de Kaylee e me viro para ela. Toco seu queixo e ganho seu olhar.

— Pode me esperar lá dentro? — Indico a entrada do Kochs.

Ela olha para trás sobre o ombro, fitando a fachada do bar, e volta a me olhar.

— Tudo bem, mas não demore. Por favor.

Sorrio fraco e assinto.

— Eu prometo.

Kaylee recua e gira nos calcanhares para marchar até as portas do Kochs. De forma nada sutil, a garota que acompanha Devan faz o mesmo, se dirigindo ao bar e puxando assunto com Kaylee no meio do caminho. As duas passam pelas portas do Kochs e somem do meu campo de visão.

Encho os pulmões de ar e dou meia-volta. Encaro Devan e me preparo para seu maldito interrogatório. Apesar do esforço, não consigo esconder a tensão que me corrói. Ele se recosta no Mustang, relaxado, e resgata a garrafa de cerveja do teto do carro. Aponta para mim com um olhar esperto.

— Pela sua cara, acho que acertei em cheio — ele presume, confiante. — São marcas de tiro no carro.

Dou de ombros.

— É... algo assim.

Devan vê graça. Ele sabe que sou um cara de poucas palavras, mas, ironicamente, isso parece aguçar seu interesse. Curioso demais para descobrir que merda eu posso estar escondendo. Ele toma um pouco de cerveja e emenda:

— Em que tipo de bosta anda se enfiando, Sullivan? Devo me preocupar?

— E por que se preocuparia?

— Cara, eu te contratei para um serviço. O mínimo que espero é que o faça de uma vez, e não que perca a vida se metendo em encrenca antes de encerrarmos nossa pendência.

Ensaio um sorriso apático que mal chega a repuxar os lábios. Só quero encerrar esse assunto de uma vez.

— Não se preocupa. Precisei resolver uns lances, mas já tá tudo sob controle.

Devan meneia a cabeça, concordando. As sobrancelhas se erguem ligeiramente e os olhos semicerram. Devan me estuda por um tempo, algo parece diverti-lo.

— Por isso pegou as chaves do galpão da rua Saint Malo com o Manfred hoje e deu uma nota para ele ficar de boca fechada? — despeja a questão num tom retórico.

Minha expressão se transforma. Eu vinco o cenho com seriedade e entreabro os lábios para retrucar, mas nem uma palavra sai. É automático o

ato de enrijecer os ombros e adotar uma postura ofensiva.

Na mesma hora, Devan ergue a mão livre num gesto de trégua.

— Ei, não esquenta! Só estou dizendo isso porque gosto de monitorar o que rola no Fosso. É a minha área, tenho que ficar de olho em tudo. Querendo ou não, as coisas acabam chegando em mim. Mas, dessa vez, que bom que chegou.

Crispo as sobrancelhas e firmo um olhar arredio, sem entender aonde ele quer chegar.

— O que quer dizer com isso?

Devan solta um suspiro resignado e apoia um braço no teto no Mustang.

— Fui até o galpão minutos atrás — revela. Ingere uns goles da bebida e continua: — E, pelo visto, você não resolveu tão bem assim os seus "lances", porque encontrei um revólver jogado lá no chão.

*Puta que pariu!*

Apesar do choque, não esboço reação. Mantenho-me neutro, como se não houvesse nada com que me preocupar. Mas meus batimentos aceleram e minha mente é martelada por paranoias.

— Onde está a arma?

— Ela é sua? — rebate, arqueando uma sobrancelha em desafio.

— Não. Mas não é algo que eu gostaria que ficasse jogado por aí.

— Sendo assim, não tem com o que se preocupar. Peguei a arma, ninguém vai achá-la.

Engulo a saliva, dando meu melhor nesse maldito teatro ao mascarar minha apreensão.

— O que fez com ela?

— Apenas guardei, Sullivan. Costumo repassar esse tipo de material quando está em bom estado, como era o caso. É uma GX4 praticamente nova. Se não for querê-la, vou raspar a numeração e despachar as peças junto com uma carga que vai sair do estado nessa semana. Vai virar mercadoria.

Anuo devagar, refletindo a possibilidade. Até que não é má ideia. Na real, seria ótimo se a numeração do revólver fosse raspada e as peças revendidas, assim jamais poderiam identificá-la pelo registro e proprietário.

Melhor ainda se fosse despachada bem longe do Colorado, onde ninguém saberá que ela pertenceu a Callum Allen.

É, bem a calhar.

— Pode se livrar dela, cara — decido. — Mas... só se certifique de que a numeração será mesmo raspada.

Devan assente com a cabeça, devagar. Com os olhos cerrados, ele me sonda como quem tenta desvendar um enigma. Já sacou que há algo a respeito desse revólver que eu não quero que venha à tona. Entretanto, para o meu alívio, ele não protesta ou faz mais perguntas.

Decido mudar o foco da conversa.

Enfio as mãos nos bolsos da calça e caminho ao redor do Mustang, avaliando as três marcas de bala maculando a tintura impecável da traseira do automóvel. Metade do vigia está estilhaçado; o restante, trincado ao meio.

É uma merda ver meu carro detonado. Depois de tanto tempo com ele, me apeguei pra cacete, confesso.

— Caralho... foi um puta estrago na parte traseira. Que merda! — eu resmungo, chateado. — Conhece alguém que pode dar um jeito rápido nisso?

— Na verdade, eu conheço. — Devan se aproxima e para do meu lado, averiguando a traseira do carro. — Tem uns caras que vão deixar essa belezinha nova em folha. Consigo um preço camarada pra você. Acho que vão levar uns dias para dar um talento nos vidros e na lataria, mas o pneu podemos dar um jeito agora. Posso chamá-los aqui. Tem ferramentas no carro?

— Sim, tenho tudo na mala. Só preciso de um pneu novo.

Desvio minha atenção de Devan e foco na mulher que acaba de escapar do Kochs. A tal garota que acompanhava Lancaster minutos atrás. A desconhecida é jovem, talvez tenha a minha idade. Um rosto bonito e um corpo tão admirável quanto. O cabelo preto e liso está solto, caindo sobre a jaqueta de couro que ela veste. Seus olhos me esquadrinham com um interesse nada discreto.

Devan também percebe a aproximação da morena. Ele bufa, visivelmente contrariado com a chegada dela. Mira um olhar reprovador sobre ela e soa exausto ao ralhar:

— Será que não pode circular e nos dar um espaço?

A garota não se abala pela grosseria. Olha ele de queixo erguido e dá mais um passo em nossa direção.

— Não, vou ficar por aqui — decreta com serenidade e volta a me focar. — Quem é você?

Minha testa se enruga, e adoto minha habitual faceta antipática, aquela que costumo usar na maioria das vezes, sobretudo quando estou sem saco para papo furado.

De cara fechada, examino a mulher de cima a baixo.

— Por que quer saber?

— Bom, nunca te vi por esses cantos e você e Devan parecem amigos... — justifica-se com naturalidade. Ela recosta o corpo no meu carro, de braços cruzados. Devan mira um olhar reprovador sobre ela, mas a garota não dá a mínima. — Cheguei na cidade há uns dias, estou tentando me enturmar. Sua namorada me disse o nome dela, não custa me dizer o seu — encerra com um sorrisinho que não atinge seus olhos.

Dou uma olhadela na direção do Kochs, mas não há sinal de Kaylee. Ela continua lá dentro. Me pergunto sobre o que ela e essa maldita enxerida poderiam ter conversado durante o tempo que passaram no bar.

— Sofia, esse é o Sullivan — Devan sana a curiosidade dela ao esclarecer. — Ele luta no Cerberus. Aliás, já consegui uma grana alta apostando nele — dá um tapinha em meu ombro ao acrescentar, bem-humorado —, obrigado por isso!

— Argh... o Cerberus... aquele lugar nojento. — A tal Sofia revira os olhos de forma desgostosa. Ela me fita de cima a baixo com quem avalia uma mercadoria. — É uma pena que frequente aquele buraco.

Devan solta um riso nasalado, desdenhoso, e volta a beber a cerveja. Percebo que só está fazendo isso para não perder a paciência e rebater a fala da garota. Não sei que tipo de lance rola entre eles, mas dá para sentir um ar hostil rodeando os dois.

Subo na calçada e digo a ele:

— Consegue chamar o pessoal do conserto pra dar um jeito no pneu? Vou ali no Kochs buscar a Kaylee, mas já volto.

— Tranquilo, vai lá! Vou ligar pros caras.

Assinto.

Dou as costas a eles e marcho até o Kochs. Entro no bar e me deparo com um salão lotado, música tocando e vozes e risadas dominando o ambiente. Desvio das mesas cheias e parto na direção do balcão, onde avisto Kaylee sentada em um canto. Eu me apresso para alcançá-la, e Kay se levanta da banqueta.

Ela se mostra mais calma. Os ombros parecem relaxados, os olhos não estão mais vidrados e absortos como quando saímos da estrada. Capturo a mão dela entre as minhas, notando sua palma fria feito gelo, e a trago para perto.

— O que aquela garota queria com você? Vi que ela te seguiu até aqui — comento.

— Ela queria arrancar coisas de mim. Ficou me perguntando quem eu era, de onde vim e que tipo de contato temos com Devan. Quem é ela?

— Não sei. É a primeira vez que a vejo aqui. Mas parece ser da confiança do Devan. Caso contrário, ele não estaria andando ao lado dela. Agora, vem comigo.

Segurando-a pela mão, eu a conduzo até os fundos do bar. Seguimos por um corredor estreito que nos leva ao banheiro. Entramos juntos no cubículo ladrilhado, e eu fecho a porta atrás de nós.

Kaylee se adianta até a pia e abre a torneira. Empurra os cabelos compridos para trás dos ombros e enche as mãos com água fresca para enxaguar o rosto. Repete o processo algumas vezes, como que para despertar. Em seguida, encara sua imagem no espelho e respira fundo.

Kaylee puxa o canivete do bolso da jaqueta e aciona a lâmina, que está toda suja de sangue. Ela o coloca debaixo da água corrente para limpá-lo. Apanha algumas folhas do porta-papel e seca a lâmina cuidadosamente, para guardá-la de volta no bolso.

Fico somente assistindo quando Clark despeja uma quantidade generosa de sabão líquido na mão para lavá-las, livrando-se dos resquícios de sangue. Executa cada tarefa de forma mecânica, pilhada demais para parar.

Chego mais perto dela, meu torso quase tocando suas costas, e seguro sua cintura. Nossos olhares se cruzam através do espelho. Esperava que ela estivesse pálida e assustada. No entanto, Kaylee parece apenas tensa e agitada.

Aproximo o rosto do topo da cabeça dela. Sou recebido pelo cheiro gostoso que vem dos fios volumosos. Afundo levemente meu nariz entre os cachos para inalar mais do aroma convidativo. Isso me acalma de uma forma que nem sei explicar. Beijo sua cabeça e levo minha boca até a orelha dela.

— Me desculpa por ter gritado com você no carro. Eu estava surtando.

— Eu também estava.

— Mesmo assim, sinto muito. Eu nem sei o que faria se tivesse te perdido hoje. — Meus braços dão a volta em sua cintura, e eu suspiro. Prendo-me a ela urgentemente. — Eu mataria Callum, mas também morreria por dentro.

— Não fale assim, Finch.

Beijo a cabeça dela novamente, incapaz de soltá-la. As mãos dela se atrelam aos meus braços, e Kay descansa o rosto no meu ombro.

— Como você está?

Kaylee se vira para mim. Seu olhar despenca junto aos seus ombros cansados.

— Eu... não sei. É... estranho — confessa.

— Sei que é. Mas não tinha outro jeito. — Meus dedos apertam suavemente sua cintura, e ela ergue o olhar para mim. — Callum merecia aquilo. Na verdade, ele merecia coisa muito pior, aquilo foi fácil demais para alguém como ele. Não fique se sentindo mal. Você não fez nada. Fui *eu*.

— Finch, não precisa me explicar. Eu sei disso. Não sinto remorso pelo que aconteceu ao Callum. Ele era um monstro. Não me arrependo! — A declaração me surpreende. Seus olhos acobreados mostram determinação. — Entendo as circunstâncias. Era ele ou nós.

Fico calado por um bom tempo, processando sua fala.

É um puta choque de realidade ver que a mulher diante de mim não é mais a mesma que apontou uma arma na minha cara meses atrás. Quero dizer, sua essência permanece. Ainda assim, Kaylee mudou em aspectos decisivos, assumindo uma postura selvagem e fria quando necessário. Às vezes, manipuladora. Tomando decisões que posso apostar que jamais tomaria antes de me conhecer. Trajada em uma armadura de coragem, pronta para lutar, resistir e jogar com a artilharia ao seu alcance. Eu me pergunto o quanto de influência eu tive nisso.

Em corrompê-la.

A sensação é estranha. Um misto de orgulho, porque ela é a pessoa mais destemida que já conheci, mas também de medo, porque não quero que ela se perca no meio de tanta podridão.

Os dedos de Kaylee deslizam pela minha camisa e se agarram na barra dela. Viajo nos traçados encantadores do seu rosto. A beleza dos seus olhos que beiram a cor de uísque me fascina.

Kay inspira devagar e libera o fôlego em um suspiro pesado.

— Finch, minha única preocupação é em relação ao que faremos agora. Tenho medo de que isso não tenha acabado. E se... o fogo se apagou e se... restarem vestígios que...

— Ei — digo, baixinho, e toco o queixo dela. Meu polegar acaricia a linha delicada da sua mandíbula. Isso a acalma. — Não vão descobrir porque fui cuidadoso e fiz do jeito certo. Com a quantidade de combustível vazando, aquele carro virou uma fornalha. Quando o encontrarem, os restos mortais serão cinzas. Sem sangue, nada, apenas ossos queimados. Vai parecer um acidente qualquer, não teriam por que pensar o contrário.

— Quero muito acreditar nisso. — Os braços dela envolvem meu tronco, e Kaylee se aninha em mim.

Eu a abraço de volta, contemplando cada milésimo da sensação. Tê-la embrulhada pelo meu calor, tão bem guardada em meu aperto, me dá vontade de mantê-la assim para sempre. Protegida. Ela deita o rosto no meu ombro e sua respiração suave pincela meu pescoço.

— Eu só quero me sentir em paz, sem medo de tudo dar errado. Só isso — sussurra.

— E nós vamos — garanto, como se tivesse poder para tornar isso realidade. — Confie em mim, dará certo.

Ela se solta do abraço e ergue o rosto para mim. Encaixo os dedos na lateral do rosto dela e arrasto seu cabelo para trás da orelha.

— Me prometa uma coisa — começo, olhando dentro dos seus olhos —, vamos esquecer que aquilo aconteceu. Não importa o que apareça nos jornais amanhã, nunca mais vamos tocar nesse assunto. Tudo não passou de um acidente, e não tivemos nada a ver com aquilo. Não sabemos de nada, não vimos nada, nem sequer estávamos por perto. E vamos ficar bem.

Ela concorda com a cabeça. Umedece os lábios e reúne fôlego.

— Nada aconteceu — ela repete com convicção, aceitando o pacto de mentira. — Nada aconteceu hoje à noite!

Fito sua boca, os lábios carnudos que eu amo. Seus olhos castanho-claros que me fazem refém. O rostinho inocentemente dócil que esconde mil facetas. É impressionante.

Estou viciado nessa mulher.

Escorrego os dedos para trás da orelha dela ao arrastar uma mecha do seu cabelo. Meus toques deslizam pela tatuagem dos corações-sangrentos e descem pela lateral do seu pescoço. Clark encolhe um pouco os ombros, sensível com o carinho. As íris cintilam para mim, e eu sinto que isso é tudo o que preciso. Imergir na intensidade fascinante dos seus olhos e sentir sua pele macia são os meus combustíveis.

Estalo um beijo em sua testa.

— Agora você precisa descansar. Está exausta.

— Acho que estou mesmo. Também preciso trocar o curativo. Meu braço está dolorido.

— Vamos fazer o seguinte. Depois de trocar o pneu do carro, vou dirigir até o hotel. Vamos dormir e, amanhã bem cedo, vou te levar para sua casa, e você vai poder cuidar do ferimento com um médico de verdade. Agora que Callum se foi em um... *acidente*, não precisa mais se esconder.

Kaylee assente, e suas mãos alisam o meu peito.

— E você? Não vai voltar para casa? — Soa mais como um pedido do que como uma pergunta.

— Eu ainda não posso, Kay. Enquanto meu irmão estiver por aqui, vou continuar no hotel. — Amparo o rosto dela com as duas mãos, necessitando senti-la. Seus olhos emotivos brilham, banhados de vulnerabilidade. — Isso significa que vamos nos ver menos vezes do que eu gostaria daqui para frente. Mas não podemos arriscar. Andrew não pode saber sobre você.

Seus olhos tremeluzem, desolados. Isso acaba comigo. Quero guardá-la nos meus braços com toda a força do meu ser e prometer que isso acabará o mais rápido possível. Que logo não precisaremos ficar longe um do outro. Mas não posso.

Porra... não posso prometer algo que está totalmente fora do meu alcance.

— Então me deixe ficar no hotel por mais alguns dias. Não vejo problemas em passar mais um tempo fora de casa. Posso ficar com você lá

— ela sugere, esperançosa.

— Gatinha, você precisa voltar para a sua vida. Não pode continuar escondida comigo. Se algo der errado e Andrew me achar, você precisa estar longe, protegida. Mas nós vamos nos ver.

Ela segura meu rosto. Seus olhos se enchem de lágrimas na mesma medida que os lábios trêmulos se comprimem, fazendo força para não chorar. Ver Kaylee tão arrasada abre uma cratera no meu peito. Parece que uma pedra entalou na minha garganta, me impedindo de falar e até de respirar.

Com a voz vacilante e os olhos marejados, ela externa:

— Por favor, me diga que não fará nenhuma besteira e que vamos poder nos encontrar no hotel sempre que possível. Me prometa que não vai embora da noite para o dia e me deixará para trás, Finch.

Sua angústia me dói. Meu coração é esmagado no peito.

— Amor — toco nossos lábios e seco as lágrimas que descem pelas suas bochechas —, não vou embora sem avisar. Tem a minha palavra. Vou ficar no hotel pelo tempo que for necessário, mas não vou fugir de Faigan ou de você.

Mesmo chorosa, minha garota suspira, aliviada. Kay ergue o rosto e sela nossos lábios. Posso sentir o gosto salgado das lágrimas enquanto seus braços contornam meu pescoço para encerrar de vez nossa distância.

Meu coração se torna uma máquina desenfreada. Indo à loucura por Kaylee Clark.

Disse muitas vezes a Kaylee, e até a mim mesmo, que iria embora de Faigan sem olhar para trás se esse momento chegasse. No entanto, agora que preciso, acho que nem conseguiria. Sinto como se estivéssemos acorrentados e que, mesmo que eu fugisse para longe daqui, esse elo forte me puxaria de volta.

É um dilema entre o que "eu sei que devo fazer" e o que "eu definitivamente não quero fazer". Não quero me afastar de Kaylee. Não quero perdê-la. Não quero me desprender do êxtase que essa mulher é capaz de causar em mim. Eu não quero deixá-la e partir.

*Mas eu deveria*.

Saber disso me massacra.

# 10

## Kaylee Clark

"*Tragédia em Faigan: acidente de carro tira a vida do estimado delegado Callum Allen. A colisão provocou incêndio de grandes proporções na região leste da cidade, na madrugada do último domingo*."

Essa foi a manchete que estampou os jornais locais durante os últimos quatro dias. Não se fala em outra coisa senão do terrível acidente que ceifou a vida do delegado Allen de forma abrupta e precoce.

De acordo com as reportagens que venho acompanhando religiosamente, quando os bombeiros chegaram ao local do acidente, o corpo de Callum estava carbonizado e irreconhecível. Quem acompanhou de perto descreve a cena como traumática e perturbadora.

Até o momento, acredita-se que o incêndio que consumiu o carro e tomou parte da mata foi resultado do vazamento de combustível, causado pela batida violenta após Callum ter perdido a direção. Na mesma reportagem, especialistas relatam que esse tipo de ocorrência não é tão incomum e apontam que problemas no sistema elétrico podem dar início ao incêndio no automóvel.

Finch tinha razão. Incendiar aquele carro e deixar que as chamas consumissem qualquer vestígio que pudesse nos comprometer foi a decisão correta. Nenhuma das análises feitas na carroceria destruída do veículo ou na autópsia do cadáver revelaram qualquer anormalidade que pudesse

despertar suspeitas. Todos estão encarando a morte de Callum Allen como uma terrível fatalidade, e nada mais.

Um acidente.

Enquanto continuarem acreditando nessa exata versão dos fatos, vou poder respirar tranquila.

Embora seja um alívio saber que Callum está morto, minha mente permanece atribulada. Afinal, Finch continua isolado no hotel, e, graças à ameaça que seu irmão trouxe à tona, tem sido cada vez mais complicado encontrá-lo.

A última vez que o vi pessoalmente foi na manhã do domingo, após o "acidente", quando ele dirigiu até La Victoire e me deixou em casa. Nem faz tanto tempo, mas meu peito já está se rasgando de saudade. É impossível ignorar a sensação de que, a qualquer momento, Finch poderá desaparecer sem se despedir ou deixar rastros.

Meu coração atrofia de angústia sempre que o pensamento me invade.

Atravesso os corredores de Monsieur Calliste, e sinto que posso ser engolida pelos meus devaneios e temores enquanto transito entre o fluxo de alunos que escapam de suas aulas.

Desde segunda-feira, estive atenta ao falatório que assolou os corredores. Um misto de comentários pesarosos acerca do acidente e especulações a respeito de Hunter Allen. Após o falecimento do pai, ele não retornou à faculdade, e apenas os amigos mais próximos da fraternidade Lefevre parecem ter notícias dele. E isso, é claro, está despertando a curiosidade das pessoas.

Ainda ontem, Margaret Allen concedeu uma entrevista aos noticiários e revelou-se muitíssimo abalada pela trágica morte do marido. A cerimônia em memória de Callum está acontecendo hoje, em Émeraude. Isso é o máximo que sei sobre os Allen até o momento.

Escapo do bloco norte pelo saguão e atravesso parte do campus, rumo ao estacionamento principal. De longe, avisto Nash e Ve ao lado do Argo vermelho, esperando por mim. Aperto o passo, desviando dos demais campistas que buscam por seus veículos e se reúnem em vagas desocupadas para bater papo.

A corrente de vento gelada me faz abraçar o corpo e investir em uma corridinha na direção dos meus amigos.

O porta-malas do carro está aberto. Nash está ajudando Verônica a guardar uma caixa de papelão que parece lotada de bugigangas. Chego mais perto e paro logo atrás deles. Fico na ponta dos pés para enxergar o conteúdo da caixa por cima do ombro de Ve; um amontoado de tecidos bufantes, chapéus vintage e mais objetos que não sei distinguir.

Assim que Nash bate a porta do bagageiro, eu solto a pergunta:

— Pra que tudo isso?

Em um sobressalto, meus amigos se viram exasperados na minha direção. Ve se assusta tanto que chega a pisar em falso em seus saltos altos e quase tropeça. Nash leva a mão ao peito e engole um bolo de oxigênio, os olhos arregalados e as sobrancelhas saltadas.

— Pelo amor de Deus! Poderia ter nos matado agora — ele me reprova pelo susto e sopra o fôlego preso.

Deixo um sorriso escapar, achando graça.

— Gente, eu nem fiz nada, foi só uma pergunta. Não era pra se assustarem.

— Mas nós estamos paranoicos, Kay — Ve se explica. Abraça o corpo pequeno e olha em volta, ressabiada. — Principalmente depois do que nos contou sobre o... bem, você sabe...

Ela move os lábios, sem emitir ruídos, para sibilar “sobre o delegado Allen”. Nash ajusta a alça da mochila no ombro e chega mais perto, falando baixo:

— Eu tive até pesadelo. Nele, o delegado Allen estava vivo e... — Ele se contém e move a cabeça em negação. — Quer saber? Eu nem vou contar, mas era mesmo ruim.

Eu não queria esconder coisas dos meus melhores amigos. Por isso, revelei a eles o que aconteceu na noite da morte do delegado. Contei tudo, exceto a parte em que Finch ateou fogo no carro de Callum enquanto eu assistia. Para eles, o incêndio não passou de um acidente e eu prefiro que continuem acreditando nessa versão.

Finch e eu fizemos uma promessa, portanto ninguém além de nós dois precisa saber o que realmente aconteceu naquela noite.

Encaro os rostos perturbados dos meus amigos com um nó na boca do estômago.

— Não fiquem assustados com o que eu disse. O delegado se foi, então os dois não precisam mais se preocupar. É sério, respirem fundo e tentem

esquecer.

Ambos assentem, embora se mostrem apreensivos. Indico o carro de Nash com um aceno de cabeça e tento mudar o foco da conversa:

— E o que eram aquelas coisas na mala do carro?

Ve abana as mãos no ar e aponta para trás sobre o ombro ao discorrer:

— É coisa da aula de modelagem. Tô criando um vestido e vou utilizar material reaproveitado. — O assunto consegue dispersar a tensão. O semblante dela relaxa. — Ah! E o que acha de ser minha cobaia outra vez? Tenho uma ideia que ficaria perfeita em você e nessas suas pernas enormes, com uns saltos bem altos e... Uou! Magnífico! Topa ser minha modelo na apresentação final?

— Se prometer que não vai me furar com alfinetes como da última vez, eu aceito.

— Credo, nem me lembre disso — Nash acrescenta com bom humor. — Da última vez que deixei a Ve me usar como cobaia para os figurinos masculinos, ela furou a minha bunda com aqueles alfinetes.

Nossa amiga rola os olhos e faz uma careta despreocupada.

— Não foi nada demais, Nash.

— A minha bunda discorda — ele ergue o dedo em riste e ao pontuar. — E você nunca mais vai chegar perto dela.

Ve cruza os braços e empina o queixo ao rebater:

— Sem problemas, posso te substituir por caras com bundas muito melhores que a sua.

Nash ri como se não pudesse acreditar.

— Eu vou fingir que você não disse isso.

Olho de um para o outro, feliz em vê-los mais leves. Senti falta de momentos assim. É bom retornar à normalidade, na medida do possível.

— E eu não vou furar ninguém dessa vez — Veronica cruza os dedos e os beija, sinalizando um juramento. — Prometo. — Ela me aponta e bate uma palma, entusiasmada. — Garota, eu vou te deixar incrível!

Ve abre a porta traseira do carro e deixa a bolsa lá dentro antes de prosseguir:

— E como o Finch está, Kay? Você não nos disse mais nada. Ele continua no hotel?

A pergunta faz meu sorriso murchar.

— Sim. Ainda vai passar mais uns dias lá, por causa do irmão dele. — Solto um suspiro consternado. — É esquisito não poder mais vê-lo do outro lado da minha janela. Me acostumei a tê-lo sempre por perto.

— Ei, Kay. Não fique tristinha assim — Nash me diz, com um olhar solidário. Meu primo se aproxima e segura meus ombros. — Às vezes, quem sabe, as coisas possam melhorar daqui a um tempo.

— Acredita mesmo nisso ou só está falando para me confortar?

— Bom... estou torcendo por vocês. Então, faça o mesmo e não sofra por antecipação.

Ele toca a pontinha do meu nariz de forma brincalhona, o que me faz sorrir um pouquinho. Movo a cabeça positivamente.

— Nash, conte pra Kay o que descobriu mais cedo — Ve o alerta.

Meu primo abre a boca e ergue as sobrancelhas como se só agora se recordasse de algo importante.

— É verdade! — ele concorda e emenda: — Hoje mais cedo, durante o treino dos Volcans, eu estava no banco e escutei quando Philip e Joel comentaram sobre Hunter. Parece que a mãe dele vai passar um período afastada de Faigan para descansar o luto. Pretende deixar a cidade antes do feriado de Ação de Graças, na semana que vem.

Arregalo os olhos com a notícia.

— Hunter também vai embora? — pergunto, na expectativa.

— Parece que só a mãe vai passar uns meses em Aspen. Hunter pelo jeito vai ficar sozinho na casa da família. Foi só o que consegui escutar.

Solto um muxoxo frustrado e cruzo os braços.

Eu adoraria que Hunter fosse embora da cidade, seria como matar dois coelhos com uma cajadada só. Sem os Allen em Faigan, a morte do delegado seria superada e esquecida ainda mais rápido. Até porque Hunter tem sido uma pedra no meu sapato há bastante tempo. Talvez seja a oportunidade ideal para virar de vez essa página.

— Tenho que falar com ele — decido de súbito.

— O quê? — Nash se surpreende.

— Quero Hunter fora da cidade, então vou convencê-lo a ir para Aspen com a mãe.

— Não é melhor deixar esse assunto quieto? — Ve contrapõe, receosa. — É aquele ditado: em time que está ganhando não se mexe. E, por

enquanto, ninguém sabe que você e Finch estiveram com o delegado na noite do acidente.

— É justamente por isso que preciso falar com Hunter. Com os Allen fora de Faigan, não haverá ninguém interessado em remexer essa história. Ela vai cair no esquecimento aos poucos.

Nash me observa, intrigado, um vinco tensionando a testa, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Pode me dar uma carona até a residência Allen?

— Tipo... agora? É sério?

Minha amiga também se manifesta:

— O funeral do delegado foi hoje, Kay. Devem estar todos reunidos lá para a cerimônia após o sepultamento. Não é uma boa hora.

— Na verdade, é a melhor hora possível — declaro, convicta. Recebo olhares confusos e decido explicar meu ponto: — Hunter sofreu uma grande perda. Deve estar fragilizado e assustado. Se quero persuadi-lo, vou aproveitar sua vulnerabilidade.

Nash e Veronica me encaram de olhos arregalados e sobrancelhas arqueadas, chocados diante da minha frieza. Enxergar o espanto em seus semblantes faz com que *eu* também me surpreenda com minha própria postura.

Acho que estou cada vez melhor em assumir essa faceta. Não sei até que ponto isso é bom ou ruim, mas é exatamente do que preciso agora.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Nash se certifica.

— Tenho. Me leve até lá o quanto antes. Mais tarde preciso estar na mansão Périgord e não quero me atrasar.

Nash leva uma mão à cintura e coça a cabeça, duvidoso. Um suspiro derrotado abandona seus lábios, e ele assente.

— Tenho medo dessas suas ideias, mas... — Abre a porta do carro para mim e indica o banco. — Vamos de uma vez, antes que eu mude de ideia. Próxima parada, só Deus sabe!

— Chegamos — Nash diz. Suas mãos descansam no volante, e seus olhos se mantêm fixos na luxuosa residência do outro lado da rua. — E eu ainda acho uma péssima ideia. Só pra constar, mas não que alguém se importe.

Ve salta do assento de trás e apoia os braços no apoio dos bancos dianteiros, ficando entre mim e Nash.

— Eu tô nervosa pra caramba — ela confessa. — Tomara que isso dê certo.

Através da minha janela, eu me concentro na rua repleta de casarões extravagantes, dignos de toda a glória que a região de Émeraude esbanja. Daqui é possível ter uma visão ampla da vizinhança. Do outro lado da rua está a residência Allen.

Os portões da entrada se encontram abertos. Um casal trajado de preto dos pés à cabeça cruza o terreno para visitar a casa.

O número de veículos estacionados ao longo da rua indica que uma grande quantidade de pessoas está reunida lá dentro, prestando condolências, após velarem o corpo de Callum Allen no funeral que ocorreu há poucos minutos.

Removo o cinto de segurança e pego minha bolsa.

— Eu não vou demorar muito — aviso, pronta para saltar do carro.

— Espera. Você não vai entrar lá sozinha — Nash decide. Ele também se livra do cinto e puxa a chave da ignição. — Esse lugar é como a... *Casa Monstro* daquele filme. Não esteticamente falando, porque ela é... lindíssima. Mas você me entendeu, é sinistra. E nós vamos com você.

— Tem razão, Nash! — Ve também se apronta. — Não sabemos o quão louca a sra. Allen pode ser. Talvez seja um mal de família. Não é bom que vá sozinha.

Saio do carro e subo na calçada, sendo seguida pelos meus amigos. Eu os observo com surpresa. Não esperava que estivessem dispostos a embarcar nesse espetáculo de mentiras comigo.

Ve bate uma palma. Alonga braços e pernas como se estivesse se preparando para uma missão de alto risco.

— Qual é o plano? — ela pergunta.

— Entramos na casa e dizemos que viemos prestar condolências ao Hunter, porque somos amigos dele.

Ve olha para o próprio moletom cinza, onde há uma estampa colorida com a frase “Party time” na altura do peito.

— É melhor eu tirar isso, ou seremos expulsos da casa. Seria até engraçado porque, bem, nenhum de nós está triste pela morte dele mesmo... — Ela dá uma risadinha culpada. Tapa a boca com a mão e move a cabeça. — Oh, Deus, me perdoe por rir disso.

Ve se livra do moletom, ficando apenas com o cropped vermelho e justo. Lança a vestimenta dentro do carro e fecha a porta.

— Querem mesmo fazer isso? — advirto-os. — Posso entrar sozinha numa boa. Não vou demorar tanto.

— Não pergunte duas vezes, Kay. — Nash cobre nossos ombros com os braços e nos faz atravessar a rua, rumo à calçada dos Allen. — De qualquer forma, você não vai desistir. Então que faça com a gente. Pelo menos assim podemos garantir que ficará segura.

Juntos, atravessamos os portões da residência dos Allen. A construção de três andares possui um estilo vitoriano criado à risca, com as janelas alongadas, peitoris esculturais e telhados de quatro águas pontiagudos. O passadiço de pedras que divide o gramado nos leva aos degraus da varanda. Um homem de terno está escorado no peitoril branco, fumando um cigarro, tão concentrado no jardim que não se atém à nossa presença.

As portas de entrada da casa se encontram abertas, e é possível enxergar uma amostra da movimentação do lado de dentro. Uma sinfonia de vozes comedidas ressoa, e homens e mulheres circulam pelo hall.

Nash nos solta e sussurra:

— Tentem fazer uma cara triste. Temos que fingir que sentimos muito pela morte daquele homem desgraçado.

— Isso vai ser difícil... — admito, baixinho. Puxo a barra do suéter para baixo e ajusto as mangas.

Ao colocar o primeiro pé para dentro da casa, aperto a bolsa tiracolo no corpo, tensa. Não é nada confortável estar aqui. É perceptível o quanto o nosso visual se destoa do restante dos presentes. Enquanto todos à nossa volta trajam vestes escuras, Nash, Ve e eu estamos vestidos de forma casual. Uso um jeans, um suéter branco e tênis.

Um peso se acomoda nos meus ombros à medida que nos aprofundamos na casa, em direção à sala de estar. Os semblantes fúnebres e

as lamúrias que se estendem pelo aposento me trazem um gosto amargo na garganta. Me sinto uma intrusa.

O interior da residência Allen é tão exuberante quanto o lado externo. Um lustre monumental paira sobre nós. A decoração de tons terrosos e pastéis nas paredes e móveis foi cuidadosamente planejada.

Não reconheço a maioria das pessoas que transitam pela sala e se reúnem próximo a mesa decorada por bebidas e petiscos. Ainda assim, identifico alguns rostos, herdeiros e magnatas da alta sociedade de Émeraude que, volta e meia, estampam as páginas do jornal local.

Corro os olhos por todos os lados em busca de Hunter.

— Nossa! Todo mundo está tão bem-vestido. Esse lugar cheira a dinheiro — Ve sussurra e, com o queixo, indica uma direção. — Olhem lá! Aquele homem está vestindo um Armani. A mulher ao lado tem um broche Versace na lapela do blazer. É inconfundível.

— Shiiiu! Pare de reparar nas roupas dos outros. A sra. Allen está vindo pra cá — Nash cantarola discretamente com uma dose de humor e nervosismo. — Façam cara de tristeza.

Olho à nossa esquerda e vejo que Nash tem razão.

Uma mulher de cabelos castanho-claros, olhos cristalinos e maquiagem suave se aproxima. Margaret Allen usa um vestido preto e seus ombros estão cobertos por um blazer de corte fino e elegante. Um único colar dourado decora seu pescoço e seus dedos estão enfeitados por anéis que devem valer mais que meu guarda-roupa inteiro.

Margaret Allen é uma mulher deslumbrante, exala etiqueta a cada passo investido em nossa direção. Mas, apesar da notável beleza, seu semblante está terrivelmente abatido e os olhos um tanto avermelhados.

Curiosa com nossa presença, a mulher para diante de nós e faz uma breve análise dos nossos rostos.

— Me desculpem pela pergunta. — Suas mãos alisam o tecido do vestido. As sobrancelhas se franzem levemente. — Mas quem são vocês?

— Somos amigos do Hunter. Da faculdade — eu me adianto na mentira.

Meus amigos balançam as cabeças em concordância ao meu lado.

— Ele é um amigo muito querido — Nash emenda, convincente. — Também sou do time de lacrosse. Estamos sempre próximos na faculdade.

— Hunter e eu temos várias aulas juntos — Veronica também embarca na mentira. — Hoje em dia, somos bem amigos no campus. Ficamos todos preocupados com ele e... sentimos muito.

A mulher anui com a cabeça, aceitando nossa história.

— Oh... bem... Hunter não quis que nenhum dos seus amigos viesse e anda tão recluso. Mas talvez vê-los o ajude um pouco. — Ela tenta sorrir, mas falha. Seus lábios se esticam repletos de tristeza.

— Como Hunter está? — arrisco perguntar.

— Mal fala com as pessoas. Agora mesmo preferiu ficar lá em cima. Não está sendo nada fácil para ele... ou... para nenhum de nós. Éramos apenas eu, meu filho e meu marido.

Troco olhares com meus amigos, desconfortável. Engulo em seco e sinto como se pedras se entulhassem meu estômago. Me sinto uma grande cretina. Não por Callum, mas por sua esposa. Não sei nada sobre Margaret Allen. Talvez seja uma boa pessoa. Talvez amasse loucamente o marido e nunca suspeitou ou se envolveu nos negócios sujos dele. Quem sabe?

Volto a focar na mulher e recito da melhor maneira que posso:

— Meus mais profundos sentimentos, sra. Allen. Nós lamentamos muito sua perda.

Ela sorri sem ânimo, agradecendo. Olho ao redor e estudo cada um dos homens bem trajados que cruzam a sala.

— Acha que tem chance do Hunter descer?

— Eu acredito que não. Meu filho está bastante abalado. Naquela noite, Callum saiu de repente, sem dizer para onde iria. Na manhã seguinte, percebi que ele não tinha voltado. Hunter e eu ligamos para ele, nem tínhamos ideia de onde poderia estar. Telefonamos para amigos, para a delegacia... e nada. No domingo de manhã, foi Hunter quem atendeu o telefone e recebeu a notícia. Ficou em estado de choque desde então.

A melancolia em seu timbre é tocante. Contudo, o que capta minha atenção é a informação que fora inocentemente despejada.

Nem ela ou Hunter sabiam para onde Callum estava indo naquela noite, sequer tinham pistas do seu paradeiro. Isso é bom. Excelente! Fico ainda mais segura do que estou prestes a fazer.

O alívio da descoberta me faz relaxar os ombros.

— Bom... — A mulher une as mãos em frente ao corpo e suspira. — Preciso receber os familiares. Se precisarem de algo... — ela massageia as têmporas e fecha os olhos por um instante, tão abalada que parece ter os pensamentos enevoados — procurem por Brienna, a nossa empregada.

Margaret Allen se afasta e parte em direção ao casal mais velho que acaba de adentrar no cômodo. Ela os abraça e indica o caminho, conduzindo-os para o outro lado da casa e sumindo de vista.

Seguro as mãos de Nash e Veronica e os puxo comigo, trazendo-os para um canto mais reservado da sala.

— Prestem atenção — falo baixo e discretamente —, vocês vão ficar aqui enquanto eu subo para encontrar o Hunter.

Ve nega com a cabeça, preocupada.

— Isso não parece uma boa.

— Confiem em mim, volto logo.

Sem perder tempo, deixo-os para trás, ansiosa para colocar um fim nisso e escapar o quanto antes dessa casa.

Ninguém repara em mim quando atravesso a sala de estar rumo ao andar superior. Com naturalidade, subo a escada e dou de cara com um corredor amplo, adornado por passagens anexas e portas fechadas.

Avanço, pé por pé, e atenta aos ruídos discretos que ressoam do final do corredor. Ignoro as passagens adjacentes e sigo na direção das pegadas que estalam no chão. Dobro o corredor e chego na origem dos passos. As portas do cômodo estão escancaradas.

Espio além do batente e encontro uma sala de descanso. Duas poltronas volumosas em tom de cedro contornam a mesa de centro. O carpete grená se estende pelo chão e duas paredes são cobertas por estantes de livros.

Debruçado no peitoril da enorme janela, encarando o lado de fora, está quem eu procurava.

Hunter Allen.

Ele não percebe quando entro na sala sorrateiramente. Fecho as portas atrás de mim, nos deixando a sós. O barulho do trinco atrai sua atenção, e ele se vira na minha direção.

O cabelo loiro está desgrenhado. O blazer preto, aberto, e os primeiros botões da camisa branca desabotoados. Ele segura um cantil na mão direita,

que posso apostar que está cheio de bebida alcoólica. O braço esquerdo continua amparado por uma tipoia ortopédica, porque ele ainda não se recuperou totalmente.

É a primeira vez que o vejo livre do curativo que escondeu o lado esquerdo da sua face por dias, bem no local onde Finch o cortou com o casco de uma garrafa. Duas cicatrizes bastante aparentes desenham sua bochecha, um lembrete do que aconteceu naquela noite em Fossé. Do outro lado, uma única linha avermelhada e mais discreta decora a maçã do seu rosto.

*Essa foi obra minha*, feita na noite em que o levei ao deserto.

O rosto de Hunter perde a cor, e ele dá um passo à frente, espantado ao me ver. Seus olhos estão avermelhados e olheiras de exaustão marcam sua pele.

Mais intensa do que a fúria é a desolação que se desenha em seus traços. Hunter parece arruinado, física e emocionalmente.

— Como entrou aqui, Clark? — ralha, colérico.

Expiro bem devagar, calculando minhas palavras.

Eu sei como Hunter se sente. A dor de perder alguém é lancinante, como ter uma estaca atravessada no peito que jamais sara. Continuará para sempre cravada na carne, mas, com o tempo, você se acostuma e ela se torna uma parte sua. Presumo que Hunter esteja experienciando algo semelhante.

No entanto, conhecer sua dor não me trouxe aqui para oferecer solidariedade. Pelo contrário. Meu propósito é usá-la ao meu favor.

— As portas estavam abertas — digo o essencial, seca.

Hunter crispa os lábios com desgosto e ingere um pouco da bebida no cantil. Aponta para a porta atrás de mim e brada raivosamente:

— E que porra veio fazer aqui, Kaylee? Por acaso acha que essa merda é uma piada? Vá embora. Não é bem-vinda aqui!

Hunter parece mudado. Embora assuma o mesmo tom agressivo de sempre, agora há algo mais. Uma dose de melancolia em seu olhar. A fragilidade contrastando com a ameaça que ele tenta transmitir.

Ferido.

— Vim para conversar. — Dou mais um passo em sua direção, sem vacilar. — Mas não vou demorar.

Um riso ácido e hostil atravessa seus lábios. Hunter contrai a mandíbula com raiva.

— Some daqui, sua puta dissimulada! Não dou a mínima para o que quer dizer. Desapareça! Já não conseguiu todas as merdas que queria? Aquele seu bandido de estimação se safou do julgamento, eu cumpri minha parte. Agora vá para o inferno, caralho! — Seu tom de voz se ergue.

— Mas eu ainda espero que faça uma coisa.

— Ah, é? — Ele é sarcástico, os olhos flamejando de ódio. Parte em minha direção como um furacão, me encarando de cima e tentando me encurralar. Com a mesma mão que carrega o cantil, tenta agarrar meu braço. — E o que acha que vou fazer? O que você pensa que...

Antes que ele me toque, dou um safanão na mão dele que derruba o cantil no carpete. Puxo o canivete do bolso do jeans ao mesmo tempo que disparo uma joelhada no meio das pernas de Hunter. A pancada é certeira, pois na mesma hora ele resfolega dolorosamente.

Empurro-o para trás, fazendo-o cair sentado em uma poltrona. Salto sobre Hunter para cercá-lo. Uso os joelhos para estacar as coxas dele e seguro a raiz do seu cabelo, puxando a cabeça dele para trás e abrindo espaço para encostar a lâmina em sua garganta.

Ao sentir o aço afiado tocar sua pele, Hunter paralisa acuado e se rende. Os olhos arregalados se fixam nos meus enquanto ele arqueja gravemente, se recuperando do golpe nos países baixos.

— Quero que saia da cidade! — eu disparo, sem rodeios.

— O quê? — Ofega, com lágrimas nos olhos e a voz rouca de dor. — Você ficou louca?

— Você já me fez essa pergunta uma vez, Hunter. Não se lembra? Imagino que tenha a resposta. Então fique calado e me escute!

Ele obedece, apavorado. Os dedos da sua mão direita se afundam no estofado da poltrona. O braço esquerdo se move ligeiramente dentro da tipoia, como se lutasse para reagir, embora ainda debilitado. Solto o cabelo dele, mas mantenho o canivete em sua garganta.

— Soube que sua mãe vai sair da cidade antes do feriado de Ação de Graças — prossigo, determinada e ameaçadora. — Quero que vá com ela e deixe Faigan para sempre. Convença ela a ficar em Aspen e não voltar para cá.

Um vinco confuso marca seu cenho, e as íris assustadas percorrem meu rosto, perdidas.

— Por quê?

— Porque eu não te quero aqui, porque não confio em você e porque, se não for embora, vou fazer com que aquela matéria sobre seu pai seja publicada. Farei questão de dedicar uma página apenas a você, dizendo que é um agressor covarde que bate em mulheres.

Seus olhos arregalados quase não cabem nas órbitas devido ao tamanho choque. Ele nega com um meneio de cabeça, perplexo.

— Não pode estar falando sério. O meu pai... — Hunter espreme os lábios, e lágrimas inundam seus olhos. Seu rosto fica rubro, e ele cospe: — Meu pai acabou de morrer, porra! Por que está fazendo isso? Nosso acordo já terminou, não te devo mais nada! Vá embora!

— Pense na sua mãe! — eu rebato, irredutível. — Como acha que ela reagiria agora, durante o luto, se soubesse dos crimes que o marido cometeu em vida? Ou sobre a infidelidade dele. Você realmente quer que ela passe por mais sofrimento? Que sofra essa exposição? Que fique na mira da mídia e colunas de fofoca, sendo humilhada e investigada?

Sua cabeça se move em recusa e seus olhos oscilam por cada ponto do meu rosto, assimilando a ameaça. Ele abre a boca, mas não consegue formular uma frase.

— Está nas suas mãos, Hunter. Pode preservar o resto de dignidade que o sobrenome Allen possui e ir embora daqui com sua mãe, ou ficar em Faigan e assistir às suas vidas desmoronarem com tantos escândalos.

Uma lágrima solitária desce por sua bochecha, rastejando pelas cicatrizes.

— Nem eu nem minha mãe tínhamos nada a ver com os negócios do meu pai. — Seu timbre é mais comedido. Ele já entendeu que não estou blefando. Olha para baixo, focando no canivete que mantenho em seu pescoço, e engole a saliva devagar. — Antes de você me dizer aquilo no Halloween, eu não sabia do envolvimento dele com aquela facção de Royaume. Não pode me culpar por isso.

Levanto uma sobrancelha, desconfiada.

— E quanto ao Cerberus? Também não sabia nada sobre isso?

— É... sim... porra. Uns meses atrás descobri que ele mantinha contato com Gordon Barnes. Foi por acaso, eu ouvi uma ligação deles. Ele permitia

o livre funcionamento do Cerberus em troca de propina. Quando questionei meu pai, ele ficou puto, porque não queria que minha mãe soubesse. Então me fez prometer que eu não diria nada a ela, em troca, pedi que conversasse com Barnes e me deixasse participar das lutas. Era só isso, eu não me envolvi em mais nada! Meu pai nunca quis que eu me metesse nos assuntos dele!

— Por que você lutava no Cerberus? — solto a pergunta que ronda minha mente.

— Eu não sei, eu só queria... experimentar. Ter a sensação de ganhar aquela merda, fazer algo grande e de ser... respeitado por aquele bando de pé-rapado de Royaume. Era só por diversão.

— Era por isso que comprava os resultados das suas lutas? Por capricho?

Ele não responde, mas a vergonha que recai em seu semblante me diz que sim. Rio sem humor e balanço a cabeça com reprovação, escancarando meu desprezo.

Tudo isso só por vaidade. Patético. É a cara dele. Apesar dos bens que possui, sua vida é miserável e vazia.

Assim como ele.

— Hunter, vou ser sincera. Quero que isso termine tanto quanto você. Mas precisa ir embora de Faigan com a sua mãe. Seu pai se foi. Acredite, eu conheço o luto e sei o que está sentindo. Mas, se não for embora, vou jogar toda a merda no ventilador. Não estou blefando! Não pense que a repercussão será menor agora que Callum não está mais aqui. Tudo vai respingar em você e na sua mãe. Os dois já estão enfrentando um momento difícil, então não piore as coisas para si mesmo. Vá para Aspen! Recomece sua vida longe disso!

Ele une as sobrancelhas, ultrajado.

— Está se ouvindo? Meu pai morreu! Hoje foi a porra do funeral dele. Eu nem pude vê-lo porque tudo o que restou foram ossos! Eu o perdi para sempre, e você decidiu vir aqui para me ameaçar no velório? — Lágrimas de ódio inundam seus olhos avermelhados, uma explosão emotiva que faz seus lábios tremerem e a veia jugular saltar. — Gosta tanto de bancar a altruísta... sua piranha cínica! Você acha que é a mocinha nessa história? Você não é, Kaylee! Não passa de uma vadia desalmada!

A acusação não me abala. Mantenho a expressão firme, como se não houvesse o menor resquício de emoção dentro de mim. Fria como Hunter merece que eu seja.

— Você e seu pai me obrigaram a isso. Então não reclame por eu ser uma "vadia desalmada" quando essa foi a única opção que vocês me deram!

Afasto a lâmina de sua garganta e saio de cima dele. Hunter permanece na poltrona, imerso em um profundo estado de choque. Uma lágrima desliza pela sua bochecha e seus olhos atordoados me avaliam dos pés à cabeça, na defensiva. Ele não é capaz de proferir uma palavra.

Pela primeira vez, vejo Hunter Allen como ele realmente é, escancarado como um livro. Cada traço da fragilidade, o olhar perdido, a constante necessidade de se autoafirmar, as ideias nada engenhosas, a maneira como sempre correu para os braços do pai quando algo fugiu do seu controle. Ele nunca se deu ao trabalho de pensar com a própria cabeça.

Era imune às consequências. Burro e descuidado, mas imune.

Atrás da armadura de arrogância e poder, Hunter não passa de um garotinho mimado que pensou que poderia brincar de ser adulto. Vejo o desespero em seus olhos. Está completamente sem eixo, como um navio perdido em um mar revolto sem o auxílio de um leme para navegar. Não faz ideia do que é resolver conflitos como um homem de verdade porque nunca precisou exercer tal papel. Callum sempre esteve lá para varrer suas burradas para debaixo do tapete. Hunter não passa de um covarde. Longe de ser uma real ameaça.

Isso me coloca dois passos à frente.

— Vou te dar tempo para pensar — eu sentencio, firme. Recolho a lâmina do canivete e o guardo no bolso da calça. Ajusto a bolsa no ombro e arrumo o suéter amassado. — Mas sei que vai tomar a melhor decisão.

Ele continua em silêncio, processando o que escutou.

Dou as costas à figura patética e fraca que Hunter Allen se tornou e abandono a sala de descanso, me sentindo mais corajosa do que jamais fui.

# 11

## Kaylee Clark

Após retornar da mansão Périgord, tomei uma ducha, aprontei uma cesta com condimentos e pedi uma carona ao Nash. Ele dirigiu por quarenta minutos até o hotel de beira de estrada no limite de Faigan. Uma noite estrelada encobria a cidade quando saltei do carro no estacionamento e me despedi do meu primo.

A região mal iluminada não é nada convidativa. Portanto, aperto o passo ao subir a escadaria da estalagem, rumo ao quarto 209.

O vento frio que circula pelo corredor externo dos quartos faz com que eu me arrependa por não ter trazido nenhuma roupa de frio, além da blusa de meia manga e a saia plissada azul-marinho que termina na metade das minhas coxas.

Através do reflexo no vidro fechado da janela do quarto, verifico meu visual. Saí de casa apressada e não tive tempo de elaborar uma maquiagem, além do gloss marsala e das camadas de rímel cobrindo meus cílios. Meu cabelo está solto e bem volumoso, os cachos cheios de vida. A fragrância do meu hidratante corporal de jasmim e âmbar me abraça.

Ajusto as alças da mochila de transporte nos ombros e passo a cesta para o braço esquerdo. Bato na porta do quarto três vezes e me anuncio:

— Finch! Sou eu! Abra a porta!

Aguço a audição para escutar os passos estalando do outro lado, seguido pelo barulho de chaves tilintando. A porta se abre, e meu coração se agita com expectativa quando os orbes pretos de Finch Sullivan me encontram.

Ele está sem camisa e veste uma bermuda de algodão. As gotículas enfeitando seu peitoral tatuado e o cabelo úmido me mostram que ele saiu do banho há pouco tempo. Reparo também no cheirinho gostoso de sabonete que o acompanha. Meus olhos percorrem os gominhos do abdômen e descem até as entradas em V que marcam o final de sua barriga.

Talvez seja resultado da saudade, visto que faz dias que não nos vemos pessoalmente. A simples visão do seu corpo definido e tatuado é capaz de acender uma fagulha em meu ventre e deixar a minha boca seca.

Adoraria enxugar cada gotinha que escorre pelo torso dele com a língua.

Meus pensamentos impuros são interrompidos quando Finch me puxa pela cintura e me leva para dentro do alojamento. A porta se fecha junto ao baque dos nossos corpos contra a madeira. Sou encurralada por ele. Meus sentidos vão ao delírio quando seu cheiro de banho recém-tomado me envolve. A urgência dos seus lábios tão macios e gostosos tomando os meus me mostra que não fui a única que esteve morrendo de saudade.

É um paraíso poder senti-lo. Corpo a corpo, as respirações se mesclando, a língua dele brincando com a minha e a sensação de que a qualquer minuto posso me desmanchar na calidez dos seus toques.

Chego a esquecer de respirar enquanto suas mãos fortes me agarram pela cintura e nossos lábios provam um ao outro, exalando avidez. Sua pegada firme oscila entre apertos vorazes e carícias desejosas. Os dedos se embolam na minha saia e despertam uma explosão quente que eriça minha pele.

Sorrio como uma boba quando Finch mordisca e suga meu lábio inferior de maneira sedutora.

— Estava com saudade do seu beijo — ele sussurra, a boca quase tocando a minha.

Meu sorriso se alarga, e acaricio seu nariz com a pontinha do meu. As mãos dele viajam até meu quadril e me apertam contra seu corpo.

— Eu estava contando as horas por isso — digo, baixinho. Seguro a lateral do seu pescoço, bem onde o sol está desenhado. — E eu não sou a

única.

Sinto meu rosto ruborizado ao escapar dos seus braços. Apoio a cesta no sofá ao lado, e Finch me assiste com curiosidade. Removo a mochila volumosa das costas e a deixo no chão. Através do material transparente que se assemelha a uma cápsula, é possível ver Duquesa deitada lá dentro.

Abro a mochila de transporte para tirá-la de lá. Finch se surpreende com a presença de bichana. Um sorriso sincero desponta no canto da boca dele.

— Você disse que gostava de ter suas gatinhas por perto — afirmo, brincalhona, e seguro Duquesa no colo. — Agora, elas estão aqui.

Finch se aproxima para pegá-la em seus braços. A gata não perde tempo, apoia as patas dianteiras no peito dele e esfrega a cabeça no pescoço de Finch, dengosa ao pedir carinho. Ele afaga as orelhas dela, e Duquesa ronrona.

Quero explodir de amor vendo-os juntinhos assim.

— Parece que alguém sentiu minha falta, uh? — ele diz a ela, bem-humorado.

Eu me aproximo deles. Fico na ponta dos pés para beijar a bochecha de Finch e recitar em seu ouvido:

— Ela não foi a única, Sullivan. — Finch ajeita a gata em seus braços, como se carregasse um bebê. Duquesa se aconchega nele, adorando o colo. Seguro o queixo de Finch e faço-o me fitar diretamente. — A cesta que eu trouxe está cheia de coisas pro jantar. Vamos prepará-lo juntos.

Suas sobrancelhas se unem, e ele me fita com divertimento.

— Preparar o jantar?

— Uhum! Se lembra que uns dias atrás eu te disse que poderia te ajudar a não ser um desastre na cozinha? Podemos começar hoje. Tudo que precisamos está aqui.

Ele olha na direção do sofá, onde deixei a cesta. Um sorriso minúsculo e cético brota em seus lábios.

— Tá falando sério?

— É claro! Vai ser legal! — Ergo o indicador como se fosse anunciar algo incrível. — E, depois do jantar, podemos fazer o que você quiser. Vai decidir *tudo* o que faremos mais tarde.

Seus olhos brilham cheios de interesse com a proposta. Um sorriso ladino e cafajeste enfeita seus lábios. Céus... como esse sorriso descarado me fascina.

— Se for assim, eu topo. — Finch coloca Duquesa no sofá, ao lado da cesta. Mexe no cabelo úmido para afastar os fios da testa e vem até mim. — Tenho ótimas sugestões do que podemos fazer depois.

Prendo o sorriso ao morder o lábio inferior. Os dedos de Finch se enroscam na minha saia, e ele me leva para bem perto. Minhas mãos pairam sobre seus ombros largos e fortes.

— Eu tenho certeza que sim.

— E o que vai me ensinar a preparar pro jantar?

— Um clássico francês. Se chama *Pot-au-feu.*

Finch sorri e move as sobrancelhas petulantemente, nem um pouco surpreso pela revelação.

— Clássico francês? Quem poderia imaginar, não é, Clark? — ele me provoca, vendo graça. — Mas, por mim, comeríamos a lasanha de micro-ondas que comprei mais cedo. Seria mais rápido e teríamos mais tempo para depois.

— Quanto mais cedo começarmos a preparar o jantar, mais cedo acabamos — jogo e movo os ombros, bastante sugestiva.

Ele assente, entendendo o recado.

Imediatamente, Finch apanha a cesta do sofá e a leva para a bancada acoplada à pequena cozinha, magicamente prestativo. Eu vou logo atrás. O espaço é estreito e se torna ainda mais apertado com nós dois no pequeno cômodo.

Após lavar as mãos, retiro os itens da cesta e organizo os potes e talheres sobre a bancada de granito. Levo um susto quando duas mãos velozes capturam minha cintura e me puxam abruptamente para trás. Meu gritinho se transforma em uma risada boba quando Finch me ergue em seus braços e me põe sentada diante dele na bancada.

O moreno fica de pé, bem entre as minhas pernas, de modo que minhas coxas se abrem para recebê-lo e a saia sobe consideravelmente, deixando minha calcinha à mostra. Nossas pélvis param a centímetros uma da outra, e nossos abdomens quase se encostam. Fico arrepiada com o toque áspero dos seus dedos descendo pelas minhas pernas nuas e acariciando as panturrilhas.

É um encaixe sugestivo, sei que poderíamos fazer muitas coisas nessa exata posição.

Meu centro chega a pulsar com a possibilidade. Aperto a cintura dele entre as coxas, me sentindo lânguida com as carícias dos seus dedos subindo e descendo pelas minhas pernas.

— Como foram as coisas hoje? Correu tudo bem? — ele quer saber.

Junto meus cachos e prendo o cabelo em um rabo de cavalo alto, utilizando o elástico preso em meu pulso. Uma única mecha cacheada escapa do penteado e desce pela lateral do meu rosto. Finch brinca com os fios e os enrola na ponta do indicador.

— Uhum, mas... tenho que contar uma coisa. É importante.

— O quê?

— Conversei com Hunter hoje. E, antes que você surte, acho que foi uma boa decisão.

— Como assim, Kaylee? — Seus dedos param de acariciar minhas pernas. Finch enruga o cenho, confuso.

— A sra. Allen vai deixar Faigan por um tempo por causa da morte do marido. Está abalada e ficará em Aspen com a família. Então fui até Hunter e disse que ele deveria ir com a mãe. Dei um ultimato nele, dizendo que, se fosse embora, eu desistiria de publicar aquela matéria.

Finch pisca, pensativo.

— E o que ele decidiu?

— Não deu resposta, mas ficou balançado. Sendo honesta, acho que ele vai ceder. Sem Callum por perto, Hunter não tem forças. Ele está apavorado feito um garotinho, Finch. Vi isso nos olhos dele. Se Hunter for embora com a mãe, as pessoas vão se esquecer mais rápido do acidente. Um jeito de enterrar de vez o que aconteceu naquela noite e evitar surpresas desagradáveis.

Finch pondera por um tempo e assente. Seu olhar, antes repleto de dúvida, agora se enche de certeza. Um sorriso aprovador ergue o canto da sua boca.

— Você foi esperta em usar isso para afastá-lo. — Suas mãos tornam a espalmar minhas pernas, e Finch solta um riso nasalado. — Aposto que aquele babaca deve estar arrependido pra caralho de ter mexido com você.

Sorrio com o comentário, orgulhosa de mim. Meu sorriso se alarga ainda mais ao sentir as carícias lentas que deslizam pela minha panturrilha e sobem até atingir minha coxa.

É uma delícia.

— Tenho certeza que ele está — afirmo, satisfeita em ter colocado medo em Hunter.

— Você é mesmo jogo duro, hein, Clark? Colocando medo naquele mauricinho. Tô orgulhoso da minha gata.

As mãos de Finch continuam subindo pelas minhas coxas e se infiltram dentro da saia. Uma rajada de calor se alastra pelo meu baixo ventre, e uma série de arrepios tentadores. Minha intimidade se contrai em resposta.

Antes que seja tarde demais, seguro as mãos de Finch e interrompo a travessura.

— Se continuar me atiçando, vamos acabar fazendo muita coisa nessa cozinha, menos o jantar. — Espalmo seu peitoral para afastá-lo gentilmente. Salto da bancada e paro de pé diante dele. — Preciso te ensinar a cozinhar. *Vous avez compris?* — em francês, pergunto se ele me entendeu.

Suas sobrancelhas sobem um pouco, e os olhos se enchem de contemplação, genuinamente admirado comigo.

— Não sei o que isso quer dizer, mas você fica gostosa pra caralho falando francês, então a resposta é sim, Clark.

Dou risada e fico na ponta dos pés para estalar um selinho em sua boca.

— Então vamos começar de uma vez! — Ajusto o elástico do rabo de cavalo e bato uma palma, incentivadora. — Sua primeira lição é organizar o *mise en place*.

Finch apoia uma mão na bancada e coça a nuca, bastante perdido ao encarar os ingredientes. Ele não faz ideia de por onde começar.

— Não quer mesmo pedir comida? — joga como quem não quer nada, fazendo corpo mole. — Não me leve a mal, mas não sei se vou ter saco pra isso não, Kay.

— Ei! Não seja rabugento. E você ainda vai me agradecer. Agora, lave as mãos e siga minhas instruções, Sullivan.

Ele revira os olhos e suspira pela boca, como se fosse um grande sacrifício.

— Mas não se esqueça do combinado. — Ele captura meu pescoço, os dedos firmes ao redor dele, e ergue meu rosto de forma dominante, me encarando de cima. — Depois disso, sou eu que vou escolher o que vamos fazer pelo resto da noite.

Sorrio maliciosa e mordo o lábio inferior.

— Anotado.

Finch se vira para lavar as mãos na pia, me dando plena visão do enorme escorpião tatuado em suas costas. A cabeça do aracnídeo começa na metade da coluna e a ponta da cauda termina em seu ombro direito.

Não resisto ao impulso de me aproximar e abraçá-lo por trás. Enterro o rosto em suas costas para sentir seu cheiro e beijo suas omoplatas, uma de cada vez. Arrasto as pontas dos dedos pelo escorpião em sua pele conforme subo beijos até a nuca.

— Conseguiu consertar o carro? — fico curiosa em saber.

Finch fecha a torneira e seca as mãos num pano de prato. Eu me desgrudo dele, dando espaço para que ele assuma um lugar em frente à bancada.

— Sim, peguei ele hoje na oficina que o Lancaster me indicou. Tá impecável.

Franzo levemente o cenho.

— Esse Devan Lancaster também te ajudou nisso?

— É... mais ou menos. Só me indicou uns caras que fizeram o serviço. Por quê?

— Só curiosidade. Acho importante ficar atento a ele. Digo... você confia mesmo nele?

— Acho que não tenho outra opção além de confiar. Devan não ia querer me queimar agora. Não enquanto tô fazendo um serviço pra ele.

O comentário incita minha curiosidade. Cruzo os braços e me escoro na bancada, de frente para Finch.

— Que tipo de serviço está fazendo para ele?

Finch umedece os lábios e libera um suspiro baixo, parecendo ponderar se deve ou não me contar a verdade.

— Voltei a contrabandear pra ele, preciso de grana. Mas tem outro lance. Nunca contei antes porque não parecia importante, mas foi por causa do Devan que acabei na mansão. Ele quer que eu roube algo lá dentro, documentos ou qualquer merda assim que pertenceram a Aramis Périgord, o bisavô de Theo.

Um vinco confuso marca minha testa.

— Documentos? Por quê?

— Aramis era dono de minas de esmeraldas e diamantes. Rola um boato de que ele escondeu pedras preciosas depois de uma crise financeira, e elas nunca foram achadas.

O comentário chama minha atenção.

— Espera. Eu acho que ouvi uma história assim quando era mais nova. Nunca dei bola porque parecia o tipo de coisa que as pessoas inventam só para chamar atenção. A família Périgord já é tão rica. Por que o bisavô do Theo esconderia algo de valor?

— Eu não sei, Kay. Pra ser sincero, eu nem ligo. Mas Devan vai me pagar uma fortuna se eu achar alguma pista nas coisas do Aramis.

— Por que ele precisa de você pra isso? Ele não pode colocar alguém do cartel pra revirar a mansão?

Ele dá de ombros.

— Ele diz que não confia nos homens do cartel.

— Devan não confia nos homens que fazem parte da mesma organização que ele? Isso é tão estranho. Eles não deveriam ter um código de lealdade uns com os outros?

Finch ri pelo nariz.

— Isso é mais comum do que imagina. Quando eu estava na gangue, mesmo que estivéssemos do mesmo lado, eu não confiava totalmente em ninguém. Nunca se sabe. E eu não dou a mínima para os motivos do Devan, eu só quero que ele cumpra a palavra e me dê a quantia prometida. Só estou nessa pelo dinheiro. Quando estiver feito, vou poder me mandar de Faigan e desaparecer de uma vez... — Finch cessa as palavras ao se dar conta do que está dizendo.

Meus ombros caem derrotados e sinto como se uma pancada atingisse meu peito, atravessando-o ao meio e estilhaçando os ossos. Ouvir que Finch ainda pretende abandonar Faigan após finalizar as pendências com Devan provoca um aperto no meu coração.

Suas feições se enchem de culpa, visivelmente arrependido por ter deixado o comentário escapar.

Corroída pelo silêncio, eu aguardo que ele prossiga, mas Finch desiste de falar, ciente do meu desapontamento. Sullivan apoia as mãos na bancada e suspira devagar, desviando os olhos dos meus.

*Ele pretende mesmo ir embora depois de invadir a mansão?*

*Quando exatamente isso vai acontecer?*

Um pedaço do meu coração se abre em uma ruptura. Finch se aproxima. Suas mãos cobrem meus ombros com cuidado, e eu me sinto em frangalhos. Os dedos dele escorregam pelos meus braços com suavidade e se firmam as laterais do meu tronco. Encaro seus orbes escuros, com o coração sufocado e uma vontade desesperadora de implorar para que ele desminta o que acabou de dizer.

Um beijo delicado é estalado na minha testa. Seus dedos se embrenham na raiz dos meus cabelos para fazer um cafuné. Não consigo dizer nada, apenas assisto a confusão de sentimentos que atravessa seu semblante.

— Vamos preparar o jantar, uh? — ele propõe, mudando de assunto. — Me diga por onde começar e juro que vou me esforçar pra aprender, gatinha linda.

Sorrio de leve, tentando fingir que uma catástrofe de emoções não estremece meu peito. Sem forças para insistir em uma conversa delicada, eu movo a cabeça positivamente e aceito sua sugestão.

Nenhum de nós volta a tocar no assunto, como se fosse estritamente proibido. Nós nos concentramos apenas no jantar e na companhia um do outro.



Enquanto as panelas borbulham no fogão, viemos para o sofá.

Meu corpo se aninha ao de Finch no estofado. A cabeça deitada em seu peito, o tronco amparado sobre o dele e seus braços me embalando. A TV está ligada, mas só consigo me concentrar em nós. No seu tato. No seu cheiro. Em cada carinho tão bem-vindo que ele desliza pelas minhas costas e nas leves cócegas que sinto toda vez que ele dedilha minhas costelas.

Eu me concentro em cada pequeno gesto só para fingir que aquela conversa na cozinha nunca aconteceu.

Duquesa conseguiu encontrar um espacinho para se deitar entre nós dois, toda aconchegada ao receber os afagos de Finch. Uma bolinha de pelos fofa que ama ser mimada.

— Acho que vou dar uma olhadinha nas panelas — comento.

Faço menção a me levantar, mas Finch me impede.

— Nada disso, Clark. As panelas podem esperar.

— E se a comida queimar?

— Se o cheiro de queimado subir, vamos saber.

— É assim que você monitora o fogão? Pelo cheiro de queimado? — questiono, achando graça.

Finch ri de forma contida. Ele mexe nas orelhas da Duquesa em um carinho digno de fazer a bichana tombar a cabeça e fechar os olhinhos.

— É a minha tática, Kay. Se o cheiro de queimado não for tão ruim, significa que só pegou o fundo da panela e ficou pronto. Mas quando fica insuportável é porque passou muito do ponto.

— Idiota — Dou risada. Tento sair do sofá novamente, mas Finch enlaça minha cintura no braço e me prende consigo e Duquesa. — Está sendo um péssimo aluno na aula de culinária!

— É você fica bem gostosa bancando a professora sabe tudo. Agora sossegue nesse sofá, mulher.

Seus dedos resvalam nas minhas costelas. Eu me remexo e dou um gritinho quando ele começa a me fazer cócegas.

— Finch! Vou cair do sofá! — praticamente berro em meio as gargalhadas.

Ele ignora meu pedido, se divertindo ao ouvir meus gritos. Eu me contorço tanto com a sessão de cócegas que Duquesa salta do sofá, incomodada com a bagunça. Minhas bochechas doem e não consigo parar de rir. Finch afunda o rosto no meu pescoço para distribuir beijos ali.

O contato me faz derreter.

— O som da sua risada é tão gostoso — ele recita.

Quando Finch finalmente para, relaxo o corpo no sofá e inspiro fundo, me recuperando. Meus olhos lacrimejam e um sorriso bobalhão enfeita meu rosto.

Movo o corpo sobre o dele e espalmo as mãos em seu peito ao encará-lo. Toco seu rosto tão belo, deslizando o polegar pela bochecha e indo até a mandíbula marcada.

— É tão bom poder estar com você depois de dias sem te ver. Fiquei com tanto medo de algo dar errado. Odeio não poder mais te ver do outro lado da minha janela — confidencio, estudando seu rosto. Aprecio o formato imponente do maxilar, os lábios corados e convidativos, as sobrancelhas escuras e cheias, as íris obsidianas. — Eu morri de saudade.

Finch sorri fraco, parecendo triste. O par de orbes negros ganha uma aura pesarosa.

— Me desculpe, Kay.

Eu o encaro confusa. Fico ainda mais perdida quando Finch me tira de cima dele e se senta ereto no sofá, evitando meu olhar. Toco seu ombro e seguro seu queixo para requisitar sua atenção.

— Por que está se desculpando?

— Porque sei que é uma merda ter que viver assim. Se encontrando às escondidas feito fugitivos, sem podermos nos ver e precisando cronometrar cada minuto que passamos juntos. Você merecia muito mais do que isso.

Nego com a cabeça, olhando em seus olhos.

— Mesmo que as coisas estejam complicadas, eu não abriria mão disso. Mesmo que nossos encontros sejam breves, sei que cada segundo vai valer a pena, porque, quando estou com você, sou capaz de esquecer que existe um mundo além de nós. Tudo o que preciso são desses poucos momentos, porque eles são apenas nossos.

As íris obsidianas esquadrinham meu rosto, transbordando ternura. Finch toca a mecha cacheada que desce pela minha bochecha e a arrasta para trás da minha orelha.

— É estranho dizer que às vezes você não parece real? Porque você é exatamente o tipo de felicidade que eu jamais pensei que encontraria ou que merecia. Eu tive muita sorte em te encontrar, Clark. O tipo de coisa que deve rolar a cada um milhão de anos, e eu te achei.

Sorrio docemente e uno nossos lábios. A agitação em meu peito se intensifica quando sou puxada para o colo dele. A coxa de Finch se encaixa no meio das minhas pernas. O simples contato faz arrepios ondularem pelo meu ventre e aquecerem meu ponto sensível.

Acho que essa coisa de romance proibido, os encontros às escondidas, a distância e a saudade estão contribuindo para a avalanche de hormônios alvoroçados e sensações luxuriosas que a presença de Finch me provoca.

Dizem que a saudade aumenta o sentimento. Sem dúvida, também aumenta os níveis de tensão sexual, porque é inacreditável a forma como meu corpo corresponde a cada pequeno estímulo dele.

Aquecendo, arrepiando, contraindo e pulsando. Tão quente e desejoso.

Movimento levemente o quadril em seu colo e subo a saia, querendo aliviar a sensação inquietante que cresce em meu baixo ventre devido ao contato direto da coxa dele na minha calcinha.

E é claro que Sullivan percebe isso. Ele sente.

O moreno enterra o rosto na curvatura do meu ombro e beija meu pescoço, me deixando fraca. Tombo a cabeça para o lado e suspiro baixinho, inebriada com os beijos macios que pincelam minha pele.

Minhas bochechas formigam e meu centro pulsa quando as mãos de Finch agarram meu quadril e me puxam contra si, intensificando a pressão da sua coxa na minha intimidade.

— Preciso te dizer algo. — Minha voz soa baixa e afetada.

Ele para de deslizar os lábios pelo meu pescoço, e eu aproveito para tomar fôlego e organizar a mente. É um verdadeiro desafio.

Umedeço os lábios e planejo minhas palavras.

— Semana que vem tem o feriado de Ação de Graças — comento.

— Caralho... é verdade. Passou voando. Estamos quase em dezembro.

— É, e... eu... — Procuro a maneira certa de prosseguir, visto que conheço Finch o bastante para saber que ele dificilmente aceitará o que vou propor. — Quero que passe o Dia de Ação de Graças comigo. Não pode passar o feriado aqui.

— Kay, isso não é boa ideia.

— Por que não? É uma data especial, um único dia. Eu quero que esteja comigo.

— Não vai passar com a sua família?

— Esse é o ponto. Todo ano nós nos reunimos na casa do meu pai. Eu quero que também esteja lá e os conheça.

Sullivan enruga levemente o cenho, rejeitando a ideia.

— Você melhor do que ninguém sabe que, se os seus familiares me conhecerem, não vão gostar nada de mim. Fora que é arriscado voltar pra La Victoire enquanto Andrew estiver por aí.

— Finch, por favor. Seu irmão sumiu, ele não terá como adivinhar que você passará o Dia de Ação de Graças na minha casa. Ele nem me conhece. E não fique pensando besteira sobre minha família. Eles só vão saber o que quisermos que saibam, e nada além disso.

— Kaylee, você não tem que se preocupar comigo. Eu nunca liguei pra essa coisa, não fará diferença alguma. Vou ficar bem aqui.

— Nunca comemorou esse dia?

Finch dá de ombros, incerto.

— Não. Meus pais nunca ligaram para isso. Também não era como se tivéssemos muitas coisas para agradecer. A data sempre passou batida.

— Bom, a partir de agora não vai mais passar. Porque você vai estar no jantar de Ação de Graças comigo, na casa do meu pai. Vai comer todos os pratos típicos da data e vai adorar! Principalmente a torta de amora que o tio Jasper faz.

Finch estala e língua e solta uma lufada, desaprovando a sugestão.

— Sei lá, Kay. Não sei se vou me sentir bem fazendo isso. Nem conheço ninguém da sua família além do seu pai. Serei um estranho na mesa.

— Ei! Não diga bobagem. Você é meu convidado, e é importante pra mim. Quero que se sinta à vontade com as outras pessoas da minha vida que também são importantes pra mim. Não será um estranho na mesa, será alguém que vou adorar apresentar à minha família.

— E como vai me apresentar a eles? O que vai dizer que somos?

— Bom, já que tocou no assunto, eu gostaria de apresentá-lo como o *meu namorado*. Como você ainda está me enrolando, terei que tomar as rédeas da situação e perguntar se você, Finch Sullivan, aceita me acompanhar oficialmente como o meu namorado no jantar de Ação de Graças.

Finch pisca e sorri, surpreso com a iniciativa. Seus dedos se encaixam na minha mandíbula e ele me perscruta, como se quisesse garantir que estou falando sério. Sua reação faz um sorriso afetado enfeitar meu rosto.

— Tem certeza? Não me entenda mal, é só que... sou a porra de um ninguém. Não quero que se arrependa.

— Finch, pare. Acha que existe qualquer chance de eu mudar de ideia? Isso é o que mais desejo, com cada pedaço de mim, quero você. — Seguro a mão dele e a embrulho entre meus dedos. — Já nos pertencemos há tempo demais e sabemos. Foi você que me disse isso. E tinha razão.

Contorno seu pescoço com os braços e invisto em sua direção. Selo nossas bocas, e minha língua mergulha ao encontro da dele num beijo lento e instigante que faz minha mente e corpo extasiarem. Faço um leve vaivém em seu colo, ondulando sobre ele. Minha pele fica toda eriçada com as pontas dos seus dedos embolando minha saia e acariciando minhas coxas.

— Sou sua, *Mon Coeur* — sussurro nos lábios dele.

Finch nos afasta um pouquinho, e encontro seus olhos intensos ao abrir os meus.

— Do que me chamou, Clark? — pergunta, achando graça.

— Você gosta tanto de me ouvir falar em francês, então pensei que gostaria disso — afirmo com um sorriso espertinho. Deslizo os dedos pelos fios negros que cobrem sua testa e os arrasto para trás. Seu olhar está preso no meu quando prossigo: — *Mon Coeur Saignant*.

Seus lábios se esticam, e Sullivan ergue uma sobrancelha com curiosidade. Os dedos dele se movem devagar, viajando pelas minhas coxas e subindo cada vez mais, espalhando calor e acendendo cada ponto percorrido. As mãos firmes apertam minha bunda, e eu ondulo em seu colo em resposta.

— E não vai me contar o que isso significa, Lois Lane? — O par de íris negras oscila entre meus olhos e minha boca, transbordando fascínio. — O que isso quer dizer, amor?

— Não vou contar, *Mon Coeur*. — Mordo o lábio inferior para conter o sorriso. — É mais divertido te deixar curioso.

Para cessar as perguntas, eu o beijo, suave e profundamente. Me desmancho no calor dos braços dele.

Minha pele esquenta com a palma da mão dele alisando minha bunda e me puxando contra seu corpo. A outra mão sobe até meu busto e acaricia meus seios por cima da camisa. Reteso a coluna no momento que seu polegar resvala no meu mamilo, criando um estímulo suave que eriça minha pele e faz os bicos dos meus seios enrijecerem.

Gemo manhosa em sua boca e empurro o quadril contra o dele, precisando sentir mais de Finch. Os dedos dele acariciam minha bunda e

contornam a renda da calcinha, quase invadindo-a. Minha vulva pulsa, e arrepios sobem pela minha nuca.

Arfo e choramingo quando Finch separa nossos lábios, totalmente entorpecida. Necessito de mais, estou ebulindo de desejo. Seu olhar detém o meu, intenso e vibrante. É como estar sedada, o corpo quente e sensível, e a mente enevoada.

Sullivan sabe que me deixou excitada. O sorriso discreto e sagaz que estica seus lábios demonstra isso. Finch adora me ver nesse estado de volúpia; os olhos embebidos por cobiça, e meu corpo implorando por ele.

— Então está feito, amor — ele me garante. O meio-sorriso sedutor que ergue o canto da sua boca me deixa vidrada. Seus lábios rosados estão ainda mais corados graças ao nosso beijo. — Vou acompanhar a *minha namorada* no Dia de Ação de Graças.

Sorrio extasiada, sem saber ao certo se é pelo tesão borbulhando em minha epiderme ou se é pela novidade de ouvi-lo me chamar de *namorada*.

Finch segura minha nuca e crava sua boca na curva do meu pescoço. Fecho os olhos e arquejo silenciosamente enquanto ele marca minha pele com chupões, subindo até o lóbulo da minha orelha.

— Gostou de ouvir isso, Clark? — ele sussurra para mim, o timbre envolvente e grave bem ao pé do meu ouvido. — *Minha namorada*. Espero que goste desse posto, porque você é a primeira a ocupá-lo.

A revelação me faz ir às nuvens, parece que estou tocando o céu.

Eu estava certa. Ainda que nossos momentos juntos sejam breves e às escondidas, ainda que a saudade me massacre nos dias em que não podemos nos ver, vale a pena. Cada pequeno segundo provando Finch Sullivan me puxa para um lapso temporal que é apenas nosso, onde nada mais existe. Onde sua presença me embriaga.

E isso me basta.

# 12

## Kaylee Clark

De fato os Allen foram embora de Faigan.

Hunter e Margaret Allen partiram para Aspen há dois dias e, de acordo com os comentários que circulam pela cidade, ficarão por lá por tempo indeterminado.

Foi a melhor notícia que eu poderia receber. É um verdadeiro alívio sentir que essa história ganhou um ponto-final. Não sei até quando Hunter e sua mãe permanecerão longe daqui, mas esse pequeno intervalo foi o suficiente para me trazer paz.

É um alívio saber que os segredos de Callum Allen morreram com ele naquela noite.

Após tanto desastre, finalmente posso me permitir descansar. Quero só curtir o momento, esvaziar a mente e me concentrar na celebração de Ação de Graças.

Dentro de algumas horas, toda a minha família estará reunida na casa do papai, e será bom me ocupar com algo tão trivial quanto receber visitas, jogar conversa fora e apreciar uma deliciosa ceia, para variar. Estou ansiosa para rever a vovó Clark e as primas Tracy e Emily.

Dessa vez, no entanto, haverá um elemento diferente em nosso jantar de Ação de Graças.

Uma presença inusitada:

Finch Sullivan.

Apesar de entusiasmada, confesso estar receosa. Teremos que mentir descaradamente para a minha família e ocultar todos os detalhes sórdidos da vida de Finch. Ainda assim, quero encarar o desafio e tê-lo ao meu lado hoje. Espero que ele se sinta acolhido e que perceba que não precisa continuar tão só.

Observo meu reflexo no espelho da sala de jantar da casa do papai. Respiro fundo para domar a ansiedade que faz meu estômago rodopiar.

Deslizo as mãos pelo vestido azul que abraça minha silhueta e se expande no quadril. Meu cabelo está solto, os cachos descendo pelas costas. Uma presilha firma a parte frontal no topo da minha cabeça. A maquiagem dá um aspecto natural à pele, e o batom terracota faz minha boca parecer ainda maior.

Estou usando o conjunto de brincos e colar de ouro branco que ganhei da vovó no último Natal, porque sei que ela adora me ver com eles, e claro, porque as joias delicadas combinam com meu visual.

Após dias, o ferimento no meu braço se tornou uma cicatriz discreta. Não sei por quanto tempo ela irá durar, mas, por enquanto, é um lembrete de tudo que precisei enfrentar até aqui.

Vovó, tia Davina e as primas Tracy e Emily estão na cozinha, tagarelando e comendo as tortinhas folhadas de maçã que acabaram de sair do forno. Posso ouvir suas vozes daqui. Meu pai e tio Jasper se divertem na sala, mexendo em vinis antigos e decidindo quais deles colocar no velho toca-discos do vovô Clark.

Ter a casa cheia em datas comemorativas sempre me deixa sentimental, e é inevitável não lembrar da minha mãe. Me pergunto o que Eloise Clark estaria fazendo se estivesse aqui também. Ela adorava as músicas antigas que papai colocava no toca-discos. Em dias como esse, gostava de cantarolar pela casa e enfeitar cada cômodo com arranjos de flores do nosso jardim.

Ao mesmo tempo que a lembrança me acolhe e me faz sorrir, também me rasga em pedaços de tanta saudade.

Pelo canto do olho, vejo Nash surgir na sala de jantar. Está vestindo uma camisa de botões vinho que cria um contraste lindo na pele negra. A calça de alfaiataria abraça suas pernas compridas, e um perfume cítrico agradável o envolve.

— Sério! Você precisa provar uma tortinha de maçã — fala de boca cheia. Termina de mastigar e engolir. — Estão divinas!

Sorrio e balanço a cabeça em concordância.

— O cheiro está ótimo. Mas estou sem fome agora.

Desvio o olhar para o relógio na parede do outro lado do cômodo. O ponteiro pequeno quase alcança o número cinco, enquanto o pequeno permanece cravado no doze.

Aperto os nós dos dedos, inquieta.

— Ele ainda não deu sinal? — Nash me questiona.

Torno a fitá-lo e percebo que ele se refere ao Finch. Certamente, notou a maneira como eu encarava o relógio.

— Ele disse que chegaria às cinco em ponto, e até agora não respondeu às minhas mensagens.

Abraço o corpo e me sento na beirada da mesa de madeira robusta e retangular. Nash se junta a mim.

— Não acredito que ele vai furar comigo.

— Faltam duas horas para o jantar. Ele ainda pode chegar, Kay.

Assinto, meio desanimada, mas tento me agarrar às palavras de Nash. Encaro minhas unhas pintadas de branco e suspiro, soturna.

Quando anunciei à minha família que meu namorado viria ao jantar de Ação de Graças, precisei lidar com a curiosidade dos Clark me fazendo mil perguntas sobre ele. Será tremendamente embaraçoso se Finch decidir me dar um bolo e nos deixar esperando.

— E você? — puxo conversa, acertando-o com uma cotovelada fraca. — Conseguiu falar com Gavin?

— Sim, inclusive já chegou em Colorado Spring. Vai passar o final de semana com a família. — Ele suspira, e seu olhar viaja para longe. — Só vou vê-lo na segunda-feira.

Um sorriso meigo toma o meu rosto, e Nash nem se dá conta, distraído com seus devaneios.

— Olha só pra você. Já todo apegado, mal aguenta passar uns diazinhos longe dele sem sentir falta — eu implico.

Ele revira os olhos como se não quisesse admitir, embora um sorriso culpado ilumine seu rosto.

— Os últimos dias foram tão corridos que nem comentei com você, mas agora que Hunter saiu da cidade e está definitivamente fora do time de lacrosse, vão nomear um novo capitão. O treinador disse que até a decisão final, quer que eu assuma o posto. E tenho chances de ser oficialmente nomeado capitão dos Volcans. Dá pra acreditar?

— Nash, isso é incrível! Parabéns! Você merece tanto.

Ele sorri, contente.

— Acho que preciso te agradecer por ter colocado o Hunter para correr daqui. Ficar feliz pelo que aconteceu me torna uma pessoa horrível?

Franzo o nariz e faço que não. Seguro seus ombros e declaro animada:

— Bom, te torna o capitão!

Ele dá risada.

Um ruído alto de buzina me faz sobressaltar da mesa. Novas buzinadas ecoam vindo do lado de fora. Corro até a sala e me debruço na janela para espiar a rua. Avisto um furgão cinza de vidros escuros em frente à nossa calçada.

E eu o reconheço.

Um pico de euforia me faz correr para o hall de entrada e escapar da casa do meu pai. Meus saltos estalam no corredor junto às passadas apressadas. A buzina volta a marcar presença, me incentivando a apertar o passo. Escancaro as portas do edifício e encontro o furgão de Reid parado na rua.

Desço os degraus rumo à calçada, e o rosto de Reid Masih surge na janela do motorista.

— Ei, Kaylee! — ele me cumprimenta, sorridente.

Eu o encaro, espantada, e sorrio sem entender.

— O que faz aqui?

Reid abre a porta e salta do furgão, parando diante de mim na calçada.

Ele veste uma blusa de mangas compridas que deixa os ombros largos em evidência. O cabelo penteado para trás de forma desalinhada, e os olhos castanhos e simpáticos ganham um brilho admirado ao me escanearem por inteiro.

— Cacete! Você tá incrível, Kay!

Sorrio com o elogio e encaro de relance meu vestido. Meus ombros se encolhem timidamente.

— Ah... obrigada! Mas... ainda não entendi. O que faz aqui, Reid?

— Vim trazer uma encomenda pra uma moça bonita que vive nesse endereço — ele brinca e passa por mim.

Acompanho seu trajeto com o olhar. Reid se dirige à traseira do furgão e dá duas batidas na lataria. Sem demora, a porta se abre e Finch surge do outro lado. Uma centelha aquece meu peito quando aqueles olhos obsidianas encontram os meus. Sorrio radiantemente.

*Ele veio!*

Finch salta do furgão, e eu me apresso até ele, transbordando entusiasmo.

— Achei que tinha desistido — confesso, sorrindo boba.

O calor de suas mãos envolve meu rosto, e Finch me beija. Sinto que posso derreter com o contato. Meus olhos fazem uma dedicada inspeção, admirando o quão bonito está na jaqueta de couro, com a blusa cinza e o jeans preto. A composição em tons escuros combina com ele. O cabelo macio recai sobre a testa e cobre parte das sobrancelhas, dando-lhe um ar misterioso e jovial.

Ele também está cheiroso. Não posso deixar de notar a fragrância masculina deliciosa que o acompanha.

Sullivan é um pecado de tão atraente. E todinho meu. O pensamento me faz sentir profundamente sortuda.

— Você está perfeita, Kaylee. Linda pra caralho! — Suas íris deslizam pelo meu corpo, observando o vestido, minhas pernas e depois sobem para o meu rosto, cheias de deslumbramento. — Desculpa a demora. Fiquei esperando Reid ir me buscar.

Oscilo meu olhar entre os dois.

— Não sabia que ele ia te trazer.

— Meu irmão conhece o Mustang. Eu não queria arriscar vir pra La Victoire com ele.

Faz sentido.

Olho para Reid e aponto para o prédio atrás de mim.

— Você não quer entrar um pouco? Vamos comer umas bobagens antes do jantar.

Reid sorri, agradecido, mas nega com a cabeça. Ele me mostra a chave do furgão.

— Obrigado, Kay. Mas já tô com as horas contadas. Tenho trabalho depois daqui.

— Trabalho no feriado? E... de noite? — eu rebato, intrigada.

Reid me lança um sorriso esperto e arqueia uma sobrancelha.

— Não é o tipo de trabalho que gosto de fazer à luz do dia. Uma parada mais... discreta.

Franzo o cenho, sem entender. É Finch quem esclarece:

— Reid vai transportar mercadoria pro Devan daqui a pouco.

— Oh... — enfim compreendo. Olho para Reid e digo: — Boa sorte, então. Espero que corra tudo bem.

— Valeu, Kay. Eu já tô indo nessa. — Ele fecha a porta da traseira do furgão num baque. — E feliz Dia de Ação de Graças pros dois! Principalmente pra você, Sullivan. — Dá dois tapinhas no ombro dele e me aponta com a cabeça. — Com uma garota linda dessas te esperando, tem muito o que dar graças! Estou com um pouco de inveja, não nego.

Minhas bochechas esquentam e eu sorrio, sem saber o que dizer. Finch lança um olhar severo ao amigo, reprovando a gracinha. Reid pisca para mim, sem se importar, e se diverte com a situação.

Reid retorna ao furgão, e o ronco do motor ressoa. O veículo dá partida, e eu aceno em sua direção. Subo os degraus do prédio ao lado de Finch e o conduzo para dentro.

— Quando eu encher a cara daquele babaca de porrada, ele vai parar com essa conversinha de merda pra cima de você — Finch resmunga, chateado.

Fecho as portas do prédio atrás de nós e me viro para Finch. Um sorriso arteiro enfeita meu rosto, e estreito os olhos ao estudá-lo, divertida.

— Sente ciúmes de mim com o Reid? — Há uma sutil provocação em meu timbre. Não posso evitar.

Finch ergue uma sobrancelha e ri nasalado, ultrajado pela suposição, embora seu aborrecimento o denuncie.

— Ciúmes? Não. Reid não saberia domar uma fera arisca feito você, Clark. Não do jeito que eu domei. Só não gosto de ninguém de olho no que me pertence.

— Bom, eu tenho uma péssima notícia, porque muitos caras olham pra mim — solto, fingindo inocência, só pra alfinetar.

Finch me puxa pela cintura, induzido pela provocação. Seu aperto firme dispersa calor em minha pele. Seu corpo me fecha contra a parede num movimento brusco e dominador, me enjaulando.

— E eu gostaria de arrebentar cada um deles, até que não possam mais olhar. Mas, se eu fizer, volto para a cadeia. É isso o que você quer, Clark?

Sorrio e mordo o lábio inferior, apreciando o furor genuíno que flameja em suas íris. Por alguma razão, vê-lo mordido de ciúmes faz fagulhas teimosas explodirem no meu peito.

— Nem pensar. Já te tirei da cadeia uma vez. Não vai querer me ver tentando te tirar de lá de novo.

Espalmo seu peito e deslizo as mãos pela jaqueta de couro. Toco as alças da mochila acoplada em suas costas, somente agora reparando nela.

— Trouxe roupas pra dormir aqui? — eu presumo.

— Uhum. Você me pediu, então vou dormir com a minha gatinha hoje.

Ele diminui nossa distância, seu corpo quase me prensando na parede. Meus dedos se infiltram no interior da jaqueta. Exploro o abdômen e seguro sua camisa para trazê-lo para mim. Nossos lábios se encontram, ávidos de saudade. Arrepios incendeiam minha pele quando as mãos de Finch sobem pelas minhas coxas, embolando meu vestido e reivindicando minha bunda.

— Oh... Céus! — A voz da vovó Clark surge como um despertador, quebrando o clima.

Dou um pulo no lugar e escapo do beijo no mesmo segundo, ofegante e assustada, ao topar com minha avó saindo da casa do papai. Finch gira nos calcanhares para encará-la, igualmente sem graça. Ele ajusta a jaqueta de couro no corpo, se recompondo. Eu me apresso em arrumar o vestido amarrotado, morta de vergonha.

Vovó alterna o olhar curioso entre mim e Sullivan, achando graça na situação.

— Então ele veio mesmo, querida! — a senhorinha de estatura baixa, cabelos grisalhos e pele negra retinta declara, surpresa ao encontrar Finch. — E como é bonito! Olhe só esse belo rapaz!

Abro um sorriso tímido e uno minha mão a de Finch. Faço com que ele dê um passo à frente e fique ao meu lado.

— Essa é minha avó, Dorothy Clark — eu a apresento a ele, bastante nervosa.

Finch é péssimo em transmitir simpatia, mas vejo seu esforço quando estica os lábios e meneia a cabeça para cumprimentá-la.

— É um prazer conhecê-la, sra. Clark.

Vovó abre um sorriso grandioso e sincero. Isso me alivia.

— O prazer é meu. Estava ansiosa pra ver quem era o rapaz de sorte que estava fazendo a minha neta sorrir tão apaixonada — comenta de forma maternal e brincalhona, me oferecendo um sorriso amável. Acena para Finch e indicar a porta da casa. — Vamos, entre!

Lanço um olhar encorajador ao moreno e acompanhamos minha vó rumo à casa do meu pai. Embora pareça calma por fora, estou tão nervosa quanto Finch.

Ao cruzarmos o hall, Nash é o primeiro a nos receber.

— Que bom que veio. Kay estava bastante ansiosa por isso — ele diz ao Finch, receptivo. — Bom... sinta-se à vontade. Espero que goste de todo mundo. E do jantar também, é a melhor parte.

Finch anui com a cabeça e oferece a mão para um breve cumprimento, mais educado do que jamais o vi.

— Valeu, Nash! Obrigado por tudo.

Conheço Finch e sei que ele não é adepto à falsas cerimônias. Portanto, enxergo verdade em seu agradecimento.

Sorrio para o meu primo, contente.

O próximo a se aproximar é meu pai. Está vestindo o suéter de inverno que lhe dei de presente no último Natal. Ele remove os óculos de descanso do rosto e o pendura na gola do suéter.

— Ei, rapaz! Bem-vindo! — papai o saúda com um aperto de mãos e um tapinha no ombro. — Então quer dizer que agora está mesmo namorando a minha filha? Da última vez que perguntei, Kaylee jurou que eu estava enganado, mas veja só se eu não tinha razão?

— Pai... — eu repreendo com um sorriso amarelo.

— Boa noite, sr. Clark. — Finch o cumprimenta, seguindo o figurino. — E... feliz Dia de Ação de Graças. Para todos vocês, é... ótimo finalmente conhecê-los.

Da forma mais discreta possível, libero o fôlego preso e relaxo os ombros, mais tranquila. Ele está indo bem.

Do canto da sala, perto da lareira, minhas primas mais novas observam Finch, cheias de curiosidade. Cochicham alvoroçadas entre si, feito as adolescentes tagarelas que são. Conhecendo Tracy e Emily, devem estar fofocando sobre o quanto meu namorado é bonito.

*E elas tem toda razão.*

Tio Jasper também surge para dar boas-vindas ao Sullivan.

— Então é o famoso Finch de quem minha sobrinha andou falando tanto durante a semana? — comenta, divertido.

Finch nem sequer tem chance de responder, porque mais uma enxurrada de perguntas surge, uma atrás de outra:

— Nos conte sobre você, Finch! — vovó propõe, animada. — Estou curiosa para saber mais a seu respeito. Por que não vamos pra cozinha comer um pouco de torta e conversar?

Meu pai é o próximo:

— Eu também estou curioso. Já que está namorando a minha filha, temos mesmo que ter uma conversa, hein? — Liam Clark o alfineta de forma descontraída. — Quero saber se anda cuidando bem da minha menina.

— Pai... — eu ralho baixinho, tímida.

Meu pai dá risada. Ele me abraça de lado e estala um beijo em minha testa, carinhoso.

— Só estou brincando com ele, querida. E sua avó teve uma ótima ideia. Vamos pra cozinha! Assim Finch já conhece todo mundo e podemos comer as tortas folhadas de maçã.

Aperto a mão de Finch suavemente e trocamos olhares. É a primeira vez que o vejo tão deslocado. Parece um peixe fora d'água, retirado do seu habitat natural, sem fazer ideia de por onde começar.

Nunca antes ele precisou conhecer a família de uma garota, então compreendo a falta de tato. Finch não é o tipo de cara que se submete a encontros familiares. Só está fazendo isso porque sabe que é importante pra mim.

Sorrio para ele, tentando encorajá-lo. Finch aperta minha mão e acaricia meus dedos com os seus, me transmitindo segurança. É o jeito dele de dizer que, por enquanto, está tudo bem e que continua disposto a tentar.

Finch encara meu pai, decidido. O sorriso fraco em seus lábios não atinge os olhos, apesar do empenho.

— Eu adoraria, sr. Clark! — por fim responde, dando seu melhor.

Juntos, acompanhamos meus familiares rumo à cozinha.

Vovó desata a fazer perguntas, querendo saber tudo sobre Finch, desde a cidade de onde veio até com o que trabalha. Tia Davina aparece para servir as tortinhas recém-assadas. Minhas primas se juntam a nós, e é até engraçada a maneira como ficam encantadas pela beleza de Sullivan. Papai coloca um disco para tocar na vitrola enquanto tio Jasper oferece uma cerveja gelada ao Finch, deixando-o mais à vontade.

Em poucos minutos, os Clark se tornam uma composição de vozes alegre e falante.

E em nenhum momento a mão de Finch se solta da minha.



Assim que terminamos de provar as tortas folhadas de maçã, Finch pediu licença a todos e subiu ao meu flat para guardar sua mochila.

E eu aproveitei a brecha para visitar o meu antigo quarto na casa do papai. Mais tarde, minhas primas o ocuparão para passarem a noite enquanto a vovó vai se instalar no quarto de hóspedes, pois decidiram ir embora amanhã.

Meus olhos viajam pelas quatro paredes em tom marfim que formam meu antigo quarto, onde passei toda a infância e adolescência. Apesar de bastante diferente do que era há quatro anos, ainda tem a minha cara. Alguns porta-retratos continuam decorando as paredes, e o mural onde montei um trajeto turístico pelo mapa da cidade de Lyon permanece fixado sobre a velha cômoda de roupas.

Vou até à cama de solteiro que um dia me pertenceu. Deslizo os dedos pelos lençóis recém-trocados e me ajoelho em frente a ela para vascular embaixo da cama. Puxo de lá uma caixa de madeira retangular, antiga e empoeirada, e a embalo nos braços.

Às vezes, penso em levar essa caixa de recordações para o flat, no entanto nunca tive coragem. Sempre preferi mantê-la protegida aqui.

Contudo, sabendo que minhas primas vão passar a noite neste quarto, não quero que acabem bisbilhotando ou danificando as lembranças da caixa.

Tudo que guardo nela possui um valor sentimental inestimável. Então, apenas por hoje, vou levá-la para o quarto do papai. Só por precaução.

Observo a caixa em minhas mãos, refletindo. Uma inquietude cresce em meu peito, e, quando dou por mim, já estou me sentando no colchão e depositando ela em meu colo para abri-la. Sei que seria mais fácil se eu não o fizesse, porque, apesar de saudosas, cada lembrança que ela carrega é tão dolorosa quanto um espinho cravado no peito.

Mas não sou capaz de resistir.

Logo que abro a tampa, me deparo com vários dos bilhetes comemorativos que escrevi para minha mãe durante a infância. Muitos deles foram motivados por atividades do colégio, mas outros partiram diretamente de mim. Junto aos diversos bilhetes coloridos e cheios de purpurinas, encontro alguns dos presentes personalizados que eu fazia para ela no seu aniversário e no Dia das Mães. Broches cafonas, porta-retratos de papelão e tinta, e uma variedade de presentinhos criativos.

A imagem da minha mãe em um dos porta-retratos, com seus cabelos cacheados e um sorriso enorme, me faz desmoronar.

Meus olhos marejam e travo o fôlego na garganta. Seguro as lágrimas para que não escorram e borrem a maquiagem.

Fecho a caixa num baque, decidindo que é hora de parar de mergulhar no passado. Do contrário, sairei daqui aos prantos.

Tenho que respirar fundo.

— Pelo visto, a curiosidade é um lance de família, uh? — A voz de Finch preenche o cômodo. Ergo o rosto e vejo o moreno escorado no batente, de braços cruzados, me olhando. — Sua avó também deveria ser jornalista, porque, com o tanto de perguntas que me fez, dava pra escrever um documentário.

Sorrio de leve e fungo. Uso as pontas dos dedos para secar as lágrimas que escorrem pelos cantos dos olhos.

Finch me analisa com minúcia e entra no quarto devagar.

— O que houve, Kay? — Seu timbre reflete preocupação. — Estava chorando?

Movo a cabeça em negação e forço um sorriso para tranquilizá-lo.

— Não é nada demais. É só que... estava olhando coisas do passado e... me lembrando.

Finch fecha a porta do quarto e chega mais perto, atencioso. Ele observa a caixa de madeira no meu colo.

— Quer conversar?

— Não, eu estou bem. É só que... minhas primas vão dormir aqui esta noite, então vim buscar essa caixa para guardá-la em outro lugar. Está cheia de recordações importantes, e não quero que elas acabem mexendo.

Ele assente, alternando o olhar entre meu rosto e a caixa.

— Se o que está aí dentro é tão importante, por que não a levou pro o flat?

É uma boa pergunta. Meu olhar despenca e encolho os ombros, incerta.

— Quando fiz dezoito anos, eu me mudei pro flat. Decidi não levar a caixa lá para cima. Foi o jeito que encontrei de me desprender um pouco das lembranças. Do contrário, eu continuaria olhando para essas coisas todos os dias, assim como estive fazendo enquanto ainda morava aqui com meu pai. E não entenda mal, não é como se eu não gostasse delas. Eu as amo e fazem parte de mim, mas às vezes elas doem muito.

Finch se senta ao meu lado no colchão. Sua mão cobre a minha e afaga meus dedos para me confortar.

— Quando aconteceu? — ele pergunta, baixo e receoso.

Ainda que ele não tenha especificado, sei que se refere a partida da minha mãe.

Puxo e solto o fôlego, me preparando para o tópico delicado.

— Eu tinha quatorze anos — confidencio.

Deixo a caixa na mesa de cabeceira, e sou tomada pela enxurrada de emoções. Finch me leva para junto de si, contornando minha cintura com o braço e beija meu ombro delicadamente.

— Me desculpe por perguntar, Kay.

— Está tudo bem. Não tem problema.

Seus dedos deslizam pelo meu cabelo, arrastando os cachos para trás. Ele distribui mais beijos pelo meu ombro, cuidadoso. Finch se recosta na cabeceira da cama e estica as pernas no colchão, pronto para me receber. Ele me embala em seus braços, e eu me aconchego nele, apoiando a cabeça em seu peito.

Eu me sinto protegida pelo seu calor, em um manto de carinho.

Meu olhar vai de encontro ao mural na outra ponta do quarto. Lá está o projeto que criei anos atrás, quando imprimi um mapa de Lyon e usei canetas coloridas para traçar rotas pela cidade, destacando pontos turísticos e planejando cada pedacinho que eu gostaria de visitar, caso algum dia fosse à França e conhecesse a cidade natal da mamãe.

— Foi um acidente — revelo, mantendo o olhar fixado no mapa. — Ela era enfermeira e estava voltando de um plantão. Naquela noite havia chovido, e as pistas estavam escorregadias. Ela andava pela calçada quando um motorista bêbado a atingiu. Ela foi levada ao hospital, mas acabou não resistindo.

Finch me embrulha em seus braços com mais força, como pudesse me proteger da dor da memória.

— Eu sinto muito, Kaylee.

— Ainda penso em como as coisas seriam se aquele dia fosse diferente. Se ela tivesse saído do trabalho mais cedo, ou um pouco mais tarde. Se o motorista não tivesse bebido. Se naquela noite não tivesse chovido. Sempre pareceu tão injusto.

— Eu entendo. — Ele faz carinho na minha cabeça. — Não é mesmo justo. Acho que nada nesse mundo se trata de justiça ou merecimento. As coisas só acontecem e... não podemos fazer nada. Somos reféns.

Faço que sim, pensativa.

Os dedos dele resvalam na raiz dos meus cabelos, me confortando. Suspiro fundo, conseguindo me tranquilizar. Fecho os olhos, segura nos braços de Finch.

Pergunto a ele:

— Já sentiu isso? Uma crise existencial onde você se pergunta como tudo seria hoje se um fatídico minuto jamais tivesse acontecido no passado? Um único minuto que pudesse mudar o rumo das coisas.

— Sim. Eu me pergunto isso todos os dias, Kay. Mas aprendi a conviver com o pensamento.

A melancolia em seu timbre me toca.

Finch possui um passado repleto de traumas, agressões e abandono. Suas feridas são ainda mais profundas do que as minhas. Tenho minhas dores, entretanto, sempre tive o suporte da minha família e o amor

incondicional do meu pai. Nunca me senti só. Mas ao Finch não restou nada.

Me dói saber que é a primeira vez na vida que ele comemora o Dia de Ação de Graças. Portanto, me sinto no dever de tornar esse momento especial para ele.

Giro o corpo e me sento de frente para Finch, as mãos pousadas em seus ombros.

Sorrio para ele.

— Quer saber? Não quero mais falar sobre essas coisas. Hoje é um dia especial, e eu estou feliz que está aqui. Quero aproveitar isso.

Ele desliza o dorso dos dedos pela minha bochecha e sorri levemente.

— E sabe o que eu percebi? — Ele faz um gesto de cabeça e indica algo na parede. — O seu nome do meio.

Olho para trás e vejo que ele se refere ao mural com o mapa de Lyon, onde meu nome está anotado no rodapé. Eu me derreto inteira ao ver que Finch reparou naquele detalhe.

— Kaylee Florence Clark — ele profere, e eu volto a fitá-lo. — *Florence*. Essa é a forma de pronunciar?

— É, você acertou, *Mon Coeur*. Acho que está pegando o jeito no francês — brinco ao tocar a ponta do seu nariz. Uno nossos lábios em um selinho e me afasto, sorridente. — Agora vem. Temos que sair daqui, minha família está esperando.

Saio da cama e seguro as mãos dele para levá-lo comigo. Mas Finch me puxa de volta. Seus braços enlaçam minha cintura e fico de joelhos no colchão. Ele ergue o rosto para me encarar.

— Espere, mulher. Me diga o que é essa coisa que tem me chamado.

Mordo o lábio, culpada.

— Qual delas? *Mon Coeur* ou *Mon Coeur Saignant*?

Eu poderia dizer que os apelidos nada mais são do que "Meu coração" e "Meu coração-sangrento" em francês e que o chamo assim por causa das flores que me deu. Mas é divertido vê-lo curioso.

Um sorriso de canto nasce em seus lábios. Eu fico vidrada no gesto charmoso.

— Se soubesse o quanto me deixa excitado te ouvir falando francês, não ficaria dizendo sacanagem para mim enquanto sua família está a alguns

cômodos de distância.

Prendo o riso.

— E quem disse que estou falando sacanagem?

— Se não está, por que fica fazendo essa voz?

— Que voz? — questiono, me divertindo.

— Sabe do que estou falando, Kay. — Finch habilmente agarra a parte traseira dos meus joelhos e me puxa, me fazendo cair sentada em seu colo. A mão dele agarra minha nuca, e sua boca percorre um trajeto até minha orelha para murmurar: — Essa voz suave e sexy. Fica ronronando, como se estivesse me implorando para te foder.

— Do que está falando, *Mon Coeur*? — sussurro, emitindo um timbre suave e melódico para provocá-lo. — *Je n'ai pas compris*.

Ele segura os cabelos da minha nuca com força, e eu me reteso em seu colo, curtindo a pegada rígida. Arrepios ardentes deslizam pelos meus poros quando a boca de Finch escorrega pelo meu pescoço, me provando.

— Finch, não podemos — sopro para ele. Meus músculos se desmancham com seus beijos trilhando pelo meu pescoço e suas mãos subindo a barra do meu vestido. — Tá todo mundo em casa.

— Tá com medo de que estranhem nosso sumiço e pensem que a gente tá mandando ver no seu antigo quarto? — A voz dele sai abafada, com sua boca enterrada nos meus cabelos.

Os pelinhos da minha nuca se eriçam.

— Não seria nada apropriado.

— Eu discordo. Acho uma ótima ideia. — Suas mãos firmam minhas coxas ao redor da sua cintura. Forte e veloz, Finch se põe de pé e me carrega pelo quarto. — Eu poderia te foder bem naquela cômoda. Acha que o barulho dela batendo na parede chamaria atenção da sua família?

— Pare com isso — eu o repreendo, risonha.

— Ou então a porta — ele sugere, exibindo um sorriso canalha. — Será que, se eu te prensar nela quando estiver te comendo, eles vão perceber?

— Me põe no chão, Sullivan. Temos que voltar lá para fora.

E, para me provocar, ele se faz de desentendido.

Suas mãos continuam firmadas nas minhas coxas quando ele me leva em direção à porta. E, assim como exemplificou, ele me prensa contra a

madeira em um baque, nos deixando face a face. Meu abdômen cola no dele, e, por reflexo, minhas pernas o enlaçam com mais força.

— Finch, não podemos! Você ficou louco? — sussurro em tom de bronca.

O brilho que incendeia seu olhar é repleto de malícia. O sorriso, puramente cafajeste.

— Desde que cheguei aqui não consigo parar de pensar no quanto a sua bunda fica uma delícia nesse vestidinho. Tá me deixando maluco, porque não vejo a hora de arrancá-lo de você.

Fico zonza quando Finch me coloca de pé no chão e me gira no lugar, me deixando de costas para ele. Minhas mãos espalmam a porta, e o corpo dele prensa o meu. O volume rígido em sua calça pressiona minha bunda em uma investida voraz.

— Finch, alguém pode escutar. Me deixe sair.

— Eles não vão escutar se você gemer baixinho, só para mim. — Finch estapeia a minha bunda, um impacto tão forte e imprevisível que me faz emitir um gritinho abafado. Está me provocando. — Assim não, amor. Mais baixo, uh?

*Filho da mãe!*

— Sullivan, não tem graça... — Ofego, sentindo minha pele arder e meu corpo cada vez mais quente, encurralada por ele.

Ele afunda o rosto na curva do meu pescoço, enterrado entre os meus cachos, para sentir meu cheiro. Seu torso pressionando minhas costas, seu pau apertando a minha bunda e o aroma do seu perfume másculo me rodeando.

— Esse é o nosso lance, gata. Eu te provoco, e você finge que odeia, quando no fundo sei que te excita ser comandada e desafiada. Porque você é uma safada que adora esse jogo.

Finch desfere outro tapa em minha bunda, ainda mais forte que anterior. Comprimo a mandíbula para não gemer. Ele sobe meu vestido até a cintura e deixa minha bunda exposta. Seus dedos escorregam entre os meus glúteos, descendo devagar e me tocando por cima da calcinha. Finch acaricia a minha vulva, as pontas dos dedos me massageando e me incitando. O contato me deixa molhada. Minha mente enfraquece, e meus músculos relaxam em pleno deleite. É impossível resistir ao tesão

permeando minhas terminações nervosas enquanto ele alisa a minha boceta provocantemente.

A boca dele alcança meu ouvido. Sua respiração quente eriça minha pele. Sinto, aos poucos, meus mamilos enrijecerem, sensíveis.

— Faça silêncio! — ele sussurra.

Eu o obedeço, me submetendo ao seu jogo. Não dou um pio sequer enquanto a calcinha desliza pelas minhas pernas e Finch a remove pelos meus pés. A sensação de perder o controle e ser dominada por ele faz meu sangue ferver.

Encho os pulmões de ar e contraio o abdômen à medida que Finch salpica beijos pela parte detrás das minhas coxas, seus lábios subindo mais e mais. Prendo a respiração e tombo a cabeça para trás, enfraquecida, quando os chupões marcam minha bunda.

Minha família está reunida a poucos cômodos daqui. Contudo, a sensação do proibido me excita.

Eu me esforço para não emitir nenhum ruído enquanto a língua de Finch explora o vão entre minhas nádegas, percorrendo cada ponto sensível. Aperto as pálpebras e choramingo baixinho quando sua língua quente desliza pelo meu ânus. É delicioso. Faz meu corpo formigar de excitação e arrepios tentadores cruzarem meu abdômen.

— Finch, aqui não... vamos para o flat — eu imploro, a voz sôfrega e arrastada em um gemido.

Finch se levanta e me fecha contra a porta, feito uma barreira. Suas mãos cobrem as minhas, mantendo-as coladas na porta, e sua boca sopra em meu ouvido:

— E qual seria a graça? Quero descobrir até que ponto você consegue se segurar e ser silenciosa. Não estrague a diversão.

Decidido, ele agarra as alças do meu vestido e desliza elas pelos meus braços. O tecido escorrega até a cintura, deixando meus seios expostos. Ele me gira de frente para si, e vejo seus traços embebidos pela lascívia. Meu rosto cora, e meu centro vibra de luxúria.

Finch raspa os dentes pelo lábio inferior ao perscrutar meus seios despidos, adorando a visão. A palma da mão dele desliza pelo meu abdômen, descendo pelo ventre e se infiltrando entre minhas pernas. Finch massageia minha intimidade, separando os grandes lábios com os dedos e encontrando o ponto certo para esfregar meu clitóris. Abro a boca e libero

um suspiro profundo, envolvida pelas ondas prazerosas que se expandem em meu baixo ventre.

— Boa garota, já está pronta para mim. — Seu timbre é banhado de desejo.

— Sullivan... a minha família... — Não concluo a frase, acometida por um gemido.

Reviro os olhos de pura satisfação e deixo os músculos relaxarem, viajando nas sensações. Finch fricciona meu clitóris bem lentamente, e eu movo o quadril contra a mão dele, necessitada. Minha boceta se contrai e separo ainda mais as pernas ao passo que Sullivan acelera o ritmo da masturbação. Fico sem fôlego, borbulhando. Um gemido prolongado e pedinte escapa pelos meus lábios.

Com a mão livre, ele captura meu queixo. Sua boca avança em meu pescoço, e o moreno sussurra contra minha pele:

— Se continuar gemendo assim, sua família vai saber que estou te fodendo aqui dentro. Vou passar uma péssima impressão a eles. — Eu pressiono os lábios, desesperada para conter meus gemidos. — Quer que eles descubram que a garota de ouro da família é a *minha vadia*?

— Finch... — eu choramingo.

Sua língua faminta desliza pelo meu pescoço, causando um rastro de calor e arrepios. Não consigo dizer mais nada. Se eu abrir a boca, meus gemidos vão reverberar escandalosamente pela casa.

— Geme baixinho, só para mim, Clark.

Eu assinto, enfeitiçada pelo seu efeito.

Espremo os lábios para sufocar os suspiros enquanto meu corpo se contorce de prazer. Ao mesmo tempo que me masturba, Finch usa a outra mão para puxar algo do bolso da calça. A embalagem laminada do preservativo fica presa entre seus dedos. Ele desabotoa a calça jeans e desce a cueca. Seu pau ereto salta para fora, a glande rosada e as veias delineando a deliciosa extensão.

— Vou te encarregar disso. — Ele me entrega a camisinha com um olhar sugestivo. — Estou com as mãos ocupadas agora.

Dito isso, ele agarra minha coxa e ergue minha perna esquerda, flexionando-a e deixando minha boceta ainda mais exposta aos seus estímulos. Os dedos dele massageiam meu ponto inchado e pulsante, e trilham um caminho até minha abertura, mergulhando em mim.

Chego a salivar, com as pernas fracas.

Meus dedos tremem ao abrir o preservativo, comprometidos pela vertigem de prazer que embaralha minha mente. Obedeço a ordem de Finch, e eu mesma me encarrego de cobrir sua ereção grossa e rígida com a camisinha, deslizando o látex até a base do seu pau.

Finch solta minha coxa e tira os dedos de dentro de mim. Seu indicador e dedo médio estão embebidos pela minha lubrificação quando ele os leva à boca e os chupa, apreciando meu sabor. É tão sensual que poderia me fazer atingir o ápice nesse instante.

Minha boceta pulsa, meu coração se descompassa e minha pele queima de tanta ânsia.

Mais uma vez, Finch me pega no colo. Enlaço a cintura dele com as pernas, trêmula e chorosa, enquanto ele me penetra. Mordo meus lábios e rebolo no pau dele, deliciada ao acomodá-lo dentro de mim. Suas investidas ganham velocidade, fazendo minhas costas se chocarem contra a porta em uma sequência repetitiva e nada discreta.

— Finch — chamo por ele, manhosa —, mais devagar, eles vão ouvir.

Sua boca vem ao encontro da minha, me prendendo em um beijo sedento. Meus gemidos abafados vibram para os seus lábios. Finch mantém a frequência intensa das estocadas, insaciável ao me foder. O estampido do meu corpo se chocando na porta ressoa junto ao atrito das nossas peles em contato, em um vaivém tórrido e viciante.

Ele quer me enlouquecer.

De olhos fechados, me proíbo de pensar na minha família além dessas paredes. Contorno o pescoço dele com os braços e embrenho os dedos no seu cabelo, recebendo suas investidas fortes e profundas. Estou me controlando tanto para ser silenciosa que sequer consigo respirar.

Aos poucos, Finch escorrega a mão pela minha bunda. Seus dedos traçam um caminho até a abertura da minha boceta e se lambuzam com minha lubrificação. Em seguida, vão mais adiante, tocando meu outro orifício. Finch começa a estimular aquele exato ponto, me causando uma surpreendente e provocante nuance de sensações.

Enquanto estoca em minha boceta, ele massageia a minha outra entrada, ameaçando penetrá-la. Fecho os olhos, lânguida, o coração como um furacão e minha pele faiscando.

A ponta do seu dedo entra um pouquinho em mim, permitindo que eu me acostume à sensação. O gemido prolongado que escapa por entre meus lábios demonstra minha satisfação. Seu dedo desliza mais fundo em mim, entrando e saindo vagarosamente e causando um estímulo extasiante. Suas estocadas prosseguem, seu pau me preenchendo em um vaivém gostoso. Ser duplamente penetrada por Finch me faz experimentar uma frequência abundante de prazer que jamais pensei ser possível. Cada pedacinho meu estremece em deliciosos espasmos.

Fico febril. Sôfrega. Fraca.

Mordo o lábio inferior e cravo os calcanhares na bunda dele. Eu me perco nas sensações ardentes. Finch beija o lóbulo da minha orelha, e sua voz sedutora recita:

— Gosta que eu te toque desse jeito enquanto como a sua boceta?

Não preciso responder. Finch já sabe, pode ler em cada reação do meu corpo que estou alucinando.

De repente, o êxtase é interrompido por uma voz que ressoa do lado de fora do quarto:

— Kay, você está aí? A vovó está te procurando! Kaylee? — Nash pergunta do corredor.

Meus olhos se abrem na mesma hora, e eu resfolego, tentando escapar do torpor. Finch também escutou o chamado do meu primo. No entanto, ao invés de parar, ele continua me fodendo e me estimulando. O prazer é tanto que minha voz desaparece.

Abro a boca, sôfrega, tentando reunir forças para falar. Finch me mostra um sorriso lascivo, motivado a me fazer atingir o clímax, como se a adrenalina do perigo o excitasse mais e mais.

Tomo um susto quando a maçaneta da porta se move. Eu agarro-a às pressas para mantê-la no lugar, impedindo que a porta se abra.

— Kaylee? Tá aí dentro? — Nash insiste do outro lado.

O sorriso malvado nos lábios de Finch se alarga. É pecaminoso. Ele diminui o ritmo das estocadas, entrando e saindo da minha boceta lentamente.

— Agora... não posso, Nash... — Meu timbre soa ofegante.

Tento me recompor, mas Finch torna isso impossível quando decide usar a outra mão para me masturbar. Seus dedos acariciam meu clitóris

habilmente, ao mesmo tempo que me fode devagarinho, me deixando à beira de um orgasmo.

— Está tudo bem? — Nash quer saber.

*Puta merda...*

— Oh... Estou... — Minha voz falha, e me engasgo com a saliva graças aos estímulos deliciosos que recebo. Tombo a cabeça contra a porta e aperto as pálpebras. — Estou ocupada... — Minha declaração saí em um choramingo manhoso que sou incapaz de segurar enquanto meu corpo tremelica de satisfação.

O clímax me arrebata, roubando meu fôlego e meus sentidos. Minhas pernas se contraem e logo em seguida relaxam ao redor de Finch. O embalo eletrizante do orgasmo me deixa tonta.

— Ah, meu Deus! Vocês dois... — Escuto Nash dizer do outro lado. Acho que ele entendeu o que está rolando. — Vou manter todos bem afastados daqui, Kay! — avisa.

Os passos apressados de Nash estalam pelo corredor, afastando-se.

Abro os olhos para encarar o cretino à minha frente. Finch está sorrindo vitorioso, satisfeito por ter me constrangido e me feito gemer na frente do meu primo. Seu olhar transborda malícia e divertimento.

— Filho da puta! — eu o acuso em um sussurro, sorrindo sem forças. Finch me beija. Sua língua saborosa invade minha boca, e ele aumenta a velocidade das estocadas. Chupo seu lábio inferior e encerro o beijo. — Se fosse meu pai do outro lado, eu te mataria.

— É uma delícia te ver tentando segurar os gemidos. Valeria muito a pena morrer por isso.

Finch nos afasta da porta e me carrega até a cama. Ele me deposita sobre os lençóis, deitada e de pernas abertas para ele. Meus cabelos se espalham no colchão, meu peito subindo descendo rápido com a respiração errática. Os orbes pretos e famintos viajam pelo meu corpo descoberto, alimentados por uma sede primitiva.

Suas mãos grandes seguram meu quadril e me puxam para a beirada do colchão. Ele apoia somente uma de suas coxas na cama, estabelecendo uma posição para me penetrar. Sua glande desliza pela minha boceta, a região está tão sensível que o contato me faz arquear a coluna e choramingar. Seu membro é introduzido em mim, e eu agarro sua jaqueta, totalmente fraca.

Acompanho cada veia inchada marcando seu pescoço e as linhas de expressão se contraindo enquanto ele me fode. Finch ofega e geme ao sentir o aperto das paredes da minha boceta, deliciado. Sua cabeça tomba para trás, e os lábios rosados se entreabrem, liberando um gemido silencioso.

Seu cabelo bagunçado recai sobre a testa, e ele respira pela boca, desritmado e ofegante, sedento em cada investida. Ele crava os dedos nas minhas coxas para flexionar minhas pernas, de forma que meus joelhos quase tocam meus ombros. Estou entregue, dando ao Sullivan tudo que tenho, hipnotizada ao assisti-lo se satisfazer.

A maneira como Finch aperta as pálpebras ao trincar mandíbula anuncia seu orgasmo. Um grunhido baixo e entorpecido escapa de sua garganta. A pressão tensionado seus traços se alivia, dando lugar ao deleite.

Tudo ao meu redor parece um borrão, e não consigo acreditar no que acabamos de fazer.

Uau... foi maravilhoso!

Finch sai de dentro de mim, cansado e ofegante. Seu rosto está vermelho, e gotículas de suor descem pela testa.

Eu me aconchego nos lençóis, mole de exaustão. Meu corpo está tão relaxado que não me atrevo a sair do lugar. Minhas pernas bambeiam com a leve menção de movê-las. Sou capaz de sentir cada batimento cardíaco.

Droga... preciso trocar esses lençóis antes que minha família perceba o que aconteceu aqui.

Finch escala meu corpo sobre o colchão, os cotovelos apoiados em cada lado dos meus braços e o rosto acima do meu. Seus lábios estão inchados, os fios pretos desgrenhados e as maçãs do rosto rubras pelo esforço. Os orbes escuros exalam um furor lascivo. O meio-sorriso que se desenha em seu rosto é tentador.

Arfo baixinho quando o calor dos seus dedos envolve meu rosto. Ele acaricia minha bochecha, e seu polegar roça pelo meu lábio inferior.

— Acho que finalmente encontrei um motivo perfeito para dar graças. — Finch planta um beijo carinhoso em meus lábios e sussurra: — *Você,* Kaylee Florence Clark! — Seus olhos imergem nos meus, emanando paixão. — Feliz Dia de Ação de Graças, amor!

# 13

## Kaylee Clark

Parece que meu rosto vai pegar fogo. Ainda sinto as pernas doloridas depois do que Finch e eu fizemos no meu antigo quarto.

Tive que retocar a maquiagem e desamassar o vestido. Finch só precisou arrumar o cabelo bagunçado e lavar o rosto no banheiro. Foi o suficiente para nos recompormos, como se não tivéssemos passado os últimos minutos transando. Quando retornamos à sala de estar, ninguém pareceu estranhar nosso sumiço, ou, se estranharam, disfarçaram muito bem.

Agora, falta pouco mais de uma hora para o jantar. Minha avó e meus tios Jasper e Davina estão na cozinha, nos preparativos da ceia, enquanto Finch, meu pai, Nash e eu nos reunimos na sala, em frente à TV ligada. A programação reprisa o especial de Ação de Graças de um sitcom antigo.

Nash está sentado na poltrona próxima à lareira, bebendo um café recém-passado. Minhas bochechas formigam de vergonha toda vez que nossos olhares se cruzam. Não consigo esquecer que ele me ouviu gemendo minutos atrás. O constrangimento faz um sorriso culpado e involuntário despontar no canto da minha boca.

Minhas primas estão no meu antigo quarto, arrumando suas coisas para passarem a noite. A cama continua sem os lençóis, visto que precisei retirá-

los depois do que Finch e eu fizemos. Tenho que me lembrar de levar roupa de cama limpa para lá mais tarde.

Eu me estico no sofá em busca dos biscoitos com pingos de chocolate da bandeja na mesa de centro. Me aconchego ao lado de Finch, a cabeça apoiada em seu ombro e sua mão repousada em meu joelho. Embora socializar não seja um dos seus fortes, ele tem conseguido estabelecer conversas triviais com meu pai e Nash.

O som da campainha ressoa pelo cômodo e interrompe o desfecho de uma piada ruim que meu pai contava. Ele se levanta do outro sofá e deixa o controle remoto na mesa de centro, ao lado da bandeja de biscoitos.

— Estão esperando mais alguém? — ele pergunta, olhando de mim para Nash.

Tanto eu quanto meu primo fazemos que não.

Papai segue na direção do hall e some do meu campo de visão. Ouço a porta da casa se abrir, seguido por um coro animado de vozes desejando Feliz Dia de Ação de Graças.

Vozes que eu não demoro a reconhecer.

Aprumo a postura no sofá, desejando ter escutado errado. Olho de imediato para Nash e o encontro tão espantado quanto eu, porque também reconheceu as vozes. Meu rosto congela, sem expressão, quando vejo Marta Jacobs adentrar a sala acompanhada pelo filho mais velho, que é ninguém menos do que o meu ex-namorado.

Philip Jacobs.

Nash quase cospe o café de volta na caneca, atônito. Pego desprevenido, Finch enrijece a postura no sofá e enruga o cenho ao avistar Philip. A mandíbula trincada e os ombros rígidos revelam sua brusca mudança de humor.

Sem nem saber como reagir, olho de Philip para sua mãe, os dois plantados no meio da sala ao lado do papai, que parece igualmente surpreso pela chegada dos nossos vizinhos.

Por moramos no mesmo bairro, nossas famílias se tornaram bastante próximas quando Philip e eu engatamos em um namoro. Meu pai e os pais dele estabeleceram uma singela amizade que fizeram questão de preservar, mesmo após nosso término.

No ano passado, os Jacobs fizeram a mesma coisa. Eram por volta das três da tarde quando Philip e seus pais bateram à nossa porta para desejar

um feliz Dia de Ação de Graças e nos oferecer uma torta de maçã. Na época, Philip e eu tínhamos acabado de terminar e a situação foi tremendamente embaraçosa. Meu pai, como o homem educado que é, os deixou entrar e serviu até um café.

Nada tira na minha cabeça que aquilo foi uma tentativa idiota do Philip tentar nos reaproximar. Eu só não imaginava que ele poderia replicar o mesmo papelão esse ano. Sobretudo, considerando os últimos meses. Mas, pelo visto, me enganei e a cara de pau de Philip Jacob excede qualquer limite.

Dessa vez, o sr. Jacobs ficou em casa e apenas sua esposa se submeteu a participar desse circo ao lado do filho. A mulher sorridente carrega uma travessa coberta por um pano de prato, que suspeito ser outra torta. Para ser justa, ela é uma boa pessoa, atenciosa e gentil. Nem imagina que o filho é um verdadeiro cretino.

— Eles vieram nos desejar um feliz Dia de Ação de Graças — papai anuncia e olha diretamente para mim. Seu semblante me diz que ele não fazia ideia de que isso aconteceria. — Ah, e... — ele limpa a garganta, forçando um sorriso educado e apontando para a sra. Jacob — eles trouxeram algo para nós.

— É uma torta de abóbora! — a mãe de Philip revela com orgulho. — Foi ideia do Phil. Ele sabe que você e aquela mocinha amam torta de abóbora — ela explica e lança um sorriso amável para mim.

Marta Jacobs sempre me adorou, e nunca tive motivos para reclamar dela. Portanto, embora continue perplexa, consigo moldar um sorriso grato nos lábios. Contudo, meu olhar logo se desvia dela e encontra seu filho.

E, como o verdadeiro covarde que é, Philip foge do contato visual e puxa assunto com meu pai:

— Como vai, sr. Clark? Poxa, faz um tempão que não nos falamos.

— Estou bem. Como sempre, aquela velha dor nas costas, mas estou ótimo. É bom revê-lo, Phil!

Quero revirar os olhos.

Passos estalam no piso, vindo do corredor. Olho para o lado e encontro minha avó e meus tios a caminho da sala, curiosos com a súbita visita. Vovó abre um sorriso todo bobo ao se deparar com meu ex-namorado.

— Oh, Phil? Não sabia que viria! — Ela atravessa o cômodo com os braços abertos e o cumprimenta com um abraço. — Parece mais velho, está

tão bonito! Há quanto tempo não te vejo!

— Faz mesmo bastante tempo, vovó Clark. Talvez um ano — ele responde ao se afastar do abraço.

Engulo um bolo de ar e travo a mandíbula, cheia de ódio. O quão descarado esse filho da puta tem que ser para aparecer na minha casa justamente hoje e, ainda por cima, chamando a *minha avó* de "vovó Clark". Ele fazia isso quando namorávamos e, por alguma razão, acha que ainda tem direito de chamá-la assim.

Alimentada pelo sentimento de revolta, eu me coloco de pé em um ímpeto. Fico dividida entre escapar daqui ou fingir que nada está acontecendo. Olho para Finch e encontro uma tempestade em suas íris. Os orbes exalando fúria se encontram focados em Philip.

— Como você está, querida? — a sra. Jacobs me pergunta, amável. O corte Chanel do seu cabelo castanho deixa seu rosto ainda mais arredondado. As maçãs do rosto proeminentes ressaltam quando ela sorri. — Faz tempo que não conversamos. Sinto tanta falta de vê-la lá em casa. De todas as namoradas que meu filho já teve, sabe que foi a minha favorita. Por que não aparece lá qualquer dia desses?

Minhas pálpebras batem sem parar, e não encontro resposta.

Olho para Philip, porque sei que esse convite da sua mãe foi obra dele. Porém, percebo a frustração em seu rosto, parece chateado com a presença de Finch. Acho que ele não imaginava encontrá-lo aqui.

— Aceitam um café? — minha avó atrai a atenção de todos ao perguntar. — Tem café pronto na cozinha, está morno. Vocês trouxeram algo para nós, então nos deixem retribuir oferecendo uma bebida quente nesse inverno. Faz tanto frio lá fora.

— Não queremos incomodar, só viemos trazer a torta — a sra. Jacobs alega.

Meu pai troca um olhar comigo e vê que estou incomodada. Parece em uma saia justa.

Ele limpa a garganta e afirma:

— Não é incomodo algum, não...

Aprumo os ombros e me esforço para disfarçar o desgosto.

Se Philip acha que vai me desestabilizar, vou adorar destruir seus planos. Sei que encontrar Finch aqui o espantou. Portanto, farei questão de intensificar seu choque.

— É apenas um café, aceitem! — eu mesma insisto, sorrindo para eles como se adorasse a ideia. — Eu faço questão!

Philip me encara com surpresa e desconfiança, estranhando minha súbita receptividade. Olho para a mãe dele e emendo:

— Senhora Jacobs. Sempre a considerei muito, por isso tem alguém que quero que conheça. — Olho para Finch e seguro sua mão. Ele se levanta e para ao meu lado, sustentando um semblante sisudo. Seus olhos ferozes continuam fixados em Philip. — Esse é Finch. É o meu namorado. Philip e ele já conheceram há um tempo e se deram *muito* bem.

Finch acaricia o dorso da minha mão com o polegar, como se me parabenizasse pela mentira sagaz.

— Isso mesmo — o moreno concorda comigo. Ele passa o braço pela minha cintura de forma possessiva, demarcando território, e continua encarando Philip. — A gente bateu um papo. Não foi, cara?

Philip comprime os lábios, um discreto sinal de desconforto, e move a cabeça positivamente.

— É, algo assim — ele se limita, sem graça.

Seu olhar desapontado se alterna entre mim e Finch. O clima desagradável se torna cada vez mais evidente, como um elefante em uma sala.

Tenho um nó crescendo em meu estômago enquanto toda a minha família acompanha a cena. Meu ex-namorado fita Finch da cabeça aos pés em um gesto de escárnio, e não gosto do sorriso falso que enfeita seu rosto.

— Já nos falamos, mas não me lembro de muita coisa ao seu respeito — Philip diz ao Finch, cínico. — Com o que você trabalha mesmo? Já que não estuda e... não faz coisa alguma da vida. Você não tinha um... emprego informal em Royaume. Um trabalho braçal em um lugar meio barra-pesada, se não me engano? — ele ironiza, se referindo às lutas no Cerberus.

*Desgraçado...*

De forma velada, está ameaçando expor Finch na frente da minha família.

Antes que Sullivan possa dizer qualquer coisa, eu me adianto:

— Deve ter se confundido. Finch não trabalha em Royaume.

— Tem certeza? — Me encara com deboche. — Acho que já o vi por uns dos galpões daquela região, trabalhava com... sei lá... era um daqueles

empregos que não precisa de qualificação. Nem mesmo de carteira assinada. — Ele aponta para Finch, fingindo não se lembrar. — Qual era o nome mesmo do lugar, cara?

— Você se enganou — Finch rebate, curto e ríspido. Seus ombros sobem ligeiramente e o peito infla, como quem se prepara para uma briga. — Acredito que nunca me viu em Royaume.

O ódio que incendeia os olhos de Finch é um sinal de alerta, desafiando-o a ir adiante na provocação.

Antes que a situação se agrave, decido intervir.

— Me deixe ficar com isso, sra. Jacobs! — digo a mulher, alto e sorridente. Torno-me o foco das atenções quando vou até ela e pego a travessa da torta. — Muito obrigada pela torta de abóbora. Foi muito atencioso da sua parte.

Com a travessa nos braços, viro-me para Philip e declaro:

— Phil, pode me acompanhar até a cozinha? Pra retribuir a gentileza da sua mãe, vou separar umas tortinhas folhadas pra vocês. Venha comigo e me ajude a separá-las!

Meu ex-namorado pisca, confuso, e abre a boca sem saber o que dizer. Eu lhe ofereço um sorriso enorme, fazendo cena para a família, mas Philip sabe que meu convite é tudo, menos amistoso.

Ele observa a mãe, depois encara meu pai, minha avó, meus tios e, por último, Finch. Limpa a garganta e assente.

— Tá legal, Kaylee! Vamos lá.

Logo que me viro para me afastar, Finch agarra meu braço e me mantém no lugar. Ele me encara com reprovação. Nenhuma palavra precisa ser dita, sei que está furioso e se segurando para não partir para cima de Philip. Só não fez isso ainda por causa da minha família.

Beijo o rosto dele e sussurro:

— Eu já volto, confie em mim.

Ele não responde, apenas solta meu braço e permite que eu me afaste.

Sem proferirmos uma única palavra, Philip e eu deixamos a sala de estar e nos dirigimos ao corredor. Minha respiração pesa. Fico tão possessa que poderia estilhaçar a travessa da torta com as próprias mãos. Só Deus sabe o quanto estou me controlando para não explodir com o miserável que caminha ao meu lado.

Entramos na cozinha, e eu me apresso em repousar a torta na bancada. Viro-me para Philip numa profusão de revolta, pronta para despejar as palavras entaladas na garganta. Entretanto, me contenho ao ouvir os passos que se aproximam.

Nash surge de repente pelo corredor e adentra na cozinha. Aponta para Philip e vem marchando em sua direção.

— Ano passado foi a torta de maçã, e esse ano uma de abóbora — Nash dispara num tom zombeteiro e indica a torta na bancada. — No ano que vem teremos o quê? Uma torta de amora? Limão? Que droga é essa?

Philip ri pelo nariz, se fazendo de desentendido.

— Ei, Nash! Como você tá?

Meu primo sufoca uma risada sem humor, encarando-o perplexo. Nash não é do tipo que arruma brigas por aí, mas é do tipo que compraria todas as brigas do mundo para me defender, e é exatamente o que está fazendo.

— Tá de sacanagem? — Nash chega mais perto dele, o semblante fechado e a postura rígida. — Você me vê praticamente todo dia nos treinos dos Volcans e sempre foi um babaca comigo pra agradar o Hunter. E agora me cumprimenta como se se importasse? Vai se foder! Você nem deveria estar aqui e sabe disso! Tem sorte que a Kaylee não contou a todos o que você fez!

— Eu não quero problema, Nash — Ele recua e ergue as mãos em trégua.

— Não é o que parece.

Eu me coloco entre eles e seguro os ombros de Nash, acalmando-o.

— Nash, nos deixe sozinhos, por favor.

Ele une as sobrancelhas e faz que não.

— Não vou te deixar sozinha com ele. Philip tem que ir embora!

— Por favor, Nash. Só por uns minutos. Sei o que estou fazendo. Vá para a sala e mantenha todos afastados daqui. Pode fazer isso por mim?

Nash solta uma lufada de ar, contrariado.

— Tá legal. Mas não demore com esse otário. Não vamos estragar a nossa comemoração por causa dele.

Eu assinto.

— Pode deixar.

Nash lança um olhar reprovador sobre Philip, deixando claro que não é bem-vindo. A contragosto, ele gira nos calcanhares e abandona a cozinha.

Reúno o máximo de fôlego que consigo, dominada pela raiva. Encaro o facão que repousa no mármore da bancada, ao lado do faqueiro de madeira e da torta de abóbora.

— Por que ele tá tão puto comigo? — A maldita voz de Philip faz meus nervos explodirem. — Não tenho falado nada com ele na faculdade desde...

Eu disparo na direção de Philip e aponto o dedo em sua cara de forma acusadora, calando sua boca.

— Como pode ser tão dissimulado e atrevido? — brado em um timbre controlado, evitando que minha voz atravesse as paredes e atraia atenção. — Acha mesmo que pode vir na casa da minha família me afrontar?

— Não foi isso que eu vim fazer aqui, Kay.

— Então que porra foi aquela na sala? A merda da história sobre Finch trabalhar em Royaume?

Philip esboça um sorriso fingido, deixando a máscara cair.

— Eu não estava mentindo, estava?

Estou com tanto ódio que poderia esbofetear a cara dele. Minha mão coça por isso. Preciso fechá-las para cessar o impulso.

— Como sabia que Finch estaria aqui?

— Eu não sabia. Quando minha mãe comentou que viria aqui para desejar feliz Dia de Ação de Graças, eu quis vir junto. Foi só isso. Eu queria te ver.

Rio, desacreditada.

— E por que diabos queria me ver?

— Porque quero saber o que disse ao Hunter para fazê-lo ir embora da cidade — ele me cobra. Ao perceber meu espanto, continua: — Eu soube que você esteve na casa dele no dia do funeral. Antes daquilo, Hunter estava decidido a ficar. Mas depois quis ir embora sem explicar o motivo. O que disse a ele? Você e aquele bandido de merda o ameaçaram ou algo assim? O que estão planejando?

— Você perdeu o juízo! Não está dizendo coisa com coisa.

— Então me diga por que foi à casa do Hunter. O que foi fazer lá? Foi a mando do Finch?

— Não é da sua conta, porra!

Philip passa a mão pela testa e me encara incrédulo, quase desapontado.

— Não está vendo, Kaylee? Todos os seus problemas começaram com ele. — Aponta na direção da sala, se referindo ao Finch. — Você nem é mais a mesma pessoa depois que o conheceu, quase não a reconheço. Ele está te deixando cega, e você não percebe o quanto está se afundando. Aposto que o trouxe aqui sem dizer a sua família quem ele realmente é. Não foi?

Não respondo, na defensiva. Eu me sinto acuada, sabendo que a qualquer momento Philip pode destruir o dia especial que planejei e expor Finch na frente da minha família.

Odeio estar em desvantagem. Meu sangue esquenta, movido pela raiva, e meus olhos correm até o facão em cima da bancada.

Meu silêncio vira um combustível para Philip. Ele move a cabeça positivamente e sorri, satisfeito em me deixar sem resposta.

— Viu só? Eu sabia, Kaylee. Eles vão adorar saber a verdade. Que aquele marginal que não tem onde cair morto não passa de um pedaço de lixo de Royaume, tão desqualificado e sujo quanto os outros bandidos que infestam aquele lugar! Faça eles saberem quem Finch é de verdade e veja a reação deles.

Meu lado racional perde a batalha e o meu ódio assume as rédeas da forma mais explosiva possível. Ajo por instinto. Agarro o facão da bancada e o ergo na altura do rosto de Philip.

— Nem mesmo você sabe quem Finch é de verdade, então por que acha que o conhece? — brado com coragem. Ele recua e fica encurralado contra a pia. — Não se atreva a se meter na minha vida, porra! Se acha que pode vir na minha casa pra me provocar e me fazer sentir ameaçada, você também não me conhece, Philip!

— Kaylee... abaixa essa faca — ele pede devagar, assustado com a lâmina apontada em seu rosto.

Ignoro o pedido, consumida pela raiva.

— Você vai dar o fora daqui agora mesmo! Vai inventar uma história qualquer e desaparecer sem olhar para trás. Nunca mais vai voltar a colocar os pés aqui! Não tô brincando.

Seus olhos arregalados miram a ponta da faca. Ele engole em seco, abismado. Recua mais um passo, e suas mãos buscam auxílio na borda pia atrás de si.

— E o que vai fazer se eu não quiser? Vai me esfaquear? Essa é você agora? É nisso que aquele bandido te transformou?

— Você não faz ideia do que eu me transformei, e não por culpa do Finch. Mas por culpa de filhos da puta como você! Acha que eu enlouqueci, Philip? Você ainda não viu nada. Finch tem muito mais honra do que você jamais terá na sua vida inteira. Então, nunca mais ouse tocar no nome dele, porque você não é metade do homem que ele é! A partir de hoje, não quero que olhe na minha cara outra vez. Isso acaba aqui! Você me entendeu?

Toda a petulância que ele exibia minutos atrás desaparece. Sobra apenas o choque refletido em sua face e o amargor esboçado em seu olhar.

— Pode deixar, Kaylee. Essa foi a última vez que tentei fazer algo por você. A partir de hoje, você não significa nada pra mim!

Abro um sorriso frio.

— Foi a melhor notícia que eu poderia receber. — Indico a saída da cozinha com o facão e depois torno a apontar a lâmina para ele. — Suma daqui!

Abaixo o facão e dou um passo para trás, abrindo espaço para que ele se afaste. Philip caminha devagar, esquadrinhando meu rosto de forma confusa, como se não me reconhecesse.

Vejo de relance um borrão adentrar na cozinha às pressas.

É Finch.

Cada traçado rígido do seu rosto evidencia sua fúria. Os olhos ganham um aspecto sombrio.

— Que porra tá acontecendo? O que tanto conversam aqui, hein? — ele ralha, marchando velozmente em nossa direção.

Ele nos analisa, tentando desvendar o que aconteceu. Seus olhos miram o facão em minha mão, e um vinco confuso marca seu cenho. Antes que eu possa dizer algo ou que Philip tente se afastar, Sullivan passa por mim feito um tanque de guerra e intercepta meu ex-namorado. Ele o agarra pela gola da camisa e o prensa na bancada com a força de uma fera, como se pudesse destruí-lo.

— Da outra vez que nos encontramos eu não te arrebentei como deveria. Fiquei tão concentrado no merdinha do Hunter que me esqueci de

quebrar cada osso do seu corpo, seu miserável! — Finch rosna na cara dele.

Philip tenta afastá-lo em vão.

— Finch, pare! — peço, alarmada, temendo que alguém escute o conflito. — Isso não é necessário, Philip está indo embora.

— Com certeza ele está indo embora, Kaylee! — Finch brada, o timbre raivoso e descontrolado. Ele bate o corpo de Philip contra a bancada e o golpeia com uma joelhada na boca do estômago. — Porque eu mesmo vou me encarregar disso.

Jacobs arqueja sem fôlego e cambaleia para frente, desnorteado pelo golpe. Ele se apoia nos armários em busca de equilíbrio. O rosto vermelho, a boca aberta e os olhos lacrimejando enquanto tenta respirar.

Finch não perde tempo. Ele arranca a faca da minha mão em um rompante e agarra Philip pela retaguarda, posicionando a lâmina na garganta dele.

— Não dê um pio, seu filho da puta! — ele ordena, forçando-o a caminhar.

Philip fica tão apavorado que sequer resiste à emboscada. Puxa o fôlego com dificuldade, debilitado pela pancada que recebeu. Com a lâmina fixa em sua pele, qualquer movimento brusco causará uma tragédia.

Nessas circunstâncias, Finch o conduz à força até a porta dos fundos e o compele em direção à varanda. Corro atrás deles a tempo de ver Finch empurrar Jacobs pelos degraus da varanda, levando-o a uma queda feia no gramado do quintal.

— Finch, já chega! Não faça isso! — chamo a sua atenção, tentando desesperadamente segurá-lo.

No entanto, ele não me escuta.

Philip rasteja pelo gramado, aflito, buscando se reerguer. Mas Sullivan parte para cima dele com uma velocidade espantosa, feito um animal selvagem, desferindo um soco em sua cara e derrubando-o no gramado outra vez. Seu antebraço esquerdo pressiona a garganta de Philip com tanta força que o faz urrar, engasgado. O facão continua firmado em sua mão direita, em posição de ataque.

Pronto para esfaqueá-lo.

Philip se debate no gramado, esmagado pelo peso de Finch, mas desiste de lutar quando a ponta do facão é colocada a centímetros do seu nariz. Sullivan aperta o pescoço dele com o antebraço e trava sua

respiração. Philip grasna, sufocado. Seu rosto vermelho, as veias da testa dilatadas, os olhos arregalados de pavor e boca aberta implorando por fôlego.

— Quem você pensa que é? — Finch rosna para ele. — Acha que pode me amedrontar com aquela ceninha? Acha que vai me humilhar na frente da família da Kaylee? Se está tão convencido de que sou como os criminosos de Royaume, deveria tomar muito cuidado comigo.

— Eu... vou embora. Eu... juro — A voz de Philip escapa em grunhido áspero e doloroso.

— É claro que vai embora, mas não vai sair daqui sem receber o que merece. Vou te ensinar a nunca mais me desafiar! — Finch passeia a ponta da faca sobre o rosto de Philip, mirando boca, nariz e testa. A lâmina quase arranha a face de Jacobs, a milímetros de perfurar sua testa. Prendo a respiração, com o coração na garganta, esperando pelo pior. — Se acha que sou uma pessoa ruim, você ainda não viu nada. Porque, na verdade, consigo ser muito pior do que apenas *ruim*, Philip.

O passado ganha vida diante dos meus olhos, reprisado como um filme. *Finch sendo arrancado de mim, algemado e colocado em uma viatura.*

Não posso permitir que isso se repita.

— Finch, não faça isso — eu suplico, aflita. Minhas mãos tremem e eu hesito em tocá-lo, sem saber o que fazer. — Por favor, não o machuque.

Num acesso de fúria, Finch crava o facão no gramado, rente à cabeça de Philip. Um grito doloroso ecoa, e meu corpo estremece com o choque. Vejo o vermelho respingar na grama e manchar o gume do facão. Meus olhos quase saltam, e eu congelo no lugar, sem reação, impressionada com a quantidade de sangue escorrendo da orelha de Jacobs.

Porque Finch acabou de arrancar um pedaço dela com a faca.

A sequência é ainda mais brutal quando Sullivan esmurra a cara de Philip com ambas as mãos, atingindo o lado esquerdo e direito da face dele com golpes furiosos. O estampido dos socos se chocando no rosto de Jacobs é assombroso, como se o crânio pudesse se partir.

Corro na direção deles e salto nas costas de Finch, tentando puxá-lo para trás.

— Por favor, Finch. Já chega, minha família está lá dentro. Estou implorando — eu suplico, lutando bravamente contra a força dos seus

músculos.

Ele me ignora e continua desferindo socos incessantes em Philip.

— Você nunca mais vai procurar a Kaylee! — Finch decreta para Philip, cego de ódio. — Eu não quero te ver perto dela, seu filho da puta! Não quero que olhe para ela, nem que respire o mesmo ar que ela!

Uso toda a minha força para arrancar Finch de cima dele. As pontas dos meus saltos afundam no gramado e quase perco o equilíbrio, mas não desisto. Engancho os braços de Finch nos meus e uso meu peso para puxá-lo para trás. Caímos sentados no gramado, bem ao lado de Philip e da poça de sangue que escorre da orelha dele.

Tenho quase certeza que vi um pedaço da orelha de Philip grudada na lâmina do facão, fincado no gramado, mas me proíbo de olhar novamente. Não quero ver.

O cheiro enjoativo de sangue penetra em minhas narinas. Meus braços queimam devido ao esforço, e sinto coração saltar a cada arfada profunda.

Philip rasteja pela grama e se levanta, desengonçado e vacilante. Ele cobre o ferimento na orelha com a mão e geme de dor, bastante zonzo. Sangue escorre pela sua boca e nariz, manchando seu rosto e pingando na camisa. Está cheio de marcas roxas.

Agarro o braço de Finch para segurá-lo, mas sou praticamente arrastada quando ele se ergue do gramado e recupera a faca ensanguentada. Ele aponta para Philip com a lâmina e declara:

— Desapareça agora! Você nunca mais vai pôr os pés na casa dos Clark. Quero que dê a volta pelo quintal e suma daqui! — Finch se desvencilha do meu toque bruscamente e marcha de encontro a ele, com a faca apontada em sua direção, fora de controle. — Diga a alguém que fui eu que fiz isso com você, e eu juro que vou te caçar até no inferno para acabar com a sua raça! Eu vou te matar, porra!

Os olhos de Philip estão vidrados, inundados de horror e cheios de lágrimas. O rosto ensanguentado, os lábios inchados e a respiração arquejante. Ele afasta a mão da orelha ferida e se assombra com a quantidade de vermelho banhando sua palma. Olha de mim para Finch e pisca sem parar, em estado de choque.

E então Philip Jacobs corre.

Avança desesperadamente pelo gramado, tropeçando nas próprias pernas ao fugir.

Obedecendo a ordem de Finch, ele não retorna à minha casa. Ao invés disso, contorna a construção pelo quintal e desaparece atrás dos muros, deixando um rastro de sangue no gramado.

# 14



## Finch Sullivan



Eu estraguei tudo.

Kaylee não precisou me dizer, mas sei que sim.

Ontem, depois que coloquei o filho da puta do ex-namorado dela pra correr, Kay passou o resto da noite preocupada, temendo que Philip abrisse uma queixa contra mim e policiais surgissem no meio do jantar para me prender, *de novo*. Isso acabou com ela.

Por sorte, não aconteceu. Pelo visto, minha ameaça surtiu efeito e aquele babaca ficou tão apavorado que fugiu da casa dos Clark com o rabo entre as pernas e sem envolver a polícia. No entanto, isso não aliviou a situação e Kaylee entrou em parafuso.

Ela foi veloz e discreta ao limpar o gramado e escondeu a faca suja de sangue antes que seus familiares vissem os rastros no quintal. Durante o jantar, ela mal tocou no prato, apreensiva e distante.

Eu deveria ter me controlado, não era necessário arrancar um pedaço da orelha do ex-namorado dela com uma faca. Kaylee só queria um dia tranquilo e um jantar especial com a família. Porra... mas eu não sou bom em dosar meu temperamento e estraguei a merda da noite.

Que bosta!

Agora são seis da manhã. Estamos no flat, e Clark continua dormindo enquanto eu me apronto para sair de fininho.

O combinado era aproveitarmos a manhã e tomarmos café juntos. Só que Reid mandou uma mensagem ainda há pouco e avisou que terá que me buscar mais cedo. Levando em conta o desfecho de ontem, acho que até prefiro ir embora antes que Kaylee acorde. Pelo menos assim não vou continuar me sentindo um bosta por ter estragado a noite dela.

Admiro a visão de Kaylee serena e linda pra cacete aconchegada no cobertor. Os cachos espalhados no travesseiro, e a respiração lenta move seus ombros suavemente.

Meu coração é triturado sempre que olho para ela e me pergunto quanto tempo ainda nos resta juntos. Em algum momento eu precisarei partir, e Kaylee vai ficar com um pedaço de mim em suas mãos. O que me conforta é saber que, quando esse momento chegar, Kay ficará muito mais segura longe de mim. Não fui feito para a vida honesta e pacata que ela almeja.

Não quero ser a porra de uma âncora que vai puxá-la para baixo sem que Kaylee sequer perceba.

Esfrego o rosto com as mãos para limpar a mente. Libero o ar e encaro o relógio na mesa de cabeceira. A claridade matutina atravessa as cortinas e banha metade do quarto.

Visto a jaqueta de couro e ponho a mochila nas costas, pronto para partir.

Duquesa passeia entre minhas pernas e mia para ganhar atenção. Eu me abaixo para afagar seu pelo macio, e a gatinha se espicha toda, aprovando o carinho. Quase sorrio quando ela emite um miado longo e dengoso.

Porra, eu adoro essa gata!

— Não mie tão alto, não quero acordar a sua dona — sussurro.

No entanto, como se o universo quisesse me sabotar, meu celular toca alto no bolso da calça. Capturo o aparelho depressa e recuso a ligação de Reid para ativar o modo silencioso.

Só que é tarde demais.

Kaylee se mexe na cama. A garota se aconchega no travesseiro e puxa o cobertor para si ao mudar de posição. De olhos fechados, ela estica o braço pelo colchão, procurando por mim. Sonolenta, ela boceja e esfrega as pálpebras preguiçosamente.

Não tenho para onde correr. Continuo enraizado no lugar quando Kay abre os olhos e me encontra no meio do quarto, vestido e pronto para sair. Os cachos bagunçados cobrem um pedaço do seu rosto, e ela pisca os olhos várias vezes, fazendo força para despertar.

— Finch? O que está fazendo? — murmura, rouca e sonolenta.

Enfio o celular no bolso e ajusto as alças da mochila nos ombros.

— Tenho que ir agora, Kay.

Suas sobrancelhas se franzem, confusas.

— O quê? Agora? — Ela se livra do cobertor, revelando a camisola branca e delicada que envolve seu corpo, e olha na direção do relógio na cabeceira. — Mas... ainda são seis horas. Você... disse que tomaria café da manhã comigo. — Seus olhos se enchem de desapontamento e súplica.

Esse olhar é covardia. Eu seria capaz de cometer uma loucura só por causa desses olhos lindos e hipnotizantes.

— Reid me avisou que vai passar aqui mais cedo. Já deve até estar lá fora me esperando. — Eu me sento no colchão e volto e cobri-la com o edredom. — Não precisa sair da cama. Eu não queria te acordar, gatinha.

— Mas deveria ter me acordado. Ia sair sem se despedir de mim? — Seu timbre lamentoso me quebra.

Seguro seu queixo e afasto os cachos do seu rosto. O par de orbes acobreados me fita tristemente e seus traços murcham em desânimo. Sua reação faz com que eu me odeie. Detesto desapontá-la.

Faço um carinho em seu rosto e me aproximo para beijar sua testa.

— Me desculpe, Kay. Mas continue dormindo, não se preocupe. Assim que estiver no hotel, te mando uma mensagem avisando que cheguei bem.

Seus braços contornam meu pescoço para impedir que eu me afaste. Minha testa toca a dela e continuo fazendo carinho em seu rosto.

— Não pode mesmo ficar mais um pouquinho comigo? — O tom suplicante e o beicinho pidão me fazem querer agarrar essa mulher e passar as próximas horas enfurnado nesse quarto com ela. — Só mais um pouco, *Mon Coeur*.

— Não faz isso. Não fale em francês comigo, é um golpe baixo.

Kaylee sorri e afaga meu nariz com a ponta do seu. Enterro o rosto na curva do seu pescoço e inspiro bem fundo para inalar o cheiro gostoso que

vem dela. O aroma é inebriante. Sua pele macia em contato com meus lábios é um deleite.

— Tenho mesmo que ir, gatinha linda — explico entre os beijos que salpico em seu pescoço.

— Finch, espere... e se Philip for à polícia e...

— Ei, Lois Lane. — Seguro seu queixo e nos deixo cara a cara. — Se a polícia não veio me buscar até agora, é porque aquele otário entendeu o recado. Então fique tranquila. — Beijo sua testa e toco nossos lábios. — Agora volte a dormir enquanto eu desço.

Kay faz um biquinho triste. Embora seus olhos encantadores me implorem para ficar um pouco mais, ela anui com a cabeça, cedendo. Enrolo uma mecha cacheada do cabelo dela no dedo e acarinho sua bochecha.

Puta que pariu! Ter que me despedir dessa mulher tem se tornado um tormento. Odeio não estar mais do outro lado da rua, de onde eu sempre podia vê-la através das nossas janelas. Sinto falta de cada momento.

Saio da cama e me encaminho à porta. Seguro a maçaneta e olho para trás. Kay permanece deitada, e seus olhos lindos feito gotinhas de âmbar continuam fixados em mim, como uma súplica silenciosa. Um sorriso fraco e rendido brota no meu rosto, plenamente admirado, porque Clark é linda. Perfeita toda descabelada, vestindo uma camisola fina e com essa carinha de sono.

Eu queria ignorar o universo só pra passar as próximas horas naquela cama com ela.

— Vou sentir saudade, amor — declaro, meu coração derramado em sentimentos de uma forma inevitável.

E vou embora.



Depois de me buscar em La Victoire, Reid fez uma parada em Royaume.

Ele virou a noite na estrada transportando mercadoria pro Devan. Por isso, às sete e meia, fomos parar no Kochs, visto que ambos precisávamos de algo para matar a fome e substituir o café da manhã em falta.

O bar passou a madrugada com as portas abertas devido aos turnos do Cerberus. Ainda é possível encontrar vestígios da noite agitada enquanto um funcionário reorganiza algumas mesas e outro varre o chão.

A TV ligada no alto da parede transmite o jornal matinal e, apesar do horário, já tem fregueses enchendo a cara de uísque no balcão como se não houvesse amanhã.

Pedi por um café quente sem açúcar e as panquecas da casa. Não são lá essas coisas e a massa dormida está longe de ser apetitosa, mas dá pra matar a fome. Na outra ponta da mesa, Reid se concentra em esvaziar o prato, visivelmente exausto graças às horas de trabalho rodando por aí.

Tomo uns goles do café quente e espio a TV. Não dou bola para a programação, meu foco se perde nas conversas paralelas nas mesas vizinhas e na movimentação de fregueses adentrando no bar.

— O que tá rolando contigo? — Reid pergunta de súbito. Ele descansa garfo e faca no prato e me aponta com a cabeça. — Tá esquisito desde que te busquei em La Victoire.

Movo a cabeça em negação, vagamente.

— Nada, cara. Tô normal.

Reid ri nasalado.

— Conta outra! Te conheço. Você tá sempre ranzinza, mas hoje parece pior. Rolou alguma merda com a Kay?

Meus dedos tamborilam na mesa e tocam o copo de café. Levo um tempo ponderando.

— Não exatamente... — balbucio sem querer dar detalhes.

— Como assim?

Olho para Reid de esguelha e solto o ar pela boca, saturado da conversa que mal começou. Não gosto de ficar me lamuriando por aí, mas minha cabeça anda tão cheia que decido despejar um pouco do caos.

— Não é sobre a Kaylee. Aquela mulher é um anjo, não tenho do que reclamar. O problema não é entre nós dois e sim... todo o resto. Tem muita merda respingando na gente. Tô pilhado desde ontem.

— O que aconteceu ontem?

— O ex-namorado dela decidiu fazer uma visita antes do jantar. Ele levou a mãe e a porra de uma torta. — Bufo, mal-humorado. Só de lembrar daquilo sinto que bati pouco naquele desgraçado. — Kay e ele foram pra

cozinha e estavam conversando sozinhos. Aquilo me deixou puto, não aguentei. Eu cheguei lá, arrastei o babaca até o quintal e enfiei a porrada nele.

— Cacete... — Reid levanta as sobrancelhas. Estala a língua e assente, compreensivo. — Mas não te julgo por ter perdido a cabeça e...

— Arranquei um pedaço da orelha dele com uma faca — prossigo com a história.

Reid arregala os olhos e solta uma risada nervosa. Até tenho vontade de rir do seu choque, mas mantenho a seriedade.

— Uou! Caralho, tá falando sério? Um pedaço da orelha? Porra... deve ter sido feio.

Faço que sim com a cabeça, porque realmente foi.

— Tava puto e por pouco não fiz uma bosta maior. O babaca se mandou de lá, mas Kaylee ficou com medo da polícia me pegar de novo e mal conseguiu aproveitar a noite. Ela queria um dia especial com a família, e eu estraguei a merda toda. Para piorar, não consigo parar de pensar no Andrew. Tenho a sensação de que ele tá me vigiando. Isso tem me deixado sobrecarregado.

— Ele deu algum sinal de vida?

— Não, *ainda não*. Tô agoniado esperando ele agir, porque sei que vai. Tento não pensar nisso, mas sei que, se ele se esforçar, vai conseguir chegar na Kaylee. Talvez ele já saiba sobre ela, são tantas possibilidades.

Apoio os cotovelos na mesa e afundo o rosto nas mãos. Arrasto o cabelo para trás e inspiro, tentando manter a calma.

O olhar de Reid reflete preocupação, compadecido pelo dilema.

— Acha que ele faria alguma merda com ela? Ele chegaria tão longe?

Rio sem humor, angustiado. Esse é o tipo de pergunta ingênua que apenas quem não conhece meu irmão faria. Chega a ser cômico de tão trágico. Puta que pariu!

— Para me atingir? Sim, com certeza. Porque eu o atingi no seu ponto mais fraco. Então Andrew vai mirar com tudo no meu. Ele é assim. Eu deveria me mandar daqui antes que isso sobre pra Kay.

— Ela não é tão indefesa quanto você pensa.

— Isso não muda nada, Reid. Porque Kaylee não faz parte do meu mundo, ela não está metida com toda a sujeira e nem pronta pra lidar com

essas merdas.

Reid tomba a cabeça de forma duvidosa e arqueia a sobrancelha.

— Será mesmo? Eu vi aquela garota bater no filho do delegado com um bastão de beisebol e cortar a cara dele. Eu nunca vou me esquecer daquilo. Kaylee foi foda! Você tinha que ver. Se eu fosse você, não abriria mão de uma mulher dessas. Não é em qualquer lugar que vai encontrar alguém disposta a arriscar tanto por você. Ela é demais, cara, você tirou a sorte grande. Eu faria de tudo pra ter uma garota como ela.

Semicerro os olhos, meio incomodado com o teor da declaração.

— Reid, você deveria disfarçar melhor o quanto se sente atraído pela *minha* mulher, porque essa porra me irrita. — Aponto para ele com um ar falsamente amistoso que esconde minha revolta genuína. — Me irrita pra caralho!

Reid acha graça e não se intimida. O desgraçado gosta de brincar com o perigo e de me torrar a paciência.

Um sorriso sacana estampa seu rosto, e as mãos se erguem em sinal de paz.

— O que eu posso fazer? Acho que tenho mesmo uma queda por mulheres fodonas feito ela.

Franzo o cenho, escancarando meu aborrecimento.

— Não deveria falar essas merdas na minha cara, babaca! — rosno, sem paciência.

Minha irritação o diverte.

— Prefere que eu fale pelas suas costas? Eu sou sincero. — Reid apanha os talheres e corta um pedaço da panqueca. Ele me aponta com o garfo e emenda: — Mas, de qualquer forma, você chegou primeiro e eu respeito isso. Além do mais, aquela garota é apaixonada por você. Ela não tem olhos pra mais ninguém, Finch.

A afirmação me pega de jeito. Desvio o olhar e confirmo com a cabeça.

— Por isso é difícil demais pensar em me despedir. Às vezes, acho que eu deveria sumir do mapa sem dizer nada. Só... fugir. Porque, se eu tiver que dizer adeus, vou perder a coragem.

— Não faz merda, Finch. Vocês dois tem um lance bom pra cacete juntos. Pense bem no que vai fazer, porque nem você nem Kaylee merecem

acabar desse jeito, sem ao menos uma despedida, saca? É o mínimo.

Em vez de responder, jogo mais café para dentro até acabar com a bebida. Volto a encarar a TV, quieto, sabendo que Masih está certo.

De relance, vejo as portas do bar se abrirem e uma garota passar por elas. Reid segue meu olhar, e acompanhamos o trajeto que a mulher de longos cabelos pretos e corpo curvilíneo traça pelo salão, rumo ao balcão de bebidas.

É a mesma mulher que acompanhava Devan na noite da morte do delegado.

Sofia.

— Olha só essa morena... porra... — Reid murmura pra mim, impressionado pela beleza da garota. Aponta para ela com um aceno de cabeça discreto. — Sabe o que estão dizendo por aí sobre ela?

Balanço os ombros, alheio.

— Não tenho passado muito tempo em Royaume, então, não. O que estão falando?

Reid pousa os talheres no prato e prossegue:

— Ela é do cartel. Se chama Sofia. Veio do Arizona há pouco tempo e anda colada no Devan. Ela mexe com armamento pesado. Ouvi de uns caras que ela descola armas sem documentação e peças seminovas por um preço babaca.

— Armas sem documentação? — repito, intrigado. Olho para a garota que pede por uma Heineken no balcão. — Eu estava pensando em arranjar uma semiautomática. Seria bom ter um revólver pra emergências.

— Emergências? — Reid se interessa, duvidoso.

— É. Já que fui demitido da mansão, vou ter que invadir o lugar à moda antiga, e não quero ir de mãos vazias. Além disso, tô pensando em arrumar uma arma por causa do Andrew, assim estaria pronto pra ele. Só não fui atrás de uma porque não quero burocracia com toda aquela merda de registro e checagem de antecedentes.

— Deveria falar com a Sofia então. Parece que ela tem uns bons preços, e você não teria dor de cabeça.

Assinto, considerando a possibilidade.

Olho na direção da garota que ocupa uma banqueta do bar. Na noite em que nos conhecemos, ela ficou bastante interessada em descobrir quem

eu era. Seria bom saber o porquê.

Atenta aos arredores, a mulher do cartel percebe que está sendo vigiada. Ela apoia a garrafa no balcão e encara nossa mesa de volta, desconfiada. Não me acovardo diante do seu olhar firme, tampouco ela. Com as íris alertas cravadas em nós, ela pega a Heineken do balcão e salta do lugar, vindo em nossa direção.

Nem eu ou Reid dizemos uma palavra quando ela puxa uma cadeira, sem sequer nos cumprimentar, e se acomoda na mesa como se fosse bem-vinda. Deixa a garrafa na mesa e cruza os braços, focando em mim e em Reid.

— Estavam de olho em mim — ela declara e leva um tempo nos examinando. — Na verdade, isso é bom, porque sei quem são e queria mesmo esbarrar com os dois por aí.

Franzo o cenho e troco um olhar com meu amigo. Reid dá de ombros discretamente, sinalizando não saber do que ela está falando.

— Sabe quem somos? — eu a interrogo.

— Você é Finch, e você é Reid — ela afirma e nos aponta respectivamente. — Os dois prestam serviços ao Devan.

No mesmo segundo, aprumo a postura na cadeira, ressabiado com o rumo da conversa.

— E...? — eu inquiro, fazendo pouco caso.

Os olhos dela se estreitam na minha direção, num estudo meticuloso. Ela cruza os braços e estala língua com desdém.

— E... que ninguém dos Narvaez sabe exatamente que tipo de trabalho fazem para o Lancaster, mas ele parece confiar em vocês e está toda hora contatando os dois.

Pisco devagar, processando a informação. Algo não parece certo.

— Do que está falando? — Reid vai direto ao ponto, tão confuso quanto eu.

— Não se façam de bobos, eu observo o Lancaster. O que tem de tão especial em vocês para Devan confiar missões que nem mesmo os homens do cartel tem acesso? — Arqueia a sobrancelha, desafiadora ao encarar a mim e Masih. — Eu adoraria saber do que se trata.

Sua dúvida me intriga. Troco um olhar rápido com Reid e vejo que ele também está perdido na conversa.

Até então, durante esse tempo todo, acreditávamos que as entregas que vínhamos fazendo em outros estados era um serviço para o cartel. No entanto, não é o que essa garota está dando a entender.

Devan esteve nos colocando para transportar mercadoria sem o conhecimento dos outros Narvaez? Que porra é essa? Que tipo de serviço estivemos fazendo?

Não tô gostando nada disso e quero entender que merda está rolando. Porém, esse é um assunto que vou cobrar diretamente do Devan quando tiver a chance. Portanto, fico na minha.

Troco um olhar com Reid e percebo seu desconforto. Assim como eu, ele opta pelo silêncio e não dá corda ao assunto. Lanço um olhar duro à mulher e decido encerrar a maldita conversa fiada.

— Por que está tão interessada nisso? — Sou ríspido. Não ligo para quem ela é. Com esse tipo de gente não se pode baixar a guarda se quiser ser respeitado. — O que realmente faz na nossa mesa?

A garota descruza os braços e recupera a garrafa de cerveja, aborrecida com nossa resistência.

— Eu só quero saber que merda estão fazendo pro Devan!

Arrasto a cadeira para trás de supetão e me levanto, rude. Espalmo a mesa e encaro sem medo a tal Sofia.

— Se quer tanto saber, pergunte ao Devan. Simples. Estou sem tempo pra isso.

Não perco nem mais um minuto com a discussão. Viro as costas e acelero pelo salão, deixando a mesa para trás.

Se eu pretendia fazer negócios com Sofia para conseguir uma arma, esse definitivamente não foi um bom começo. Mas estou de saco cheio para dramas que não me dizem respeito. Se Devan e ela possuem algum lance mal resolvido no cartel, que resolvam essa porra sozinhos. Não vou me meter nessa parada.

Já tenho problemas demais na cabeça. Meu irmão. O dinheiro que preciso juntar para bancar o empréstimo que Kaylee fez com Theo. A invasão à mansão. E agora, claro, descobrir que porra de trabalho estive fazendo para Lancaster na estrada.

Vou para os fundos do bar e avanço pelo corredor estreito. Entro no banheiro vazio, resmungando xingamentos, e paro em frente à pia. Com os punhos cerrados, esmurro o mármore para descontar o estresse e travo o

maxilar, me controlando para não estilhaçar a porra do espelho diante de mim.

Estou uma pilha de nervos.

Engulo um bolo de oxigênio e tento reprimir o acesso de raiva. A porta do banheiro se abre e, de relance, avisto dois homens surgirem. Entretanto, em vez de se encaminharem aos mictórios, os dois sujeitos se colocam atrás de mim. Fico atento à movimentação suspeita pelo reflexo.

Um deles esconde as mãos nos bolsos da jaqueta corta vento, enquanto o outro veste um moletom azul marinho e tem parte da cabeça oculta pelo capuz. Eles trocam um olhar, se comunicando visualmente, e se aproximam.

A atitude estranha parece típica de uma emboscada. Entro em alerta.

— É Finch Sullivan, não é? — o de moletom me pergunta.

Por instinto, meus músculos tensionam, a postos para antecipar um possível conflito. Olho de um para o outro através do reflexo. Devagar e discretamente, deslizo a mão direita até o bolso do jeans, onde guardo o canivete *butterfly*. Estudo o semblante sisudo da dupla. As posturas rígidas e os olhares ferinos são um aviso de perigo.

*Andrew colocou homens atrás de mim?*

Agir com desespero não ajudará. Portanto, apesar de nervoso, decido mediar a situação com frieza e cautela.

— Quem quer saber? — eu rebato, quase como se estivesse desinteressado, só para jogar verde.

Eles não mordem a isca.

Fito os dois indivíduos sobre meus ombros calmamente. Foco no cara da esquerda, depois no da direita. Torno a encarar o espelho ao passo que meus dedos invadem o bolso e tocam o cabo do canivete.

Os sujeitos chegam mais perto de mim, cada um de um lado para me cercar. O cara à minha esquerda tem o tamanho de um armário, um pouco mais alto que eu. Certamente, o que mais me daria trabalho em um combate corpo a corpo. O da direita é um pouco menor e menos robusto. Eu poderia deixá-lo por último.

Em uma fração de segundos, planejo cada possível movimento e calculo prós e contras de um ataque surpresa. Eu poderia usar a *butterfly* para esfaquear o sujeito da esquerda e tirá-lo de cena. Assim, conseguiria me concentrar no outro cara.

Respiro devagar, a musculatura tensa. Fito o homem encapuzado quando ele discorre:

— Faz um tempo que estamos procurando seu amigo. Erick Butler. Ele fez uma dívida grande e até agora não pagou.

São D'aramitz!

Na mesma medida que um calafrio percorre minha espinha, sinto o alívio preencher meu peito. Pelo menos isso não é coisa do meu irmão. Quero dizer... Não que uma gangue de traficantes seja menos temível. Mas *pelo menos* não é Andrew Sullivan na minha cola.

— Tem que nos dizer onde encontrar o Butler — o segundo homem me exige, ameaçador. — Se fizer isso, ninguém se machuca.

Abro um sorriso cético e o fito pelo reflexo.

— Ninguém... exceto o Butler. Certo? — arrisco dizer, sarcástico. — Isso é o oposto de *ninguém*.

— Prefere que seja você? — o sujeito de moletom retruca, desafiador. Ele invade meu espaço, ficando ao meu encalço. — Conheço sua fama por aqui. Sei que ganha a vida lutando no Cerberus, é um fodido. Então pense bem e não arrume mais problemas pra sua vida miserável.

Ele toca meu ombro, como se me desse um conselho, e o aperta com mais força que o necessário. Cerro a mandíbula e me obrigo a respirar fundo, puto com seu toque insolente. Faço um esforço fodido para reprimir o impulso de arrancar sua mão do meu ombro e quebrar seus malditos dedos. Puxo o canivete do bolso sorrateiramente e o acomodo na palma da mão.

Apesar da imensa vontade de enfiar a lâmina na cara desse filho da puta atrevido, eu me policio.

— De qualquer forma, nós vamos achar seu amigo — ele prossegue, os olhos cravados nos meus pelo reflexo. — Mas, se não quiser cooperar e nos dizer onde encontrá-lo, vai acabar sobrando pra você. Sabe como esse lance funciona?

Tombo a cabeça para o lado, e um riso nasalado me escapa. Foco em seu rosto através do espelho e sorrio, dissimulado. É claro que sei como essa porra funciona, já fiz parte disso.

Sei que estou desafiando o perigo, mas não vou deixar esses bostas me intimidarem.

— Não, eu não sei — destilo, cínico. — Me diga como funciona.

Minha insolência o tira do sério. Pelo espelho, vejo o ódio marcar sua testa. Ele dá dois tapinhas fortes em meu ombro, provocador, e diminui ainda mais nossa distância. Sustento o olhar frio e o sorriso desdenhoso.

— Vou explicar. Primeiro, vamos procurar qualquer um que tenha ligação com Erick, e, se não abrirem a boca, vão apanhar muito, até mudarem de ideia. Acredite, posso ser muito convincente. Vamos procurar um por um. Amigos, vizinhos, família, todos. Qualquer um que tente atrapalhar vai acabar na nossa mira. E, quando encontrarmos o filho da puta do seu amigo, ele vai ganhar um lembrete permanente para saber que não pode fazer uma dívida com os D'aramitz e sair ileso. Todos os devedores ganham alguma sequela pra contar história. Não será diferente com ele.

O outro sujeito sorri em concordância, dando ênfase à ameaça do comparsa.

— O que vai escolher, Sullivan? — o cara de moletom me provoca. Um sorriso perverso curva sua boca. — Algumas pessoas já viram sua namoradinha com o Erick no Cerberus. Muitos ainda se lembram do rosto dela depois da confusão que criaram no clube de lutas. Quer que eu vá atrás da garota pessoalmente e pergunte se ela tem informações sobre o Butler?

Aperto o cabo do canivete com força. Uma descarga de ódio revira minhas entranhas, e meu sangue ferve, sinto-o acelerando meus batimentos cardíacos e subindo à cabeça. A explosão colérica me deixa à beira de perder o controle.

Engulo a saliva e aperto os lábios, cada vez mais imerso na tormenta furiosa que nubla minha mente.

A voz desprezível brada outra vez:

— Nós vamos achar seu amigo, custe o que custar. Se não quiser que essa merda acabe sobrando pra você ou pra sua garota, comece a abrir o bico. Do contrário, garanto que vai se arrepender, Sullivan.

Eu estava me segurando, porra, lutando para não perder a cabeça. Mas esse filho da puta me deu o motivo perfeito para mandar o autocontrole ir pra casa do caralho. Então, que se foda! Os desgraçados escolheram um péssimo dia pra mexer comigo.

Um sorriso sinistro se alarga em meus lábios, destilando fúria. Minha reação o confunde. Escaneio cada pedaço do seu corpo, feito um alvo, e escolho um ponto vulnerável.

— Eu tive outra ideia. — Meu timbre gélido e calculado.

Manobro o canivete agilmente, e a lâmina salta para fora. Num rompante, giro no lugar e cravo a *butterfly* na barriga do filho da puta, perfurando-o fundo e rodando a lâmina em sua carne para abrir um buraco no estômago. Ele arfa de forma agonizante e grunhe de dor, pego desprevenido pelo golpe letal.

O cara saca uma arma do cós da calça, mas eu ajo rápido. Puxo o canivete de volta e acerto seu estômago com um pontapé, lançando-o para longe. O sujeito desaba e bate a cabeça no mictório em um estrondo. A cerâmica se arrebenta com o impacto, derramando água e espalhando cacos pelo chão.

O segundo homem parte em minha direção. Desvio do seu soco e me esquivo para longe da pia. Golpeio seu rosto com a lâmina e rasgo um pedaço do seu queixo. Acerto a cara dele com um gancho de esquerda, e sua mandíbula estala alto, como se tivesse saído do lugar. Agarro a camisa dele e o arremesso na direção da pia, fazendo-o bater de cara no espelho. Ele espalma as mãos na parede para se equilibrar, e eu cravo o canivete no dorso da sua mão. A lâmina atravessa a carne com tamanha força e a empala no reboco da parede, prendendo-a ali.

Torno a bater a cara dele no espelho. O vidro se estilhaça, sangue espirra nos azulejos e gemidos de dor ecoam pelo banheiro. Ele desfere uma cotovelada em meu peito, mas fico tão eletrizado pela raiva que o impacto mal me afeta. Seguro o cabelo dele com as duas mãos e choco sua cara no espelho novamente, esfregando-a no vidro.

Arranco o canivete da mão dele e o arrasto para longe da pia. Ele tenta me segurar pela camisa, em vão, porque não resiste aos socos brutais que desfiro em seu rosto ensanguentado. O sujeito cambaleia sem forças, fraco demais para revidar. Uso a lâmina para criar um rasgo em seu peito e outro na cara. O canivete finca na bochecha e abre uma fenda até a boca dele, derramando sangue por toda a parte.

Quando o derrubo, e cara se encolhe no chão, e eu disparo pontapés incessantes em seus ossos, chutando as costelas com força suficiente para arrebentá-las. Seu grito engasgado implorando por socorro não me faz parar, pelo contrário, apenas me motiva de uma maneira insana. Quero calar sua maldita boca. Chuto a nuca dele e pisoteio sua cara, esmagando-o sem piedade.

Só suspendo o ataque quando seus bramidos dolorosos cessam e ele para de se mexer, inconsciente no chão. Dou um passo para trás, ofegante e agitado pela descarga de fúria. É como um transe que me afasta de qualquer traço de racionalidade.

Meus punhos permanecem cerrados, e eu respiro pela boca pesadamente. Observo o sujeito que derrubei e confiro se está mesmo apagado. Seu rosto parece irreconhecível, coberto de sangue e inchado. O nariz, amassado e fora do lugar. Um corte profundo rasga a boca dele até a bochecha. A testa, repleta de perfurações e resquícios de vidro do espelho.

Arrasto o dorso da mão pela boca e sinto um gosto metálico entranhado nos lábios. Encaro minhas mãos cobertas de sangue e sei que ele não me pertence.

Olho na direção do outro homem, aquele que esfaqueei.

O corpo está jogado ao lado do mictório quebrado. Uma mancha vermelha inunda seu moletom, indicando a gravidade do sangramento. A pistola que ele tentou usar se encontra presa entre seus dedos. Há uma poça de sangue embaixo dele, escorrendo intensamente do buraco que abri em sua barriga. Outra poça menor se forma debaixo da sua cabeça. Presumo que o impacto da batida no sanitário tenha criado um ferimento na nuca.

O sujeito não parece estar respirando. Encaro o outro desgraçado que também se mantém inerte no chão. E, honestamente, eu não dou a mínima. Quero que se foda!

Esses desgraçados ameaçaram a mim, a Kaylee, o Erick. Estou farto, porra! Já enfrentei caos demais na minha vida para ter que abaixar a cabeça para essas merdas. Não vou permitir que ameacem *ninguém* com quem me importo.

Pairo o olhar pelos cacos de cerâmica, as manchas vermelhas no piso e os dois corpos banhados de sangue.

Meses atrás, quando estava na estrada com Devan e precisei esfaquear um cara, foi estranho. Eu o larguei na beira da estrada sem saber se conseguiria sobreviver. Aquilo me causou uma gastura, visto que naquela época eu ainda tinha a inocente esperança de recomeçar. Entretanto, algo mudou após os últimos meses em Faigan.

Parei de fugir do que sou e criar expectativas estúpidas. Abraçar minhas piores facetas me ajudou a entender que só estou fazendo o que preciso fazer. É a lei do mais forte.

Não me sinto culpado. Não sinto nada, porque não estou pensando nos miseráveis que ataquei. Só consigo pensar na Kaylee. Pensar que preciso continuar vivo para liquidar sua dívida e livrá-la das mãos de Theo, tenho que sobreviver para protegê-la. Pensar no que esses desgraçados fariam com Erick caso o encontrassem. Ou, pior ainda, no que poderiam fazer com Kaylee.

Não estou lutando por mim, e sim pelos meus. E, se eu tiver que despencar no inferno por isso, que seja. Aceito a penitência.

Passos apressados estalam no corredor e a porta do banheiro se abre num baque. Um funcionário do bar, Reid e Sofia invadem o banheiro às pressas, mas travam os passos, cheios de espanto, ao se depararem com a sujeira que fiz.

— Puta que pariu! — o funcionário se exalta, em choque. Seus olhos arregalados miram o espelho quebrado, as marcas vermelhas no chão e, por último, os corpos. — O que foi isso? Ouvimos os gritos, o que aconteceu?

Reid corre até mim, preocupado. Quer descobrir se estou bem e despeja uma série de perguntas. Minha mente parece tão desequilibrada que nem as processo.

Sofia passa por nós e verifica os corpos jogados no chão. Ela se abaixa em frente ao cara que esfaqueei e o examina detalhadamente, a sangue frio. Parece habituada a esse tipo de cenário sangrento.

— São D'aramitz! — ela conclui, certeira.

Reid a encara confuso.

— Como sabe disso? — ele pergunta.

Tranquila, a garota aponta para o sujeito no chão.

— A tatuagem no pescoço. Muitos deles têm esse trevo de quatro folhas. — Ela cruza os braços e fica na ponta dos pés para saltar uma poça de sangue, tomando cuidado de não sujar os calçados. Sofia me encara surpresa e solta: — O que aconteceu aqui, Sullivan?

Não digo nada, respirando pela boca e sentindo o coração retumbar nos meus ossos. Guardo o canivete sujo no bolso e encaro minhas mãos ensanguentadas.

Caralho... talvez eu precise mesmo de uma arma.

O funcionário do bar cobre a boca com a mão, enojado com o cheiro visceral. Ele mal tem coragem de encarar os corpos no chão, acho que vai vomitar a qualquer momento.

— Eles estão... vivos? Eu... — O cara soluça, segurando a ânsia de vômito. — Vou chamar uma ambulância, ou... não. A polícia.

— Nada disso! — Sofia intervém na mesma hora. — Não vai ligar para ninguém, não queremos polícia aqui. Esses homens eram D'aramitz e não deveriam estar nessa área. Vou chamar o Lancaster. Ele vai se livrar dos corpos.

— Mas...

— Não se preocupe. Em alguns minutos este lugar estará um brinco e ninguém vai saber o que aconteceu. Então não faça merda e nos deixe cuidar disso! — ela brada com autoridade.

O funcionário certamente conhece a reputação da mulher, visto que não tem coragem de dar um pio para protestar. Ele assente com a cabeça e arrasta as mãos pelo cabelo curto, atordoado e hiperventilando. Sofia saca o celular do bolso da calça e começa a digitar na tela de chamadas.

Diante das circunstâncias, não estou em posição de recusar ajuda. Se Devan e ela puderem dar um fim nesses caras e limpar a área, melhor pra mim.

Respiro fundo, um pouco mais calmo.

— Ei! — chamo por Sofia.

Ela me encara enquanto mexe no celular.

— Ouvi dizer que você consegue descolar armas sem documentação por um preço em conta — disparo de súbito, chamando sua atenção.

Ela para de digitar no aparelho e franze o cenho, confusa. Reid me fita de sobrancelhas erguidas, como se eu fosse maluco por introduzir o assunto logo agora. Mas sei o que estou fazendo.

— É... — Sofia me avalia dos pés à cabeça e cruza os braços, interessada. — Eu realmente consigo.

— Ótimo! — Uso a barra da camisa para limpar o sangue do rosto e encaro os desgraçados que eu arrebentei, pensativo. Volto a focar na garota e decido: — Porque estou procurando uma semiautomática.

# 15

## Kaylee Clark

Sou recebida por Aimée ao passar pelos portões da mansão Périgord.

Hoje é meu primeiro dia de volta ao trabalho depois do recesso do feriado e um final de semana conturbado. Após o conflito no dia de Ação de Graças, tive certeza que Philip prestaria uma queixa contra Finch, no entanto, para a minha surpresa, ele não o fez. Na certa, coagido pela ameaça que sofreu.

Através do meu pai, descobri que Philip disse à família que havia sofrido um assalto enquanto voltava para casa, usando a desculpa para justificar suas lesões. Ainda não o vi na faculdade, mas aposto que depois daquilo ele nunca mais terá coragem de me procurar.

Com tantos problemas na cabeça, não estava ansiosa para retornar à mansão. Contudo, sei que é hora de ter uma conversa importante com Theo a respeito da investigação sobre os Allen.

Ao passarmos pela escultura de gesso de um violoncelista no hall de entrada, a senhora de fios grisalhos e estatura baixa indica o caminho para a sala de estar.

— Não repare a bagunça, querida. Ainda não tive tempo de arrumar nada — Aimée explica. — As gêmeas vieram passar o final de semana aqui, e aquelas meninas são experts em desorganizar a casa.

Theo havia comentado que suas irmãs mais novas, Cecília e Celine, passariam o feriado em Faigan. Imagino que devam retornar ao intercâmbio na Espanha ainda hoje.

Corro o olhar pela sala de estar e noto que a bagunça a qual a governanta se refere são as revistas jogadas na mesa de centro e os edredons e travesseiros reunidos em frente à lareira, ao lado dos pacotes abertos de marshmallows.

— Elas já foram embora ou ainda estão por aqui? — faço a pergunta, curiosa ao inspecionar o cômodo. — Theo comentou comigo que elas voltariam para Europa hoje.

— Sim, saíram há alguns minutos. Ramon levou Theo e as meninas ao aeroporto para se despedirem. Mas ele deve retornar em breve.

Ajeito a alça da bolsa no ombro e me viro para ela.

— Não é problema. Enquanto espero por ele, podemos conversar.

— E que tal um chá? — ela sugere, sorridente.

— É uma ótima ideia!

Deixamos a sala e sigo Aimée até a cozinha. Enquanto ela busca pela chaleira e inicia os preparativos para o chá preto com aromas de cereja e mirtilo, eu me acomodo na banqueta de madeira e repouso a bolsa no balcão.

Arrumo a gola da camisa de botões no pescoço e pairo o olhar pelos quatro cantos da vasta cozinha. A fruteira repleta de maçãs vermelhas e suculentas em cima da mesa me enche de apetite. Salto do lugar e apanho uma fruta.

Gosto quando Theo não está em casa. Consigo me sentir confortável na companhia de Aimée, a mansão se torna muito mais leve sem a presença dele.

Abocanho um pedaço da maçã e retorno à banqueta. Minha atenção é rapidamente atraída pela caixa de madeira com entalhes dourados sobre o mármore da ilha. Toco o relevo reluzente e me inclino para observar a trava mais de perto.

— É uma caixa de música? — pergunto.

Aimée põe a chaleira no fogão e vem rumo à ilha. A governanta esboça surpresa ao se deparar com o artefato.

— Oh, sim. É! — Um sorriso saudoso a ilumina. Ela destrava a caixa e me mostra a pequenina bailarina lá dentro. Ao girar a manivela três vezes, uma melodia suave ressoa, e a bailarina começa a rodopiar na caixinha. — Isso pertenceu ao bisavô do Theo. As meninas devem ter entrado nos aposentos dele e trazido para cá. Veja só? Eu disse que elas são bagunceiras — comenta com uma risadinha amável.

— Então a caixinha é de Aramis Périgord? — questiono, curiosa.

Agora que sei que o objetivo de Finch na mansão é vasculhar os antigos pertences de Aramis, creio que seja apropriado coletar informações a respeito dele. Aimée, sem sombra de dúvidas, é a pessoa certa para me ajudar nessa busca.

— É encantadora — eu digo, alimentando o assunto. — Ela parece muito antiga.

— Porque é! Aramis deu de presente à esposa em suas bodas de prata. Depois que ela faleceu, foi como se ele tivesse guardado a memória dela nessa caixa. Ninguém podia tocar nela, nem mesmo os filhos ou empregados para limpá-la.

Anoto a informação mentalmente e encaro a caixa de música. Logo que a canção termina, Aimée fecha a tampa de madeira e sela a trava. Seus dedos deslizam pelo material para remover uma fina camada de poeira.

— E você chegou a conhecê-lo? — pergunto.

Aimée assente.

— Sim. Eu era criança quando minha mãe veio trabalhar na mansão. Fizeram questão de contratar uma governanta francesa, por isso minha mãe e eu nos mudamos para cá na década de 60. Depois de sua partida, eu assumi as responsabilidades e servi a família Périgord nos últimos trinta e oito anos.

— Oh! Isso é muito tempo.

Ela faz que sim com a cabeça, pensativa.

— Metade de uma vida. — Aimée suspira devagar e apanha a caixa com zelo, como se carregasse uma relíquia nos braços. — Bom, vou guardá-la de volta no lugar dela enquanto a água esquenta na chaleira. Não vou demorar.

— Posso acompanhá-la. É melhor do que ficar sozinha aqui embaixo — eu sugiro, fazendo parecer uma ideia inocente. Seria ótimo apurar mais

informações e descobrir em que parte da casa estão os aposentos de Aramis.
— Assim pode me contar mais histórias.

Seu olhar ganha um brilho entusiasmado, e ela sorri. Aimée parece contente com o meu interesse, como se raramente tivesse oportunidade de falar do passado e não pudesse desperdiçar a chance.

— Seria ótimo, querida. Não são todos que têm paciência para velhas histórias.

Deixo a maçã em cima da bancada e pego minha bolsa, pronta para acompanhá-la.

— Pois fique sabendo que eu adoro uma velha história — garanto, brincalhona.

Deixo que Aimée vá na frente e sigo seu trajeto pelos corredores e escadas, enquanto a ouço dividir lembranças dos seus primeiros dias servindo aos avós de Theo. A senhora me guia até o terceiro andar da mansão. Memorizo cada corredor e passagem que encontro durante o percurso.

Paramos em frente às portas duplas com maçanetas douradas. Aimée retira um molho de chaves do bolso da saia e é certeira ao escolher uma delas para destrancar a fechadura. Uma nova ala de corredores e salas surge diante de nós. Não deixo que nenhum detalhe escape do meu olhar, impressionada com a vastidão de cômodos que formam os antigos aposentos do bisavô de Theo.

Acompanho a governanta até a última dependência situada no final do corredor. Aimée abre a porta e adentra no quarto de Aramis Périgord. Eu fico no batente, observando tudo o que meus olhos alcançam.

O quarto parece imaculado pelo tempo. Milimetricamente conservado, desde os móveis de madeira robustos da época, os papéis de parede antigos, até a cama de casal com um dossel.

Aimée deposita a caixinha de música na cômoda de cabeceira.

— E como Aramis Périgord era? — puxo o assunto.

Aimée se vira em minha direção.

— Muito sério, rígido e... não sei se deveria dizer isso, mas ele era bastante... paranoico. Eu era só uma criança, mas ouvia os empregados comentando que era difícil lidar com ele em seus últimos anos de vida. — Ela olha ao redor, concentrada nos quadros e no papel de parede. — Me lembro da vez que ele acusou uma empregada de roubo injustamente. Foi

terrível. Fiquei arrasada quando os Lancaster foram obrigados a deixar a mansão. Como minha mãe estava sempre ocupada nas funções de governanta, eles tomavam conta de mim.

Algo em seu comentário me causa estranhamento. Levo uns segundos para perceber que já ouvi esse sobrenome antes.

Lancaster.

Droga, tenho certeza de que conheço esse sobrenome.

— Quem eram os Lancaster? — solto a pergunta com naturalidade e dou um pequeno passo para dentro do quarto. — Pelo jeito que diz, parece ter sido triste.

— Os Lancaster eram jovens e recém-casados. Jasmine era cozinheira na mansão, e seu marido, Trembley, um dos contadores financeiros que trabalhava diretamente com Aramis e Julien nos negócios da família. Estava sempre no escritório de Julien.

Uno as sobrancelhas.

— E do que a mulher foi acusada de roubar?

— Joias. — Aimée emite um riso cético e move a cabeça com reprovação. — Aramis acusou Jasmine de roubar joias da sua falecida esposa e demitiu ela e o marido. Depois que saíram da casa, eu nunca mais soube deles. Mas Jasmine era uma mulher bondosa e honesta. Nunca acreditei que ela tivesse roubado os Périgord. Como eu disse, Aramis já não estava lúcido em seus últimos anos de vida.

Anuo com a cabeça, pensativa.

*Lancaster...*

Preciso lembrar de onde conheço esse sobrenome.

— Bom, vamos descer — Aimée decide, me acordando dos devaneios. — A chaleira já vai apitar.

Sorrio com os lábios selados e concordo:

— Sim, vamos.

Fico em silêncio enquanto observo Aimée trancar o quarto de Aramis. Engrenagens giram na minha mente, trabalhando em busca da resposta que eu sei que possuo, só não consigo encontrá-la. A sensação de estar tão perto de decifrar um enigma me deixa afoita.

Acompanho a governanta pelos corredores. Ao atingir os degraus, um lampejo ilumina meus pensamentos e meu corpo estaca no lugar.

Finalmente me recordo de onde conheço aquele sobrenome.

*Devan Lancaster*, o homem do cartel Narvaez. A família dele serviu aos Périgord no passado, é claro!

Isso explica por que ele contratou Finch para encontrar algo de valor na mansão, óbvio. Deve haver ligação com o passado da sua família aqui dentro. Agora faz muito mais sentido.

Sem que Aimée perceba, pesco meu celular na bolsa e digito uma mensagem para Finch, ansiosa para dividir a descoberta.

***Eu:*** *Finch! Você não vai acreditar no que eu acabei de descobrir. Leia as próximas mensagens!*



Passei as últimas três horas no escritório da mansão. São seis em ponto e, graças a Deus, agora posso ir embora.

O dia foi tranquilo. Theo se manteve centrado em suas tarefas e conversamos somente o necessário. Ainda assim, eu o notei me espiando de soslaio mais vezes do que gostaria.

Fecho a bolsa após guardar meus pertences e me levanto da cadeira giratória. Levo o olhar até a janela além da mesa de Theo. O vidro está repleto de respingos e ligeiramente embaçado, resultado da chuva que desabou sobre Émeraude uma hora atrás. De acordo com a previsão do tempo, Faigan terá uma noite fria com direito a garoas e trovoadas.

Theo continua teclando em seu notebook, concentrado, quando paro diante da sua mesa. Estive adiando essa conversa, entretanto chegou o momento de pedir mais um favor a ele.

— Theo, antes de ir embora, preciso falar com você.

— É claro, Kaylee. — Ele para de digitar e me fita atentamente, escaneando-me da cabeça aos pés. A cada dia que passa, o interesse refletido em seus olhos se torna mais explícito. Chega a ser constrangedor. — Aconteceu algo?

Escondo as mãos atrás do corpo para apertar os nós dos dedos, insegura.

— Sim. Digo... não exatamente. É só que... quero desistir daquela matéria sobre os Allen. Dessa vez, em definitivo, Theo. Quero enterrar isso.

Sua testa ganha um vinco confuso, e sua expressão muda, surpreso com o pedido.

— E por quê? Semanas atrás me pediu para fazer uma pausa, mas disse que ainda gostaria de ver a matéria publicada. O que mudou? Isso é por causa da morte do delegado?

— Sendo sincera, sim. Em partes. Callum se foi e qualquer rixa que existia entre mim e a família Allen acabou. Eu não quero levar isso para frente e... até me sinto culpada ao pensar na morte tão trágica ou na esposa dele. Foi terrível.

Périgord une as mãos sobre a mesa e pisca devagar, processando meus argumentos. As sobrancelhas continuam franzidas, e a dúvida desenha seu semblante.

— E quanto ao Hunter? Isso também diz respeito a ele? — Theo me questiona com receio. — Me lembro perfeitamente quando disse que suspeitava que ele teria feito algo com aquela jovem desaparecida.

Merda! É verdade, eu disse. E agora me amaldiçoo por isso...

Limpo a garganta e inspiro, cautelosa.

— Theo... eu sei o que eu disse, mas... talvez eu tenha me enganado e... me excedido. Eu me sinto horrível dizendo isso porque jamais quis ser injusta, mas eu estava com tanta raiva do Hunter que posso ter me precipitado. E se ele for totalmente inocente?

— Você parecia ter muita certeza daquela vez.

*Droga...*

— Theo... eu morro de vergonha de admitir isso, mas... deixei minha raiva me dominar naquele momento. Não tenho nenhuma prova, era só uma... suposição. Na época que Alisha desapareceu, Hunter foi interrogado várias vezes e nunca houve nada que o ligasse ao sumiço dela. Ele sempre teve um álibi. Eu cometi um erro quando o acusei. Eu... só queria poder me vingar dele e me sinto um monstro por isso.

Theo se recosta na cadeira e me encara por um tempo. É impossível decifrá-lo, não saberia dizer se está ou não acreditando em minha palavra. Creio que esse seja o maior desafio ao se manipular alguém. É um jogo traiçoeiro, você nunca sabe se está sendo manipulado de volta. Um risco inevitável.

Moldo meus traços para formar um semblante dócil e inocente, adotando o papel de garotinha ingênua e arrependida para comovê-lo.

Abraço o corpo e encolho os ombros, numa postura frágil, como se estivesse profundamente envergonhada. Eu me empenho na encenação com tanto afinco que meus olhos começam a arder, marejados.

— Kaylee, eu descobri coisas graves sobre Callum, uma possível ligação entre ele e uma facção de Royaume. Quer realmente ignorar isso?

— É... sim. E se os contatos de Callum na facção decidirem revidar? Eu... não estou pronta para lidar com isso. Pensando de cabeça fria, não acho que seja um bom momento. Estou tão apavorada, mal tenho dormido, ando angustiada há dias. Você consegue me entender, não é?

Me sinto vitoriosa quando uma lágrima desliza pela minha bochecha, enfatizando o apelo emotivo. Sou a personificação do arrependimento, vulnerável e perdida. Estou lhe dando a oportunidade perfeita para me consolar.

— Kaylee, é claro que eu entendo, se acalme. Só estava fazendo isso por você, sabe disso. Mas, se quiser enterrar esse assunto, pelo menos por um tempo, tem minha palavra que nada do que encontrei será publicado.

Libero um sopro aliviado e seco a lágrima no rosto.

— Muito obrigada, Theo. E... droga... me desculpe por parecer tão... boba e emotiva.

— Não se preocupe. — Theo ajusta uma pilha de papéis e fecha o notebook. Ele se ergue da cadeira e vem em minha direção. — Agora, mudando de assunto para que se acalme, eu gostaria de conversar com você sobre um projeto.

— Que tipo de projeto?

— Eu ficaria feliz em te explicar tudo, mas não aqui. — Ele dobra as mangas da camisa social na altura dos antebraços e se senta na beirada da mesa, de frente para mim. — Já esteve em *Le Doré*?

Enrugo o cenho, perdida ao ouvi-lo mencionar o requintado restaurante de Émeraude.

— Oh... não. Nunca.

— E o que acha de um jantar lá? Os legumes à provençal são fantásticos, e a bisque de frutos do mar é a melhor da região. Eu tenho certeza que adoraria.

Ah, merda! Ele está me chamando para sair?

— Um jantar? — replico, batendo as pálpebras.

— Sim, seria bom para conversarmos sobre os assuntos pendentes. Podemos até mesmo discutir sobre o empréstimo. Combinamos de conversarmos melhor a respeito, e sei que está ansiosa para resolver isso.

É claro. Ele vai usar a dívida como um trunfo para me atrair ao jantar. É uma forma sutil, quase amigável, de manipular minha decisão. Afinal, que tipo de mal-agradecido diria não a pessoa que lhe emprestou uma grande quantia e que agora quer discutir os termos do reembolso?

— Nessa semana vou estar ocupada nos turnos da farmácia — invento a mentira.

— Isso não é problema. Encontre um dia livre na próxima semana, qualquer dia, e iremos ao *Le Doré*. Você vai ficar encantada com os pratos. — Um sorriso galante curva seus lábios. — Sei que gosta de exercitar o francês, então vai adorar fazer os pedidos no idioma. Vai se sentir na própria Provence, eu garanto.

— É muito gentil da sua parte, Theo. Sei que será uma experiência incrível. — Aliso o tecido da calça para manter as mãos ocupadas, ligeiramente tensa. — Vou conferir meus horários e escolher um dia na próxima semana.

— Vou aguardar ansioso!

Sorrio para ele e recuo em pequenos passos.

— Agora eu já vou. Tenha uma boa noite.

— Espere, Kaylee. — Theo se põe de pé e olha sobre o ombro na direção da janela. Aponta para ela e completa: — Está caindo um mundo lá fora. Não quero que vá até o ponto de ônibus nessa chuva. Vou pedir que Ramon te leve de carro até sua casa.

— Não, eu não quero atrapalhar. Vou ficar legal, o ponto não é tão longe daqui.

— Por favor. Eu insisto. Não será incomodo algum. Ramon usará um dos carros e te deixará em La Victoire. Não seja teimosa, *mademoiselle*. Ele já está acostumado. Quando as gêmeas estavam aqui, Ramon dirigiu para elas de um canto para o outro.

— Só não quero atrapalhá-lo. Ele não precisa...

Theo dá mais um passo ao meu encontro e segura meus ombros. O toque me deixa em alerta, mas disfarço.

— Não vai atrapalhá-lo, ele recebe um extra pelo serviço. Você se preocupa demais, Kaylee. Aceite a carona, por mim — insiste, sorrindo.

Seus dedos acariciam meus ombros, me causando náuseas. Eu sorrio de volta e me dou por vencida.

— Tá legal. Aceito a carona.

— Ótimo! — Aperta levemente meus ombros e desliza os dedos pelos meus braços.

Reúno forças para seguir com o teatro. Com o sangue frio e o estômago se redobrando de asco, eu me coloco na ponta dos pés para beijar a bochecha de Theo, tão carinhosa quanto ele espera que eu seja. Assim que me afasto, seus olhos me acompanham, os orbes cinzentos cintilando com surpresa e fascínio.

Estou caminhando em uma corda bamba ao atiçar seu desejo por mim, sei disso. Por outro lado, minha única arma para manipulá-lo é garantir que ele continue me cobiçando.

— Muito obrigada, Theo. Eu não sei o que faria sem você.

Theo me fita com encantamento. Um sorriso pequeno curva sua boca e ele me oferece sua mão.

— Então vamos? Vou avisar Ramon.

Seguro a mão dele e o acompanho para fora do escritório sem questionar.



A chuva ainda impera sobre a cidade enquanto o carro percorre as ruas de La Victoire. Nos bancos traseiros, assisto os pedestres transitando pelas calçadas, protegidos em seus guarda-chuvas para fugir do aguaceiro.

Ramon dirige devagar pela pista molhada. O segurança da mansão traja um terno preto, bastante formal, e se mantém calado ao volante. É a primeira vez que fico sozinha com ele. Não sei muito ao seu respeito, mas o homem mais velho sempre me pareceu bastante sério e reservado.

Calado e distante, vagando por algum pedaço do térreo da mansão, tão despercebido quanto um fantasma. E sempre presente.

— Se virar a próxima rua à esquerda, chegamos mais rápido em Château — aviso Ramon.

Devagar, ele move a cabeça em concordância. Seu olhar encontra o meu através do espelho.

— Sei chegar no bairro e conheço o atalho. Não se preocupe, srta. Clark — me informa, tranquilamente.

Assim como eu o instruí, Ramon vira à esquerda e nos leva a outra rua, rumo a Château.

— Então já esteve em La Victoire? — Fico curiosa.

— Sim. Fui criado aqui. Vivi na região até antes de me casar.

É bom ouvi-lo falar um pouco. Me ajuda a desvinculá-lo da imagem de um fantasma calado e distante.

— Não sabia que era casado. Também não sabia que dirigia pro Theo.

— Respondendo à primeira pergunta, sou divorciado. Depois que minha ex-mulher saiu da cidade, arrumei um emprego na mansão Périgord. Isso já deve fazer uns... dez anos. Pouco antes de Adrien e Helena Périgord falecerem, eu costumava assumir a função de motorista, além de cuidar da segurança da mansão.

Meneio a cabeça, compreendendo.

— E... como é trabalhar pro Theo? — Quando percebo, já estou sondando Ramon. Elaborar perguntas e encontrar respostas é uma mania da qual não consigo me esquivar. — Deve ser diferente, né? Porque antes a mansão era tão cheia e agora é apenas ele e Aimée.

— É, tem sido bem diferente desde que Helena partiu e as gêmeas saíram para estudar fora do país. Menos trabalho, por assim dizer. Mas o sr. Périgord é um patrão tão generoso quanto seus pais foram um dia.

Nossa conversa é interrompida pelo toque do meu celular. Removo o aparelho da bolsa e atendo a ligação de Nash.

— *Me diz que você já está chegando em casa* — ele me pede.

— Hm... — Olho através das janelas para me localizar. — Estou na rua Mayleen, perto da Clark's. Por quê?

— Ótimo! Fique onde está, e eu vou te buscar de carro. Perdi a cópia da chave da farmácia e preciso da sua. Sou o único aqui, a porta bateu e fiquei trancado pra fora. Meu pai vai me matar se souber que perdi a chave.

— Relaxa. Eu tô com a minha cópia, vem me encontrar. Vou ficar no ponto de ônibus da banca de jornais.

— *Graças a Deus! Obrigado, Kay, você é demais! Tô correndo aí!*

Encerro a ligação e olho além da janela. Observo o comércio e as construções residenciais. A chuva afugentou as pessoas das calçadas,

deixando a rua vazia. Os postes de luz iluminam a banca de jornais mais à frente. Está fechada, e uma placa grudada na porta de correr diz “abriremos amanhã”.

— Ramon! Será que pode me deixar naquela banca de jornais?

— Tem certeza? Ainda está chovendo. Posso deixá-la em casa sem problemas.

— Obrigada, mas não precisa. Meu primo me ligou e vai me encontrar aqui daqui a pouquinho. É só encostar que vou descer.

Ramon concorda. Ele dirige por mais alguns metros e me deixa ao lado da banca fechada. Agradeço a carona e salto do carro apressadamente. Busco abrigo no ponto de ônibus vazio, protegida da chuva.

Sozinha, eu acompanho o carro se afastar e dobrar a esquina, deixando a região. Abraço o corpo para driblar o frio e olho ao redor, à procura de Nash. Tudo está deserto.

Enquanto aguardo meu primo, eu me distraio observando os banners de maquiagens que cobrem as paredes de acrílico do ponto de ônibus. Somente volto a encarar o asfalto quando pressinto a aproximação de um carro. Um veículo vermelho desponta pela rua. Conforme se aproxima, noto que a lataria está cheia de riscos e um pequeno amassado marca a porta do passageiro.

O carro estaciona em frente ao ponto, e o motorista salta para fora.

Está olhando para mim.

— Ei, boa noite! — o homem de estatura alta, pele branca e cabelo raspado me diz. Ele parece jovem, mas suas linhas de expressão evidenciam cansaço. — Pode me dar uma informação? Eu me perdi na região.

Sendo mulher, é claro que não confio em homens desconhecidos que surgem em ruas escuras pedindo informações. Sei disso desde nova. Sendo assim, recuo um passo e verifico os dois lados da rua, em busca de mais pessoas pelas calçadas para me sentir segura.

Não há ninguém por perto.

O homem adentra no ponto de ônibus, e algo em seu rosto capta a minha atenção. Não o conheço, mas tenho a impressão de que não é a primeira vez que o vejo. Busco encontrar a resposta em seus olhos cansados, nas íris escuras, nas olheiras e lábios visivelmente ressecados.

Ele não parece sóbrio.

O receio me deixa inquieta. Faço uma nova vistoria no entorno, odiando a sensação de estar sozinha com esse sujeito.

— Na verdade, eu... já estou de saída — invento a desculpa, apressada.

Por precaução, eu me esquivo para escapar do ponto de ônibus, sem dar trela para o desconhecido.

Uma mão firme agarra meu pulso e me puxa de volta. A investida agressiva faz minhas costas baterem na parede de acrílico. Rápido demais, sou cercada pelo cara.

— Espere aí! — seu timbre engrossa ao ordenar.

— Socor... — Meu grito desesperado é interrompido quando o homem me puxa pelos braços e me empurra na parede ao lado, me fazendo bater de frente com o acrílico. Meu corpo é prensado pelo dele. — Socorro!

Ele me agarra por trás, seu braço firme esmaga meus contra o tronco enquanto eu me debato. Grito por ajuda, mas minha voz é abafada pelo tecido úmido que é pressionado no meu rosto, cobrindo boca e nariz. Um odor forte invade minhas narinas.

— Estava ansioso pra te conhecer, Kaylee — o homem confessa no meu ouvido ao mesmo tempo que obstrui minha respiração com o pano. Seu aperto quase esmaga meus ossos. — Faz alguma ideia de quem sou eu? Ele não falou de mim?

O tecido embebido por um odor sufocante abafa meus gritos. O cheiro forte parece queimar minhas vias respiratórias. Eu esperneio e murmuro, tentando me libertar.

— Não se preocupe, Kaylee — ele sussurra. Minha visão embaça e escurece. Meus pensamentos se dissolvem. De repente, não sinto minhas pernas e meu corpo amolece. — Ouvi dizer que você está trepando com o meu irmão. Então, bem-vinda a nossa primeira reunião de família.

Irmão...

Andrew Sullivan.

É ele...

Luto contra a moleza que domina meus músculos e o torpor que embaralha minha mente. Contudo, de forma desesperadora, tudo se apaga.

# 16

## Kaylee Clark

É praticamente impossível me mover com os braços amarrados atrás do corpo. As cordas ásperas que enlaçam meus pulsos e canelas me mantém presa ao chão.

Fui deixada no canto de um cômodo, sentada no piso. Me vejo cercada por paredes de madeira e uma mobília empoeirada. O lugar se assemelha a uma cabana, mas francamente não faço ideia de onde estou. Quando despertei, minutos atrás, entrei em pânico sem saber como cheguei aqui.

Minha última lembrança é de estar no ponto de ônibus.

Andrew Sullivan se encontra sentado num banco do outro lado da sala para me vigiar. Não me dirigiu a palavra em momento algum. Estranhamente silencioso, ele me analisa. Seus olhos ameaçadores não se desviam de mim nem por um instante.

Eu não fui revistada. Sei disso porque sinto meu canivete escondido no bolso traseiro da calça. Com algum esforço, eu poderia alcançá-lo, acionar a lâmina e usá-la para romper as amarras dos pulsos. Ainda assim, terei que ser discreta e agir fora da vista de Andrew, o que parece impossível, considerando que estou sob a mira dele desde que abri os olhos.

Venho estudando cada contorno e passagem visível, planejando uma rota de fuga. No entanto, não há uma única janela no cômodo que me

permita enxergar o lado de fora. Tudo o que vejo é uma mesa de centro, uma lareira de pedra e um sofá velho.

Meus pulsos queimam devido ao atrito com as cordas, e minhas pernas reclamam, já exaustas pela posição desconfortável.

Ter os olhos de Andrew cravados em mim me deixa à beira de um colapso nervoso. É assombrosa a forma como ele me esquadrinha sem proferir uma única palavra. Suas íris exalam frieza.

De repente, ele se levanta do banco, e meu corpo se retrai por puro reflexo. Seus passos o trazem em minha direção, e ele se abaixa para vasculhar minha bolsa jogada no piso. Fico calada, observando-o remover vários itens da bolsa até encontrar meu celular.

Com o aparelho em mãos, ele se aproxima. Andrew se abaixa ao meu lado e agarra as cordas que atam meu pulso.

— Fique longe! — Ergo a voz, aflita.

Chacoalho os ombros e me contorço no lugar, assustada. Andrew segura minha mão e pressiona meu polegar em algo. Quando se afasta, percebo que ele desbloqueou o celular com minha digital.

— O que vai fazer? — pergunto, apavorada.

Andrew me ignora e vasculha o celular tranquilamente. Após um tempo, ele vira a tela do aparelho na minha direção e me mostra o contato de Finch salvo na agenda.

— Eu não tenho o número dele. Mas, graças a minha cunhada, vou conseguir ligar pro Finch — ele esclarece, cínico. — Tenho que bater um papo com ele, mas vou colocar no viva-voz. Assim todo mundo pode conversar, que tal?

Não digo nada, espantada com o nível de sadismo em seu timbre. É como se a situação o divertisse. Respiro rápido e irregular, trêmula pela apreensão. Forço os pulsos na corda e sinto a pele queimar.

Meus olhos arregalados acompanham Andrew. Ele perambula pela sala enquanto espera ser atendido. Após quatro toques na chamada, a voz de Finch surge do outro lado da linha.

*— Oi, Kaylee! Desculpa não ter respondido suas mensagens mais cedo, mas eu li tudo. Tem certeza do que descobriu?*

Um sorriso sombrio molda os lábios de Andrew, e ele me olha de esguelha ao dizer:

— Foi mal, Finch. Mas não é a Kaylee quem está falando. Digo, ela até está por aqui, mas... um pouco ocupada.

— *O quê... Quem é? Que porra é essa? Cadê a Kaylee?*

— Vou te deixar adivinhar, Finch.

Segundos de silêncio se estendem na chamada. As feições de Andrew esboçam divertimento enquanto ele espera pela reação do irmão.

— *Andrew? Caralho... o quê?*

— Acertou, maninho! Sabe quem eu encontrei na cidade? Você não vai acreditar. — Ele se aproxima de mim e me lança um sorriso venenoso. — Esbarrei com sua namorada por acaso. Até que gostei dela, está aprovada por mim.

— *Do que está falando, porra?* — Finch vocifera na ligação. — *Andrew, seu desgraçado! Do que está falando?*

— Vou colocar ela pra falar com você, espere um pouco.

Andrew posiciona o celular na altura do meu rosto. Com a outra mão, segura minha nuca.

— Tire as malditas mãos de mim, porra! — rosno para ele e me esquivo do seu toque, enojada.

— *Kaylee?* — Finch grita por mim, exasperado. Sinto o pânico em seu timbre. — *Kaylee!*

Minha traqueia aperta, embargada pela vontade de chorar. Ouvir a voz dele me faz imergir em emoções conflitantes. Pavor... desespero... alento.

Andrew se afasta de mim e retoma à ligação com o irmão:

— Ouviu ela, não ouviu? Bom, não tem muito mistério. Eu tô com a sua garota, Finch. Ela vale quanto pra você?

— *Você ficou louco, caralho? Andrew, onde vocês estão?*

— Quero que venha buscá-la, mas sozinho. Se trouxer alguém com você ou meter a polícia nisso, vou machucá-la pra caralho.

— *Me escute, seu verme! Se tocar um dedo nela, Andrew, se fizer qualquer merda, eu juro que acabo com você! Eu vou te matar! Tá me ouvindo? Vou te caçar e não vou parar até te encontrar e te matar!*

— Uau! Meu irmão caçula cresceu mesmo. Antigamente você não diria isso pra mim. — Ele emite um riso irônico. — Então vai me matar? Tô até orgulhoso. Não deve ser mais tão covarde quanto o merdinha que fugiu. Finalmente criou culhões?

*— Acha que tô brincando, porra? Se pensa que destruí sua vida no passado, não faz ideia do que vou fazer se você tocar num fio de cabelo da Kaylee!*

— Olha só pra você. Está mesmo gostando dessa cadela, disposto a se arriscar por ela. Fracote de merda, você é patético, porra. — Ele ri e move a cabeça ao reprová-lo. — Agora me ouça. Venha sozinho até a Serra Marion. Vai subir a serra e pegar estrada pra Rochester. Quando encontrar uma trilha à direita da pista, vai sair do carro e entrar nela. Assim vai chegar aonde estamos.

*— Andrew, não faça nada com ela! Tô implorando. Vou até aí, juro que vou, mas não toque nela.*

Meus olhos ardem e comprimo os lábios para conter um soluço angustiado. Não quero que Finch me escute chorando.

— Isso só vai depender de você. Se vier acompanhado ou chamar a polícia, vou sumir daqui com essa piranha e você nunca mais vai vê-la. Agora ande logo, estou com pressa!

Sem mais, Andrew encerra a ligação e enfia meu celular de volta na bolsa.

Agora que sei que estou em uma reserva da Serra Marion, a angústia se alastra em meu peito. Mal consigo respirar mediante ao desespero. Estamos isolados no meio da vegetação. Ninguém escutará meus gritos por socorro.

É um pesadelo.



Encho os pulmões de ar, reunindo o máximo de fôlego que posso. Luto para manter a calma, porém meus batimentos cardíacos dão solavancos no tórax e minhas mãos já estão molhadas de tanto suarem frio.

Um bom tempo se passou desde a ligação com Finch, talvez ele já esteja a caminho daqui. Mesmo desesperada, não sei se quero que Finch venha ao meu socorro, uma vez que não tenho ideia do que seu irmão planeja contra ele.

— Como foi que você e meu irmão acabaram juntos? — A pergunta de Andrew encerra o silêncio que perdurou por minutos.

Reteso o corpo e me ajeito no lugar, na medida do possível com os membros amarrados. Posso sentir o canivete no bolso traseiro da calça ao me mover. Tudo que preciso é alcançá-lo sem que meu raptor perceba.

Silenciosa, eu encaro Andrew.

Não sei sua idade, mas ele parece cansado. A palidez em sua pele chama atenção, e as feições indicam desgaste. Seus olhos possuem a mesma tonalidade que os do irmão, entretanto denotam um brilho inquietante que beira a euforia, como se estivessem sob um transe. Apesar da temperatura baixa, Andrew parece sentir muito calor, vestindo uma regata branca que deixa os braços tatuados à mostra.

Ele carrega uma atmosfera medonha.

— Eu te fiz uma pergunta! — ele ralha, aborrecido, quando não respondo. — Como foi que os pombinhos acabaram juntos?

Engulo a saliva, ansiando por um copo de água.

— Não vou falar nada sobre mim — rebato, curta.

Ele arqueia as sobrancelhas com desdém.

— Acha que já não sei o suficiente ao seu respeito, garota? — Passos lentos o trazem para perto, e eu contraio os músculos em alerta. — Sei onde você mora, onde estuda, sei que tem um emprego, também sei seus horários. Eu te vigiei por dias. Mas quero entender como alguém como você, que estuda num lugar de renome e tem um futuro aparentemente promissor, foi se meter logo com um fodido feito o meu irmão. Você é só mais uma daquelas piranhas que gostam da adrenalina de trepar com quem não presta?

O ódio me faz travar o maxilar. Quero fazê-lo engolir aquelas palavras. Ainda assim, não caio na provocação. Ele precisa acreditar que sou inofensiva. Dessa forma, quando me deixar sozinha, vou usar o canivete para me soltar e correr.

— Por que não responde, porra? — Meu silêncio o irrita. Ele diminui nossa distância e se abaixa, o rosto à altura do meu. Seus olhos me fulminam. — Acho bom não me irritar, porque não vai gostar quando eu perder a paciência!

Encolho os ombros, quase sem respirar, cheia de repulsa e horror. Quando seus dedos se aproximam, prestes a tocarem meu queixo, viro o rosto na direção oposta para escapar do contato. Minha resistência o

enfurece. Ele agarra minha mandíbula com brutalidade e me obriga a encará-lo.

— Sua filha da puta! Pare de fazer essa cara de nojo quando estiver olhando pra mim! — ele exige, os dedos fundos em meu queixo. — Somos quase família, esqueceu? Não pode destratar seu cunhado.

Eu recuo, me arrastando sentada até bater de costas com a parede atrás de mim. A corda que enlaça minhas canelas é puxada por Andrew e ele estica minhas pernas no chão. Rapidamente, ele se projeta sobre mim, cada um dos joelhos me cercando.

— Saia de cima de mim! — brado, histérica, e começo a me debater.

— Relaxa, só quero dar uma boa olhada em você.

A corda queima meus pulsos conforme eu me debato. Andrew abre minha camisa de botão e desce a peça de roupa agressivamente pelos meus braços. O amontoado de tecido se embola nos meus pulsos, junto à corda, me deixando apenas com a camiseta branca.

— Pare! — berro para ele.

Ele joga o peso sobre minhas coxas, me impedindo de movê-las. Seus dedos apertam minha mandíbula e prensam minha cabeça na parede para me imobilizar. Não consigo reagir, muito menos respirar, quando o rosto dele se embrenha no meu pescoço, me explorando. Sua boca rasteja pela minha pele, e ele me cheira. Eu me contraio de repulsa.

— Você tem um corpo de enlouquecer, garota — ele me diz. Agarra a alça da minha camiseta e afunda o rosto no meu cabelo. Seus dedos apertam minha mandíbula com força e me fazem grunhir de dor. — Também tem um cheiro bom, a pele macia... É, dá pra sacar porque meu irmão te escolheu.

Meus braços se arrepiam, pinicando. Rosno e me contorço para que ele se afaste. E, ao mesmo tempo, aproveito para alcançar o canivete no bolso. A ponta do meu indicador se infiltra no jeans e consigo sentir o cabo do objeto.

Se eu pudesse chegar mais longe... merda...

Andrew solta minha mandíbula e finalmente se afasta. Ele esquadrinha meu corpo detalhadamente, tão sujo que me enoja. Recupero o fôlego e encolho as pernas, trazendo-as para junto do tronco. Meus músculos tremem de raiva e nervosismo.

— Se acalme, porra. Não vou fazer nada com você. Pelo menos, não enquanto o Finch não chegar pra assistir de camarote.

Respiro ofegante, os olhos arregalados e atentos a cada movimento dele.

— Por que está fazendo isso? Finch não quer saber de problema. Não precisa ir por esse caminho, por favor — suplico, a voz rouca de aflição. — Ele é seu irmão.

Ele me fita com surpresa e cruza os braços, cético.

— Está preocupada com ele? Acha que Finch é a vítima? — Andrew descruza os braços e um calafrio congela minha espinha quando ele segura minha cabeça. Os dedos se entranham na raiz do meu cabelo, e minha respiração trava nos pulmões. — Meu irmão não é melhor do que eu. Ele já fez coisas horríveis, você nem conseguiria encará-lo se tivesse visto.

Ele solta meu cabelo e me dá as costas. Aproveito a chance para esticar os braços e alcançar a ponta do canivete no bolso. Meus pulsos se rasgam na corda e mordo os lábios para sufocar a dor, enquanto trago o canivete para a ponta do bolso. No entanto, paro o que estou fazendo no exato segundo em que Andrew volta a me encarar.

Ele se senta no sofá velho e empoeirado diante de mim.

— Você sabe mesmo quem meu irmão é? — ele me desafia. — Sabia que Finch traficava e caçava os viciados como se fossem bichos? Ele destroçava gente inocente, era tanto sangue... Ele ia longe, nunca o bastante para matar, porque eles precisavam ficar vivos pra pagar a dívida. Mas era sempre o suficiente para deixar uma sequela. Era brutal.

Continuo em silêncio. Andrew move a cabeça e ri, como se estivesse se lembrando de algo cômico.

— Ele já te contou da vez que cegou um cara com o canivete que *eu* dei a ele? Ou quando quebrou as pernas de um moleque de tanto pisoteá-las? Finch contou que, quando a adrenalina batia, ele virava a porra de um animal e que está sujo com o sangue de várias pessoas até o último fio de cabelo? Porra, são tantas histórias... Ele pode dizer que se arrependeu, mas as pessoas que ele destruiu no tráfico não devem pensar assim. — Andrew se levanta. O sorriso sarcástico se transforma em desgosto. Seu olhar se enche de rancor. É assustador. — Finch não é um herói, é o oposto disso. Se visse cada desgraçado que ele espancou e torturou quase até a morte por dinheiro sujo, saberia.

Ele caminha na direção da lareira e puxa uma faca enorme do console. Comprimo os lábios, os olhos vidrados no facão que ele carrega. Uma gota

grossa de suor desce pela minha testa.

Andrew segue até o banco de madeira e se acomoda ali, olhando para mim e me apontando com a faca.

— Agora que Finch não tem mais ninguém, se apegou a você feito um cachorrinho abandonado. Virou o mundo dele. Mas não crie esperança, porque assim que ele arranjar outra vagabunda para ocupar o seu espaço, você não vai durar.

Lágrimas de puro ódio inundam meus olhos.

De repente, o som de uma vidraça se espatifando atravessa os cômodos. Andrew se levanta em alerta, com o facão empunhado. Seus olhos correm por todos os lados, à procura da origem do barulho, que parece ter vindo do lado de fora.

Ele aponta para mim com a lâmina, ameaçador.

— Não se mova! É bom que esteja no mesmo lugar quando eu voltar. Se tentar qualquer merda, vai se arrepender!

Eu assinto com a cabeça roboticamente, fingindo concordar.

Andrew escapa do cômodo às pressas e corre na direção do barulho. Aproveito a chance para esticar os braços e pescar o canivete no bolso da calça. Com o artefato em mãos, encontro um novo desafio.

Acionar a lâmina com os pulsos amarrados.

Meu corpo dá um tranco e congela de susto quando um vulto veloz atravessa a entrada da sala. Surpreendentemente, não é Andrew, tampouco Finch vindo me resgatar. Pisco os olhos, atônita, ao me deparar com Nash Clark. Suas roupas estão ensopadas e sujas de terra, e ele carrega uma chave de roda.

Sem perder tempo, ele corre em minha direção, apavorado.

— Nash? O que faz aqui? O quê... como me achou? — as palavras me escapam atropeladas.

Meu primo se ajoelha na minha frente. Ele segura meu rosto com urgência e me esquadrinha de ponta a ponta, procurando ferimentos.

— Eu te segui. Estava indo te buscar em Château quando vi aquele cara te raptar. Liguei pra polícia e continuei te seguindo na estrada — ele explica, ofegante. Desfaz o nó da corda que prende minhas pernas. — Fiquei em contato com as autoridades até subir a serra. O celular

descarregou na ligação, mas eles sabem que estávamos vindo pra cá. Devem estar rondando a região e em breve vão chegar.

Nash desata as amarras nas minhas pernas, liberando-as.

— Temos que sair daqui agora!

O barulho de passos pesados me faz olhar na direção da porta. Rápido demais, Andrew ressurge e nos flagra. Ele ergue a faca e corre em nossa direção, pronto para impedir nossa fuga.

— Nash! Cuidado! — grito desesperadamente.

Meu primo se vira a tempo de desviar do golpe de Andrew. Ele se levanta num salto e usa a chave de roda para se defender do ataque. Enquanto eles lutam, me apresso com o canivete, dando meu máximo para romper a corda em meus pulsos. Por vezes a lâmina escapa do meu domínio, dificultando a tarefa.

Nash consegue acertar a mão de Andrew com a chave de roda, fazendo-o derrubar a faca. O Sullivan mais velho avança contra ele e o atinge com uma cabeçada que o desnorteia. Nash se desequilibra, e Andrew se aproveita disso para tomar a chave de sua mão e acertar a cabeça dele com ela.

— Não! Deixe ele em paz! — grito a plenos pulmões, chorando em desespero. — Pare! Não o machuque!

Raspo o canivete na corda incessantemente, o coração quase saltando pela boca. Andrew derruba Nash e salta sobre ele para acertar sua cabeça com chave de roda mais uma vez. O estampido violento das pancadas em sua testa me faz berrar de agonia.

— Não! Por favor, pare! — eu imploro num grito histérico. — Nash!

Meu primo para de se mexer, inconsciente no chão. Um brado angustiante ecoa de mim no momento que vejo o sangue escorrendo por sua testa. Lágrimas quentes descem pelo meu rosto, e sou sufocada pelo choro.

Andrew se vira para mim e aponta o dedo na minha cara.

— Ele soltou suas pernas! — esbraveja, transtornado. — É melhor não se mexer, sua vagabunda!

Eu me arrasto para trás, e Andrew salta sobre mim. Segura minha blusa e me puxa pelos cabelos. A corrente de desespero esquenta meu sangue, assumindo controle sobre mim. Eu ignoro a dor que dilacera meus pulsos quando, finalmente, consigo arrebentar a corda.

É a minha chance.

Cuspo na cara de Andrew e rasgo uma longa extensão de seu bíceps com o canivete. Seu sangue espirra em mim quando chuto seu peito e me esgueiro para longe. Eu me ergo aos tropeços e fujo pelo corredor, indo em direção ao que parece ser uma cozinha.

Andrew berra por mim, e ouço seus passos no meu encalço. Agarro as panelas do fogão e as empurro no chão para atrasá-lo. Capturo o bule sobre a bancada e me viro para arremessá-lo contra Andrew. Ele tropeça nas panelas. Seu corpo grande esbarra no armário ao lado, e ele acidentalmente derruba um lampião aceso.

O objeto inflamável se espatifa por completo. O óleo se derrama no assoalho de madeira e uma labareda se ergue entre nós.

Deixo-o para trás e subo na pia para saltar pela janela aberta. Eu a atravesso num ímpeto, sem nem imaginar onde estou me jogando. Caio de cara num monte de lama e mato. Rolo na sujeira e por pouco não me corto com o canivete que carrego.

Do lado de fora, procuro um meio de escapar. Tudo o que encontro são árvores e mais árvores, cercadas pela escuridão da noite. Corro mata adentro, com os sapatos escorregando na lama e meu coração massacrando o peito.

Não conheço nada nesse maldito lugar e cada vez enxergo menos à minha volta. Olho para o alto e decido me pendurar na árvore mais próxima. Escalo o tronco e torço para conseguir me camuflar. Galhos pontudos me arranham, e eu me molho entre as folhagens encharcadas.

Escalo a árvore até o galho mais alto e me agarro nas folhagens. Consigo me sentar no tronco, os braços trêmulos, cheios de arranhões, e a respiração arquejante. Olho na direção da cabana ao perceber a movimentação lá embaixo. Não consigo enxergar com clareza, mas sei que é Andrew na mata. Está me procurando.

Deus queira que ele não olhe para cima.

Por favor.

Não ouso me mover nem um milímetro enquanto o espio. Andrew circula pela mata, correndo de um lado para o outro e grunhindo de ódio.

— Eu vou te achar, sua desgraçada! Vou te arrebentar quando te encontrar!

Ele corre para outro ponto e se afasta até sumir de vista entre a vegetação.

Meu coração se rasga em pedaços dolorosos, e aperto as pálpebras em um choro silencioso. Só consigo pensar em Nash, em seu corpo jogado naquele chão enquanto Andrew o atacava. Eu o deixei para trás, mas preciso resgatá-lo.

Preciso ajudá-lo antes que seja tarde.

Minha bolsa ficou na cabana. O celular está dentro dela. Não posso pedir ajuda. Como vou tirar Nash daqui?

Meus dentes batem de frio, e meus poros se arrepiam com as rajadas de vento. Sinto a garganta apertar e quase me engasgo em meio a um soluço de choro.

Percebo que, bem ao lado da cabana da qual escapei, há outra construção um pouco menor. A estrutura de madeira é cercada por lampiões e todas as portas e janelas estão fechadas. Um cheiro característico de fumaça se ergue, e eu olho de um lado para o outro, procurando a origem do fogo.

Um feixe de luz surge no meio da mata. Eu me espremo contra o tronco para me esconder.

— Andrew! — O grito gutural reverbera entre árvores, munido de fúria. — Andrew, apareça!

E eu reconheço o timbre grave e raivoso que ecoa lá embaixo.

É Finch!

Ele está aqui.

# 17

## Kaylee Clark

O pânico e alívio me permeiam ao reconhecer a voz de Finch.

Ele veio por mim.

Quero gritar por socorro; o medo, todavia, me bloqueia. Nash está ferido, precisando de ajuda. Não vou suportar caso Finch também se machuque. Será demais pra mim.

Cogito descer da árvore, mas permaneço no lugar quando um segundo ponto de claridade se move entre a vegetação. Vejo a silhueta de um homem correndo enquanto Finch continua do outro lado da clareira, gritando pelo irmão.

— Kaylee! — O chamado não é escandaloso, mas alto o suficiente para me alertar. A claridade passa por debaixo do tronco no qual me escondo. — Kaylee! Sou eu, o Erick. Estamos aqui com Finch. Kaylee!

Eu me desloco nos galhos, aliviada.

— Estou aqui! — aviso, rouca pelo choro.

A luz da lanterna se move em várias direções, até focar em mim. Desço os galhos depressa e, já próxima do solo, piso em falso e me desequilibro. Erick consegue me aparar nos braços e impedir a queda. Aos tropeços, eu me recosto no tronco da árvore, recuperando o fôlego.

— Ei! Tá machucada? O que houve?

Arrasto os cabelos úmidos para trás e faço que não com a cabeça, trêmula de frio. Erick percebe que estou ensopada e prontamente retira o moletom cinza que veste.

— Coloca isso, rápido. — Ele cobre meus ombros com a peça de roupa.

Visto o moletom. Não tenho tempo de agradecer a gentileza antes que Butler me pegue pelo braço e me guie aos arbustos que cercam as cabanas.

— Se abaixe, Kay! Tem alguém vindo — ele me alerta em voz baixa.

Nós dois nos abaixamos entre os arbustos, camuflados nas folhagens. Erick desliga a lanterna e nos mantemos bem escondidos, em silêncio.

Um clarão ilumina a fachada da cabana de onde fugi. Logo em seguida, Finch surge por entre as árvores. Seu cabelo está molhado, e a calça suja de lama. Ele respira pela boca ofegantemente e olha de um lado para o outro, à procura do irmão.

— Andrew! Você me queria aqui. Apareça, porra! — esbraveja.

A porta da cabana menor se escancara, e Andrew se revela. Empunhando o mesmo facão que usou para me ameaçar, ele se dirige à varanda da construção. A camisa branca está manchada de sangue e uma cascata escarlate desce pelo seu braço direito, consequência do corte que eu abri em sua pele.

Finch e Andrew se encaram em silêncio. Os olhares repletos de fúria e sede de vingança dizem mais do que qualquer palavra proferida em voz alta, se espreitando como predadores ferozes. Um encontro explosivo.

Sei que Finch está descontrolado pela forma que seus ombros oscilam rápido demais, seguindo a respiração raivosa. É como se todo o ódio que o consome irradiasse através dos seus poros.

Nenhum deles consegue ver a mim ou Erick camuflados nos arbustos.

— Você veio mesmo — o irmão mais velho começa, um pouco surpreso. Ele gesticula com o facão, teatral. Está se divertindo ao colocar Finch nessa posição. — A sua garota é uma coisinha linda. Curti passar um tempo com ela.

— O que fez com ela? Cadê a Kaylee? — Finch rosna, transtornado.

Imediatamente, Erick se levanta entre os arbustos e chama atenção de Finch.

— Finch! Encontrei a Kaylee, tá segura comigo! — ele afirma.

Eu também me levanto, revelando meu paradeiro. Quando meu olhar colide com o de Finch, meu coração dá um sobressalto. Nosso contato visual é capaz de despertar uma carga intensa de emoções no meu peito. O tempo parece congelar, por nós. Quero correr para ele e me enterrar no calor dos seus braços, desesperadamente.

Finch bate as pálpebras, assombrado, e sopra o fôlego como se não pudesse acreditar que sou real. As íris obsidianas transbordam urgência e alívio. É dolorosa a súplica que se desenha em seu rosto, demonstrando o quão angustiado estava.

Andrew, em contrapartida, me metralha com seus olhos cruéis. Parece pronto para me destruir. O ódio em suas feições se intensifica quando ele volta a encarar o irmão.

— Pedi que viesse sozinho, Finch! — ele ralha. — Você continua sendo um merdinha sem palavra!

Finch gira os ombros para se alongar e estala o pescoço, preparado para um combate. Me ver segura e ao lado de Erick lhe deu uma injeção de ânimo e coragem. Confiante, ele investe passos na direção da cabana e fica a poucos metros da varanda.

— Você tem seus truques, Andrew. Eu tenho os meus. — Finch olha à sua direita e assovia alto. Ao som do sinal, outro ponto de luz brota entre as árvores. É Reid. Ele também veio. Sullivan volta a fitar o irmão, destemido. — É claro que não estou sozinho, seu idiota!

— Isso deveria ser só entre nós, Finch! Um acerto de contas para resolvermos essa merda como homens! — Andrew se adianta na beirada da varanda e aponta para Finch com o facão. — Qual o problema? Não consegue me peitar sozinho?

— Vai se foder! Não vou entrar no seu jogo. Chega! Isso acaba aqui, hoje!

Um clarão alaranjado atrai minha atenção. Foco o olhar na cabana maior, aquela na qual estive presa. Um calafrio me atravessa no momento que avisto as chamas se erguerem por dentro da construção. Apavorada, constato que o cheiro de fumaça que senti minutos atrás vem de lá.

Foi o lampião que Andrew derrubou na cozinha. O fogo não se apagou. Pelo contrário. As labaredas já se espalharam pelo interior da cabana. Além dos vidros das janelas, as chamas lambem a alvenaria ferozmente e consomem a estrutura de madeira.

Nash continua lá dentro! A percepção me estarrece.

Céus!

Sem medir as consequências, tento correr na direção da cabana, mas Erick me puxa de volta.

— Ei! Para onde vai?

— A cabana — balbucio, apressada, e aponto para a construção. — Está pegando fogo. Nash está lá!

Erick observa a estrutura de madeira e vê que estou certa. Seu queixo despenca e os olhos quase saltam, impressionados com a intensidade do incêndio.

— Caralho... tem muito fogo lá dentro! Puta que pariu!

Olho para a cabana ao lado, na direção de Andrew, quando ele berra para o irmão:

— Vai acabar com isso hoje? Eu duvido, Finch! Pode me ameaçar, mas não tem coragem pra ir em frente.

Finch trinca a mandíbula, e as veias do seu pescoço e têmpora incham. Ele avança outro passo rumo à cabana, sem medo do facão que o irmão empunha.

— De todas as merdas que poderia fazer pra me atingir, cometeu o maior erro da sua vida quando decidiu mexer com a minha mulher! Eu poderia relevar qualquer coisa, mas isso eu não vou esquecer. Acha que não tenho coragem? Então faça o teste, porque eu juro que vou te arrebentar da cabeça aos pés e te fazer sangrar nas minhas mãos. Eu não vou chamar a polícia. Eu vou te amarrar nessa cabana e te deixar aí por dias, sem comida, sem porra nenhuma. Vai virar meu saco de pancadas até que esteja fraco o bastante para não aguentar mais. Sou capaz de esquecer que um dia fomos irmãos!

Andrew sorri, zombeteiro.

— Olha só pra você. O antigo Finch ainda está aí, não é? Pensou que poderia recomeçar, mas é o mesmo. Ainda curte um massacre.

— Eu nunca gostei. Fazia porque precisava. Mas dessa vez vou adorar te fazer engolir o próprio sangue!

— Finch! — eu grito por ele, ganhando sua atenção. — A cabana está pegando fogo! Nash está lá dentro, ferido. Temos que tirá-lo de lá agora! Não temos muito tempo. Vamos, me ajuda!

Sullivan observa a construção maior e somente agora se dá conta do incêndio que se alastra lá dentro. Seus orbes oscilam entre mim, a cabana em chamas e seu irmão, preso em um dilema.

Ele engole em seco, e seu semblante reflete lamento.

— Kay... Não posso deixar Andrew fugir agora.

Nego com a cabeça, sem acreditar no que ouvi.

— Finch, não! Nash vai morrer lá dentro se não fizermos nada! — Aponto para a cabana, exasperada. — Tem que nos ajudar a tirá-lo de lá! Precisamos resgatá-lo e chamar ajuda. Uma ambulância. Tem que ser agora!

Finch passa a mão pela testa e resmunga o palavrão, nervoso. Alterna o olhar entre mim e Andrew, sem saber o que fazer. Meus olhos clamam por ele, cheios de lágrimas, suplicando por sua ajuda. Contudo, ele não consegue tomar uma decisão, obstinado demais pela sede de vingança.

Andrew dispara uma gargalhada sádica. O miserável nos assiste da cabana vizinha, entretido com o caos que criou.

Ele berra:

— Finch, já que você não honrou sua palavra e decidiu trazer ajuda, não preciso honrar a minha. Até a nossa próxima reunião de família!

Andrew salta o corrimão da varanda e escapa da cabana agilmente. Ele acelera de encontro à mata e some entre as árvores para fugir.

Sem nem hesitar, Finch grita seu nome em um acesso de fúria e corre atrás dele, nos deixando para trás. *Me deixando*.

— Finch! Por favor! Volte! — Meus berros arranham as cordas vocais. — Finch!

Sullivan, no entanto, não retorna aos meus chamados. Ele apenas se embrenha na mata em busca do irmão, sem olhar para trás. Simplesmente desaparece.

Sem outra opção, eu e os garotos corremos até a cabana em chamas para resgatar Nash.

Erick arromba a porta, e nos deparamos com um paredão de fogo à nossa frente, bloqueando a passagem. O calor é pujante. A quantidade excessiva de fumaça me faz tossir e lacrimejar. É como uma névoa densa.

— Temos que achar outra entrada! — Reid nos diz, tossindo e abanando as mãos para afastar a fumaça.

Erick verifica as janelas da fachada em busca de uma passagem alternativa. Para o meu desespero, todas parecem cercadas por chamas. Ele olha ao redor e apanha um machado jogado na varanda, junto a uma pilha de ferramentas.

— Vamos dar a volta, talvez dê pra abrir um buraco na parede do outro lado — sugere, apontando para os fundos.

Saímos da varanda em disparada e contornamos a construção. Não consigo parar de tossir enquanto Erick usa o machado para abrir um buraco nos fundos da cabana. Conforme ele arrebenta as tábuas velhas, Reid as puxa para fora e cria uma brecha na parede. Consigo enxergar um pedaço da sala onde fiquei presa. A área ainda não foi totalmente tomada pelo fogo. Isso me dá esperanças.

Torço para que Nash esteja bem.

O ar quente e enfumaçado invade minhas vias respiratórias. Tusso, sufocada pela fumaça, e meus braços tremem incontrolavelmente. Minha pele grudenta e úmida transpira, e, mesmo assim, me sinto gelada. Parece que vou desmaiar.

Erick atinge um pedaço primordial da parede e parte dela desaba aos nossos pés, abrindo uma fenda ampla o bastante para passarmos. E então eu o vejo. Nash jogado no chão em meio à fumaça. O fogo consome metade da sala, e as labaredas do sofá chamuscam sua calça e sapatos.

Os garotos invadem a cabana arruinada e puxam Nash do chão. Juntos, eles o trazem para fora e o deitam na terra, de barriga para cima. Eu me ajoelho em frente ao Nash e seguro seu rosto. Minha visão fica turva pelas lágrimas, e a respiração engasgada rasga meus pulmões.

Inspeciono cada pedaço dele. Parece ileso de queimaduras.

Minhas mãos trêmulas limpam o rosto de Nash, removendo a fuligem grudada na pele. O sangue do ferimento em sua testa mancha meus dedos. Deito meu rosto em seu peito e não consigo sentir sua respiração.

— Ele não tá respirando! — aviso aos garotos, me debulhando em lágrimas.

— Merda! Deve ter inalado muita fumaça — Reid presume, assustado.

Ele se agacha ao meu lado para verificar os sinais vitais de Nash. Abro espaço para que Reid inicie uma massagem cardíaca. O pavor me deixa petrificada.

Será que estou sendo punida pelo que Finch e eu fizemos ao delegado? O universo viu o que aconteceu naquela noite e decidiu se vingar com outro incêndio, mas, dessa vez, ferindo quem eu amo.

— Temos que levá-lo a um hospital agora! — consigo dizer.

— Puta merda... — Erick pragueja e arrasta as mãos pelos cabelos. Ele me fita com alarde. — Viemos no carro do Finch. A chave tá com ele, Kay.

*Não... não... por favor... não...*

Meu corpo perde as forças, e minha cabeça começa a girar. Olho ao redor e procuro por Sullivan. Tento me levantar, e minhas pernas fraquejam. Erick é ágil e me segura a tempo de me equilibrar. Eu me agarro em seu corpo e arquejo fundo, engolindo fumaça.

— Finch! Volte, por favor! Preciso de você! — O berro desesperado arranha minha garganta. Tusso engasgada e seco as lágrimas do rosto. — Finch, estou implorando!

Reid alterna entre a massagem cardíaca e a respiração boca a boca, tentando trazer Nash de volta. Não tenho certeza se ele sabe o que está fazendo, mas prefiro confiar que sim.

É a única saída.

Olho para trás, na direção do incêndio. Sem pensar muito, eu me esquivo dos braços de Erick e corro para dentro da cabana em chamas. Recupero minha bolsa jogada no chão, sentindo-a queimar meus dedos. O mormaço é aflitivo, cozinha minha cabeça e amolece os músculos. Escapo da construção e caio de joelhos na terra, esbaforida.

— Você ficou maluca? Meu Deus, Kaylee! — Erick se apavora e corre até mim. — Saia de perto do fogo!

Ele me embala nos braços e me carrega para longe da cabana. Sou colocada no chão e me apresso em vasculhar a bolsa. O lado externo está coberto de cinzas, totalmente chamuscado, mas o celular dentro dela se mostra intacto. Agarro o aparelho com os dedos trêmulos e digito o número da emergência.

Enquanto espero atendimento, rastejo para perto de Nash, aos prantos. Reid persiste com os primeiros socorros.

Nash...

Não vou perdê-lo!

Inspiro e expiro freneticamente. As palpitações no meu peito ganham a intensidade de uma britadeira, e minha visão escurece de repente. Não importa o quanto eu respire, a falta de ar me asfixia. O celular escapa da minha mão e não consigo recuperá-lo.

Estou em crise.

Sinto os braços de Butler envolverem meu corpo e sua mão segurar a minha. Ele parece desesperado, sem saber o que fazer, porém, ainda assim, se esforça para me ajudar.

— Kaylee, respire! Ele vai ficar bem, respire fundo — Sua voz soa distante demais.

Tudo que faço é mover a cabeça em negação, catatônica.

— Por favor, Nash! — grito em meio aos soluços de choro.

Fique comigo.

Fique!

# 18

## Kaylee Clark

Estou há quase uma hora na sala de espera de um hospital fora dos limites de Faigan, a unidade mais próxima da Serra Marion, para onde Nash foi trazido.

Eu chorava e tremia copiosamente, sendo amparada por Erick, quando, de súbito, uma tosse áspera e engasgada emergiu pelos lábios de Nash. Quase não acreditei quando ele arquejou em busca de oxigênio e despertou. Seus olhos se abriram, e meu choro se agravou, porém, dessa vez, com lágrimas de alívio. Isso só foi possível graças ao Reid, que não mediu esforços para trazê-lo de volta através da reanimação cardiorrespiratória.

Pouco depois, enquanto Nash resfolegava em busca de fôlego e lutava para permanecer desperto, a polícia nos encontrou na mata. É irônico pensar que eles sequer teriam aparecido se não fosse pelo próprio Nash, que se manteve em contato com as autoridades durante o percurso até a serra.

Fomos trazidos às pressas ao hospital mais próximo. Nash mal conseguia respirar por conta própria, praticamente sufocado pela quantidade de fuligem e fumaça inaladas. Ele foi prontamente encaminhado à UTI para receber oxigênio e passar por uma bateria de exames. Ele não sofreu queimaduras externas, em contrapartida, a fumaça inalada parece ter comprometido o sistema respiratório.

Por enquanto, ele está sedado e, segundo o médico com o qual conversei minutos atrás, ele deve permanecer assim por um bom tempo. Por sorte, a contusão em sua cabeça não provocou nenhuma lesão grave. Em breve, Nash fará por mais exames em busca de edemas nas vias aéreas. Caso seja necessário, poderá ser entubado, e isso refletirá em um quadro mais delicado. Agora, o que me resta é continuar sentada na sala de espera, enquanto aguardo por atualizações dos médicos.

Como se já não bastasse a sobrecarga emocional de quase ter pedido Nash, precisei responder inúmeras perguntas aos oficiais que nos resgataram, visto que eles haviam recebido um chamado para uma tentativa de sequestro naquela localidade.

Eu menti, é claro! Disse a eles que não reconheci o homem que me raptou e que ele fugiu da cabana logo depois da briga com Nash. Contudo, eu me comprometi a comparecer ao departamento de polícia o mais breve possível para registrar um boletim de ocorrência formal. Não dará em nada, obviamente, mas terei que seguir o protocolo para sustentar minha versão.

Imaginei que Erick e Reid iriam embora após me deixarem em segurança no hospital. Entretanto, eles não me abandonaram por um segundo sequer. Quando chorei de apreensão, logo que Nash foi colocado em uma maca e levado pelos enfermeiros, eles estiveram comigo, mais solícitos do que jamais imaginei.

Enquanto eu ocupo uma cadeira na sala de espera, Erick e Reid continuam aqui, ambos de pé e escorados na parede ao lado. Butler mantém os braços cruzados e a cabeça baixa. Masih está com as mãos nos bolsos da calça e bate o solado do sapato no piso impacientemente.

Finch, em contrapartida, desapareceu.

Nem imagino o que pode ter ocorrido depois que ele adentrou a mata em busca do irmão. Mas minha cabeça anda tão sobrecarregada que, por ora, não tenho energia para pensar no que pode ter acontecido entre ele e Andrew. Os cenários que minha imaginação projeta são desesperadores, e venho tentando não me agarrar a eles.

É coisa demais para assimilar.

Estou esgotada.

Troco de posição na cadeira e abraço o corpo para me proteger do frio, em virtude do sistema de climatização potente do hospital. Continuo

vestindo o moletom que Erick me emprestou na serra, mas, ainda assim, sinto meus poros congelando. Provavelmente, fruto do nervosismo.

O barulho de saltos altos batendo no piso capta minha atenção. Avisto Veronica despontar pelo corredor a passos largos e vir em minha direção.

Minha amiga foi a primeira e única pessoa para quem eu telefonei após chegar no hospital. Os Clark ainda não sabem o que aconteceu, e eu não tenho ideia do que vou dizer a eles, mas não vou contar a verdade.

Seria problemático demais.

Veronica veste um suéter bege e folgado, que certamente é a peça do seu guarda-roupa que ela mais detesta. O que me leva a crer que Ve agarrou as primeiras roupas que encontrou pela frente e veio correndo para cá sem se importar com nada. O cabelo preso em um rabo de cavalo malfeito, a alça da bolsa escorregando pelo ombro e o rosto pálido de perplexidade.

Eu me levanto para recebê-la e sou envolvida pelo seu abraço exasperado.

— Como ele está, Kay?

— Está recebendo oxigênio e vai passar por mais exames — esclareço, o timbre vacilante. Ao nos separarmos, ela segura meu rosto com ternura e seca minhas lágrimas. — Se o estado dele for grave, os médicos vão entubá-lo.

— Ei, se acalme! Respire, Kay. — Ela continua amparando meu rosto, tentando me tranquilizar. — Ele vai ficar bem, vamos pensar positivo.

Eu assinto feito um robô. Minha garganta aperta tanto que acho que, a qualquer momento, não serei mais capaz de respirar.

Reid e Erick se aproximam de nós, atentos à conversa. Seus olhares pesarosos esbarram com o meu.

— Quer que a gente vá buscar alguma coisa? Uma água... — o loiro sugere, tentando ajudar.

— Não quero nada, obrigada — dispenso a oferta. Respiro bem fundo e esfrego o rosto, me recompondo. Um tanto desnorteada, observo os três parados à minha frente. — Ve, esses são Erick e Reid, amigos do Finch. Você já conheceu o Erick um tempo atrás, deve se lembrar.

— Oh, sim, eu lembro. — Minha amiga fita os rapazes e lhes oferece um sorriso breve e educado. — É bom revê-los e... conhecê-los. E obrigada por ajudarem Kaylee e Nash. Kay me contou o que fizeram por ela.

— Não foi nada. — Reid é modesto. Ele dá um toque no braço de Erick e continua: — Bom, a gente vai dar um espaço pra vocês.

Meneio a cabeça para eles, agradecida. Os garotos se encaminham ao outro lado da sala, conversando entre si. O olhar de Veronica paira à nossa volta em busca de algo.

— E cadê o Finch? — ela indaga, perdida.

A pergunta me atinge tal qual uma punhalada. É tremendamente frustrante não ter notícias dele. Só queria que ele estivesse comigo para me dar apoio e segurar minha mão.

Mas Finch desapareceu.

— Ele vai aparecer em breve — minto, exausta demais para elaborar mais que isso.

Minha cabeça dói, os arranhões nos meus braços ardem e a pressão no meu peito me sufoca.

Ao perceber meu nervosismo, Ve entrelaça sua mão à minha e me guia rumo às cadeiras, para que possamos nos sentar. De soslaio, vejo Erick sacar o celular do bolso e mostrar algo ao Reid. Os dois conversam em voz baixa e se esforçam para manter a discrição.

De repente, Reid olha para mim e cochicha algo. Erick anui com a cabeça e aponta para o celular, preocupado. Ao perceber que está sendo vigiado, Masih disfarça. Desvia o olhar como quem não quer nada e retoma o assunto com Butler.

Intrigada, peço que Ve me aguarde por uns minutos. Cruzo a sala de espera, e, logo que eu me aproximo da dupla, os garotos pausam a conversa.

— O que está acontecendo? — Sou direta. — Finch deu notícias?

A maneira suspeita como eles se entreolham me faz ter certeza de que sabem de algo que eu ainda desconheço. Alterno o olhar de um para o outro, aguardando resposta.

— Finch está lá embaixo — Erick confessa, ressabiado. — Disse que chegou há quase uma hora, mas... — Desiste de terminar a frase. Uno as sobrancelhas e aceno com a cabeça, incentivando-o a ir em frente. O loiro suspira com pesar e cede: — Ele não vai subir, Kay.

Semicerro os olhos, confusa.

— O quê? Como assim? Ele está bem?

Erick torce os lábios e dá de ombros, igualmente perdido.

— Pelo visto, sim. Ele mandou mensagem avisando que chegou e que estava inteiro, mas não contou o que rolou com o irmão. Comentei que estamos na sala de espera, só que ele não quer subir. Acho que tá pilhado. Você o conhece, sabe como ele é.

*Não é possível! Ele... preferiu não subir?*

Anuo com a cabeça, reflexiva. Sinto a boca amargar e engulo a saliva com dificuldade.

Não quero soar egoísta. Sei que Finch e seu irmão sustentam uma rixa perigosa e compreendo que isso mexeu com a cabeça dele. Contudo, saber que ele preferiu ficar lá embaixo enquanto eu estive aqui, me debulhando em lágrimas pela última hora, me deixa profundamente decepcionada. Eu só queria tê-lo ao meu lado em um momento tão delicado.

Apesar de consternada, tento não transparecer o desapontamento.

— Obrigada por me contar, Erick. — Fico grata pela honestidade.

Respiro fundo e empurro os cabelos úmidos para trás dos ombros.

— Nunca vou conseguir agradecer o suficiente pelo que vocês fizeram pelo Nash hoje. E por mim. Eu estava em crise e... acho que nem saberia o que fazer se não estivessem comigo naquela hora. — Foco em Reid, emotiva. — Obrigada por trazer o Nash de volta. Nunca vou esquecer. — Olho para Butler e prossigo: — Erick, obrigada por me ajudar quando surtei, se não fosse por você, eu provavelmente teria me queimado na cabana e... obrigada pelo moletom que me emprestou, estava morrendo de frio mesmo. — Dou um riso fraco para amenizar o peso da situação caótica. — Contem comigo para o que precisarem.

— E pode contar com a gente, Kay — Erick devolve. — Não que seja grande coisa, mas acho que você já faz parte do time, e até que vamos bastante com a sua cara, então...

Reid acha graça.

— Pode crer! — ele concorda e me aponta. — Se precisar de ajuda para sequestrar alguém qualquer hora, sabe onde procurar.

Erick adiciona:

— Ou se tiver a fim de jogar pôquer a dinheiro ou precisar de uns baseados, como daquela vez que me enganou, já sabe.

Ele se refere à noite no hotel, quando fingi querer baseados para roubar a chave do quarto. Sorrio e assinto, me sentindo mais leve. Abro o zíper do moletom para retirá-lo.

— Vou te devolver isso — digo ao Erick.

— Não esquenta, Kay, depois você me entrega. Ah! Mas... não olha dentro dos bolsos.

O comentário aguça minha curiosidade. Enfio as mãos nos bolsos do moletom e apanho um bocado de coisas. Tenho uma surpresa ao me deparar com minhas palmas recheadas por um isqueiro, três pinos de cocaína e camisinhas.

Encaro Erick com os olhos arregalados e sobrancelhas saltadas. Ele emite um riso nervoso e coça a cabeça, desconcertado na mesma medida que bem-humorado.

— É... Ainda bem que a polícia não quis te revistar, né? Ia dar uma bosta do caralho — Erick solta, descontraído. Depois recolhe as drogas, as camisinhas e o isqueiro das minhas mãos. — Você não precisa dessas merdas, vou ficar com isso.

— Caramba! É... eu não quero ir para casa com isso. — Ergo as mãos e me sinto culpada por rir. — Acho que vou descer e procurar o Finch lá embaixo, mas antes...

Chego mais perto deles, e Erick é pego de surpresa pelo meu abraço. A princípio, ele não se move, desajeitado, mas retribui à aproximação e me abraça na mesma intensidade. Em seguida, parto para Reid e também o abraço, verdadeiramente grata pelo que fizeram esta noite.

Mesmo quando Finch não estava lá, eles se fizerem presentes. Jamais vou me esquecer disso.

— Agora já vou — eu me despeço e sorrio.

Eu aceno para os dois e me viro na direção do corredor, decidida a pegar o elevador até o térreo.

Afinal, preciso entender o que diabos aconteceu com Finch. Embora seu sumiço tenha me preocupado, o que me move é a mais genuína frustração. Se Sullivan não vai subir, eu mesma vou descer e buscar explicações.



Sou encoberta pelo sereno ao deixar o hospital pela recepção. Com a cabeça pilhada e os pensamentos a mil, ignoro o cansaço e as dores nas

pernas, que reclamam a cada passo investido na direção do estacionamento. Meu corpo se encontra esgotado. Ainda assim, não terei paz até encontrar Sullivan.

Em meio ao espaço aberto e repleto de automóveis estacionados, avisto a silhueta de Finch. De pé e completamente imóvel, ele encara o vazio à sua frente. Uma penumbra obscura e quieta observando a noite.

Meu coração se agita, envolto pelo receio, à medida que me aproximo dele. Finch está de costas e demora a perceber minha aproximação. Ao som dos meus passos, o moreno olha para trás e me fita sobre o ombro. Os fios úmidos e desgrenhados do seu cabelo encobrem a testa. Reparo em sua face livre de hematomas, indicando que não se feriu na mata.

Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça e toda a musculatura rija, ele se vira para mim, estranhamente calado. As íris soturnas tremeluzem com nosso contato visual. Um ciclo de silêncio se instala entre nós, e sua postura enigmática me preocupa. Sei ler seu semblante e, sem dúvidas, há algo errado com Finch.

Eu poderia iniciar a conversa de muitas formas. No entanto, começo dizendo:

— Nash está no oxigênio e vai passar por mais exames. Mas, até agora, parece fora de perigo.

Finch balança a cabeça em concordância.

— É... eu sei. Butler mandou mensagem avisando.

Franzo o cenho em dúvida.

— E por que você não subiu?

Ele retira as mãos dos bolsos e esfrega as palmas para aquecê-las. Seus ombros se movem com incerteza, e ele esvazia os pulmões.

— Precisava pensar, Kaylee.

— E eu precisava de você comigo — despejo em voz baixa, ressentida.

Os ombros do moreno pesam, cheios de culpa, e seu olhar foge do meu. Abraço meu corpo com mais força e, quando dou por mim, me vejo na defensiva. Estar à mercê do seu temperamento arredio é como caminhar em uma corda bamba. Nunca sei a maneira correta de reagir, tampouco até onde é seguro continuar sem sofrer uma queda.

Embora este seja um espaço a céu aberto, uma sensação claustrofóbica me atinge, como se estivéssemos cercados por um domo invisível. A tensão é quase palpável, e a indolência desenhada em seu semblante somente piora a situação.

— Finch... — Faço uma pausa, hesitante. O par de íris lúgubres torna a me focar. Seus orbes são uma tempestade em contato com os meus. Sinto o coração refrear as batidas por puro medo. — Por que você não voltou? Eu... os garotos... nós precisávamos de você.

Os traços resolutos de Finch não vacilam nem uma vez. É como encarar uma máquina.

— Erick e Reid estavam lá para ajudar.

— Não é a mesma coisa, você sabe. Naquele momento, Nash precisava da minha ajuda. Ele era a minha prioridade.

— E a minha prioridade é você. — Finch chega mais perto, olhar firme penetrando o meu. Ele não esboça arrependimento. — Fui atrás do Andrew porque não podia deixá-lo fugir e permitir que ele tivesse uma segunda chance de ir atrás de você.

Meus lábios formam uma linha tênue quando um emaranhado de emoções distintas me atravessa. Quero recriminá-lo por ter nos abandonado. Por outro lado, um turbilhão de sentimentos bagunça minhas convicções.

A única coisa que consigo elaborar é:

— E encontrou seu irmão?

Ele abaixa a cabeça, se esquivando do meu olhar. A frustração desenha suas feições. Relutante, ele expira pela boca e faz que não.

— Andrew sumiu.

Seu distanciamento ergue um muro entre nós. Fico em um impasse, oscilando entre penetrar seus escudos ou respeitar seu espaço, pois nada do que digo parece impactá-lo de alguma forma.

Eu me vejo tão confusa com sua postura fria que perco o eixo. Engulo o gosto amargo da decepção e traço um único objetivo: trazê-lo de volta e quebrar suas defesas, porque não suporto receber tamanha frieza.

Ajo pela emoção e avanço na direção dele, ansiosa para me aninhar em seu corpo, ser acolhida pelo seu zelo e sentir que tudo ficará bem. Contudo, antes que meus braços o cerquem, Finch segura meus ombros e me detém no lugar, impedindo a aproximação.

Se restava alguma dúvida, agora é evidente que ele está me evitando e nem faz questão de disfarçar.

— Finch...

Estudo seus traços em busca de respostas. Ele não esboça reação, os olhos fugindo dos meus.

Finch não profere nem uma palavra. É absurdo como seu mero silêncio tem o poder de criar uma catástrofe em meu coração, descompassando cada batida e trazendo à tona um redemoinho de emoções.

— O que está havendo, Finch? — Meu peito se comprime, aterrado pelo medo da resposta.

Ele engole a saliva e crispa os lábios, hesitando em me dizer a verdade. De novo, os orbes escuros se desviam dos meus, indecifráveis. Talvez Finch não tenha a dimensão do impacto que seus sinais refletem em mim e de como todo o meu ser corresponde aos seus gestos mais sutis. Se ele soubesse o quanto seu silêncio é capaz de me desestabilizar, não continuaria me torturando dessa forma.

— Não me trate assim, por favor — peço, vulnerável em um nível que me faz querer chorar. Chego mais perto dele. Só preciso que ele olhe nos meus olhos. — Não quero brigar, Finch, eu... estou assustada... só preciso de você comigo. Alguém que eu amo poderia ter morrido hoje, e ainda estou digerindo tudo.

Os olhos impetuosos focam os meus com seriedade.

— Acha que eu não sei disso? — A entonação enérgica sobe oitavas. Eu me espanto com o rompante. — Tudo isso foi graças ao *meu irmão*! Acredite, não é algo que eu vá esquecer tão cedo.

A hostilidade me despedaça.

É uma batalha lidar com o temperamento de Finch quando seus ânimos estão exaltados. Cogito dar meia-volta e desaparecer daqui antes que um de nós diga algo do qual vá se arrepender. Mas não sou do tipo que consegue dar as costas e fingir que nada está acontecendo.

— Finch, eu sei que ver seu irmão mexeu com você, mas não precisa agir assim comigo. Eu só tô tentando entender. Vamos conversar com calma.

Seus olhos assumem uma firmeza dilacerante, e eu me esforço para não transparecer meu abalo. Sullivan reúne fôlego, como se criasse

coragem para ir adiante. Então finalmente as palavras emergem em um decreto:

— Acabou, Kaylee. Não dá mais.

Meu corpo congela enquanto a frase ecoa em minha mente. Tenho plena certeza do que escutei e, ainda assim, as palavras parecem desconexas. O choque me faz perscrutá-lo da cabeça aos pés, atônita. Fico esperando que ele corrija o que acabou de dizer.

— O quê? — balbucio, quase gaguejando. — Finch... Como assim?

Ele umedece os lábios e toma um tempo para pensar.

— Kaylee, me ouça. Nós dois sabíamos que era só uma questão de tempo. Depois de hoje, não tenho mais dúvidas do que preciso fazer. Não consigo ignorar a gravidade do que aconteceu quando sei que eu sou o problema dessa equação. Cada merda que rolou na sua vida, desde que nos conhecemos, foi por minha causa. Então... está decidido. Não estamos mais juntos, e eu vou sair de Faigan o mais rápido possível. Quero que me esqueça e fique longe de mim a partir de agora.

Um bolo cresce na minha garganta. Movo a cabeça em negação.

— O quê? Não, isso não é uma decisão apenas sua. Eu sempre soube dos riscos e escolhi estar aqui. E o que *eu* quero? Isso não importa?

— A única coisa que me importa é colocar um ponto-final nisso enquanto ainda posso. Não vou permitir que continue destruindo sua vida e não vou suportar se algo acontecer com você.

— E eu não vou suportar se você me deixar, Finch. — Minha voz vacila. Lágrimas gordas despontam em meus olhos. — Como espera que eu te esqueça quando tudo o que fiz nos últimos meses foi viver *você*?

Finch abaixa a cabeça. Seus traços endurecidos não demonstram o menor indício de dúvida ou sentimentalismo. Pelo contrário. Suas palavras são tão categóricas que soam gélidas.

— Você tem uma família, amigos por perto, muitos planos e um futuro promissor pra cacete. Você vai se dar bem, tenho certeza. É só... seguir em frente e tocar sua vida — discorre com naturalidade, o timbre insípido e o olhar vazio.

Não consigo distinguir o que mais me massacra. Se é o peso das palavras ou a facilidade com a qual ele as profere. Do jeito que fala, faz parecer que está se referindo a algo banal que não merece uma vírgula da sua sensibilidade.

Fecho e abro as pálpebras em uma sequência perplexa.

— E é tão fácil pra você decidir me largar? Porque, a julgar pela sua frieza, parece que sou uma estranha e que nada do que vivemos foi realmente significativo. — Encerro nossa distância, com o coração transbordando, e seguro o rosto dele em minhas mãos. — Sei que está assustado, mas, por favor, não faz isso com a gente. Eu estou lutando com você, então lute comigo. Vamos fazer isso juntos.

Finch captura minhas mãos e as afasta de si.

— Kaylee... para. Só está dificultando as coisas. Mas, no fundo, sabe que tenho razão.

— Razão? — Eu me afasto, em recusa. A indignação ganha força em meu peito, e não consigo me conter. — Passei as últimas horas chorando e você me deu as costas! Seus amigos ficaram do meu lado quando eu nem conseguia respirar de tanto chorar, e você não! Não teve a coragem de entrar na porra do hospital e olhar nos meus olhos, perguntar como eu estava. Na serra, ficou tão cego de raiva que me deixou para trás sem pensar duas vezes. Aquilo me machucou tanto. Está me expulsando da sua vida quando tudo o que eu precisava era de você do meu lado. Tá agindo como um covarde egoísta! Como pode ter razão?

Ele nega com a cabeça, insultado.

— Sou covarde para você? Eu me arrisquei para te salvar hoje, mas sou um covarde egoísta? — Finch brada, explosivo. Um riso ácido deixa seus lábios. As íris implacáveis me fulminam. — Me chame do que quiser, não dou a mínima. Mas sou o único aqui que está pensando! A vida não é um conto de fadas, Kaylee. Ela não vai te dar a porra de um final feliz só porque você quer. Não é assim que funciona. Eu nunca fiz parte do seu mundinho e sempre soube disso. Então cresça, encare a porra da verdade e pare de me colocar como o vilão só porque decidi tomar uma atitude!

Abro a boca para retrucar. Porém, nenhuma palavra ganha forma. A raiva me entorpece, só não é mais forte que a mágoa que se alastra pela minha corrente sanguínea.

Sou incapaz de segurar as lágrimas. Comprimo os lábios para suprimir um soluço de choro e dou um passo para trás, vacilante. A tristeza se aloja em meu peito feito uma avalanche, destruindo cada alicerce do meu coração até não sobrar nada. Levando embora os fragmentos de cada sentimento bom que algum dia existiu ali.

Um soluço estrangulado pelo choro vibra em minha garganta. Dou meu máximo para me recompor. Porém, é inevitável. A dor crescente arranca o fôlego dos meus pulmões e me deixa em frangalhos.

Finch passa a mão pelo rosto, sobrecarregado, e me dá as costas para não ter que me encarar. Ele bagunça o cabelo e libera uma lufada de ar carregada de impaciência. Parece ansioso para colocar um fim rápido e indolor nisso e não precisar mais me ver.

Esfrego o dorso das mãos pelas bochechas para secar as lágrimas, inutilmente, visto que mais delas inundam minha face. Talvez Finch deseje me castigar, porque a maneira como ele me nega seu olhar é um tormento.

Eu já conhecia essa face inflexível de Finch. Uma muralha impenetrável, pronta para repelir qualquer um que se aproxime. Eu me permiti ser tão enfeitiçada pelos nossos bons momentos, que me esqueci do quanto sua personalidade consegue ser destrutiva e cruel. Que sua imprevisibilidade pode ser letal.

Perco as forças, a ponto de querer me encolher e cair aos prantos até expulsar de mim toda a angústia em forma de lágrimas.

Devagar, Finch se afasta, me deixando para trás. O impulso de correr em sua direção bombardeia meu âmago. No entanto, continuo plantada no lugar ao passo que ele dispara pelo estacionamento. Estagnada como uma maldita estátua. Finch não olha para trás nem uma vez sequer, irredutível na decisão.

Faço uma prece silenciosa, pedindo aos céus para que Finch retorne, envolva meu rosto em suas mãos e me prometa que nada do que disse foi real. Entretanto, à medida que seus passos velozes o guiam rumo ao Mustang, meu desespero cresce e toma a forma de um monstro.

Finch não vai voltar. A percepção é um tapa na minha cara.

Sou quebrada em miseráveis cacos. Cada pedacinho meu desastrosamente estilhaçado, enquanto assisto Finch adentrar no carro e ligar o motor.

Cubro a boca com a mão e luto para engolir o choro. Quero arrancar com minhas próprias mãos o sentimento devastador entranhado no peito e lançá-lo para longe de mim, até me desintoxicar dessa maldita sensação. Mas como farei isso se as raízes desse sentimento se fundiram com tanta intensidade no meu ser que se tornaram parte de mim? Posso senti-las pulsando junto aos meus batimentos cardíacos.

Uma vez, pedi que Finch me concedesse a sua dose mais forte. Ele o fez. Agora, no entanto, após ter ingerido cada gota do maldito veneno que ele é, não sei como vou sobreviver sem poder me entorpecer com mais doses viciantes dele.

# 19

## Kaylee Clark

Acomodo-me melhor na poltrona dura e ajusto o notebook sobre o colo enquanto viajo por sites de compras na categoria de eletrônicos.

Enrolo uma mecha de cabelo na ponta do dedo e mordo o cantinho da boca, distraída com uma oferta relâmpago que acabo de encontrar.

— Isso aqui deveria ter mais sal — Nash comenta de boca cheia.

Olho à minha esquerda, na direção dele, e dou uma risadinha. Meu primo está sentado no leito hospitalar, amparado por travesseiros fofos enquanto termina o almoço que foi servido minutos atrás.

Após um dia inteiro recebendo oxigênio e outro em observação, Nash tem tido uma recuperação promissora. A julgar pelo modo como já está tagarelando e descumprindo as ordens médicas, ao escapulir da cama feito um garoto arteiro em qualquer oportunidade, eu diria que está ótimo.

Um curativo cobre o lado direito da sua testa, mas o ferimento não foi grave. Além da leve concussão na cabeça e da queimadura de primeiro grau bem singela na panturrilha, ele parece bem.

É reconfortante vê-lo seguro.

Houve uma enorme comoção por parte da família assim que souberam do ocorrido, todos preocupados vindo visitar Nash e querendo respostas. Para evitar transtornos, contei a eles a exata versão que passei aos policiais.

Eles não sabem nada a respeito de Andrew Sullivan, nem imaginam que Finch e eu não estamos mais juntos graças àquele incidente.

Dois dias se passaram. Continuo tão machucada que não me sinto pronta para falar sobre Finch. Tem sido angustiante lembrar das palavras e do olhar gélido dele, ou da sensação de abandono quando mais precisei do seu apoio.

É um tópico que quero arrancar dos pensamentos pelo meu próprio bem.

— Quer que eu vá na copa pedir um sachê de sal? — eu me ofereço.

— Não, nem precisa. Já tô terminando. — Ele dá outra garfada no frango grelhado e na salada cozida.

Nash observa com desinteresse a TV ligada no alto da parede do quarto, que transmite o noticiário local. Limpa a boca no guardanapo de papel e se acomoda melhor nos travesseiros.

— O que tá fazendo nesse computador? — Ele me aponta com a cabeça. — Não parou de mexer nisso desde que chegou.

— Só dando uma olhada em preços de notebooks.

— Vai comprar um novo e aposentar esse dinossauro?

Rio de leve e faço que não com a cabeça.

— Na verdade, é um presente que vou comprar para alguém.

Suas sobrancelhas sobem. Nash semicerra os olhos.

— Por acaso vai me presentear com um notebook novo por eu ter salvado a sua vida, Kay?

Nós rimos em uníssono. Nash emite tossidas escandalosas em meio ao riso. Resultado dos leves danos ainda em recuperação em suas vias aéreas.

— Você adoraria. Mas não é isso. — Fecho o notebook e cruzo as pernas na poltrona branca. — Eu quero comprar um notebook de presente pro Theo.

— Como é que é? — Ele arregala os olhos e me olha como se eu fosse louca. Depois se empertiga num ímpeto e apoia a bandeja de comida no aparador ao lado. — Como assim, Kay?

— Vou explicar. Theo costuma sair a trabalho com o computador dele. Por isso tô pensando em presenteá-lo com um novo. Assim, quem sabe, ele poderia deixar o antigo em casa, dando sopa. E eu conseguiria pegá-lo.

— Theo é rico. Já parou para pensar que ele pode ter uns outros dez notebooks empilhados só na cômoda de cabeceira dele? Quem garante que ele vai usar o seu?

— Exatamente por isso, Nash. Porque será um presente *meu*. Theo vai gostar de qualquer coisa que eu dê a ele e fará questão de usar, só para me agradar.

Suas sobrancelhas crispam levemente.

— Isso é meio bizarro se parar para pensar.

— Também acho. Mesmo assim, não vou desperdiçar uma oportunidade sabendo que posso usar o interesse dele a meu favor. Principalmente, agora que Finch me chutou e tô sozinha nessa. Preciso fazer o que estiver ao meu alcance.

— Espera aí, então os planos com o Finch na mansão não estão mais de pé?

Balanço os ombros, cabisbaixa. Tocar nesse assunto me desestabiliza por completo.

— Finch nem olha na minha cara desde que terminou comigo. Mandei mensagens feito uma idiota naquela noite, e ele ignorou todas. Está pouco se fodendo para mim. Não quero depender dele.

Nash murcha os lábios e me lança um olhar sentido.

— Então as coisas entre vocês não vão mesmo se ajeitar?

— Não existe mais coisa alguma entre nós, Nash. — Suspiro devagar e apoio as costas na poltrona. Uma ferida mal cicatrizada se abre em meu peito com a lembrança dolorosa. — Esse é o problema. Não existe mais.

Puxo ar para os pulmões e abaixo o olhar, encarando nada em especial.

Nos últimos dois dias, esperei que Finch me ligasse, mostrando-se arrependido e tentando voltar atrás. Quis que ele batesse em minha porta e me prometesse que nunca mais me deixaria escapar dos seus braços. Eu torci por isso. Chorei por isso. Tive malditas noites maldormidas por isso. E, mesmo sabendo que as chances são ínfimas, não consigo digerir a realidade.

Permiti que Finch construísse uma morada no meu peito. Suas raízes se entranharam em mim, mescladas a cada artéria, pulsando junto aos meus batimentos como um órgão vital. Agora, cada uma dessas raízes atrofia meus ossos e faz sangrar o que de mais nobre eu tinha para oferecer a ele.

O meu coração.

Um pedaço meu está quebrado, e eu não sei como consertá-lo.

Sinto-me vazia.

— E como você está? — Nash pergunta, interrompendo a torrente de pensamentos.

Escapo do devaneio e encolho os ombros. Puxo um fiapo na barra do meu short jeans, só para disfarçar o desconforto.

— Eu... estou levando. Um pouco melhor, acho.

Evito encará-lo. Não quero que Nash enxergue a mentira refletida nos meus olhos. Porque isso está longe de ser verdade. Sendo franca, a sensação é de que cada dia sem Sullivan se torna pior que o anterior.

A dor tem me assolado enquanto me esforço para manter as aparências.

— E você tem dormido bem? — ele se preocupa comigo.

Dou de ombros, indiferente.

— É claro. Por que eu não estaria?

— Hm... não sei, Kay. Das vezes que me visitou, parece tão... cansada. Sou eu quem está internado, mas é você que parece anestesiada. Quero dizer, você está aqui, mas sua mente está longe.

Não consigo elaborar uma resposta. Aperto os dedos pelo nervosismo e fixo olhar no piso branco, me segurando ao máximo para não desabar.

— Kay, se você quiser conversar...

— Não precisa, Nash. Eu vou ficar legal. — Olho para ele e forço um sorriso para dar crédito à mentira. — Você quase morreu para me proteger e agora continua cuidando de mim. Sou eu quem deveria estar fazendo isso.

Um sorriso afetuoso molda seus lábios.

— E como é a sensação de saber que fui seu herói? — ele brinca para descontrair o clima.

Ao contrário de todos, Nash tem encarado o incidente com uma leveza espantosa. Talvez porque esteja feliz pelas coisas não terem sido piores.

— É estranha. Você está proibido de bancar o herói outra vez, me ouviu? Estritamente proibido de se colocar em perigo, Nash Clark!

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Então, você é a única que pode correr riscos? Corta essa! Você precisava de ajuda, e não pensei duas vezes. Aliás, cuidamos um do outro a

vida inteira. Não seria agora que eu faria diferente.

Sorrio, mas movo a cabeça com reprovação, para que ele entenda que nunca mais deve repetir isso. Contudo, Nash tem razão.

Sempre fomos assim.

— Eu me lembro de quando estávamos no ensino fundamental e Blair McGee me empurrou do balanço na hora do recreio. Então, você teve uma ideia brilhante — recordo a história. Nash sorri e assente, porque também se lembra. — Blair usava aquela saia cor-de-rosa cheia de babados que ela dizia parecer de uma fada. Aí você mascou uns três chicletes de uma vez e colocou na cadeira dela.

— E ela sentou em cima! — ele completa e gargalha ainda mais. — O chiclete grudou na saia.

Comprimo os lábios, tentando conter o riso culpado.

— E Blair chorou muito, porque era saia a favorita dela.

— Uhum! — ele concorda, com lágrimas nos olhos em uma crise de risos. — Eu me lembro que outra criança levou a culpa, e eu nunca fui descoberto. Depois nós dois fugimos pro banheiro e rimos escondidos.

Explodimos em uma gargalhada gostosa. Nossos olhares se encontram em sintonia. Minhas bochechas ficam doloridas de tanto que rimos.

Respiro fundo e levo a mão ao peito para me recompor. É a primeira vez em dias que consigo rir de algo. Graças ao Nash.

Estico o braço e cubro a mão dele com a minha, emotiva.

— Tô tão feliz que você está bem. Caramba... me assustou pra valer.

Ele sorri com os lábios selados e vira sua mão para segurar a minha de volta. Meus olhos marejam, e fico a um pequeno passo de me debulhar em lágrimas. Só não o faço porque três batidas leves ressoam na porta do quarto, interrompendo o momento.

Seco as poucas lágrimas que escorrem pelo rosto enquanto assisto Gavin Sano abrir a porta. Ele carrega uma cesta embrulhada em celofane vermelho nos braços e se atrapalha um pouco para fechar a porta com as mãos ocupadas.

— Cheguei! — Gavin anuncia, animado. Deixa a cesta de guloseimas na cadeira vaga ao lado da cama. Ele sorri na minha direção. — Oi, Kay!

— Ei, Gavin! Que bom que veio!

Gavin foca seus olhos nipônicos e castanho-escuros em Nash e se inclina na lateral da cama para beijá-lo. Seus dedos afagam o cabelo e a bochecha de Nash com o maior cuidado do mundo.

— Espero que goste das coisas que eu trouxe.

Os olhos de Nash chegam a brilhar quando fitam a cesta repleta de docinhos, chocolates e bombas recheadas.

— Eu não acredito! Ninguém me deixa comer nada de bom desde que eu acordei nesse lugar. Você é incrível, Gavin! Venha aqui! — Nash segura o rosto dele com as duas mãos e o beija de novo. — Obrigado por isso!

Guardo o notebook na bolsa e me levanto da poltrona, passando a alça sobre o ombro. Olho de Gavin para Nash.

— Será que eu posso roubar um docinho da cesta? — pergunto como quem não quer nada.

Nash abana as mãos no ar como se quisesse me enxotar daqui, implicante. Ele decreta com um ar divertido:

— Você não vai comprar um computador novo de presente para mim depois que salvei sua vida, então não chegue perto da minha cesta.

Gavin dá risada de nós. Ele ajusta a armação dos óculos no rosto e se manifesta:

— Na verdade, a Kay me ajudou a escolher a cesta que você mais gostaria quando mandei mensagem pedindo dicas. Ela merece um chocolate.

Nash meneia a cabeça de um lado para o outro, ponderando, todo convencido. Até que decide:

— É, mas só um. Não é para se esbaldar.

Reviro os olhos e mostra a língua para ele.

— Eu te xingaria se não estivesse num leito de hospital — rebato. Vou até a cesta e pesco uma única bomba de chocolate. Mostro-a para Nash, só para que veja que não estou me esbaldando, e ele se diverte. — Eu já estava de saída, então vou dar um espaço pra vocês. Tenho que organizar algumas coisas em casa. Volto amanhã! — Pisco para eles e aceno com a bomba de chocolate para Nash.

Despeço-me de Gavin com um beijo no rosto e deixo o quarto.

Logo que cruzo os corredores do hospital, aquela mesma tristeza volta a me abraçar, me apertando com suas garras ferozes e me reduzindo a

migalhas. O sorriso no meu rosto desaparece, e, quando percebo, estou mais uma vez prostrada em desânimo.

É automático.

E, independentemente do quanto eu me esforce, continuo pensando em Finch.

# 20



## Finch Sullivan



Meus dias têm sido um inferno.

Se existe um purgatório na Terra, talvez eu já esteja aprisionado nele sem direito a aviso prévio. Só isso pode explicar tamanha angústia que vem me massacrado desde aquela noite no hospital.

Kaylee e eu acabamos.

*Eu acabei com tudo.*

Fui obrigado a abrir mão da pessoa mais preciosa que já cruzou meu caminho. A sensação anda me matando aos poucos. Vou sumir da vida dela em breve. Depois disso, terei que reaprender a respirar sem aquilo que havia se tornado o meu oxigênio.

*Kaylee Clark.*

Dói pra caralho me lembrar daquela noite. Seus olhos cheios de lágrimas, seus soluços de choro e o timbre trêmulo me implorando para ficar. Enquanto ela caía aos prantos, eu me empenhava ao máximo para fingir que não estava em farrapos. Tive que vestir uma máscara de indiferença, porque, se minhas emoções viessem à tona, eu quebraria com cada pedaço de mim na frente da Kaylee e perderia a coragem de ir adiante. Devo ter parecido um monstro insensível. Contudo, demonstrar fragilidade naquele momento só dificultaria as coisas. Kaylee insistiria em nós e tocaria o meu coração a ponto de me fazer desistir. E isso não podia acontecer.

Sei que já tentei afastá-la uma vez, mas agora é diferente, a ameaça contra a vida dela nunca foi tão real. Andrew poderia tê-la matado naquela noite, e eu juro por Deus que, se isso acontecesse, jamais me perdoaria. Enquanto eu estiver mergulhado nessa lama de vida, ela sempre será um alvo.

Diversas vezes cogitei voltar atrás. Eu quis pegar o Mustang, dirigir a mil por hora até a casa dela para cair de joelhos aos seus pés e lhe pedir perdão. É óbvio que não cedi ao impulso. Até porque, que merda eu faria depois? Ainda preciso ir embora e continuo representando um risco. Por mais doloroso que seja, foi uma decisão acertada.

Pelo bem dela.

Logo Kaylee vai se formar na faculdade, arrumar o emprego legal que merece, tocar seus projetos e, eventualmente, nem vai mais se lembrar de mim. Eu, no entanto, sem sombra de dúvida me lembrarei dela.

Pelo resto dos meus dias.

Através de uma fresta entre as cortinas, observo a construção do outro lado da rua. A vizinhança parece quieta, poucos moradores cruzando as calçadas e quase nenhuma movimentação em frente ao prédio dos Clark.

Voltei para o apartamento há alguns dias e tenho vigiado a casa da Kaylee em segredo, só para me certificar de que Andrew não tentará se aproximar. Tenho ficado de tocaia aqui religiosamente, sempre oculto pelas cortinas enquanto espio a rua em busca de qualquer movimentação suspeita.

Kaylee deve estar me odiando. Mas, independentemente disso, vou mover mundos e fundos para mantê-la em segurança, mesmo que ela jamais saiba disso.

Com um suspiro pesado, abaixo o olhar para a Glock carregada em minha mão. Uma G21, semiautomática, com capacidade de treze disparos. Consegui ela com Sofia faz uns dias, e definitivamente foi um ótimo investimento. Quem diria, parece até que foi ontem que meu irmão me ensinou a atirar pela primeira vez, e agora tenho meu próprio revólver.

Depois da última loucura do Andrew, essa arma foi uma boa aposta. Ainda não sei onde ele se meteu após me despistar na serra, pode ter se enfiado em qualquer canto de Faigan. Mas, se ele decidir voltar, acompanhando ou não, estarei mais preparado do que possa imaginar.

Assim que eu estiver de partida da cidade, vou deixar que Andrew saiba exatamente para onde vou. Irei atraí-lo ao meu encalço e levá-lo para

o mais longe possível da Kaylee.

E então, quando nos reencontrarmos... O que vou fazer? Vou colocar uma bala na cabeça dele? Vou dar um fim definitivo nisso e me libertar do peso que me acorrenta? Vou ter coragem de puxar o gatilho?

Minha única certeza é que, se eu tiver que escolher entre ele e Kaylee, não vou hesitar nem por um segundo. Vou aniquilá-lo num piscar de olhos, não importa se terei que me destruir um pouco mais no meio do caminho.

Sou capaz de tudo para protegê-la.

O som das batidas na porta do apartamento me arranca do vórtice de pensamentos.

Olho para trás e me afasto da janela. Com passos silenciosos, atravesso a sala de estar. Mantenho o revólver empunhado, pronto para reagir a qualquer surpresa desagradável. Caso seja Andrew do outro lado da porta, finalmente vindo para um acerto de contas, não estarei desprevenido.

Posiciono o dedo no gatilho à medida que me aproximo do hall, tenso até os ossos.

— Sou eu, Sullivan. Abra a porta! — A voz de Erick ecoa do outro lado.

Relaxo os ombros no automático e libero o ar que estive prendendo. Guardo a arma no cós da calça e a escondo sob a camisa, aliviado.

Abro a porta para ele.

— Tá trancado aqui há dias, Finch. Precisa ver a luz do sol — ele solta ao adentrar no apartamento. Carrega duas garrafas de cerveja e me oferece uma delas.

Aceito a bebida, calado. Erick se dirige à sala, e eu me adianto em trancar o apartamento. Apoio a cerveja gelada na mesa de centro e retorno ao meu posto na janela para vigiar a rua. Meus ombros pesam, e sinto os músculos doloridos, fruto das noites maldormidas, visto que há dias não posso me dar ao luxo de descansar.

Preciso estar atento aos próximos passos de Andrew.

— Vai ficar nessa até quando, cara? — A pergunta de Erick atrai minha atenção. Olho para trás. — Vigia a casa da Kaylee todo santo dia, mas ainda não foi falar com ela.

— Não tenho nada para dizer a Kaylee. Só tô aqui para impedir que Andrew tente algo contra ela ou a família. Sabe disso.

— É, mas você tá na fossa. — Erick se acomoda no sofá e me aponta. — Sei que você não é disso, mas se quiser falar...

Solto um muxoxo e abano a mão para dispensar a proposta. Avanço até a mesa de centro e pego a garrafa de cerveja.

— Não preciso falar nada, Butler. Mas valeu por isso — Ergo a bebida. — Tava mesmo precisando de uma cerveja agora.

— Qual é Finch?! Não fode! Abre a boca e fala de uma vez. Você tá na merda e continua se afundando. Passar os dias enfurnado aqui evitando a mim ou o Reid não tá ajudando em nada.

Ignoro o puxão de orelha e me acomodo no outro sofá. Abro a garrafa de cerveja e mando longos goles para dentro, sem paciência.

— Corta o papo furado e me arruma uma erva, Butler. Minha cabeça tá explodindo.

Ele remexe no bolso do casaco e apanha um baseado impecável, e eu me estico para capturá-lo da mão dele. Pesco meu isqueiro no bolso da calça e acendo o beque para dar um trago profundo. Libero a fumaça devagar e apoio a cabeça no encosto do sofá, esperando a erva fazer efeito.

Mesmo sem encará-lo, sinto Erick me fitar de esguelha. O cara tá preocupado comigo. O que é irônico, visto que, na maior parte do tempo, sou eu quem está preocupando com ele.

De olhos fechados, deixo que as substâncias alucinógenas preencham meus pulmões e relaxo no sofá. Estou esgotado pra caralho, e meu corpo implora por descanso, tanto físico quanto mental. Bebo mais um pouco da cerveja e olho para Erick.

— Não comentei nada antes, mas valeu por ter ficado do lado da Kaylee naquele dia. Sei que você deu uma força quando ela estava tendo uma crise. Obrigado por fazer isso por mim.

Ele toma uns goles da sua cerveja e faz que não com a cabeça.

— Na real, nem foi só por você. Gosto da Kay. Ela tem personalidade. Só por ela conseguir calar a sua boca e acabar com a marra que você banca, já tá valendo, porque Deus sabe o quanto você é um filho da puta arrogante que se acha dono da razão.

Um riso nasalado e cheio de ironia me escapa.

— Obrigado pela parte que me toca. — Aponto para ele com o beque na minha mão. — E vai se foder!

Erick vê graça. Balança a cabeça para me reprovar e prossegue:

— Mas sabe que tô certo. Nunca te vejo pedir desculpas pra ninguém, é orgulhoso demais para isso. Mas, daquela vez, quando pisou na bola com a Kay, ela te botou de joelhos e você amoleceu pra caralho. Achei engraçado, não vou mentir. Foi hilário te ver abaixar a cabeça para alguém pela primeira vez. E não é só por isso que gosto da Kaylee. Ela também é leal. Tinha que ver o quanto se desdobrou para te livrar da cadeia. Nunca tinha visto uma pessoa tão determinada. É de se tirar o chapéu.

Ouvir o nome dela, visualizá-la em minha memória, pensar nos nossos momentos juntos, na saudade... puta merda! É tortura. Causa um estrago fodido dentro de mim. Aposto que poderia fumar mil baseados, e nem assim minha mente conseguiria se desligar dela por um segundo sequer. Talvez eu tivesse viagem psicodélica do caralho com aquela mulher. Acho que até gostaria.

— Por que tá dizendo isso agora, Erick?

— Pra começo de conversa, acho que tá se precipitando. Não tô dizendo que não entendo seus motivos. Mas a que preço? Você tá acabado. Te conheço há anos e, durante o tempo que passou com a Kay, acho que foi a primeira vez que te vi sendo realmente feliz.

As palavras reverberam na minha mente, e um sobrepeso toma conta do meu peito. Quase não consigo terminar de engolir a cerveja.

É a mais pura verdade. Kaylee me fazia bem, foram os melhores dias da minha vida de merda. Fiz de Kaylee o meu mundo. Sem família, sem futuro, sem grana, sem perspectivas. Mas eu tinha a mulher da minha vida comigo.

Só que acabou.

— E o que mais eu poderia fazer, cara? — jogo a pergunta, resignado. — Meu irmão quase fodeu com tudo. Kaylee podia ter morrido por culpa dele, isso não é brincadeira. Tenho que tirá-lo de perto dela, custe o que custar.

Erick não parece ter uma resposta à altura, portanto se limita a ficar em silêncio, terminando de beber a cerveja.

Andrew cumpriu mesmo sua promessa. Ele jurou que me destruiria e já está conseguindo, porque me tirou o que eu possuía mais de precioso. Agora, não tenho mais nada que valha a pena. Só me resta partir e continuar minha viagem sem fim, rumo a lugar nenhum.

Esfrego a têmpora, de cabeça cheia, e apoio a garrafa na mesa de centro.

— Tenho que te pedir um favor. É coisa séria — digo ao Erick, mudando de assunto. Ele me encara com curiosidade. — Preciso de alguém que dirija para mim na noite da invasão à mansão. Ainda não sei como essa merda vai rolar, mas, quando eu sair da propriedade Périgord, quero que o motor do Mustang já esteja ligado e pronto para acelerar.

Suas sobrancelhas sobem com espanto.

— Quer minha ajuda? Vai confiar em mim pra dirigir seu carro outra vez, depois do esporro do caralho que me deu? Já deve estar chapado e nem percebeu.

Rio fraco, porque ele tem um bom ponto.

— Tô falando sério. Preciso de alguém de confiança para isso. Podia pedir ao Reid, mas sabemos que você é bom com velocidade, afinal, a gente se conheceu naquele autódromo ilegal no Maine.

— Só que eu pilotava uma moto naquela época.

— Isso é o de menos, o importante é que pensa rápido, tem bons reflexos, sabe trabalhar com a adrenalina e não tem medo de andar em alta velocidade. Era um dos melhores corredores daquele lugar e sabe disso. Confio em você no volante.

Erick assente. Seu olhar vaga para longe do meu, absorto.

— É verdade. Eu mandava bem naquela merda. Antes de tudo dar errado... — Ele ingere longos goles da cerveja e suspira. — Sinto falta daquilo, sabe? Da adrenalina, das corridas, da minha moto...

— Nem fala... também precisei deixar minha moto para trás. Foi golpe baixo. — Prendo o cigarro na boca e dou mais um trago.

— Você sente falta de algo da sua vida no Maine?

Aspiro a fumaça para o lado, e não preciso nem pensar antes de responder:

— Não. De nada. Na verdade, se pudesse, esqueceria todos os anos que vivi naquele maldito lugar.

Uma notificação faz meu celular vibrar. Pesco o aparelho na mesa de centro e verifico a mensagem que Devan acaba de me enviar.

Ele quer me encontrar mais tarde para falar do serviço na mansão. O que veio bem calhar, considerando que preciso tirar a limpo a história sobre

sua família e os Périgord.

Me levanto do sofá, bufando.

— Devan quer que eu vá no Fosso mais tarde — comento, deixando o celular na mesa. — Vou tomar um banho pra ver se recarrego as baterias.

— Tranquilo, cara. Vai lá. Também já tô de saída. — Erick se ergue do sofá.

— Sei que tem mantido contato com a Kaylee, então... não comenta com ela que voltei pro apartamento, beleza? Tô deixando o Mustang a quadras daqui justamente para não dar na cara que voltei.

— Não esquenta. Não vou dizer nada. — Erick se afasta e segue na direção da porta. Mas, antes de sair, se volta para mim e emenda: — Ah! Sobre o lance na mansão, pode contar comigo. Vou ser seu piloto de fuga. Pelos velhos tempos!

Um sorriso leve curva meus lábios, e eu anuo com a cabeça, agradecido.

Independentemente das merdas que já rolaram ou do quão fodidos estamos na vida, uma coisa não mudou. Ainda podemos contar um com o outro.

— Pelos velhos tempos, Butler!



Minha cabeça continua fervilhando enquanto espero por Devan, dentro do carro estacionado em uma rua do Fosso. Meus dedos não param de tamborilar no volante.

Capturo o café no porta-copos e o viro goela abaixo em poucos goles. É o único jeito de manter minha mente ligada e sã.

Logo que afasto o copo da boca, pancadas estalam no vidro da minha janela. Vejo a silhueta de Devan Lancaster contornar o carro, e eu destravo a porta para que ele entre e se acomode no banco do carona.

— Ei, Sullivan! — ele me cumprimenta. — Como vão as coisas na mansão? Conseguiu aquele emprego de volta na mansão?

Deixo o copo vazio no painel e examino Devan por uns segundos, ressabiado. Desde que Kaylee me contou sobre a família dele ter trabalhado

na mansão anos atrás, venho me perguntando o que diabos ele realmente quer naquela casa.

Respondendo à pergunta, dou de ombros:

— Não, mas nem esquenta. Vou dar meu jeito.

— Sua garota ainda trabalha lá dentro?

A menção à Kaylee faz um bolo amargo descer pela minha garganta.

— Sim, mas... ela não vai participar disso. Não se preocupa, vou conseguir entrar lá em breve. Vai rolar.

Devan solta um muxoxo e relaxa as costas no banco. Parece cansado.

— É bom mesmo, Finch. Porque estou com pressa. — Enfia a mão dentro da jaqueta marrom e puxa de lá alguns papéis. — Isso aqui vai te ajudar a encontrar o que precisa nas coisas de Aramis Périgord.

Ele me entrega a pilha de papéis e uma fotografia antiga. Encaro tudo confuso. Devan aponta para uma das páginas, onde está impressa a marca de um carimbo.

— O documento que precisa encontrar tem um carimbo como esse, nessa data e com a rubrica de Aramis — indica outra página impressa ao me instruir. — Provavelmente, vai achá-lo no velho escritório que fica nos aposentos do Aramis. Faça uma varredura lá. Não pode deixar passar nada. Mas, para te ajudar, tem grandes chances de você encontrar esse documento em uma velha pasta de couro, junto com outras vias antigas. Estará em algum lugar por lá.

A exatidão das descrições é estranhamente específica, deixando claro que Devan sabe mais do que está dizendo.

Corro o olhar pelas páginas impressas que ele me entregou e analiso a fotografia de um selo de cera com a letra P, que julgo pertencer à família Périgord. Deixo tudo em cima do painel e encaro Devan com desconfiança.

— Parece saber muito bem o que está buscando lá dentro — jogo verde.

— Eu fiz minhas pesquisas.

Anuo com a cabeça, devagar e ressabiado. Devan não vai abrir o jogo. E, mesmo que não pareça boa ideia, decido cavar mais fundo nessa história.

— Talvez seja porque sua família serviu aos Périgord na década de 60 e isso tenha relação direta entre eles e os Lancaster. Acertei? — solto na

lata, desafiador. A expressão de Devan se transforma, repleta de choque. — Quando ia me contar essa parte?

Um vinco nasce em sua testa, e Devan abre a boca para retrucar. Parece tão embasbacado que demora a elaborar resposta. Ele me mede com os olhos, adotando uma postura arisca.

— Como soube disso, Sullivan?

— Não interessa, Devan. Apenas sei. Todo aquele lance de pedras preciosas escondidas era mentira, não era? Você quer achar outra coisa lá dentro.

Devan bufa, aborrecido. Em silêncio, ele puxa um maço de cigarros de bolso e acende um. Apoia o braço na janela ao tragar o tabaco.

— Tem razão. Quero outra coisa lá de dentro. Mas nem tudo o que eu disse é mentira. Usei apenas aquela história porque você não precisava e *ainda* não precisa saber mais do que aquilo — decreta, rude.

Uno as sobrancelhas com estranhamento.

Não sei até que ponto é seguro pressioná-lo, mas estou pouco me fodendo. Detesto sentir que sou uma marionete que obedece a ordens sem nem saber para qual direção está indo. Já não basta ter descoberto que as entregas que fiz para ele não eram do conhecimento dos Narvaez. Chega dessa porra de segredos.

Endureço meus traços, resoluto, pronto para bater de frente.

— Sei que me colocou para contrabandear pelas costas do cartel — revelo de súbito, por impulso. — Dias atrás, Sofia me fez perguntas. Queria saber que tipo de serviço Reid e eu prestamos a você. Sendo honesto, eu não queria me importar com essa bosta, mas não tô gostando do rumo e nem quero que acabe sobrando pra mim. O que exatamente estive transportando e por que ninguém mais sabia sobre isso?

Com o cenho crispado e o semblante rígido, Devan traga o cigarro. Sopra a fumaça pela janela e me fuzila com os olhos. É a primeira vez que consigo tirá-lo do sério. E, apesar de indiscutivelmente intimidador, não abaixo a cabeça.

— Vai ser pago para trabalhar, e não para me torrar a paciência, Sullivan!

— Ou me explica, ou eu tô fora.

— O quê? — Lancaster ri pelo nariz, cético. — Não pode sair fora. Aliás, foi você quem insistiu nisso meses atrás.

— E daí? Ainda posso desistir e meter o pé. O que vai fazer se eu disser que quero sair? Vai atirar em mim?

Devan arqueia uma sobrancelha, ganhando um ar enigmático. Seus olhos se estreitam ao me analisarem.

— Eu preciso atirar em você, Sullivan? — frisa, carregado de ironia.

Detenho a vontade imprudente de desafiá-lo. Afinal, não posso esquecer que estou falando com um homem perigoso e com contatos. Ele já está bem irritado, não quero emputecê-lo ainda mais.

Mais cauteloso, eu arrisco:

— Só tô tentando entender. Tá desviando mercadoria do cartel? — chuto a possibilidade mais óbvia.

— Você não precisa saber. Acredite, é melhor assim.

— Mas acontece que eu já sei, Devan! Não sou burro. Tá na cara que tem desviado contrabando para tirar um extra. Por isso, precisava de gente de fora pros serviços. Está passando a perna neles.

— O que estou fazendo não é da sua conta, Finch. Gosto de você, mas não me aborreça! E, se quer tanto saber o que esteve levando no carro, eu digo! Metanfetamina e, às vezes, peças de armas. Agora que sabe, vai cair fora?

— Depende. E se descobrirem? Sofia andou me sondando.

— Isso é problema meu! E, quanto a Sofia, não se incomode. É só ficar na sua e não dar bobeira. Eu cuido do resto. Aliás, eu limpei a sua última cagada, então o mínimo que me deve é um pouco de respeito e confiança. Não vai querer me ver nervoso, garoto.

Estreito os olhos, perdido.

— Do que está falando?

Devan sorri fraco, esperto e observador.

— Estou falando da arma do delegado Allen, que você esqueceu naquela noite. — A declaração me coloca em alerta. Tranquilo, ele bate as cinzas do cigarro para fora da janela e continua: — Achou mesmo que eu não ia conferir o registro dela antes de raspá-la? Tenho meus meios e sei que aquela arma pertencia ao delegado. Só me pergunto o que você fazia com Callum na mesma noite em que ele se acidentou misteriosamente na estrada.

Reteso a postura, os ombros rígidos e o cenho crispado, na defensiva.

— O que quer, Devan? Vai me entregar ou me chantagear agora?

Ele acha graça.

— Ah, pelo amor de Deus! Sossegue! Acha que eu tenho interesse em te entregar? Eu não tô nem aí para a morte do delegado. Na verdade, até gostei, porque aquele desgraçado era fechado com os D'aramitz. Não tê-lo por perto facilita as coisas para mim. Não tenho ideia do que rolou entre vocês, mas estou feliz com o resultado. A morte dele veio a calhar e foi boa pros negócios, então não esquenta. Por mim, Callum pode apodrecer no inferno.

Permaneço encarando-o em silêncio. Se teve algo que aprendi na minha vida, foi a não confiar em ninguém. Desse modo, por mais que Devan esteja me garantindo que não vai me ferrar, continuo ressabiado.

Limpo a garganta e resgato o assunto:

— E qual é o lance na mansão?

Devan sopra o fôlego e joga a bituca de cigarro pela janela, mais calmo.

— Quero uma coisa específica lá dentro. É algo de família.

— Tô escutando... — confirmo com um meneio de cabeça, incentivando-o a continuar.

— Meu avô, Trembley Lancaster, trabalhou para Aramis e Julien Périgord, bisavô e avô do Theo. Era um dos contadores da corporação que revendia minérios, administrada por Julien aqui no Colorado. Houve um dia que meu avô percebeu discrepâncias nas contas. Julien disse para não se preocupar e deixar aquilo quieto. Meu avô não acatou o pedido e descobriu um rombo de mais de 30 milhões, porque Julien estava desviando dinheiro dos investidores. Meu avô foi até Aramis para relatar aquela situação, pensando que o velho não fazia ideia do que o filho vinha aprontando. Mas Aramis sabia e sua primeira reação foi demitir o meu avô. Ele também dispensou minha avó, que na época trabalhava na mansão como cozinheira chefe.

— E o que houve depois?

— Acho que Aramis ficou com medo do meu avô expor os fatos. Ele o procurou e lhe ofereceu uma quantia gorda para calar a boca dele. Meu avô estava desempregado, sem grana, é claro que aceitou. O advogado particular de Aramis redigiu um documento onde Aramis transferia terras e acesso vitalício a um cofre bancário na Carolina do Norte, onde ele

guardava diamantes. O documento foi assinado por Aramis e reconhecido pelo antigo tabelião, mas nunca chegou ao alcance da minha família, já que foi na mesma época em que Aramis adoeceu. Depois da morte do velho, meu avô procurou pelo advogado que cuidou do acerto. O cara explicou que o original da transferência de bens havia ficado guardado no escritório de Aramis e que, sem o papel, não conseguiria provar nada. Também disse que Julien Périgord não sabia da existência daquele documento e que, pela segurança dos Lancaster, era melhor que meu avô enterrasse o assunto e seguisse com sua vida. Foi o que ele fez, e a história foi esquecida. O documento dizia que o herdeiro direto mais próximo do meu avô também teria acesso irrestrito ao montante guardado no cofre do banco. Até pouco tempo atrás, o herdeiro direto mais próximo era o meu pai. Mas ele nunca quis ir atrás disso, dizia que era dinheiro sujo. Agora que ele se foi, eu tenho direito ao que está guardado na Carolina do Norte e preciso do original para comprovar isso.

— Então... as pedras preciosas realmente existem? — atesto, compreendendo.

— Existem... mas não da forma como pensou. Valem milhões, e são minhas por direito. Preciso daquele documento para agir na surdina, sem uma possível interferência de Theo Périgord. Não quero que ninguém do cartel saiba o que planejo e pretendo sair do país depois disso.

— Mas... por quê? Achei que estivesse satisfeito com a vida que leva e a posição que ocupa.

Devan ri sem humor e nega com a cabeça.

— Até uns anos atrás, eu concordaria contigo. Mas hoje em dia... não sei. Estou exausto. Acho que essa vida não é mais para mim. Viver no submundo significa sempre ter que escolher entre uma coisa ou outra. Nada de família, nada de exposição, pessoas que você ama podem se machucar o tempo inteiro. O preço é alto.

Meneio a cabeça positivamente. Meu olhar se perde no para-brisa, e minha mente viaja para longe, porque conheço bem a sensação.

— Entendo o que quer dizer.

Acho que chegamos a um comum acordo subentendido. Porque, da mesma forma que eu possuo uma informação que pode acabar com Devan, ele também possui algo que pode me mandar direto para a cadeia. Isso não é benéfico para nenhum de nós.

— Agora que entendeu, o que me diz? Ainda tá dentro? — ele quer saber.

Absorvo fôlego e pondero as possibilidades. A primeira imagem que invade meus pensamentos é a de Kaylee. Prometi a mim mesmo que juntaria cada centavo da fiança para poupá-la da dívida com Theo, e ainda pretendo o fazer.

Pensando por esse lado, não é difícil tomar a decisão.

— Eu preciso de grana. Então conta comigo, para o roubo na mansão e as entregas na estrada.

Seus olhos me examinam, conferindo se falo a verdade, e ele assente. Devan abre a porta do carro, mas, antes de sair, ele me diz:

— Ah! E, quanto aquela arma, eu mesmo a desmontei e as peças foram descartadas em diferentes remessas. Ninguém nunca vai descobrir que ela pertenceu ao Callum ou que você esteve com ele na noite do acidente. Eu me certifiquei pessoalmente disso.

Franzo o cenho, pego de surpresa.

— E por que fez isso?

— Porque sei valorizar aqueles que considero aliados. Você pode ser considerado um, Sullivan?

Sem titubear, faço sim com a cabeça.

— Posso.

— Era o que eu queria escutar, garoto. Até mais!

Dito isso, Devan salta do veículo e fecha a porta.

Solto uma lufada de ar e relaxo os músculos tensos. Meu olhar paira sobre a papelada no painel, e eu levo um tempo refletindo. Busco uma das folhas e confiro o carimbo que Lancaster mencionou.

A invasão à mansão terá que acontecer logo. Só torço para ter tomado a decisão certa.

# 21

## Kaylee Clark

Minha mente colapsou após encerrar o expediente na farmácia.

Cheguei em casa em frangalhos. Lágrimas nos olhos, respiração rarefeita e aperto no peito. A famigerada mágoa me envolveu em seus braços pegajosos e me arrastou para a mais profunda melancolia. E a forma que encontrei de encarar a situação foi a mais covarde de todas...

Me embebedando.

Depois de um banho quente, vesti roupas folgadas e me afundei no sofá da sala para me encher de doses de uísque barato e gelo. Torturada pelos meus devaneios, com um choro frequente entalado na garganta e uma saudade sufocante, precisei me abastecer de álcool para afugentar Finch da mente.

Já tive outros términos de relacionamento na vida. Contudo, nunca nenhum havia me causado essa sensação de impotência e vazio que castiga meu peito desde aquela noite. Sou constantemente torturada por memórias, revivendo aquele momento um milhão de vezes.

Entreguei ao Finch meu coração, meus medos, minha coragem, minhas expectativas, meus sentimentos, meu futuro. Eu dei tudo de mim a ele, e agora parece que não restou nada aqui, comigo.

Ponho mais gelo no copo e derramo outra dose de uísque, entornando até esvaziar a garrafa. Sigo em direção à sala e me acomodo no sofá, em

frente à TV ligada. Mando a bebida para dentro, sem caretas ou ressalvas. É meu segundo copo e já começo a sentir uma moleza se apossar dos meus músculos. Se eu tiver sorte, em breve ficarei tão grogue que cairei no sono no sofá.

Ajusto os óculos de grau no rosto e puxo Duquesa para o meu colo. A gatinha se aninha em mim, e eu passo os próximos minutos dessa forma, acariciando seu pelo macio e bebendo uísque de quinta categoria para fechar minha noite.

Repouso o copo quase vazio na mesa de centro e me acomodo melhor entre as almofadas quando, de repente, a campainha toca.

— Ah não... — resmungo baixo, fraca demais para sair no lugar.

— Kaylee! Sou eu, a Ve! — a voz conhecida anuncia do outro lado. — Te trouxe uma coisa!

— Ve?! Ah... só um pouquinho... — grito de volta. Esfrego a cabeça, tentando despertar do estado de letargia. Fecho e abro as pálpebras várias vezes. — Eu... droga... acho que deixei a porta destrancada. Entra aí!

Escuto a porta do flat se abrir, mas sequer me dou ao trabalho de olhar na direção dela. Ouço os passos de Veronica, e logo minha amiga surge diante de mim, bloqueando a visão da TV. Está vestindo shorts e um moletom velho, o que indica que sua visita foi de última hora.

— Tô te ligando há séculos, e só dá na caixa postal. — Seu tom é banhado de preocupação. Seus olhos varrem a sala, e as sobrancelhas se franzem ao captar o copo de uísque na mesa de centro. — Está bebendo?

— Só um pouquinho, até pegar no sono.

Ela põe as mãos nos quadris e me olha como se eu fosse uma criança teimosa.

— E já comeu alguma coisa?

— Tô sem fome.

— Ah não, Kay. Sério, por favor. Olha só o que eu trouxe para te animar! — Ela corre na direção da bancada da cozinha, os sapatos estalando no piso, e logo retorna carregando uma enorme barca de sushi. — É da sua temakeria favorita. Trouxe para comermos juntas. Que tal?

Observo a barca de sushi, que de fato parece apetitosa. Minha amiga me estende um sorriso largo para me encorajar.

Abraço Duquesa e me esforço para manter-me ereta. Pesco o celular da mesa de centro para conferir as horas, mas percebo que está descarregado. Deixo a gata no sofá e, devagar, me levanto do estofado para me espreguiçar.

— Tá legal. Já que está aqui, vamos comer.

Veronica sorri e saltita no lugar.

— É isso aí, garota! E também vamos ver uns filmes, sei lá! Precisa se distrair. Sei que está sendo difícil desde que...

— Não fala dele — corto sua fala. Arrasto o cabelo para trás e solto o ar dos pulmões, mentalmente esgotada. — Por favor, só não fala dele. Eu... não quero pensar nisso.

Minha amiga assente e me direciona um sorriso compreensivo.

— Tá legal. Não vamos entrar nesse assunto. — Suas mãos encontram as minhas, cúmplices. — Só quero minha amiga de volta.

Eu me esforço para sorrir e anuo com a cabeça, tocada por sua preocupação.

— Beleza! Eu vou tomar um banho para dar uma acordada. Pode esperar? É rapidinho.

— Claro! — Ela vai até a cozinha e deixa o sushi na bancada. — Tem refrigerante ou qualquer coisa que não seja uísque para bebermos? Se não, posso pedir algo enquanto estiver no chuveiro.

— Refrigerante na geladeira. — Aponto na direção da cozinha. Giro os ombros e o pescoço para me alongar. — Vê se tem alguma coisa boa passando na TV. Vou para o banho e já volto.

No entanto, antes que eu me mova, a campainha ressoa novamente.

— Chamou alguém? — pergunto à minha amiga.

— Não. Talvez seja seu pai.

É bem provável que seja ele, visto que mal temos conversado e meu distanciamento vem lhe preocupando.

Vou em direção à porta. Arrumo os cachos bagunçados e os prendo em um coque nada elaborado no topo da cabeça. Ajusto os óculos no rosto e, sem ânimo algum, abro a porta do flat.

O choque da surpresa espalha uma descarga elétrica pelo meu corpo, e me sinto instantaneamente sóbria ao dar de cara com *aquele* par de íris obsidianas. Dou um passo para trás, os lábios entreabertos e as pálpebras

batendo. Meu rosto congela enquanto meus olhos percorrem Finch Sullivan dos pés à cabeça.

Ele está aqui.

Finch veste uma camisa branca que deixa as tatuagens dos braços à mostra. Os fios pretos e rebeldes cobrem um pedaço da sua testa. Da mesma forma como eu o inspeciono, seus orbes me escaneiam de cima a baixo. Automaticamente, ajusto a camisa folgada no corpo e engulo em seco, sentindo-me toda desajustada.

Os traços de Finch não esboçam nenhuma reação, tão inexpressivos quanto naquela noite. Ele coça a cabeça e expira devagar, buscando as palavras:

— Será que... posso falar com você?

Ver o cara que me chutou batendo à minha porta quando estou bêbada, descabelada e maltrapilha não é nada confortável. Principalmente, porque não faço ideia do que esperar da sua visita. Por um segundo, meu coração sai do prumo em um entrelaço de sentimentos conflitantes.

— Hãm... é... claro — murmuro, perdida.

Dou outro passo para trás, liberando a passagem, e Finch entra no flat. Ele viaja o olhar em volta e percebe a presença de Ve. Minha amiga paralisa no lugar, como uma estátua. Olha de mim para o moreno, sem ação. Na certa, consegue sentir a tensão instaurada entre nós.

— Ei... boa noite! — Ela força um sorriso para Finch. Olha para a barca de sushi na bancada e me fita. — Eu... acho que vou ao banheiro e... vou demorar bastante lá. Façam de conta que nem tô aqui.

Mais que depressa, Veronica atravessa os cômodos e some além do corredor, nos dando espaço para conversarmos a sós.

O nervosismo faz minha barriga gelar.

Conduzo Finch à sala e escondo as mãos atrás do corpo, apertando-as sem pausa para dispersar a ansiedade. Assim que avista Duquesa no sofá, Sullivan faz menção de se aproximar dela para afagá-la. No entanto, desiste e trava no lugar, bastante sério.

Existe um muro entre nós. Seus olhos não focam os meus, sua movimentação corporal é totalmente mecânica.

Idealizei esse momento por dias. Desejei com todo o meu coração que Finch viesse me procurar. Contudo, agora que ele está mesmo aqui, perco

meu eixo e nem sei o que sinto. Só sei que é intenso e me impede de respirar corretamente.

— O que faz aqui? — faço a pergunta.

— Eu... mandei umas mensagens mais cedo e... também te liguei. Mas caiu na caixa postal. Precisava dizer algo, é urgente. Não queria ter aparecido aqui, mas...

— Insinuar que não queria me ver pessoalmente é um ótimo jeito de começar essa conversa — despejo com ironia, profundamente ressentida.

— Kaylee, não precisamos fazer isso.

— Tem razão! — Aperto mais as mãos, e as unhas arranham as palmas. Adoto o mesmo timbre gélido: — Não precisamos fazer mais nada juntos.

Em menos de um minuto, através de sua típica frieza, Finch já deixou claro que sua visita não tem ligação alguma com a nossa relação. Veio aqui por outro motivo. Estou me segurando para conter as lágrimas que querem inundar meus olhos.

Não vou quebrar diante dele outra vez. Eu me recuso.

Finch abaixa o olhar e mira no copo com restos de gelo e uísque na mesa de centro. Engole a saliva e aperta os lábios em uma linha tênue.

— Sei que ainda tá chateada.

— Se acha que estou apenas "chateada", você realmente não entendeu nada.

Sullivan me encara, sem fugir do meu olhar. Suas mãos se erguem em trégua.

— Eu não quero discutir, de verdade. Só preciso saber se ainda pode me dar uma mão com o lance na mansão. Quero finalizar os assuntos pendentes na cidade e ir embora, mas antes tenho que finalizar o trabalho pro Devan. Como você tem acesso à agenda do Theo, eu... pensei que podia me avisar os dias em que ele estará fora da mansão, para que eu possa invadir o terreno.

Fecho e abro os olhos devagar, assimilando o pedido. No fundo, nem sei por que me surpreendo com sua insensibilidade.

— Ah, entendi. — Meus braços se cruzam em frente ao busto, e eu o encaro, rancorosa. — É sobre isso, claro, o seu precioso objetivo na mansão. Por qual outro motivo viria me ver além disso, não é? Tranquilo,

Finch. Vou ficar de olho na agenda do Theo. Assim que souber de algo, te aviso.

Minha resposta o surpreende. Talvez ele esperasse por um escarcéu de lágrimas. Mas não darei esse gostinho. Vou rebater sua frieza com mais frieza, cortante feito gelo.

— Obrigado — Finch é curto na resposta.

— Mas tem uma condição — acrescento. Finch estreita os olhos, e eu dou um passo em sua direção. — Vou invadir a mansão com você e pegar o que quero. Será na mesma noite.

— Eu acho melhor não...

— Não perguntei sua opinião, Sullivan — sou ríspida ao cortá-lo, dominada pelo rancor. — Estou só te informando os meus termos para te dar o que você precisa.

Sua testa ganha um sulco de preocupação. Os olhos negros me esquadrinham como se quisessem garantir que falo sério. Finch solta um muxoxo insatisfeito e dá de ombros.

— Tá legal, Kaylee. É isso o que quer? Então, que seja! Entraremos juntos na mansão. Só espero que não faça nenhuma merda e estrague tudo.

Meus olhos se estreitam, e um sorriso amargo curva meus lábios. Mantenho-me em silêncio e sustento o contato visual implacável. Eu me sinto uma grande estúpida por esperar que ele diga algo mais. A expectativa frustrada estilhaça minha dignidade.

Finch puxa o celular do bolso para conferir algo, depois guarda o aparelho de volta. Parece mais um pretexto para não me encarar. Está acabando comigo.

— Tô indo embora — ele decreta, sucinto, e evita olhar na minha direção.

Continuo firme no lugar. Finch me dá as costas e avança rumo ao hall. Ele abre a porta depressa e passa por ela, como se não suportasse nem mais um segundo aqui dentro.

Um soluço de choro aperta minha traqueia. Prendo o ar, tentando conter o sentimento que rasga meu peito.

Se o objetivo de Finch era me magoar para me afastar, está funcionando. Ando com tanta raiva que já nem sei mais o que é esse maldito sentimento incendiando meu peito. Quero beber um milhão de

copos de uísque e mergulhar na ressaca mais dolorosa só para me livrar dessa agonia.

Uma lágrima insistente desce pela minha bochecha.

Pego o celular e avanço para o quarto, me trancando ali dentro, antes que Veronica surja e me veja nesse estado. Esfrego o rosto para dar fim às lágrimas, prendendo o choro.

Conecto o carregador ao celular e ligo o aparelho.

Bom, se Finch deseja concluir suas pendências e sumir da cidade, que seja! Quanto antes ele for embora, melhor. Assim vou conseguir me desintoxicar dos sentimentos que me sufocam. Se a única coisa que o prende em Faigan é seu objetivo na mansão, vou ajudá-lo. Darei a ele a oportunidade de partir, de uma vez por todas.

Depois disso, serei livre. Não vou mais vê-lo. Não serei mais esmagada pela sua indiferença. Não vou mais imergir em seus olhos e me lembrar dos momentos que ele me fez sentir que eu poderia tocar as malditas estrelas com seu beijo.

Busco o contato do Theo Périgord no celular. Sem pensar muito, escrevo uma mensagem e a envio.

***Eu**: Oi, Theo! Finalmente consegui me organizar com o trabalho na farmácia e outros afazeres. Só queria dizer que estarei livre no sábado à noite, se o convite para aquele jantar ainda estiver de pé.*

Mordo o lábio inferior e troco o peso de uma perna para a outra, impaciente, enquanto ele digita.

Logo a resposta surge na tela.

***Theo**: Perfeito! Sábado à noite, então. Farei a reserva. Mal posso esperar por isso, Kaylee. Prometo que não vai se arrepender.*

Quanto a isso, estamos de acordo.

Eu espero mesmo não me arrepender.

# 22

## Kaylee Clark

Um vestido champagne de alças finas e delicadas abraça meu corpo. O decote deixa um generoso pedaço do meu colo à mostra, dando destaque ao colar dourado no pescoço. O corte atraente e exuberante acentua minha silhueta e me faz sentir esplêndida. Como complemento, o cardigan marrom, feito de lã de cashmere, cobre meus ombros para me proteger do frio.

Conforme desço os degraus do prédio, sinto o persex de couro apertando a coxa direita, exatamente onde prendi o canivete para improvisar um coldre. Desse modo, consegui ocultar a lâmina debaixo do vestido, só por precaução.

Um carro esportivo e luxuoso se encontra parado em frente à calçada, ao meu aguardo. Enquanto isso, o dono do veículo me espera do lado de fora.

Foi ideia do Theo me buscar em casa para o nosso jantar em Émeraude. Sugeri encontrá-lo na mansão, entretanto ele fez questão de vir aqui pessoalmente.

Só me submeti a esse maldito jantar porque preciso coletar informações. Para isso, nada melhor do que um momento descontraído em um ambiente reservado, no qual Theo se sentirá à vontade para discorrer sobre assuntos que não se limitem ao trabalho.

Torço para que meu esforço não seja em vão.

A camisa social azul-marinho, a calça escura e os mocassins de couro são a cara do Périgord e lhe caem perfeitamente bem, evidenciando sua estirpe refinada.

Theo passa os dedos pelos cabelos dourados e se adianta para me receber na calçada. Eu sorrio largamente, como se adorasse sua bajulação e não pudesse contar os segundos para iniciarmos a noite.

— Está esplêndida, Kaylee — ele elogia, me admirando da cabeça aos pés.

Encho os pulmões de fôlego e lanço meus cachos soltos para trás dos ombros.

— Obrigada, Theo. Você também está incrível.

Por um segundo, meus olhos vacilam e focam no prédio do outro lado da rua. Tenho a ligeira impressão de ver um vulto se mover além da janela do apartamento de Finch, o que me faz duvidar da minha sanidade, já que sei que aquele andar está vazio desde que Sullivan se hospedou no hotel.

Estreito os olhos na direção da janela, intrigada, mas nada incomum acontece. O interior do apartamento continua escuro e não há indícios de movimentação, levando-me a crer que foi um engano.

— Kaylee? — Torno a encarar Theo ao seu chamado. Ele me fita com dúvida. — Algum problema?

— Oh... não. Eu só... estou com frio, a temperatura está mais baixa do que eu imaginava.

— É o inverno se aproximando, *mademoiselle*. Em breve, as calçadas vão ficar cobertas de neve.

Eu assinto.

Por instinto, meu olhar viaja rumo às janelas do prédio da sra. Liu. Inspeciono as cortinas fechadas e vidros selados. E é óbvio que nada acontece. Com certeza, o vulto de minutos atrás foi fruto da minha imaginação.

Desisto de examinar o prédio e me concentro no personagem que devo assumir esta noite. Portanto, permito que Périgord segure minha mão e me conduza ao carro. Eu me acomodo no banco, com a bolsa de mão no colo. Sem perder tempo, Theo assume o volante e dá partida, rumo à nossa rápida viagem à Émeraude.



Cada detalhe projetado do ambiente, cada peça decorativa, até mesmo os talheres do restaurante para onde Theo me trouxe exalam elegância.

Os garçons circulam pelo salão em uma dança sincronizada, cheios de pompa e muitíssimos atenciosos. As mesas redondas, decoradas por arranjos delicados, são bastante afastadas umas das outras, dando privacidade aos fregueses sofisticados que se enchem de vinhos caros e entradas harmoniosas ao nosso redor.

Em outras palavras, o restaurante é luxuoso. Magnífico. Eu jamais teria dinheiro para pagar sequer um copo d'água aqui dentro.

Como não conhecia o lugar, deixei que Theo cuidasse dos nossos pedidos, confiando cegamente em suas recomendações. A entrada de *bisque de homard* foi esplêndida, e o *boeuf bourguignon* como prato principal era tão saboroso que quase amenizou o desconforto de dividir uma mesa com Theo Périgord.

Já falamos sobre trabalho, faculdade e minha dívida. Fui bastante direta quando lhe autorizei realizar cortes nos meus próximos salários e garanti que, em meados do próximo semestre, ele será cem por cento ressarcido. Como farei isso? Eu nem imagino.

Agora, enquanto terminamos o *crème brûlée* de sobremesa, estamos debatendo assuntos triviais.

— Temos que fazer isso mais vezes, não acha? — Theo sugere, os olhos acinzentados fixados nos meus.

Limpo a boca no guardanapo e concordo com a cabeça.

— Seria ótimo! Foi uma noite divertida — destilo a mentira com facilidade. — E, mais uma vez, me desculpe pela demora e por ficar te cozinhando por dias. Eu estive numa correria.

— Tudo bem, não se preocupe. Estou feliz que pelo menos hoje esse jantar aconteceu. — Ele toma um gole de vinho branco e prossegue: — Imagino como deva estar sobrecarregada, ainda mais no final de semestre na faculdade. Mas o recesso de fim de ano está chegando. Estou torcendo para que tenha mais tempo livre para repetirmos a dose.

O assunto abre uma brecha para sondá-lo.

— É verdade. Não vejo a hora do recesso chegar, sempre me reúno com minha família. E você? Já tem planos para o final do ano? As gêmeas vão fazer outra parada por Faigan ou dessa vez você vai visitá-las na Europa?

— Não, é uma pena. Não vou poder sair do país tão cedo.

Dou uma colherada no *crème brûlée* e limpo a boca no guardanapo. Apoio o cotovelo na mesa e amparo o rosto na mão.

— Então, nada de viagens até o ano que vem? — arrisco.

— Não, pelo contrário. Até a semana do Natal vou estar atolado. Indo e voltando de Denver e participando de coquetéis do trabalho. É cansativo.

*Isso... estou no caminho certo.*

— Mas veja pelo lado bom. Pelo menos tem Aimée com você. Deve ser um alívio chegar em casa depois de dias exaustivos e ter comida servida na mesa e nada com o que preocupar. Você está reclamando de barriga cheia, porque não é como os reles mortais que não fazem parte de Émeraude — solto bem-humorada e sorrio.

— Mas não vai ser assim por muito tempo. Todo final de ano libero os empregados. Aimée e Ramon ganham uma quinzena do mês de dezembro para se afastarem das atividades na mansão. Então, não terei tantas regalias quando pensa*, mon ange*.

Ignoro o fato de ele ter acabado de me chamar de "anjo" em francês e me concentro no que deixou escapar.

Aimée e Ramon ficarão afastados da mansão durante quinze dias. Coincidentemente, a agenda Theo parece recheada de compromissos.

É perfeito!

— E por falar em viagens, tenho uma proposta para você — Theo emenda, animado. Ergo as sobrancelhas para encenar interesse. — Em janeiro, vou passar um tempo em Denver para integrar uma equipe de pesquisa para um documentário em um canal fechado. Vai ser um time enorme, e posso levar pessoas comigo. Então pensei em te levar como minha assistente.

— Como é? — Minhas pálpebras batem, e rio, nervosa. — Ir com você para Denver?

— Sim. Posso te apresentar a pessoas importantes, os produtores do documentário. Te ajudaria a ganhar experiência, ver como funciona na prática e criar conexões na capital.

Ergo as sobrancelhas, e meu queixo cai um pouco.

— Caramba! Isso... é uma grande oportunidade.

Sutilmente, sua mão direita rasteja pela mesa até tocar a minha, primeiro com um roçar de dedos, e depois cobrindo-a completamente com a sua.

O contato me dá calafrios.

— O que me diz, Kaylee? Gostaria de passar uns dias comigo em Denver e começar a fazer história por lá?

Droga!

Theo Périgord é um cretino da pior espécie. Me deixa furiosa que ele esteja me oferecendo a oportunidade dos meus sonhos, porque sei que virá carregada de segundas intenções. É a chance que eu mais gostaria de vivenciar, entretanto, parece suja e contagiosa vindo dele.

Adoraria ouvir essa proposta de qualquer um, exceto dele.

— Acho que preciso pensar, Theo — pondero, calculando muito bem minhas palavras. — Eu te agradeço muito pela oferta. Seria... perfeito, eu sempre quis algo assim. Só preciso... analisar algumas coisas antes, em casa.

— Tome seu tempo, Kaylee. Mas saiba que adoraria te ter comigo nessa viagem. Pense como será libertador não estar aqui por um tempo. Longe da faculdade, da rotina, respirando ar puro. Apenas nós dois fazendo companhia um ao outro.

Não sou idiota. Sei bem aonde ele quer chegar. Estava demorando. Theo segurou a onda desde aquela declaração descabida semanas atrás. Mas está colocando as garrinhas de fora outra vez.

— Talvez esteja certo — dou corda. — Acho que novos ares novos não me fariam nada mal.

— É exatamente o que eu penso. — Theo ergue a taça para propor um brinde. — A novas oportunidades!

Ergo a minha também, e bebemos juntos. Seus olhos se fixam nos meus enquanto bebericamos o vinho. Ele apoia a taça vazia na mesa e observa as horas em seu relógio dourado.

— Preciso admitir que não quero que a noite acabe agora, Kaylee.

Um calafrio atravessa minha nuca, fazendo-me empertigar na cadeira.

— E... no que está pensando?

— Que ainda não tive chance de te mostrar as fotos que fiz em minha última visita à Breckenridge.

— Eu tô sempre visitando seu portfólio no Instagram, sabe disso.

— Sim, mas algumas nunca foram publicadas. Poderíamos dar uma passada na mansão. Prometo que não vamos demorar. Coisa rápida, depois te deixo em casa.

Mordo a bochecha, meditando. Não confio em Theo e detesto a mansão. Contudo, penso que pode ser uma oportunidade de esbarrar com Aimée e, com sorte, descobrir quando mais precisamente ela e Ramon terão folga.

Droga... eu me odeio por ser tão calculista.

— Eu topo! — anuncio, fingindo animação. — Vamos para a mansão! Quero ver suas fotos.

Périgord abre um sorriso vitorioso, e seu olhar nada sutil me devora.

— Vou pedir a conta, Kaylee.

Não demora até que um garçom visite nossa mesa. Enquanto Theo usa o cartão de crédito para bancar os custos do jantar caro, eu termino de beber o vinho em longos goles, odiando toda essa encenação.

Saímos da mesa juntos. Ajusto o cardigan no corpo e sinto a mão intrusa de Theo pousar na minha lombar, pronta para me conduzir.

De repente, um estrondo de bandejas, vidro e talheres tilintando explode pelo salão. Olho para trás no susto e avisto um pequeno tumulto na outra ponta do restaurante. Não sei do que se trata, mas ouço vozes e vejo funcionários se reunindo no local.

Como Theo não cessa os passos, sigo seu ritmo, e nos afastamos do tumulto em direção à saída do restaurante.

São dez e quinze da noite quando chegamos à mansão.

Durante o percurso até aqui, minhas mãos não pararam de suar frio. A todo instante, estive consciente do toque gelado do canivete preso no persex em minha coxa. Espero que Theo não faça nenhuma besteira que me obrigue a usá-lo.

Assim que saímos do carro, já dentro da propriedade, Theo entrelaça nossas mãos e me guia pela área externa. As luzes do jardim frontal estão acesas, e a iluminação banha uma ampla extensão do gramado. Entramos na casa e somos recebidos por Aimée. A governanta não esconde a surpresa quando me encontra ao lado de Theo, mas é bastante simpática ao me cumprimentar.

À medida que seguimos para a sala de estar, os olhos curiosos da governanta me percorrem da cabeça aos pés. Nem quero imaginar o que pode estar rondando sua mente ao me ver vestida dessa forma, de mãos dadas com Theo, a essa hora da noite.

Na sala de estar, Theo finalmente libera minha mão. Deixa a chave do carro na mesa de centro e dobra as mangas da camisa até os antebraços.

— Aimée, sobraram os *petit four* de hoje mais cedo?

— Sim, tem massa pronta na geladeira. Só preciso colocar no forno.

— Ótimo! Se importa de trazer um pouco para nós? Quero que Kaylee prove alguns.

— Não, não se incomode — eu intervenho, falando direto com Aimée. — Não precisa fazer nada, eu vou pra casa em breve. Está tarde.

Aimée abana as mãos no ar e faz que não, sorrindo com doçura.

— Imagine. Não é trabalho nenhum. Só preciso ligar o forno e esperar uns minutos, é coisa rápida.

— E enquanto isso... — Theo emenda, me olhando com expectativa. — Podemos provar um bom vinho e ver as fotografias.

Os olhos de Aimée nos avaliam discretamente, bastante curiosa com essa interação nada profissional entre nós. Fico tão embaraçada que mal consigo encará-la.

— Bom, vou na cozinha e já volto — ela nos diz.

Após a governanta se retirar do cômodo, eu me volto para Theo e digo:

— Na verdade, não sei se quero beber. Já tomei duas taças de vinho no restaurante, é o suficiente de álcool por hoje.

Ele sorri e meneia a cabeça como se eu não soubesse o que digo.

— Está falando isso porque não provou o *Rosé de Provence* que guardo na adega. Mas eu vou buscá-lo agora.

Antes que ele se afaste, seguro seu pulso para chamá-lo de volta.

— Theo, espere!

Ele cessa os passos e me encara. Seus olhos vão de encontro à minha mão atrelada ao seu pulso. Desfaço o contato físico rapidamente e recuo um pequeno passo, arrependida de tê-lo tocado. Theo me observa em silêncio, analisando minha reação. Decidido, ele encurta nossa distância.

— Kaylee, não se preocupe. Eu sei o que está pensando.

Meu coração salta de apreensão.

— Sabe?

— É, eu sei. — Ele chega mais perto. Tento recuar, mas Theo não permite. Sua mão engancha na minha cintura, a outra segura meu queixo. — Está assustada. Isso é uma novidade para você. Por causa das posições que ocupamos na faculdade, acha que não deveria estar aqui. Tem receio de causar problemas, mesmo sabendo que não estamos fazendo nada de errado.

Abro a boca e demoro a formular uma resposta:

— Theo... eu... não sei o que dizer. Isso parece... complicado.

Ele concorda, tranquilo. Outro passo é dado na minha direção. Seu dedo se move no meu queixo e sinto meu espaço pessoal invadido.

— Sei da barreira que existe entre nós por causa de Monsieur Calliste. Também sei que a reitoria não aprovaria algo assim. Mas o que fazemos, pensamos ou sentimos fora dos limites da universidade não diz respeito a mais ninguém além de nós. Não se prenda a isso. Quero que respire, que se sinta segura. Ninguém precisa saber o que não é da conta deles.

A mão que segura minha cintura se desloca até a lombar, me puxando para mais perto. Falta pouco para que nossos corpos se choquem.

O que devo fazer? Se eu dispensá-lo, posso perder sua confiança. Merda! É a escolha mais detestável que já precisei fazer. Desaparecer daqui ou continuar nesse jogo enquanto for conveniente?

Périgord ergue meu rosto para si. Seus olhos perscrutam minha boca, revirando o meu estômago. Ele tenta me beijar, e eu recuo um pouco, piscando atordoada.

— Theo, a Aimée! Ela pode nos ver... — invento a desculpa.

Ele nega com a cabeça e retoma a proximidade. Seus dedos se encaixam em minha nuca.

— Não se preocupe. Ela está na cozinha — sussurra e sorri maliciosamente.

Penso em sacar o canivete e acertar seu maldito rosto. Contudo, reprimo o impulso de afastá-lo. Isso foi ideia minha, e eu sabia onde estava colocando meus pés. Não posso estragar meu plano. Talvez seja a oportunidade de tê-lo completamente em minhas mãos. Eu só teria que... beijá-lo.

*Puta merda! Que nojo!*

Seguro o pescoço dele e permito que venha ao meu encontro, preparada para sentir o maldito toque dos seus lábios e fingir que estou tão sedenta quanto ele. Entretanto, antes que algo possa acontecer, um estrondo escandaloso explode do lado de fora da casa. Theo e eu nos soltamos no mesmo segundo e encaramos a janela da sala, pegos de surpresa pelo barulho que veio do jardim.

— O que foi isso? — pergunto, espantada.

Outro estampido ecoa pelo terreno, me deixando ainda mais apreensiva. Theo avança a passos largos até a janela e tenta enxergar o que está acontecendo lá fora.

— Eu não sei. Não consigo ver nada daqui. — Se vira para mim. Um vinco preocupado marca seu cenho. — Fique aqui dentro. Vou procurar Ramon e pedir que vasculhe o terreno.

— O quê?

Theo se apressa pelo cômodo, indo em direção ao hall, e reitera:

— Vá para a cozinha e fique com Aimée.

Em seguida, ele desaparece. Ouço as portas de entrada da mansão se abrindo e se fechando, indicando que ele saiu.

Assustada, entro em estado de alerta. Escapulo da sala de estar e avanço depressa pelos corredores, sem saber para qual direção devo ir. Theo pareceu assustado com os barulhos. Seja o que for, não quero continuar aqui dentro.

Atravesso os compartimentos da casa e observo além de cada janela que encontro, buscando descobrir o que está havendo lá fora.

Eu me desloco até o hall que dá acesso à área externa, decorado por um divã e uma namoradeira. Antes que eu consiga alcançar as portas duplas com destino ao deck do jardim, um súbito breu se espalha ao meu redor, e eu congelo no lugar.

É um blackout.

Sou rápida ao sacar o canivete do esconderijo na coxa. Com a arma empunhada, giro em 360 graus no lugar, atenta a qualquer ruído. A luz da lua atravessa as janelas do hall, me permitindo enxergar o contorno das paredes e das mobílias.

Pelo canto do olho, avisto um vulto se mover pelas sombras e ouço passos se aproximando. A penumbra de um homem surge à minha frente. Mãos velozes me emboscam e me puxam pela cintura. Sou praticamente prensada contra a parede atrás de mim, cercada por braços fortes e um corpo rígido que bloqueia meu escape.

Arfo em pânico, um grito preso na garganta. Aperto o canivete entre os dedos, tentando reagir. Sinto a ponta da lâmina tocar o pescoço do sujeito, e meu corpo estremece de pavor. A claridade vinda da janela ilumina a face do homem que me encurrala. Perco o fôlego e arregalo os olhos, em choque, quando o rosto de Finch Sullivan toma forma diante de mim.

A representação da mais pura fúria flamejando em suas íris escuras. Seu cheiro familiar me rodeando. Seu corpo forte me fechando contra a parede. E meu canivete tocando seu pescoço.

Finch está aqui. Ele invadiu a mansão.

# 23

## Kaylee Clark

— Que merda veio fazer nesta maldita casa, Kaylee? — Sullivan ralha, entredentes.

Fico tão abismada que demoro a processar as palavras.

— O quê? — despejo sem fôlego, perplexa. — Como entrou aqui?

Ele não me responde, apenas me encara cheio de ódio, segurando meu tronco e me encurralando na parede. Meu canivete continua em seu pescoço, e eu petrifico no lugar. Meu olhar perdido mapeia o rosto de Finch.

— Foi você! Você apagou as luzes e fez aqueles barulhos lá fora.

Não é necessário que Finch confirme. Sei que foi ele.

Seu olhar é uma tempestade de fúria se chocando contra o meu.

— Você ficou maluca? O que deu na sua cabeça para sair com aquele filho da puta e vir pra casa dele?

Pisco devagar e afasto o canivete do seu pescoço, confusa. Finch surgiu como um fantasma. Não sei definir se estou mais furiosa ou assombrada.

— Como sabe que... espera. Você estava me espiando? Nos seguiu até aqui? Então... era você no restaurante, no meio daquele tumulto!

— Era! Vim aqui para te tirar dessa porra de lugar e é exatamente o que vou fazer. Vamos embora agora!

Nego com a cabeça.

— Não! Você não pode, vai estragar tudo. É você quem vai embora daqui, Finch!

— E se eu não for? Vai fazer o quê? — Ele chega mais perto, face a face comigo. — Vai me cortar com a porra do canivete que eu te dei? Abaixe essa merda, Kay.

— Que direito acha que tem para vir aqui e falar desse jeito comigo? Se afaste agora!

Seu olhar firme me trucida, e ele não recua. Pelo contrário. Finch é veloz ao capturar meu pulso. Meu braço é prensado na parede e sou rapidamente desarmada. Em um piscar de olhos, meu canivete vai parar na mão de Finch. A lâmina dança pelos seus dedos em uma manobra habilidosa, e Sullivan me aponta com ela, invertendo o jogo.

— Sou melhor que você nisso. Ou já se esqueceu quem te ensinou a usar uma lâmina?

Não movo um músculo, vidrada nos seus olhos ferinos e na lâmina mirada em minha direção. Vitorioso, Finch abaixa o canivete e o guarda no bolso da calça.

— Vou te tirar daqui antes que aquele desgraçado apareça, faça silêncio. — Segura meu pulso para me levar consigo.

— Não pode estar falando sério...

Seu indicador toca meus lábios para me calar.

— Se Theo nos pegar, pode ter certeza que vou abrir a boca e contar que você está fazendo ele de otário. Vou estragar seus planos, então não dê um pio!

Não tenho tempo de reagir ou de me esgueirar quando Sullivan me captura em seus braços. Meus pés deixam o chão, e Finch ampara meu corpo sobre o ombro, me carregando como se eu fosse um saco de batatas. Estapeio suas costas e esperneio. Só não grito porque, se Theo nos vir juntos, estará tudo acabado.

Finch abre as portas do saguão e me carrega pelo deck , correndo comigo pelo gramado. Enquanto sou levada à força, a mansão continua sem energia, encoberta pelo breu. Não vejo sinal de Theo ou Ramon desse lado do terreno.

Meu corpo balança com o tranco das passadas velozes de Finch, me deixando zonza. Sou levada para cada vez mais longe da casa. Ouço uma porta se abrir e reconheço as paredes de ripa de madeira e painéis de vidro.

Estamos na estufa.

Finch fecha a porta e me carrega para os fundos dela, em uma ala cercada por plantações verticais, repleta de hortaliças e trepadeiras. Então, finalmente, sou colocada de volta ao chão. A primeira coisa que faço ao retornar a terra firme é empurrar Finch para longe de mim, irritada.

— Que porra acha que está fazendo? — brado.

— Eu que te pergunto essa merda! Acha que não vi aquilo? Você estava quase beijando o Theo!

— Você não tem direito de aparecer aqui desse jeito! Está me seguindo agora?

— É, caralho! Fui atrás de você porque estava no apartamento e te vi entrando no carro daquele maluco. Segui os dois até a merda do restaurante e depois vim para cá, porque não consegui acreditar que você estava mesmo saindo com aquele desgraçado que te stalkeou!

— Bom, você também estava me espionando e me seguindo pela cidade. Isso te torna quase tão bizarro quanto ele!

Sullivan ri pelo nariz, raivoso. A revolta lampeja em seus olhos.

— Fiz isso porque me preocupei! Mas eu sou mesmo um idiota do caralho, porque corri a cidade atrás de você, fodido da cabeça de tanta preocupação, e, quando chego aqui, te vejo dando mole pro Theo!

Endureço meus traços, munida de raiva.

— Você não sabe o que está dizendo!

— Não sei? Então não ia beijar ele?

Já tivemos brigas exaltadas antes. No entanto, Finch jamais havia me olhado desse jeito. O ódio ferino refletido em seus orbes é brutal. Mas não abaixo a cabeça. Pelo contrário.

Despejo como um veneno:

— Talvez, quem sabe? Isso não te diz respeito. Pare de me cobrar como se eu te devesse satisfação!

Suas feições são moldadas pelo desgosto.

— Não tá falando sério. Não pode estar disposta a fazer uma merda dessas.

— Quem sabe o que estou ou não disposta a fazer, sou eu. *Eu* decido, e você não tem mais nada a ver com isso!

Um sorriso colérico estica seus lábios. Seu olhar zombeteiro me percorre de cima a baixo.

— É mesmo? Então seu "grande plano" é virar uma vagabunda na mão do Theo?

O ódio me domina em uma explosão poderosa. Num acesso de raiva, lanço um tapa ardido na cara de Finch, o impacto estalando alto, jogando seu rosto para o lado e machucando a palma da minha mão.

Espalmo seu peito e o empurro, pronta para estapeá-lo outra vez. Entretanto, suas mãos capturam meus pulsos, e Finch me prensa contra a parede de trepadeiras, imobilizando-me.

— Me solte agora! — exijo, controlando-me para não criar um escândalo.

— Quer que eu te solte para me bater outra vez? Boa tentativa. Vou te tirar daqui, essa palhaçada acabou!

— Por que está aqui, porra? Por que veio atrás de mim depois de me chutar? — O rancor se impregna em minhas palavras. Meus olhos se enchem de lágrimas de ódio. — Queria que eu ficasse longe de você. Estou fazendo isso. Então me solte e desapareça!

— Só saio daqui depois que você for embora. Não vou te deixar sozinha com aquele stalker filho da puta! — Os orbes irados se fixam nos meus. Finch encerra nossa distância, deixando nossos rostos a centímetros um do outro. — Não vai voltar para a mansão, Kaylee.

— Não vou te obedecer, Sullivan!

Faço força para me libertar, mas Finch não solta meus pulsos. Com os rostos tão próximos um do outro, nossas respirações velozes e iradas se misturam em sincronia. Seus olhos implacáveis me dizem que ele não vai ceder. A raiva que irradia dele é capaz de penetrar meus poros.

De uma hora para outra, um clarão distante atravessa os painéis da estufa, iluminando o ambiente. Olho para o lado, na direção da mansão, e vejo que as luzes foram religadas. Preciso retornar para lá, antes que Theo comece a me procurar.

Quando volto a encarar Finch, percebo a forma como suas íris intensas escaneiam meu corpo. Os orbes pretos viajam por cada contorno da minha

silhueta, examinando meu vestido, meu decote e minhas pernas. Sua mandíbula trinca de raiva, e ele move a cabeça com reprovação.

— Não acredito que se vestiu desse jeito para ele.

Dou de ombros com indiferença.

— Eu me visto como quiser. Esse seu... ataque de ciúmes chega a ser ridículo de tão descabido. Aliás, estou solteira. Talvez me veja com muitos homens de agora em diante, então se acostume com a ideia.

Um meio-sorriso amargo se forma em sua boca. Finch libera um dos meus pulsos e segura meu queixo. Seus dedos escorregam pela minha mandíbula e se firmam no meu pescoço.

— Pode se enfiar na cama de quantos desgraçados quiser, mas sabe que, quando estiver com eles, vai pensar em mim. — O rosto dele se inclina sobre o meu, sua respiração quente resvalando em minha boca. — Vai pensar no meu toque. E, se voltasse para lá e Theo te beijasse, você desejaria que fosse eu no lugar dele.

Meus lábios se entreabrem, falhando em desmenti-lo. Seu polegar acaricia minha jugular, o contato dispersa rajadas de calor em minha epiderme. Prendo a respiração, submersa em um transe que me impede de reagir. Um arrepio inapropriado sobe pelo meu abdômen, e, tarde demais, me vejo presa em nosso contato visual, concentrada em cada toque que recebo.

Poderia esbofeteá-lo e afastá-lo de mim. Contudo, não o faço. Os instintos mais primitivos do meu corpo imploram pelos toques que me arrepiam e dispersam fagulhas no meu coração. Embora seja um erro, meu inconsciente, instigado pela saudade, suplica para experimentar o seu caos.

Ergo o rosto, apenas um pouco, e a ponta do meu nariz roça no dele. Sou magnetizada pela intensidade furiosa das íris escuras. O corpo dele me prensa ainda mais na parede, encerrando qualquer espaço entre nós. Seu abdômen no meu, peito com peito, seus dedos firmados no meu pescoço enquanto a outra mão ainda aprisiona meu pulso esquerdo.

A raiva refletida nos olhos de Finch se transforma em algo mais. Ele me esquadrinha detalhadamente, dominado pelo fascínio.

— Finch... não podemos — sopro, delirando com a possibilidade de unir nossos lábios. Falta tão pouco. — Se Theo nos encontrar, você vai estragar tudo.

Os dedos de Finch intensificam o aperto em meu pescoço. Seu corpo me prensa com mais ferocidade contra a parede. A investida bruta me faz perder o fôlego.

— Quero mesmo estragar tudo. Quero que você nunca mais coloque os pés nesse lugar. Quero rasgar seu vestido e te foder bem aqui, te ver implorando por mais enquanto provo cada pedaço seu. Quero ter certeza que Theo não vai mais querer te tocar depois que perceber que está suja com a porra de outro homem. Porque você não pertence a ele.

— E por acaso pertenço a você? Nós dois acabamos, foi você quem se encarregou disso.

— Sei o que eu disse naquela noite, mas também sei o que enxergo nos seus olhos toda maldita vez que te vejo. Sabe o que eles me dizem? — A pergunta soa como um desafio sedutor. — Que você ainda quer ser minha.

A alegação me cala. Eu poderia mentir, mas do que adiantaria quando Sullivan sabe a verdade? Ele consegue me ler, com seus olhos sagazes perscrutando cada reação que esboço. Tudo o que eu deveria sentir é ódio. Ainda assim, há algo mais vibrando sob minha pele. Um desejo indomável que embaralha minha mente e me faz delirar com seus toques cálidos.

Perco a batalha contra a razão no segundo que os lábios de Finch pincelam os meus, provocativos. Fecho as pálpebras, aceitando minha saborosa derrota. Ele mordisca e chupa meu lábio inferior, acendendo centelhas em meu peito e me fazendo ofegar em sua boca. Meu quadril roça lentamente em seu corpo, e o moreno encaixa uma perna entre as minhas. A excitação ondula em meu ventre, incontrolável.

Eu me livro do cardigan às pressas, desesperada para me libertar das camadas de roupa. Sem perguntas, Finch agarra meu tronco e me gira no lugar. Afasta meu cabelo das costas e, com um puxão brusco, arrebenta o zíper do meu vestido. Ouço o tecido se rasgando nas mãos dele conforme Sullivan o desliza para baixo, me despindo.

Meus seios ficam expostos, e logo são capturados pelas mãos sedentas de Finch. Ele os aperta, esfregando os mamilos, e me prensa em seu corpo, pressionando sua ereção na minha bunda. Finch mordisca meu pescoço, bem embaixo da orelha. O contato me faz estremecer da cabeça aos pés, em um frenesi abrasador.

Viro-me de frente para ele e tomo seus lábios com urgência. O beijo rápido e feroz arranca meu fôlego. Chupo sua língua e gemo em um

sussurro ao ser prensada em seu membro rígido. As mãos dele se apoderam do meu corpo de modo que perco o equilíbrio ao ser levada para baixo. Sullivan me deita no chão, entre os canteiros da estufa, e se coloca sobre mim.

Finch umedece a boca e raspa o lábio inferior com os dentes enquanto contempla minha nudez, os olhos embebidos pelo desejo ao me mapear. Ele enterra o rosto nos meus seios, e minhas coxas apertam seu quadril, prendendo-o a mim. Minhas mãos viajam pelas suas costas e meu olhar se perde no teto da estufa, ao passo que Finch se delicia chupando meus peitos.

Seus beijos descem pelo meu abdômen, e Finch puxa minha calcinha. Estou encharcada, a boceta pulsando de excitação, enquanto o assisto remover a peça íntima pelas minhas pernas e descartá-la.

Sullivan espalha uma trilha de beijos pela parte interna da minha coxa. Faz tudo com os olhos fixo nos meus, como se pudesse se satisfazer somente assistindo às minhas reações. Libero um gemido sôfrego quando os lábios macios e quentes tocam minha boceta. Finch beija meu ponto sensível e desliza a língua por toda a minha vulva, me provando sem pressa e me tirando de órbita.

Travo a respiração e prendo na garganta o gemido desejoso que implora para escapar. Fecho os olhos e me entrego ao prazer, sendo lentamente saboreada por Finch. Sua língua percorre minha abertura encharcada e me penetra habilidosamente. Em seguida, Finch lambe minha outra entrada, estimulando aquele ponto com a língua. Ao mesmo tempo, seu polegar esfrega meu clitóris, e eu me esforço para não gemer alto demais. Tremores se espalham pelo meu corpo com a sensação deliciosa.

Sorrio satisfeita, presa em um transe de prazer.

— Oh... isso é tão bom... — Minha voz oscila entre os gemidos.

A língua dele volta a saborear minha boceta com maestria. Ele se dedica, absorvendo meu gosto e me chupando como se eu fosse seu banquete. Comprimo os lábios para ser silenciosa e seguro a nuca de Finch. Sedenta por mais, começo a rebolar na boca dele.

A sensação de perigo percorre minhas veias. Sei que podemos ser pegos a qualquer momento. Por outro lado, a ameaça à espreita acentua o prazer, me alucinando.

Raspo as unhas na nuca de Finch e não consigo deter a força dos arranhões que marcam sua pele. Reteso a coluna em um espasmo inebriante, e minhas pernas estremecem com a aproximação do ápice. Cravo as unhas nos ombros dele e arquejo, quase gozando.

Estou à beira do clímax, mas a boca dele se afasta de mim. Sullivan estapeia minha bunda e sopra meu clitóris suavemente, antes de estalar um beijo nele. O toque no ponto sensível me faz desmanchar de tão trêmula e desesperada por mais. Eu me apoio pelos cotovelos e ergo parte do tronco, tonta pelo torpor. Finch retira a camisa apressadamente e desabotoa o jeans, abaixando-o junto da cueca.

Umedeço os lábios, cheia de cobiça, ao me deparar com seu pau duro e delicioso. Finch estuda minha reação, e um sorriso sujo brota em sua boca. Ele envolve a ereção com os dedos e, para me provocar, começa a se masturbar.

Encho os pulmões de ar e me sento sobre as pernas, pensando que seria uma ótima ideia montar em Finch e cavalgar nele pelos próximos minutos.

— Eu mandei sair do lugar? — ele me repreende, os olhos banhados de lascívia queimando em mim.

Imediatamente, Finch segura meu pescoço, bruto na medida que mais gosto, e me empurra de volta até me deixar completamente deitada no chão. Ele vem sobre mim, a cintura encaixada entre minhas pernas e o rosto acima do meu, me encarando com determinação. O moreno estabelece uma ordem silenciosa, e seus olhos me dizem que ele é quem está no comando, não eu.

Arfo extasiada ao sentir a cabeça do pau dele separar meus grandes lábios. Sua ereção me preenche. Eu me encontro tão envolvida que não me importo com a ausência de preservativos. Eu só preciso dele.

Finch segura meu queixo e toca meu lábio inferior com o polegar. Mantém nosso contato visual ao passo que suas estocadas aceleram, movendo nossos corpos no chão em um vaivém alucinante.

É loucura.

Estou transando com Finch na casa do homem que me levou para jantar e que, nesse exato momento, deve estar me procurando.

Mordo o lábio inferior, sentindo Sullivan me preencher profundamente e sendo levada para perto do clímax. O prazer rasteja pelo meu baixo ventre

e se expande em cada extremidade, me fazendo contrair o corpo e resfolegar, louca por mais. Finch trava o maxilar, e um grunhido satisfeito vibra em sua garganta. Sua boca desliza pelo meu pescoço e me prova com voracidade.

— Viu como eu tinha razão? — petulante, ele me provoca. Sua língua rasteja até o lóbulo da minha orelha, e eu me desmancho, arfando manhosa. — Vai continuar gemendo para mim como a vadia safada que é, porque sabe que é desse jeito que mais gosta de ser fodida. Sentindo a adrenalina, o perigo de sermos descobertos a qualquer momento, o desafio. Isso te excita.

— Cale a boca, Sullivan... — gemo as palavras, alucinada.

— Sou eu quem está calando a sua boca, amor. — Ele diminui o ritmo das investidas e mordisca minha orelha. — Conheço seu corpo. Sua boceta já esteve na minha mão, na minha boca e no meu pau vezes o bastante para eu saber exatamente do que ela gosta. Vai gozar para mim quando eu quiser, Kaylee.

*Maldito!*

Eu firmo as unhas em suas costas e o arranho fortemente, não sei se pelo prazer ou pela raiva.

Finch crava os dedos na minha coxa e flexiona minha perna. Sua penetração assume uma frequência ainda mais deliciosa. Fecho os olhos com força, choramingando desesperadamente.

*Oh... céus...*

Seguro seu rosto e o trago para mim. Contudo, Finch afasta minhas mãos e prende meus pulsos contra o chão para me impedir de tocá-lo. Tento selar nossos lábios, mas ele não permite, se esquivando do beijo enquanto me fode intensamente.

O modo como ele rejeita meu afeto me mostra que esse momento de sexo tórrido não envolve sentimentalismo ou arrependimento. Isso não mudará sua decisão sobre nós. Finch só quer me dar uma lição e mostrar que eu ainda pertenço a ele, me fodendo debaixo do teto de outro homem para marcar território.

A percepção me enfurece. Ainda assim, eu não hesito. Deixo que seu toque intenso se aproprie de cada pedaço meu, anestesiada pelos espasmos deliciosos. Eu me entrego, até que não reste nada além do clímax borbulhando pelo meu corpo e me fazendo choramingar de prazer.

Com os olhos brilhando de luxúria, Finch assiste cada segundo do meu orgasmo. Seus dedos apertam meus pulsos contra o chão, e ele estoca mais rápido, ofegantemente. Seu nariz desliza pela lateral do meu pescoço, e seus dentes cravam minha pele em uma sucção faminta. O chupão é acompanhado pelos gemidos roucos que o moreno emite, com o rosto enterrado em meu pescoço.

Estou trêmula quando Finch sai de dentro de mim. Quase ao mesmo tempo, sua ejaculação escorre deliberadamente pela minha boceta. Sinto as gotículas quentes respingarem em minha intimidade e coxas.

Finch goza em mim até a última gota. Ao terminar, ele libera meus pulsos e se põe de joelhos entre minhas pernas, recuperando o fôlego após o orgasmo. O cabelo suado grudado na testa, os lábios rosados e inchados, as maçãs do rosto rubras e os olhos embebidos pelo frenesi.

Com a mente enevoada e o corpo mergulhado no mais puro deleite, eu perco as forças. Continuo parada, encarando o teto e assimilando o que acabou de acontecer.

Eu nem sei há quanto tempo estamos aqui.

Sinto as pernas frágeis ao me sentar no chão. Afasto os fios de cabelo grudados em minha testa, e olho para Finch, totalmente entorpecida. Ele se levanta rápido, subindo a calça jeans, e cata a camiseta do chão.

À medida que o efeito do clímax diminui, minha sanidade retorna ao devido lugar.

Apanho minha bolsa jogada no chão e busco pelo pacotinho de lenços umedecidos que sempre guardo dentro dela, a fim de me limpar. No entanto, paro o que estou fazendo quando Finch se aproxima.

Ele veste a camisa e observa cada pedaço do meu corpo nu. Um sorriso esperto delineia seus lábios, e seu semblante se enche de convencimento.

— Acho que não vai conseguir explicar ao Theo como acabou nesse estado, uh? Descabelada, com marcas de chupão pelo corpo e toda suja de porra. Ou vai?

Finch se abaixa na minha frente, o rosto quase na altura do meu. Segura meu queixo e me faz encará-lo. Calmo e presunçoso, ele recita:

— Querendo ou não, terá que ir embora daqui agora. Então, acho que provei o meu ponto.

Afasto sua mão com um tapa e me levanto às pressas. Quase tropeço, devido à fraqueza nas pernas e à dificuldade de me estabilizar nos saltos altos. Subo as alças do vestido para esconder a nudez. Porém, mal consigo me cobrir graças ao estrago que Finch provocou na parte de trás dele. A peça rasgada fica ridiculamente folgada, e as alças mal se mantêm no lugar.

Encaro Sullivan, enfurecida. Ele, em contrapartida, me observa dos pés à cabeça com uma notável satisfação, orgulhoso do seu feito. Quero desmoronar em lágrimas na mesma proporção que desejo estapear a cara desse filho da puta. O arrependimento recai sobre meus ombros.

Quero correr para longe daqui e me esquecer desta burrada.

Busco o cardigan do chão e o visto depressa para esconder o estrago no vestido. Recolho a calcinha jogada aos meus pés e a enfio na bolsa. Sem pensar, desvio de Finch e acelero os passos, desejando escapar da estufa o mais rápido possível. Mas Sullivan me puxa de volta.

— Ei! Espera. — Ele tira a chave do Mustang do bolso e me oferece. — Não pode ir para casa sozinha desse jeito, seu vestido está todo rasgado. Vá para o meu carro e me espere lá dentro. Deixei ele estacionado na esquina. Depois que passar pelos portões, vou pular o muro e te encontrar lá fora.

— O quê? — Pisco, perdida.

— Vou te levar para a sua casa, Kay. Pegue a chave do carro.

Franzo o cenho, ultrajada. Alterno o olhar entre a chave e seu rosto. É inacreditável que ele pense que vou acompanhá-lo depois do seu showzinho humilhante.

Trinco o maxilar, e meus ombros se enrijecem de raiva.

— Vai pro inferno, Sullivan! — Dou um tapa em sua mão, derrubando a chave do carro. — Não vou a lugar algum com você! Vou sair daqui do meu jeito. Vai se foder!

Meu rompante o pega desprevenido. Eu me esgueiro do seu alcance e marcho em disparada rumo à saída da estufa. E, pelo menos dessa vez, Finch não me segue.

Aperto o cardigan contra o corpo para me proteger do frio. Sinto as pernas doloridas ao marchar pelo gramado. A raiva vira um combustível, e meus passos ganham cada vez mais velocidade. Não cogito olhar para trás, tampouco encaro a mansão. Sigo firme em minha caminhada e atravesso os portões da propriedade, fugindo daqui.

# 24

## Finch Sullivan

Ando no meu pior humor. Sobrecarregado. Temperamental. Explosivo feito uma dinamite. Incapaz de colocar a cabeça no lugar. Nem eu gostaria de encarar meu reflexo.

*Sob efeito dela.*

Transar com a Kaylee naquela noite foi o pior erro que eu poderia cometer, porque tem sido ainda mais árduo tirá-la da cabeça depois daquilo. Eu me vejo dominado pelo desejo de tê-la outra vez, e isso não está me ajudando em porra nenhuma.

Fui eu quem colocou um ponto-final entre nós. Em contrapartida, perdi completamente o controle e fiquei maluco de ódio quando a vi com Theo. É uma tortura pensar em outro alguém tocando-a, beijando-a, inferno... não dá!

Se eu deixasse minhas emoções me controlarem, já teria invadido o quarto dela pela janela, como costumava fazer. Levaria seus lírios favoritos e a deixaria saber que não há um segundo da porra dos meus dias em que meus pensamentos não sejam governados por ela. Rasgaria meu peito com as próprias mãos e lhe ofertaria meu coração, porque sinto que não faz sentido que ele continue batendo se não for para pertencer à Kaylee.

O que construímos foi mais do que tive ou senti na vida inteira. Ainda assim, terei que arranjar uma maneira de lidar com isso.

Por ora, o jeito tem sido arrumar brigas estúpidas em bares, só para descarregar a energia acumulada e retornar aos ringues do Cerberus, pronto para arrebentar os oponentes e descontar neles toda a força da minha frustração. Mas a verdade é que, no final do dia, quando deito a cabeça no travesseiro, essas merdas não me aliviam em nada.

Estou perdido. Exausto.

Estaciono o Mustang em frente a uma lavanderia do Fosso e saio para tomar um ar, enquanto espero por Lancaster. Ele deve chegar em breve para me guiar ao galpão onde vou recolher o contrabando da próxima entrega.

Agora que voltei a trabalhar na estrada, tenho juntado uma quantia generosa. Com sorte, até o final do mês esse valor já estará triplicado.

Saco o celular do bolso e confiro as horas. São sete da noite em ponto. Enfio ele de volta no jeans e inspeciono as imediações, entediado ao observar os moradores circulando pelas calçadas.

Instintivamente, tateio o lado direito da cintura e sinto a Glock escondida sob o cós da calça. Não posso dar bobeira com meu irmão solto por aí. Por isso, tenho carregado a arma para onde quer que eu vá, sempre preparado para o pior.

De relance, vejo o sujeito de cabelos e barba ruivos cruzar a porta da loja de conveniência mais à frente. Carregando um copo de café, Devan se aproxima pela calçada.

— Chegou cedo! — ele aprova a pontualidade.

Eu me levanto do capô e pesco a chave do carro no bolso.

— Quero resolver isso logo. — Contorno o Mustang e me dirijo à porta do motorista. — O lugar onde vamos buscar a carga é muito longe daqui?

— Nada, só uns quarteirões. — Ele bebe um pouco do café.

Olho para além dele e confiro o fluxo de moradores transitando pelas calçadas.

— Tem certeza que ninguém do cartel ficou de olho em você?

— Não se preocupa, Finch. Já disse, está tudo sob controle. Você cuida das suas merdas, e eu cuido das minhas com o cartel. É simples.

Mesmo a contragosto, eu assinto. Mal vejo a hora de não precisar mais arriscar minha pele nesse maldito serviço sujo. Só mais uns dias, e depois

chega dessa merda. Repito as palavras mentalmente, visando amenizar o estresse.

Abro a porta do carro no mesmo instante que meu celular toca. Capturo o aparelho e atendo a ligação de Reid.

— O que foi? Não tô com tempo, Masih. Vou pegar estrada daqui a pouco — corto logo a baboseira para que ele vá direto ao ponto.

*— Cara, deu merda! Pegaram o Erick!*

— Como é que é?

*— Os D'aramitz, Finch. Acharam Erick no desmanche e desceram a porrada nele. Só não foi pior porque tinha uma patrulha por perto e os desgraçados tiveram que fugir. Mas Erick tá no hospital, acham que ele quebrou algumas costelas.*

— Porra! Caralho! — grito, emputecido. Minha reação atrai o olhar de Devan. Eu me afasto do carro e subo na calçada. — Eu o avisei, Reid! Merda! Erick falou que estava guardando dinheiro para pagar a dívida.

*— Ele realmente estava, mas...*

— Mas o quê?

*— Olha só. Você nunca chegou a saber disso, mas, na época que foi preso, Erick ajudou a Kay com a fiança. Deu a ela toda a grana que tinha juntado. Por isso continuou endividado.*

Nem fodendo... puta merda...

Minha explosão cessa por um segundo. Chego a perder o fio da meada de tão embasbacado que fico. Isso nunca havia passado pela minha cabeça.

Caralho, Erick se arriscou por mim.

— Em qual hospital ele está? — faço a pergunta, ainda meio aéreo.

*— Vou te mandar uma mensagem com a localização. Toma cuidado, aqueles bostas podem estar de olho em você.*

— Certo, chego no hospital daqui a pouco.

*— Falou, Finch! Te vejo lá.*

Encerro a chamada e continuo congelado no lugar, digerindo a informação. Meu olhar perplexo se perde pelas calçadas imundas, e um bolo se forma na boca do meu estômago. Nem quero imaginar o que aqueles filhos da puta podem ter feito com Erick. Esfrego o rosto com força e desgrenho o cabelo, uma pilha de nervos.

Droga... pelo amor de Deus! Espero que Erick esteja bem.

Que inferno! Em pensar que essa bosta só está acontecendo porque ele preferiu me ajudar com a fiança.

Solto um grunhido furioso e chuto e lixeira ao meu lado para descontar a raiva. Os restos de lixo se espalham pelo chão, e eu não dou a mínima. Acerto a lata com um novo pontapé, desejando arrebentá-la em pedaços.

— Ei! — Devan me chama, espantado. Olho em sua direção sobre o ombro. — O que houve?

Enfio o celular no bolso e me afasto da pilha de lixo. A explosão de nervos me deixa agitado.

— Rolou uma merda, e eu... acho que não vou poder pegar as paradas agora. Eu... — Aperto a têmpora e busco inspirar fundo. — Porra, não vai dar, Devan. Erick tá no hospital. Os D'aramitz pegaram ele.

Lancaster se aproxima e apoia o copo de café no teto do Mustang.

— O quê? Como isso aconteceu?

— Não dá tempo de explicar. — Passo por ele e sigo até o carro. — Foi mal, depois a gente acerta o lance da entrega. Pode descontar no pagamento se quiser, mas eu... — Paro de falar ao captar uma movimentação estranha do outro lado da rua.

Atrás de um poste, como se tentasse se camuflar, encontro um cara com o celular apontado para mim. Ao perceber que foi avistado, ele abaixa o aparelho e cobre a cabeça com o capuz do casaco.

Fecho a porta do carro e observo o desconhecido se apressar pela calçada. Ele olha para trás de esguelha, na minha direção, e aperta ainda mais o passo ao se distanciar.

Isso não é coincidência.

— Finch? — Lancaster me chama.

Continuo concentrado no cara do outro lado da rua ao responder:

— Tô vendo uma coisa. Tenho que ir!

Sigo meus instintos e avanço na mesma direção que o sujeito. Atravesso a rua a passos largos, determinado a tirar isso a limpo. Escuto Devan vindo atrás de mim, mas não paro para conferir. Acelero pela calçada, rumo ao indivíduo que veste jeans desbotados e um moletom branco. Quando olha para trás e percebe que está sendo seguido, ele dispara pela rua e dobra a esquina para fugir do meu alcance.

Marcho a todo vapor, seguindo seu rastro. Viro a esquina e torno a avistá-lo. Ele é rápido, mas não tanto quanto eu. O cara se enfia em uma rua lotada de camelôs e serpenteia entre as barracas para me despistar. Porém, a bagunça serve como uma seta que indica sua localização.

Mantenho o ritmo, perseguindo-o para longe das barracas e entrando em outra rua. Ele corre rumo a um parquinho vazio, saltando pelos brinquedos. Sem saída, adentra na quadra de basquete e tenta me fechar para fora da área esportiva. Contudo, eu o alcanço antes que possa bater o portão na minha cara.

Empurro o portão gradeado bruscamente. Salto sobre o cara e quase o derrubo, puxando-o pelo moletom para impedir seu escape.

— Que merda foi aquela? — rosno ao jogá-lo contra as grades da quadra. — Por que estava me vigiando?

Suas costas batem na grade, e as mãos se erguem em rendição. Arranco o capuz da cabeça dele para revelar sua identidade. O par de olhos arregalados me foca cheio de pavor, e ele respira com dificuldade. Surpreso, noto que não se trata de um homem. É apenas um garoto. Deve ter uns dezesseis anos, a julgar pelo corpo franzino e traços jovens.

É um moleque.

— Ei! — Ouço o brado de Devan. Ele vem correndo em nossa direção e invade a quadra. — Que porra é essa? Quem é esse garoto?

— É o que eu tô tentando descobrir. — Volto a encarar o garoto, encurralando-o. — Comece a falar! Quem é você e por que estava tirando fotos do meu carro?

O garoto engole a saliva e gagueja ao começar:

— E-eu... não sou ninguém. Eu... só... achei seu carro da hora. É... um modelo antigo, e eu só queria uma foto...

— Eu tenho cara de idiota, porra? — grito, sem paciência.

O garoto encolhe o corpo e arregala os olhos em pânico. Acho que nem está respirando de tanto cagaço.

— Moleque! — Devan ralha para ele, autoritário. — Tire o moletom!

O garoto pisca, confuso.

— O quê?

Devan aponta o dedo na cara dele e ordena outra vez:

— Tire a porra do moletom agora!

O garoto estremece de medo, se espremendo contra as grades. Sem ter para onde correr, o moleque se livra do moletom e o joga no chão. Devan o puxa pelo braço e ergue a manga da camiseta dele, revelando uma tatuagem pequena com o símbolo de um trevo.

— É óbvio! — Lancaster aponta para a tatuagem no braço do garoto e o empurra de volta para as grades. — Veja o sinal. É um D'aramitz.

A descoberta esclarece as coisas, me dando a certeza de que isso não é mero acaso.

Encaro o garoto firmemente e o esquadrinho da cabeça aos pés. É só um adolescente, da mesma forma que *eu* já fui só um adolescente se metendo em merdas que não deveria.

— Isso é sobre Erick Butler? — jogo a pergunta, intimidador.

— Não sei de quem está falando...

— Não seja um covarde, porra! — vocifero ao cortá-lo. O garoto paralisa, os olhos saltados de espanto se alternam entre mim e Devan. — Sei o que sua gangue fez com o meu amigo. Também sei que estavam de olho no meu carro um tempo atrás. — Agarro ele pela gola da camisa e o prenso nas grades. — É bom abrir a boca, antes que eu te arrebente! Meu amigo está no hospital, não estou brincando!

— Não... juro que não sei de nada. Só me pediram para tirar uma foto do carro. Eu... por favor, é verdade! — insiste, desesperado.

Olho para Devan de esguelha. Ele meneia a cabeça levemente em negação, sinalizando que não acreditou em uma palavra que ouviu.

Bom, nem eu acreditei.

Assumo uma conduta feroz e aperto o garoto com mais força na grade. Ele fecha os olhos e encolhe os ombros, esperando pelo pior. Nem sequer vai tentar se defender, tão intimidado que já aceitou a derrota. Por um segundo, eu sinto pena. Uma carga pesada preenche meu peito, porque sei o que é estar na sua pele. Entretanto, por culpa dos homens da facção dele, meu amigo foi parar na porra de um hospital. Sendo assim, não vou pegar leve. Quero respostas e vou tê-las.

Cerro o punho e explodo um soco na cara do moleque.

— Diga logo! — exijo. No fundo, torço para que ele coopere de uma vez e acabe logo com isso, porque Deus sabe o quanto estou odiando fazer essa merda. — Por que estava atrás de mim?

Ele geme de dor, parece zonzo. Leva um tempo se recuperando da pancada.

— Não sei...

— Caralho, diga de uma vez!

— Eu... não sei do que está falando... por favor!

Movo a cabeça negativamente, indicando que foi a resposta errada. Desfiro outro soco em sua cara para mostrar que não estou blefando.

— Diga o que estava fazendo e acabe com isso!

O garoto cambaleia para o lado e perde as forças. A única coisa que o mantém de pé são minhas mãos segurando-o pela camisa. Ele brame de dor e arqueja.

— Eles sabem que vocês são amigos — finalmente admite. Sua voz arranha conforme recupera o fôlego. — Queriam que eu seguisse você para descobrir onde mora. Eles iam bater na sua porta e cobrar a dívida do seu amigo. Se não tivesse nada, levariam o carro.

Caralho... era só o que me faltava.

Não é possível que eu não possa ter um maldito minuto de paz na porra da minha vida. É merda atrás de merda, me sobrecarregando até o limite.

Solto o garoto e deixo que recupere as forças, o corpo escorado contra as grades e a respiração desregulada. Ele segura o rosto e massageia o local atingido.

— Quanto Erick deve?

— Não sei direito. Mas ouvi algo em torno de uns quatro mil e quinhentos dólares.

Anuo devagar e analiso a situação. Não importa como, preciso resolver essa merda uma vez. Eles vão continuar voltando enquanto eu não colocar um ponto final nessa história.

— Quer saber? Não vou te soltar ainda. Você vai me levar até o responsável por essa bosta.

Os olhos do garoto quase escapam das órbitas e ele move a cabeça efusivamente.

— Não, eu não posso... por favor! Se eu fizer isso, vão acabar comigo. Estou implorando...

— Se não fizer, eu mesmo acabo com você, caralho! — Aponto o dedo em sua cara, movido pela adrenalina. — Colocaram *meu* amigo no hospital! Tô pouco me fodendo para o que acontece com você. É assim que esse mundo funciona, garoto, e, se não concorda, saia fora dessa vida de merda enquanto é tempo, antes que ela te destrua! Porque ninguém vai pegar leve com você!

O moleque fica mudo, em choque. Nem o conheço, mas espero que minhas palavras surtam algum efeito. Ele é novo, ainda dá tempo de não se tornar alguém como eu ou meu irmão. Apesar disso, não posso amolecer diante dele.

— Agora, vai parar de choramingar e fazer o que estou mandando!

Saco o canivete e o ergo na altura do rosto dele, salientando a ameaça. Seus olhos se fixam na ponta da lâmina conforme o rosto empalidece. Seus lábios tremem e ele balbucia:

— Tudo bem. Te levo lá, mas não me machuque.

Lanço um olhar duro sobre ele e abaixo a lâmina. O garoto se encontra tão assustado que não move um músculo.

Olho para Devan e decido:

— Não precisa me acompanhar. Eu vou dar um jeito nisso.

— Tem certeza? Talvez precise de ajuda para segurar o moleque enquanto dirige. — Cruza os braços e examina o rapaz. Emite um muxoxo desaprovador. — Além do mais, acho que preciso fazer uma visita aos D’aramitz. Já deixei claro que não devem pisar no Fosso, mas agora estão mandando crianças para cá. Isso não é bom.

— E o que aconteceu com aquele papo de “cada um lida com suas próprias merdas”? — eu o questiono.

Devan descruza os braços.

— Acho que vou abrir uma exceção.

Eu não sei muito sobre os D’aramitz. Talvez seja vantajoso ter a ajuda de alguém que já os conhece e está habituado a lidar com eles.

— Tá legal! — concordo. Olho para o garoto e aceno com a cabeça, indicando que se mova. — Vamos pro meu carro. Tá na hora de fazermos uma visita aos filhos da puta da D'aramitz.



Depois de passar no apartamento e encher uma bolsa com um maço de notas de cem, dirigi de volta à Royaume.

Devan está ao meu lado, no assento do passageiro. O moleque que encontramos foi amarrado nos bancos traseiros. Cobri a cabeça dele com o próprio moletom para bloquear sua visão e impedir que descobrisse onde moro. Agora, ele se mantém bastante quieto. Presumo que seja o medo.

Ironicamente, quanto mais eu tento me esgueirar dos problemas, mais eles me enlaçam numa teia pegajosa. Imaginei que fosse encerrar a noite entornando doses de conhaque em qualquer bar de quinta. No entanto, tenho novos planos, a caminho da toca dos D'aramitz, pronto para o que vier. Só quero pagar a dívida do Erick e tirar aqueles desgraçados da nossa cola de uma vez por todas.

Precisa funcionar.

Paro o carro em frente a um bar no bairro de Elio. É a primeira vez que visito a região. Há um caminhão de cerveja descarregando uma remessa de engradados enquanto homens adentram no estabelecimento com as caixas. Se o garoto dos D'aramitz falou a verdade, é aqui que vou encontrar seus superiores.

Devan é o primeiro a sair do carro. Viro-me para trás e retiro o moletom da cabeça do garoto, permitindo que volte a enxergar. Recolho o banco do carona para que ele possa saltar do veículo. Logo que chega à calçada, é recebido por Devan, que solta os braços dele das amarras.

Escapo do carro depressa e me junto a eles. Ajusto a alça da bolsa de treino no ombro, cheia de dinheiro, e a mantenho junto ao corpo, segura.

Sem discutir, o garoto segue à nossa frente, guiando o trajeto. Devan e eu adentramos no bar logo após ele. Corro o olhar pelo salão lotado, a mesa de bilhar rodeada de homens e uma TV ligada atrás do balcão de bebidas. Passamos direto pela movimentação e seguimos o moleque até um corredor nos fundos. Ele sobe uma escada e aponta para cima, indicando que precisamos continuar. Ressabiado e observador, subo os degraus no encalço dele, e Devan logo atrás.

A cada passo investido, sinto o cano da Glock pressionado na cintura. Ela só será usada em último caso. Mas, de qualquer forma, estou preparado.

Chegamos ao segundo andar do edifício. Devan caminha ombro a ombro comigo. Seu olhar vigilante inspeciona cada porta pelas quais passamos. O garoto congela os passos na metade do corredor e aponta para a porta à direita.

— É aqui. Eles estão lá dentro — informa, indicando a passagem fechada.

Troco um olhar com Devan, uma rápida checagem, e volto a encarar o garoto. Aponto para a porta com um gesto de cabeça.

— Entre e diga que estamos aqui — ordeno, áspero.

Ele engole a saliva e faz que sim com a cabeça. Com os ombros encolhidos e o olhar baixo, o garoto bate na porta algumas vezes e adentra na sala, sumindo de vista.

O ruído de vozes ecoa pelo corredor. Um timbre masculino e raivoso esbraveja xingamentos. Em seguida, o som de algo sendo esmurrado e gemidos de dor atravessam as paredes. Imediatamente, Devan e eu nos movemos e invadimos a sala de supetão.

Eu me deparo com um sujeito calvo sentado atrás de uma mesa de escritório, e outro mais jovem de pé. O garoto que nos trouxe até aqui está escorado na parede, no canto da sala, totalmente desnorteado. Ele cobre um pedaço do rosto com a mão, como se acabasse de receber um soco. Na certa, uma punição por ter nos trazido.

A dupla de D'aramitz crava os olhos em Devan, igualmente espantados com a visita inesperada. Na sequência, me fitam com o mesmo estranhamento. O homem mais velho e calvo se empertiga na cadeira e enruga a testa com reprovação. O outro sujeito, de cabelo loiro e curto, cruza os braços e se põe a postos, feito um cão de guarda, medindo-nos da cabeça aos pés.

— Que merda está fazendo aqui, Lancaster? — o mais velho ralha, aborrecido.

— Sou eu que pergunto. O que esse moleque fazia no Fosso? — Devan rebate com rispidez e aponta para o garoto que encontramos. — Achamos o pirralho bisbilhotando por lá.

O homem calvo, na casa dos quarenta anos, lança um olhar mordaz na direção do garoto, repreendendo-o por ter sido pego. O moleque permanece

estático no canto da sala, cobrindo o rosto machucado e respirando ofegante.

O cara mais velho, que julgo ser quem dá as ordens por aqui, se coloca de pé e apoia as mãos na mesa.

— O que realmente querem aqui? — rosna.

Dou um passo à frente e abro a bolsa de treino. Retiro o envelope recheado de dinheiro e o lanço sobre a mesa em um estampido. Olho diretamente na cara do sujeito, sem medo.

— Aqui tem o suficiente para cobrir a dívida de Erick Butler. A partir de hoje, acabou. Ele não deve mais nada a vocês, portanto vão deixá-lo em paz! — exijo.

O homem estreita os olhos ao fitar o envelope que arremessei na mesa. Os orbes desconfiados se alternam entre mim e o invólucro de papel pardo. Ele abre o envelope e puxa as notas de cem dólares para verificar a autenticidade delas.

— Tem cinco mil aí — aviso, seco. — Isso é mais do que ele devia. Vão parar de mandar pessoas atrás dele ou de mim, está tudo pago!

O sujeito arqueia uma sobrancelha, curioso. Ele se concentra no dinheiro espalhado na mesa e leva um tempo meditando. Seu olhar ardiloso me foca, e um sorriso cético brota em seu rosto.

— Seu amigo nunca comentou que estava metido com os Narvaez... — Olha para Devan e emenda: — Então não se incomoda que eles estejam comprando da concorrência, Lancaster?

— Escute aqui, porra! — Devan avança até a mesa com passos pesados. O outro cara se aproxima, em alerta para contê-lo caso seja necessário, porém não toca um dedo nele. — Vim aqui por dois motivos. Primeiro, para me certificar que vão parar de mandar crianças para o Fosso! Segundo, para garantir que todas as pendências de Erick Butler estejam encerradas. Já tem o seu dinheiro, então, a partir de agora, vão deixar esses garotos em paz.

O homem sorri, surpreso. Coça a barba por fazer e cruza os braços.

— Essa é novidade. Não sabia que estava colocando viciados sob a sua proteção.

— Pense o que quiser! — Devan espalma as mãos na mesa e chega ainda mais perto do cara ao decretar: — Estão proibidos de fazerem qualquer merda com eles. Não vão querer pagar para ver. Agora que o

delegado morreu, as coisas não andam boas para vocês, certo? Eu sei disso. Sem aquele miserável por perto para adiantar o lado dos D'aramitz, estão cada vez mais expostos. É questão de tempo até se mandarem de Faigan. Não vão querer comprar nenhuma briga comigo e os Narvaez agora.

O homem hesita em responder. Ele e o outro sujeito se entreolham, ambos sem argumentos e intimidados. O mais velho aperta a mandíbula e solta um riso nasalado, puto da vida. Ele apanha o bolo de notas de cem jogado na mesa e se concentra no dinheiro.

Cada músculo do meu corpo está rijo, e me vejo pronto para sacar a Glock a qualquer instante. Estudo milimetricamente cada ação do gângster ao passo que ele contabiliza as notas uma por uma.

— A dívida foi paga — o miserável sentencia a contragosto. Seu olhar fulminante me encontra, e ele completa: — A partir de hoje, o nome de Erick Butler está limpo outra vez.

Sustento o contato visual, igualmente sério.

— Ótimo — rebato no mesmo tom.

— Os senhores querem mais alguma coisa ou era só isso? — A pergunta vem banhada em ironia, em outras palavras, nos convidando a nos retirarmos.

— Por enquanto, é só isso — Devan avisa. Aponta na direção do cara atrás da mesa e prossegue: — Espero não ter motivos para voltar aqui futuramente. Não mande crianças ao Fosso outra vez!

As veias das têmporas do sujeito se dilatam, e os olhos nublam. É notável o quanto está se esforçando para engolir a raiva e ceder às ordens do Lancaster. Isso confirma o que Devan afirmou. Os D'aramitz estão mesmo encurralados após a morte de Callum. Do contrário, não pareceriam tão intimidados.

O homem calvo lhe oferece um sorriso cínico.

— Não se preocupe, Lancaster. Continue na sua área, e eu continuo na minha. Mas se certifique de que a *sua* gente não vai mais comprar nada de nós. Não queremos fazer negócio com ninguém que possua ligação com vocês.

— Sem problemas. Não vai se repetir. Agora, estamos de saída. Certo, Finch? — ele me questiona.

Faço que sim com a cabeça.

Fecho a bolsa e olho na direção do garoto. Ele continua escorado no canto da sala, totalmente acuado enquanto nos observa. Seu olho esquerdo está roxo, bastante inchado, e o lábio cortado. Eu me pergunto com que idade ele entrou nessa vida, se tem família, se estuda, como caralhos acabou aqui.

Sinto um nó apertar a garganta, feito uma corda enlaçando meu pescoço. O ar que adentra meus pulmões se torna denso demais, me sufoca. Paro de olhar o garoto, porque é insuportável me ver nele, no passado. Aquele jovem Finch sem nenhuma perspectiva e desesperado, tão perdido que se viu disposto a vender a alma sem medir as consequências.

Num rompante, dou as costas a todos e escapo da sala a passos largos, a fim de dar o fora desse lugar e me desligar das lembranças despertadas por ele.

Não espero por Devan. Cruzo o corredor e desço a escada o mais rápido possível. Atravesso o bar sem olhar para trás, necessitando de ar puro para amenizar a compressão que assola meu peito. Empurro as portas e respiro profundamente ao chegar à calçada.

Puta merda... que sensação fodida. Um turbilhão de recordações remexidas em minha mente.

Arrasto as mãos pelo cabelo e puxo ar pela boca, buscando trancafiar cada memória de volta em seu devido lugar. Não quero pensar no passado.

Escuto as portas do bar se abrirem e me recomponho quando Devan ressurge, vindo em minha direção.

— O que aconteceu? — ele quer saber, estranhando meu comportamento.

Movo a cabeça em negação e desvio o olhar.

— Nada. Só queria dar o fora de lá.

— Bom, não tem mais com o que se preocupar. Eles não vão perturbar você ou seu amigo outra vez. Não agora que pensam que estão sob a proteção do cartel. Acabou, garoto. Descanse. — Ele dá um tapinha em meu ombro. — Agora vamos, tem que me deixar de volta no Fosso.

Ele passa por mim e segue na direção do carro estacionado. Todavia, permaneço onde estou.

— Espera, Devan! — chamo por ele. O ruivo trava os passos e se vira para mim. — Você me ajudou pra caralho lá dentro. Por que fez isso? Sei que já conversamos mas... para que se esforçar tanto para me ajudar?

Lancaster retorna. Expira tranquilamente e leva as mãos aos bolsos da jaqueta marrom.

— Não tem mistério, Finch. Acho que só queria mostrar que posso ser confiável. E também porque, anos atrás, eu conheci alguém exatamente como você. Ele era jovem demais quando se envolveu com umas merdas pesadas e nunca mais conseguiu sair.

Crispo o cenho, sem saber aonde ele quer chegar.

— E o que aconteceu com ele?

Lancaster ri pelo nariz e meneia a cabeça. Seu olhar se perde por um segundo pelas ruas, e ele move os ombros.

— O tempo passou. Ele ficou mais velho, aprendeu a dançar conforme a música e até conseguiu uma alta patente em um negócio sujo e lucrativo. Mas ele nunca parou de pensar em deixar tudo para trás. Até hoje, ele pensa nisso.

Suas palavras me intrigam tanto que sou incapaz de cobrar por mais esclarecimentos.

Devan me dá as costas e avança para o carro. Eu continuo enraizado no lugar, sem reação ao perceber que isso não é uma mera história. Ele não está se referindo a qualquer um, é claro que não.

Está falando de si.

Ele se viu em mim, por isso me ajudou.

Pisco devagar e, em silêncio, caminho até o Mustang. Entramos no carro e assumo o volante, pensativo.

Talvez Devan Lancaster e eu tenhamos mais em comum do que eu poderia imaginar.

# 25



## Finch Sullivan



Erick voltou do hospital hoje pela manhã.

Ao contrário das suspeitas, ele não sofreu nenhuma fratura, embora tenha apanhado feio. Ganhou um olho roxo e escoriações pelo corpo, mas, por sorte, nada tão grave. Alguns analgésicos para aliviar a dor muscular e um pouco de repouso estão sendo o suficiente.

Fico aliviado por ter quitado sua dívida ontem. Menos uma preocupação para encher minha cabeça. O lado ruim é que precisei desfalcar o valor que estou juntando para liquidar o empréstimo da Kaylee. Bom, pelo visto terei que pegar firme nas entregas para o Devan daqui em diante.

Bato três vezes na porta do apartamento e espero, sem paciência. Estou quase atrasado. Preciso correr para pegar estrada dentro de alguns minutos e, mais tarde, terei que me organizar para a luta no Cerberus. Venho me mantendo invicto desde que retornei aos ringues e estou contanto com a bolada que vou descolar hoje à noite, depois que derrubar o babaca da vez.

A porta se abre, e Erick surge à minha frente. Um olho roxo e resquícios de hematomas decoram o rosto dele.

— O que foi, Finch? — ele pergunta, rouco e exausto. A cara amassada de sono e o cabelo loiro desgrenhado indicam que saiu da cama há pouco.

— Vim ver como estava, não vou demorar.

Erick esfrega a testa ao franzir o rosto, como quem enfrenta uma enxaqueca. Abre mais a porta e me deixa entrar no apartamento. Pela primeira vez em muito tempo, o lugar parece razoavelmente arrumado, e isso até me espanta. A mesa de centro sem copos ou garrafas, as almofadas organizadas no sofá, o chão limpo e a bancada da cozinha livre de caixas de pizza?

Porra, Butler deve ter batido a cabeça quando apanhou.

Ele me guia à sala. Ainda que não tenha fraturado nenhum osso, parece esgotado pelas dores musculares.

— Como estão as coisas? — solto a pergunta.

Erick me fita sobre o ombro.

— Péssimas, tomei uma surra do caralho. — Descansa o corpo exausto no sofá à minha frente e expira pela boca. Continuo de pé. — Agora que os D'aramitz sabem onde trabalho, eu tô fodido. Mas pode falar, você me avisou. É, eu sei disso.

Estalo a língua e rio pelo nariz, porque, porra, eu avisei mesmo! Mas não vou ser cuzão de esfregar isso na cara dele. Pelo menos, não depois que descobri o que fez por mim. Se não fosse pelo Reid, eu jamais saberia que Erick abriu mão de pagar a dívida só para ajudar com a minha fiança. Isso me deixou reflexivo pra caralho.

— Sobre isso, não precisa mais se preocupar — revelo, e Erick me fita sem compreender. — A sua dívida está paga, e ninguém vai voltar a te incomodar.

Suas sobrancelhas se unem, desenhando uma confusão em seu semblante.

— Do que tá falando, Finch?

— Fui até os D'aramitz ontem. Devan estava comigo e me deu uma mão. O importante é que sua dívida foi quitada e nenhum daqueles filhos da puta virá atrás de você. Mas nunca mais pode comprar merda nenhuma deles, é sério. Isso acaba aqui.

Ele fecha e abre as pálpebras, sem parecer ter entendido. Apruma a postura e, com certa lentidão, se ergue do sofá.

— Espera, Finch. Como assim? Você pagou a dívida?

Dou de ombros, como se isso não fosse importante.

— É, eu tinha um dinheiro sobrando e quitei tudo. Acabou.

Erick abre a boca, sem palavras. Move a cabeça com descrença e dá um passo para trás, processando o que ouviu. Poucas vezes na vida eu o vi tão perplexo.

— Caralho... Finch... não precisava fazer isso. É sério. Te falei que daria meu jeito, e eu ia. Não queria que se envolvesse nessa bosta.

Balanço a cabeça em negação, tranquilizando-o.

— Sei o que fez por mim, Reid me contou. Só estava devendo pros caras até hoje porque escolheu me ajudar quando fui preso. Então, não me deve nada. Me ajudou quando precisei, e eu fiz o mesmo. É o que fazemos pelos amigos.

Erick não responde, somente me encara, visivelmente impactado. Concorda com a cabeça e limpa a garganta. Um sorriso fraco estica seus lábios.

— Tem razão, é o que fazemos.

— Vou ser honesto, Butler. Teve um tempo que eu não sabia se ainda podia confiar em você. Mas hoje sei que posso e quero que fique bem.

Ele anui com a cabeça. Seu olhar despenca, e Butler coça a nuca, absorto em pensamentos. Quando volta a me encarar, seus olhos azulados transparecem gratidão.

— Isso significa muito, Finch. Pra caralho. Não vou esquecer o que fez.

Um sorriso curto e breve desponta em meus lábios.

— Depois que eu me mandar de Faigan, sabe que ainda vai poder contar comigo, certo? — Dou um toque em seu ombro, bem-humorado. — E, se uma hora se meter numa merda grande e precisar de exílio, vai saber onde me achar.

Erick ri, descontraído, e faz que sim com a cabeça.

— É, eu tô ligado. E digo o mesmo. Qualquer coisa que estiver ao meu alcance, vou estar lá, cara. Pode crer!

Trocamos um aperto de mão, e o puxo para um abraço. Dou tapinhas em suas costas ao repetir que quero que ele fique bem e se cuide. Ao nos afastarmos, vejo Erick Butler sorrir como há muito tempo não via, genuinamente agradecido.

— Agora, vou nessa — aviso. — Preciso pegar estrada e, mais tarde, vou lutar no Cerberus.

— Beleza, cara! Boa sorte nas entregas e na luta!

— Valeu, Butler! — Bato uma continência para ele e sigo em direção à porta.

Quando tudo dá errado na nossa vida, às vezes, tendemos a acreditar que estamos sozinhos. Que o mundo num todo nos virou as costas e que só o que resta é definhar na solidão. Por muito tempo, fui abraçado por esse sentimento. Mas a verdade é que Erick Butler, com todos os defeitos, sempre esteve lá.

E eu me sinto bem em poder ajudá-lo de alguma forma.

Saio do apartamento e cruzo o corredor do prédio, rumo à saída.

Assim que atravesso as portas de entrada e desço os degraus para a calçada, eu cometo a tolice de olhar as janelas da construção do outro lado da rua. E o que vejo provoca um nó em meu estômago e faz meu coração se fragmentar em mil pedaços.

Porque a dona dos meus pensamentos está logo ali, debruçada em sua janela, olhando diretamente para mim. Kaylee veste um suéter branco. O cabelo está solto e úmido, como quem acaba de sair do banho. Se eu me concentrar, posso até sentir o cheiro dela em minhas narinas. Seus olhos estão cravados em mim. Os orbes acobreados, tão belos e admiráveis, agora parecem dilacerantes, alimentados pelo rancor como se tivessem o poder de me castigar.

E realmente têm esse poder sobre mim.

Estive evitando essa garota para fugir da intensidade dos meus sentimentos. Mas é impressionante o quanto o meu esforço cai por terra sempre que nossos olhares colidem. Perco o eixo, a razão, e me transformo em um emaranhado de emoções desenfreadas.

Kaylee paira o olhar sobre o Mustang estacionado em frente à calçada. Respira fundo e abraça o corpo. Minha mente se dissolve, esvoaçando como grãos de areia, quando suas íris tornam a me focar. O semblante endurecido, forjado pela mágoa, evidencia o quão ferida ela está.

Eu poderia ser massacrado nos ringues, ter cada osso do meu corpo triturado e ver meu sangue escoando pelo chão. Ainda assim, nenhuma dessas dores se equipararia ao quanto é doloroso partir o coração dessa mulher.

Se o coração dela está partido, o meu já nem existe mais. São só resquícios imprestáveis, cacos pontiagudos perfurando meu peito.

Em um mundo ideal, eu me colocaria de joelhos para reconquistá-la. Mas é uma péssima ideia. Se Kaylee quiser sentir raiva de mim, que sinta, será mais fácil para nós dois. Não posso permitir que meus sentimentos por ela me dominem outra vez.

Portanto, luto contra a vontade insana de correr até aquela mulher e beijar sua boca, sentir sua pele macia, me inebriar com seu cheiro e ouvi-la suplicar por mais. Ao invés disso, quebro nosso contato visual e marcho depressa em direção ao Mustang.

Em farrapos, entro no carro, dou partida e vou embora.

# 26

## Kaylee Clark

Venho tentando apagar aquela noite da memória.

Foi desastrosa.

Já faz quase uma semana, e as malditas lembranças se mantêm despertas. O ódio, na mesma medida, se mantém inflamado no meu peito.

Sullivan me manipulou, encoberto por aquela aura imponente e sedutora que eu bem conheço, jogou com meus sentimentos para me ter nas mãos e me induzir a obedecê-lo. E eu caí na sua lábia como um patinho.

Finch escolheu abrir mão de nós. Ele não deveria se sentir no direito de interferir nas minhas decisões. Não deveria me levar a um paraíso alucinante com seus toques, tampouco me fazer imergir na torrente de sentimentos que surgem à tona toda maldita vez que seus lábios me provam. Finch não tinha esse direito, não depois de aniquilar o que construímos.

Travo uma batalha interna entre a saudade e a mágoa. Sinto falta das nossas conversas na cama, de me aninhar nos braços dele e adormecer recebendo seus beijos e cafunés. Sinto falta de ver aquela carinha confusa sempre que me ouvia falar em francês. Sinto falta dos apelidos que ele me deu, era gostoso fingir odiá-los, quando, por dentro, eu me derretia. Sinto falta do contraste singular que existe entre o Finch Sullivan vulnerável, que se permite sentir, e o outro Finch, que se esconde atrás de uma armadura.

Temos evitado um ao outro como se fôssemos contagiosos e o mínimo contato pudesse desencadear uma catástrofe. Quando suas janelas se encontram abertas, as minhas permanecem seladas. Quando meu olhar paira sobre o dele pela vizinha, Finch rejeita o contato visual e foge.

Não nego que venho sendo alimentada pelo desejo de retribuir a dose de humilhação que recebi naquela noite. Adoraria ver sua prepotência incorrigível ir por água abaixo e esfregar em sua cara que não estarei à disposição para quando bem entender.

O que mais tem tirado o meu sono é saber que, ainda que relute, preciso da ajuda dele para executar meus planos na mansão. Afinal, nunca fiz algo semelhante e nem sequer saberia por onde começar. Finch, em contrapartida, é um exímio arrombador de fechaduras e poderia destrancar aquela gaveta na mesa de Theo sem deixar rastros.

Eu tentei. Meditei por dias atrás de um plano B. Contudo, nada parece tão seguro quanto unirmos forças por um bem comum.

Bom, se isso acontecer, será a última coisa que faremos juntos, antes que Finch deixe a cidade. Adoraria dizer que o pensamento não me devasta, mas sei a dimensão dos sentimentos entranhados no meu cerne.

De qualquer forma, logo vai acabar, visto que estive sondando Theo e descobri que ele fará uma viagem a Denver em uma semana. Nesse mesmo período, Aimée e Ramon estarão em recesso, fora da mansão. Seria o momento perfeito para a invasão.

Como tenho acesso aos horários de Theo, posso monitorá-lo. Finch usaria as chaves da mansão, permitindo uma entrada discreta. E, no melhor dos casos, eu teria a chance de descobrir a qual cômodo pertence àquela velha chave que encontrei certa vez, em uma de minhas buscas.

Poderia dar certo.

Abro uma fresta em minha cortina e espio as janelas do outro lado da rua. Todas fechadas. Hoje mais cedo, vi Finch entrar no Mustang e sair. Portanto, presumo que ainda não tenha retornado.

Sendo assim, me sinto encorajada a descer do flat e sair do edifício. A claridade vespertina banha as calçadas, e a brisa fresca do fim de outono beija minha pele. Evito pensar muito, somente atravesso a rua e adentro no prédio da sra. Liu. Sigo direto até o apartamento no final do corredor e bato à porta. Logo que a passagem se abre, levo um susto ao me deparar com Erick Butler repleto de hematomas e um olho roxo.

— Ei, Kay! — ele me cumprimenta.

— O que houve, Erick? — Meu olhar alarmado o percorre de cima a baixo.

— Longa história... — Ele coça a cabeça e se escora no batente. — Sabe aquele meu problema com uns traficantes a quem eu devia dinheiro? Eles me pegaram.

Levo a mão à boca, abismada.

— Meu Deus! Como você está?

— Me recuperando da surra. Mas não foi tão grave, tô legal. A dívida foi paga, então acho que não tenho mais com o que me preocupar. Finch cuidou de tudo. — A menção ao nome de Sullivan faz meu semblante se desmanchar. Erick percebe isso e troca de assunto: — Mas... como estão as coisas? Seu primo ficou bem?

— Sim, teve alta na semana passada. Ele está bem melhor.

— Isso é bom. Mas por que veio aqui? Rolou alguma coisa?

Faço que não com a cabeça e encolho os ombros.

— Não, na verdade, eu só queria saber do Finch. Tenho que conversar com ele, é sobre Theo Périgord.

Ele assente.

— Agora ele deve estar na estrada. Mais tarde, vai lutar no Cerberus e depois para a Linha Velha com o pessoal de sempre.

Mordo o canto da boca, matutando. Observo a escadaria para o andar superior e torno a focar em Erick.

— Sabe mais ou menos que horas ele estará na Linha Velha?

— Não sei, mas, qualquer coisa, fala com o Reid. Ele deve aparecer por lá. Pode te ajudar mais do que eu.

— Tá legal! Obrigada, Erick. Agora, já vou. E melhoras!

Ele acena com a cabeça e sorri.

— Valeu, Kay!

Eu me afasto pelo corredor e escapo do prédio. Puxo o celular do bolso do short jeans e confiro as horas.

Certo. Acabo de traçar um objetivo para mais tarde.

Ir até a Linha Velha.



Nash me emprestou o carro dele hoje à noite.

Dirigi por trinta minutos até chegar na Linha Velha. Ainda da estrada, já era possível enxergar um ponto longínquo de claridade no meio de deserto, onde a festa regada a álcool e música alta acontece madrugada adentro.

Saio da estrada e dirijo pela areia, em direção aos velhos vagões cercados por uma multidão agitada, fogueiras dispersas e veículos estacionados.

Através do retrovisor, confiro a maquiagem, orgulhosa do delineado impecável que realça meu olhar. Uma trança longa desce do topo da minha cabeça até o busto, de modo que os lírios e os corações-sangrentos tatuados ficam em evidência.

Puxo um tubinho de gloss de cor cereja da bolsa para retocar os lábios. Depois, ajusto as alças finas do vestido vinil preto. Seu zíper frontal termina na abertura do decote. O tecido justo me aperta nos lugares certos, acentuando minha silhueta e garantindo uma visão generosa das minhas pernas. É indiscutivelmente ousado.

Eu não precisava estar aqui. Poderia esperar por Finch em seu apartamento. Contudo, preferi vir ao lugar onde Sullivan mais odiaria que eu estivesse. Conheço sua personalidade superprotetora e dominante, portanto, estou certa de que nada o deixaria mais puto do que me ver produzida dessa forma em uma festa na Linha Velha.

Fiz questão de estar impecável, porque quero que ele me veja, que me ache tão deslumbrante que seja incapaz de desviar o olhar. Quero que ele me deseje como nunca antes e que se arrependa amargamente quando perceber que jamais me terá outra vez. Não estou nem aí para o quanto isso pareça mesquinho ou imaturo.

Ele me desafiou na estufa e acertou meu ponto fraco. Nada mais justo do que revidar com seu próprio veneno. Se Finch acha que está lidando com alguma covarde, vai perceber que não sou desse tipo.

Abro a porta do carro e deslizo para fora. As batidas no meu peito aceleram gradativamente quando a sola dos meus coturnos toca o terreno

arenoso. Passo a alça da bolsa pelo ombro e inspiro fundo para me preparar.

Meu olhar viaja pelo entorno, e examino a concentração de jovens reunidos na Linha Velha, alguns bebendo perto das fogueiras, outros dançando em grupos mais animados. Vários trailers se mesclam à baderna, e é quase impossível contabilizar o número de pessoas festejando no deserto ao som da música eletrônica.

Eu me misturo entre a galera sem saber ao certo por onde iniciar a busca. Deixo meu instinto me guiar, marchando de queixo erguido e com passos confiantes, como se estivesse muito à vontade.

O visual das garotas daqui se parece com o meu: vestidos curtos e maquiagem caprichada. Corpos suados se movendo ao ritmo da música e copos descartáveis amparados em suas mãos. Passo direto pelo grupo de homens que cerca um trailer vermelho, rodeada pelo cheiro inconfundível de maconha e álcool.

Estaco os passos próxima a uma mesa abastecida com vários coolers de bebida. Com algum esforço, entre o vasto fluxo de pessoas, avisto a ponta de um vagão. Não devo estar muito longe dos trilhos.

— Kaylee?

Olho para trás e vejo Reid surgir. Ele se apressa na minha direção, surpreso ao me ver. Suspiro e relaxo os ombros, aliviada por encontrar um rosto amigável.

— O que veio fazer aqui? — ele pergunta. Seu olhar confuso me percorre dos pés à cabeça.

— Sullivan e eu temos assuntos pendentes. Sabe onde posso encontrá-lo? Quero resolver isso e dar o fora daqui.

Reid coça a nuca e olha em volta.

— Beleza. Eu posso te levar lá. Vou mandar uma mensagem pra ele avisando que te encontrei e...

— Não, não. Quero aparecer sem avisar. Me leve até ele, Reid, ou vou me perder aqui.

— Tá legal, vem. — Ele me oferece sua mão. — Finch tá perto dos vagões.

Aceito a mão dele e deixo que me guie entre a movimentação. Passamos ao lado de um carro com as caixas de som ligadas, o que torna impossível escutar as palavras de Masih. Ele chega mais perto de mim ao perguntar:

— Não quer beber nada? Tem uns coolers por aqui. — A voz bem próxima do meu ouvido consegue superar a barulheira da música.

Gesticulo ao negar, para que entenda.

— Não, obrigada. Não posso me distrair.

Contornamos uma fogueira cercada de homens, um grupo falante que conversa e gargalha alto. Alguns deles me encaram fixamente, seus olhos me conferindo por inteiro, sem nem disfarçar. Mais à frente, percebo que certas garotas também reparam em mim.

Ao nos afastamos do barulho e do pico de agitação, viro-me para Reid e comento:

— Tem um monte de gente me olhando. É estranho.

— Nem pode culpá-los, Kay. Você está linda. E, também, talvez eles te conheçam daquela noite em que apontou um canivete para um homem no Cerberus. A história ficou famosa por lá.

— O quê? — Libero um riso nervoso, um pouco desacreditada. — Então tem gente que me conhece só por causa disso?

— É. Disso e também por causa do Sullivan. Esses caras podem estar morrendo de vontade de chegar em você, mas pode apostar que nenhum deles fará isso, graças a ele.

Franzo o cenho em uma careta e dou de ombros.

— Nem estamos mais juntos.

— Mas eles não sabem disso, não vão arriscar irritar o campeão do ringue.

Faço uma breve inspeção ao meu redor e flagro alguns caras me fitando enquanto cochicham entre si. Acho que Masih tem razão.

— Finch tá para lá — Reid informa e aponta para os vagões ladeados por um agrupamento de pessoas e carros estacionados. — Dá pra ver ele daqui.

Olho na direção indicada e, sem dificuldade, vejo Finch sentado no capô de um carro. Veste regata preta que evidencia as tatuagens de seus braços. Com um baseado preso nos dedos, ele dá um trago e encara o céu ao soprar a fumaça, distraído.

Dou um passo à frente, prestes a marchar ao encontro dele. Todavia, meu corpo congela no lugar no segundo que Finch olha na minha direção. E

ele me vê. Seus olhos se estreitam, e os lábios se entreabrem, demonstrando surpresa.

Meu coração tropeça nas batidas, e avanço outro passo. Entretanto, o lapso de determinação se esvai por completo quando uma mulher de cabelos loiros e vestido vermelho se aproxima de Finch. Uma de suas mãos cobre o joelho dele, a outra apanha o baseado de Sullivan para dar um trago.

Finch não reage à chegada da mulher, como se ela nem estivesse ali. Olha de mim para o amigo e enrijece as linhas de expressão, visivelmente insatisfeito com a minha presença. A loira toca o ombro dele e espalma a mão em seu peito ao dizer algo, exalando intimidade. Sullivan não a afasta. Pelo contrário, permite que a mão dela o explore sem ressalvas.

Os orbes pretos se mantêm fixados em mim, carregados de tensão. Não consigo decifrar a latente mudança que esculpe seus traços, antes afiados e agora simplesmente insondáveis. Me sinto diante de uma máscara impenetrável.

Reid, ao meu lado, murmura um palavrão baixinho ao se dar conta do clima instaurado entre nós.

Engulo a saliva, os olhos ardendo e a garganta apertando. Apesar do baque, não desmorono. Finch toma o baseado da mão da mulher e o leva à boca para dar uma longa tragada. O seu olhar compenetrado em mim me faz acreditar que ele virá ao meu encontro. Porém, em dado momento, ele desfaz o contato visual e abaixa a cabeça, fazendo de conta que não estou mais aqui.

Sua covardia me enfurece. Quando me encontrou com Theo, ficou tão enfurecido que nem hesitou em quebrar as próprias regras. Agora, me rejeita como se eu fosse algo descartável, que ele pode tomar para si quando quer e desprezar quando achar que deve.

Paro de encará-lo e recuo alguns passos. Expulso o ar com força ao ser abraçada pela amargura.

— Eu mudei de ideia — aviso ao Reid. — Vou querer uma bebida.

— Não acha melhor ir para casa, Kaylee? Posso te levar se quiser. Tô com o furgão e...

— Só traga a droga da bebida, Reid! Vim aqui para falar com Finch, e é o que vou fazer.

Minha determinação o surpreende. Ele não discute, apenas assente e me pede para aguardá-lo. Depois que Masih se afasta, viro-me de costas para os vagões e, desse modo, me proíbo de olhar na direção de Finch.

O nó na minha garganta se expande cada vez mais. A vontade de chorar faz parecer que meus pulmões estão se comprimindo.

Talvez eu deva mesmo ir embora.

Assim que Reid retorna com uma cerveja gelada, tomo a garrafa das mãos dele e ingiro vários goles.

— Quem é aquela garota com ele? — sou direta.

— Sinceramente, eu nem sei. Ela apareceu ainda há pouco e ficou se jogando no Finch. Mas ele nem estava dando bola para ela, até onde eu vi.

Rolo os olhos e rio sem humor.

— É claro, faz sentido — resmungo, rancorosa. — Não vou me surpreender se ele começar a agarrá-la na minha frente só para me afastar. É a cara dele fazer uma merda dessas. — Bebo mais cerveja, odiando o gosto amargo, e meus dedos apertam a garrafa com tamanha a fúria. — Filho da puta!

Reid me olha com lamento e segura meu rosto. Encontro cumplicidade em suas íris castanhas.

— Porra, eu sinto muito, Kaylee.

Nego com a cabeça, recusando sua pena.

— Não diga isso, não quero parecer uma coitada.

— E, com certeza, não é. Você é linda, corajosa, esperta pra caralho, tem um ótimo senso de humor e é bastante pirada — declara, divertido, e eu sorrio sem querer, ainda emotiva. — Se existe algum coitado nessa história, é o cara que está te perdendo.

Esvazio os pulmões, tentando me acalmar. Uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto, e eu me odeio por parecer tão vulnerável. Reid desliza o polegar pela minha bochecha gentilmente para secá-la. Fungo, conseguindo suprimir a vontade de chorar.

— Obrigada por dizer que sou linda, corajosa, esperta e gostar do meu senso de humor. — Minha voz é um fiapo.

— E pirada, essa parte é importante.

Um sorriso involuntário delineia minha boca. Mordo o lábio para cessar o gesto.

— É sério, Reid. Obrigada por estar sendo legal comigo e me dando uma força.

Seu polegar faz um carinho na maçã do meu rosto para me confortar. Seus olhos sorriem para mim.

— Não é nada, agora vem cá. Precisa respirar. — Com a mão em minhas costas, ele me conduz, levando-me para longe dos vagões.

Permito que Reid me guie pela festa. Paramos ao lado de uma mesa com um cooler lotado de cerveja. Tenho certeza de que, se eu olhar para trás, ainda conseguirei avistar Finch. Mas não o faço.

Não vou suportar vê-lo.

— Como estão as coisas? Seu primo já voltou para casa? — Reid puxa o assunto para me distrair.

— Sim, já faz uns dias. Aliás, ele me pediu para agradecer o que fez por ele. Você o ajudou muito.

— Fico feliz em ouvir isso, Kay. Bom saber que ele tá legal.

Bebo mais um pouquinho da cerveja e apoio a garrafa na mesa. Começo a apertar os nós dos dedos, impaciente. Se antes eu me via convicta a bater de frente com Finch, agora já não sei mais se devo. Reid me analisa por um tempo. Ele se escora na beirada da mesa de ferro e cruza os braços em frente ao peitoral.

— Olha... sem querer ser enxerido, mas vou me meter um pouco nesse lance entre você e o Sullivan. Tô vendo que tá triste, então só queria dizer que ele se preocupa pra cacete com você. Finch sabe que a vida que leva sempre vai atrair pessoas perigosas que podem usá-la para atingi-lo. Você nunca estaria totalmente segura. Ele não quer que passe por essas merdas, e só por isso vai embora.

— Reid, o problema não é só esse. Mas sim a forma como ele lida com a situação. Tipo agora, agindo com indiferença e deixando outra mulher tocá-lo na minha frente. Tenho vontade de ir até lá e quebrar essa droga de garrafa na cabeça dele.

Suas sobrancelhas sobem com surpresa, e um sorriso idiota estampa seu rosto.

— Seria engraçado, vai?

— Cala a boca. — Rio fraco e rolo os olhos.

— Mas a culpa também é sua. Se tivesse aceitado sair comigo naquela época que estive flertando com você, estaríamos firmes até hoje, linda.

— O quê? — Uma risada boba me escapa, contra a vontade, e minhas bochechas esquentam. — Está mesmo flertando comigo outra vez?

Reid dá um toquinho no meu ombro e pisca para mim, descontraído.

— E por que não? Só quero te fazer rir um pouco. E funcionou, olha só! Não está mais chorando.

Comprimo os lábios para conter o sorriso abobalhado que luta para tomar forma. Busco a garrafa na mesa e bebo mais um pouco de cerveja.

Dessa vez, não detenho o impulso que me faz girar o rosto e olhar discretamente na direção de Finch. Ele continua sentado no capô do carro, e seus olhos se mantém mirados em mim. A mulher de vermelho permanece pendurada nele, tentando chamar sua atenção.

*Desgraçado!*

Tenho vontade de ir até lá e criar um escândalo ao xingá-lo das piores ofensas. Seria uma cena e tanto. Mas, pensando bem, conheço uma forma muito mais eficaz de atingi-lo. Se Finch queria me enfurecer, fez um belo trabalho. Estou puta e poderia esbofetear sua cara se chegasse perto de mim. Só que, para o azar dele, eu também sei jogar esse jogo.

Olho para Reid, com uma ideia impulsiva lampejando em minha mente. Avanço um passo em sua direção e ergo a sobrancelha, esperta.

— Talvez eu deva descobrir se realmente fiz uma escolha errada — comento, sugestiva.

Reid semicerra os olhos ao esquadrinhar meu rosto. Vejo a sombra de um sorriso cruzar seus lábios.

— O que quer dizer?

Repouso a garrafa na mesa.

— Quero dizer que estou solteira e que agora não há nada que te impeça de flertar comigo, se quiser...

Reid é pego de surpresa. Por reflexo, ele lança uma olhadela receosa na direção do amigo. Não me atrevo a conferir, mas tenho certeza de que Finch ainda nos vigia.

Masih torna a me focar com um sorriso incerto curvando sua boca.

— É uma péssima ideia, Kaylee — ele pondera, vendo graça.

Sorrio, travessa, e dou de ombros.

— Eu sei. Mas não ligo.

Minha atitude audaciosa o contagia, e um sorriso sagaz cresce em seus lábios. Sinto um frio na barriga graças à loucura que estou prestes a fazer. A ideia imprudente me faz sentir uma garota má e ardilosa e, por incrível que pareça, acho que gosto da sensação.

— Por que não dançamos? — eu proponho. Seguro os braços de Reid e o trago para mim. Minhas mãos cobrem seus ombros fortes, criando uma aproximação decisiva entre nós. — Gosto dessa música.

Reid sorri com cautela e estuda meu rosto.

— Kaylee, não deveria me segurar desse jeito, porque sabe que me sinto atraído por você. Nunca escondi. Se continuar, não vou conseguir ignorar isso.

Em oposição ao pedido, meus braços contornam seu pescoço para intensificar a proximidade.

— Talvez seja exatamente isso que eu queira. Não ignore, não temos nada a perder.

O brilho de interesse faiscando em seus olhos me mostra que ele gostou do que ouviu.

— Tá legal. — As mãos dele envolvem minha cintura com firmeza, mais rápidas do que eu esperava. — Vamos fazer isso. Finch está olhando para cá, então vou entrar no seu jogo.

Levanto as sobrancelhas.

— Jogo? — eu o indago como se não soubesse ao que se refere.

— É! Você é apaixonada pelo Finch, mas está puta com ele e quer se vingar. Por isso, está flertando comigo. A sua sorte é que é linda demais para que eu te diga não.

Devagar, faço meu corpo se mover suavemente de um lado para o outro, seguindo a batida da música eletrônica. O calor das mãos de Reid em minha cintura me provoca um arrepio na nuca, e meus sentidos se afloram ao contato físico. A sensação de fazer algo proibido me deixa eletrizada.

É divertido.

— Seja honesto comigo — peço, sendo o mais franca possível. — E se for verdade? E se for um jogo? Faz diferença para você ou... te incomoda?

— Na verdade, não. Conheço as regras desse jogo. Sem expectativas ou ressentimentos, somos adultos.

Anuo com a cabeça.

— Gostei disso. — Confiante, eu colo nossos corpos e movo os quadris no balanço da música. Os olhos castanhos de Reid descem para o meu busto e vislumbram meu decote. Seus traços são esculpidos pela cobiça. — Sem expectativas ou ressentimentos.

Mesmo sem olhar, sei que Finch está nos monitorando. De algum modo, consigo sentir o fervor daquelas íris obsidianas queimando minha pele.

Troco um sorriso cúmplice com Reid, como se guardássemos um segredo apenas nosso. Gosto da sua pegada, do seu rosto, da boca, dos olhos cativantes, do cheiro, do senso de humor. Por mais que estejamos jogando, a ideia de beijá-lo faz um comichão de euforia rastejar meu abdômen.

*Que se dane! Talvez eu me arrependa amanhã, mas agora não dou a mínima.*

Meus dedos passeiam pela nuca de Reid ao mesmo tempo que suas mãos me apertam contra seu corpo. Nosso contato visual se intensifica, e nenhum de nós desvia. A iniciativa de unir nossos lábios é minha, e ele retribui prontamente.

O toque singelo entre nossas bocas rapidamente evolui para um beijo repleto de curiosidade e descoberta. Sua língua desvendando a minha e encontrando um ritmo que nos satisfaça.

É diferente.

Quando o beijo termina, abro os olhos e sorrio boba, sem acreditar no que acabei de fazer. Meu rosto formiga, e com certeza devo estar ruborizada.

— Nada mal, Kaylee — Reid elogia com um ar brincalhão. Eu me concentro em seus lábios bonitos e mordisco os meus. — Minha vez.

Seus dedos se encaixam na minha mandíbula. Reid ergue meu queixo, abrindo espaço para que sua boca deslize pela lateral do meu pescoço e prove minha pele. Eu arfo, repleta de arrepios com a investida abrupta. Meu corpo enfraquece e tremelica com a sensação quente, de uma forma para a qual eu não estava preparada.

— Reid! — Ofego, pega de surpresa com o toque lascivo dos seus lábios me explorando.

Sua boca rasteja pelo meu pescoço até alcançar a orelha. O trajeto dispersa arrepios tentadores na área sensível.

— Ué... não era para te beijar? Achei que isso estivesse incluso no pacote — sussurra e guia meu rosto em direção ao dele. — Só estou fazendo direito.

Não consigo controlar o sorriso cálido que estica meus lábios. Essa ideia idiota está sendo melhor do que imaginei.

Envolvida pela emoção da descoberta, beijo Reid outra vez. Saboreio o calor da sua língua na minha, aproveitando a sensação de estar com outro homem depois de tanto tempo. Embora seja uma vingança, o beijo de Reid é surpreendentemente delicioso. Sua pegada decidida me aquece, dando-me o incentivo necessário para continuar o show.

Acho que eu precisava mesmo disso.

As mãos dele viajam pelas minhas costas, enquanto as minhas percorrem seu abdômen definido, descobrindo cada gominho escondido. Mordo o lábio inferior de Reid, atiçando-o, e ele grunhe em minha boca. Me aperta contra si sem deixar nenhum espaço, as mãos me explorando livres de pudor ao cravarem os dedos na minha bunda. O ato provoca um arrepio em meu ventre. Gemo baixinho, quase me recriminando por estar gostando disso mais do que deveria. Salpico uma trilha de beijos que descem pela jugular dele, adorando o cheiro de loção masculina. Mas ele segura em minha nuca e me prende em novo beijo, macio e intenso.

Recupero o fôlego ao nos separarmos e sinto o coração dar um salto de adrenalina. Seguro o rosto dele, pronta para beijá-lo novamente. Mas Reid se afasta um pouquinho, tão instigado quanto eu.

— Calma aí. Eu tive uma ideia, Kay. Por que não vamos para o furgão? Se estiver a fim de descontar *toda* a sua raiva do Finch comigo, eu tô dentro.

Rio e nego com a cabeça, impressionada com a proposta ousada. Pisco devagar, considerando a possibilidade.

— Você não presta, sabia?

Ele sorri, malicioso. Em resposta, apenas me oferece a mão e indica uma direção com a cabeça.

— Vem comigo? — propõe.

Levo um tempo para decidir.

O quão louco seria aceitar o convite?

Talvez eu esteja precisando de uma dose de loucura depois da bagunça que Finch Sullivan criou na minha mente e coração. É doloroso continuar acorrentada em um looping de expectativas frustradas e desilusões. Ando exausta. Preciso me entorpecer de algo novo. Qualquer coisa capaz de me incendiar outra vez.

Portanto, seguro a mão dele e disparo:

— Me leve com você!

Não olho para trás, tampouco me importo se Finch ainda estiver olhando. Ignoro todo o resto e acompanho Reid pela Linha Velha.

Atravessamos os grupos de jovens e as fogueiras dispersas, até chegarmos na área onde vários veículos estão estacionados. Reconheço o furgão de Reid e não penso no que estou fazendo. Só quero extravasar e desintoxicar minha mente.

A porta dos fundos do furgão é aberta, e Reid me oferece ajuda para subir. Luzes baixas se acendem, e um ambiente confortável e modesto ganha forma. Estofados foram instalados nas extremidades do baú, e o teto é alto o suficiente para que eu consiga me locomover de pé pelo pequeno espaço.

Olho para Reid, que continua do lado de fora me observando.

— Isso aqui não era assim na época que sequestramos Hunter. Transformou o baú do furgão em um motel?

Ele ri, mas não nega.

— É, algo assim. É bem estiloso e confortável. Pode ficar à vontade aí e me espera um pouquinho? Vou buscar algo e já volto.

— Hm... tá legal. Eu posso esperar um pouco. — Eu me sento no estofado e apoio a bolsa no colo. — Mas tem que ser rápido, antes que eu mude de ideia, Reid.

— Não vou demorar, Kay. E não abra a porta para ninguém. Eu já volto!

Dito isso, Reid fecha a porta do furgão e me deixa sozinha aqui dentro.

Meu coração vibra, uma mistura de ansiedade e nervosismo. Quando os questionamentos tentam se instalar em minha mente, eu os afasto e sigo firme na decisão, pronta para me aventurar nessa nova experiência.

Se isso for me ajudar a exterminar as cicatrizes que Finch deixou no meu coração, então que seja!

# 27



## Finch Sullivan



Kaylee Clark é o meu purgatório e o meu paraíso. Na mesma medida que ela é capaz de extasiar minha mente e quebrantar meu coração da forma mais pura e verdadeira, possui o poder de me destruir em um estalo de dedos.

Honestamente, eu nem entendo por que estou surpreso, já que conheço a Clark e sei que aquela mulher nunca foi de abaixar a cabeça para ninguém, muito menos para mim. É claro que, depois do que fiz na mansão, ela tentaria revidar. Eu só não imaginava que ela poderia trucidar minha dignidade e apunhalar meu peito com ajuda do filho da puta que eu chamo de “amigo”.

Quando Kaylee e Reid começaram a se beijar, eu congelei. Não sabia se corria até lá para arrancá-la dele ou para encher a cara do Masih de porrada. No fim das contas, não fiz nenhum dos dois.

Foi como assistir a uma batida de carro. Brutal, doloroso, impactante e, assombrosamente, impossível de desviar. Quanto mais você olha, mais sua mente mergulha em uma espiral de puro choque e você não tem a porra da menor ideia do que fazer.

Quieto, sem mover um músculo sequer, eu senti o ódio fumegante deteriorar cada artéria, entranha e veia pulsante, como lava quente transbordando de um vulcão que está prestes a explodir. Minha cabeça

fervilhando com ideias destrutivas, corroída pelo veneno que contaminou cada átomo do meu corpo.

Desolado. Enfurecido. Quebrado.

Agora, meus punhos permanecem cerrados com tanto afinco que os dedos doem pra caralho. Minha mente está colapsando, um turbilhão que martela meus miolos, a ponto de dissipar qualquer resquício de sanidade. Eu não sei que porra vou fazer quando encontrar Reid na minha frente, mas estou louco de vontade de arrebentar meus punhos estraçalhando alguma coisa.

A garota entediante que esteve torrando a porra da minha paciência foi buscar uma cerveja para nós, e estou torcendo para que ela se perca no caminho e não me encontre. Se tiver que escutar sua maldita voz fina e irritante outra vez, vou mandá-la para a casa do caralho.

Eu nem a conheço, só sei que ficou se jogando em cima de mim desde que cheguei aqui. Mal troquei algumas palavras com ela e sequer cogitei retribuir seus flertes. No entanto, quando Kaylee nos viu, permiti que a garota me tocasse, acreditando que isso a manteria afastada. Eu a queria longe da Linha Velha. Mas a merda do tiro saiu pela culatra.

É óbvio que a Clark tinha que me desafiar. Do contrário, não seria a mulher por quem me apaixonei.

Reid e ela sumiram do meu campo de visão há algum tempo. Meus miolos estão cozinhando dentro de uma panela de pressão enquanto imagino todas as merdas que eles podem estar fazendo nesse exato momento.

*Ah... Meu Deus... que inferno! Puta que pariu!*

*Eu não suporto essa bosta!*

A descarga de fúria me perturbou de tal forma que sou incapaz de me manter parado. Faz cinco minutos que venho perambulando de um lado para o outro impacientemente e vou criar um buraco na areia se continuar.

— Finch! — a maldita voz nasalada me chama, e eu quero xingá-la.

Sobre o ombro, noto que a garota detestável está de volta. Ela se aproxima, carregando duas garrafas de cerveja, e me oferece uma delas. Vario o olhar entre ela e as bebidas, sem esboçar reação.

— Trouxe para você. — Ela gesticula com a garrafa.

Endureço as feições, a raiva amargando na minha boca.

— Não quero porra nenhuma. Tira isso daqui.

A loira enruga o cenho, perdida.

— Mas... você disse que eu podia ir buscar a bebida e...

— Sei o que eu disse! — Tomo a garrafa da mão dela e a arremesso no chão. O casco parte ao meio na areia. — Não quero nada. Suma daqui!

Meu rompante a pega desprevenida. A loira olha de mim para a garrafa quebrada aos meus pés.

— Se acalme. O que aconteceu com você? — Ela chega mais perto, tocando meu peito e fazendo charme. — Não sei o que rolou, mas posso te ajudar a relaxar se...

Seguro a mão dela e a afasto de mim. Eu a enxoto para longe, abrindo uma boa distância entre nós.

— Não me toque! — ralho entredentes, lento e pausadamente. — Mandei sumir daqui, então desapareça e não foda com a minha paciência!

A garota arregala os olhos e me encara perplexa, sem entender minha súbita explosão.

— Que droga! Qual é o seu problema, cara?

Um sorriso cruel se alarga em minha boca. Eu a meço de cima a baixo, como quem encara uma barata.

— Meu problema são cadelas irritantes feito você, que são tão desesperadas por atenção que não sabem a hora de calar a porra da boca e sumir!

Ela recua, horrorizada. Seus lábios se separam em completo choque e, quando ela os comprime, tenho a impressão que vai chorar. Mas não dou a mínima, quero mais é que se foda. Preciso descarregar a raiva de algum jeito.

Rapidamente, ela me dá as costas e desaparece ao se misturar entre o pessoal.

Solto uma lufada de ar e arrasto a mão pelo cabelo, tentando me controlar. Nem toda a maconha que fumei será capaz de amenizar a explosão de nervos pressionando meu crânio. Flashes de Kaylee e Reid se beijando lampejam em minha memória, incessantemente, e a sensação atrofia minha caixa torácica.

Mas que merda!

Aquela mulher conseguiu me desestabilizar em um nível assustador.

Dou meia-volta, prestes a sumir dessa porra de lugar, visto que minha noite já era. Eu nem sei para aonde vou, talvez dirija horas a fio sem um rumo certo, porque não vou conseguir ficar parado.

Disparo a passos largos pelo deserto, mas travo no lugar quando avisto Reid surgir da aglomeração, marchando em minha direção. Minha visão escurece, e meus músculos se retesam, a postos. Não penso em mais nada, somente avanço contra ele a toda velocidade.

Reid tenta dizer algo e nem sequer se prepara para o soco veloz que desfiro na cara dele. Pareço um animal descontrolado ao agarrá-lo pela camisa e jogá-lo contra o vagão do trem. O corpo dele se choca na estrutura enferrujada, e eu enfio outro soco potente na cara do miserável.

— Finch! Para, porra! — ele berra, tentando se defender. — Não faz isso! — Sua joelhada atinge a boca do meu estômago e me afasta.

Cambaleio sem fôlego, arquejando rápido e feroz, os dentes cerrados em um rosnado enfurecido. Meu ódio é tanto que a dor se torna irrelevante. Parto para cima dele outra vez e o acerto em cheio com um pontapé. Ele tenta segurar minha perna, mas engancho seu pescoço e o puxo para baixo, fazendo-o perder o equilíbrio. Reid quase cai, e eu aproveito para meter outro soco em sua cara.

— Caralho! Se controla, porra! — ele grita. Percebo a movimentação ao nosso redor, pessoas parando para acompanhar a confusão. Reid se desvencilha de mim e limpa a boca com o dorso da mão, puxando ar. — Você não quer fazer isso, Finch!

A raiva nubla minha mente e domina meu corpo. Encaro não o meu amigo, mas sim a porra de um alvo que quero destroçar.

— Você tá de sacanagem? Beijou ela! Beijou ela na minha frente, seu filho da puta do caralho! Eu vou acabar com você!

Reid recua, em guarda.

— Eu tô tentando ajudar!

— E como é que pegar a minha mulher vai me ajudar em alguma coisa? — Vou para cima dele novamente. Dessa vez, Reid se esquiva com maestria e me empurra para longe. — Eu vou te arrebentar!

Suas mãos se erguem pedindo trégua.

— Kaylee só queria se vingar — justifica.

Forço um sorriso, emputecido.

— Ah, claro! E tinha que ser com você, não é?

Ele ajeita a gola da camisa e recupera o fôlego.

— Se não fosse comigo, seria com qualquer outro cara nesse deserto, e você sabe. Então, que seja comigo, que pelo menos sou de confiança. E a culpa é sua! Kaylee ficou arrasada quando te viu com aquela loira.

— Eu nem toquei naquela garota, Reid! Não fiquei com ela.

Ele se aproxima, corajosamente. Os olhos atentos em cada movimento meu.

— Não interessa! Você fez o suficiente, e Kaylee ficou mal. Você tem um jeito muito merda de resolver as coisas e sabe que é verdade. Mas, como eu falei, tô tentando ajudar.

Reid puxa algo do bolso da calça. Meus punhos seguem firmes e cada pedaço de mim está pronto para atacá-lo, mas me contenho ao ver a chave em sua mão.

— Que porra é essa? — brado, irritado.

— É a chave do furgão, Kaylee está lá dentro. Então esfrie a cabeça e vá conversar com ela.

Duvidoso, eu observo a chave em seus dedos e analiso suas feições, querendo sacar qual é a dele. Ainda quero espancar esse babaca, mas seu olhar me transmite sinceridade. Expiro pesadamente e arranco a chave da mão dele.

— Eu ainda vou te arrebentar pra caralho! — Aponto para ele ao assegurar.

Reid solta um bolo de ar pela boca e segura a mandíbula, bem onde eu o atingi. Parece dolorido. Ele move o maxilar e murmura um resmungo de dor.

— Eu tô sabendo, Finch. Que merda, vá logo atrás dela e resolva o lance entre vocês! E depois vai me agradecer.

Encaro a chave do furgão em minha palma, refletindo. Talvez eu seja a última pessoa que Kaylee queira ver agora. Mas não interessa, preciso fazer algo. Portanto, sem dizer mais nada, dou as costas a Masih e me disperso entre a aglomeração de curiosos.

Meus passos pesados marcam a areia, e não me importo em empurrar quem quer que esteja no meu caminho para abrir passagem. Só paro de marchar quando chego à área onde vários veículos estão estacionados.

Fazendo uma rápida inspeção nos arredores, avisto o furgão cinza de Reid e acelero na direção dele.

Juro por tudo que se Kaylee não estiver lá dentro, eu vou matar Reid. Por outro lado, se ela realmente estiver lá dentro, acho que vou querer matá-lo ainda mais. Só de cogitar que ela teria coragem de trepar com ele, quero arrebentar as portas desse maldito furgão e tirá-la daqui de uma vez por todas.

Abro a porta do baú do furgão em um rompante. Graças às luzes baixas ligadas lá dentro, vejo nitidamente Kaylee Clark sentada no estofado, concentrada enquanto digita algo no celular. Não sei distinguir se o sentimento permeando meu peito é alívio ou fúria.

— Você demorou, Reid... — ela comenta ao desviar os olhos do celular, mas sua expressão muda drasticamente ao se deparar comigo.

Seus olhos quase saltam, e Kay abre a boca sem emitir nenhum som, em choque. Eu, por outro lado, exibo um sorriso sarcástico ao saltar para dentro do furgão. Aponto para trás sobre o ombro e despejo ironicamente:

— Esperando outra pessoa, Kaylee?

Ainda muda e atordoada, ela se levanta em um ímpeto. Fecho a porta do furgão atrás de mim em um baque violento, criando um estrondo que faz Kaylee sobressaltar de susto.

Suas pálpebras batem cheias de espanto, me encarando como se eu fosse uma assombração.

— Cadê o Reid?

Analiso os bancos estofados que ocupam as extremidades do baú. Minha mandíbula trinca de ódio só de pensar no que Kaylee e Reid poderiam fazer aqui.

Cerro o punho com força e volto a focar em Kaylee.

— O que veio fazer aqui dentro, Clark?

Kay me devolve o olhar ríspido, de queixo erguido, revestida de coragem. Eu já havia me esquecido de como somos bons em nos desafiar.

— Quer mesmo saber? Talvez não goste da resposta — provoca, sorrindo dissimulada. — Não deveria estar lá fora aproveitando a sua noite de farra?

Respiro fundo, inúmeras vezes, buscando me acalmar. Devagar, dou passos em sua direção, e ela recua até não ter para onde correr. Eu escaneio

o corpo dela, a mandíbula trincada de indignação ao avaliar seu vestidinho preto, curto, justo pra cacete e com um decote provocante. Deus! O cabelo dela está preso em uma trança longa que desce do topo da cabeça até as costas. O olhar marcante pela maquiagem, a boca avermelhada e irresistível.

Essa mulher é um monumento, e eu odeio o que olhá-la provoca em mim.

Kaylee é veloz ao puxar a bolsa do banco e enfiar o celular dentro dela. Tenta se esgueirar de mim para chegar à porta, mas eu a puxo de volta. Kay me acerta com uma cotovelada e me empurra para se libertar. Caímos juntos no estofado nos fundos do baú, ela por cima de mim, praticamente no meu colo. Quando a garota tenta se levantar, eu a agarro pela cintura e nos troco de posição, ficando por cima dela e mantendo suas costas no estofado. Meu rosto paira sobre o de Kaylee, e nos encaramos furiosamente.

— Aonde pensa que vai? — eu a desafio.

— Me largue, Finch! — rosna, as mãos espalmadas em meu peito para me empurrar.

Saio de cima da Clark e me ponho de pé. Kaylee se apruma no lugar, ajeitando o vestido minúsculo no corpo e se sentando corretamente. Seus olhos se enchem de revolta, e eu odeio achá-la tão atraente quando está zangada desse jeito.

Aponto o dedo em riste em sua direção.

— Veio até aqui e fez seu showzinho com Reid pra chamar minha atenção! Muito bem, Clark, conseguiu minha atenção. Estou aqui, e nenhum de nós vai sair desse maldito furgão!

— Não seja hipócrita! — Sua voz sobe oitavas, tão furiosa quanto eu. — Estava muito bem acompanhado quando te vi. Do que está reclamando?

— Você nem sabe o que viu! Não venha na porra da festa onde estou para ficar se agarrando com meus amigos, porque me conhece o suficiente para saber que esse é o tipo de merda que me faz perder a cabeça! Não me desafie!

Ela salta do estofado com uma coragem admirável e para diante de mim, me encarando sem medo.

— Se não o quê? O que vai fazer se eu escolher te desafiar?

Esquadrinho seu rosto. Os lábios carnudos crispados, as sobrancelhas franzidas e os olhos feito âmbar me metralhando. Firmo o olhar no dela e

encurto nossa distância.

— Por que veio aqui, Kaylee?

— Quer saber o que estou fazendo aqui? Vim avisar que Theo estará fora de Faigan e a propriedade ficará livre na semana que vem. Vim te ajudar com a droga do seu roubo perfeito e contar que sei exatamente quando invadir a mansão, já que é a única coisa com que se importa!

— A única coisa? Não pode estar falando sério.

— Estou! Porque continuo me fodendo para arrumar o estrago que você deixou em mim, enquanto você parece nem se importar! — Kay explode, apontando o dedo no meu peito ao me acusar.

— Acha que não me importo? — repito, em negação. — Se lembra do que eu fiz com Callum? Fiz aquilo por você. Eu o matei *por você*, Kaylee! E faria outra vez sem um pingo de arrependimento. Se acabar com a vida de qualquer um significasse proteger a sua, eu faria de novo e quantas vezes mais fosse preciso, até que não restasse mais ninguém na porra da face da Terra além de nós dois! Isso é o quando eu me importo. Pode querer me amaldiçoar. Pode sentir ódio de mim. Mas não pode dizer que não estive fazendo tudo o que posso para cuidar de você!

Os olhos dela se enchem de lágrimas, reluzindo fragilidade, embora tudo em sua linguagem corporal indique fúria. Vê-la nesse estado, tão instável e magoada, cria um bolo na minha garganta. A armadura que estive vestindo se despedaça, e, indo contra tudo que determinei, eu me permito externar os sentimentos soterrados no mais profundo da minha alma.

— Não estive com ninguém depois de você — eu revelo. Kaylee abre a boca e me perscruta lentamente, surpresa com a informação. — Eu sequer beijei alguma mulher durante esse tempo. Eu nem conseguiria e, mesmo se fizesse, eu as odiaria por não serem você. A verdade é que, mesmo de longe, continuo te sentindo em mim e me alimentando de qualquer migalha que ainda posso ter de você.

Minha confissão a balança, consigo enxergar em seus olhos, na maneira como os orbes acobreados oscilam perdidos pelo meu rosto. Apesar disso, Kaylee sustenta a dureza dos seus traços, sem fraquejar.

— Então sugiro que siga em frente o quanto antes, Finch. Porque *eu* vou fazer isso hoje, seja com Reid ou com qualquer cara dessa maldita festa. Não me importo. Só quero me livrar de tudo que você deixou em mim. — As palavras carregadas de mágoa me ferem.

Sua provocação me enlouquece.

Kaylee sabe perfeitamente como me atingir. Pensar que ela poderia estar fodendo com qualquer outro cara além de mim me destrói. Prefiro ter uma maldita estaca atravessando meu peito do que ter que assistir essa porra acontecer diante dos meus olhos. Chame de loucura, de vício, do que mais quiser. Mas isso acabaria comigo.

Parto em sua direção, surpreendendo-a com a investida veloz.

— Não vai transar com Reid ou com nenhum outro desgraçado esta noite. — Espalmo as mãos na lataria atrás dela, fechando-a em um certo entre meus braços.

— Ah, é? Como pode garantir isso? — rebate, dissimulada.

— Porque eu mesmo quero calar a sua boca teimosa e te dar a foda que seus olhos estão me implorando desde que colocou seus pés aqui!

Kaylee ofega, as íris presas nas minhas e os lábios entreabertos. A mudança drástica em suas feições, antes furiosa e agora estremecida, denuncia o conflito de emoções.

— Por que continua fazendo isso? Você me descarta e me quer de volta. Depois age como se isso não mudasse as coisas. Eu não consigo, ainda sinto tanto que machuca. É como adoecer, infectada por uma coisa que não consigo arrancar de mim, Finch. Está me destruindo.

Perco o meu controle, vencido pelo ardor que faz meu coração descarrilar. Toco seu rosto, devagar, e ela não rejeita o contato. O dorso dos meus dedos desliza suavemente pela sua bochecha. Por um milésimo, Kay fecha os olhos e se desmancha com o carinho.

— Estamos quites, porque eu jamais havia me visto tão necessitado por alguém. Também me sinto doente, porque, enquanto não posso orbitar ao seu redor, parece que sequer estou respirando. Essa merda toda é recíproca. Então, que mal fará se nós dois nos destruirmos mais um pouco hoje à noite?

Kaylee inspira pela boca devagar, sem uma resposta concreta.

Meu corpo clama por ela, meu coração vibra desgovernado. Levo minha outra mão à cintura dela, urgente em senti-la, trazendo-a para mais perto. Acaricio seu rosto delicado e aproveito cada segundo que posso senti-la. Os orbes castanho-claros percorrem meu rosto e se demoram na minha boca. A mesma combustão que me incendeia, também a envolve.

Uma de minhas mãos segura seu queixo. A outra, toca a alça do seu vestido. Kaylee passa a ponta da língua pelos lábios ao umedecê-los. O gesto mexe comigo. Torno nossa distância mínima, meu corpo quase tocando o dela e nossos rostos perigosamente próximos. Sua respiração na minha. Seu cheiro me inebriando. Seu calor me atingindo.

Ergo seu rosto para mim.

— Vou provar cada centímetro do seu corpo como se fosse a última vez, e tenho certeza que vai me odiar quando não conseguir esquecer do quanto sou obcecado por cada pedaço seu e de como sou capaz de torná-la o meu único alvo de devoção. Nunca fui religioso, mas poderia cair de joelhos e te venerar, sacrificar qualquer coisa por você.

Kaylee me observa com deslumbre, sem proferir nenhuma palavra. O fascínio esboçado em seus orbes é arrebatador, estamos queimando na mesma frequência.

Meus dedos escorregam pela alça do seu vestido, contemplando o calor da pele dela ao explorar seu colo exposto. Seguro o zíper do vestido, na altura do decote, e o deslizo para baixo até atingir seu limite. O vestidinho curto se abre, revelando a curvatura dos seus peitos, a barriga lisinha e a calcinha rendada. Sinto a boca salivar.

Kaylee trava a respiração, trêmula, quando seguro sua mandíbula. A ponta do meu nariz desce pela pele macia e morna do pescoço dela, e tomo um bom tempo inalando seu aroma. Seguro sua trança e a enrolo na mão, chegando até a raiz dos cabelos, e Kaylee ofega baixinho.

— Gosto quando faz essa trança. Sabe por quê? — Repuxo a trança em um tranco forte, e Kaylee emite um gritinho abafado. — Porque é boa para puxar e te comandar, feito uma coleira.

Beijo seu pescoço sem nenhuma pressa. Mordisco sua pele e inicio um chupão em sua jugular, viciado na sensação. O gemido sussurrado que emerge dos lábios dela é como um apelo. Subo o rosto para encará-la e enlaço sua cintura com o braço, colando seu corpo delicioso no meu.

Seus peitos ficam espremidos contra o meu torso, seus bicos duros roçando em mim. Eu deliro ao me imaginar chupando cada um deles. O pensamento faz meu pau pressionar a calça jeans.

Kaylee entrelaça os dedos na minha camisa com tanta força que poderia rasgá-la. Ela me empurra na direção do estofado, desesperadamente, como se não pudesse se segurar. Caio sentado, e ela

monta no meu colo. A sensação gostosa de tê-la encaixada em cima de mim faz minha mente efervescer, infestada por milhares de cenários sujos onde essa mulher está gemendo e rebolando no meu pau.

Começo a latejar de tesão.

Com a mão enroscada firmemente em sua trança, eu distribuo beijos por sua clavícula. Abocanho seu mamilo, e Kaylee arqueia a coluna em resposta, se rendendo à excitação. Ela choraminga manhosa enquanto eu me delicio com a cara enfiada nos seus peitos.

É intenso, quente, energizante. No entanto, não é o bastante, necessito de mais. Preciso senti-la, e não apenas de forma carnal. Quero imergir por inteiro em cada reação que só ela é capaz de desencadear em mim. Quero seu carinho. Quero o som da sua voz sussurrada em meu ouvido. Quero mergulhar em seus olhos e ser anestesiado pela mescla de brandura e paixão que apenas ela me traz. Quero a sua calmaria. Somente isso vai aplacar a saudade que arde em meu peito.

Minha boca sobe faminta pelo corpo dela, e tenho um vislumbre do seu rosto lindo. Eu o embrulho nas mãos, admirando a maneira que ele se encaixa perfeitamente em meus dedos. Magnetizado, eu avanço para beijá-la. Porém, antes que o contato aconteça, Kaylee recua. Invisto em sua direção outra vez, desesperado para sentir o toque macio da sua boca. Mas novamente Clark me recusa.

Eu a encaro, perdido e frustrado pelo desejo de beijá-la.

— Por favor, Kaylee — suplico, alucinado. — Me beija.

Devagar, seus dedos cobrem meus lábios para me deter. Aos poucos, aquela chama em suas íris se apaga. Kaylee observa a mim e nosso entorno, movendo a cabeça num sinal de reprovação.

Sua voz vacilante cicia:

— Não, Finch.

Sua rejeição me faz sentir miserável. O fervor eletrificando meu corpo se esvai, deixando um sentimento doloroso contaminar meu coração.

De repente, meu paraíso proibido rui em pedaços. Kaylee escapa do meu colo e se cobre com o vestido rapidamente, parecendo recobrar a sanidade após um estado de transe. Ela sobe o zíper e ajusta as alças nos ombros. Pela forma como me evita, presumo que esteja envergonhada e, possivelmente, se recriminando.

Fico imóvel, incapaz de processar algo. Estranhamente, meu coração pulsa ainda mais veloz do que quando estávamos juntos. Abro a boca para falar, com um nó na garganta. Entro em desespero por não saber como corrigir a situação, só não quero que ela vá embora.

*Não... por favor*.

Kaylee recupera a bolsa jogada no estofado e crava os olhos em mim. As íris inundadas de fragilidade e rancor me transmitem uma mensagem direta. Não preciso que ela diga em voz alta para saber o que isso significa.

É um basta.

Meus lábios formam uma linha tênue, e me vejo desprotegido. Pronto para receber o golpe que vai me destruir. A respiração se refreia. Tudo o que faço é mergulhar em seus olhos e clamar por misericórdia.

— Essa foi a última vez que isso aconteceu, Sullivan — Kaylee decreta, gélida. — Vamos invadir a mansão juntos e seguir o plano. Mas, depois que estiver feito, espero que vá mesmo embora de Faigan. Porque eu nunca mais quero te ver depois disso.

A dureza em seu timbre me dilacera. Eu engulo em seco, estrangulado pelas palavras que não tenho força para externar. Meus olhos ardem, nem sei como reagir. A angústia invade meu peito com a força de um tufão, tirando tudo do lugar.

Kaylee gira nos calcanhares e se apressa em abrir a porta do furgão, saltando para fora dele e me abandonando aqui.

E o meu coração se rasga, arruinado pela dor de perder Kaylee Clark.

Definitivamente.

# 28

## Kaylee Clark

Theo estará fora de Faigan hoje à noite graças a um jantar de negócios com os colegas do jornal, em Denver, no qual vão discutir o roteiro do documentário que ele havia mencionado dias atrás.

Ao longo da semana, meu único foco foi monitorar sua agenda de compromissos. Sendo assim, sei que ele saiu da cidade às sete horas da noite em ponto e pegou estrada para Denver. Também sei que Aimée deixará a mansão ainda hoje e pegará um ônibus para Montrose, onde passará os próximos dez dias reunida com a irmã e os sobrinhos. Ainda ontem, quando estive na mansão, acompanhei o momento em que Aimée dispensou Ramon de suas ocupações. Isso significa que a propriedade Périgord ficará vazia hoje à noite por quase três horas, antes que Theo retorne.

Tempo o bastante para que eu vasculhe cada canto daquele lugar.

Será hoje.

Sullivan e eu trocamos poucas palavras depois daquela noite na Linha Velha. Tudo o que tínhamos para dizer um ao outro se resumiu a uma única e objetiva mensagem que lhe enviei dois dias atrás, repassando os horários de Theo e explicando minha ideia. Sua resposta foi igualmente breve, confirmando o plano e me instruindo a discutir as demais informações direto com Erick.

Foi exatamente o que fiz. Butler se tornou um porta-voz entre nós, nos poupando do terrível inconveniente de precisarmos dirigir a palavra um ao outro. Parece estúpido, tenho plena consciência disso, mas foi a maneira que ambos encontramos de minimizar os danos depois do desfecho no furgão de Reid.

Ainda assim, é estranho.

Fiquei aliviada quando soube que Erick estaria conosco hoje à noite, levando em conta que não me sentiria à vontade em ficar a sós com a cara que arruinou meu coração. Bem, quando entrarmos na mansão, seremos apenas nós dois, sei disso. Agora, entretanto, Erick está sentado no banco do motorista do Mustang, enquanto Finch ocupa o carona, e eu me mantenho silenciosa nos bancos traseiros.

Faz mais de vinte minutos que estamos os três aqui dentro. O carro se mantém estacionado nas redondezas da propriedade Périgord. Por sorte, as residências vizinhas ficam afastadas o bastante do terreno da mansão, de modo que a presença do Mustang parado rente à calçada passa totalmente despercebido entre os demais moradores do quarteirão.

Minhas pernas estão quase dormentes devido ao tempo sentada na mesma posição. Os vidros fechados não ajudam, transmitindo a impressão de estar presa em uma lata de sardinha. Por diversas vezes, meu olhar se chocou com o de Finch através do espelho retrovisor. Nenhum de nós parece disposto a quebrar o voto de silêncio que se iniciou naquela noite no deserto. E acho isso ótimo.

Não quero falar com ele mais do que necessário. Não quero olhar em seus olhos e, por Deus, eu definitivamente não quero sentir o maldito cheiro amadeirado que flutua das suas roupas e me rodeia como um golpe traiçoeiro. Mas esse último detalhe está fora do meu controle.

Ao sentir o celular vibrando no bolso da calça jeans, confiro a mensagem recém-chegada. Meu nariz se franze, em puro desgosto, quando uma selfie de Theo Périgord surge no visor. Logo embaixo, a mensagem diz:

***Theo**: Quando estivermos em Denver, vou te trazer nesse mesmo restaurante.*

Digito uma resposta e a envio:

***Eu**: Mal posso esperar por isso! O jantar já começou?*

***Theo**: Ainda não. Fui um dos primeiros a chegar. Estamos esperando os outros.*

Perfeito! Isso me dá ainda mais tempo aqui.

***Theo**: E o que você está fazendo nesse sábado à noite?*

Mordo a bochecha, pensando em uma boa mentira.

***Eu**: Tô só entediada estudando. Sabe como é.*

— Ei! Um táxi acabou de parar em frente à mansão — O aviso de Erick capta minha atenção.

Bloqueio o celular e me concentro no veículo que acaba de estacionar em frente à propriedade. Estreito os olhos e aproximo o rosto da janela para enxergar melhor.

— Aimée deve ter chamado o táxi — eu presumo.

— Finalmente — Erick continua. — Estava demorando pra cacete.

Finch solta uma lufada de ar e se remexe no banco da frente.

— Porra, nem me fala. Achei que ela não fosse meter o pé nunca — o moreno concorda.

Sou tentada a olhar em sua direção através do espelho. Porém, eu me policio e dedico a atenção na partida de Aimée.

De tocaia, observamos ela atravessar os portões da mansão. O taxista a ajuda a guardar a mala no bagageiro, e a governanta adentra o veículo. Após bater o porta-malas, o taxista retorna ao carro e dá partida, dirigindo no sentido oposto ao nosso.

— Certo, tá na hora — Finch anuncia. Ele olha para o amigo. — A gente deve demorar no máximo uma hora lá dentro. Então, fica ligado. Quando estivermos de saída, te mando uma mensagem.

Erick assente. Ele se vira e me fita pelo espaço entre os bancos.

— E você? Tá com tudo pronto, Kay?

— Estou!

Vasculho minha bolsa e puxo a balaclava com orelhas de gatinho. Não quero correr o risco de ser reconhecida por nenhum dos vizinhos de Theo durante a invasão. Dessa forma, a máscara estúpida que comprei no Halloween terá que servir.

Apanho também o spray de pimenta e o enfio no bolso da jaqueta de couro, para ter fácil acesso. Com o auxílio do elástico de cabelo, prendo os

cachos em um rabo de cavalo bem alto e visto a balaclava na cabeça, conseguindo ajustar os fios através do furo no topo da máscara.

A ansiedade faz meu estômago se retorcer. Preciso me esforçar para manter as mãos quietas e regular a respiração acelerada. Através das janelas, confiro as casas da vizinhança; luzes acesas, fachadas monótonas e calçadas vazias. Não há carros ou moradores transitando pela rua, a brecha perfeita para agirmos.

O plano se resume em invadirmos o terreno pelos portões, nos separarmos no interior da casa e nos reencontrarmos na estufa. De lá, vamos escapar pelos fundos da propriedade e saltar o muro, exatamente onde Erick estará nos esperando, com o carro já ligado e pronto para nos mandarmos dali.

Na prática, parece simples. Mas, na teoria, sei que meus nervos estarão à flor da pele e que um simples passo em falso poderá colocar tudo a perder.

— Se qualquer merda rolar lá dentro, me avisem — Erick recomenda. — Vou deixar o carro na rua de trás, onde combinamos.

— Beleza, cara — Finch concorda. Busca a mochila no piso e a coloca nas costas. — Fica de olho. Se perceber qualquer movimentação suspeita aqui fora, me avisa na mesma hora.

— Pode deixar, tô ligado.

Sullivan sai do carro, e Erick reclina o banco do carona para abrir passagem para mim. Escapo do assento traseiro e salto do Mustang, parando ao lado de Finch na calçada.

Ele veste uma máscara de esqui preta que deixa apenas os olhos à vista. Ajusta as alças da mochila nos ombros e mexe em algo preso no cós da calça jeans escura. Sullivan se volta para mim, prestes a dizer algo, mas se cala no exato momento em que me vê. Um lampejo de surpresa atravessa seus orbes negros enquanto ele inspeciona minha balaclava com orelhas de gatinho. Ele pisca algumas vezes, intrigado com o visual.

Apesar da curiosidade, Finch não tece comentários, respeitando o tratado de silêncio implícito entre nós.

É esquisito dividirmos o mesmo espaço, parece que estou pisando em ovos. A todo instante, preciso reprimir o conflito de emoções morando em meu peito e me fazer indiferente à sua presença. Tenho a impressão de que ele adotou a mesma estratégia.

Quando os faróis do Mustang se acendem e o motor ruge, Finch limpa a garganta e aponta para o outro lado da rua com a cabeça, indicando os muros da mansão.

— A barra tá limpa. É melhor irmos agora.

Eu assinto, silenciosa. Encaro o extenso muro de pedras que circunda o terreno da mansão.

Logo que atravessamos a rua, o Mustang se move para contornar o quarteirão e nos esperar do outro lado da propriedade, por onde sairemos mais tarde.

O horário nos permite caminhar com tranquilidade pelas calçadas escuras. Seguimos os muros da residência até estarmos em frente aos portões gradeados da mansão. Finch saca o molho de chaves do bolso da calça e é veloz ao testar cada uma delas na fechadura. Enquanto ele age, eu monitoro as ruas.

O ar gelado da noite me desperta calafrios. Sopro as mãos e as esfrego em uma tentativa inútil de aquecê-las. Penso nas chances desse plano dar desastrosamente errado. Se a polícia for acionada e formos pegos, estará tudo acabado.

Odeio admitir o óbvio, mas estou corroída pelo medo.

Todas as possibilidades assombrosas esvoaçam da minha cabeça quando ouço o estalo da fechadura. Viro-me para Finch, com expectativa.

— Consegui — ele comunica, girando a chave correta na fechadura.

Um sopro de alívio flui dos meus lábios.

Finch abre uma brecha nos portões e sinaliza que eu passe. Vou adiante e adentro no terreno, o coração palpitando a mil e a respiração célere. É agora ou nunca. Finalmente vou encontrar as evidências de que preciso e fazer justiça por Alisha. A pressão de possuir uma missão tão grandiosa em minhas mãos me traz a dose de determinação necessária.

Não posso falhar.

Todas as luzes da mansão se encontram apagadas. A suave neblina que flutua ao nosso redor torna o cenário digno de um filme fantasmagórico.

Sinto a aproximação de Finch. Ele se posta ao meu lado para encarar a imponente mansão diante de nós. Há uma parte estúpida de mim que gostaria de segurar a mão dele e me refugiar no calor dos seus braços, em busca de encorajamento e segurança. O delírio imprudente consegue

estremecer a redoma na qual escondi meu coração. No entanto, recobro a razão antes de entregar os pontos.

Com o queixo erguido, avanço pelo terreno, acompanhada por Finch. O gramado fofo silencia nossas passadas velozes, e logo estamos subindo os degraus da varanda, de frente para as portas de entrada. Finch testa todas as chaves do molho até encontrar a correta. Prendo o fôlego no instante que as grandiosas portas se abrem para nos receber.

Entramos no saguão principal, e Finch fecha a passagem atrás de nós. A escuridão da casa nos envolve. Prontamente, abro minha bolsa transversal e busco pela lanterna que trouxe. Lanço o feixe de luz pelos quatro cantos do saguão. Um arrepio congela minha espinha ao iluminar a escultura do violoncelista ao lado da janela. Parece uma pessoa de verdade, e é definitivamente assustadora desse ângulo.

Olho para Finch quando ele remove a mochila das costas. Ele vasculha algo dentro do compartimento e se aproxima.

— Fiz cópias das chaves do Theo. Fique com essas. — Ele me oferece o molho de chaves.

Encaro a máscara preta que esconde seu rosto e foco apenas em seus olhos, calada. Aquelas esferas escuras mergulham nas minhas. Sem protestar ou agradecer, capturo as chaves da mão dele e guardo-as no bolso da jaqueta. Gostaria de dizer que a inquietação oscilando em meu peito é puro resultado da adrenalina. Contudo, sei que a aceleração desgovernada em meus batimentos cardíacos é uma resposta direta à nossa proximidade.

Decidida a me esquivar da maldita sensação, viro-me em direção à sala de estar e avanço para lá, pronta para desbravar os cômodos e encerrar essa missão o quanto antes. À minha volta há somente silêncio, escuridão, móveis e quadros caros nas paredes. Sullivan acompanha meu trajeto. O som dos seus passos consegue me deixar ainda mais apreensiva do que eu já estaria em tal circunstância.

Ele serpenteia entre os móveis da sala e avalia as peças raras que decoram o ambiente. Possivelmente, cogitando levar algum artefato caro como um brinde pelo roubo, eu suponho.

Finch arranca a máscara da cabeça e bagunça os fios pretos. Quando seus orbes miram em mim, imediatamente olho na direção oposta. Sinto suas íris me mapeando, mas não me atrevo a conferir.

— Por que as orelhas de gatinha? — Ele quebra o silêncio.

*Oh... não... Por que tinha que fazer essa pergunta?*

É claro que Finch não deixaria esse detalhe passar despercebido.

Reunindo coragem, o encaro. Meu coração, já acelerado, assume um ritmo ainda mais frenético.

— É do Halloween. Era a única coisa que eu tinha para cobrir o rosto — esclareço, sucinta.

É a verdade. Mas prefiro ocultar a parte que, meses atrás, comprei essa balaclava com orelhas de um felino pensando nele e no maldito apelido que me deu. Lembrar disso é como cutucar uma ferida mal cicatrizada.

Finch não retruca. Mas os olhos obsidianas me esquadrinham como se pudessem decifrar qualquer segredo oculto que esteja rondando meus pensamentos.

Sem ressalvas, arranco a balaclava da cabeça e a enfio na bolsa, já que não precisarei mais dela aqui dentro. Dando fim ao diálogo, atravesso o cômodo e subo os degraus para o segundo andar. Sullivan vem ao meu encalço, sua presença marcante como uma sombra atrás de mim, capaz de refrear meu fôlego.

Viro o corredor, indo direto para o escritório onde estive trabalhando com Theo nos últimos meses. Agarro a maçaneta e a giro, porém a porta não sai do lugar. Trancada.

Testo cada uma das chaves que Finch me deu, até encontrar uma que se encaixe perfeitamente na fechadura. Destranco a porta de madeira pesada e a empurro com cuidado. Entro no escritório e me apresso até a mesa de Theo. Um sorriso incrédulo desponta em meu rosto quando reconheço o notebook amparado na superfície de mogno.

Viajo o olhar pela estante de livros à direita, o armário robusto, cheio de gavetas, e a segunda mesa localizada do outro lado do escritório, que costumo ocupar. Tudo à minha inteira disposição.

Mal posso acreditar. Finalmente vou desvendar o que aconteceu com Alisha. A mera lembrança da minha antiga amiga faz meus olhos marejarem, banhados de determinação e esperança. Estou mais próxima da verdade do que jamais estive.

Olho para trás sobre o ombro e encontro Finch parado no batente.

— Antes de te levar aos aposentos de Aramis, preciso que faça algo por mim — eu o informo. Finch entra no escritório e move a cabeça, indicando que eu prossiga. — Quero que abra a gaveta na mesa do Theo.

Sei que consegue fazer isso, e eu não posso perder tempo procurando uma chave.

— Deixa comigo.

Sem que eu precise dizer mais nada, Finch se adianta à mesa de Theo e retira um pequeno artefato metálico do bolso. Curiosa, acompanho sua tentativa de violar a fechadura da gaveta. Enquanto Finch se empenha em arrumar uma brecha para arrombá-la, pesco o celular da bolsa e confiro a última mensagem de Theo.

***Theo**: Não quero atrapalhar seus estudos.*

Quanto mais eu puder monitorar os passos de Périgord, melhor. Portanto, aproveito para digitar uma resposta.

***Eu**: De jeito nenhum, você nunca me atrapalha. Desculpe a demora em responder. Meu pai subiu no flat e precisava falar comigo.*

***Eu**: Mas, depois que acabar, me avise como foi a noite. Estou curiosa para saber se deu tudo certo.*

Guardo o celular a tempo de ver Finch girar a pequeno objeto metálico na fechadura e produzir um clique lá dentro. Com destreza, ele abre a gaveta.

— Caramba! — exclamo, os olhos saltados e o queixo caído. Cubro a boca com a mão, impressionada. — Você conseguiu! Abriu a gaveta!

Eu me aproximo da mesa em um ímpeto e ilumino o interior da gaveta com a lanterna. Meu olhar percorre cada caderno e anotação solta lá dentro. Minhas mãos coçam, afoitas para revirarem o que quer que esteja escondido ali. Mas preciso deter a curiosidade antes de começar.

— Quer que eu ajude em algo mais? — Finch se mostra solicito.

Sullivan parece diferente hoje. O olhar manso e ressabiado, um contraste e tanto comparado à sua postura prepotente de dias atrás.

Evito seus olhos e meneio a cabeça negativamente. Cruzo os braços e enrijeço o semblante para camuflar o quão balançada sua presença me deixa.

— Não. Eu dou conta. Vou te levar ao terceiro andar. Me siga.

Saio do escritório e avanço escada acima. Exercito a memória em busca do percurso que Aimée e eu traçamos semanas atrás. A mansão parece bem diferente sem a luz do dia, mas, ainda assim, consigo refazer o

mesmo caminho daquela tarde e chegar às portas duplas que dão acesso aos aposentos de Aramis Périgord.

Com auxílio das chaves, abro passagem e libero uma nova ala da mansão. Calada, conduzo Finch pelos corredores até estarmos em frente ao antigo quarto do bisavô de Theo.

Aponto para a porta de madeira.

— É aqui. O quarto de Aramis.

Sullivan passa por mim para alcançar a porta. Minha parte do acordo está feita. Já o trouxe até aqui. Eu poderia virar as costas e retornar ao escritório. No entanto, não o faço. Continuo plantada no corredor enquanto Finch se dedica a abrir a porta do quarto com as chaves, sem obter sucesso.

— Acho que nenhuma delas abre essa porta — ele presume após as tentativas falhas.

Crispo as sobrancelhas.

— Tem certeza?

— É. — Enfia a chave no bolso e pega aquele mesmo artefato que usou para arrombar a gaveta do escritório. — Vou tentar com a gazua.

Não digo nada, mas, em segredo, fico na expectativa do desfecho, assistindo-o lutar contra a fechadura. Depois de quase dois minutos, Finch murmura um palavrão e gira a maçaneta, obtendo êxito no arrombamento. Ele usa a lanterna para iluminar o velho quarto. O cheiro forte de poeira se espalha pelo corredor.

— Bom, eu... vou voltar para o escritório — aviso, sem me alongar. Finch se vira para mim. — Te encontro na estufa daqui a uma hora.

Seus olhos se concentram em mim. O contato direto com aquelas esferas escuras é um aviso de perigo. Não posso olhá-las por tempo demais. Do contrário, começarei a me lembrar de todas as outras vezes em que elas me magnetizaram dessa exata maneira.

— Até lá — ele se limita a dizer, embora seus olhos exprimam muito além de suas palavras.

Giro no lugar e me desloco pelo corredor, desesperada para fugir da sua presença.

— Kaylee, espera!

Travo os passos ao som do seu chamado. Devagar, olho para trás. Finch dá um único passo em minha direção, hesitante. Seu olhar transborda

insegurança, a maneira como aperta os nós dedos revela seu receio. Ele molha os lábios com a língua e coça a cabeça, as feições desenhadas pela culpa.

Fico à beira de um colapso, presa em seu olhar. Finch dá outro passo ao meu encontro.

— Tome cuidado, Kaylee, por favor. Se qualquer coisa acontecer, não espere por mim. Corra para o carro e vá embora com Erick — pede, os olhos imersos nos meus em um apelo.

Pestanejo devagar, quase desnorteada, e movo a cabeça em afirmação.

— Certo.

Dou as costas a ele. O fôlego que estive prendendo se esvai em um suspiro silencioso. Tenho a sensação boba de que minhas pernas não se movem corretamente quando volto a marchar pelo corredor. Pensar que os olhos de Finch permanecem cravados em mim dispersa fagulhas em cada pedaço do meu ser.

Mesmo após dobrar o corredor e sumir do seu campo de visão, continuo abraçada pela sensação. E aquela redoma de vidro que construí ao redor do meu coração, para protegê-lo, parece vergonhosamente frágil e quebradiça.

# 29

## Kaylee Clark

Deixei Finch no terceiro andar e retornei ao escritório do Theo. Dessa forma, cada um poderá focar em seu próprio objetivo.

A primeira coisa que faço ao ocupar o lugar na mesa de Theo é revirar tudo o que encontro em sua gaveta. Puxo os diversos cadernos, blocos de anotações e um aparelho celular desligado, depois os espalho sobre a escrivaninha.

O item que mais me chama atenção é um caderno com capa de couro. Folheio as páginas e encontro muitas informações aleatórias rabiscadas. Lembretes, nomes, números de telefone sem identificação e...

Merda...

*O meu endereço.*

E essa não é a única coisa que encontro ao meu respeito. Passando as próximas páginas, vejo a localização da Clark's Med, o número do ônibus que eu pego ao sair da faculdade, os dias que costumo ficar até depois do horário em Monsieur Calliste, o nome da minha cafeteria favorita...

Céus!

De quando exatamente são essas anotações?

O pânico me faz aprumar a postura com um calafrio na espinha. Não há como saber quando Theo coletou essas informações, mas desconfio que

não seja algo recente, considerando que não existem menções ao estágio ou pista que indique que estive sendo vigiada nas últimas semanas.

Passo mais páginas e identifico uma mudança no padrão das anotações. Em uma única folha, encontro três sequências numéricas. Meu primeiro palpite é que sejam senhas.

Interessante.

Abro o notebook de Theo e o ligo. Assim que a tela de login de usuário surge, testo a primeira combinação, torcendo para funcionar.

E está errada.

Murmuro um palavrão e parto para a próxima sequência. Digito a combinação e recebo o aviso de senha incorreta. Ainda assim, não me desespero. Se nada funcionar, tenho a opção de roubar o notebook e levá-lo para casa.

É a hora de testar a última combinação. Mordendo o canto da boca e batendo o pé contra o piso, digito a terceira sequência e aperto o "Enter". E então a página de login carrega e finalmente tenho acesso ao computador.

— Ah, meu Deus! Deu certo! — digo a mim mesma, sorrindo boba.

Há tanta coisa para vasculhar que nem sei por onde começar.

De início, abro o navegador e verifico suas redes sociais. O Instagram é o único logado nele, então me aventuro em seu histórico de conversas. Faço uma busca detalhada por qualquer interação entre ele e Alisha. Para a minha frustração, não encontro nada.

Bufo e observo o aparelho celular que encontrei na gaveta. Pressiono o botão lateral, mas ele não liga. Certamente, descarregado. Abro a bolsa e pego meu carregador para plugar o aparelho na tomada. Quando finalmente consigo ligar o celular, quase o deixo cair das mãos, em choque ao me deparar com uma foto de Alisha LeBlanc.

Puta merda...

É o celular dela? Isso não parece bom.

Se ele está na posse de Theo, significa que...

Não... não pode ser.

Afasto os pensamentos.

Um código PIN de seis dígitos está bloqueando o aparelho.

*Tá legal, Kaylee, pense!*

*Você e Alisha foram grandes amigas por muitos anos. Conhecia seu gosto musical, os filmes favoritos, pratos prediletos, frequentava sua casa. Não é possível que ela tenha mudado tanto em dois anos, não é?*

No ensino médio, sua senha era o aniversário da sua cadela de estimação, Marilyn, uma bela poodle de pelos branquinhos. Só por desencargo de consciência, digito a antiga senha.

E não funciona.

Merda!

Ou minha teoria está equivocada, ou estou errando a data do aniversário de sua cachorrinha.

Forço a memória e tento novamente, mas, dessa vez, alterando o ano de nascimento. Meus ombros relaxam e eu solto o ar pela boca, atônita, no exato segundo que o celular é desbloqueado.

Acertei!

Meu Deus do céu! Eu me lembrei!

Pisco rápido demais, organizando os próximos passos. Entro nas redes sociais de Alisha e faço uma vistoria no histórico de mensagens. Há conversas com Hunter, com as garotas da irmandade, com sua mãe, mas nenhuma com Theo.

Ainda que ela tenha apagado as conversas, talvez haja fotos deles juntos. Pensando nisso, acesso a galeria do aparelho, mas o que encontro são diversos prints. Abro as imagens e me deparo com os balões de uma conversa. A data "15 de junho" aparece no chat de mensagens. Coincidência ou não, esse foi o último dia em que Alisha foi vista em Faigan.

Prendo a respiração, tensa.

Cada vez mais tenho certeza de que sairei daqui com uma descoberta aterradora nas mãos.

Leio as mensagens no primeiro print.

***Alisha**: Por que não está respondendo as mensagens que mandei?*

***Alisha**: Estou apavorada, Theo. Hunter vai surtar quando descobrir.*

***Alisha**: Você não vai me responder?*

***Theo**: Estou trabalhando, não posso falar agora.*

***Alisha**: Tá de sacanagem? Eu estou em pânico, não consegue entender? Você não faz ideia de como isso é.*

***Theo**: É você quem não faz ideia de como está sendo inconveniente, insistindo em algo que já foi decidido.*

***Alisha**: Decidido por você! Porque eu não tomei nenhuma decisão ainda. Nem consegui digerir essa merda.*

***Theo**: Pense direito. Ligue para aquele número e resolva a situação da melhor forma. Eu vou bancar com os custos. Sua família ou Hunter nunca vão saber.*

***Alisha**: Pra você é tão fácil lidar com a situação. Mas não é simples assim. Isso não é apenas por causa da gravidez, quem dera fosse. Você ainda precisa me explicar como essa merda aconteceu! Estou falando sério, cansei de mentiras!*

Meu cérebro desliga por um segundo, e desconfio ter me equivocado. Fecho e abro os olhos, e foco na mensagem outra vez. Releio com mais calma. E a frase continua lá.

*Isso não é apenas por causa da gravidez.*

O quê?

Havia um bebê. Alisha estava grávida quando desapareceu.

Cubro a boca com a mão, a respiração presa no peito ao ler o resto dos prints.

***Theo**: Não fale como se fosse minha responsabilidade.*

***Alisha**: Você continua mentindo! Eu fiz as contas, não sou burra. Faz mais de três meses que não rola nada com o Hunter, eu e ele estamos numa fase ruim. Esse bebê não poderia ser de mais ninguém além de você.*

***Theo**: O que está tentando insinuar?*

***Alisha**: Você me drogou, porra! Pare de ser dissimulado, sabe exatamente o que me deu para beber naquela noite.*

***Theo**: Pelo amor de Deus! Nós já falamos sobre isso. Precisa parar de repetir esses absurdos. Não tem ideia da gravidade do que está dizendo. Por que não conversamos pessoalmente? Venha à mansão hoje. Vou dispensar todos os funcionários, ninguém vai vê-la.*

***Alisha**: Não quero ir aí.*

***Theo**: Por que não?*

***Alisha**: Porque não confio mais em você depois daquela noite. Ainda não faço ideia do que aconteceu. Semanas atrás, acordei na sua cama, sem me lembrar de nada da noite anterior, e agora faço um teste e descubro que*

*estou grávida. Não faz sentido, a única outra vez em que transamos foi no começo do ano, o cálculo não fecha. O que mais eu deveria pensar?*

***Theo**: Venha à mansão. Vamos conversar com calma. Prometo que vou explicar tudo. Vou te ajudar a resolver isso, mas não tire conclusões precipitadas.*

***Theo**: Por favor, não faça isso. Está acabando comigo, veja o que está fazendo, porra!*

***Theo:** Alisha, me responda!*

***Theo:** Onde você está? Me diga, vou te encontrar agora.*

***Theo:** Alisha!*

***Alisha**: Tudo bem, vou até a mansão mais tarde. Mas será a última vez. Chega de mentiras!*

É o fim da conversa, sem mais mensagens de Theo ou de Alisha.

Lágrimas transbordam pelo meu rosto. Estou arrasada na mesma medida que completamente enojada. A mão com a qual cubro a boca não para de tremer.

Procuro mais informações no celular, porém não encontro nada. Por que Alisha printou essa conversa? Será que pretendia usá-la contra Theo? Desconfio que ele nunca tenha chegado a desbloquear esse celular. Do contrário, essas capturas de tela já teriam sido deletadas.

Guardo o celular de Alisha na bolsa e volto a me concentrar no notebook de Theo. Abro o explorador de arquivos, à procura daquelas fotos que encontrei meses atrás. O processo é trabalhoso e demorado, me levando a acessar inúmeras pastas e subpastas em uma busca sem fim. Não é fácil, mas com bastante esforço encontro um caminho que me leva até aquela mesma pasta bizarra com as iniciais de Alisha.

É repulsivo me deparar novamente com as fotos onde Alisha está inconsciente e ferida. Com o estômago embrulhado, transfiro tudo para o pen drive que trouxe, reunindo um apanhado de provas.

Por que diabos Theo guarda tanta merda autoincriminatória no próprio computador? Talvez porque ele goste de... vê-las.

Porra! Isso é monstruoso.

Afasto os pensamentos. Não quero me imaginar na mente de Theo e tentar decifrar suas motivações sórdidas.

Após coletar as imagens, retorno ao navegador e abro o e-mail logado na página. Na aba de pesquisa, faço uma busca filtrando todo o período desde o desaparecimento de Alisha até o mês de julho. Entre os diversos assuntos que surgem em uma lista, sou atraída pelo e-mail nomeado como "URGENTE".

Clico nele para ler o corpo da mensagem.

*Olá, Marcus!*

*Estive tentando te telefonar, mas acredito que tenha trocado de número, então estou entrando em contato por aqui. Normalmente é Aimée quem cuida desses assuntos, mas preciso de um trabalho de última hora e estou com certa pressa.*

*Sei que dispensei seus serviços como caseiro na última semana, mas, se possível, gostaria de solicitar um último trabalho. Pagarei muito bem por ele. Ando pensando em fazer uma casa de máquinas nos fundos do terreno. Seria uma escavação de cerca de oito metros de profundidade, acredito que conseguiria dar conta facilmente.*

*Preciso do serviço ainda nesta semana. É urgente. Por favor, me contate!*

O tal Marcus não respondeu ao e-mail. Dois dias depois, Theo encaminhou um novo.

*Olá, Marcus!*

*Desconsidere o e-mail anterior. Já solucionei o problema da casa de máquinas.*

*Abraços!*

É no mínimo suspeito que Theo tenha entrado em contato com alguém para abrir um buraco de oito metros de profundidade no terreno da mansão na exata semana em que Alisha sumiu.

Parto para os próximos e-mails e vejo a confirmação de uma compra online realizada em uma loja de ferragens. De acordo com a nota fiscal disponibilizada no corpo da mensagem, no dia 17 de junho — depois de mandar o primeiro e-mail ao antigo caseiro —, Theo comprou um baú de

chumbo, dois serrotes, uma marreta, uma motosserra, quatro metros de correntes e três cadeados.

Merda...

Um arrepio sombrio rasteja pelos meus braços.

Theo nunca foi um homem adepto a serviços braçais. Por que ele precisaria de tantos objetos cortantes dias após a visita de Alisha? Por que diabos ele queria abrir um buraco na propriedade? Meu Deus...

Todo esse material já é mais que o suficiente para que abram uma investigação contra Theo Périgord. Com essas evidências, posso ir adiante e deixar o caso nas mãos das autoridades. Ainda assim, me incomoda não encontrar um desfecho.

Quero dizer, sei que Alisha veio até a mansão na noite do seu desaparecimento. Também sei que, na mesma semana, Theo comprou um arsenal de ferramentas cortantes e cogitou abrir um buraco no terreno. A sequência de eventos é tão escancarada e medonha que parece falar por si só. Entretanto, uma parte minha ainda quer se agarrar a um fio de esperança e torcer pelo melhor.

*Torcer por Alisha.*

Em que pedaço desta casa estará o desfecho do que houve exatamente na noite em que Alisha esteve aqui pela última vez?

Levo um tremendo susto ao conferir o relógio no computador e perceber que mais de cinquenta minutos já se passaram. Preciso me adiantar. Termino de copiar os arquivos para o pen drive e fotografo as pastas e e-mails de Theo. Guardo cada pertence que revirei de volta na gaveta, exceto o celular de Alisha e o caderno com capa de couro. Vou levá-los comigo.

Feito isso, me disperso pela mansão e, com a câmera do meu celular, registro cada canto onde Theo fotografou Alisha, como o cenário de um crime. Consigo finalizar a coleta de evidências em menos de dez minutos e me dirijo à sala de estar.

Passei tempo demais no escritório. Portanto, presumo que Finch já esteja esperando por mim na estufa.

Transito entre as sombras dos corredores para chegar ao saguão do jardim. À medida que caminho, uma atmosfera mórbida paira ao meu redor, como se a casa possuísse uma consciência vívida e guardasse os segredos mais sujos de Theo Périgord. As imagens e conversas que vi no computador

de Theo continuam cravadas na minha mente feito um prego pontiagudo. Uma angustia dilacerante esmaga minhas entranhas.

Só quero escapar deste lugar infernal.

Abro as portas para o deck do jardim e saio da casa às pressas. Em meio à escuridão do terreno, avisto a estufa. Olho na direção oposta e estaco os passos ao encarar a construção longínqua e discreta bem aos fundos da propriedade.

O casebre de pedras.

É claro! Um dos poucos lugares do terreno onde jamais estive. Meus instintos me incentivam a seguir naquela direção. Afinal, não posso desperdiçar a chance de desbravar cada centímetro daqui.

Obedecendo à intuição, rumo para o casebre de tijolos de pedra cercado de árvores, e ganho calafrios pelo corpo. Não saberia dizer se é resultado da corrente de ar noturna ou se é um pressentimento de perigo.

Uma porta de ferro sela o casebre. As janelas gradeadas se encontram trancadas, e não há um ruído sequer vindo de lá de dentro. Meses atrás, encontrei uma velha chave enferrujada que suspeitei pertencer à este casebre. Chegou a hora de colocar a teoria à prova.

Procuro a chave grande e pesada na bolsa. Ela adentra na fechadura com certa dificuldade e emperra lá dentro, dura e resistente. Persisto, lutando contra o trinco. Meus dedos doem e o atrito queima a palma da minha mão quando, finalmente, consigo rodar a chave na tranca.

Empurro a porta pesada, e o ferro range em um murmúrio tenebroso.

Adentro no casebre e sou cercada pelo cheiro forte de ferrugem e mofo. Ilumino o meu entorno com a lanterna, deparando-me com um cômodo velho e sujo, repleto de ferramentas e uma mobília carcomida que tenho certeza que não pertence à este século. Uma grossa camada de poeira cobre o piso, indicando que o recinto está abandonado há muito tempo.

Atravesso para o cômodo vizinho e chego ao que se assemelha a uma cozinha. A pia de mármore acomoda latas de tinta empilhadas umas nas outras. A mesa de madeira retangular próxima está cheia de caixas de papelão.

Por Deus! O cheiro de mofo consegue ser ainda mais presente aqui.

Um velho tapete encardido forra metade do chão, e uma estranha protuberância abaixo dele me intriga. Eu o removo do lugar, fazendo uma nuvem de poeira subir. Espirro e tusso, abanando as mãos no ar para

dispersar o pó. Ilumino o alçapão que estava escondido embaixo do tapete e descubro uma passagem selada com dois cadeados enormes.

Retorno ao cômodo ao lado, onde avistei as ferramentas, e capturo uma marreta de ferro. A casa está vazia, portanto um pouco de barulho não será problema. Reúno forças e miro golpes certeiros nos cadeados, me dedicando ao máximo para arrebentá-los. Quero ir até o fim e descobrir o que Theo pode estar escondendo lá embaixo.

Meus braços doem, a pele transpira sob a jaqueta e os pulmões reclamam, exauridos pelo esforço. Mas eu prossigo golpeando os cadeados com persistência.

Arquejo esgotada e solto a marreta no chão no instante que ouço os estalos no metal. Me ajoelho em frente ao alçapão e removo os cadeados arrebentados. Ergo a porta de ferro e abro passagem para o que parece ser um porão. Um odor pungente se ergue, forte a ponto de fechar minha garganta e provocar uma reviravolta em meu estômago. Vou escada abaixo, os degraus de madeira rangendo sob meus pés e a luz da lanterna vagando por todos os lados.

Um cheiro pútrido toma conta do lugar. Preciso cobrir o nariz para conter a ânsia de vômito. O gosto amargo da bile atinge minha garganta conforme caminho pelo compartimento abarrotado de caixotes de madeira.

Ouço ruídos vindo dos cantos do porão. Giro de um lado para o outro, assustada, querendo identificar a origem dos sons. A luz da lanterna paira sobre um pequeno roedor de quatro patas. Logo à sua esquerda avisto outro rato.

Prendo um grito na garganta.

São os malditos ratos do Finch. Então foi aqui que eles fizeram morada depois de serem soltos na propriedade. Provavelmente, fizeram um buraco na fundação do casebre e buscaram abrigo aqui embaixo.

Merda! Tenho pavor a ratos. Caso um deles encoste em mim, terei uma síncope nervosa.

Sobressalto, assustada, e abafo um grito quando eles se movem ao meu redor. As pragas correm em bando para um canto do porão e atravessam um pequeno buraco no rodapé, sumindo de vista. Não sei se estão mais assustados comigo ou se é o contrário.

Sigo para a próxima ala do porão, e o cheiro fétido se torna ainda pior. Há mais ratos aqui, muitos deles. A maioria dos roedores circula agitada em

torno de uma caixa grande e retangular, localizada no canto da parede. Na mesma hora, me recobro da nota fiscal que vi no e-mail de Theo.

*Uma caixa de chumbo com um metro de altura e dois de comprimento.*

Essa é mesma caixa para a qual estou olhando.

Puta merda.

Há um ancinho apoiado na parede ao meu lado, e eu o pego para espantar os ratos. Os roedores se assustam e correm para o outro canto, abrindo caminho para mim. Meu corpo inteiro pinica e coça de agonia, mas me recuso a recuar.

A caixa de chumbo está envolta por correntes. Seguro a borda da tampa e a puxo para cima, abrindo uma brechinha até onde as correntes permitem. Uso a ponta do cabo do ancinho para manter a pequena brecha aberta e ilumino seu interior para enxergar o conteúdo.

Grudo o rosto na caixa nojenta e prendo a respiração. É difícil enxergar através de um espaço tão estreito, mas vejo uma extremidade rígida e meio acinzentada. Jogo a luz em outro ponto e identifico o pedaço de algo cilíndrico, comprido e esbranquiçado e... avermelhado também.

Arregalado os olhos, em completo horror, ao identificar tufos de cabelo ruivo misturados a um emaranhado de roupas. Só percebo do que se trata quando reconheço o formato de uma mandíbula, com todos os dentes intactos. Ao lado dela, uma mão esquelética e deformada.

São ossos.

Recuo com tanto desespero que quase tropeço.

— Meu Deus! Merda... não, não, não... — Desprendo o ancinho da tampa da caixa, fazendo-a se fechar em um baque pesado.

Ossos.

Theo guarda ossos aqui. E não são poucos, trata-se de uma ossada completa que poderia formar um corpo humano.

É monstruoso, mas acho que encontrei o final que eu estava procurando. Está bem aqui, horripilante, trágico e macabro, bem diante dos meus olhos.

Alisha.

Eu vou vomitar.

Solto o ancinho e cubro a boca com a mão quando começo a correr, desesperada para escapar desse lugar que carrega o cheiro da morte. Os

ratos se dispersam para todos os lados, correndo próximo aos meus pés. Tremo em aflição e choramingo assustada, engasgada pela vontade de vomitar. Salto sobre as caixas de madeira para chegar à escada, subindo os degraus a passos velozes, sem nem ver onde estou pisando.

Minha barriga se contrai, mostrando-me que posso regurgitar meu estômago a qualquer momento. Retorno ao piso do casebre e caio de joelhos, aflita. Meu coração se desespera, galopando em minha traqueia e me impedindo de respirar.

Fecho a porta do alçapão num baque e torno a cobri-lo com o tapete. Eu me ponho de pé em um salto, batendo as mãos na calça, na jaqueta e nos braços incessantemente, como se isso pudesse afastar a sensação de completa imundice impregnada em minha pele.

Ainda atordoada, dou meia-volta para escapar da cozinha. Entretanto, congelo meus passos no susto e um calafrio me parte ao meio quando vejo a penumbra de um homem no outro cômodo.

— Kay? — O sussurro ecoa.

Meus músculos relaxam e um suspiro choroso abandona meus lábios quando reconheço a voz de Finch. Logo seu rosto ganha forma diante da claridade da lanterna. Ele se apressa até mim.

— Meu Deus! O que tá fazendo aqui? Escutei os barulhos e pensei que fosse o Theo — ele me diz, alarmado.

Não consigo falar. Minha mente continua presa no porão, junto aos ossos, aos ratos e ao cheiro mórbido. Fungo e deslizo o dorso da mão pelas bochechas, limpamos as lágrimas que escorrem copiosamente. Ao perceber meu choro, Finch rompe nossa distância sem pensar duas vezes. Ele segura meus ombros, os orbes munidos de preocupação.

— Por que está chorando? O que houve?

— Lá embaixo. — Minha voz sai embargada. Aponto para o porão. As palavras se tornam um fio trêmulo saindo dos meus lábios: — Eu encontrei... lá embaixo.

— O quê? O que encontrou?

Engulo um soluço de choro.

— Alisha. Eu estava certa, Finch. Theo a matou. Ele a matou e a escondeu lá embaixo. Eu a vi os... restos do corpo dela dentro de uma caixa. Eu... — respiro fundo e engulo a saliva junto ao nó na garganta — vi o computador dele, as mensagens... tudo. Logo que Alisha desapareceu, Theo

comprou correntes, serrotes... Aquele desgraçado a fatiou em pedaços e a escondeu aqui esse tempo todo.

Termino de falar caindo no choro. Finch me leva para si e me embrulha em seus braços, tentando me acalmar. Fico tão agitada que me desvencilho dele.

— Finch... — é a única coisa que consigo emitir, em estado de choque.

Ele ampara meu rosto em suas mãos e move a cabeça sinalizando que não preciso dizer nada. Sullivan sabe que existe uma barreira erguida entre nós. Contudo, sua vontade de cuidar de mim fala mais alto do que a razão. Seus polegares acariciam minhas bochechas suavemente, e meus olhos vão de encontro aos dele. Mais uma vez, Finch me guarda em seu abraço, em um aperto acolhedor.

A princípio, cogito afastá-lo. Ainda assim, meu corpo se rende ao seu calor e busca abrigo no conforto dos seus braços. É como me isolar em um refúgio familiar e protetor. Eu me permito chorar em seu ombro e me despedaçar no seu alento. Finch segura minha cabeça e acaricia a raiz dos meus cabelos para me confortar.

Enlaço seu tronco com mais força, desesperadamente, como se Finch fosse uma extensão de mim. Necessitando do seu zelo.

— Sei que foram amigas no passado. Sinto muito pelo que viu, Kaylee — ele cicia, a voz baixa e cuidadosa. — Respire devagar, com calma.

Faço que não com a cabeça.

— Não quero me acalmar. Quero que Theo pague caro pelo que fez. Quero ver ele receber o que merece.

— Ele vai, Kay. Ele vai — Finch me assegura, me apertando contra o seu corpo e afagando minha cabeça.

Aos poucos, eu me estabilizo. Finch me solta devagarinho, demonstrando não querer se afastar de mim.

Consigo me recompor do choro. Em contrapartida, não estava preparada para lidar com o tamanho embaraço. Não deveria ter permitido que Finch me abraçasse, porque, agora que me vejo fora do calor reconfortante dos seus braços, parece que há algo faltando em mim.

Dou um passo para trás e esfrego as mãos pelo rosto. O olhar atencioso de Finch me acompanha. Ele traz sua mão para tocar meu ombro, mas logo se afasta e olha para trás em estado de alerta.

— Ouviu isso? — pergunta, focando na saída.

Olho na mesma direção e, dessa vez, ouço nitidamente o som de um motor rugindo ao longe.

— Merda! Acho que Theo está voltando mais cedo!

Imediatamente, Finch une nossas mãos e me conduz para fora do casebre.

— Espere! — eu peço.

Eu me apresso em trancar a porta da construção, deixando-a da maneira em que a encontrei. Outro rugido de motor reverbera pelo terreno, e meu coração salta à garganta.

Corro junto de Finch para os fundos do terreno. Sua mão atada à minha, e nossas passadas velozes afundando no gramado fofo.

— Você encontrou o que precisava? — pergunto a ele, ofegante pela correria.

— Sim, está na mochila.

Olho para trás e vejo as luzes externas da mansão se acenderem.

— Apague a lanterna! — ordeno ao Finch.

Ele me obedece. Seguimos com as luzes apagadas em direção ao carvalho nos fundos do terreno. Finch me dá apoio, e vou na frente, subindo pelos galhos. A respiração arranha em minha garganta mediante o esforço. É difícil me localizar na escuridão. Espalmo o topo do muro e me sento nele. Finch se move com agilidade entre os galhos e se coloca ao meu lado no muro de pedras. Ele salta para o lado de fora primeiro, aterrissando na calçada, e ergue os braços para me receber lá embaixo.

Ignoro o medo e pego impulso para pular. Finch agarra meu corpo e estabiliza minha queda, me levando consigo.

Em uma perfeita sincronia, o Mustang estacionado na outra calçada vem em nossa direção. Finch abre a porta do carro, e eu me lanço para os bancos traseiros. Escuto o estampido da porta batendo, e, em questão de segundos, estamos acelerando.

Encaro os muros da mansão através da janela e levo a mão ao peito, assustada com a intensidade dos meus batimentos. Estou cheia de adrenalina, suada e ofegante.

E eu consegui.

# 30



## Finch Sullivan



Estamos no carro há alguns minutos.

Kaylee se mantém estática ao meu lado, nos bancos traseiros. As feições arrasadas, o olhar vazio vidrado em sua janela e os dedos se apertando inquietos.

Ver os restos mortais da garota desaparecida a abalou por completo.

Gostaria de confortá-la, mas acho que nada vai amenizar a raiva e o horror que a inundam nesse momento. Meu autocontrole batalha para me impedir de trazê-la para perto de mim e embrulhá-la nos braços. Quero senti-la, acariciar seus cabelos, beijar seu rosto lindo e dar o meu máximo para aliviar sua agonia, porque odeio vê-la tão abatida. Todavia, eu perdi esse direito, Kaylee o tirou de mim naquela noite na Linha Velha.

Além do mais, não quero invadir seu espaço e pressioná-la. Desse modo, enquanto Kaylee digere a descoberta, lido com meus próprios demônios. Minha mente se torna um espiral de incertezas e questionamentos, refletindo sobre o que vai significar finalizar meu trabalho com Devan.

Segui suas instruções e vasculhei cada canto dos aposentos do velho Aramis. Dentro do seu antigo escritório, encontrei uma pasta de couro abarrotada de documentos empoeirados. Revirei cada folha amarelada em busca do carimbo do tabelião e a assinatura do Périgord. Por via das

dúvidas, também peguei toda a papelada datada com os últimos meses de vida de Aramis e enfiei na mochila.

No momento que entregar o material ao Devan, estará feito. Vou receber o pagamento, e não haverá motivos para continuar em Faigan. É o fim da linha.

Esse dilema tem fodido minha cabeça.

Que merda eu devo fazer quando sei que preciso partir, mas tudo que minha alma mais deseja é ficar ao lado de Kaylee? De vez em quando, me questiono se seria loucura propor que ela largue tudo e vá embora para a Califórnia comigo. Parece tão egoísta da minha parte afastá-la da família, dos amigos e dos seus planos, mas... porra! Eu não quero abrir mão dela.

É, sem dúvida, a escolha mais dolorosa que já precisei fazer.

Puta merda! Será que existe um jeito de fazer isso funcionar? Porque meu coração está implorando para que haja uma maneira.

— Ah, não... merda! — Ouço Erick resmungar.

Eu me desligo dos pensamentos e dedico a atenção ao Butler. Meu amigo dirige o carro, alternando o olhar entre a pista e o retrovisor.

— O que houve? — pergunto.

— Achei que fosse impressão minha, mas faz um tempo que tem um carro na nossa cola. Não importa o caminho que eu pegue, ele vem atrás.

Kaylee desperta de um transe, alerta com o que ouviu. Viro-me no banco e olho para trás, examinando a estrada. A iluminação das vias não me permite enxergar com clareza, mas vejo o par de faróis que nos acompanha na pista.

— Acham que é a polícia? — Kaylee presume. Igualmente a mim, está olhando para trás, atenta ao veículo que trafega na nossa cola.

Faço que não com a cabeça e pondero:

— Se fosse, já teriam ligado as sirenes e nos feito encostar.

— E se for o Theo? — Os olhos de Kaylee me encontram em pânico. — Talvez ele tenha nos visto saltar o muro.

— Seja quem for, temos que nos livrar deles — Erick alega. — Coloquem o cinto, eu vou pisar fundo.

Balbucio palavrões ao engatar o cinto. O veículo ganha mais velocidade, assumo que indo acima do limite. Confio na direção de Erick. Mesmo quando ele acelera pra caralho e o solavanco faz minhas costas se

afundarem no assento, continuo dando crédito a sua habilidade no volante. Não foi à toa que pedi que dirigisse para nós essa noite.

Olho para trás, vigilante. O veículo não se dá por vencido. Pelo contrário. Aumenta a velocidade e segue o nosso rastro.

Erick sai da pista pavimentada e nos leva à uma estrada de terra, a fim de despistar o carro. Algumas árvores flanqueiam o caminho taciturno, e o solo irregular faz a carcaça do Mustang sacudir. Durante um tempo, acredito ter funcionado, mas não demora para que os mesmos faróis voltem a brilhar na nossa traseira.

Kaylee e eu precisamos nos segurar nos bancos conforme Erick investe em manobras bruscas. Compenetrado na direção, ele desvia a rota e retornamos à pista pavimentada.

— Ele não desiste! — Erick resmunga.

— E agora? — Kaylee se exaspera, o tom carregado de tensão.

Olho para trás e me concentro no carro. Ele ganha bastante proximidade, me dando a chance de examinar o chassi e a lataria vermelha com precisão. Sob a claridade dos postes, eu reconheço o veículo.

*Filho da puta!*

— Não é a polícia ou Theo. É Andrew. Meu irmão está atrás de nós.

— Puta merda! — Erick pragueja, os olhos arregalados se encontrando com os meus através do retrovisor. — Como ele chegou aqui?

— Deve ter nos seguido até Émeraude e nos vigiado.

Kaylee se apruma no banco, nervosa.

— Acham que ele nos viu invadir a mansão? — ela supõe.

Não respondo, somente para não alarmá-la. Mas tenho certeza que sim.

— Já tô na velocidade máxima, não dá pra correr mais que isso — Erick pontua.

Instintivamente, toco o cano do revólver que está preso no cós da minha calça, aliviado por tê-lo comigo. Desço a mão até o bolso do jeans, onde sinto o cabo do canivete.

Uma ideia imprudente toma forma.

Molho os lábios com a língua e inflo os pulmões.

— Pare o carro — eu peço.

— O quê? Nem pensar! — Erick protesta, me encarando pelo retrovisor.

— Ficou louco? — é Kaylee quem me questiona, atônita, e move a cabeça em negação ao me reprovar. — Nós não vamos parar! Não sabemos o que ele quer. É arriscado demais.

— Não importa! Andrew está atrás de mim, e isso não diz respeito a vocês. Parem o carro e deixem que eu resolvo.

— Eu não acho boa ideia, Finch — Erick rebate.

— Não estou perguntando o que acha, estou dizendo o que deve fazer. É meu irmão naquele carro, minha responsabilidade. Pare logo o Mustang, Erick!

Mesmo contrariado, ele reduz a velocidade, fazendo com que o Corolla de Andrew também desacelere atrás de nós. Kaylee faz menção de segurar meu braço, como se quisesse me manter onde estou, mas detém o gesto.

— Finch... tem certeza?

— Não se preocupe, Kay.

O Mustang estaca no meio da pista. Olho para trás e vejo que o Corolla vermelho também parou.

Se Andrew me quer, ótimo! Vamos resolver de uma vez. Seu fantasma me atormentou por dois anos. Está na hora de colocar um basta nisso.

Vou fazê-lo parar.

— Aconteça o que acontecer, não saiam do carro! — dou a ordem a eles, rígido.

— Não fode, Finch! — Erick me fita pelo espaço entre os bancos dianteiros. — Não vamos te deixar sair sozinho.

— Ele tem razão. Vamos com você — Kaylee adiciona corajosamente.

— Não, vocês não vão. Pelo amor de Deus! Façam o que estou dizendo e fiquem dentro do carro. Eu já volto. Prometo! — determino, alternando meu olhar severo entre os dois.

Não espero por suas objeções. Reclino o banco dianteiro e escapo do carro pela porta do carona. A noite fria me recebe com rajadas de vento cortantes. Olhando ao redor, constato que não há ninguém além de nós na estrada.

Endureço o olhar quando a porta do Corolla se abre e Andrew salta para fora do veículo.

Marcho ao seu encontro com passos pesados, nutrido pelo ódio acumulado desde nosso último encontro na Serra Marion. Jamais vou me esquecer do que ele fez e, pior, do que *poderia* ter feito com Kaylee naquela noite. Só de olhar para a sua cara desprezível, sou possuído pela vontade de esmagar seu pescoço até arrancar o último resquício de fôlego dos seus pulmões.

— Finalmente deu as caras, Andrew! — brado, avançado bravamente em sua direção. Ergo os braços ao desafiá-lo. — Dessa vez, era você quem estava se escondendo, não eu. Estou aqui!

Andrew contorna seu carro, sem pressa alguma, e se senta no capô, relaxado e de braços cruzados. Um sorriso dissimulado desenha seu rosto, nada ameaçado por mim.

— O que estava fazendo naquela mansão, Finch? Eu vi tudo.

Fico em silêncio, cada vez mais próximo dele. Como não digo nada, Andrew prossegue:

— Foi para isso que saiu da gangue? Para virar um assaltante de merda que furta casas de ricaços com a sua namoradinha? É patético.

Perto o bastante, enxergo nitidamente a instabilidade vidrada em suas íris. A face pálida, olhos sobressaltados e os lábios ressecados. Não é difícil concluir que Andrew está chapado.

Não sei que tipo de merda ele tem usado agora. Mas parece acabado.

— Está drogado? — eu arrisco.

Ele me ignora e firma o olhar no Mustang além de mim. Aponta para o carro com um aceno de cabeça.

— Tenho uma dúvida. Kaylee já era uma vadiazinha infratora quando te conheceu ou foi você quem a corrompeu para fazê-la invadir mansões do seu lado?

— Não toque no nome dela! — ralho.

— Por que não? Somos todos família agora, não é, Finch? Da última vez, eu curti passar um tempo com a minha cunhada. Mal vejo a hora de ter mais um tempinho a sós com ela. Não nos demos muito bem de primeira, mas tenho certeza que posso fazê-la gostar de mim.

A provocação é o bastante para me fazer explodir. Fecho as mãos em punho e parto para cima dele. Andrew se levanta do capô, pronto para reagir, só que eu ajo mais rápido. Agarro sua camisa e o empurro na lataria

do carro. Seus reflexos se mostram comprometidos, e eu me aproveito disso. Salto sobre ele, distribuindo socos potentes em sua cara.

— Vou te matar se chegar perto dela! — vocifero. Meu punho se choca contra sua mandíbula em um impacto que o faz ranger de dor.

Andrew usa as pernas para me empurrar, tirando-me de cima dele. Eu me desequilibro, mas o puxo comigo, trazendo-o para uma queda feia no asfalto. Rolo por cima dele e o mantenho preso sob mim. Recebo uma joelhada nas costelas, e revido com um gancho que esmaga seu rosto. Não sei se é efeito das drogas afetando seus sentidos, mas Andrew não parece tão veloz e imbatível quanto eu me lembrava. Ou talvez, eu esteja tão movido pelo ódio que seus golpes nem sequer me abalam.

Consigo dominar o combate com destreza, disparando murros incessantes em sua cara. Meus punhos ardendo ao enchê-lo de porrada.

— Olhe só para você, Drew! — Arrebento o rosto dele com um novo soco. Seus lábios machucados são banhados pelo sangue. Um sorriso insolente enfeita meu rosto. — Como se sente levando uma surra do seu irmão caçula? É humilhante demais?

Andrew segura meu rosto e me empurra, tentando me afastar. Seus dedos esmagam meu maxilar, mas eu escapo do seu alcance. Saio de cima dele e, antes que Andrew possa se reerguer do asfalto, puxo a Glock do cós da calça e miro no meu irmão.

— Não se mexa, caralho! Ou vou atirar em você!

Os olhos dele se arregalam, focados no cano do revólver. Andrew cospe o sangue e engole a saliva, ofegante. Seu peito sobe e desce no mesmo ritmo da respiração desenfreada. Ele se apoia pelos cotovelos, mas não se levanta, obedecendo à minha ordem.

Minha visão periférica capta Kaylee e Erick do lado de fora do Mustang. Os dois lado a lado, atentos ao desenrolar do conflito.

— Vou contar aos caras onde você está — Andrew ameaça. — Sabe os antigos Coiotes que não foram pegos na operação? Vou dizer a eles exatamente onde te encontrar. O Erick e até a garota vão acabar se fodendo nessa. Sabe disso, vão pegar pesado com os dois, principalmente com a Kaylee se perceberem que ela é importante para você.

Nego com a cabeça, inabalado, fitando seu rosto ensanguentado sobre a mira do revólver. Durante muito tempo, tive medo dele. Agora, no

entanto, é Andrew quem está no chão, machucado e indefeso, enquanto o poder para acabar com sua vida se encontra na palma das minhas mãos.

— Você se tornou alguém que me dá pena — cuspo, rancoroso. — Se o seu objetivo era me assustar, não conseguiu. Não estou com medo de você, Andrew. Tudo o que sinto é raiva. Não vai estragar minha vida, nem vai colocar seus dedos imundos em nada do que é importante para mim. Eu não vou permitir!

Andrew ri, zombeteiro. Limpa a boca suja de sangue com o dorso da mão.

— E como pretende me impedir, Finch? Vai atirar em mim? Seja franco, caralho! Você não tem coragem. Fui eu quem te criou, eu te fiz ser a maldita pessoa que se tornou. *Eu!* Nós dois sabemos que não vai puxar o gatilho.

Engulo a saliva, sentindo-a rasgar minha garganta.

— Quer apostar?

Mantenho o olhar afiado no dele e, para provar que está enganado, destravo a Glock, deixando-a pronta para disparar. Minhas vísceras se contorcem, e sinto um bolo fechar minha traqueia.

O sorriso ardiloso em seus lábios murcha, os olhos oscilando entre meu rosto e a Glock.

Eu só preciso atirar. Apenas, puxar o gatilho e colocar um ponto-final nessa merda. Da mesma forma que a fúria incendeia minha mente, me convencendo a ir adiante, um calafrio congela minha espinha dorsal. Imerjo profundamente nos olhos do meu irmão mais velho, tendo a convicção de que eu o odeio.

Odeio o que se tornou. Odeio o que fez comigo. Sobretudo, odeio me lembrar de quando nossa mãe nos deixou e ele cuidou de mim. Odeio ainda me recordar de quem ele foi um dia, antes do inferno que o devastou. O sentimento traiçoeiro é tão cruel que me paralisa. Rancor, revolta, pena, dor... tudo misturando pulverizando meus nervos.

A ponta do meu indicador resvala no gatilho. Comprimo os lábios e prendo a respiração.

Já fiz isso uma vez com Callum Allen. Ceifei sua vida e não me arrependo. No entanto, agora parece diferente. Quero meter uma bala na cabeça desse desgraçado e me livrar dos grilhões nos quais ele me aprisionou. Mas meu corpo se nega a obedecer. A pressão crescente em

meu peito me impede de respirar. E, então, eu *me odeio* ao perceber que Andrew tem razão.

Eu não consigo atirar nele.

— Estou esperando, Finch. Atire em mim — Andrew sibila, mordaz, percebendo minha hesitação. — Atire bem na minha cabeça. Faça!

Aperto o cabo da Glock, transtornado. Puxo e solto o ar pela boca, a mandíbula trincada e os batimentos cardíacos martelando os ossos. Sinto que vou implodir com pressão que embarga meu peito.

Não dá, porra!

*Não dá, não dá, não dá...*

Afasto o dedo do gatilho, frustrado. A raiva me transborda violentamente, amarga e intragável. Um ímpeto me faz saltar sobre Andrew e surpreendê-lo com uma coronhada na testa. Rujo de ódio, perturbado pela sensação de impotência. O que me resta é descarregar a revolta da forma mais primitiva e insana possível. Cerro os dentes em um rosnado e choco meu punho em sua cara de novo, e de novo, e de novo. Meus dedos queimam de dor, e meu peito definha em angústia. Seu sangue mancha minhas mãos, e eu prossigo disparando socos em sua face até que minhas forças se esgotem e eu não consiga mais respirar.

Agarro a mandíbula de Andrew com a mão esquerda e mantenho a cabeça dele prensada no asfalto. Com a direita, posiciono o cano do revólver em sua testa. Pela primeira vez, os olhos de Andrew Sullivan refletem pânico. Ele perdeu a coragem de me desafiar. Sequer se move, rendido e mudo sob a mira da Glock.

Meu inconsciente grita em desespero:

*Pressione o gatilho e acabe com isso. Pressione o gatilho e consiga sua liberdade.*

*Só precisa apertar a porra do gatilho!*

Os segundos se arrastam como um castigo enquanto Andrew e eu nos encaramos firmemente. Embora um completo caos tenha se instaurado em meu interior, me quebrando em pedaços, meu rosto não esboça nada além da raiva.

As feições de Andrew, por outro lado, vacilam. Nunca antes ele havia me temido. Agora, no entanto, o brilho assustado em suas íris escuras escancara o medo da morte.

Meu pai me odiava. Minha mãe me abandonou. Meu irmão jurou me destruir e agora eu vou... matá-lo? Isso é ser um Sullivan. A desgraça está impregnada em nosso sangue e sempre encontrará uma forma de se manifestar.

Ela está mastigando a minha alma.

Por Deus! O que foi que nos tornamos?

Comprimo o maxilar com força quando a respiração trava. Minha voz quase se perde nos ecos do meu inconsciente, mas consigo assumir o controle:

— Escute o que vou dizer, Andrew. Porque é uma promessa. Da próxima vez que vier atrás de mim ou se colocar qualquer um atrás da Kaylee ou do Erick, eu vou te destruir. Vou acabar com você da forma mais dolorosa que puder imaginar. E, só quando você não estiver mais aguentando, é que vou colocar uma bala na porra da sua cabeça. Vou tornar cada um dos seus dias miseráveis e te fazer desejar a morte. Sou capaz de te caçar até no inferno para isso!

A amargura desenha seu semblante.

— Olhe para si mesmo, Finch. Você já está enterrado na mesma cova que eu. Nós dois não somos tão diferentes quanto pensa.

— Pode até ser verdade. E, se for, isso deveria servir como um alerta para você. Porque não vou deixá-lo tirar mais nada de mim. — Saio de cima de Andrew e mantenho a Glock mirada nele.

Seus olhos escuros me acompanham. Sem desviar do contato visual, aponto o revólver para sua perna esquerda e atiro. Andrew berra de dor e se contorce no asfalto, levando a mão ao local baleado.

Com a respiração acelerada, os músculos sobrecarregados de tensão e os ombros agitados, eu trovejo para ele:

— Vai fazer as malas ainda hoje e sair da cidade! Se não fizer, sou eu quem vou atrás de você. Não tenho mais medo! Estou pronto, porra!

Andrew aperta as pálpebras e choraminga, delirando com a dor do tiro.

A todo instante, só penso que estou cometendo um erro ao deixá-lo viver. Minha mente entra em conflito. Não consigo respirar. A mão com a qual empunho o revólver começa a tremer descontroladamente, um claro sinal de que atingi meu limite. É como ter uma avalanche destruidora dentro de mim.

Eu deveria matá-lo, antes que ele me mate. Mas como? Puta merda, como vou conseguir? O peso de olhar nos olhos de alguém que já amei e tomar essa decisão é lancinante.

Eu me sinto fraco.

*Incapaz! Estúpido! Burro!*

*O que estou fazendo?*

Meus olhos ardem com lágrimas de ódio. Sou desnorteado pela mágoa. Levo as mãos à cabeça e dou um passo para trás, hiperventilando com o ar rarefeito. O desespero varre meus pensamentos e preenche minha mente com um limbo. Parece que meu crânio vai se partir em pedaços.

Passos velozes ecoam ao meu redor, mas nem assimilo de onde vêm.

— Finch! — A voz de Kaylee emerge em meio ao turbilhão em minha cabeça.

O rosto dela surge à minha frente. Kay envolve meu maxilar nas mãos, cuidadosamente. Seu olhar busca pelo meu.

— Finch, me dê a arma! — ela suplica, aflita. — Por favor, se acalme e me dê a arma.

Foco no par de olhos acobreados. Seus dedos afagam meu rosto e me levam para si, fazendo minha testa tocar a sua. Fecho as pálpebras com força, lutando para regular a respiração errática. Devagar, as mãos de Kaylee alcançam as minhas, e ela tira a arma do meu alcance.

— Está tudo bem, Finch — sussurra para mim. — Respire comigo. Não pense em nada, apenas respire fundo, comigo.

Faço que sim com a cabeça. Encho os pulmões de oxigênio, agonizando, e expiro lentamente pela boca. Repito o processo.

Em momento algum Kaylee se afasta de mim. O toque macio das suas mãos me acolhe, e seu cheiro familiar é como um anestésico potente.

Devagar, abro os olhos e encontro aquelas íris vívidas e cintilantes que tanto me cativam, conseguindo voltar a mim. Um sorriso suave e emotivo curva seus lábios, e Kay assente, demonstrando compreender o que estou sentindo.

Olho para além dela, na direção de Andrew. Meu irmão permanece bramindo de dor no asfalto. Ele rasteja e, com certo esforço, consegue se reerguer. Uma cascata escarlate mancha sua calça jeans e respinga no chão,

ao passo que ele manca rumo ao seu carro. Ele nem se atreve a olhar na minha direção. Não apenas seu corpo está ferido, mas o orgulho também.

Concentro meu olhar em Kaylee. Ela acaricia meu rosto, cheia de zelo e preocupação.

— Vamos embora, Finch — ela pede em voz baixa.

Suas íris dóceis me quebrantam. Quando dou por mim, a compressão aterrorizante em meu peito se abranda.

Andrew se refugia dentro do carro às pressas, aceitando a derrota. Em poucos segundos, o motor ronca, e o veículo acelera pela estrada, nos deixando para trás.

Vejo seu carro partir, sem nem saber que merda estou sentindo.

# 31

## Kaylee Clark

Tranco a porta do flat e me escoro nela, sem forças, respirando o mais profundamente que posso. A musculatura dolorida queima em cãibras em virtude da exaustão física e mental.

Esta noite foi perturbadora, o peso de tudo o que presenciei se ancora em meus ombros e me puxa para baixo. Parece que passei por um moedor, cada músculo exaurido e a cabeça atormentada por uma enxaqueca.

Deixo as chaves e a bolsa na mesa de centro e sigo para cozinha, em busca de um pouco de água na geladeira. Derramo o líquido fresco no copo e bebo todo o conteúdo, visando amenizar a sequidão na garganta.

Com as mãos escoradas sobre a bancada de granito, inspiro e expiro bem devagar, procurando colocar os pensamentos em ordem. Daqui por diante, terei que calcular minuciosamente meus passos e escolher a melhor maneira de expor as evidências que consegui. Contudo, ao mesmo tempo que compreendo a urgência de uma tomada de atitude, meu corpo esgotado implora por descanso.

Foi demais para mim. Ler aquelas mensagens, ver os restos de Alisha em uma caixa como se fossem peças desencaixadas de um quebra-cabeça mórbido. Pelo amor de Deus, aquela imagem nunca vai sair da minha memória.

Fico nauseada e por pouco não regurgito a água que bebi.

Deposito o copo vazio na pia e atravesso o flat, livrando-me das roupas sujas e dos sapatos. Jogo a jaqueta no chão e removo a blusa de mangas compridas, sem me importar em levá-las ao cesto de roupas. Estou emocionalmente cansada até para isso. Arranco o elástico do cabelo para soltar os fios. A cascata cacheada encobre meus ombros, e eu alongo braços e pescoço, aliviando a tensão.

Entro no quarto e sou surpreendida por uma penumbra parada em frente à janela. Depressa, eu clico no interruptor para acender a luz. A claridade se expande, dando forma à figura diante de mim. E, por incrível que pareça, eu não me assusto.

É Finch. Dentro do meu quarto.

Além dele, vejo as cortinas e o vidro da janela abertos, indicando que foi por ali que ele entrou. Torno a encarar o moreno vestido de preto dos pés à cabeça, com o semblante abatido e um olhar profundamente triste.

Ele aponta para trás sobre o ombro. Suas íris arrasadas fazem contato direito com as minhas.

— A janela estava destrancada — cicia, baixo e desanimado.

Dou um passo à frente. Minhas pálpebras piscam em um sinal de dúvida. Observo-o de cima a baixo, impactada pela visita inesperada.

— O que faz aqui, Finch?

Um sorriso triste tremula em seus lábios, e ele move a cabeça em negação, igualmente duvidoso.

Finch está devastado. O confronto entre ele e seu irmão parece ter sugado sua vitalidade. O homem que vejo agora é apenas uma casca oca, moldada por rupturas. O peso de quase ter assassinado o próprio irmão está destruindo-o, posso sentir em mim a sobrecarga que o envolve.

Naquele momento, quando Finch mirou a arma na testa de Andrew, tive certeza de que ele atiraria. E, embora eu compreenda os inúmeros motivos que o levaram a cogitar dar fim à vida do irmão, fiquei terrivelmente aliviada quando ele não o fez. Aquilo o destruiria de tantas formas que talvez ele jamais pudesse remontar seus cacos e se recuperar do fardo de carregar o próprio sangue nas mãos.

Finch solta o fôlego pela boca e crispa os lábios. Seus olhos avermelhados parecem prestes a transbordar em lágrimas, embora ele se esforce para se manter firme.

— Kaylee, eu... não consigo ficar sozinho agora. Será que... posso passar um tempo aqui? Não precisa falar comigo, eu só não quero... estar só.

Sua súplica, sincera e emotiva, me quebra em um milhão de pedaços, e agora sou eu que preciso me segurar para não me debulhar em lágrimas.

Antes, havia tanta raiva incinerando meu peito. Agora as labaredas ferozes se reduziram a uma mera fagulha.

Chego mais perto dele e estendo as mãos para tocar as dele.

— É claro que pode.

Sullivan funga, segurando as emoções, e não permite que nenhuma lágrima se derrame. Está dando seu melhor para segurar as pontas. No entanto, seus olhos não mentem. Parece um cristal frágil, a ponto de se estilhaçar.

— Obrigado, Kay.

Envolvo seus dedos nos meus, carecendo acolhê-lo.

— Como você está? — faço a pergunta idiota, porque sua desolação é visível.

Finch engole a saliva como se ingerisse uma pedra. Pestaneja e trinca o maxilar com força, prendendo o choro.

— Eu não consegui. Não consegui, porra... — As palavras lamentosas parecem arrasá-lo ainda mais. Finch tenta se afastar, mas eu seguro em seus ombros e avanço em sua direção. Ele move a cabeça negativamente e continua: — Sou um idiota. Eu deveria ter atirado na cabeça dele. Eu pensei que conseguiria, mas, quando chegou a hora, eu... merda... não consegui... não podia ter deixado ele escapar, eu...

— Finch, pare. Não seja cruel consigo mesmo se cobrando dessa forma. É totalmente compreensível que não tenha atirado. Andrew é seu irmão.

— Mesmo assim! Eu já fiz isso antes, não deveria ser diferente com ele. Eu... não deveria sentir todas as merdas que senti quando a hora chegou. Se eu tivesse feito, teria resolvido tudo. Estava nas minhas mãos, eu poderia ter quebrado a porra da corrente e... eu falhei.

Ele abaixa a cabeça e enterra o rosto nas palmas das mãos, se recriminando. Acaricio seus ombros, em um impasse entre querer abraçá-lo com todas as forças e preservar uma distância sensata entre nós.

— Eu não acho que tenha tomado a decisão errada — declaro, sendo honesta. — No seu lugar, eu faria o mesmo.

Finch ergue a cabeça e volta a me encarar. Ele não responde, apenas funga e esfrega as pálpebras, tentando dispersar as poucas lágrimas que escorrem. Meu coração se reduz a um grão de areia de tão pequeno e apertado.

Eu entendo por que, ao invés de buscar refúgio batendo à porta de Erick, ele preferiu atravessar minha janela. Finch jamais teria coragem de desmoronar dessa forma e demonstrar tanta vulnerabilidade diante de mais ninguém além de mim. Por isso ele está aqui.

Porque confia seus sentimentos e sua fragilidade a mim. Isso me toca profundamente.

Olho à nossa volta, observando a cama arrumada e a porta do banheiro anexo. Puxo fôlego e limpo a garganta para dizer:

— Vem comigo.

Seguro as mãos dele e o conduzo pelo quarto.

— Para onde tá me levando?

— Só vem. Você precisa descansar.

Sem discutir, Finch se deixa ser guiado ao banheiro. Solto suas mãos e vou até a banheira para ligar a torneira e enchê-la de água. Pego os frascos dos sais de banho e os apoio na beirada da cerâmica branca.

— Vai tomar um banho e dormir — eu o instruo.

— Não precisa disso, Kay. Eu posso ficar como estou e daqui a pouco me mando.

— Nem pensar. Como um homem civilizado, vai tomar um banho quente e se acalmar. Lembra quando eu disse que ia civilizar você? Pois bem, vou cumprir com minha palavra.

Apesar da tristeza intrínseca em seus olhos, um sorriso quase invisível ergue o canto de sua boca, mostrando-me que ele se lembra do dia em que eu lhe disse isso de brincadeira.

Finch não protesta. Quieto e distante, ele me observa derramar os sais na água e agitar sua superfície com a mão, criando ondinhas. Com a banheira já cheia, desligo a torneira e me viro para Finch.

— Tire as roupas e as jogue no cesto. Enquanto isso, vou buscar uma toalha limpa pra você.

— Tá legal — ele cede e se abaixa para remover os sapatos.

Deixo Finch sozinho no banheiro e me dirijo ao quarto. Na cômoda de roupas de cama e banho, apanho uma toalha limpa. Aproveito para vasculhar o armário e procurar pelas peças que Finch deixou aqui durante o feriado de Ação de Graças. Depois que ele foi embora, eu as lavei e nunca tive a chance de devolvê-las.

Bom, elas serão úteis agora.

Pego a camiseta, a calça moletom e a cueca boxer, e as carrego junto à toalha. Logo que retorno ao banheiro, me deparo com Finch inteiramente despido, de costas para mim, prestes a adentrar na banheira.

Deixo as roupas no suporte ao lado do cesto e me viro na direção oposta, evitando encarar sua nudez. Até porque o intuito de lhe preparar um banho não carrega nenhuma segunda intenção e sei que não é o momento para que nenhum de nós avance o sinal. Só estou querendo ser boa para ele.

Paro em frente à pia e me encaro no espelho. Atrás de mim, há somente ladrilhos brancos e nada de Finch despido. Assim é melhor.

Apenas neste segundo, observando meu reflexo, percebo que estou usando apenas um sutiã preto e a calça jeans. Olho para baixo e encaro meus pés descalços, um tanto nervosa. A inquietação me faz mordiscar o lábio inferior e abraçar o corpo.

Pelo canto do olho, noto que Finch já adentrou na banheira, sentado sob a água e recostado na cerâmica. Viro-me de frente para ele, presa em sua imagem. Seu olhar vazio está focado no nada, e suas linhas de expressão se convertem em sofrimento.

As dores que Finch carrega são profundas, cicatrizes abertas envolvendo seu passado, sua família, o amor que nunca recebeu e o lar que jamais teve. Meu coração dói. Quero chorar com ele, quero arrancar o suplício que envenena seu coração e vê-lo encontrar a paz que merece.

Eu me aproximo, insegura, e me sento no chão, ao lado da banheira. Finch nem sequer olha na minha direção, atormentado por seu próprio inconsciente. Um soluço de choro fica preso em minha garganta quando o vejo fechar os olhos e recostar a cabeça na banheira, mergulhado em agonia.

Um impulso faz com que eu me coloque de pé e remova a calça jeans, ficando apenas de calcinha e sutiã. Finch só percebe o que estou fazendo quando eu adentro na banheira. Seus olhos se abrem, e ele me fita confuso.

Não deixo que diga nada. Eu me sento sobre suas pernas e, com todo o meu coração, o abraço. Afundo o rosto em seu peito e enlaço seu tronco com uma urgência que poderia nos fundir.

Os braços dele se fecham ao meu redor na mesma intensidade. Não dizemos nada, e nem é preciso. O momento exprime todas as nossas palavras não ditas. Uma conexão capaz de tocar as nossas almas, em plena sintonia.

Sua respiração atinge meus cabelos, e, com nossos corpos inteiramente unidos, sinto as batidas do seu coração em mim. A calmaria do seu aconchego me acalenta. E não o solto, desejando aliviar sua angústia, da mesma forma que ele faz comigo.

Finch relaxa gradativamente conforme sua respiração se abranda, enfim descansando mente e corpo.

Talvez seja um erro me expor tão abertamente aos sentimentos que guardo, visto que sei que nada mudará entre nós e que em breve Finch irá embora. Mas não consigo fugir. Preciso de cada mísero segundo significativo e íntimo com ele, onde a única coisa que nos cerca é o afeto.

Atados um ao outro.



Depois que Finch deixou o banheiro, foi a minha vez de tomar banho. Passei longos minutos debaixo da água quente e, de certo modo, usei isso como pretexto para me esconder aqui dentro.

Termino de vestir o pijama de cetim branco, uma blusa de alças finas e um short, e passo a toalha pelo cabelo úmido. Estou exausta demais para realizar o processo de fitagem nos cachos. Decido deixar que sequem ao natural e saio do banheiro.

Dentro do quarto, encontro Sullivan debruçado na janela. Vestindo somente a calça moletom preta, ele observa a rua silenciosa. Sua escápula esquerda, acima da tatuagem do escorpião, é marcada por uma mancha roxa e escurecida, parecendo ser fruto de uma pancada. Sei que Finch retornou aos ringues do Cerberus, então presumo que tenha conseguido o hematoma em alguma luta.

— Não vai deitar? — Atraio a atenção dele.

Finch se volta para mim. Apesar do esforço, de modo discreto, seu olhar escaneia meu pijama. Depois ele dá de ombros.

— Não vou conseguir dormir.

— Mas deveria tentar. — Aproximo-me da cama e dou dois tapinhas no colchão, chamando-o. — Quanto mais cedo tentar, mais rápido vai conseguir.

Finch olha de mim para a cama, pensativo.

— Posso dormir no sofá.

Faço que não com a cabeça e sorrio gentilmente.

— O sofá vai destruir suas costas. Vai dormir aqui para conseguir descansar.

Finch vem a passos lentos em direção à cama, incerto. Faz uma leitura demorada do meu rosto para saber até onde pode ou não chegar. Percebendo que minha oferta é sincera, ele se senta no outro lado do colchão.

Os segundos se arrastam preguiçosamente e continuamos assim, nos encarando em silêncio.

— Por que está fazendo isso por mim? — Ele parece perdido.

Suspiro e reflito. Acho que nem eu sei a resposta. Mas decido dizer o que parece mais simples:

— Você me ajudou hoje no casebre. Apesar de tudo o que te disse naquela noite, na Linha Velha, cuidou de mim. Acho que... só tô tentando retribuir.

Devagar, Finch anui com a cabeça e, em um ato corajoso, traz sua mão para tocar meu queixo. Seu polegar resvala um carinho suave em minha pele. Preciso fingir que cada pedacinho de mim não se avivou com seu tato.

— Você poderia me derrubar aos seus pés e pisar em mim. Mesmo assim, eu ainda iria querer cuidar de você. E não me deveria nada em troca.

Sua mão abandona meu rosto, e eu quase a capturo para trazê-la.

*Droga, se contenha!*

Para refrescar a mente e afastar as ideias idiotas, saio da cama e vou até o interruptor para apagar a luz do quarto. Apenas o abajur se mantém aceso, criando uma iluminação baixa.

Volto para a cama e me aconchego no colchão. Finch continua como uma estátua, sentado, encarando o vazio. Vê-lo nesse estado de nervos me agoniza.

— Finch...

Antes mesmo que eu termine de dizer, ele despeja:

— Não consigo, Kaylee. Não paro de pensar no meu irmão e... em tudo. Talvez... eu deva ir para casa. Acho que, se eu beber alguma coisa ou fumar uma erva, vou me acalmar.

Eu me sento diante dele.

— Sabe como vai se acalmar? Deitando e fechando os olhos. — Seguro seu braço e o trago para mim.

Finch não resiste. Eu me sento com as costas apoiadas na cabeceira da cama e faço com que ele se deite, repousando a cabeça no travesseiro em meu colo.

Eu não deveria fazer nada disso. Porém, não tenho coragem de lhe dar as costas, sabendo que ele se encontra tão emocionalmente instável e que possui um revólver em seu apartamento. Não quero que faça nenhuma besteira.

Finch contorna minha cintura com um braço e se aninha a mim feito um garotinho indefeso e quebrado. Meus dedos se embrenham entre os cabelos negros úmidos e faço cafuné em sua cabeça. Com a outra mão, acaricio as costas dele.

De certo modo, isso também me acalma. Porque, enquanto estamos juntos, não sou assombrada pelas imagens horríveis que vi na mansão. Consigo varrê-las para longe à medida que meus pensamentos são dominados por Sullivan.

Ao decorrer dos minutos, observo a respiração de Finch suavizar e seu aperto ao meu redor ficar cada vez mais frouxo. Ele vai perdendo as forças e adormecendo no meu colo.

Somente quando Finch para de se mexer, dando-me a certeza de que pegou no sono, eu paro de acariciar seu cabelo. Com cautela, removo o travesseiro do colo e deixo que Finch repouse no colchão. Escapulo da cama devagarinho, mas, antes que eu me afaste, a mão dele segura meu pulso.

Olho para ele. Ainda que sonolento, Sullivan abre e fecha as pálpebras, perdido.

— Aonde vai? — sopra, mole de cansaço.

— Não se preocupe, vou dormir mais tarde. — Sorrio de leve para tranquilizá-lo.

Finch me observa com dúvida, mas não se opõe. Suas íris obsidianas me imploram para ficar, mas fujo do contato visual. Deixo-o sozinho na cama e abandono o quarto, pelo meu próprio bem. Cruzo o corredor em direção à sala e libero o ar preso em meus pulmões.

Conhecendo a força dos sentimentos que nutro por Finch, não posso me atrever a passar mais uma noite ao seu lado. Tornaria ainda doloroso ter que vê-lo partir. Portanto, para preservar o pouco que resta do meu coração, eu me ajeito no sofá da sala, de barriga para cima, encarando o teto, pronta para passar uma noite inteira em claro aqui.

Mas com meus pensamentos presos ao moreno de olhos obsidianas.

# 32



## Finch Sullivan



Kaylee não voltou para a cama.

Sei disso porque acordei diversas vezes durante a noite e não a encontrei do meu lado.

Isso me quebrou. O que mais está me frustrando é saber que a culpa é minha.

É realmente impressionante o quanto aquela mulher me surpreende cada dia mais. Eu desmoronei em pedaços, e ela foi capaz de passar por cima das nossas divergências e me acolher em sua casa, na sua cama. Ela cuidou de mim e se colocou à minha inteira disposição só para que eu não ficasse só.

Estive em muitos lugares e conheci muita gente ao longo desses anos sendo um andarilho sem rumo. E eu, definitivamente, não imaginava que teria a sorte de cruzar com um anjo feito Kaylee no meu caminho. Nunca fui o tipo de cara que espera o melhor das pessoas, pelo contrário. Mas Kaylee é tão boa para mim, de uma forma desconcertante, que me faz sentir minúsculo diante do seu altruísmo.

Meu orgulho se dobrou para ela. E meu coração lhe confiou cada uma das minhas fraquezas como eu jamais havia feito.

Ainda que ela não tenha dormido na cama, seu cheiro está por toda parte. Nos travesseiros, lençóis, em mim. Porra... Estou tomado por ela.

Logo que acordei e entrei no banheiro, vi que Kaylee teve o cuidado de reservar uma escova de dente nova para mim na pia. Parece bobeira, no entanto, é bem mais do que eu esperava receber dela depois do nosso término.

Agora, após ter escovado os dentes e passado intermináveis minutos me encarando no espelho da pia, lembrando-me da noite passada, retornei ao quarto e me sentei na cama, sozinho e pilhado.

Estou criando coragem para procurar Kaylee no flat. Tenho medo do que ela vai me dizer. Medo de como vai se portar. Medo de que ela diga que se arrependeu e me coloque para correr daqui, do jeito que mereço.

Eu me distraio assistindo à criaturinha peluda que desfila para dentro do quarto. Os olhos verdes da Duquesa focam em mim, e ela se apressa em minha direção. Bastante à vontade, ela caminha se esfregando entre minhas canelas e escala meu joelho com as patas dianteiras, querendo atenção. Pego a gata nos braços e a ajeito em meu colo.

Um sorriso sincero e inesperado brota em meu rosto quando Duquesa ronrona e morde meus dedos de brincadeira. Toco seu focinho macio, fazendo um leve aperto, enquanto ela tenta prender minha mão entre as patas. Como é possível que um serzinho tão pequeno, que nem sabe falar, transborde tanto carinho?

Se Kaylee der sopa, vou roubar essa gatinha para mim.

— Acho que a sua dona ainda está muito puta comigo. O que você acha, Duquesa? — sussurro.

A gatinha se remexe e troca de posição, se espichando no meu colo ao receber carinho nas costas. Afago suas orelhas e beijo a cabeça dela, me despedindo.

Deixo a bichana na cama e me levanto. Antes de cruzar a porta do quarto, absorvo encorajamento. Abro e fecho os punhos, alongo os ombros como se me preparasse para correr uma maratona e conto até dez. Puta merda, tô nervoso pra cacete. Não, é mais do que isso. Estou apavorado.

Essa mulher está acabando comigo. Meu corpo se rende a ela, à sua constante presença em meus pensamentos, ao quão viciante é venerá-la e ao quão tortuoso é não poder tê-la. É a coisa mais pura que já experimentei. É alento. É como estar em casa. Enfim, encontrar o seu lar após uma árdua e longa jornada. E eu não vou me sentir assim em nenhum outro lugar, senão nos braços dela.

Tenho repensado tanta coisa desde que abri os olhos neste quarto. Rebobinando o que aconteceu nas últimas semanas e recalculando minha rota. Minhas decisões, convicções, planos... tudo. Ainda não sei como, mas o chacoalhão que recebi ontem à noite era exatamente o que eu precisava para enxergar as coisas por uma nova perspectiva.

Acho que finalmente tenho a resposta da qual mais precisava. Não foi fácil consegui-la. Precisei enfrentar um fantasma que me aterrorizou por anos. Tive que olhar nos olhos do meu pior pesadelo e gritar mais alto que ele para me liberar. Apesar de ter me abalado pra caralho, sinto que confrontar Andrew Sullivan me fortificou. Por muito tempo, tive medo dele. Mas descobri que, muito além do temor, existe a fúria. Agora ele também sabe disso.

Saio do quarto e, do final do corredor, avisto Kaylee em frente ao balcão da cozinha. De costas para mim, ela não me vê, mas tenho certeza que escutou meus passos. Ela veste o mesmo pijama branco de ontem à noite; a blusinha de alças finas e o short curto que evidencia seu corpo atraente.

Está linda, sem nem se esforçar.

Somente quando já estou na cozinha é que Kaylee se vira para me encarar. Sempre adorei vê-la desse jeito, meio descabelada, com a cara limpa e essas roupinhas minúsculas. Talvez seja porque, da primeira vez que invadi seu quarto, ela estava bem assim, e aquela imagem nunca mais saiu da minha cabeça.

É nostálgico.

— Tem café pronto. — Ela indica a cafeteira sobre a pia, e logo desvia o olhar. — Vai encontrar canecas limpas no armário, deve lembrar onde ficam. Meu pai trouxe brioches ainda há pouco, deixei alguns na mesa pra você.

Estudo seu rosto, observador. Kaylee parece diferente. Mais distante e evasiva. Mal consegue olhar diretamente no meu rosto.

Merda... isso é um péssimo sinal.

Sem prolongar o assunto, ela volta a me dar as costas e dedica sua atenção ao caderno com capa de couro acima da bancada. Folheia as páginas e destaca alguns pedaços colando *post-its*, agindo como se eu não estivesse aqui.

Dou um passo curto em sua direção, quase hesitando. Tento respirar, e o ar pesa quilos no meu peito. É ridículo o quão inseguro Kaylee consegue me deixar. Parece que o comichão que surge na boca do meu estômago vai crescer e me engolir.

Apesar do nervosismo, não consigo refrear o impulso. Há tanto que quero dizer. Necessito do seu olhar, dos seus toques. Meu Deus, quero ver seu sorriso!

Sem medir as consequências, invisto na direção dela, surpreendendo-a ao passar meus braços ao redor da sua cintura e abraçá-la por trás. Embrenho o rosto entre os cachos cheirosos e a aperto firmemente contra mim, energizado pelo calor do seu corpo, que parece ter sido feito para se encaixar no meu.

Como senti falta de abraçá-la assim!

Kaylee segura meus braços, e eu a ouço ofegar, pega desprevenida.

— Finch? — Sua entonação demonstra espanto.

— Eu sinto muito. — Minha voz treme de emoção. Afundo o rosto na curva do pescoço dela e salpico beijos em sua pele macia. — Sinto muito, Kaylee.

Ela não se afasta, mas também não retribui em nada. Seu corpo se mantém petrificado enquanto eu a embalo em meus braços desesperadamente e respiro seu aroma como se precisasse disso para sobreviver.

— Sullivan... não... me solta — ela manda.

Ganho uma pontada no peito.

Kaylee se desvencilha de mim como se eu fosse contagioso. Quando me olha frente a frente, suas pálpebras batem rápido e sua respiração está desregulada. Afetada pela nossa aproximação.

— E-eu... estou atrasada. — As palavras se atropelam ao deixarem seus lábios. — A farmácia está fechada hoje. Preciso ir lá arrumar o estoque. Vou para o meu quarto me trocar.

Dada a desculpa esfarrapada, Kaylee escapa da cozinha feito um furacão. Vou atrás dela e a intercepto na sala, barrando sua passagem.

— Kaylee, por favor! Espere.

Meus braços a cercam contra a parede, agindo por reflexo. Os olhos dela entoam surpresa, medindo-me da cabeça aos pés.

— Saia do caminho, Finch! Por que está fazendo isso?

— Só quero que me escute.

— Mas eu não quero escutar. Eu... não aguento. Sabe o que vai acontecer se eu te ouvir? — rebate com um fiapo de voz. Seus olhos lacrimejam, escancarando as emoções que ela tentou ocultar. — Eu vou fraquejar, e, quando der por mim, vamos estar juntos outra vez. E, quando tivermos que parar, será ainda pior. Não quero mais estar nessa montanha-russa imprevisível e colocar meus sentimentos em jogo. É demais para mim.

Lágrimas gordas fluem pelo seu rosto. Ela se despedaça.

— Kaylee, não chore.

— Isso não é justo. — Seu timbre rouco pelo choro é um estilhaço atravessando meu coração. — Não pode me fazer sentir tanto quando sabe o que vai acontecer. Agora que cumpriu seu objetivo, não existe mais nada que te prenda aqui. Está indo embora de Faigan. Então, por favor, não me faça sentir mais do que já estou sentindo, porque não vou suportar.

Um choro copioso faz as lágrimas banharem seu rosto e as bochechas assumirem um tom avermelhado. Kaylee tenta passar por mim, desesperada para fugir do meu alcance. Mas eu não permito. Firmo as mãos na sua cintura e avanço, fechando-a contra a parede. Seus braços tremem em meio aos soluços, e, para acalmá-la, seguro seu rosto e uno nossas testas.

Os orbes castanho-claros, embebidos pelas lágrimas, aceitam o meu contato visual.

— Está errada, Kaylee. Existe, sim, algo que me prende aqui... — seco seu rosto com os polegares e sinto meus olhos arderem — *você*.

Seu choro não cessa. Com os lábios trêmulos e a respiração entalada na garganta, Kay não consegue dizer nada. Deslizo seus cabelos para trás das orelhas e enxugo cada lágrima que escorre pelas suas bochechas.

— Amor, eu não vou fugir. Não vou mais embora. Eu vou ficar, por você.

Os olhos dela oscilam perdidos pelo meu rosto.

— O quê? — Kay gagueja, chorosa.

— Estou cansado de correr. Cansado de sempre me privar e acreditar que não mereço ter algo bom na minha vida. Foi do seu lado que percebi que posso viver e não apenas sobreviver, e a sensação é a melhor que já experimentei. Não vou abrir mão disso. Quero ficar com você.

Boquiaberta, Kay me esquadrinha por demorados segundos, digerindo o que ouviu.

— Mas... Finch... tem certeza? E o seu irmão? Ontem à noite ele disse que mandaria outros atrás de você.

Cubro seus lábios delicadamente com os dedos para calá-la.

— Eu vou enfrentá-lo, Kay. Como fiz ontem, mas, da próxima vez, não vou hesitar. Não me importa quem venha, vou enfrentar cada um deles. Preciso parar meu irmão, antes que ele me assombre pelo resto dos meus dias. Mas, principalmente, não quero imaginar uma vida longe de você. Estou fazendo por mim, por nós, porque eu te amo demais para conseguir dizer adeus.

Novas lágrimas inundam seus olhos, dessa vez esboçando brandura. Seus dedos se encaixam no meu maxilar, e um sorriso comovido emoldura seus lábios.

— Você me ama?

Assinto, completamente rendido.

— É a primeira vez que digo isso a alguém, e nunca tive tanta certeza na minha vida. Antes de te conhecer, nem acreditava que era capaz de sentir algo assim. Você me mudou. E, se você sentir por mim apenas um terço do que sinto por você, já será o bastante. Se eu puder ter apenas um pedaço do seu coração, vou fazer dele o meu lar.

— Acha que eu não sinto mesmo? Você não teria um pedaço do meu coração, e sim o teria por inteiro, porque te sinto em cada parte dele, Finch. Mas tenho medo de tudo dar errado, que as coisas se tornem tão turbulentas que você não terá escolha, senão partir. Eu... tenho tanto medo.

— Diga que me ama quando estiver pronta para dizer. Até lá, vou te dar todos os motivos do mundo para isso e não vou parar até saber que consegui. Te prometo que vou ficar. Estarei com você e permanecerei até que se canse de me ter ao seu lado.

— E se eu jamais me cansar de tê-lo comigo?

— Então, eu jamais vou partir — eu juro, os olhos fixos nos dela, intensos como a promessa. — Jamais, Kaylee Clark.

A minha gatinha sorri, radiantemente, os olhos brilhando para mim de um jeito que me faz ter certeza de que tomei a decisão correta.

— Agora pare de chorar, uh? Pelo resto do dia, eu só quero te ver sorrindo assim.

Os braços dela contornam meu pescoço e me levam para si. O toque macio dos seus lábios me recebe, e eu a sinto sorrir durante o beijo. Estou entregue, me embriagando com seu sabor extasiante e sucumbido ao que meu coração mais implorava. Após dias submerso em uma tormenta no meu próprio subconsciente, parece que voltei à superfície e estou respirando de novo.

Já acreditei que Kaylee pudesse ser minha perdição. Mas errei, porque minha salvação está nas mãos dela. O poder para domar o caos que habita em mim pertence a ela. Jamais imaginei que ter minha alma acorrentada a de outra pessoa pudesse me trazer a paz que sempre procurei. Antes, a ideia me parecia irreal, e agora é meu paraíso.

Envolvo a cintura dela com o braço e não deixo que reste um milímetro entre nós. Meu corpo vibra pelo dela, centelhas explosivas bombardeando meu peito. Quando nosso beijo se encerra, Kaylee parece sem ar, os olhos cintilantes feito estrelas e um sorriso entorpecido iluminando seu rosto.

— Queria poder continuar aqui com você, *Mon Coeur* — recita com doçura. Caralho, não sei até hoje o que o apelido significa, mas amo essas palavrinhas saindo dos lábios dela. — Mas eu não estava mentindo. Preciso mesmo ir até a farmácia para organizar o estoque.

— Nem pensar, a farmácia pode esperar. Tenho outros planos. — Agarro suas coxas e a puxo para o meu colo, fazendo suas pernas me prenderem. — Quero ficar o dia inteiro com a minha gatinha. Sem pensar em problemas, em nada. Hoje, eu só quero ouvir sua voz, sua risada e seus gemidos.

Estalo um beijo em sua clavícula, outro no pescoço e um último em seu queixo. Kaylee ri baixinho, aprovando a iniciativa. Eu a carrego pela sala, e ela se agarra a mim com ainda mais precisão, as pernas entrelaçadas na minha cintura e os braços enlaçando meu pescoço. Ela beija meu pescoço, em cima da tatuagem da lua, e depois o outro lado, onde está o sol. Seus lábios carnudos escorregam pelo meu maxilar e logo estão plantando um beijo saboroso em minha boca.

Minha língua pede passagem para se misturar à dela em uma dança suave, que me deixa à beira da combustão. É só um beijo, e eu já estou saindo da porra do prumo. Poderia me desmanchar inteiramente com a

ternura dos seus lábios, com a delicadeza dos seus dedos acariciando minha nuca e a pressão gostosa das suas pernas me apertando.

Como eu amo isso!

Com um selinho, Kay se afasta e confessa:

— Não faz ideia do quanto precisei me segurar para não te beijar desse jeito quando estávamos no furgão do Reid.

— Não me lembre daquela maldita noite, Clark. Ainda fico puto quando penso que você beijou ele. Não tem noção do ódio que senti vendo aquilo.

Kaylee solta uma risadinha culpada e travessa.

— Eu sei, sim. Você ficou louco de ciúmes. E foi bem feito!

Cerro os olhos com um ar reprovador.

— E você foi cruel. Fez aquela merda só para acabar comigo.

Ela me mostra um sorriso malvado, se divertindo às minhas custas.

— Não totalmente. Digo, eu queria mesmo te irritar, mas... acho que eu também queria beijar Reid. Vai surtar de novo se eu disser que ele manda bem?

Meu semblante se fecha no automático. Franzo o cenho, sem acreditar no seu cinismo, esquadrinhando seu rostinho dissimulado e provocador.

— Não se atreva... — aviso.

Clark sorri mais, satisfeita em me enfurecer.

— Eu já me atrevi, Sullivan. É uma pena que Reid seja leal demais a você e tenha te deixado entrar no furgão no lugar dele. Porque eu até estava curiosa.

*Desgraçada!*

Eu a coloco de volta no chão, indignado pra caralho. Contraio a mandíbula com raiva, para me proibir de falar uma merda das grandes, enquanto Kaylee me observa com as sobrancelhas arqueadas e um sorrisinho convencido.

— Olha só para você. Está mesmo surtando — ela me alfineta, vitoriosa.

Seguro o queixo dela e ergo seu rosto num rompante.

— Por acaso gosta de me ver com raiva?

Kay mordisca o lábio inferior. O gesto sexy me faz vidrar os olhos em sua boca, enfeitiçado.

— Descobriu só agora, Sullivan?

Seguro seu queixo com mais rigidez. Seus olhos lampejam com expectativa, contentes em me atiçar.

— Vou ter que calar a sua boca de que forma? Acho que gosto muito mais dela quando está calada e engolindo o meu pau. Talvez eu precise refrescar sua memória, porque, como a putinha obediente que é, tenho certeza que ainda sabe a quem pertence.

Eu a empurro na direção do sofá, fazendo-a cair sentada no estofado. Com a mão firmada em seu pescoço, posiciono meu rosto sobre o dela, nos deixando face a face. Os olhos dela se enchem de surpresa com a investida brusca.

— Mesmo se Reid te comesse naquele furgão, não chegaria nem perto do que temos. Seria patético, porque jamais se compararia ao que você sabe que sente comigo. Sempre vai querer voltar para mim, Clark, e eu sempre serei capaz de destruir o mundo, ou a mim mesmo, só por você.

Solto o pescoço dela e deslizo a mão pelo seu corpo. Meus dedos descem por seu abdômen, sentindo o tecido gostoso do pijama. Dedilho seu short traçando um percurso em direção à virilha. Toco o meio das suas pernas, e Kaylee arqueia a coluna. Esfrego a boceta dela por cima do short, levando-a relaxar no estofado e revirar os olhos. Um suspiro pedinte cruza os lábios de Kay quando encaixo a boceta inchada na palma da mão.

Os orbes castanho-claros estão cravados no meu rosto, há uma súplica devassa refletida neles. Faço carinho em sua vulva, subindo e descendo os dedos pela região sensível. Mesmo com as camadas de tecido entre nós, sinto sua umidade.

Kaylee arfa sofregamente. O som me excita.

— Senti falta de te ouvir gemendo desse jeitinho para mim.

Seguro seu shortinho curto e o puxo pelas suas pernas longas e sedutoras. Em seguida, subo a camiseta do pijama e a removo dela. Kaylee fica só de calcinha no sofá. A peça íntima minúscula deixa pouco para a imaginação, a renda bem apertadinha contornando o formato daquela boceta apetitosa.

— Tira essa calcinha! — ordeno.

Eu poderia tirá-la. Mas quero que Kaylee o faça para mim. Adoro assisti-la.

Ela me obedece e se livra da calcinha, descartando-a no sofá. Completamente pelada e com um olhar malicioso, Kay arreganha as pernas para mim, me mostrando exatamente o que quer. A lascívia em seu olhar faz um sorriso satisfeito brotar em minha boca.

Meu olhar devora seu corpo sensual, focando em cada lugarzinho que quero ter na minha boca em breve. Se depender de mim, logo, logo esse corpinho vai estar cheio de marcas de mordidas e chupões. Qualquer um que olhar para Kaylee vai saber que ela possui um dono.

Eu me ajoelho no sofá, entre suas pernas. Toco o ventre dela, e Kaylee prende o lábio inferior entre os dentes, já sabendo aonde quero chegar. Desço as carícias e mergulho os dedos em sua boceta quentinha e encharcada. Kaylee suspira, satisfeita, quando começo a esfregar seu clitóris.

Eu a conheço e sei muito bem como essa safada gosta de ser masturbada. Vou no seu ritmo favorito, estimulando-a com movimentos circulares enquanto ela move o quadril para intensificar as fricções em seu ponto sensível. Sempre sedenta e insaciável.

Kaylee firma as mãos nas costas do sofá e afunda a cabeça no estofado, fraquejando de prazer. Mantendo a frequência da masturbação, levo meu rosto até seu pescoço e distribuo beijos pela sua clavícula, presenteando-a com uma trilha de chupões que descem pelos seus seios. Abocanho o bico do seu peito e o contorno com a língua. Kaylee geme chorosa, pedindo por mais, e eu chupo o mamilo demoradamente, saboreando-o.

Meus dedos escorregam pela sua lubrificação, e uso dois deles para penetrá-la. Sua boceta faminta se aperta ao redor deles, e Kaylee resfolega, sôfrega, no momento que circulo seu clitóris com o polegar.

Subo o rosto para estar de frente com o dela, querendo ver de perto a aproximação do seu clímax. Suas costas se contraem com espasmos, e as pernas tremem sem pausa, bambeando a cada investida dos meus dedos em sua boceta. Com as sobrancelhas franzidas e as pálpebras fechadas, Kaylee se perde no prazer e libera uma melodia de gemidos que me enlouquece.

Ela está quase gozando. Sei disso. E, justamente por saber, interrompo os estímulos e paro de satisfazê-la. Seus olhos se abrem de imediato, e Kaylee respira pela boca, ofegante. O rosto ruborizado e os lábios inchados.

— Continue — ela implora, mansinha.

Sorrio, provocador. A garota segura minha mão desesperadamente, mantendo-a em sua boceta para reivindicar o contato. No entanto, eu não movo um dedo, adorando vê-la tão desejosa.

— Não pode fazer isso — ela protesta, manhosa.

Uso a mão livre para segurar seu pescoço. Eu o aperto o suficiente para fazê-la arfar. Deixo nossos rostos a centímetros e declaro:

— Vamos estabelecer regras aqui, Clark. Nunca mais toque no nome de nenhum outro homem na minha frente se quiser que eu te foda.

— Seu filho da mãe.

Chupo seus lábios e volto a massagear sua boceta, dando apenas um breve gostinho a ela. Kaylee choraminga em resposta, sedenta para que eu prossiga.

— Diga que entendeu!

Kaylee ofega.

— Miserável... isso não se faz.

— Diga!

Clark me olha nos olhos, trêmula de excitação. A safada começa a se esfregar na minha mão, tentando obter prazer por conta própria.

— Nunca mais! — ela cede, sôfrega. — Nunca mais vou fazer, Finch!

Um sorriso vitorioso se alarga no meu rosto. Porra, vê-la desse jeitinho faz o tesão explodir na minha corrente sanguínea. Meu pau começa a latejar.

— Minha gatinha obediente — eu a parabenizo. Esfrego seu clitóris mais um pouquinho, e Kaylee enfraquece no sofá, perto de gozar na minha mão. — E já que está tão desesperada, vai me chupar, amor. Do jeito que sei que você gosta.

Seus olhos embebidos de luxúria me fulminam quando eu me afasto. Vejo um palavrão sussurrado escapar dos seus lábios, e isso me diverte.

Abaixo a calça junto à cueca, só o suficiente para liberar meu pau duro. Eu o envolvo com os dedos e dou início a uma punheta. Energia estática atravessa minhas terminações nervosas no instante que Kaylee começa a se tocar na minha frente. Ela usa dois dedos para friccionar o clitóris inchado e rebola devagarinho, suspirando sem parar.

É uma delícia poder ver isso. Caralho... um espetáculo!

Enquanto ela se estimula no sofá, eu acelero a velocidade da punheta, nós dois nos satisfazendo para que o outro acompanhe. Deixo que ela continue se masturbando e seguro na raiz dos seus cabelos. Kay encara meu pau ereto na altura do seu rosto e entende rapidamente o recado. Enquanto usa a mão direita para esfregar a boceta melada, aproveita a esquerda para contornar minha ereção e bater uma para mim. Sinto rajadas de calor se espalhando pelo meu corpo. Abro a boca em um gemido silencioso quando Kaylee me lambe, passeando a língua quente desde a cabeça até as bolas.

Lentamente, ela me introduz em sua boca, e eu sussurro um xingamento, saindo do eixo com a sensação prazerosa. Ela me engole fundo, me devorando com gosto. Fico tão imerso que não consigo decidir se presto atenção na maneira como sua boquinha gulosa me chupa, ou na forma deliciosa como ela se masturba e rebola nos próprios dedos.

Que mulher gostosa! Puta merda!

Sua imagem é instigante pra caralho, o corpo suado, os lábios me sugando e a boceta insaciável sendo estimulada. Quando percebo, me vejo a um passo de gozar na boca dela. Aperto o maxilar e prendo um grunhido prazeroso na garganta enquanto tento me segurar. Para contornar o imprevisto, decido nos mudar de posição.

Repuxo seu cabelo em sinal de comando. Kaylee tira meu pau da boca e ergue o rosto contorcido de satisfação para me fitar, toda obediente.

— Quero você de quatro para mim, amor — digo, rouco de desejo.

Um sorrisinho sujo atravessa seus lábios. Kay assente e não perde tempo. Suas pernas estão trêmulas quando ela troca de posição no sofá, ficando de quatro e deixando aquela bunda gostosa arrebitada para mim.

Vê-la desse ângulo me faz querer comê-la sem pressa alguma, assistindo-a estremecer com uma sequência intensa de orgasmos e perder as forças comigo dentro dela. Quero ouvi-la gemer por mim do jeito que mais gosto. Quero vê-la transbordar com a minha porra escorrendo pela sua boceta. Quero sua bunda cheia de marcas e arquejos ofegantes arranhando sua garganta.

Caralho, como eu quero isso!

Dou um tapinha de leve em sua bunda e posso escutá-la sorrindo satisfeita. Isso me lembra a primeira vez que a comi nessa mesma posição, no meu apartamento. A memória me traz uma ideia de que eu gosto bastante.

Desfaço o laço da minha calça moletom e puxo todo o cordão da vestimenta. A pequena corda branca vai servir perfeitamente para o que planejo. Capturo cada uma das mãos de Kaylee e as puxo para trás do seu corpo. Ela me fita sobre o ombro, confusa, ao perceber que estou amarrando seus pulsos um no outro. Tenta mover os braços, se dando conta de que está presa. Seguro em sua nuca e faço com que deite o rosto no sofá, deixando-a totalmente empinada e numa posição perfeita para ser fodida.

— Já fizemos isso uma vez, se lembra? — jogo a pergunta e desfiro outro tapa em sua bunda.

Kaylee geme e ofega um "sim".

A boceta dela está brilhando com a lubrificação. Separo os grandes lábios e mergulho os dedos no seu gozo. A vulva dela se contrai em resposta, bastante sensível. Levo os dedos molhados até seu cu e lambuzo a área, iniciando um estímulo vagaroso bem ali. Kaylee choraminga em aprovação, me incentivando a prosseguir. Introduzo a ponta do dedo médio nela, cuidadoso, e deixo que se acostume à sensação. Eu a penetro mais profundamente só porque estou curioso demais para ver sua reação. Clark suspira e rebola, gemendo rendida aos meus toques.

Seguro as popas da sua bunda, apertando a carne macia, e enterro meu rosto nela. Minha língua rasteja pela abertura da boceta e sobe para lamber seu cu. Kaylee geme arrastado, e suas pernas tremem gravemente, demonstrando o intenso deleite que a arrebata. Adoraria continuar provocando-a assim. Mas meu pau está pulsando e meu abdômen contraído pela compressão nas minhas bolas. Preciso muito aliviar a sensação.

Eu me encaixo atrás de Kay e deslizo minha ereção para dentro dela, me acomodando no calor da sua boceta. Kaylee geme alto conforme eu a preencho. Seus pulsos atados forçam o laço desesperadamente, mas sem saírem do lugar. Posso apostar que estar amarrada dessa forma apenas intensifica sua excitação.

Seguro os pulsos de Kaylee e estoco nela suavemente. Sua bunda se empina ainda mais para me receber. Entrelaço os cachos longos em minha mão e puxo a cabeça de Kaylee para trás conforme meto gostoso nela. Sua boceta se contrai, criando um aperto delicioso no meu pau. Os gemidos de Clark se prolongam à medida que minhas investidas ganham velocidade.

Adoro fodê-la sob meu total controle. É extasiante acompanhar a explosão de prazer que a faz delirar por mais.

As pernas de Kaylee começam a vacilar, e eu preciso segurar seu quadril para mantê-la no lugar. Com uma sequência de espasmos e gemidos prolongados irrompendo de sua garganta, Clark me mostra que está próxima do ápice. Fico fascinado assistindo meu pau penetrá-la, sua bunda estalar em mim em cada investida e as pernas dela tremerem como se já não suportassem mais o torpor. Arquejos chorosos ecoam junto aos gemidos dela, e eu ganho a visão mais sensual do planeta com Kaylee tendo um orgasmo de quatro e amarrada.

Saio de dentro dela e desato o nó que prende seus pulsos. Com os braços libertos, Kaylee se desmancha no sofá, exausta e ofegante. Enquanto ela recupera o fôlego, aproveito para viajar meus lábios pelas suas coxas e enchê-las de chupões. Provo sua carne, mordiscando-a e lambendo-a até chegar na bunda, onde deixo mais sucções.

Seguro Kaylee pela cintura e giro seu corpo, fazendo com que se deite de frente para mim. Acaricio sua boceta lisinha e molhada, e um sorriso preguiçoso arrasta os lábios dela.

Já parece pronta para mais. Ótimo!

Eu me livro da calça e da cueca, e me sento no sofá.

— Vem cá, safada. Senta aqui — chamo por ela e aponto para o meu colo, deixando clara minha intenção.

Seguro meu pau e esfrego o polegar na cabeça dele, de onde o pré-gozo escorre, enfatizando o convite sujo. Seu olhar lascivo foca na minha ereção. Kaylee umedece os lábios com a língua, cheia de apetite.

Fraca e entorpecida, ela se levanta. Suas mãos se apoiam nos meus ombros quando ela monta no meu colo. Guio a cabeça do meu pau até sua abertura, e Kaylee se senta em mim lentamente. Ela fecha os olhos e suspira chorosa ao receber cada centímetro meu. O vaivém do seu quadril me arranca um gemido ávido. Meu olhar se perde no corpo dela, fissurado no balanço que seus peitos fazem à medida que ela rebola. Os dedos dela se infiltram no meu cabelo, e Kaylee sela um beijo sedento e profundo.

Cravo as mãos no quadril dela e, na mesma velocidade que Kaylee quica em mim, começo a estocar em sua boceta. Ela escapa do beijo, ofegando e gemendo na minha boca sem conseguir se conter. Espalma as mãos em meu peito e assume um ritmo ainda mais incessante sobre mim, cavalgando no meu pau habilidosamente e me fazendo atingir picos

intensos de prazer. O frenesi faz minha visão ficar turva, e minha musculatura se contrai da forma mais satisfatória possível.

Tomo seus lábios para mim, viajando na suculência de sua língua brincando com a minha, deixando que meus gemidos vibrem para a boca dela. Kay mordisca meu lábio inferior com força e o suga como se quisesse reivindicar um pedaço meu para si. Com uma jogada de cabelo sexy pra caralho, Kaylee tomba a cabeça para trás e emite gemidos sussurrados. De repente, ela alterna a frequência do vaivém e passa a rebolar devagarinho no meu pau, me permitindo ir fundo nela. E, desse jeito, consegue ser ainda mais gostoso.

Seu orgasmo avança, e Kaylee estremece sobre mim, as pernas frágeis, o rosto contraído de satisfação e os lábios entreabertos entoando choramingos deliciosos.

Acompanhar seu clímax me leva ao completo êxtase. Cravo os dedos na bunda dela e a prenso em mim quando o torpor do orgasmo me embala. Gozo dentro dela, deliciado, e Kaylee continua rebolando devagar.

Fecho os olhos, sentindo a garganta seca, os músculos fracos e a mente enevoada, sem sequer saber em que parte eu começo e Kaylee termina, unidos como um. Seu gozo escorrendo pelo meu pau, e o meu preenchendo-a.

Caralho, isso foi perfeito. Com toda a certeza, uma das melhores transas que já tivemos!

Descanso a cabeça no estofado e fecho os olhos por um segundo, totalmente anestesiado. Kaylee se ergue apenas um pouco do meu colo, me tirando de dentro de si, e descansa o corpo exausto e suado no meu, perfeitamente aconchegada em mim. O rosto repousando em meu ombro e os cabelos se espalhando pelo meu peito.

Estou completo. Com ela.

Um sorriso bobo enfeita sua boca, e nossos olhares dividem a mesma sintonia. Empurro seus cabelos para trás, afastando os fios bagunçados do seu rosto. Aqueles olhos magnéticos viajam pelos meus traços, emanando encanto. Sorrio para ela, admirando-a.

Beijo a bochecha de Kaylee e escorrego a boca até o lóbulo da sua orelha.

— Se tinha planos para hoje, desista. Porque não vou te deixar sair daqui, gata.

— Sou refém na minha própria casa? — ela brinca.

— É, algo assim. — Estalo outro beijo em seu rosto. — Estou me mudando para cá temporariamente e você vai ficar sob a minha custódia.

— Posso dizer ao tio Jasper que estou doente e vou ficar de cama hoje.

— Não é totalmente mentira, veja só — deslizo a palma da mão pela sua barriga, acariciando a pele sedosa —, está tão quente que parece febril. E, até uns minutos atrás, você estava trêmula e zonza, gemia descontroladamente. São sintomas graves. É bom mesmo ficar de cama hoje, e é provável que ainda tenha muitos delírios entre os lençóis, que vão te fazer gritar. Pode ser que eu enfie alguma coisa em você para medir sua temperatura. Também posso te dar uns tapas nessa bunda para conferir se seus reflexos continuam bons.

Kaylee dispara uma risada sonora e acerta um tapinha em meu ombro para me repreender.

— Você tem a mente tão suja! Sério! Não é possível.

— Então, não quer eu cuide de você quando estiver de cama?

Kay move o quadril no meu colo e arqueia uma sobrancelha, esperta. O gesto soa como uma provocação.

— Talvez eu queira, Sullivan.

— Isso é ótimo. Porque acho que já estou quase pronto para fazer novos exames em você.

Seguro sua cintura e a jogo no sofá. Kaylee gargalha alto e emite um gritinho divertido. Suas pernas se fecham ao meu redor quando vou para cima dela. Sua leveza me contagia, e me permito rir com ela.

Estou me sentindo um idiota. Mas o idiota mais feliz e realizado que já pisou neste mundo.

Eu me concentro nos olhos dela. Na ternura de suas íris, no tom hipnotizante do âmbar ao redor das pupilas. Poderia reverenciar a obra-prima que ela é por horas a fio, sem me cansar, apenas apreciando a felicidade desenhada em seus traços.

Eu realmente a amo. Que outra razão explicaria o torpor que permeia meu sangue e governa minha mente só por contemplar seu olhar? Por que eu colocaria minha vida em risco pela dela e faria da sua alegria a minha única prioridade se isso não fosse o sentimento mais forte que já vivenciei?

Nunca fui ensinado a amar. Por muito tempo, acreditei que nem seria capaz de nutrir algo tão singular por alguém. Só que, inesperadamente, aprendi a fazer isso com Kaylee Clark.

E eu a amo ainda mais por isso.

# 33



## Finch Sullivan



Gostaria que o final de semana fosse infinito, só para que Kaylee e eu pudéssemos nos esquivar das responsabilidades e continuar no refúgio imaculado que criamos, onde nada mais importa além de nós.

Hoje mais cedo, quando finalmente consegui me desprender dela e saímos da cama, fui até o apartamento e busquei roupas limpas. Porque, sim, eu falei sério quando disse que estaria me mudando temporariamente para cá. Kaylee curtiu a ideia, então parece que, pelo resto dessa semana, teremos muitas noites, manhãs e tardes regadas a sexo e cafuné.

Parece fantástico.

Kaylee passou horas vasculhando o caderno esquisito que encontrou no escritório de Theo e olhando o celular de Alisha. Agora, ela tem tudo o que precisava para acabar com o filho da puta do Périgord. Eu, por outro lado, estou ignorando com sucesso a existência dos documentos que roubei e só pretendo falar com Devan quando o final de semana com a minha mulher terminar. Até lá, Kaylee Clark será a minha única ocupação.

Logo que a noite caiu, percebi a drástica mudança de humor em Kaylee. Quanto mais tempo ela passava na frente do notebook redigindo o e-mail que pretende enviar a vários veículos de imprensa a respeito de Theo Périgord, mais tensa ela se mostrava.

Numa aposta para distraí-la, eu propus algo que sabia que ela curtiria. Bom, semanas atrás, ela decidiu me dar aulas de culinária, então sugeri que tentássemos preparar alguma receita só para ocupar o tempo. Isso a animou.

Agora, estamos na cozinha do flat. Um pedaço de carne descansa na tábua de madeira, e minhas mãos estão sujas com uma mistura grudenta de temperos. Aspargos e cenouras esperam para serem fatiados na bancada, ao lado da garrafa de vinho tinto, manteiga, farinha, champignon, sal e pimenta, que servirão de base para o molho.

Se eu tivesse que definir essa experiência com uma única palavra, acho que seria... surpreendente!

Não achei que fosse gostar tanto de cozinhar, mas me concentrei facilmente nas tarefas e o tempo voou. Pode ser porque eu esteja gostando de verdade de colocar a mão na massa e descobri que não preciso ser um zero à esquerda na cozinha. Ou talvez seja o simples fato da presença de Kaylee me anestesiar, porque foi gostoso pra cacete quando ela cobriu minhas mãos com as dela e me mostrou o jeito correto de limpar a carne.

No geral, está sendo uma noite interessante.

— E aí, qual o próximo passo? — pergunto a ela após fatiar os quatro medalhões de carne na tábua.

Kay observa o resultado dos cortes e ergue o polegar em aprovação. Ela usa um suéter felpudo branco, que mal esconde suas coxas, e o cabelo preso em um coque alto, que deixa umas mechas cacheadas emoldurando seu rosto. Eu visto uma calça moletom e um avental de cozinha patético que Kaylee me entregou, escrito "*Uh la la*" na altura do peito.

Me sinto ridículo nessa coisa. Mas, de algum jeito bem estranho, acho até que gosto.

Com as mãos no quadril e um olhar altivo, Kaylee examina o processo como uma jurada faria.

— Deixe a carne descansar um pouquinho com os temperos e corte as cenouras. Depois, pode começar o molho. Vai levá-lo à panela e, por último, grelhar os medalhões na frigideira.

Kaylee não usa livros ou internet para pesquisar o passo a passo. Ela tem toda a receita gravada na cabeça. Diga-se de passagem, esse ar de sabichona a deixa muito gostosa.

Passo as mãos no avental e reservo os medalhões de carne besuntados em temperos. Em seguida, enxáguo a tábua para cortar os legumes.

Capturo o facão e levo um tempo encarando as cenouras descascadas, decidindo por onde começar a fatiá-las. Percebendo minha indecisão, Kay toca meu ombro e sopra:

— Não existe uma regra universal para cortar, você escolhe o tamanho e espessura. Mas, como vai fazer com aspargos, gosto de tirinhas compridas. O nome técnico do corte é *batonnet*.

— Como? — finjo dúvida.

— *Batonnet!* — ela forma um biquinho lindo ao dizer.

Eu tinha entendido da primeira vez, mas gosto de ouvir essa mulher falando francês. Porra, ela é tão inteligente.

— Certo, pedaços finos e compridos. — Faço um meneio de cabeça e posiciono as cenouras na tábua para começar. — Hm... acho que... deve ser assim.

— Quer que eu corte para você?

— Não. Só estou vendo se... é... assim? Eu acho que deve ser — penso em voz alta e, por fim, começo a fatiar.

Kaylee tem me instruído, mas também está me dando a liberdade de executar alguns passos do meu jeito. Por isso, ela não dá um pio enquanto deslizo a lâmina pela cenoura.

Não é das coisas mais fáceis que já fiz na vida. É necessário cuidado e muita precisão. No entanto, é relaxante e satisfatório passar a faca nos ingredientes e ver a coisa toda ganhando forma. Fazer algo tão banal quanto fatiar alimentos e mexer em temperos não deveria parecer tão interessante. Mas está sendo, eu admito.

Acho que vou querer fazer isso mais vezes. Com Kaylee me auxiliando, é claro.

Depois de cortar as cenouras no formato francês bobo que a Clark ensinou, despejo os ingredientes do molho em uma panela, seguindo as exatas medidas que ela me passa.

Embora esteja se divertindo bancando a professora, Kaylee parece aérea. Vez ou outra, seu olhar se perde no vazio e se enche de preocupação. Então ela balança a cabeça para despertar, sorri para mim e finge estar bem.

Despejo os champignons na panela e indago:

— No que está pensando?

Ela solta o ar pela boca e une as mãos em frente ao corpo.

— Tô com medo de como as coisas serão depois que eu disparar aqueles e-mails. A família de Alisha vai sofrer tanto. Me sinto mal. Não queria transformar a morte dela em um espetáculo sensacionalista, mas... é o único jeito de trazer justiça a esse caso.

Faço que sim com a cabeça, compreendendo seu ponto.

— Talvez não seja o único jeito. Theo merecia ganhar uma bala no meio cara.

— É, mas quem vai fazer isso? Eu? — Seu tom carrega sarcasmo. — Ele precisa ser condenado, Finch. Sei que ele é rico e vai usar todos os artifícios que tiver ao seu alcance, mas precisa acontecer.

Não vacilo nem por um segundo, olhando decididamente em seu rosto ao garantir:

— Se você quiser, eu posso garantir pessoalmente que ele não saia impune dos crimes de cometeu. Já tenho motivos suficientes para destruir aquele verme miserável só pelo que ele fez com você. Não me importaria em mandá-lo para o inferno.

Os olhos de Kay se arregalam um pouco, e seu queixo despenca lentamente. Ela me estuda, percebendo que não há um pingo de ironia em minha oferta.

Theo é ainda mais desprezível que Callum Allen. Até onde sabemos, ele estuprou e esquartejou uma garota e depois passou semanas perseguindo Kaylee para fazer sabe-se Deus o quê. Se eu pudesse aniquilá-lo da face da Terra, não hesitaria. Não seria uma decisão nada difícil.

Kaylee chega mais perto e segura meus pulsos.

— Pare de dizer isso, você não fará nada. Além do mais, a morte seria fácil demais para alguém como ele. Theo precisa ser desmascarado e... precisa sofrer.

Dou de ombros, tranquilo.

— Eu poderia fazê-lo sofrer por um bom tempo. Se lembra do que fiz com Hunter? Já aterrorizei pessoas por bem menos quando vivia no Maine, com Theo seria até fácil, porque ele merece.

— Ei? Chega! — Kaylee segura meu rosto nas mãos e me dá um selinho. — Tudo o que precisávamos fazer já foi feito. Logo essa responsabilidade não estará mais nas nossas mãos.

Ela se dirige à gaveta de talheres e me passa uma colher pequena, para que eu mexa os cogumelos. Deixo a colher na panela e me viro para

Kaylee. Dou um passo em sua direção e apoio as mãos na bancada atrás dela, fechando-a nesse espaço.

— Só para constar, você foi incrível, Lois Lane. Mesmo! Disse que faria o possível para achar respostas, e tá aí o resultado. Tô orgulhoso pra cacete da minha jornalista investigativa.

Seu sorriso meigo se estica de orelha a orelha. Inclino o rosto sobre o dela enquanto encaro sua boca, prestes a beijá-la. Mas ela recua um pouco, sorridente.

— Vá mexer o molho, Sullivan! Ainda estamos em uma aula de culinária — me empurra de leve ao dar a bronca.

Queria prensá-la na bancada e arrancar aquele suéter dela. Mas Kay tem razão quanto ao molho. Portanto, volto para o fogão e me concentro em terminá-lo. Levo os legumes ao fogo para salteá-los e ligo a frigideira da carne. Enquanto cuido de tudo, a minha gatinha se senta na bancada e me assiste.

Ao decorrer dos minutos, um cheiro saboroso se espalha pela cozinha. Kaylee busca pratos nos armários, e deixo que cuide da montagem, visto que possui muito mais experiência nisso. A carne, o molho e os legumes ganham uma cara ótima nos pratos. É quase inacreditável constatar que fui eu que cozinhei isso.

Um nervosismo esquisito toma conta de mim quando Kaylee apanha garfo e faca e corta um pedaço de cada guarnição no prato. Ela leva a garfada cheia à boca, e eu congelo no lugar, apenas acompanhando suas reações. Espero não ter feito merda e estragado a comida.

— Deus do céu! Finch Sullivan! — ela exclama, mastigando e cobrindo a boca com a mão.

— O que eu fiz de errado? — questiono ao mesmo tempo que me livro do avental, deixando-o na bancada.

Kaylee termina de engolir e nega com a cabeça.

— Não errou! Pelo contrário. Você acertou até demais. Prove!

Ela enche o garfo no prato e me oferece. Meio desconfiado, eu abocanho a comida, mas o sabor me surpreende e vejo que ela está certa.

— Caralho! — murmuro de boca cheia. — Eu que fiz isso. Como é possível?

Observo o prato sobre a bancada com estranhamento, incrédulo por ter acertado. Sei que Kaylee tem muito crédito, já que me deu a cola da receita,

mas, ainda assim, foram as minhas mãos nesse negócio, e deu certo.

Não previ que me sentiria tão satisfeito quanto estou agora.

— Sério, não estou querendo puxar saco, mas você realmente superou minhas expectativas, Finch. Estou em choque. — Ela ri, igualmente espantada. Acabo sorrindo junto. — Será que estamos descobrindo uma aspiração para Finch Sullivan?

Dou de ombros, não querendo me gabar.

Kay prova mais do prato e emite um gemido prolongado de aprovação. Ela limpa a boca com o guardanapo e me aponta com o garfo.

— Poderia participar de reality shows para cozinheiros amadores! — brinca, risonha.

— É, com o meu total de *dois* pratos feitos durante minha carreira amadora. Um belo histórico.

Ela ri. Salta da banqueta e cola o corpo no meu para me dar um selinho.

— Mas falando sério. O que achou? Gostou de cozinhar?

Eu me recosto na bancada e envolvo a cintura dela com o braço.

— Sim, acabei embarcando na coisa.

— Mesmo? Não vou ficar triste se admitir que achou um saco.

— Não estou mentindo, Kay. Realmente gostei, foi divertido sentir as texturas e... escolher as medidas e os cortes. Parece relaxante. Eu poderia fazer mais vezes.

A resposta a anima.

Essa mulher é tão boa para mim que me faz ter vontade de fazer as coisas do jeito certo e largar essa vida torta que venho levando desde a adolescência. Quem sabe assim eu poderia me tornar tão bom para Kaylee quanto ela é para mim. Poderia oferecer um futuro que realmente valesse a pena, longe do perigo das gangues, lutas ilegais ou membros de cartéis.

Minha única certeza é que quero Kaylee Clark fazendo parte dos meus planos.

— Acabei de lembrar de uma coisa — aviso.

— Do quê?

— Não saia daí! Já volto!

Escapo da cozinha a passos largos e me adianto até a sala. Vasculho minha mochila no sofá e pesco um objeto de dentro dela. Eu o escondo

atrás do corpo e, somente quando retorno à cozinha, mostro o artefato à Kaylee.

Suas sobrancelhas se erguem, e ela sorri.

— Ei! Meu canivete! — conclui ao focar no objeto.

— Fiquei com ele naquela noite que nos encontramos na mansão e acabei não devolvendo.

Kaylee pega o canivete da minha mão com um notável entusiasmo. Um sorrisinho curva o canto da boca dela.

— É... até que eu me acostumei com ele. Não vou mentir. — Aciona a lâmina e a examina minuciosamente. — Essa coisinha vai voltar para a minha bolsa.

Sorrio e anuo com a cabeça, aprovador.

— Quando vai pedir demissão do estágio? — puxo o assunto.

Sua expressão murcha. Ela deixa o canivete sobre a bancada.

— Hoje mais cedo, antes de você acordar, enviei um e-mail ao Theo pedindo dispensa do estágio.

— Isso quer dizer que nunca mais vai colocar os pés naquela casa, certo?

Ela confirma com a cabeça.

— Não pretendo voltar lá.

Envolvo seu rosto em minhas mãos, preocupado. Fico apavorado só em cogitar que Périgord e ela poderiam dividir o mesmo espaço. Eu a amo demais para permitir que se arrisque novamente.

— Me prometa que ficará longe do Theo na faculdade e que vai enviar aquele e-mail com as provas o quanto antes. Por favor.

Ela ampara meu rosto nas mãos, da mesma forma que faço com ela. Sua boca toca a minha suavemente.

— Eu prometo, Finch. Ficarei longe dele.

Guardo seu corpo em meus braços, abalado pela assustadora possibilidade de perdê-la. O pensamento me traz a necessidade incontrolável de senti-la. Beijo sua têmpora e afago sua cabeça, pedindo aos céus para que Kaylee fique segura de agora em diante.

Porque tenho certeza de que não saberia viver sem tê-la comigo.

# 34

## Kaylee Clark

Minhas pernas continuam doloridas. Marcas vívidas de chupões estão espalhadas pelos meus seios, pescoço, coxas e bunda. Fui inteiramente marcada, o roxo grifando a pele escura como um lembrete contínuo de Finch Sullivan.

Após passarmos o domingo juntos, ele retornou ao seu apartamento hoje pela manhã. Contudo, ele vai voltar para o flat mais tarde. Vamos preparar o jantar outra vez, ver uns filmes agarradinhos na sala com a Duquesa e passar a noite juntos.

Mal posso esperar.

Enquanto a noite não chega, estou me concentrando no último e decisivo desafio que tenho pela frente. Pedi que Nash e Veronica me encontrassem numa cafeteria e me abri com eles, despejando todas as descobertas que fiz na mansão.

Veronica ficou pálida feito uma folha de papel, os olhos vítreos e o rosto congelado em choque. Nash nem conseguiu tocar no copo de frappuccino à sua frente de tão horrorizado. Nós nos sentamos na última mesa do salão, para conversarmos com mais privacidade. Ao nosso redor, o movimento na cafeteria anda fraco.

Aquele mesmo embrulho no estômago, de quando estive no casebre, está fazendo meu esôfago queimar.

— É tão estranho pensar nisso — Nash quebra o silêncio que assola nossa mesa. Esfrega a testa repetidas vezes e pisca os olhos, atônito. — Sei lá, no fundo, eu ainda tinha esperanças de que Alisha pudesse estar em outro lugar. Longe daqui.

— Deus do céu! — Veronica expira fundo, baqueada. Com os olhos marejados, ela faz força para não chorar. — Eu nem consigo visualizar isso na minha mente. Alisha não merecia isso. Theo é um monstro.

Faço que sim com a cabeça. Descanso as costas tensas na cadeira e abaixo o olhar, focando no meu cappuccino intocado. É arrasador acompanhar a desolação nos rostos dos meus amigos, ambos perplexos demais para conseguir digerir a verdade.

Limpo a garganta e prossigo:

— Eu já deveria ter disparado os e-mails que preparei ontem. Mas... não sei. Não queria que a família de Alisha soubesse da morte dela através de um furo de reportagem que será um show de horrores. Parece frio demais. E eu a conhecia, fomos amigas por tanto tempo. Isso também é pessoal para mim.

Nash assente, concordando.

— Se for falar com eles, tem que fazer isso logo, Kay. Não pode perder tempo.

— Talvez não deva falar — Vê contrapõe, atraindo nossos olhares. — Quero dizer... é claro que eles têm direito de saber de tudo, mas e se acabarem fazendo algo que coloque o plano a perder? Se disserem o que não devem, Theo pode agir mais rápido, retirando o corpo do terreno e deletando o HD. Quem sabe?

Busco pelo copo de cappuccino e bebo alguns goles para aliviar a secura na garganta.

— Tá vendo só? É por isso que estou dividida. Quero falar com a família dela, mas, ao mesmo tempo, acho que não devo. Eu só quero que...

Pausamos a assunto quando um funcionário se aproxima para perguntar se precisamos de mais alguma coisa. Com um sorriso nervoso e cansado, eu o dispenso e agradeço. Logo que o jovem rapaz vestindo o uniforme da cafeteria se afasta, meu celular apita uma notificação.

Puxo o aparelho da bolsa e sou atingida por calafrios ao me deparar com o nome de Theo.

*Merda... falando no diabo.*

Abro a mensagem.

***Theo:*** *Olá, Kaylee! Devo dizer que fiquei bastante surpreso e triste quando vi o e-mail que me enviou ontem. Achei que estivesse gostando da experiência de trabalharmos juntos. E, por favor, não me leve a mal, eu realmente acreditei que tivéssemos planos para Denver no ano que vem. Estava animado para isso.*

*Bom, de qualquer forma, respeito sua decisão e preparei a rescisão do seu contrato de estágio ontem mesmo. Eu queria muito que pudéssemos conversar pessoalmente para entender o que houve. Infelizmente não estarei na cidade pelos próximos dois dias, devido a uma viagem para Chicago. Mas Aimée estará na mansão somente hoje e pode te receber para assinar a rescisão. Caso não consiga ir hoje, pode me encontrar na quinta-feira, no meu escritório em Monsieur Calliste, para conversarmos melhor.*

*Mas, por favor, se mudar de ideia, é só me mandar uma mensagem, okay? Espero que pense com carinho.*

— Que cara é essa, Kay? — Nash me interroga.

Desvio os olhos do celular e foco em meu primo.

— Theo mandou uma mensagem. Ele preparou minha rescisão e deixou com Aimée. Disse que posso assiná-la hoje, mas que não estará na mansão para me receber por causa de uma viagem a Chicago.

Entrego meu celular ao Nash para que ele confira a mensagem. Rapidamente, Veronica saca o próprio celular do bolso e mexe no aparelho.

— Ele postou uma foto no aeroporto trinta minutos atrás — ela informa. Vira a tela do aparelho para nos mostrar uma foto em que Theo Périgord está sentado no salão de embarque junto às malas e um copo de chá gelado. A legenda da publicação diz "e o trabalho continua". Ve revira os olhos enojada e emenda: — Filho da puta! Como ele consegue levar uma vida normal depois do que fez?

— Porque deve ser um psicopata — Nash conclui, indignado. Ele me devolve o celular e diz: — Bom, pelo menos ele vai ficar fora da cidade por um tempo. Isso é ótimo. Te deixa mais segura.

Apanho o aparelho e entro no Instagram. Vou direto no perfil de Theo Périgord e, ao abrir seus stories mais recentes, vejo um *boomerang* dele caminhando pelo aeroporto de Denver. Nos stories seguintes, ele se queixa da baixa temperatura e comenta que está ansioso para decolar.

Nash tem razão. Eu me sinto muito mais segura sabendo que ele ficará longe de mim até quinta-feira.

Bloqueio o aparelho e o enfio na bolsa.

— Querem saber? Vou aproveitar isso. Vou assinar a maldita rescisão e me livrar dessa merda de estágio. Quando voltar para casa, vou disparar os e-mails e acabar com isso.

— Nash vai ficar lá em casa hoje. Por que não vem também? — Ve sugere. — Pode levar o notebook e enviar os e-mails com a gente. Assim não estaria sozinha quando fizesse.

— É uma boa ideia — Nash concorda. — Mesmo sabendo que Theo está fora da cidade, não gosto de pensar que ficará sozinha depois que fizer os envios. Sei lá, só por precaução. Passe a noite lá, com a gente.

Olho de um para o outro, ponderando.

— Finch combinou de ir para o flat hoje à noite e... droga, quero passar um tempo com ele. Sou uma péssima amiga?

Ve sorri, compreensiva, e toca minha mão sobre a mesa.

— É claro que não. Aproveite seu namorado gostosão hoje à noite, está tudo bem. Você merece um descanso depois de tanta merda para lidar. Só não queríamos que estivesse sozinha depois de enviar os e-mails. Mas, já que vai estar com Finch, fico mais tranquila.

Termino de beber o cappuccino e pego minha bolsa na cadeira ao lado.

— O que vai fazer agora? — Nash me pergunta.

Passo a alça da bolsa pelo ombro e me ponho de pé.

— Bom, acho que vou aproveitar que ainda está cedo e ir na mansão para assinar a rescisão com Aimée.

— Não é melhor deixar isso para lá? Tenho arrepios só de pensar em você entrando naquela casa outra vez.

— Eu quero me desvincular de qualquer coisa que carrega o nome do Theo. Não pretendo fazer isso quando ele estiver de volta. Vai ser rápido. — Contorno a mesa para depositar um beijo na bochecha de Nash e outro na de Veronica. — Vejo vocês depois!

— Qualquer coisa, liga pra gente! — minha amiga avisa. — E, se mudar de ideia, e só aparecer lá em casa mais tarde!

Assinto e sorrio de leve.

Aceno para eles ao me despedir e, com passos velozes, deixo a cafeteria e rumo ao ponto de ônibus mais próximo.



Assim que chego em frente à propriedade Périgord, avisto Ramon ao lado de um dos carros de Theo. Passo pelos portões abertos e cumprimento o homem de cabelos grisalhos que veste um terno simples.

— Oi, Ramon! Achei que estivesse de dispensa até o final do mês — comento ao me aproximar.

Ele ajusta a lapela do terno e anui com a cabeça.

— Bom, Aimée e eu precisamos retornar à mansão devido a um imprevisto. Aliás, ela está lá dentro. Disse que esperaria por você para assinar alguma coisa que o sr. Périgord deixou com ela. Vai encontrá-la na cozinha.

— Sim, é a rescisão.

Ramon assente. Ele contorna o veículo e abre a porta do motorista.

— Bom, estou de saída, srta. Clark. Tenha uma boa tarde!

— Obrigada! Você também. — Direciono um aceno a ele.

Ramon entra no carro e liga o motor. Parada no gramado, acompanho o veículo abandonar a propriedade e se distanciar pela rua.

Respiro fundo e me concentro na construção a poucos metros. Será a última vez que pisarei aqui.

O céu nublado e cinzento que encobre a cidade traz uma aura fúnebre à imagem da mansão. Durante o trajeto pelo passadiço de pedras, percorro o olhar por cada detalhe no entorno. Tudo parece sem vida, desde o gramado verde às árvores com folhagens secas e alaranjadas. Nada é o mesmo depois do que vi, como se esses muros carregassem uma maldição.

Em vez de entrar pelas portas da frente, contorno a construção e sigo diretamente ao deck do jardim, que dá acesso a cozinha, visto que é onde Aimée costuma passar boa parte das tardes.

As portas de vidro estão abertas, mas não vejo sinal da governanta lá dentro. Passo pelo portal e adentro na cozinha.

— Aimée! — chamo por ela, olhando ao redor. — Aimée! Theo disse que estaria aqui hoje!

Não recebo resposta, então suponho que ela esteja em outra parte da mansão.

— Aimée! — insisto.

Pego o celular na bolsa e confiro as horas. No mesmo segundo, passos estalam atrás de mim, e eu me viro em direção às portas para o deck. O celular quase escapa das minhas mãos e eu me engasgo com a saliva ao dar de cara com Theo Périgord.

Bem na minha frente.

Vestindo uma camisa de botões branca, calça de alfaiataria preta e com os cabelos dourados impecáveis, ele caminha tranquilamente. Passa pelas mesmas portas pelas quais eu entrei e vem até a cozinha.

— O que faz aqui? Achei que estivesse viajando. — Não consigo esconder meu espanto.

Ele não responde.

É instintivo recuar alguns passos. Olho para trás sobre o ombro, na direção do corredor ligado à sala de estar, torcendo para que Aimée apareça.

— Aimée! — chamo pela governanta outra vez, mantendo meus olhos em Périgord.

— Pare de chamá-la — Theo me diz, plácido.

Eu o escaneio da cabeça aos pés, assustada com a frieza em seus traços. Inexpressivo, Theo se vira para fechar as portas de acesso ao deck. Meu estômago se encolhe de apreensão, e meus pés recuam um pouco mais, levando-me para os portais que delimitam a cozinha. Olho mais uma vez por cima do ombro, esperando que Aimée apareça por um desses corredores.

Theo Périgord caminha na minha direção, estranhamente quieto e observador. Calafrios arranham meus poros, mas disfarço o temor, tentando descobrir o que há de errado.

— Você... estava no aeroporto de Denver. Vi sua mensagem. — Minha voz quase falha. Não quero parecer apavorada, mas cada pequeno passo que Theo investe faz minha espinha gelar. — Aimée está me esperando, certo?

Meu coração bate tão forte que sou capaz de ouvi-lo. Recuo mais um pouco, saindo da cozinha e atingindo o corredor. Theo me acompanha lentamente, os olhos cravados no meu rosto.

— Não acho que ela esteja te esperando, Kaylee. Afinal, Aimée está muito longe daqui agora — solta o comentário com naturalidade e observa o relógio dourado no pulso. — Falei com ela ainda há pouco. À essa hora, deve estar passeando com os sobrinhos e aproveitando os dias de descanso. Ramon deixou a mansão minutos atrás e não voltará tão cedo. Somos apenas nós dois.

Minha respiração se desregula, e meu coração ameaça escapar do peito. Theo emite um riso nasalado e observa o corredor. Dedilha um dos quadros que decora a parede e suspira, reflexivo.

— Estou impressionado com o quão fácil foi te trazer até aqui. Sabe qual é o seu maior problema, Kaylee? A sua confiança. — Tira sua atenção do quadro e firma o olhar no meu. — Estava tão convencida do seu acerto que não pensou duas vezes. Para quem se julga tão esperta, às vezes você é um pouco ingênua. Acha que não sei o que fez?

Nego com a cabeça, aflita. Não pode ser, não poder estar acontecendo. Minha cabeça dá reviravoltas, e me sinto sem ar. Há menos de quinze minutos, Theo estava no aeroporto em outra cidade em suas redes sociais. Os vídeos, as fotos, não é possível. Não daria tempo de voltar tão rápido, ou...

Foi tudo planejado. Ele simulou a viagem.

Minha voz se perde na confusão dos meus pensamentos. No meu interior, estou gritando. Me amaldiçoando por não ter previsto isso. Por fora, sou um boneco de cera, inexpressiva

— Eu juntei as peças, Kaylee. Tudo se encaixou. Esse tempo todo, enquanto trabalhávamos juntos, você estava me investigando. *Eu* era a sua matéria.

— Theo... não! Que história é essa? Eu não sei do que você está...

Ele avança na minha direção em uma velocidade assombrosa. Sinto meus pulmões se esvaziarem em desespero.

— Não. Minta. Para. Mim — ordena pausadamente e aponta o dedo na minha cara. — Não vai adiantar nada. Já me enganou por tempo suficiente. — A acusação vem banhada de rancor.

Da mesma forma que a revolta inflama suas íris, seus traços desenham a decepção. Parece verdadeiramente ferido.

Pé por pé, continuo recuando devagar. Sem pressa alguma, ele acompanha meu rastro e analisa minhas reações feito um predador. Quero

correr o mais rápido possível, mas ainda não sei para onde. Estamos quase chegando na sala de estar. Se eu atravessá-la, conseguirei alcançar as portas do saguão e escapar.

— Como pôde fazer isso comigo, Kaylee? Porra, eu me importava com você. Eu te admirava. Cheguei a pensar que era a mulher certa para mim. Mas você é como todas as outras. Fingida, traiçoeira e egoísta. Vai me obrigar a fazer algo que eu não quero, porque eu realmente gosto de você. — Com um passo certeiro, Theo invade meu espaço e segura meu rosto, erguendo-o em direção ao dele. Seus olhos rancorosos me alvejam. — E você sabia como eu me sentia. O tempo todo, sempre soube!

— Me solte! — Eu o empurro e cambaleio para trás. — Eu não sei do que está falando, Theo. Está me assustando. Por favor, vamos conversar. Podemos sair daqui e...

— Você não desiste, não é? — Ele ri de mim, odiosamente. De supetão, Theo agarra um vaso de cristal do aparador e o arremessa aos meus pés em um acesso de raiva. Os cacos se estilhaçam à nossa volta. — Já mandei parar de mentir! Sabe exatamente do que estou falando, porque foi você que invadiu minha casa e revirou minhas coisas!

— O quê? — Vou para trás, pisando em cima dos cacos, e chego à sala de estar. — Theo, eu nunca...

Ele nem sequer me deixa concluir.

— Estava me vigiando, mas eu também fiquei de olho em você. Até porque, muitas vezes, minha intuição falou mais alto. Tive pressentimentos estranhos sobre você estar escondendo algo, mas gostava tanto de você que preferi ignorar os alertas. Eu queria tanto que fosse a garota perfeita que fingia ser que me neguei a encarar a verdade. Não demorou para a sua máscara cair. Você era a única que sabia que a mansão estaria vazia no sábado à noite. Eu não havia contado isso para mais ninguém. E então, curiosamente, a gaveta do meu escritório é arrombada. O mesmo lugar onde trabalhamos juntos e que você conhece perfeitamente bem. As portas de entrada não foram arrombadas, o que mostra que o invasor pode ter tido acesso às minhas chaves ou às da Aimée. Foi o tipo de aviso que não consegui ignorar. O seu e-mail pedindo dispensa do estágio foi o veredito. Tinha que ser você. Passou dias aqui dentro, conhecia a mansão, meus horários, você se infiltrou na minha vida feito um parasita.

É inútil negar. Ele sabe. Eu perdi.

Olho à minha volta, observando a mobília que nos cerca e planejando uma rota de fuga. Antes que Theo tente qualquer coisa, eu disparo pela sala e grito por socorro. Fujo para o saguão e me lanço rumo às portas de entrada. Giro as maçanetas, e as portas pesadas não se movem. Abro a bolsa às pressas e busco as chaves da mansão. Com as mãos trêmulas de desespero, testo cada uma delas na fechadura.

Theo não demonstra pressa. A passos vagarosos, ele segue meu rastro. Estou lutando contra a fechadura quando ele surge no saguão.

— Está tentando destrancar? — deduz, calmo.

Pressiono a chave na fechadura, meus dedos quase se partindo com a força. Soco as portas, exasperada, e agito as maçanetas. Mas elas não se movem.

— Ontem mesmo, mandei trocar as fechaduras da casa — ele me informa, assistindo meu pânico.

— Socorro! — berro em desespero e bato nas portas, na esperança que alguém me ouça. — Socorro! Alguém, por favor! Estou presa!

Antes que eu possa reagir, Theo me alcança e me puxa bruscamente. Atinjo o rosto dele com uma bofetada, e ele me empurra para trás. Perco o equilíbrio ao ser arremessada. Minhas costas colidem com algo rígido e despenco no chão junto à estátua de gesso do violoncelista. A escultura se parte em pedaços ao meu redor. Agarro o braço quebrado da estátua e tento usá-lo para me defender quando Theo se aproxima. Acerto seu rosto com uma pancada certeira, mas ele se lança sobre mim, me agarrando contra seu corpo e me puxando do chão. Sou arrastada de volta à sala, debatendo-me furiosamente contra os braços dele.

Périgord arranca a bolsa do meu braço e me empurra no sofá. Caio desorientada no estofado, com o cabelo cobrindo o rosto e o corpo dolorido. O desgraçado revira minha bolsa, remexendo em tudo. Meu celular, carteira, maquiagem, moedas, chaves, spray de pimenta e brilho labial caem sobre o tapete persa.

O canivete não está lá.

Porque eu o guardei no bolso da calça.

Ainda tenho uma chance.

— Onde está o caderno e o celular que encontrou? — ele esbraveja.

Não respondo. Ele se aproxima e agarra minha mandíbula.

— Onde estão as merdas que pegou, Kaylee?

Meus olhos ardem, e um nó fecha minha garganta.

— Não estão comigo. Não peguei nada!

— Mentira! — Theo crava os dedos no meu cabelo e me ergue do sofá, puxando-me pela cabeça.

Ele me arrasta pelos cabelos, me fazendo tropeçar enquanto me obriga a segui-lo. Minha cabeça é empurrada para baixo de modo que nem consigo enxergar para onde estou sendo levada. Ele me puxa até a escada, e eu praticamente engatinho pelos degraus ao ser arrastada ao segundo andar.

Ouço uma porta se abrir e, rápido demais, estou sendo jogada em um cômodo. Caio de joelhos no chão, desnorteada e dolorida. Seguro minha cabeça, sentindo o couro cabeludo sensível. Olho ao meu redor, deparando-me com uma mesa cercada por cadeiras acolchoadas, um sofá, uma cristaleira e um armário de louças. É uma sala de descanso.

Theo para diante de mim e berra:

— Me diga onde colocou o maldito caderno e o celular que encontrou!

Crio forças e me ponho de pé, furiosa. Olho profundamente em seu rosto e brado ainda mais alto:

— Não! Seu filho da puta monstruoso! Eu não vou dizer nada! Nunca vai saber!

A veia em seu pescoço quase explode quando ele trinca a mandíbula. Theo está tão possesso que não percebe quando desço a mão até o bolso traseiro da calça e pesco o canivete.

— Como você a matou? — pergunto, ganhando tempo para agir. — Como?

— O quê?

— Não se faça de sonso! Sei o que fez com ela! Eu vi tudo, os restos de Alisha em uma caixa!

Suas pálpebras batem e os lábios se entreabrem, surpreso com a informação.

— Então... você entrou no casebre? Okay, confesso que *disso* eu não sabia. Achei que tivesse se limitado a bisbilhotar a mansão, e não a parte externa. — Ele aperta a têmpora e move a cabeça em negação. A frieza do seu comportamento é assustadora. — Como entrou lá? A chave do casebre está exatamente onde eu a deixei. Nunca saiu do lugar. Chequei a fechadura ontem, e a porta estava trancada. Como fez isso?

Sorrio cínica e estreito os olhos.

— Pelo visto, você não conhece a própria casa. Encontrei uma chave reserva há um tempo. Estava misturada com várias coisas antigas onde Aimée guarda anotações e receitas.

Seu cenho se franze. Ele murmura um xingamento.

— Aimée... puta merda! Aquela... eu nem sabia que ela tinha outra cópia da chave guardada. Mas é claro, Aimée gosta de cuidar de tudo, eu deveria ter pensado nisso antes. Bom, de qualquer forma, isso não importa, Kaylee. Eu mesmo a proibi de entrar no casebre meses atrás. Disse que o amianto da construção antiga poderia lhe causar problemas respiratórios. Ela nunca teve motivos para entrar lá e continuará exatamente assim. Mas obrigado por me avisar sobre a chave extra. Antes que ela volte de viagem, já terei trocado a fechadura do casebre.

Mantenho o canivete guardado na palma da mão e escondido atrás do corpo, somente esperando uma brecha.

— Então não nega? Você realmente matou Alisha. Fez isso por conta própria e a escondeu como se fosse um souvenir!

— Você não sabe o que aconteceu.

— Então como aconteceu, Theo? Porque sei que você a drogou e a violentou!

Seu rosto fica vermelho de ódio. Ele cerra os dentes em um rosnado ao bradar:

— Não fale de Alisha como se soubesse das coisas! Aquela garota era uma cretina! Uma vagabunda que mentia sem remorso e enganava todos. A família, o namorado, a mim! Foi ela quem buscou por isso. Ela vivia com malditos joguinhos. Passou meses comigo no final do ano passado e me garantiu que terminaria com Hunter. Fizemos tantos planos em segredo. Mas, nesse ano, de uma hora para a outra, decidiu acabar com tudo e permanecer naquele namoro falido. Depois de tudo o que fiz por ela, me descartou como lixo!

— E você estava com tanta raiva que quis se vingar? — eu presumo. Theo não contesta. — Fez com que ela viesse aqui, e foi nesse dia que a dopou. Sabia que ela não o queria mais, só que estava tão obcecado que não suportou a rejeição, foi isso? Ela estava inconsciente, e você a violentou. Mas não imaginava que ela perceberia o que fez e te colocaria contra a parede.

— Foi... um acidente.

Contraio meu rosto com repulsa.

— Você a estuprou por acidente?

— Eu a amava.

— Amava tanto que a matou!

Theo esboça um riso nervoso e dá de ombros, incerto. Parece o típico comportamento de um lunático.

— Eu não premeditei isso, tá legal? Simplesmente... aconteceu. Alisha veio aqui, furiosa, gritando, me acusando e ameaçando chamar a polícia. Totalmente histérica. Eu só queria que ela parasse de gritar aquelas merdas. Tentei segurá-la, ela se esquivou e rolou pelos degraus. Ela caiu desacordada, com um braço deslocado e uma concussão na cabeça. Alisha queria me destruir, estava disposta a arruinar meu nome e usaria o poder da família para isso. Olhando para ela caída naquele chão, percebi qual era o único jeito de impedir o inferno que ela causaria na minha vida. Carreguei o corpo dela lá para cima, enchi a banheira e a coloquei lá dentro. Eu só precisei esperar. Foi indolor. Ela sufocou debaixo da água ainda inconsciente.

Eu me afasto dele, assombrada. Procuro algum sinal de arrependimento ou de tristeza em seu semblante, e não encontro nada.

— E você não sentiu nada fazendo isso?

— No começo, sim. Mas depois que estava feito, tudo o que senti foi alívio, porque Alisha se tornou uma maldição e estava destruindo tudo. Mulheres como ela são desprezíveis! Se escondem atrás de malditos discursos, tentam se colocar como as vítimas, as pobres coitadas. Elas acham que podem ter o mundo aos pés e brincar com quem quiser da maneira que bem entenderem. Usam dos seus atributos para tirar vantagem, nos controlar. Nos manipulam, nos deixam loucos e depois nos apunhalam pelas costas como se não fôssemos nada. Ela precisava parar.

Nego com a cabeça, sem acreditar no que escutei. Theo é ainda mais desequilibrado do que eu pensava.

— Você é um monstro! — cuspo raivosamente, enojada.

Os lábios dele se curvam em um sorriso amargurado.

— E você é igualzinha a vadia da Alisha! Tudo o que te dei foi afeto. Eu era fascinado por você, poderia ter te oferecido o mundo. Estava do seu lado, e você não teve um pingo de consideração. Está me obrigando a fazer

algo que eu jamais gostaria. Mas não me deu outra escolha, não posso deixar que faça o mesmo que Alisha tentou. — Theo me esquadrinha da cabeça aos pés, decorando meu corpo de uma forma bizarra. — Vou sentir sua falta. Mas terei que me contentar apenas com fotos de recordação depois que estiver feito. Pode não acreditar em mim, mas ainda vou gostar de me lembrar de você. Dos bons momentos... antes de você estragar tudo.

Aperto o canivete com força e aciono a lâmina, fora de mim. Rujo de raiva ao partir para cima de Theo, mirando a lâmina afiada em sua garganta. Ele antecipa o ataque e se esquiva a tempo. Cravo a lâmina bem fundo embaixo de sua clavícula. Theo berra de dor e segura minhas mãos, prendendo-me. Mordo o braço dele para me libertar, meus dentes rasgando sua pele. Perco os sentidos quando seu joelho atinge meu estômago. Tonta, sou jogada no chão, batendo os cotovelos e a testa na queda.

Minha visão roda e escurece. Theo arranca o canivete cravado em sua carne e brame dolorosamente. Aperta o ferimento acima do peito, tentando estancá-lo, e cerra os dentes em agonia. O sangue jorra pelas mãos dele, inundando a camisa branca e respingando no piso.

Arfo desorientada e rastejo para me reerguer. Estou recuperando as forças e me preparando para me defender de um ataque. No entanto, Theo me dá as costas e corre para fora da sala, deixando um rastro de sangue e resmungando de dor. Eu me levanto num salto e disparo atrás dele, mas não chego a tempo de impedir que a porta se feche na minha cara.

Ouço a chave girar na fechadura.

Ele me trancou aqui dentro.

— Abra essa porta! — berro, desferindo murros na madeira maciça. — Socorro! Socorro!

Theo não reage do outro lado, ignorando meus gritos a plenos pulmões. Os passos dele estalam pelo corredor, junto aos seus resmungos excruciantes. Não cheguei a ver a gravidade do ferimento que abri nele, mas, a julgar pela quantidade de sangue inundando o piso e pelo seu estado debilitado, deve ter sido profundo.

Bato na porta incessantemente, até minhas mãos doerem e meus pés queimarem com a força dos chutes. Quando meu fôlego se esvai e meu corpo treme sem energia, eu paro. Afasto os cabelos do rosto e puxo o ar pela boca.

Minha testa lateja graças ao impacto da queda, e ainda me vejo desnorteada. Encaro a porta trancada, querendo gritar de ódio. Não vai adiantar. Ela não vai se mover, e não tenho força suficiente para arrombá-la.

A verdade é que não importa o quanto eu tenha ferido Theo. Se eu não conseguir escapar dessa maldita sala a tempo, estará tudo acabado.

E, muito em breve, eu estarei morta.

Exatamente como Alisha.

# 35

## Kaylee Clark

Não sei há quanto tempo estou presa aqui, mas parece uma eternidade agonizante.

Enquanto observo os respingos escarlate formando um rastro macabro pelo assoalho, imagino as várias maneiras que Theo poderia me matar.

Talvez ele me afogue, como fez com Alisha. Talvez queira revidar o que fiz e me rasgue em pedaços com o canivete que usei para golpeá-lo. Ou então, quem sabe, ele pode simplesmente me trancafiar por dias e me deixar morrer naturalmente por inanição.

São muitas alternativas. Entretanto, estou determinada a não permitir que nenhuma delas se concretize. Eu já cheguei longe demais para aceitar a derrota. E, embora a tensão tenha se entranhado em minhas células, não permito que as emoções me dominem. Foi por isso que, durante todo o tempo que passei presa aqui dentro, meu cérebro trabalhou incessantemente atrás de um plano.

Após verificar cada canto da sala de descanso, aproximo-me da janela nos fundos do cômodo. Os vidros se encontram embaçados em virtude da chuva que irrompeu na cidade minutos atrás. Os painéis parecem firmemente selados. Já tentei empurrá-los e nada aconteceu. Olhando através da janela, vejo o gramado e os portões de entrada da propriedade. O sol se põe no horizonte, e a escuridão já começa a encobrir o terreno.

Cogitei quebrar os vidros e saltar daqui. Mas logo desisti da ideia, pois estou no segundo andar e não há parapeito ou telha onde eu possa me apoiar. Seria uma queda e tanto lá embaixo. Eu poderia fraturar um braço ou uma perna se tentasse algo do tipo, o que me deixaria ainda mais vulnerável. Theo me destruiria facilmente.

Todavia, maquinei um novo plano.

Não preciso saltar pela janela. Basta que Theo acredite que fiz isso.

Não sei quanto tempo ainda tenho antes que ele decida retornar para terminar o que começou. Portanto, decido agir rápido.

A cristaleira de madeira ao lado da mesa possui diversos compartimentos. Abro as portas duplas na parte inferior e a esvazio rapidamente, retirando os conjuntos de xícaras e talheres e escondendo-os embaixo do sofá. Com o interior do compartimento vazio, eu me encolho e entro ali dentro. O espaço é apertado, mas servirá como esconderijo.

Escapo do armário e vou até a mesa. Puxo uma das cadeiras pesadas e a carrego comigo, parando diante da janela. O ar infla meus pulmões enquanto reúno forças para impulsionar a cadeira e lançá-la contra a janela. Como esperado, os vidros se estilhaçam e os calços de madeira dos painéis despencam, causando um estrondo escandaloso.

Removo meu suéter e o arremesso através da janela quebrada, criando um rastro falso. Em seguida, corro para o armário da cristaleira e me escondo lá dentro. Encolhida no compartimento estreito, fecho as portas de madeira para me ocultar. Prendo a respiração e me mantenho imóvel, somente esperando.

Não demora muito para que passos estalem pelo corredor e se aproximem. A chave gira no trinco, e ouço a porta se abrir num estampido. Uma gota gelada de suor desce pela minha testa, e eu comprimo os lábios, impedindo-me de emitir qualquer mínimo ruído.

— Não! Puta merda! Ela pulou — Theo pragueja.

O silêncio excruciante me permite escutar os passos de Périgord. O solado dos sapatos dele esmaga os cacos de vidro da janela, e eu fecho os olhos, suplicando para que isso dê certo.

— Não pode ter pulado daqui, não... — Theo diz a si mesmo. Meu estômago queima de nervosismo. — O casaco dela ficou lá embaixo... merda! Kaylee não conseguiria saltar sem se ferir. Deve estar machucada.

Ouço mais sons de vidro sendo pisoteado, seguido pelo trovejo de Theo:

— Kaylee, me ouça! Não vai chegar longe. Volte para dentro da casa!

Passos velozes reverberam no piso e se afastam em direção ao corredor. Espero mais um pouco e, somente quando o som das pegadas desaparece, escapo do esconderijo.

Theo vai procurar por mim lá fora. É minha chance de escapar daqui e achar outra saída, antes que ele perceba o que fiz.

Disparo pelos corredores do segundo andar. Os gritos que Theo ecoa pela mansão servem como um aviso, me mostrando exatamente para qual direção não devo seguir. Desço a escadaria que me leva ao corredor da sala de leitura e aperto o passo em direção ao saguão do jardim.

Um trovão ruge pelo céu e me faz sobressaltar de susto. Abro as portas para a área externa e escapo da mansão. As gotas grossas de chuva me atingem como navalhas gélidas e encharcam meus tênis, tornando meus passos escorregadios no gramado. Corro rumo aos fundos do terreno, visando alcançar aquela mesma árvore por onde Finch e eu fugimos na noite da invasão.

Meus passos descarrilam e dou um tranco para trás no momento em que um vulto contorna a mansão e surge naquele mesmo ponto. A figura de Theo ganha forma, e ele logo me avista.

— Kaylee! — berra, enfurecido, vindo ao meu encontro.

Giro no lugar e avanço no sentido oposto. Não posso retornar à mansão e correr o risco de ser trancafiada de novo. Sendo assim, disparo desesperadamente para o único lugar que está ao meu alcance.

A estufa.

Corro para lá e empurro a porta de entrada ao invadir a estrutura. Serpenteio entre os canteiros e trepadeiras, e chego aos fundos da estufa. Encontro uma caixa de ferramentas na bancada de trabalho e vasculho os equipamentos. Pego a tesoura de poda e me abaixo, escondida atrás de um canteiro. Quase ao mesmo tempo, Theo escancara a porta de entrada e berra:

— Não vai sair daqui, Kaylee!

Não consigo vê-lo, mas posso ouvir seus passos entre as plantações.

— Já que se importa tanto com Alisha, vou fazer o favor de deixá-las juntas quando isso acabar. Vou guardá-las na mesma caixa!

Conforme os passos dele se aproximam, eu me arrasto silenciosamente entre os canteiros, escapando de sua vista e tentando surpreendê-lo. Ouço suas pegadas à minha esquerda e entro em alerta. Aperto a tesoura na mão e engatinho bem devagar para não fazer barulho.

O estampido de um vaso desabando me faz suprimir um grito. Uma das estruturas verticais que sustenta as hortaliças é empurrada na minha direção. Meus reflexos agem rápido, e eu salto do lugar antes de ser esmagada pela plataforma. Um vulto se move entre os canteiros, e Theo ressurge diante de mim.

— Disse que não ia fugir! — ele brame e vem me atacar.

Esquivo-me e acerto sua cara com a tesoura de poda. A lâmina rasga um pedaço da sua sobrancelha, e Theo me atinge com uma cotovelada no rosto. Antes que eu possa acertá-lo novamente, sou empurrada no canteiro de tulipas. Caio por cima da estrutura repleta de vasos e ferramentas. Dentre os vários objetos de jardinagem, apanho a foice afiada e giro o corpo para golpear Theo. Ele estende as mãos para barrar o golpe. No entanto, a lâmina curva rasga seus dedos.

Não há tempo para pensar ou conferir o nível do estrago. Só vejo o sangue esguichar enquanto um grito estrangulado emerge da garganta de Theo. A foice é arrancada do meu domínio, e Périgord captura meu pescoço em uma só mão. Ele me joga sobre o canteiro, pressionando minha garganta. Tateio a superfície ao meu redor e capturo o regador de metal. Arquejo, sufocada, e acerto a cabeça de Theo com o regador. Já na primeira pancada ele se desnorteia. No segundo impacto, o corpo dele amolece, cambaleante, e sua mão libera meu pescoço.

Salto do canteiro, ofegante e com lágrimas de desespero ardendo nos olhos, e desfiro um último golpe na cabeça de Theo, levando-o a uma queda brusca. Ele cai estirado aos meus pés. Há um rasgo assustador em sua testa, de onde o sangue flui livremente. Percebo agora que os dedos médio e anelar da sua mão esquerda foram cortados pela metade.

Puta merda!

Empunhando o regador e esperando pelo seu revide, eu continuo em alerta. Périgord permanece inerte no chão, inconsciente. Eu poderia recuperar a foice e perfurar seu crânio para garantir que ele não venha atrás de mim. No entanto, o desespero de escapar deste maldito lugar fala mais rápido.

Distancio-me de Theo e corro para fora da estufa sem pensar demais, deixando que o instinto de sobrevivência mova meus pés e me faça cruzar o gramado na maior velocidade possível. A chuva gelada lambe minha pele e se mescla às lágrimas de aflição, inundando minhas roupas e enchendo meus tênis de lama.

Afasto o cabelo molhado do rosto ao avançar pelo terreno, enxergando os portões gradeados como meu único foco.

Olho para trás, me certificando que Theo não está atrás de mim, e agarro as grades do portão. Abro a passagem e escapo da propriedade Périgord com o coração retumbando em minha garganta e as pernas queimando pelo esforço.

Fugindo do inferno.



Minhas mãos, sujas de terra e sangue, empurram as portas de vidro de uma loja de conveniência na região de Émeraude. Passei os últimos minutos correndo incansavelmente sob a chuva. Meu corpo está tão esgotado que me permito buscar apoio nas gôndolas de bebidas, recuperando energia. Os clientes que transitam pelo estabelecimento cravam os olhos em mim, espantados com minhas roupas imundas e os cabelos desgrenhados.

Estou trêmula de frio, o corpo encharcado e a musculatura se rasgando em cãibras. Meus pés queimam de tanto correrem e cada palpitação no meu peito tem a intensidade de um terremoto. Trôpega e batendo os dentes devido à baixa temperatura, eu me arrasto ao balcão de atendimento. A funcionária do outro lado me recebe de olhos arregalados.

— Preciso de um telefone. — Ofego, rouca de exaustão. O rosto da mulher perde a cor, e sua boca se abre com espanto. — Por favor, preciso pedir ajuda. Eu... fui assaltada.

Ela pisca e assente, visivelmente preocupada com meu estado. A funcionária contorna o balcão e vem até mim.

— Me acompanhe, há um telefone que pode usar. — Aponta o caminho para a área restrita dos funcionários.

Sou guiada por um corredor além do balcão, que me leva a uma salinha com armários de ferro e cadeiras. A mulher indica o telefone em

cima da mesa de escritório.

— Pode usá-lo. Eu vou buscar um copo d'água para você e... uma toalha para se secar. Verei o que consigo. Espere aqui.

Eu assinto, cansada demais para conseguir proferir um "obrigada". Logo que a mulher deixa a sala, puxo o telefone do gancho e teclo o número de Finch. Minha mão treme descontroladamente ao aproximar o telefone do ouvido.

— *Alô! Quem está falando?*

Uma corrente de alívio permeia meu corpo ao reconhecer a voz de Finch.

— Sou eu, Finch. Precisa me buscar em Émeraude. Por favor. Eu acabei de fugir da mansão. Estou sem dinheiro e documentos. Preciso de você.

— *O quê? Kaylee, como assim? Por que estava na mansão?*

— Finch, me ouça. Não dá tempo de explicar agora. Theo armou para mim. Ele sabe de tudo, tentou me prender na casa. Ele... — Olho na direção da porta para conferir se a funcionária está por perto, só então prossigo: — Theo queria me matar. Ele me atacou. Consegui fugir, mas ele continua lá e acho que vai tentar me procurar no flat. Tem que vir aqui.

— *Aquele ordinário!* — ralha, emputecido. Eu o escuto esmurrar alguma coisa. — *Pelo amor de Deus! Me diga onde está.*

Olho à minha volta, desorientada.

— Eu estou na... — avisto panfletos espalhados sobre a mesa e capturo um deles para ler o endereço — rua Milann, 623. É uma loja de conveniência. Me deixaram usar o telefone.

— *Não saia daí! Me espere, vou te buscar.*

— Tá legal, estou esperando.

— *Você vai ficar bem. Theo não vai tocar em você nunca mais, Kaylee. Eu te juro! Fica aí e espera. Eu te amo!*

Sem me dar a chance de dizer mais nada, Finch encerra a ligação.

Uma toalha felpuda encobre meus ombros, e meu queixo continua tremendo de frio. Minha temperatura corporal parece abaixo de zero, com as roupas fatiando a pele e as mãos gélidas formigando.

Eu me pergunto se Theo já acordou. Nesse exato momento, ele pode estar correndo pela cidade atrás de mim. Pelo menos, os ferimentos que eu lhe causei deverão atrasá-lo, visto que estava perdendo sangue.

O barulho de passos pesados e vozes alarmadas irrompem do corredor. Eu me empertigo na cadeira e aperto a toalha nos ombros, atenta à movimentação. Não demora até que Erick e Reid surjam pela porta do escritório onde passei os últimos quinze minutos. A funcionária que me ajudou os acompanha.

Salto do lugar e corro ao encontro deles. Seus rostos se enchem de assombro, e os dois parecem ter um milhão de perguntas. Olho de um lado para o outro no corredor, procurando por mais alguém além deles.

— Cadê o Finch?

— Ei! — Erick me segura pelos ombros. Os olhos azulados e banhados de espanto me fitam de cima a baixo. — Se acalme. Ele não tá com a gente.

— O quê?

Reid também se aproxima e toca meu rosto, me tranquilizando.

— Ele não veio, Kay. Finch nos contou que estava aqui e que precisava de ajuda. Viemos correndo.

Um vinco preocupado enruga meu cenho.

— E onde ele está?

— Ele não disse. Finch só nos pediu para vir te buscar e para não tirarmos os olhos de você. O que tá rolando, Kaylee?

Eu me afasto deles e levo a mão ao peito, angustiada. De repente, não consigo respirar de tanta aflição.

Se Finch mandou que os garotos me buscassem, é porque está indo para outro lugar. Não é difícil deduzir o óbvio. Conhecendo Sullivan e seu temperamento implacável, não me restam dúvidas.

Minha garganta se fecha, e todo o pânico de minutos atrás regressa ao meu corpo com força total. Encaro os rostos de Erick e Reid e afirmo:

— Eu sei onde Finch está. Temos que encontrá-lo!

# 36



## Finch Sullivan



A chuva forte despenca impiedosamente do céu, como se quisesse ultrapassar o teto e os vidros do Mustang.

Os limpadores do para-brisa trabalham enquanto observo a rua solitária à minha frente, planejando meus próximos passos. Não muito longe daqui, está a mansão Périgord. Cada vez que olho para aquela maldita construção, sou inundado por um ódio explosivo, que vibra em minhas artérias.

Durante todo o trajeto até aqui, a chuva não cessou nem por um instante. As correntes de vento ferozes agitam as árvores e os travões estremecem o céu, indicando que a tempestade só está começando.

Queria poder ficar ao lado de Kaylee agora, cuidando dela e me certificando de que esteja bem. Gostaria de olhar em seus olhos e prometer que darei um jeito em tudo. Porém, acima de qualquer coisa, preciso garantir que Theo Périgord nunca mais vá machucá-la. E, para isso, foi necessário agir rápido, antes que ele tivesse a chance de escapar. Estou pouco me fodendo para as consequências, vim até aqui com o único objetivo e vou cumpri-lo, custe o que custar.

Quando isso terminar, Kaylee estará segura. Só isso me importa.

Estou pilhado pra caralho, um turbilhão infernal nublando meus pensamentos. Só quero deixar o ódio me comandar e estraçalhar cada

maldito pedaço de Theo Périgord.

Puxo a Glock do porta-luvas e verifico a munição. Há dez balas no carregador. Mais que o suficiente. Escondo o revólver no cós da calça e puxo a chave da ignição. Estou prestes a sair do carro, mas sou interrompido pelo toque do celular. Vejo o nome de Erick na tela de chamadas e aceito a ligação.

— Encontrou a Kay? — me adianto, impaciente.

— Sim, a gente tá com ela — ele confirma, e eu libero o fôlego preso, sentindo uma carga ser removida do meu peito. — Mas onde caralhos você se enfiou, Finch? O que tá fazendo?

— Butler, por favor, leva a Kaylee pro seu apartamento e toma conta dela pelo tempo que for preciso. Ainda vou demorar.

— Espera aí, Finch...

Desligo na cara dele e coloco o aparelho no modo silencioso. Novas ligações surgem na tela, mas eu as ignoro. Tudo o que eu precisava saber é que Kaylee está segura. Não vou permitir que ninguém frustre meus planos, tampouco quero que eles se envolvam nisso. Menos ainda quero que a Clark veja a sujeira que vou fazer.

Vou destruir Theo Périgord hoje à noite. E, depois, vou voltar para a Kaylee.

*Vou voltar para você, amor.*

Saio do Mustang e sou recebido pela chuva implacável. As rajadas gélidas se entranham em minhas roupas em fração de segundos, encharcando-me dos pés à cabeça. Olho ao redor, conferindo se não há movimentação na rua, e me aproximo dos muros da mansão.

A chuva é um obstáculo à parte, mas escalo o muro de pedras com tanto afinco que os arranhões que ganho na palma das mãos nem me fazem cócegas. Salto para dentro do terreno, consumido pelo furor que me encoraja a prosseguir. Afasto o cabelo molhado da testa, analisando o entorno.

Um trovão potente atravessa o céu. As árvores do terreno balançam violentamente, arrastadas pela ventania gélida que castiga Émeraude. Apenas algumas luzes do térreo da mansão se encontram acesas, indicando a presença de Theo lá dentro.

A tempestade veio em boa hora, porque o barulho camufla meus passos pesados pelo gramado ao correr de encontro à casa. Contorno a

construção sorrateiramente, parando para olhar em cada janela em busca do desgraçado que vou mandar para o inferno. Subo no deck do jardim e me esgueiro até a janela para espiar a cozinha.

Uma figura se move além da ilha de mármore.

Theo Périgord.

Sua camisa branca está banhada de vermelho. Ele pressiona um curativo no ferimento abaixo do ombro direito, tentando conter o fluxo de sangue.

Visivelmente debilitado e murmurando xingamentos, ele retira a camisa suja de sangue e a deixa na bancada. O corte bem abaixo da clavícula parece ter sido grave, a julgar pelo estado de Theo. Imagino que Kaylee seja a responsável por aquele ferimento. Porra... Pensar que a minha garota conseguiu dar conta do recado e fatiou esse filho da puta me enche de orgulho.

Theo se esforça para enfaixar a lesão por contra própria, envolvendo-a com várias tiras de gaze. Após terminar o curativo, caminha até a mesa na outra ponta do cômodo e abre uma maleta. Ele manuseia algo. Não enxergo com clareza, mas desconfio ser um revólver, considerando o formato sugestivo. Ele deixa o objeto de lado e pega uma garrafa de uísque em cima da ilha. Descansa os cotovelos sobre o mármore e toma uns goles da bebida, o que me faz perceber que os dedos da sua mão esquerda também foram enfaixados.

Ele se desloca com certa lentidão rumo à pia, levando a garrafa consigo.

Trinco a mandíbula, fervilhando de ódio. Olhar para esse miserável, sabendo o que fez com Kaylee, me deixa transtornado. A raiva entorpece minha mente de modo que não há uma articulação do meu corpo que não esteja tensionada, sobrecarregada pelo desejo de destruição.

Antes de atirar na cabeça dele, vou fazer questão que sofra bastante e deixá-lo irreconhecível. Quero sentir suas costelas se quebrando nos meus punhos, ver sua carne se rasgando e seu sangue inundando aquele chão. Puta merda! Quero acompanhar cada segundo da sua agonia.

A explosão de raios e trovões é tão escandalosa que Theo nem sequer escuta quando giro a maçaneta e empurro a porta. De costas para mim e se afogando na garrafa de uísque, ele não me vê adentrar na cozinha. Eu me

movo furtivamente, tendo oportunidade de analisar o cômodo e planejar como vou começar essa merda.

Observo a camisa ensanguentada sobre a bancada e a capturo, esticando o tecido nas mãos. No momento que Theo deposita a garrafa na pia, eu avanço sobre ele e o surpreendo pela retaguarda. Antes que tenha qualquer chance, passo a camisa pelo pescoço dele e o puxo para trás, enforcando-o com a vestimenta. Seus gritos arranham na garganta, e seus braços tentam me alcançar inutilmente.

Ele solta ruídos incompreensíveis ao ser arrastado pela cozinha, lutando para resistir. Eu o derrubo, e Theo despenca de joelhos, as mãos apoiadas no chão e a respiração arquejante. Parece um animal patético caminhando sobre quatro patas.

Lanço um pontapé veloz em sua cara, fazendo-o desabar num baque. Theo protege o rosto com os braços, mas não escapa dos inúmeros chutes que desfiro nas suas costelas. Encolhido no lugar e totalmente indefeso, ele urra de dor em cada golpe que recebe.

Arrebentar os ossos desse filho da puta e ouvir suas lamúrias não me parece o bastante. Preciso de mais. Quero deixar meu ódio se manifestar na sua forma mais bruta.

Cesso os chutes em seu corpo. Périgord resfolega profundamente, a respiração rasgando seu esôfago. Ele ergue o rosto para me encarar, e eu quase sorrio ao me deparar com o medo refletido em seus olhos.

— Foi Kaylee quem te mandou aqui? — ele ofega, rastejando feito um fracote em direção à bancada.

Ele tenta se levantar, mas não tem força suficiente devido aos dedos cortados e ao ferimento no tórax. Sendo assim, apenas se senta no chão e descansa as costas na bancada, esgotado demais para fazer qualquer coisa além. Os dentes dele estão manchados de sangue, graças ao ferimento que abri em sua boca quando chutei a cara dele.

— Eu vim por vontade própria — revelo, inexpressivo. Giro os ombros e pescoço ao me alongar. — Tenho uma pergunta, Périgord. Você por acaso sabe quem eu realmente sou?

Ele não dá um pio, mas a dúvida em seu semblante me dá a resposta. Sorrio com cinismo e enceno uma reverência.

— Eu não era jardineiro, caseiro ou seja lá a merda que pensou que eu fosse. Eu só queria descolar uma grana às suas custas e, na verdade, até

estive ajudando a Kaylee durante o tempo que fiquei aqui.

Theo inspira e solta o ar pela boca rapidamente, os olhos vidrados em mim e os traços contraídos em uma mistura de dor e revolta. Enfio a mão no bolso e saco o canivete. Périgord engole a saliva e arregala os orbes acinzentados ao me ver acionar a lâmina. Manobro o artefato nos dedos e me abaixo diante dele, ficando quase da sua altura.

— Eu poderia dizer muita coisa. Poderia continuar rindo da sua cara desprezível e do quão inofensivo parece todo acuado desse jeito. Mas estou com pressa para começarmos.

— O que vai...

Interrompo sua fala quando, de súbito, cravo o canivete em sua coxa esquerda. Afundo a lâmina até atingir o osso e a puxo de volta num tranco que faz as gotículas de sangue esguicharem. Theo aperta o maxilar ao ranger os dentes e emite um grito gutural. Ele ainda está se esgoelando em sofrimento quando arremesso a palma da mão em sua cara, obrigando-o a suprimir um grito agudo.

Bom, parece que meus anos torturando viciados na gangue finalmente vão valer a pena, porque tenho estômago suficiente para continuar arrancando seu sangue e assistindo à sua agonia pelo resto da noite.

— Queria ter visto a Kaylee abrindo um buraco no seu corpo com canivete que dei para ela — comento com naturalidade. Toco o curativo embaixo da sua clavícula e aperto o ferimento. Theo se contorce e segura minha mão, desesperado para se livrar da dor. — Mesmo se eu não fizesse nada, acho que você morreria pelas próximas horas só por causa da hemorragia.

— Não precisa fazer isso... — Ele ofega com dificuldade, atordoado pela dor.

Solto o ferimento e seguro o rosto dele com força o bastante para esmagar a mandíbula. Prenso a cabeça dele na bancada, e Theo cerra os dentes como um animal.

— Você tentou matá-la, seu pedaço de merda! Acha mesmo que não vou te fazer comer o pão que o diabo amassou? Vai sentir na pele o preço por ter tocado na Kaylee. E pode acreditar, não vai ser nada rápido. Vou fazer durar bastante até, finalmente, meter uma bala na sua cabeça.

Libero sua mandíbula e disparo um soco poderoso bem no meio da cara dele. O impacto do seu nariz estalando contra o meu punho me dá a

certeza de que o quebrei. Enquanto Theo agoniza de dor, recupero sua camisa ensanguentada e rasgo a manga dela em minhas mãos. Uso o pedaço de tecido para amarrar os pulsos dele. Embora tente resistir, suas forças são mínimas e está quase perdendo a consciência.

Mas eu não vou deixá-lo apagar. Ainda não. Nem que eu mesmo tenha que estancar o sangramento para mantê-lo acordado por mais tempo. Vou fazer esse miserável sentir cada segundo disso.

Com seus pulsos atados, seguro as mãos dele e encaro os curativos que envolvem dois de seus dedos.

— Kaylee mandou bem, veja só? — ironizo. — Já que ela tirou uns dedos seus, vou querer alguns também, só de recordação. Você deve entender o que quero dizer, já que guarda pedaços de uma garota morta na sua casa como se fosse a porra de um troféu.

— Eu posso te dar a quantia que quiser. — Sua voz é um brado sôfrego. — Saio do país amanhã mesmo, e nunca mais vai me ver. Posso te deixar podre de rico. Seria mais dinheiro do que já viu na vida inteira.

— Ah, é? — finjo interesse.

Ele move a cabeça repetidamente, aflito.

— Sim, tem a minha palavra.

Rio pelo nariz, vendo graça em sua tentativa.

Cravo os dedos ao redor do pescoço de Theo, pressionando-o no balcão. Ele crispa os lábios e me fita em pânico.

— Acha mesmo que vou te dar uma saída tão fácil depois do que fez com a Kaylee? — Eu lhe ofereço um sorriso perverso. Acerto sua bochecha com dois tapinhas e nego com a cabeça. — Vou te apresentar o inferno que você merece, Theo. Nada menos do que isso.

Fico de pé e capturo seus pulsos amarrados. Eu o obrigo a erguer os braços, de modo que as mãos dele estejam apoiadas sobre a bancada. Mantenho ambas ali e aproximo o canivete dos seus dedos esquerdos, escolhendo qual deles devo arrancar para combinar com os que já estão pela metade.

Das outras vezes que precisei torturar alguém, eu me senti sujo pra caralho. Agora, no entanto, a sede de vingança provoca uma euforia genuína em meu sangue. Estou escancarando as portas para o que tenho de mais impiedoso dentro de mim, como uma fera enjaulada que, ao se libertar, é capaz de qualquer coisa.

— Não faça isso — Theo implora aos prantos.

Estalo a língua com desdém, debochando de sua choradeira.

— Está reclamando de barriga cheia, Périgord. Uns dedinhos a menos não são nada. Espere até que eu comece a arrancar partes piores. Consigo pensar em uma bem específica que você não vai gostar nada.

Prenso as mãos dele sobre o mármore, impedindo que se soltem, e encosto o gume da lâmina em seu mindinho. Tremores agitam os braços dele, e Theo se arrasta, tentando escapar. Lanço um chute na boca do estômago dele para que pare de se mexer.

Dá certo, porque ele desiste de resistir, resfolegando e gemendo.

— Esses dedos imundos tocaram na Kaylee hoje. Acho justo que cada um deles receba uma punição — imponho a sangue-frio.

Sem demora, pressiono o gume do canivete no mindinho. Sinto a lâmina partir a carne e esmagar o pequeno osso. Theo berra excruciantemente, e eu imponho ainda mais força na lâmina, conseguindo fatiar a metade do seu dedo. O sangue jorra pelo mármore feito uma cachoeira.

Libero as mãos dele, e Theo se escolhe no chão, agonizando. Não dou tempo para que ele se recupere. Eu o agarro pelo pescoço e faço com que se sente corretamente. Uma pequena poça de sangue se forma ao redor dele, o vermelho escorrendo do corte que abri em sua coxa e inundado a calça social.

Guardo o canivete ensanguentado no bolso e o seguro pelos cabelos para erguer seu rosto, fazendo com que me encare. Seus olhos marejados me focam com horror. Posiciono meu pé bem entre as pernas dele e uso a sola do tênis para pressionar onde deve ser seu ponto mais fraco. Theo tenta se esquivar, mas é inútil, e seus grunhidos reverberam pela cozinha quando começo a esmagar suas bolas em um pisão pesado. Os braços tremem, as pernas se debatem e ele libera rugidos estrangulados, em profundo sofrimento ao experimentar a dor aguda.

Desfaço a pressão e deixo que ele tome fôlego por uns segundos. Um choro lamentoso abandona seus lábios, e sua cabeça tomba para o lado, sem forças. A face pálida, o olhar perdido e os espasmos agitando seus membros me mostram que ele não vai suportar muito mais do que isso.

Estou quase chegando no seu limite.

Que inferno! Eu ainda gostaria de atormentá-lo por mais um tempo. Contudo, já que esse pedaço de merda parece suficientemente fodido e está a minutos de perder a consciência, decido encerrar o espetáculo de uma vez.

Ainda não pensei em como me livrarei do corpo dele. Mas isso é o de menos.

Volto a me abaixar e seguro a coxa esquerda de Theo, a mesma que esfaqueei. Sem ressalvas, enfio o polegar no ferimento, criando um buraco em sua carne. Seus gemidos de sofrimento não me comovem. As lágrimas aflitas que transbordam pelo seu rosto manchado de sangue menos ainda.

Arranco o polegar ensanguentado do buraco em sua coxa e o levo até seu rosto, desenhando um "X" vermelho no centro de sua testa. Será o meu alvo. Theo se engasga com a saliva e aperta as pálpebras fortemente, a um passo de perder os sentidos. Eu me ponho de pé e puxo a Glock da cintura.

Cravo meus olhos furiosos em sua face asquerosa e aponto o revólver em sua direção. Libero a trava de segurança e, enchendo o peito de fôlego e determinação, miro bem no 'X" marcado em sua testa.

— Não vou deixar que machuque mais ninguém — decreto. Devagar, Theo abre os olhos e percebe o cano da Glock apontado para si. — Todos vão saber o que fez com aquela garota e com Kaylee, vão descobrir o tipo de verme que você é. Mas, honestamente, nem sei dizer se será um presente ou um castigo você não estar mais aqui para ver isso de perto. Porque vou te matar agora.

— Não... — ele se engasga e tosse, esforçando-se para falar. Um filete de sangue escorre por sua boca. — Não, espere...

Um sorriso sombrio atravessa meus lábios. Meço-o por inteiro, enojado. Ainda nem puxei o gatilho, mas já me sinto de alma lavada.

Os últimos minutos foram tomados por uma adrenalina tão frenética que somente agora me dou conta que a chuva parou. Tudo ao nosso redor é mero silêncio.

Até não ser mais.

Ouço os passos que se movem atrás de mim, tão repentinos que sou pego de surpresa quando algo toca a parte de trás da minha cabeça. Sinto com precisão o cano de um revólver pressionar meu couro cabeludo.

— Largue a arma, Finch! — um brado masculino ordena.

Tenho a impressão de que conheço essa voz.

*Merda! Quem mais está aqui?*

Mantendo Périgord na mira da Glock, tento virar o rosto para descobrir quem está atrás de mim. Porém, o cano do revólver é pressionado com mais força em minha cabeça.

— Mandei soltar a arma, Finch! Se tentar qualquer gracinha, vou atirar. Apenas solte a arma no chão!

Os olhos de Périgord estão vidrados no meu rosto, mas logo se desviam para focarem no homem atrás de mim. Fico em um impasse, ansiando meter uma bala na cabeça de Theo, mas sabendo que, no exato momento que eu o fizer, outra explodirá os meus miolos. Aperto o cabo da Glock com raiva, o dedo a milímetros de apertar o gatilho. Cerro os dentes, me recusando a aceitar a derrota.

*Caralho, preciso matar esse verme!*

— Não vou repetir, Sullivan! Solte o revólver! — Recebo um ultimato.

Se eu soltar a arma, ele vai atirar. Se eu não soltar, ele também vai atirar. E, se eu me virar e tentar atacá-lo, não terei tempo de desviar da pistola colada na minha cabeça. No entanto, eu não obedeço. Mesmo que eu morra, faço questão de levar Theo Périgord comigo.

Apenas para enganá-los, abaixo a mão que empunha o revólver e finjo rendição. Tento me esquivar, mas, imediatamente, um impacto pesado estoura na lateral da minha cabeça e ouço o vidro se espatifar. Mesmo zonzo pela pancada, viro-me no lugar e vejo um breve reflexo do rosto de Ramon, o segurança. Ele acerta minha testa com uma coronhada, e, no segundo seguinte, estou me desequilibrando e buscando apoio na bancada. Aperto o gatilho sem saber onde estou mirando. O disparo seco zuni em meus tímpanos. No mesmo instante, uma descarga elétrica comprime meus músculos e me fez desabar em espasmos, totalmente incapacitado.

Minha visão gira em um espiral insano. Eu nem sei que merda acabou de acontecer. Só sei que estou jogado no chão da cozinha e a Glock foi tirada do meu alcance. Desnorteado, olho à minha direita e avisto Theo Périgord. Suas mãos continuam atadas, e ele parece prestes a perder as forças. Entretanto, de algum jeito que nem pude acompanhar, ele empunha uma arma de choque em minha direção. Ramon, do outro lado, aponta para mim com o revólver.

A dor da descarga elétrica é tão fulminante que nem consigo assimilar. Meu corpo não me obedece.

Em questão de segundos, os papéis se inverteram e agora sou eu quem está prestes a ter o último suspiro.



Após intermináveis minutos preso em uma cadeira no porão da mansão, tendo as mãos e pernas amarradas por uma corda áspera e grossa, sinto minha temperatura corporal cair drasticamente em virtude das roupas encharcadas pela chuva.

Os músculos latejam graças à arma de choque que Theo usou contra mim. Meus pulsos estão queimando de tanto que eu os forço contra a corda que me prende à cadeira.

A Glock, o canivete e o celular foram retirados de mim. Estou de mãos vazias.

Cometi um erro. Minha raiva me deixou tão cego que nem por um segundo considerei a possibilidade de haver mais alguém na mansão. Fui pego por um deslize estúpido que poderia ter sido evitado, mas que, no calor do momento, nem sequer considerei.

Agora eu sou a presa. Trancado no porão da mansão e desarmado. No entanto, por mais desesperador que seja, não estou com medo. Pelo menos, não por mim. Não tenho medo de apanhar ou até de levar um tiro no peito. Em contrapartida, morro de medo que Theo vá atrás de Kaylee. Então, em partes, acho que estou com medo de morrer, mas apenas porque não posso partir antes de proteger a pessoa mais preciosa da minha vida.

Se Theo me espancar e me torturar até a morte, eu não vou dar a mínima. Mas, se ele tocar nela, vou definhar da forma mais dolorosa possível.

O porão se encontra abarrotado de latas de tinta, telas antigas, tábuas empilhadas e caixas. Ramon permanece enraizado como um poste a poucos metros e mantém os olhos vidrados em mim. Theo o incumbiu de me vigiar enquanto se recupera da surra feia que tomou.

Se eles esperavam que eu gritasse por socorro e implorasse por misericórdia, frustrei suas expectativas, visto que em momento algum esbocei o menor sinal de temor. Fiz justamente o oposto. Meu semblante

gélido e impassível permanece intacto. Tudo o que faço é observar os arredores, estudando qualquer detalhe que consiga usar a meu favor.

Sendo honesto, e também pessimista, não parece haver nada aqui que possa me livrar dessa cilada. Estou fodido.

— Você sabia de tudo, o tempo todo — digo ao Ramon, certeiro. Suas sobrancelhas se unem minimamente. — Deixa eu adivinhar. Você também ajudou Theo a se livrar do corpo de Alisha Leblanc quando ele a matou?

Ramon não responde. Pela forma como não esboça nenhuma surpresa em ouvir sobre Alisha, comprovo minha teoria. Ele sempre soube e acobertou Theo.

Levo minha atenção à porta do porão quando ela se abre. Uma sombra desponta pelos degraus e logo Theo ressurge, descendo a escada. Seus passos trôpegos e a palidez na face demonstram a gravidade do seu estado. Embora esteja massacrado, ele trocou de roupa e fez novos curativos, enfaixando cada buraco aberto em seu corpo.

Ele caminha mancando, e é notável seu empenho para fingir estar recuperado. Segurando minha Glock, ele se aproxima. Enquanto a mão direita empunha o revólver, a esquerda está envolta por curativos manchados de sangue. Sem emitir nenhuma palavra, ele me analisa da cabeça aos pés.

Está tentando parecer ameaçador, mas não me assusta. Fixo meu olhar no dele, sem nem uma pontada de medo em mim. Apenas desprezo. Minha única vontade é arrebentar essas cordas, saltar da cadeira e partir seu crânio em pedaços de tanto espancá-lo.

Périgord se coloca à minha frente, os olhos embebidos pelo ódio mais profundo.

— Você e Kaylee... o tempo todo, estiveram juntos enquanto trabalhavam para mim — conclui com amargor, como se não pudesse acreditar no que diz. — Aquela cadela mentirosa arrancou meu dinheiro para pagar sua fiança. Não acredito que caí naquela historinha.

Ele me observa duramente, uma mistura de espanto e abominação. Devolvo o olhar sem vacilar um segundo, com o queixo erguido e o semblante inabalado. O fato de eu não demonstrar medo diante dele parece irritá-lo ainda mais.

Theo pigarreia e continua seu raciocínio:

— Estou surpreso por Kaylee ter se envolvido com um tipinho como você. O que você é, afinal? Membro de alguma gangue de Royaume ou é só um criminoso qualquer?

Eu me nego a responder, ciente do quanto o meu silêncio o enerva. Inclino a cabeça ligeiramente para o lado e solto um muxoxo entediado.

Isso o faz explodir.

— Como ela pôde? — Sua voz vacila e se mescla a um murmúrio de dor. — Ela usou meu dinheiro e me manipulou como uma vadia interesseira. Eu ofereci tudo a ela, e mesmo assim aquela ordinária preferiu... — nega com a cabeça e aponta para mim com o queixo, desdenhoso — isso!

Theo argumenta como se eu tivesse roubado Kaylee dele e tudo isso o tornasse uma vítima da situação, como um marido traído ou qualquer merda assim. Eu poderia dizer que é assombroso. Mas é tão irreal que chega a ser cômico.

Deixo que um sorriso discreto brote em minha boca, puramente presunçoso.

— É, a Kaylee te fez de otário mesmo. Ela sabe jogar. Fico impressionado com o quanto ela é boa em manipular uns babacas feito você. Deve estar se sentindo um idiota. — Relaxo as costas na cadeira, e meu sorriso se alarga. — A minha mulher é foda. Eu sei.

As íris cansadas me metralham. Suas linhas de expressão se contorcem em revolta.

E eu prossigo com a provocação:

— Deve ter sido doloroso não ter a sua paixãozinha bizarra sendo correspondida pela Kaylee, não é? O orgulho ferido, o sentimento de impotência. Eu até queria dizer que sei como é, mas, na verdade, nem faço ideia, já que nunca fui feito de palhaço, como você.

Num rompante, Theo acerta o lado esquerdo da minha face com a arma, um golpe forte que quase me faz tombar na cadeira. Cuspo uma bola de saliva e sangue no chão, em silêncio, e torno a encará-lo, tão insolente quanto antes.

— Deveria ter mais cuidado com as palavras — Theo me adverte.

Dou de ombros, displicente. Meu atrevimento o irrita pra caralho.

— Não tenho medo de você. Sinto muito por ferir seu ego, mas não vai tirar muita coisa de mim.

Um sorriso mordaz cruza os lábios dele.

— Está errado. Vou tirar algo de você.

Por um segundo, meu semblante imbatível se desarma, porque sei que ele se refere à Kaylee. Cerro os punhos com ódio e forço os pulsos na corda.

— Por que não acaba com isso de uma vez e atira em mim?

— Porque você vai trazer Kaylee aqui.

— Não acho que eu vá fazer isso. Nem se me torturasse eu faria.

— Perdão, acho que me expressei mal. Vou reformular. Você não vai precisar chamá-la, porque Kaylee virá por conta própria.

Dessa vez, não sou tão bom em encenar desinteresse. Conheço Kaylee o suficiente para saber que, sim, ela viria atrás de mim. Mesmo assim, simulo um riso nasalado e nego com a cabeça para convencê-lo do contrário.

— Como tem tanta certeza? À essa altura, ela já pode ter vazado o que descobriu e colocado todos desta cidade atrás de você. Até a polícia.

— Não, ela vai obedecer aos meus termos, e sabe por quê? — lança a dúvida, zombando. — Porque ela foi capaz de tudo para te livrar da cadeia. Até de sujar o próprio nome em um empréstimo que jamais conseguiria pagar. Ela deve gostar muito de você. Por isso, é questão de tempo até que Kaylee chegue aqui. Falei com ela ainda há pouco pelo telefone.

— Está blefando! — eu o acuso, deixando a raiva vir à tona.

Theo balança a cabeça negativamente e aponta a Glock para mim.

— Não estou. Quando aquela vadia chegar, vou atirar em você na frente dela. Depois, vou atirar nela. Ramon vai cuidar dos corpos, e, para todos os efeitos, eu ainda estarei fora de Faigan em uma viagem.

Sou incapaz de encenar sorrisos zombeteiros ou fingir indiferença enquanto o ouço dizer que vai atirar na Kaylee. Quero me erguer dessa cadeira com toda a minha força e esmagar o rosto desse filho da puta com os meus punhos. Meu maxilar endurece e respiro forte, perdendo o autocontrole.

Theo sorri como um sádico. Ranjo os dentes e puxo os braços contra as cordas até sentir um pedaço da minha pele se rasgar.

Périgord olha na direção de Ramon e delega:

— Fique de olho nele! Preciso fazer outro curativo.

Ramon assente, calado.

Theo se afasta, levando a Glock consigo, e se esforça para subir os degraus do porão. Emitindo ruídos sôfregos e se escorando no corrimão, ele atinge o topo da escada e passa pela porta.

Abaixo a cabeça, ofegante e exausto de lutar contra as cordas.

Por segundos, minha mente se esvazia e a imagem de Kaylee a preenche. Penso no seu sorriso. Penso no biquinho emburrado que ela faz sempre que eu a irrito. Penso no quanto seus olhos cintilam cada vez que eu a chamo por algum apelido. Penso na sua voz suave me chamando daquela coisa em francês que não sei o que significa, mas que é lindo saindo dos lábios dela. Penso em nós dois na cozinha, preparando o jantar.

Seu corpo, seu cheiro, seus beijos, seu carinho. *O meu lar.*

Puta merda... talvez eu nunca mais a veja. Talvez... eu morra.

No entanto, se essa é a condição para que ela não se arrisque vindo atrás de mim, prefiro não vê-la. Pelo menos assim ela ficará longe de Theo. Porque, caso ela venha, Périgord vai matá-la sem pensar duas vezes. Ele fará tudo para proteger seu segredo.

Mesmo tendo dimensão da distância que nos separa e que Kaylee jamais poderia me escutar, sussurro o pedido:

— Kaylee, não venha por mim. Não venha, amor. Fique segura e bem longe daqui. Faça isso por mim, por favor...

*Por favor, Kaylee.*

# 37

## Kaylee Clark

Meu coração explode de ansiedade enquanto assisto Erick ligar para Finch e a chamada ser direcionado à caixa postal.

Estamos no furgão. Sentado à minha esquerda, Reid dirige pelas ruas de Émeraude. Erick, à minha direita, persiste no celular, tentando contatar Finch.

— Não dá, ele não atende essa merda! — Erick pragueja.

— Deixa que eu continuo tentando — eu me ofereço.

Erick me entrega o celular. Sem perder tempo, ligo para o número de Finch.

— Ainda estamos muito longe da mansão? — Reid me indaga.

— Não muito.

Libero o fôlego numa lufada de ar e afundo as costas no banco. O celular de Finch toca de novo e de novo, mas ele não atende de jeito nenhum. Quando a voz eletrônica da caixa postal pergunta se quero deixar recado, desligo a chamada e inicio outra.

Travo a respiração no peito quando, enfim, a ligação é atendida. Empertigo-me no banco, aflita:

— Finch, pelo amor de Deus! Onde você está?

Contudo, a voz que ouço não pertence ao Finch. Sou pega de surpresa pelo timbre gélido de Theo Périgord vibrando do outro lado da linha:

*— Kaylee, me ouça. Finch está na mansão. Eu o prendi e só vou soltá-lo depois que vier aqui para conversarmos pessoalmente. Sei que podemos chegar a um acordo e que essa situação não precisa ir mais longe do que já foi. Se vier aqui, sozinha, solto ele. Mas, caso envolva a polícia ou venha acompanhada, vou atirar nele. Você me entendeu?*

Paraliso em choque.

— O quê? Está mentindo!

Meu brado chama a atenção dos garotos.

*— Você sabe que não estou. Tem uma hora para chegar aqui. Seu tempo já está correndo. Seja rápida, se não vou matá-lo.*

A ligação é encerrada, e eu preciso conter o impulso de atirar o celular pelo para-brisa em um acesso de fúria. Se eu ainda tinha alguma dúvida quanto ao Theo ter perdido a cabeça, essa ligação só prova que ele se encontra completamente fora de si.

Não está agindo com a razão, sequer faz questão de se preservar ao realizar uma ligação que poderia facilmente incriminá-lo. O que importa para Theo é acabar comigo a qualquer custo, independentemente das consequências.

— O que aconteceu? — Erick se aflige.

— Aquele miserável está com o celular do Finch. Disse que o prendeu e que só vai soltá-lo se eu for até a mansão sozinha, do contrário vai... matá-lo. Tenho uma hora para chegar lá.

— Nem fodendo, não vai até lá sozinha — Reid determina. — Theo é apenas um, e nós somos três. Vamos dar conta.

— Talvez Theo não esteja sozinho — eu pondero.

Erick me fita com incerteza.

— Como assim, Kay?

— Quando cheguei na mansão, Ramon, o segurança da propriedade, estava lá. Ele me disse que Aimée me esperava na cozinha e depois foi embora. Mas era mentira. Acho que ele está ajudando Theo. Talvez esteja na mansão.

— Caralho — Reid resmunga, apertando os dedos no volante. — Isso piora as coisas.

— Não podemos ir lá de mãos vazias — Erick salienta.

Ele tem razão. Seria burrice irmos desarmados. Pensando nisso, uma ideia desponta em meus pensamentos.

— Sei onde encontrar uma arma — digo a eles. — Reid, pegue o retorno e dirija para La Victoire. Ainda temos um hora, é tempo suficiente.

— Tá legal. Coloquem o cinto de segurança. Vou pisar fundo.

Reid acelera na pista e pega o primeiro retorno, nos guiando à saída da região de Émeraude.



O cano gelado do revólver que peguei no escritório da Clark's Med pressiona minha pele, escondido por baixo da blusa e jaqueta, ao passo que desço os degraus do flat.

Após fazermos uma rápida parada na farmácia, pedi que Reid dirigisse até minha casa, para que eu pudesse trocar as roupas molhadas e acessar meu notebook. Programei todos os e-mails para serem disparados daqui a exatos trinta minutos. Isso significa que, mesmo que eu morra esta noite tentando salvar Finch, todos vão saber quem Theo Périgord realmente é.

Abro os portões do prédio e percebo que a chuva finalmente deu uma trégua. Mas, além disso, noto a presença do SUV preto estacionado em frente à minha casa, ao lado do furgão, e o homem de cabelos e barba ruivos que conversa com os garotos.

Observo a cena com estranhamento. Desço os degraus para a calçada e me apresso ao encontro deles, tentando entender a situação.

— O que tá acontecendo? — eu os interrogo, focando em Reid e Erick.

Devan Lancaster me estuda em silêncio, sem interferir. Faço um gesto de cabeça para que os garotos me sigam. Nós três nos afastamos um pouco do ruivo.

— Eu liguei para o Devan ainda há pouco. Quando estávamos na farmácia — Reid revela. Ao receber meu olhar de reprovação, ele se aproxima. — Olha só, o Devan pode ajudar a gente. É melhor irmos com ele do que sozinhos e usando apenas uma arma quando não sabemos o que vamos encontrar.

— Eu tô com o Reid nessa — Erick opina.

Bufo e cruzo os braços, nervosa.

— Eu não sei se confio nesse cara — confesso baixo.

Na mesma hora, Devan limpa um pigarro na garganta e atrai nossos olhares.

— Eu consigo escutar vocês, sabia?

Reid para na minha frente e requisita minha atenção.

— Mas Finch confia nele, Kay. E eu também. Devan vai ajudar, é sério.

Levo um tempo para pensar, insegura.

— Tem certeza disso?

Os olhos amigáveis de Masih tranquilizam os meus, e ele assente.

— Confia em mim?

— Confio.

— Então vamos fazer essa merda e ajudar o Finch!

Olho na direção de Devan, ainda ressabiada. Ele solta um riso nasalado e tomba ligeiramente a cabeça ao me encarar.

— Desconfiada desse jeito, só podia ser mesmo a garota do Sullivan, não é? — ele me alfineta.

Crispo as sobrancelhas e endureço o olhar.

— O que vai querer em troca? — rebato, cética.

Ele avança um passo ao meu encontro.

— O que quero é que Finch me entregue o que encontrou na mansão. Sei que ele já fez o serviço, mas ainda não recebi nada. Eu prefiro não ter que arrombar o apartamento dele e vasculhá-lo depois que ele estiver morto. Então, é só isso. Está bom para você?

De queixo erguido, eu o inspeciono de cima a baixo.

Não gostaria de dever favores a um membro do cartel. Entretanto, estou tão desesperada que poderia topar um acordo com o diabo em pessoa para salvar Finch. Ele foi até à mansão por minha causa e não vou abandoná-lo.

Respondendo à pergunta, disparo sem sorrisos ou amistosidade:

— Acho que está bom.

— Legal! Agora que já resolvemos isso — Reid toca meu ombro, apressando-me —, vamos para o furgão!

— Não — Lancaster se opõe. Aponta para o SUV estacionado mais à frente e completa: — Vamos no meu carro.

— Por quê? — ele o contesta.

— Pediu minha ajuda, Masih. Eu poderia estar ocupando a minha noite com qualquer outra coisa, mas vim até aqui. Então, vai ser do meu jeito.

— Tanto faz. Contanto que o seu jeito nos tire daqui e nos leve para a mansão em menos de quarenta minutos, tá ótimo!

— Venham comigo!

Devan indica o caminho e vai na frente. Reid e ele se adiantam até o SUV, e Erick e eu ficamos para trás. O loiro me acompanha pela calçada.

Abraço meu corpo e expiro pela boca, agoniada. A sobrecarga mental não me deixa pensar direito. Estou funcionando no automático, com a cabeça em parafuso e um vendaval assolando meu peito.

— Ei — Erick me chama, percebendo minha apreensão. — Vamos dar um jeito. Finch vai ficar bem. Sei que não conhece o Devan, mas ele não é ruim. Ele me ajudou com aqueles caras a quem eu devia dinheiro e nunca me pediu nada em troca. Ele vai ajudar.

Espremo os lábios, com a garganta apertada.

— Isso tem que dar certo. Se algo acontecer com Finch... — Minha voz embarga e não termino a frase.

Erick move a cabeça em negação e segura meu ombro.

— Não, Finch vai voltar inteirinho pra você. Amanhã mesmo já vai estar por aí, amaldiçoando tudo e todos e arrumando briga como sempre foi. Vai ver!

Sorrio de leve e assinto, agarrando-me às suas palavras.

Ao lado de Erick, caminho até o SUV e me acomodo nos bancos traseiros. Devan acelera e, em questão segundos, enquanto meu coração sobressalta, estamos deixando o bairro de Château.



Faltando somente dez minutos para o fim do prazo estipulado por Theo, o SUV estaciona nas proximidades da mansão Périgord.

Olho a propriedade através da janela, imaginando o que pode ou não ter acontecido com Finch além desses muros. Carrego um nó na boca do estômago e uma pedra entalada na garganta. As mãos geladas e o coração percutindo sem parar.

Espero que não seja tarde demais.

Por favor...

Removo o cinto de segurança quando Devan abre sua porta e sai do carro. Escapo do veículo junto aos garotos, e nos reunimos na calçada. Enquanto eles repassam o plano para o resgate, abraço meu tronco e alterno o peso entre as pernas, inquieta. Estou morrendo de medo de fazer algo errado, considerando que terei que assumir a tarefa mais crucial e arriscada.

Vou ser a isca.

Será minha função distrair Theo para que Erick, Reid e Devan consigam invadir a mansão e resgatem Sullivan. Não há margem para erros. Precisarei impedir que ele veja os outros e, ao mesmo tempo, tentar permanecer viva.

Uma tarefa nada simples.

— Kaylee!

Olho para trás ao chamado de Devan. Ele se aproxima e puxa algo de dentro da jaqueta grossa.

— Como vai ficar sozinha com Theo enquanto vasculhamos o terreno, vai precisar disso — alega, oferecendo-me um revólver.

Encaro a arma e nego com a cabeça. Abro minha jaqueta e ergo a barra da camisa para mostrar a pistola que peguei na farmácia.

— Obrigada, mas já tenho minha própria arma.

Ele arqueia as sobrancelhas, pego de surpresa.

— E sabe atirar?

Dou de ombros, confiante.

— Vou saber quando a hora chegar.

— É uma boa resposta — conclui, satisfeito. Ele se volta para os garotos e oferece a arma que recusei ao Erick. Retira uma segunda pistola do sobretudo e a entrega ao Reid. — E vocês, já atiraram alguma vez?

Reid aceita a arma e assente.

— Sim, quando eu caçava com meu pai. Mas isso já tem uns... dez anos.

Erick é o próximo. Apanha o revólver e o observa curiosamente.

— Se barraquinha de tiro ao alvo contar, eu já atirei. Se não, nunca.

Devan solta um riso nervoso e move a cabeça com reprovação.

— Só tentem não se matar. Não é tão difícil. Para garantir, só atirem se não tiverem outra opção.

— Pode deixar — Reid concorda, prendendo a arma na calça e escondendo-a por baixo da camisa.

— Não vamos esperar muito. Quanto mais cedo entrarmos, mais rápido acabamos isso — Devan nos instrui. — Vamos seguir o plano à risca. Kaylee vai na frente e entra na mansão. Enquanto ela estiver distraindo Theo, vamos pular o muro entrar pela porta dos fundos.

Todos concordamos com acenos de cabeça.

Esfrego as mãos, nervosa, e ergo o olhar para o céu, buscando respirar fundo. Encarando as nuvens cinzentas sobre nós, eu me pergunto se isso é apenas um truque e, na verdade, Finch já está morto. Penso que entrarei na mansão e poderei encontrar seu corpo sem vida, como um circo de horrores que Périgord está armando só para me torturar.

Balanço a cabeça e afasto os pensamentos assustadores.

Não há outra alternativa senão entrar no seu jogo. Parece que eu já desci ao inferno, então, não me resta nada além de caminhar sobre as brasas.

— Certo. Vou na frente — aviso a eles, decidida.

— Espere — Devan Lancaster me chama. — Vocês me pediram ajuda, e vou resolver isso. Mas eu não sou a polícia, isso significa que meu objetivo não é fazer com que Theo Périgord saia daqui algemado. Se eu o vir, ele simplesmente não sairá daqui vivo — ele diz, categórico.

Eu o encaro com a mesma firmeza e declaro:

— Se o lugar onde Theo Périgord pagará por seus pecados tiver que ser dentro de um caixão, não vou me importar. Faça o que quiser com ele.

Devan aprova a resposta com um meneio de cabeça.

Deixo-os para trás e contorno os muros da mansão, rumo aos portões de entrada. Como eu previa, estão abertos, à minha espera. Passo por eles e adentro no terreno a passos largos, ansiosa para colocar um fim nisso.

Todas as luzes da residência se encontram apagadas. Considero a possibilidade de ter chegado tarde demais e não haver mais ninguém lá

dentro.

Não, não pode ser.

Ergo a cabeça ao caminhar pelo passadiço, convencendo a mim mesma de que o medo paralisante que percorre minhas veias não existe. Subo os degraus da varanda, vigilante, de frente para as portas de entrada. Sopro o fôlego preso, repassando o plano em minha cabeça.

— Theo! — chamo por ele. — Estou aqui!

No momento que bato nas portas para me anunciar, elas se movem, mostrando-me que estavam somente encostadas. Não espero por convite. Abro a passagem e entro no hall da mansão. A primeira coisa que vejo é a estátua de gesso quebrada, na qual Theo me empurrou horas atrás.

Viro o rosto na direção da sala ao captar ruídos. Vejo uma fonte de luz despontar daquela direção e sigo para lá. Atravesso o corredor decorado por quadros e chego à sala de estar. A lareira está acesa, trazendo uma iluminação mediana ao cômodo. E Theo Périgord, como um espectro sombrio, sentado em uma poltrona ao lado do fogo, empunhando um revólver.

Apenas por garantia, levo a mão à cintura e tateio o cano da arma escondida sob as roupas. Aprumo os ombros e me blindo de coragem.

Theo não se move ou diz uma palavra. Somente me assiste avançar cautelosamente para dentro da sala. A luminosidade das chamas traz uma atmosfera fantasmagórica sobre ele.

— O que fez com Finch? — vou direto ao ponto, seca.

Ele continua calado.

Varro com o olhar o ambiente entre nós. Meus pertences ainda estão jogados sobre o tapete da mesma forma que caíram quando Theo os tomou de mim. Reconheço meu celular e o refil de spray de pimenta lado a lado.

— Eu sabia que você viria, Kaylee. — Há certa satisfação em seu timbre.

Theo se levanta da poltrona com lentidão, emitindo murmúrios abafados que tornam evidente o quão debilitado se encontra. Ele manca bastante de uma perna, e, mesmo com a iluminação baixa, consigo identificar o borrão vermelho em sua calça, na altura da coxa, onde ele amarrou um torniquete. O rosto inchado, repleto de marcas roxas e ranhuras. Os cortes nos lábios. Por último, concentro-me na arma que carrega na mão direita.

*Qualquer movimento em falso e poderei tomar um tiro*.

— O que fez com ele? — insisto, dando outro passo em sua direção.

Périgord me analisa friamente.

— Ele está preso. *E vivo.* Quer vê-lo?

Meu maxilar treme, e sinto os olhos arderem. Finch está mesmo vivo ou Theo está brincando comigo?

Respiro fundo e tento ocultar as emoções.

— Ainda não — respondo. Foco no revólver que ele carrega, atenta em cada sutil movimentação. — Antes, preciso falar com você, Theo.

Ele dá um passo na minha direção. O olhar frio e distante parece irreconhecível. Se algum dia já tive o poder de persuasão sobre ele, temo que agora seja tarde demais para tentar algo do gênero. Ainda assim, preciso arriscar.

— Quero te pedir desculpas. — Minha fala o pega desprevenido.

Theo une as sobrancelhas e cerra os olhos inchados.

— Desculpas?

— Sim. Você me deu uma oportunidade incrível, e eu errei com você. Violei sua privacidade, não parei para pensar em tudo que esteve fazendo por mim. Fui ingrata, admito. — Dou mais um passo à frente, e Theo me foca com estranhamento. — Quero que saiba que não pretendo publicar o que descobri. Vou destruir tudo e fingir que jamais aconteceu.

Ele me esquadrinha demoradamente. Seus passos lentos e vacilantes o trazem para perto. Meus pulmões se comprimem, sem fôlego.

— Kaylee, olhe para mim. Mas olhe bem... — Com a mesma mão que empunha o revólver, ele segura meu queixo. Fico em contato direto com seus olhos avermelhados e inchados. — Acha que eu sou tão burro?

Nego com a cabeça.

— Não estou mentindo. Eu não quero mais levar nada disso adiante.

Ele aperta meu queixo com força e traz o rosto para perto do meu ao declarar:

— Não quer porque sabe que não pode mais. Porque seu namoradinho está comigo e quer salvá-lo. Por isso, não vai vazar o que descobriu.

Ele solta meu rosto bruscamente e se afasta. Durante o curto intervalo em que ele esfrega a têmpora e sussurra um palavrão, vejo uma sombra

cruzar a janela, correndo ao redor da casa. São os garotos. Ótimo! Já estão no terreno.

É primordial que eu continue distraindo Theo. Até porque, não sabemos quem mais pode estar aqui dentro e ser alertado por Périgord. Portanto, ignoro os limites de segurança e vou ao encontro de Theo, invadindo seu espaço e segurando seu rosto:

— Não é só isso — declaro, entoando súplica. — Não estou aqui apenas por Finch, mas também por você. Theo, eu preciso saber o que aconteceu. Como o homem que conheci e por quem me apaixonei meses atrás conseguiu terminar assim?

Seu olhar perdido vaga pelo meu rosto.

— O que está dizendo?

— Eu me apaixonei por você no semestre passado. Um clichê ridículo de professor e aluna, e era muito real na minha cabeça. Durante o começo do estágio eu acho que... ainda sentia coisas. Mas foi difícil continuar quando descobri o que você fez. Se coloque no meu lugar, como se sentiria? Você escondeu coisas, me bateu, me prendeu na sua casa quando poderíamos ter conversado como dois adultos.

Ele segura meus ombros, reprovador. A arma em sua mão fica próxima do meu pescoço.

— Você me espionava. Foi você quem começou tudo isso quando traiu minha confiança!

— Sei que te traí, mas estou disposta a mudar isso — apelo, embrulhando seu rosto com urgência entre minhas mãos. — Por favor, Theo. Sei que consegue me entender.

As íris cinzentas fazem uma análise do meu rosto. Suas feições oscilam entre rancor e dúvida. Ele libera um riso pesaroso, parecendo triste de verdade.

— Está tentando me manipular outra vez, não está?

Faço que não com a cabeça, olhando-o nos olhos.

— Estou tentando provar que ainda me importo, porque sei que pode voltar a ser o homem que eu conheci um dia. Poderia vir comigo ao meu apartamento. Eu apagaria todas as provas que encontrei na sua frente. — Toco o centro do seu peito e imploro com o olhar. As lágrimas que banham meus olhos são genuínas, porque nunca estive tão aflita em minha vida

inteira. É tudo ou nada. — Por favor, Theo. Me mostre que ainda é o homem por quem me apaixonei um dia.

Ele leva intermináveis segundos analisando meu rosto e minhas expressões. Estou suando, a pele fria e os poros arrepiados.

Só quero que isso acabe. E Finch são e salvo.

Apesar de agonizante, minha farsa parece surtir efeito. Theo continua imerso em mim, meditando em cada mentira que destilei.

*Erick, Reid e Devan, por favor, se apressem!*

— Se o que está dizendo é verdade, preciso de uma prova — Theo propõe. — Me deixe dar um fim no Finch. Não preciso de mais testemunhas sabendo o que aconteceu. Ele tem que desaparecer.

Bato as pálpebras, espantada. A proposta insana deveria me causar desespero. No entanto, puro alívio permeia meu corpo, porque isso significa que Finch está vivo.

— Por que não o solta e o suborna com uma quantia em dinheiro? Isso o calaria facilmente.

Ele ergue a mão e me mostra a arma.

— Porque ele veio até aqui com isso para me matar. Por você, Kaylee. Não há dinheiro no mundo que o fará ir embora e esquecer do que aconteceu. Sabe disso. — Seus orbes viajam pelo meu rosto, e Theo toca minha bochecha, fazendo um carinho. — É por isso que vou atirar nele. E depois, infelizmente, vou atirar em você também.

— Theo... não! — Rapidamente recuo e me afasto do seu toque. — Não está me ouvindo? Não precisamos disso. Vim para conversarmos e...

Paro de falar quando um estrondo reverbera pelos cômodos, vindo do outro lado da casa. Olhamos conjuntamente na direção do corredor, de onde o barulho surgiu.

— O que foi isso? — ele brada, assustado. — Ramon?! O que está acontecendo?

Aproveito sua distração para recuar, abrindo distância entre nós. Saco o meu revólver e me coloco a postos. Um novo barulho irrompe das paredes, como se uma porta acabasse de ser arrombada, seguido pela explosão de disparos e gritos.

Theo me encara de olhos arregalados.

— Sua vagabunda mentirosa! Trouxe quem com você? Quem mais está na...

Não o deixo terminar a frase e ergo o revólver na direção dele. Périgord fica tão abismado que demora a assimilar.

— O quê...

Sem pensar, eu atiro em Theo. Não faço ideia de onde o atingi, mas o grito agudo ecoando de sua garganta me mostra que eu o acertei. Novos disparos pipocam nos cômodos vizinhos, e a vidraça da janela da sala explode em pedaços. Imediatamente, eu me abaixo e me escondo atrás do sofá, fugindo das balas perdidas que atravessam as paredes da mansão.

Enquanto espero a rajada de tiros passar, escuto Theo rastejando pelo chão e fugindo pelo corredor. Aguardo o fim dos disparos e vou atrás dele.

— Não vai escapar! — garanto, seguindo seu rastro.

Os passos pesados de Theo estalam na direção da sala de leitura. Caminho abaixada, de modo que poderei me esquivar de uma próxima rajada de tiros, e mantenho a arma empunhada, pronta para disparar. A escuridão me atrapalha, e minha vista demora a se acostumar com o breu. Avanço devagar, acompanhando os ruídos que Theo emite enquanto se esconde de mim.

— Apareça logo, seu filho da puta!

Entro na sala de leitura, mirando para todos os lados, mas não vejo nada. Enquanto procuro por Theo, novos disparos e gritos trovejam na outra ponta da mansão. Retorno ao corredor e abro todas as portas pelo caminho, em busca do paradeiro de Périgord.

Pegadas velozes estrondam pelo piso, e, ao olhar para trás, vejo uma figura correr atrás de mim. Próximo o bastante, reconheço Devan.

— Está bem? — ele me pergunta. A respiração pesada e ofegante, como se tivesse corrido por toda a mansão.

— Sim. E os outros? Cadê o Finch?

O ruivo remove o carregador da pistola e a preenche com um novo, ágil.

— Erick está levando ele lá para fora, e Reid sumiu. Tem mais uma pessoa armada na casa, está tentando atirar em nós.

— Sim, é Ramon. Ele é o segurança do Theo! Também está aqui.

— E cadê o Périgord?

— Ele sumiu, mas atirei nele.

Retraio o corpo e me abaixo instintivamente quando novos tiros ecoam. Encolho o corpo e me escoro na parede, ao lado de Devan.

— Temos que sair daqui, me siga! — ele dá a ordem.

Devan se movimenta pelo corredor, o corpo rente à parede e os passos cuidadosos. Damos a volta pelos cômodos e seguimos em direção à cozinha, de onde o tumulto de vozes se expande.

As portas para o deck do jardim estão encaradas. No instante que avisto duas sombras do lado de fora e reconheço a voz de Finch, corro naquela direção. Devan me acompanha e saímos da casa, nos deparando com um conflito violento entre três pessoas no gramado. Erick e Finch de um lado, e Ramon de outro, todos em um embate corpo a corpo pela posse de um revólver, enquanto o segurança libera disparos. Tudo ocorre tão rápido que é difícil entender o que exatamente está acontecendo.

Devan aponta a arma para os três, aguardando o momento certo para atirar. No entanto, parece impossível mirar em um único alvo enquanto Finch, Erick e Ramon estão se engalfinhando. Quero gritar de desespero, incapaz de acompanhar o combate furioso. Dois disparos explodem em meio à briga, e, quase ao mesmo tempo, Finch e Erick caem juntos no gramado, com sangue espirrando pelos ares e rugidos de dor. Na mesma hora, Devan libera quatro disparos certeiros, e Ramon é o próximo a cair.

— Finch! — grito histericamente, aterrorizada com a imagem do seu corpo jogado no gramado ao lado de Erick.

Salto do deck e corro aos tropeços, gritando em desespero. Meu coração pressiona o peito com tanta violência que sinto que meus ossos podem se partir. Um soluço de choro trava minha traqueia, e fico à beira de uma síncope ao ver o sangue manchando a camisa de Finch.

Eu me ajoelho ao lado dele e toco seu rosto, sentindo a pele pálida e fria. Seus olhos, desnorteados, encontram os meus. Trêmula de aflição, tateio a camisa dele na região manchada de sangue, mas não encontro ferimentos. Finch se ergue num rompante, a respiração frenética escapando pela boca.

Continuo procurando por ferimentos em seu corpo e não vejo nada. Entretanto, ao olhar na direção em que Erick está caído, descubro de onde vem o fluxo vermelho que empoça o gramado. Há um buraco atravessando sua camisa na altura do peito e outro na boca do seu estômago, de onde o

sangue escorre continuamente. Finch rasteja exasperado até o amigo e segura o rosto dele.

— Butler! Caralho, está me ouvindo? Não apague agora.

Erick não responde. Quando abre a boca para falar, uma tosse profunda arranha sua garganta, fazendo-o espirrar saliva e sangue. Sullivan aperta os buracos no tórax do amigo, tentando conter o sangramento, enquanto Erick se esforça para respirar e manter os olhos abertos.

Fico de pé e cubro a boca, horrorizada. Estou tremendo dos pés à cabeça, e as lágrimas lavam meu rosto. De esguelha, vejo Reid cruzar as portas do deck. Ele passa por Devan e corre em nossa direção.

— O que houve aqui? Puta merda!

— Ligue para a ambulância! — digo a ele, engasgada pelo choro.

Reid prontamente busca o celular e inicia a chamada. Caminha impacientemente de um lado para o outro no gramado enquanto espera.

Erick tenta se levantar, mas urra de dor e desiste. Segundo a segundo, seu sangue se espalha pelo gramado, misturado às poças de lama.

— Você vai ficar bem, cara — Finch diz a ele, a voz trêmula pelo choque. — Vamos estancar os ferimentos e logo a ambulância vai chegar, Erick. Eu prometo. Aguente um pouco, só um pouco.

Erick nega com a cabeça lentamente. Seus olhos marejados focam em Finch, e ele tosse mais sangue.

— Eu não acho que vai dar... eu... — Erick faz uma pausa e fecha os olhos, bramindo de dor. — Eu tô apagando. Eu... merda... eu...

Finch se recusa, impondo ainda mais força nos ferimentos do amigo. A face assolada pelo desespero.

— Não fale, não fale nada! — Finch exclama. — Poupe as energias até a ambulância chegar.

— Me desculpe... por... — Mais tosse e sangue escapam pelos lábios dele. É apavorante. A mão de Erick busca pela de Finch, e ele continua: — Me desculpe todo o trabalhão que de dei, porra... sei que não fui fácil.

— Pare de dizer essas merdas, caralho! Você vai ficar bem! — Finch berra, a voz embargada pelo choro.

Erick sorri triste. Lágrimas deslizam por sua face, e ele se engasga.

— V-você... sabe que não vou, cara.

— Erick...

Os olhos de Butler se fecham, e eu sufoco o choro, me recusando a aceitar. Mais sangue flui por sua boca, e Finch desmorona.

— Erick! Não, aguente um pouco mais. Você consegue, porra... fique comigo! Me escute, Erick. Você vai conseguir! — Seus gritos vêm mesclados ao choro.

Desvio o olhar, arrasada demais para continuar assistindo à cena. Viro-me de costas, sem forças para ver o sangue se espalhando e a vida se esvaindo do corpo de Erick. Cubro a boca para abafar os grunhidos de choro enquanto escuto Finch gritar incessantemente pelo amigo.

A dor vibrando em seu timbre é tangível.

Fecho os olhos, abalada demais. E, quando os abro, avisto uma silhueta se movendo pelo terreno da mansão, bons metros à frente.

É Theo Périgord.

O desgraçado está escapando.

Meu instinto me mune com uma carga de adrenalina. Sem titubear, e pensando apenas na dor que aquele miserável nos causou, eu corro na direção dele, cheia de ódio.

Os outros continuam tão concentrados em Erick que não me veem avançar pelo gramado e contornar a mansão, perseguindo a figura acovardada que foge pelas sombras.

Ganho velocidade e nos deixo cada vez mais próximos. Theo se arrasta aos tropeços, rumo à fachada do terreno, totalmente fraco e à beira de cair.

— Pare! — eu exijo, determinada a alcançá-lo. — Não adianta fugir! Eu vazei as provas! Todos já sabem!

Entretanto, ele não desiste.

— Eu vou te matar! Pelo que fez com Finch, comigo! Juro que vou! — vocifero, lágrimas de fúria queimando minha face.

Cesso os passos no momento que um misto de luzes coloridas desponta pela rua. O azul e o vermelho projetando clarões inconfundíveis. Em questão de segundos, duas viaturas param em frente aos portões da mansão. Theo congela no lugar, sem saber para que lado seguir. Sem escapatória, ele aponta o revólver na direção dos carros.

Quatro oficiais saltam das viaturas e lançam as luzes das lanternas sobre nós. Ergo os braços em rendição e grito a plenos pulmões:

— Ele nos prendeu aqui! Theo Périgord tentou nos matar! É uma assassino!

Theo não se move, recusando-se a ceder. Ele mantém o revólver apontado contra as viaturas, fora de si. Um dos oficiais armados adentra no terreno.

— Largue a arma e coloque as mãos na cabeça! — ele brada a ordem, dirigindo-se ao Theo. — Senhor, largue essa arma agora e ponha as mãos na cabeça!

No entanto, ao invés de seguir as ordens e aceitar a rendição, Theo Périgord muda seu alvo e mira a arma diretamente em mim. Vejo tudo correr em câmera lenta e minha mente se dispersa quando ouço seu disparo. Por reflexo, ergo minha pistola e atiro de volta contra ele, apertando o gatilho três vezes seguidas. Ao mesmo tempo, os policiais abrem fogo sobre Theo, fazendo-o ser amplamente alvejado.

Não sinto meu corpo. Meus tímpanos vibram. Não consigo me mover. Paralisada, assisto ao corpo de Theo Périgord despencar sobre o gramado. Os policiais invadem o terreno, alguns correndo em direção ao corpo de Theo, outros se adiantando até mim.

Caio de joelhos sobre uma poça de lama, atônita. Os olhos arregalados e os batimentos cardíacos arrebentando meu tórax. Solto a arma e toco meu torso, procurando por lesões. Só então descubro que não fui baleada.

Não há sangue ou dor. Continuo intacta. Pairo o olhar sobre o corpo de Périgord estirado no gramado.

Theo errou.

No entanto, eu o acertei.

*Três vezes*, eu o acertei em cheio.

# 38



## Finch Sullivan



Ainda parece mentira me lembrar das palavras que ouvi no hospital, horas atrás.

Naquele momento, todas as frases pareciam desconexas. Inconclusivas. Erradas. Eu me recusei a assimilar o que os médicos e as enfermeiras me diziam porque não poderia ser verdade.

*"Ele perdeu muito sangue. A perfuração atingiu a aorta. Hemorragia interna. Fizemos o possível."*

Eu havia acabado de escapar da mansão, estava detonado física e psicologicamente. Portanto, eu me obriguei a acreditar que aquilo não passava de um delírio, efeito de um choque pós-traumático ou qualquer merda semelhante. Policiais preenchiam os corredores da emergência enquanto Kaylee me abraçava como se pudesse me proteger da verdade.

Era madrugada. O caos havia se instalado. A enxurrada de perguntas dos policiais transformou minha cabeça em um emaranhado confuso. Por isso, quando a notícia chegou dos médicos naquela sala de espera, eu preferi pensar que não era real. Quis acreditar que havia enlouquecido e que nada naquelas palavras possuía veracidade. Nem mesmo quando Kaylee me envolveu em seus braços e chorou copiosamente, me dizendo que sentia muito, eu consegui acreditar.

Erick Butler, o meu amigo, não poderia ter partido. Ele não poderia jamais ter perdido a vida após levar um tiro no peito e outro no estômago para me salvar. Estava fora de cogitação.

Justamente por me recusar a engolir a realidade, a pancada está me atingindo com o dobro da intensidade agora, enquanto encaro a porta do apartamento de Erick e revivo os acontecimentos da última noite correndo em flashes diante dos meus olhos.

Erick morreu, e essa é uma das verdades mais dolorosas que já precisei encarar na vida.

Ele... se foi.

Há cerca de uma hora, Kaylee e eu fomos liberados do departamento de polícia. Aconteceu logo após deixarmos o hospital. Como nós dois fomos os únicos sobreviventes encontrados na mansão — após Theo e Ramon irem a óbito diante de nossos olhos e Erick não resistir a caminho da emergência —, Kaylee passou horas em uma sala de interrogatório respondendo perguntas.

Os tiras também me interrogaram. Contudo, como não se tratava de um depoimento oficial, me mantive mudo. Os policiais assumiram meu voto de silêncio como efeito do estado de choque, devido à recente notícia do falecimento de Erick.

Devan e Reid não estavam conosco, porque, assim que notei a movimentação das viaturas na entrada da mansão, mandei que saltassem o muro da propriedade e fossem embora o quanto antes. Deste modo, restamos apenas Kaylee, Erick, eu, e os corpos de Ramon e Theo.

Agora, após uma noite catastrófica, estamos voltando para casa acompanhados pelo nascer do sol. No trajeto até Château, Kaylee me contou que enviou os e-mails à imprensa minutos antes de me resgatar na mansão. Portanto, creio que seja questão de tempo até que os jornais matinais comecem a noticiar o escândalo, estampando manchetes sobre Theo Périgord ter feito reféns em sua própria casa e estar diretamente envolvido no assassinato de Alisha Leblanc.

Honestamente, não estou ansioso para acompanhar nenhuma dessas merdas, menos ainda para ganhar os holofotes da mídia. Foi uma noite infernal, e eu só quero me desligar.

Quero esquecer.

Quero continuar plantado na porta do apartamento de Erick Butler enquanto finjo que ele está do outro lado. Imaginando que, se eu bater nela, meu amigo a abrirá para mim.

Vivo.

Libero o fôlego e abaixo a cabeça, destruído. Toco a porta do apartamento de Erick, sem forças, com um soluço preso à garganta e os olhos ardendo. Sinto a mão de Kaylee repousar no meu ombro.

— Finch, vamos — ela cicia, chorosa.

Logo que saímos da delegacia, disse que ela poderia ir para sua casa, visto que está igualmente esgotada depois do que presenciou e das várias horas trancafiada em uma sala de interrogatório. No entanto, ela insistiu em ficar comigo.

O dia mal acabou de nascer, nem os amigos ou a família de Kaylee fazem ideia do que aconteceu durante a madrugada. Quando as notícias começarem a sair, sei que ficarão desesperados e virão atrás dela.

Subo as escadas ao lado dela, e entramos no meu apartamento. Eu me livro dos sapatos e removo a camisa manchada de sangue, descartando-a no chão. Kaylee estaca no meio da sala, os olhos tristes fixo em mim. E eu não digo nada, simplesmente não consigo.

Perambulo pelos cômodos como um fantasma, robótico e disperso, e me tranco no banheiro. Castigado pela pressão que refreia meus batimentos, pela falta de ar e pelo peso lancinante que esmaga minha mente, vou para debaixo do chuveiro. Esfrego a pele com força o bastante para quase esfolá-la, livrando-me dos restos de sangue entranhados em mim.

O sangue do meu amigo.

Por Deus... parece que nem consigo respirar, asfixiado pelo misto de revolta e desolação me consumindo de dentro para fora.

Quando saio do banheiro, com uma calça de algodão e o cabelo úmido, encontro Kaylee zanzando de um lado para o outro na sala, enquanto a TV ligada transmite o noticiário das seis. Presumo que esteja esperando pelas matérias acerca de Alisha LeBlanc e a tragédia na mansão Périgord.

Eu me vejo aéreo, uma lacuna ocupando minha mente. Incapaz de elaborar mais do que isso, digo a Kaylee que o banheiro está livre, e ela é a próxima a se trancar lá dentro.

Separo uma de minhas camisas para que ela tenha o que vestir, deixando a peça de roupa na cama. Em seguida, atravesso o apartamento

em direção à cozinha. A TV da sala continua ligada, mas ignoro o barulho e me deixo ser absorvido pelo pandemônio instalado em minha cabeça.

Levo minutos assim, as mãos espalmadas na bancada, o olhar perdido no vazio e meus pensamentos me guiando até Erick. O nó na garganta se aperta mais e mais a cada minuto, uma bola de arame farpado perfurando a laringe, enquanto minhas mãos tremem sobre o mármore.

Não é a primeira vez que perco alguém para a morte. Mas é a primeira vez que dói tanto. A primeira que sinto que algo foi arrancado da maneira mais desleal, com a angústia me rasgando por inteiro e trazendo um vazio amargo. Desejando que isso não passe de um pesadelo e me amaldiçoando incansavelmente por não conseguir acordar.

Cerro os punhos, sem saber se quero me encolher num canto para desabar, ou colocar esse lugar abaixo para extravasar minha angústia.

Só escapo do transe ao ouvir os passos de Kaylee. Ela retorna à sala com os cabelos úmidos, vestindo uma camisa minha. Seu semblante abatido se enche de pesar ao perceber meu estado. Ela é rápida em cortar o espaço entre nós e me abraçar bem forte.

— Eu tive tanto medo de te perder — Kay sussurra, chorosa.

Apoio a cabeça na dela, me segurando para não ruir. Engulo um bolo preso na garganta e respiro fundo.

— E eu de perder você — sussurro de volta, o timbre vacilante.

Beijo o topo da cabeça dela e afago seus cabelos. Kaylee segura meu rosto. Os olhos dela, repletos de lágrimas, se fixam aos meus.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu, Finch. Tanto... eu... ainda nem consigo acreditar. — Um soluço embarga a voz dela. — Erick não merecia...

— Foi minha culpa — eu a corto.

Ela une as sobrancelhas e faz que não com a cabeça.

— É claro que não. Nunca mais diga isso. Não pode se culpar.

— Erick, você, Reid... todos estavam lá por mim. Foram me ajudar. Puta merda, meu amigo poderia estar vivo se não tivessem ido até lá por mim, Kaylee. Eu fui descuidado, pensei que não havia mais ninguém na mansão e... — Afasto-me dela e passo a mão pelo rosto, desorientado. A saliva desce espessa quando engulo. — Eu causei isso.

Kaylee segura minhas mãos e puxa de volta.

— Não é justo que se culpe dessa forma. Por favor. Além do mais, o plano foi meu. Eu ficaria distraindo Theo enquanto os outros te procuravam. Se alguém teve culpa, fui eu.

— Não, amor, não... — Fecho os olhos, angustiado. Aperto suas mãos entre as minhas. — Se eu tivesse entrado na casa, atirado em Theo e fugido... mas eu não consegui. Estava com tanto ódio, precisava de mais. Eu quis torturar aquele filho da puta e não pensei em mais nada. Erick não merecia pagar pelo meu descuido.

Kaylee toca o meu peito, arrasada. Os lábios trêmulos é um grave indício de que está prestes a cair aos prantos.

— Se é assim, eu também tive culpa. Me deixe carregar esse peso com você, porque ele também me pertence.

Fecho os olhos com força e comprimo os lábios quando a vontade de chorar me sufoca. Acho que nunca chegaremos a um consenso sobre isso. O mais provável é que, daqui por diante, carregaremos a culpa juntos para poupar um ao outro.

Puxo Kaylee para mim e a embrulho em meus braços. Sempre preferi esconder minhas vulnerabilidades, mas agora quero que meu orgulho se foda. Não dou a mínima para o quão quebrado pareço ao afundar o rosto nos cabelos de Kaylee e permitir que as lágrimas transbordem freneticamente. Sinto os ombros dela trêmulos e ouço a respiração entrecortada, porque Clark também está chorando.

Será que algum dia esse peso vai abandonar meu peito? Será que algum momento vou conseguir me lembrar de Erick sem me sentir miserável por pensar que ele perdeu a vida arriscando tudo por mim?

Caralho, vou conseguir pensar nele sem desejar ter ido em seu lugar?

Eu não sei, porra... não sei. E dói tanto não saber.

Kaylee deita o rosto no meu ombro. Seus dedos acarinham minha nuca, e as lágrimas dela molham minha camisa.

— Você precisa descansar, passou a noite em claro — Kaylee fala, baixinho. — Ainda temos algumas horas antes que as coisas explodam.

— Você também precisa descansar — replico, rouco. Envolvo o rosto dela e seco suas lágrimas. — Pode ficar aqui comigo?

Ela assente e funga, controlando o choro. Ver seu rosto avermelhado e os olhos umedecidos me deixa ainda mais acabado.

— Claro que fico.

A TV da sala continua ligada quando seguimos para o quarto. Fecho as cortinas a fim de barrar a luz do sol ao passo que Kaylee desfaz a cama e arruma os travesseiros. Eu me deito ao lado dela, guardando-a em meus braços com urgência, desesperado para cessar a angústia que toma conta do meu peito.

Mexo em seu cabelo e sinto seu cheiro como um exercício para me acalmar. Agarro-me a ela de maneira precisa, cada pedaço meu necessitando disso para não se despedaçar.

Inspiro e expiro fundo, me inebriando com o aroma de Kaylee como se estivesse em abstinência. Juro que pensei que jamais teria uma nova oportunidade de fazer isso.

Ao mesmo tempo que sou sobrecarregado pela perda de um amigo, fico tremendamente aliviado por ter Kaylee comigo nesse momento. Beijo sua testa e afago seu rosto, em contato direto com aquelas esferas castanhas.

Suas feições denotam zelo e dor.

— Imagino o quanto deva estar esgotado, mas precisamos conversar. Não sei quanto tempo teremos até sermos chamados para um depoimento — ela começa.

— É... eu sei.

— Eles não podem saber que torturou Theo.

— Vou dizer que foi uma briga. Não se preocupe.

— Não vamos colocar Reid ou Devan nisso. Até onde as autoridades sabem, apenas nós dois, Erick, Theo e Ramon estavam na mansão. É melhor que continuem acreditando nisso.

— Vamos dar a mesma versão a eles — eu lhe asseguro.

Kaylee move a cabeça em concordância. Sua mão envolve a minha, e ela beija o dorso dos meus dedos. Seu corpo se aninha no meu com uma exigência tangível, o rosto repousado em meu peito e a mão atada à minha.

— Quem chamou a polícia, Kay?

— Um dos oficiais me disse que o chamado veio da vizinhança, depois de ouvirem muitos disparos vindo do terreno.

Faz sentido. Libero o ar preso, reflexivo.

— Quando acordarmos, as coisas estarão caóticas, com a imprensa e a polícia em cima de nós, tentando saber o que aconteceu — ela prevê, preocupada.

— Vamos dar nosso jeito. Theo e Ramon morreram, teremos nossa palavra somada às evidências que encontrou. Não lutamos até aqui para perder agora.

— Você está certo. Chegamos até aqui, vamos terminar o que começamos.

Meus dedos se embrenham pelos cachos úmidos, e Kay suspira devagar. Alivio a tensão nos meus ombros e me obrigo a fechar os olhos, necessitando de apenas um minuto de paz em meus pensamentos.

E não adianta. Pelos minutos seguintes, com meu corpo atrelado ao de Kaylee e seu calor me aquecendo, minha mente ainda é um turbilhão.

E eu só quero chorar.

# 39



## Finch Sullivan



Seis dias após o escândalo envolvendo Theo estampar os noticiários do estado, Kaylee e eu temos feito de tudo para fugir dos repórteres que, noite e dia, nos cercam.

Nós dois tivemos que prestar diversos depoimentos à polícia, seguindo à risca a versão que combinamos. As evidências que vieram à tona apenas reforçaram nossa narrativa, tornando inquestionável os crimes cometidos por Périgord. Kaylee acredita que muito em breve as investigações serão encerradas e voltaremos a ter uma vida normal, se é que podemos chamá-la assim.

Ontem à tarde, os detetives responsáveis pelo caso deram uma coletiva de imprensa, na qual revelaram os resultados das amostras de DNA encontradas na ossada da mansão. Era Alisha. Se ainda existia alguma dúvida ou esperança por parte dos amigos e familiares, agora está mais do que comprovado que Theo Périgord de fato a matou à sangue-frio, esquartejou e ocultou seu cadáver. Além disso, após terem acesso aos celulares e contas bancárias de Theo e Ramon, foram descobertas mensagens incriminatórias e uma transferência no valor de cinquenta mil dólares feita por Périgord, em troca do silêncio e lealdade de seu funcionário.

A família Leblanc concedeu uma entrevista ao jornal. Kaylee não teve coragem de assistir, então acabei vendo por ela. De acordo com os pais de Alisha, depois de meses de buscas inconclusivas e esperanças frustradas, ela finalmente terá um funeral. É pesado pra caralho pensar que tudo o que terão dela para enterrar serão os pedaços que Theo guardou em uma caixa por meses.

Acho que esse inferno chegou ao fim, de uma vez por todas. No entanto, o *meu purgatório* parece ainda longe de acabar, porque tem sido tortuoso lidar com a morte de Erick.

Com algum esforço, consegui entrar em contato com a família de Erick no Maine. Eles decidiram que o funeral deveria ser feito em sua cidade natal. Por isso, o velório do meu amigo está acontecendo hoje em um lugar chamado Avenue Hill. Quis pegar um avião e ir até lá, contudo ainda não me sinto pronto para colocar meus pés no Maine. Principalmente, porque sei que não seria seguro.

Com um peso corroendo meu peito, fiquei em Faigan. No entanto, mesmo de longe, não quis que o dia de hoje passasse em branco. Pode não fazer sentido, mas logo pela manhã peguei o carro e dirigi ao cemitério da cidade. Me sentei no gramado, de frente para túmulos de pessoas que jamais conheci, e permaneci, pensativo e calado.

Assim que soube onde eu estava, Kaylee decidiu vir também. Faz vinte minutos que estamos deitados lado a lado no gramado do cemitério encarando o céu nublado sobre nós.

— Como está se sentindo? — Kaylee me pergunta.

Viro o rosto para olhá-la. Seus cachos estão espalhados pela grama e seus olhos me perscrutam. Dobro os braços atrás da cabeça e volto a focar nas nuvens, absorto.

— Melhor e... estranho — arrisco dizer. — É uma sensação esquisita. Acabou, sabemos disso. Mas, ao mesmo tempo sinto que não. Algo ainda parece errado e sei que é por causa do Erick. No início, eu demorei para aceitar, mas agora que já encarei a verdade, tem essa coisa. Essa... sensação que não sai de dentro de mim, está sempre aqui, me torturando. Ela me faz sentir tanta raiva, porque... por Deus! Isso é tão...

— Injusto — ela completa por mim, compreensiva. Volto a fitá-la. — É injusto que ele tenha partido daquela forma, por isso a sensação de que, embora tenha acabado, não foi o fim.

Faço que sim com a cabeça. Kaylee resumiu bem o que eu estava tentando dizer.

Fixo o olhar no céu carregado de nuvens cinzas. Nunca fui o tipo de pessoa que acredita em novos planos ou bobagens do tipo. Na verdade, nunca gostei de pensar no que poderia existir além do que conhecemos. Mas, se é que existe mesmo algo além disso, onde quer que seja, só consigo torcer para que Erick Butler esteja bem agora.

Sou tão grato a ele. Grato por ele ter me estendido a mão quando precisei. Grato por nunca termos dado as costas um ao outro, mesmo com o mundo desmoronando nas nossas cabeças.

*Caralho, Erick... você merecia muito mais do que isso.*

Meu Deus!

Solto o ar pela boca, emotivo, e me sento no gramado. Puxo o celular do bolso e percebo que já é mais de meio-dia. Passei horas aqui, encarando os túmulos e pensando no meu amigo. É impressionante que nem vi o tempo passar.

Acho que eu precisava disso.

Seco a única lágrima que desce pela minha bochecha, inspirando e expirando profundamente. Olho para Kaylee. Ela continua deitada no gramado, concentrada no céu. Toco o rosto dela e ganho seu olhar.

— Não está com fome? — indago.

Ela se senta e arruma os cachos bagunçados. Esfrega as pálpebras para dispersar as lágrimas e estala um beijo em minha bochecha.

— Na verdade, sim. Podíamos almoçar no centro da cidade, no caminho para casa.

— Almoçar em lugares públicos onde as pessoas vão ficar nos olhando e repórteres podem aparecer?

— Tem razão. Péssima ideia. — Fico de pé, oferecendo minha mão para ajudá-la a se levantar. Ela se põe de pé e bate as mãos na calça para se livrar da grama. — Já faz uma semana e às vezes esqueço que meu nome ainda está saindo nas páginas dos jornais.

— Bom, a parte boa é que, quando se formar, vai sair na frente em relação aos seus colegas de curso. Aposto que foi a primeira deles a desvendar uma investigação que foi parar na TV, Lois Lane.

Ela sorri fraco e faz que sim com a cabeça, com o semblante mais leve.

— Por incrível que pareça, eu só quero que toda essa repercussão acabe. Trabalhar nisso foi doloroso e pessoal demais para mim.

— Entendo o que quer dizer. Vamos torcer para que outro escândalo horrível aconteça na cidade e roube os holofotes.

Ela ergue as sobrancelhas e me acerta de leve com uma cotovelada.

— Ei! Isso é coisa que se diga, Finch?!

Rio fraco, culpado. Enlaço a cintura dela nos braços e a trago para mim, beijando seu rosto. Tiro um pedacinho de grama preso em seus cachos e descarto.

— E se eu disser que quero te levar para bem longe daqui pelos próximos dias, para termos um descanso de tudo isso?

Um pequeno sorriso cruza seus lábios. Os olhos acobreados se munem de curiosidade.

— Como assim?

— Você vai estar de recesso da faculdade até janeiro. Poderíamos passar o final do ano em qualquer outro lugar, só nós dois. Longe de toda a bagunça. O que me diz? Acho que precisamos disso.

— Tem razão. Gostei da ideia. Vamos conversar mais sobre essa possibilidade no almoço.

Kay me dá um selinho e captura minha mão. Pegamos o caminho rumo à saída do cemitério. Estamos quase cruzando os portões quando um veículo brota das ruas próximas. O SUV diminui a velocidade e estaciona em frente à calçada.

Devan Lancaster sai do carro e retira os óculos escuros. Ele nos cumprimenta com um aceno de cabeça ao se aproximar.

— Foi mal aparecer desse jeito. Sei que devem estar aqui por causa do... bem... — Ele limpa a garganta e não conclui a frase, receoso em tocar no assunto delicado. — Reid comentou que estaria aqui, então, como vou passar os próximos dias afastado de Faigan, vim entregar uma coisa que estou te devendo.

Ele vai até o carro e retorna carregando uma bolsa de viagem.

— Então, deu certo? Os documentos te ajudaram a conseguir o que queria na Carolina do Norte? — pergunto.

Devan ri pelo nariz.

— Encontrei bem mais do que esperava, garoto. — Ergue a bolsa e a lança na minha direção. — E essa é a sua parte!

Apanho a bagagem e me surpreendo com o peso dela. Alterno o olhar entre o ruivo e a bolsa, um tanto cético. Abro o zíper, e meus olhos dobram de tamanho ao se depararem com vários chumaços de notas de cem dólares. Muitos. Tantos que nem consigo contar.

— Devan?! Caralho, quanto tem aqui? — solto, espantado.

Ele dá de ombros, tranquilo.

— Um pouco mais do que combinamos. Você mereceu o bônus.

*Um pouco* é eufemismo. Aqui tem mais dinheiro do que já vi na minha vida inteira. Puta merda!

Pisco, atônito, sem nem saber como prosseguir. Igualmente a mim, Kaylee fica boquiaberta, olhando de mim para Devan.

— Eu não aconselho que conte o dinheiro aqui — ele brinca. — Guarde isso num lugar seguro e use com responsabilidade, tá legal?

Fecho a bolsa e anuo com a cabeça, pasmo.

— Obrigado, Devan. Isso aqui vai me ajudar pra cacete. Não faz ideia. E por quanto tempo vai ficar fora de Faigan?

— Estou vendo isso ainda. Preciso cuidar de algumas coisas antes de sair definitivamente. Mas não me verá aqui pelas próximas semanas. E você, Sullivan, o que vai fazer? Ainda pretende sair da cidade?

A pergunta me desperta tantos pensamentos. Mas também uma única certeza. Olho de esguelha para Kaylee, seguro da minha decisão, e garanto ao Devan:

— Decidi ficar em Faigan. Só que dessa vez, longe dos lances de Royaume e daquelas merdas. Preciso sossegar, pelo menos um pouco, principalmente depois do que aconteceu com Erick.

Ele move a cabeça em concordância.

— Sei como é, Finch. Já perdi amigos nessa vida, e a sensação que fica é amarga.

Abaixo o olhar, sensibilizado com a lembrança daquela noite. Um bolo trava minha respiração.

— E é ainda pior porque a culpa foi minha — admito.

Imediatamente, Kaylee aperta minha mão entre as dela, querendo me confortar. Devan se aproxima e toca meu ombro.

— Por Deus! O que está dizendo? Não foi culpa sua ou de nenhum dos dois. Só existe um culpado, que foi a pessoa que puxou aquele gatilho. Ninguém além dele deve carregar esse peso. Se quer um conselho de alguém que já viveu uns anos a mais que você e já perdeu muitas pessoas, tentar arrumar culpados não vai amenizar o que aconteceu. Esse peso não te pertence. Coloque isso na cabeça.

— Mesmo que isso seja verdade, ainda não consigo parar de me odiar. Erick não precisava ter feito aquilo. Não era responsabilidade dele, e eu... porra, sou só um fodido que nem sabe que droga quer da vida. Não é justo que ele tenha se sacrificado por mim.

— Erick fez o que fez porque se importava. Porque ele acreditava que *você* valia a pena. Se ele acreditava nisso a ponto de se arriscar, não deixe que o esforço dele seja em vão e comece a acreditar também, garoto.

Comprimo a mandíbula para segurar o nó na garganta. As palavras de Devan reverberam nos meus pensamentos de uma maneira que, até então, eu não havia enxergado, levando-me a uma reflexão profunda e ainda mais complexa do que as que rondaram minha cabeça nos últimos dias.

Erick acreditava que eu valia a pena. Nem *eu* acredito nisso, mas *ele* acreditou.

Talvez eu deva começar a fazer valer.

Por ele.

Devan dá um tapinha em meu ombro e se afasta.

— Agora, eu tenho que ir. Fiquem bem, os dois, longe de problemas se possível. Será que conseguem? — pergunta, apontando para mim e Kaylee.

Clark e eu trocamos um olhar cúmplice. Entrelaço nossos dedos com mais força e acaricio o dorso na mão dela.

— Vamos nos esforçar — brinco.

Devan nos lança um aceno de cabeça e entra no SUV. Não demora até que o veículo se mova, e Kaylee e eu voltemos a ser os únicos no cemitério.

Estaciono o carro em frente ao prédio da sra. Liu, com Kay sentada no carona. Minha mão direita repousa em sua coxa, e seus dedos tracejam a tatuagem na bússola no dorso dela.

No caminho para cá, conversamos mais sobre a ideia de passarmos o final de ano fora da cidade. Kay comentou que conhece uma pousada em Fort Collins, um lugar afastado e sossegado que seria perfeito para nós.

Saio do carro, levando a mala de dinheiro. Kay vem logo depois, mas para na calçada para atender o celular. Ela se afasta por uns minutos, zanzando de um lado para o outro com o aparelho grudado no ouvido. Na sequência, encerra a chamada e vem até mim.

— É da delegacia. Preciso ir lá, o detetive quer me fazer mais perguntas sobre o caso do Theo.

Franzo o cenho.

— De novo? Acha que isso é um mau sinal?

— Eu não sei, mas espero que não.

Solto uma lufada de ar, preocupado.

— Quando precisa ir?

— Acho que vou agora. Assim resolvo isso de uma vez e fico livre pelo resto do dia.

— Tá, legal. Eu te deixo lá se quiser. Só preciso subir e guardar essa mala.

— Tudo bem, vai lá. Fico aqui esperando.

Kaylee cruza os braços e se recosta no Mustang, enquanto eu subo os degraus correndo e adentro no prédio. Vou para o próximo andar e sigo para o apartamento.

Não posso deixar uma mala lotada de dinheiro dando sopa em qualquer lugar. Portanto, decido escondê-la debaixo do forro de madeira do guarda-roupa. Feito isso, saio do prédio e retorno à calçada, onde Kaylee me espera.

— Tem certeza que é boa ideia deixar aquele monte de dinheiro lá dentro? — ela me questiona, temerosa.

— Relaxa. Eu escondi no guarda-roupa, debaixo do forro. É o lugar mais seguro que consigo arrumar agora. Mas depois vou descolar outro lugar para guardar a grana.

Ela move a cabeça em concordância.

Kaylee entra no carro depois de mim, e eu ligo o motor, pronto para levá-la ao departamento de polícia, torcendo para que esse novo depoimento não seja um problema para nós.



Por causa do trânsito ruim, levei o dobro do tempo no percurso da delegacia até La Victoire.

Kaylee garantiu que eu não precisaria esperar por ela e que tinha planos de encontrar os amigos mais tarde. Então, voltei para casa. Assim que for liberada, ela vai me enviar uma mensagem me contando como foi. Até lá, terei que controlar a ansiedade e esperar.

Entro no prédio e sinto que um buraco foi aberto em meu estômago, visto que minha última refeição foi o café da manhã. Estou com tanta pressa que vou ignorar as aulas de culinária de Kaylee e apelar aos industrializados de micro-ondas para matar a fome.

Ao atravessar o corredor, evito olhar na direção da porta do antigo apartamento de Erick.

Talvez eu devesse deixar esse prédio e buscar por outro apartamento na vizinhança, porque não sei o quão saudável é continuar encarando essa porta todos dias e me lembrando do Butler.

Encho os pulmões de ar e avanço pelo lance de escadas. Paro em frente ao meu apartamento e enfio a chave na fechadura, contudo fico intrigado ao notar que ela já estava destrancada. A percepção me faz desconfiar da minha própria memória, porque tenho quase certeza de que tranquei essa porta antes de sair.

Merda, será que me viram chegar com a bolsa de dinheiro? Caralho, seria muito azar.

Puta merda!

Preciso conferir se a grana continua onde a escondi.

Um tanto desconfiado, adentro no apartamento e checo a sala e a cozinha, querendo garantir que é só uma paranoia minha. Por precaução, início uma vistoria pelos demais cômodos.

Adoraria ter minha Glock comigo agora. No entanto, a arma foi apreendida pela polícia na mansão e, até onde as autoridades sabem, ela pertencia ao Theo, considerando que estava na posse dele quando morreu.

Isso significa que estou parcialmente de mãos vazias. Tendo apenas meu canivete empunhado, entro no banheiro anexo ao quarto e vasculho o

box. Uma corrente de alívio desfaz a tensão nos meus músculos ao constatar que não há mais ninguém aqui dentro. Abaixo o canivete e respiro fundo, um pouco mais tranquilo.

Entretanto, de repente, um som abrupto me faz olhar para trás. Velozmente, uma penumbra surge pela porta, em seguida sou atingido por uma pancada forte na cabeça. A dor aguda esmaga meu crânio e se expande até a nuca. O choque do impacto faz minha vista escurecer e o corpo vacilar. Uma segunda pancada, ainda mais forte, me faz desabar no chão.

Com a visão turva e os sentidos comprometidos, vejo um vulto se mover ao meu redor e se abaixar do meu lado. Minha cabeça lateja como se estivesse se partindo ao meio, e fico tão grogue que nem sou capaz reagir ao reconhecer o rosto que ganha forma diante dos meus olhos.

De algum jeito, não estou surpreso ao me deparar com os traços frios de Andrew Sullivan.

— Achou que isso tinha acabado, Finch? — Ele puxa algo do bolso da calça, mas não consigo identificar o que é. Uma pontada na espessura de uma agulha perfura meu braço. — Precisei de uns dias pra me recuperar daquele tiro na perna. Mas veja só, irmão. Tô de volta! E nós dois só estamos começando.

Quero perguntar que porra está acontecendo e por que diabos ele ainda está aqui. Encaro aqueles orbes escuros e o sorriso atroz que decora o rosto de Andrew.

O lampejo metálico de uma chave de boca é a última coisa que vejo antes de receber um terceiro golpe na cabeça que me faz apagar.



Um solavanco sacode meu corpo, e, antes mesmo de abrir os olhos, sinto uma pressão maçante na cabeça. Tento esticar as pernas, e meus pés encontram uma barreira. Sinto os músculos anestesiados. É um desafio abrir as pálpebras diante da claridade cegante que banha meu rosto.

De olhos abertos, reconheço o interior do Mustang. Estou jogado nos bancos traseiros, com as mãos amarradas e uma moleza dominando cada centímetro meu.

Eu me obrigo despertar, fechando e abrindo as pálpebras. Encontro Andrew no banco da frente, dirigindo o Mustang em alta velocidade. A paisagem repleta de vegetação passa como um raio através das janelas.

Que merda aconteceu?

— Andrew, pare o carro — murmuro meio sonolento, voltando a mim.

Ele não responde.

Forço os pulsos contra a corda com o intuito de me livrar das amarras. Mordo a fibra de linho, visando rompê-la com os dentes, mas é resistente demais. Olho de um lado para o outro, a fim de descobrir onde vim parar. À minha esquerda, encontro árvores ladeando a pista. Do outro lado, um abismo abre vista para o horizonte de Faigan.

Estamos subindo a Serra Marion e avançando pelo vale gigantesco que demarca os limites da cidade.

Movo a cabeça e pestanejo devagar, como se permanecesse sob efeito de anestesia. Encaro Andrew pelo retrovisor.

— Que merda você injetou em mim com aquela seringa? Me drogou?

Ele ri pelo nariz e nega com a cabeça, os olhos firmes na direção.

— Relaxa. Era só um sedativo.

Tateio os bolsos em busca do canivete, mas não o encontro. Minha cabeça pesa uma tonelada em virtude dos golpes que recebi, e é difícil assimilar meus arredores.

Se o Mustang tivesse portas traseiras, poderia saltar do carro em movimento. No entanto, o único jeito de sair é me esgueirando para o assento dianteiro e escapando pela porta do carona.

Caralho...

— Andrew, pare a porra do carro agora! — resmungo mais alto. Chuto as costas do seu banco. — Pare o maldito carro!

Seus olhos me encontram pelo espelho. Andrew sorri. Como o perfeito retrato de alguém que perdeu completamente a cabeça e está preso em um delírio, ele sorri para mim.

É bizarro.

— Para onde está me levando? — exijo saber.

— Não tem graça se eu disser, não é?

Esmurro seu banco novamente e rosno de ódio. Continuo pelejando contra as amarras nos pulsos, em vão.

— Diga logo, desgraçado!

Andrew dispara uma gargalhada escandalosa, totalmente desequilibrado. Fica óbvio que ele está alucinado de drogas. Não sei o que usou, mas é forte o bastante para fazê-lo gargalhar como um completo insano.

— Finch, Finch... — ele cantarola, sorrindo. — Não faz ideia do trabalho que me deu te colocar aí atrás. É bem mais pesado do que parece, sabia?

— Pare com joguinhos porra! — Eu me ergo do assento e reclino as costas do banco do carona para chegar à porta. Andrew me acerta uma cotovelada no rosto, por pouco não quebrando meu nariz, e me lança para trás.

— Fique onde está, caralho! — Ele desvia a atenção da direção e me metralha com o olhar.

Sua desatenção ao volante faz o carro guinar para a esquerda. O impulso joga meu corpo de volta aos assentos traseiros. Uma buzina explode, e o motorista do automóvel ao lado dispara xingamentos sobre meu irmão.

— Você vai bater! Pare a porra do carro agora, filho da puta! — rujo a ordem.

— Se não quer que eu perca a direção, não tente fazer nenhuma merda outra vez!

Quero saltar sobre ele e esganá-lo. Porém, não conseguiria emboscá-lo nessas circunstâncias. Ele está no volante, e seu pé esmaga o acelerador. Se Andrew perder o controle, não terei tempo de assumir a direção e evitar uma possível batida.

Eu me vejo, literal e metaforicamente, de mãos atadas.

— O que pensa que vai fazer? Vai me levar até os outros Coiotes? Trouxe eles aqui como disse que faria?

Um riso amargo sai por seus lábios.

— Você acreditou mesmo.

Estreito os olhos, sem entender.

— Do que está falando?

— Eu inventei tudo. Não existem mais Coiotes atrás de você. Na verdade, eles nunca souberam quem foi o responsável pelo vazamento das

informações, Finch. Eu nunca contei, porque não queria que pensassem que estive te acobertando. De um jeito ou de outro, acabaria sobrando para mim. Então, durante todo esse tempo, guardei essa merda. Sou o único atrás de você.

Crispo a testa, confuso.

— Por que mentiu?

Dá de ombros, indiferente.

— Porque eu queria te assustar. Queria te castigar pelo que fez, e consegui. Porque sei que, durante esses dois anos, você nunca conseguiu deitar a cabeça no travesseiro e dormir em paz. Assim como eu, Finch.

— E o que pretende fazer agora?

Pelo retrovisor, estudo seus olhos vidrados e a respiração acelerada cruzando seus lábios ressecados. Parece elétrico, com tiques nervosos no pescoço e as mãos trêmulas no volante.

— Não sei ainda. Vamos para casa por um tempo, até eu decidir.

Nego com a cabeça, assustado com seu estado mental.

— Não existe mais casa, Andrew! Você tá drogado pra caralho, tá viajando, porra! Parece que enlouqueceu, não está fazendo sentido nenhum. Encoste o carro!

— Não vou parar! — vocifera e pisa ainda mais fundo no acelerador. Andrew vira o rosto para me encarar, e a distração nos faz entrar na contramão. Um carro buzina para nós. — Sabe o que você e eu somos, Finch? Somos merda. Somos a escória, então vamos voltar para o lixo de onde saímos!

— Andrew, vamos bater! — grito, exasperado, e salto em sua direção.

Eu me enfio no espaço entre os bancos e tento alcançar o volante. Ele desfere um soco na minha cara, e sou arremessado para trás. Meu corpo dá um tranco quando o carro vira bruscamente. Gritos e buzinas reverberam pela pista, e Andrew gargalha euforicamente, fora de si.

— Andrew, seu desgraçado! Vai nos matar!

Ele retorna à pista correta, segurando o volante com as duas mãos. Seu olhar me encontra pelo retrovisor. As veias em sua testa se dilatam de ódio.

— Da próxima vez que me der uma ordem, vou mesmo parar o carro, mas será para te arrebentar inteiro! — ele ameaça.

Entro em pânico ao avistar uma curva fechada alguns metros à frente. Meu primeiro reflexo é me ajustar no banco e engatar o cinto de segurança mais próximo de mim. Um milhão de cenários cruzam minha mente, em fração de segundos, conforme avançamos rumo ao limite da pista.

— Andrew, a curva! Diminua a velocidade!

— Já mandei não me dar ordens!

O Mustang decola sobre o asfalto, de encontro à virada da serra. Daquele mesmo ponto, um caminhão surge. Estamos rápido demais, e, num piscar de olhos, Andrew nos deixa por um triz de uma batida. Em cima da hora, ele desvia do caminhão e manobra o volante rapidamente, tentando fazer a curva, mas a velocidade nos joga na contramão.

Andrew grita:

— Talvez essa seja a melhor saída, entende? Porque você acabou com a minha vida uma vez, então acho que essa é a maneira mais justa de encerrarmos esse lance. Você e eu desaparecendo de uma só vez. Ao mesmo tempo.

— O que está dizendo, Drew? Você não está raciocinando. Vamos conversar, mas, antes, pare esse carro, por favor!

Ele ri e nega com a cabeça. Gira o rosto para me encarar, os olhos saltados pela euforia e o suor escorrendo pela testa.

— Eu nunca estive tão são, Finch.

— Freie o carro! Andrew! — grito, desesperado.

Contudo, não há mais tempo.

O Mustang arrebenta a barreira de contenção e dispara em linha reta, nos fazendo invadir a mata em direção ao limite da serra. Olho para frente, e não há mais pista.

Não há mais nada.

Eu me agarro ao banco dianteiro ao mesmo tempo que o impacto arremessa Andrew contra o painel. As rodas derrapam no desnível do solo e a carroceria dá um solavanco, embaralhando meu senso de direção.

E, então, em uma velocidade absurda, estamos caindo.

Despencando pelo precipício da serra.

Sempre pensei que minha vida terminaria de uma maneira trágica, e é aterrador perceber que acertei.

Ela termina agora.

Em queda livre para um abismo.

# 40

## Kaylee Clark

Pequenos cristais de gelo despencam do céu, flutuando graciosamente até tocarem o chão.

Os primeiros flocos de neve deste inverno chegaram minutos atrás, enquanto Nash, Ve e eu retornávamos do centro da cidade, após eu ter sido liberada da delegacia. Ao que parece, teremos uma típica semana de Natal, com as calçadas esbranquiçadas e bonecos de neve enfeitando as ruas.

E eu posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que será um alívio passar as festas de final de ano longe daqui. Será revigorante me refugiar em qualquer lugar fora de Faigan com Finch.

Conduzir a investigação que trouxe à tona a verdade sobre Alisha me tornou uma espécie de celebridade. É esquisito ter pessoas se referindo a mim como uma super-heroína. Ainda pior é ver os jornais mais sensacionalistas me taxando como a "bisbilhoteira e tendenciosa, que é capaz de tudo pela matéria". Não estava preparada e tampouco desejava essa atenção sobre mim. Agora, entretanto, preciso lidar com o bombardeio de e-mails, mensagens de curiosos em redes sociais e ligações de números desconhecidos, vinte e quatro horas por dia.

Justamente por isso, Nash e Veronica me convenceram de que preciso tirar um momento para espairecer e retomar à normalidade. A princípio, quando sugeriram que fôssemos ao cinema mais tarde, fui enfática ao negar.

Depois, seus argumentos me convenceram de que não posso continuar me escondendo da cidade para sempre. Então, acabei topando.

Após tomar banho e trocar de roupa, vestindo uma jaqueta jeans, calça comprida e botas de inverno, saio do flat e desço até a casa do papai. Devido à correria que minha vida se tornou recentemente, não temos passado tanto tempo juntos. Sinto falta disso.

Entro na casa do meu pai sem me anunciar e me dirijo à cozinha, onde o encontro. Liam Clark está na pia, dando um jeito na louça do almoço. Ao pressentir minha presença, ele olha para trás e sorri surpreso.

— Ei, filha! Achei que ainda estivesse na rua. — Deixa os pratos de lado e se volta para mim.

— Cheguei há pouco tempo. Que tal eu te ajudar aí? Você lava os pratos, e eu seco. Como nos velhos tempos — sugiro, divertida.

Meu pai aprova a ideia e abre espaço para que eu me junte a ele na pia. Beija minha têmpora e abre a torneira para voltar a lavar a louça. Enquanto isso, vou capturando os talheres molhados do escorredor e secando-os com o pano de prato.

Um sorriso saudoso ilumina meu rosto, e eu suspiro baixinho, nostálgica.

Sinto-me culpada por quase ter infartado meu pai de preocupação com o escândalo sobre Theo Périgord. Deixa-me ainda mais culpada o fato de ele ter descoberto tudo através dos noticiários, e não por mim. Papai ficou apavorado e por pouco não me trancafiou dentro de casa para me poupar do assédio da imprensa. Somente agora, seis dias depois do estopim que abalou a cidade, ele parece mais calmo.

— Como estão as coisas? — ele me sonda, olhando-me de soslaio.

Capturo um prato para secá-lo.

— Estão... indo. Acabei de voltar da delegacia.

Ele enruga o cenho com preocupação.

— E o que queriam dessa vez?

— Nada demais. O detetive me fez perguntas sobre Aimée. Eles querem descobrir se ela poderia saber sobre Alisha. Eu disse a verdade, que ela provavelmente não sabia de nada.

Papai fecha a torneira e libera o fôlego, pensativo. Guardo os talheres na gaveta e entrego o pano de prato a ele, para que possa secar as mãos.

— Ainda não acredito no perigo que esteve correndo durante esses meses. E eu sem saber de nada.

— Me desculpe por ter te preocupado tanto.

Ele ri nasalado e move a cabeça em concordância.

— Essa é a função de um pai, não é? Se preocupar. Nos preocupamos quando são pequenos, com medo de que caiam e se machuquem. Nos preocupamos quando crescem, com medo das escolhas, dos perigos, de perdê-los de vista. É sempre uma nova preocupação surgindo. Mas... filha, caramba! Você realmente se superou nessa.

Dou uma risadinha culpada e encolho os ombros.

— Bem, se eu me tornar uma jornalista investigativa no futuro, sempre estarei exposta a algum tipo de perigo. Mas prometo que jamais será como esse. Nunca mais.

— O coração do seu velho pai agradece, porque eu quase tive uma parada cardíaca. Minha pressão arterial subiu mais na última semana do que durante o ano inteiro.

— Sinto muito, pai. Nunca quis te assustar.

Ele se aproxima e segura meus braços, zeloso. Seus olhos passeiam por meus traços, e ele mexe no meu cabelo.

— Está tudo bem agora. Deus sabe o quanto eu não aprovo os riscos que correu. Mas você fez algo bom, porque tem um coração de ouro. — Ele segura meu rosto carinhosamente. — Sua mãe estaria muito orgulhosa em ver de perto a mulher que você se tornou.

Meus olhos são inundados por lágrimas. Sorrio e sinto uma gota salgada correr pelo meu rosto.

— Obrigada, pai. E tenho certeza que ela ficaria ainda mais orgulhosa sabendo que você sempre esteve ao me lado, me dando suporte. Se me tornei alguém digno de orgulho, é porque tive em quem me espelhar.

Papai se comove. E, como a manteiga derretida que ele é, seus olhos lacrimejam. Mexida, eu o abraço outra vez.

Ao toque de uma buzina que ressoa três vezes, vinda da rua, afasto-me do papai.

— Deve ser o Nash. Ele ficou de me pegar aqui para irmos ao cinema.

— Isso é bom, precisa mesmo se distrair, menina. Chega de pensar em problemas.

Meneio a cabeça, sorrindo com os olhos.

— Nada de problemas! — Beijo sua bochecha e recuo pela cozinha, apontando sobre o ombro. — Até mais tarde! Eu te amo.

— Te amo. E se cuide!

Eu me apresso em direção à saída. Assim que abro as portas do prédio, vejo o carro de Nash. Ve e ele acenam para mim através da janela aberta, me apressando.

Sigo na direção deles, entretanto a movimentação do outro lado da rua ganha minha atenção. Vejo a sra. Liu em frente às portas do prédio, pendurando uma placa com aviso "alugam-se dois apartamentos". Estranho a informação, visto que apenas o apartamento locado por Erick se encontra vazio.

A curiosidade me faz atravessar a rua ao encontro dela.

— Sra. Liu! — chamo. Ela alinha a placa na porta e se vira para me encarar. Subo os degraus para alcançá-la. — Já está divulgando o apartamento vago?

— Sim, querida. Na verdade, o prédio todo vai ficar desocupado.

Franzo o cenho, confusa.

— Não. Acho que a senhora se confundiu. Apenas o apartamento debaixo ficou livre. O homem do segundo andar, Finch, ainda mora aí.

Ela sorri e abana as mãos no ar, como se eu falasse uma grande bobagem.

— Não mais, querida. O rapaz do andar de cima também desocupou. Foi embora hoje, há algumas horas. Como não quero perder tempo, vim logo colocar a placa no prédio, mas ainda preciso conferir tudo lá dentro para ver se o imóvel está intacto. Você sabe, alguns inquilinos destroem coisas e saem sem dar satisfação. Espero que não seja o caso deste rapaz que saiu.

Fecho e abro os olhos, sem entender do que ela está falando.

— Sra. Liu, como assim? Finch não desocupou o apartamento. Estive com ele há pouco tempo, no máximo umas duas horas. Ele continua no prédio.

A senhorinha murcha os lábios e cruza os braços, estranhando a informação.

— Bom, mas foi o que aconteceu. Uma hora atrás um amigo dele bateu à minha porta para me devolver as chaves e pagar o último aluguel. Ele me disse que Finch sairia da cidade, depois entrou naquele Mustang e foi embora.

— Não... Deve haver um engano. Isso não... — Encaro a janela do apartamento de Finch. As cortinas estão fechadas. — Isso é um mal-entendido, tenho certeza. Finch não iria embora assim, ele... não...

*Ele não iria me deixar.*

Sinto o coração alavancar as batidas. Puxo o celular do bolso da calça e ligo para Finch. O aparelho nem chega a chamar, vai direto para a caixa postal. Respiro rápido demais, nervosa, e tento outra vez.

— Não, está errado. É um engano — digo a mim mesma, em recusa.

A sra. Liu me fita com preocupação, sem compreender a razão do meu alarde. Insisto em ligar para Sullivan, e as chamadas continuam caindo na caixa postal.

— Kaylee, eu sinto muito. Mas é a verdade. Finch foi embora — ela insiste, em um tom penoso.

Afasto o celular do ouvido, arrasada, me negando a acreditar. Passos estalam atrás de mim, e logo meus amigos surgem, curiosos.

— O que houve, Kay? Por que não foi pro carro? — Nash me indaga.

— Aconteceu alguma coisa? — Ve é a próxima.

Alterno o olhar entre eles e sra. Liu, presa em um estado de torpor. Um bolo se aloja em minha garganta, e eu cubro a boca com a mão, devastada. Mais uma vez, observo a janela do apartamento de Finch.

Não pode ser. Isso... não faz sentido.

Finch estava comigo horas atrás. Passamos a manhã no cemitério. Ele disse que queria passar o final de ano comigo. Garantiu ao Devan que havia desistido de ir embora de Faigan. Ele...

Puta merda...

Ele recebeu o dinheiro que precisava para fugir.

Minha mente dá voltas, e a respiração se refreia no peito. Arrasto os cabelos para trás, os dedos agarrando-se aos fios em um aperto urgente. Lágrimas embaçam minha visão.

Finch me prometeu. Olhou nos meus olhos e prometeu que ficaria por mim e... agora partiu, sem ao menos se despedir.

Meu coração se fragmenta em estilhaços pontiagudos. A pressão em meu peito vai muito além da dor física, parece capaz de me reduzir a nada. É um baque tão grande que não consigo assimilar.

Quase gaguejo ao insistir:

— A senhora disse que ainda não olhou o apartamento dele. Por favor, me deixe entrar lá. Eu... só preciso ver. Quero entender o que aconteceu. É muito importante para mim, sra. Liu, me empreste as chaves só por um instante.

Ela me lança um olhar solidário e sorri suavemente, compreensiva.

— Tudo bem, querida. Posso deixá-la subir.

Nash chega mais perto e toca meu ombro.

— Kay, o que aconteceu?

No instante que a sra. Liu puxa o molho de chaves do bolso e me oferece, eu o capturo imediatamente e adentro no prédio sem dar explicações. Nash e Veronica me seguem, gritando por mim e me pedindo para esperá-los.

Corro pela escadaria e alcanço a porta de Finch, invadindo o apartamento às pressas. Meu olhar faz uma ligeira análise pelos cômodos, captando o pacote de pão acima da bancada, copos na mesa e a louça suja na pia. Sem perder tempo, avanço para o quarto de Finch, dando de cara com a cama bagunçada e um par de tênis jogado no canto do cômodo.

Abro o guarda-roupa e noto que as roupas dele continuam aqui, contrariando a versão da sra. Liu.

Removo as peças do lugar e me abaixo para verificar o fundo do guarda-roupa, onde Finch confidenciou ter guardado o dinheiro. Faço uma leve pressão, e a tábua do revestimento se solta, revelando a mala escondida lá dentro.

Finch não iria embora deixando pertences e essa quantia de dinheiro para trás.

Os passos dos meus amigos estalam pelo apartamento. Ambos entram no quarto, seus semblantes perdidos são uma interrogação. Eu me levanto, o corpo agitado e a cabeça atribulada pela incerteza.

Se antes eu estava destruída, agora me encontro verdadeiramente apavorada. As mãos trêmulas e frias e a respiração fluindo desenfreada pelos meus lábios.

— Finch não foi embora — eu constato, em pânico. — Ele foi levado!

— Do que está falando? — Ve se espanta.

— A sra. Liu disse que Finch deixou o apartamento hoje. Um "amigo" dele veio buscá-lo e estava dirigindo o Mustang. Isso não faz o menor sentido. Ele recebeu o pagamento pelo serviço na mansão, e o dinheiro continua aqui. — Aponto efusivamente para o guarda-roupa. — Alguma coisa aconteceu. Ele não foi embora por vontade própria.

— Merda... — Nash passa a mão pelo rosto e pisca, chocado. — Vamos vasculhar tudo. Talvez a gente ache alguma pista de onde ele possa estar.

— Boa ideia! — Ve concorda.

Os dois se dispersam pelo apartamento. Eu, no entanto, continuo plantada no mesmo lugar. Limpo as lágrimas que descem pelos cantos dos olhos e puxo fôlego. Preciso esfriar a cabeça e raciocinar. O que parece impossível agora, devido às palpitações nervosas espancando meu peito.

O toque do meu celular corta meus pensamentos. Pesco-o do bolso na mesma hora. Vejo o nome de Reid na tela de chamadas e atendo:

— Preciso falar com você! — eu falo primeiro, desesperada.

— *Kay, espera, me ouça. Me deixa falar. Você está vendo o noticiário das cinco? Viu o que aconteceu?*

— O quê? Não... como assim? Do que está falando, Reid?

— *Caralho, eu... Desculpa, Kay, mas... merda, não sei como falar*. — Ele não conclui a frase, vacilando pelo nervosismo.

— Dizer o quê? Isso é sobre o Finch?

Masih murmura um palavrão do outro lado, aflito. Sua reação me põe em alerta. Não espero por mais. Corro até a sala de estar e ligo a TV, sintonizando no noticiário das cinco.

Enquanto os dois âncoras do jornal conversam no estúdio, a chamada no rodapé informa: Acidente na Serra Marion.

Minha espinha dorsal congela, e eu prendo a respiração, os olhos arregalados de choque. Dou um passo para trás, estarrecida, e as palavras da jornalista se transformam em um golpe letal atravessando meus ossos:

*"Vamos assistir novamente à gravação feita por um motorista que passava pelo local no momento da queda."*

A seguir, uma gravação amadora é exibida, captando o momento exato em que um carro desliza e capota pelo despenhadeiro da Serra Marion. A próxima filmagem parece ter sido feita minutos depois. Nela, um homem está dentro da mata, bem próximo do carro capotado. Ele aponta para o acidente e foca no veículo.

É um automóvel preto. Um modelo antigo. Mas não qualquer um. É um Mustang 1966. E, ainda que não fosse possível reconhecer o modelo, a placa do veículo esfrega na minha cara a verdade assustadora que não quero aceitar.

Não consigo mais respirar.

É o carro do Finch.

Meu Deus!

Não... Finch...

Aproximo o celular do ouvido para retomar à ligação com Masih e brado, aflita:

— Reid, pelo amor de Deus, me diga que ele não estava lá! Por favor, ele não estava naquele carro, certo?

— *Kay, eu não sei. Tô tão perdido quanto você. Tô indo para lá agora.*

Afasto o celular do ouvido quando a repórter volta a transcorrer sobre o acidente:

*"Um motorista que passava pelo local presenciou o momento da queda e fez a gravação. Agora mesmo, uma unidade de resgate dos bombeiros está a caminho da Serra Marion, enquanto isso, a polícia rodoviária isola a área..."*

Um soluço de choro arranha minha garganta. Minhas mãos, braços e pernas estremecem, sem forças, deixando-me a ponto de desmoronar. Puxo e solto o ar pela boca tão rápido que fico zonza. O celular escapa do meu domínio e cai no chão, e nem me importo em recuperá-lo.

Só consigo chorar, tremer e soluçar copiosamente, esperando que isso seja um engano.

Não pode ser real.

— Kaylee! — O chamado de Nash penetra minha mente como uma flecha.

Ao pousar os olhos em mim e se dar conta do meu estado, Nash corre para me amparar. Minhas pernas fraquejam, prestes a desabar, como se

meus ossos fossem feitos de papel. Eu me agarro a ele com as forças que me restam, enterrando o rosto em seu peito no instante em que as lágrimas vêm à tona. Meu primo me aperta fortemente em seus braços, sem sequer saber o que aconteceu, mas fazendo o possível para me confortar.

— Precisa me levar à subida da Serra Marion! — suplico em meio ao choro.

Nash segura meu rosto, os olhos perdidos vagando pelos meus.

— Por quê? Kay, me explique. O que está acontecendo?

— Porque Finch está lá!



O carro de Nash para no acostamento, e eu salto do veículo tão depressa que deixo meus amigos para trás.

Há um extenso cordão de isolamento delimitando o desnível da serra. Avisto viaturas, uma ambulância e o carro dos bombeiros cercados pelos curiosos que tentam se aproximar do acidente.

E, então, meu olhar paira sobre a catástrofe. Lá ao longe está Mustang capotado, a carroceria retorcida e a lataria inteiramente amassada. Bombeiros circulam a carcaça e usam ferramentas para cortar as ferragens.

Sinto que posso desmaiar a qualquer minuto, a visão escurecida pela queda de pressão e a cabeça rodando.

Eu me infiltro no tumulto, correndo às cegas e serpenteando entre as pessoas. Esbarro em um homem mais velho parado em frente ao cordão de isolamento. O encontrão quase me derruba, mas o sujeito me ajuda a ficar de pé.

— Me desculpe, eu... preciso chegar no local do acidente — vomito as palavras. — Sabe se já resgataram as vítimas?

— Pelo que estão comentando, há duas pessoas presas no carro. Parece que uma delas morreu, mas a outra ainda pode estar viva. A coisa foi feia, o carro derrapou de lá de cima. — Ele aponta para uma curva da serra.

Não consigo ouvir mais nada do que ele diz.

Entro em um transe, catatônica.

*Parece que uma delas morreu, mas a outra ainda pode estar viva*. A frase é um tsunami dizimando minha mente e me afogando em desespero.

Uma delas morreu.

*Morreu.*

Dou as costas ao homem sem dizer mais nada, completamente atordoada. Perco o senso de direção, desnorteada ao vagar entre os curiosos que contornam o cordão de isolamento. O falatório ao meu redor se torna um ruído inaudível, só ouço meu coração se debatendo atormentado. Foco no acidente. Eu preciso chegar até lá. Preciso ver Finch.

Eu preciso saber.

Sem medir as consequências, passo por baixo da fita de isolamento e parto em disparada, correndo na maior velocidade que minhas pernas permitem. Bombeiros berram para que eu me afaste, e eu continuo avançando, com cada átomo do meu corpo explodindo em determinação. Eu empurro um dos bombeiros que tenta me parar e chego à carcaça do Mustang capotado.

E é nesse momento que meu coração para. O órgão vital prestes a se deteriorar.

As portas do carro estão arrebentadas, e a lateral da carcaça foi aberta para dar acesso ao interior do veículo. Finch está jogado na parte traseira, com metade das pernas presas nas ferragens. O rosto coberto de sangue, uma fissura aberta na cabeça e os olhos fechados. O vermelho carmesim forma uma poça sob o corpo dele e respinga no solo, atingindo meus sapatos.

Caio de joelhos sobre o sangue, e um grito histérico arranha minhas cordas vocais. Seguro o rosto de Finch instintivamente, o sangue banhando meus dedos, e me lanço sobre ele, me agarrando em seu corpo e deitando minha cabeça na dele.

— Finch! — berro aos prantos, minhas lágrimas se derramando em seu rosto ensanguentado.

Abruptamente, um par de mãos firma minha cintura e me puxa para longe de Finch. Palavras de ordem ecoam por toda a parte, exigindo que eu me afaste, enquanto sou arrastada para longe do veículo. Um segundo bombeiro se aproxima e me pede para manter a calma. Mas não consigo, continuo em pânico, me debatendo e gritando por Finch.

Encaro minhas mãos, apavorada com a quantidade de sangue. Ele respinga nas minhas roupas, nos meus sapatos, no solo... é o sangue de Finch derramado aos meus pés.

Jamais achei que tantos pensamentos pudessem caber dentro de um único segundo. Mas os lampejos que correm diante dos meus olhos me provam que sim. E eu o vejo; Finch invadindo meu quarto, a primeira vez que entrei em seu carro, nós dois em pé de guerra, ele me oferecendo um lírio na estufa como uma oferta de paz, e, depois disso, a maneira como Sullivan adentrou em minha vida e se tornou parte essencial dela. Vejo Finch sendo algemado e preso, mas depois voltando para mim. Nós dois no meu apartamento, o seu calor me abrigando e meu coração lhe pertencendo.

Vejo Finch mergulhando em meu olhar e dizendo que me ama.

Entretanto, ao piscar os olhos e retornar ao presente, tudo o que vejo é vermelho. Em minhas mãos, minhas roupas e meus pés... sangue por toda a parte, vívido e assustador. Um rastro carmesim e o cheiro metálico intoxicando meus pulmões.

Um presságio mórbido coloca suas garras frias em mim e sussurra em meu ouvido uma única palavra capaz de dilacerar meu coração:

*Morte.*

# 41

## Kaylee Clark

Estou há duas horas na sala de espera do hospital. Durante todo esse tempo, as lágrimas não cessaram nem uma vez sequer.

Nash e Veronica não saíram do meu lado, ambos se esforçando para me transmitir força e me acalmar. O que parece inútil à essa altura. Basta lembrar de todo aquele sangue que o choro volta a estrangular minha garganta.

Reid estava aqui, mas precisou sair e avisou que voltaria trazendo algo para eu me alimentar. Apesar de já ter anoitecido e estar quase na hora do jantar, duvido que eu consiga ingerir qualquer coisa mediante as cambalhotas que meu estômago dá.

Ainda há pouco, uma enfermeira apareceu para nos atualizar sobre o quadro de Sullivan. Tive meu coração açoitado ao ouvi-la dizer que Finch sofreu fraturas nas costelas, nas pernas e teve uma contusão cerebral hemorrágica. Quando perguntei se Finch ficaria bem, ela alegou que era cedo para afirmar qualquer coisa, visto que ele enfrentaria uma cirurgia de risco.

Depois dessa notícia aterradora, o chão se abriu sob mim, e eu desmoronei sem nada que aparasse meus pés, me espatifando em mil pedaços na queda que me destruiu.

Já machuquei a bochecha de tanto mordê-la, e o gosto de sangue se impregna em minha boca enquanto aguardo o próximo boletim. Não suporto mais encarar essas malditas paredes brancas e ser nauseada pelo cheiro da ala hospitalar.

Papai me ligou várias vezes, mas me encontro tão desnorteada que não consegui atendê-lo. Foi Nash quem pegou meu celular e explicou a situação. Meu pai garantiu que em breve virá me encontrar.

Andrew Sullivan não resistiu aos ferimentos e já estava sem vida ao ser retirado das ferragens. Não sei como Finch vai encarar a notícia depois que acordar. Conheço a trajetória conturbada dos dois e sei o quanto se odiavam, mas, ainda assim, não imagino até que ponto isso poderá baqueá-lo.

Sou puxada dos devaneios quando uma figura adentra na sala de espera a passos largos. É Reid. Ele carrega copos de isopor com a logo de uma cafeteira e um pacote envolto em papel pardo. Vem em minha direção e deixa as coisas num banco vazio.

— E aí? Deram mais notícias? — ele quer saber.

Movo a cabeça negativamente, sem energia. Fungo para engolir o choro e desentrelaço minha mão da de Nash para enxugar as lágrimas.

— Nada, estamos esperando.

Ele assente e passa a mão pela boca. Solta um suspiro preocupado e indica as coisas que trouxe.

— Comprei café e um sanduíche para você. Tente comer e se acalmar um pouco.

— É uma boa ideia, Kay. — Vê toca meu ombro para me encorajar. — Come, nem que seja um pouquinho. Isso vai te ajudar.

— Não consigo, gente — murmuro, chorosa.

Reid se abaixa diante mim e segura minha mão. Um sorriso solidário estica seus lábios.

— Mas pode pelo menos tentar? Faça por mim, que fui até lá e comprei essas coisas só para você.

Tento sorrir em forma de agradecimento, mas nem isso consigo. Somente assinto.

— Vou tentar.

Nash se põe de pé e verifica as horas no celular.

— Vou dar uma passada na sua casa, encontrar seu pai e trazer roupas limpas para você se trocar — ele avisa.

Olho para baixo e confiro as mangas da minha jaqueta, a blusa e a calça manchadas de sangue. Preciso mesmo removê-las.

— Tá legal, pode ir. — Olho para Ve e continuo: — Vai com ele também se quiser. Eu sujei vocês de sangue, também precisam trocar de roupa.

— Tem certeza, Kay? — Minha amiga fica em dúvida.

— Tenho. Vou ficar bem com o Reid. Vocês estão há horas aqui, não se preocupa.

Ve se aproxima para beijar minha bochecha e afagar meus cabelos.

— Nesse caso, vou dar uma passada bem rápida em casa só para trocar de roupa e volto correndo. Mas me prometa que vai manter a calma.

Movo a cabeça positivamente, mesmo sabendo que é uma promessa impossível de cumprir.

— Vamos voltar com seu pai — Nash acrescenta. Ele chega mais perto e segura meu rosto. — Vai dar tudo certo. Se precisar de qualquer coisa, me liga na hora.

— Pode deixar.

Após se despedirem de mim e de Reid, meus amigos cruzam o corredor e somem na direção do elevador.

Masih ocupa o lugar vago ao meu lado. Pego o café e tomo um único gole da bebida quente.

— Como acha que Finch vai reagir quando souber do irmão dele? — ele arrisca a pergunta.

Expiro devagar e molho os lábios com a língua.

— Sinceramente, não tenho ideia. Da última vez que conversamos sobre isso, ele disse que estava decidido a enfrentar o irmão. Deu a entender que não o pouparia outra vez. Mas... não sei. Tenho medo que, de alguma forma, isso acabe ferindo-o ainda mais.

Reid apoia os antebraços nos joelhos, encurvado para frente, e abaixa a cabeça, encarando o piso.

— Caralho... não dá para acreditar numa merda dessas.

Inspiro fundo e aperto copo entre os dedos.

— Acho que a culpa é minha.

— O quê? — Reid me fita sem entender.

Sorrio tristemente, tentando segurar a enxurrada de lágrimas que inunda meus olhos.

— Finch queria ir embora de Faigan. Ele teria ido, mas desistiu por minha causa. Se tivesse fugido como pretendia fazer, Andrew não teria feito o que fez. Se Finch não resistir, eu nunca vou me perdoar, Reid.

— Não fala isso, Kay.

— Posso parar de dizer, mas vai continuar sendo verdade.

— Finch ficou por vontade própria. Porque sabia que poderia continuar fugindo pelo resto dos seus dias, mas em cada um deles seria infeliz por ter te deixado. Você é o que ele mais quer na vida.

— Mas se eu o perder agora? — O choro embola minhas palavras. — Preferia tê-lo longe de mim, sabendo que está seguro, do que vê-lo entre a vida e a morte.

Reid me encara com tristeza, sem saber o que dizer para me confortar. Seus olhos sempre tão vívidos agora se encontram profundamente arrasados.

Bebo mais um pouco do café e o deixo no banco ao lado.

Aprumo a postura, no susto, quando as portas duplas para a UTI se abrem e um médico passa por elas. Ele corre o olhar pela prancheta que carrega conforme se aproxima. Fico em alerta e esfrego o dorso das mãos pelo rosto para acabar com as lágrimas.

— Vocês são parentes de Finch Sullivan? — o médico nos indaga.

Masih e eu nos colocamos de pé prontamente.

— Sou namorada dele — informo, tentando firmar a voz vacilante. — Esse é Reid, amigo do Finch.

— Ele não tem família, ninguém para quem possam ligar e avisar sobre seu estado de saúde?

Engulo um nó garganta e nego.

— Não, Finch é órfão. Somos os únicos próximos a ele.

O médico anui com a cabeça. Seu olhar cauteloso corre de mim para Reid, e eu percebo a maneira como ele se demora escolhendo as próximas palavras.

— Bom, precisam saber que o quadro dele é delicado. As fraturas ósseas estão sendo tratadas. Com algumas semanas de imobilização no

gesso, ele terá uma boa recuperação. Mas a contusão cerebral precisa ser analisada com mais calma.

— Mas ele vai ficar bem, não vai? Se correr tudo certo na cirurgia, ele vai se recuperar, não é? — arrisco dizer com o coração quase saltando pela boca.

Seus lábios se entreabrem, sem emitirem resposta. Sua reação me faz estremecer. Reid segura minha mão, ciente do meu desespero, e o médico prossegue:

— Ainda é cedo para afirmar. Agora mesmo, ele está passando por uma cirurgia delicada. Lesões no tecido cerebral podem provocar danos permanentes em alguns casos, dependendo do nível das sequelas. Estamos fazendo tudo que há ao nosso alcance para estabilizá-lo. Mas vocês precisam entender que, ainda que a cirurgia corra bem, talvez o Finch que acorde não seja o mesmo que vocês conheceram.

Sinto que vou cair.

— O que isso quer dizer, doutor? Por favor, diga de uma vez! Fale! — eu me exalto, aterrorizada.

— Em alguns casos, pode ocorrer um comprometimento das funções cerebrais, podendo afetar o sistema cognitivo, causar distúrbios de movimento e lapsos de memória. Ainda não sabemos se é o caso do paciente. Talvez não seja. Mas precisam estar prontos para tudo pelas próximas horas.

Ah, não... Meu Deus, não!

Levo a mão à boca, assombrada pela possibilidade. Fico zonza como se houvesse recebido um chacoalhão. Sinto as pernas amolecerem, gelatinosas e frágeis. É Reid quem encerra a conversa com o médico, enquanto isso, me afasto deles às pressas para me debulhar em lágrimas. Abraço o tronco e aperto as pálpebras, me negando a aceitar.

*"Talvez o Finch que acorde não seja o mesmo que vocês conheceram."*

Um gemido de choro abandona meus lábios, incontrolável. Tremores agitam meus ombros, e minha musculatura enfraquece, exaurida por cada soluço sufocante que tranca minha respiração. Passos ressoam atrás de mim, e Reid me alcança. Ele me abraça forte, e eu não movo um músculo.

De olhos fechados, visualizo Finch nos meus pensamentos. Vejo seus olhos pretos como obsidianas e o sorriso atrevido que o torna hipnotizante.

Lembro-me da nossa última noite juntos no seu apartamento. Da sensação de dormir aninhada aos braços dele, do aconchego, serenidade e segurança. Da forma como cuidamos um do outro em nossos piores momentos.

Meu coração se despedaça quando me lembro de nós dois no meu flat. Da intensidade refletida em seus olhos quando ele jurou que ficaria comigo.

Por nós.

*"Te prometo que vou ficar. Estarei com você e permanecerei até que se canse de me ter ao seu lado.*

*E se eu jamais me cansar de tê-lo comigo?*

*Então, eu jamais vou partir. Jamais, Kaylee Clark."*

Finch, *você* me prometeu que jamais partiria. Estou me agarrando àquelas palavras e suplicando com todo o meu coração para que você seja capaz de cumprir a promessa.

Porque, se não puder, vou definhar aqui sem você.

# 42

## Kaylee Clark

Natal, Réveillon e a primeira semana de janeiro foram riscados do calendário. E Finch ainda não despertou.

Minha virada de ano foi dentro do hospital, sentada ao lado do seu leito e segurando sua mão, alimentada pela dolorosa esperança de que, em algum momento, milagrosamente, ele voltaria para mim.

Ter as expectativas frustradas foi um tapa bem dado na minha cara. Honestamente, não sei de onde tenho tirado forças para continuar visitando-o e sendo torturada pela imagem do seu corpo inconsciente em uma cama. Faço isso dia após dia, seja depois a faculdade, antes do jantar ou nos tempos livres aos finais de semana, desde dezembro.

Finch foi tirado da sedação há cinco dias, mas ainda não acordou. De acordo com os médicos, os pacientes com quadros semelhantes podem levar um tempo maior para despertar do coma induzido. Além disso, eles foram enfáticos ao pontuarem a possibilidade de Finch acordar com algumas funções motoras comprometidas, lapsos de memória e até mesmo episódios de convulsões. Tudo isso parece extremamente assustador, mas, por ora, minha única preocupação é que ele desperte.

Ainda que Finch me veja e meu rosto não signifique nada para ele, preciso que acorde. Preciso ver seus olhos abertos. Preciso que me escute.

E, mesmo que minhas palavras não façam sentido para ele, preciso que saiba o quanto eu o amo e que não saí do seu lado em nenhum desses dias.

Ele precisa voltar para mim.

No instante que a claridade do projetor se apaga e os alunos à minha volta começam a se erguer das cadeiras, me dou conta que a aula acabou.

Não prestei atenção em nada.

Recolho meu material e enfio tudo na bolsa. Deixo o auditório e confiro as horas no celular, avaliando quanto tempo terei para passar em casa, tomar uma ducha e ir ao hospital antes de iniciar o expediente na farmácia.

Sobressalto no lugar, no susto, quando anunciam meu nome nos alto-falantes do corredor, de onde a voz do reitor Dalton requisita minha presença na administração do bloco leste.

Vários pares de olhos se fixam em mim, e os alunos se enchem de curiosidade. Desde que as investigações do caso de Alisha foram oficialmente encerradas e minha imagem parou de aparecer nos portais de notícias com frequência, tem sido mais fácil lidar com os olhares intrigados que, vira e mexe, cruzam meu caminho. Ainda assim, em certos momentos, sou alvo dos cochichos nos corredores de Monsieur Calliste.

Exatamente como agora.

Faço de conta que os alunos no meu entorno não estão vidrados em mim e me desloco em direção à escadaria para o saguão. Percorro o campus a passos ligeiros e adentro no bloco leste, dirigindo-me à área da secretaria.

Ao chegar em frente à reitoria, encontro o sr. Dalton me esperando na porta de sua sala.

Ajeito a bolsa no ombro e vou até ele.

— Olá, sr. Dalton. Pediu que eu viesse aqui.

— Sim, srta. Clark. Uma representante de uma equipe de reportagem está aqui e quer falar com você.

— Oh... comigo?

— Sim, ela está na minha sala. Se preferir não recebê-la, está tudo bem. Mas ela parece muito interessada em conhecê-la.

Oscilo o olhar entre ele e a porta do escritório, ponderando. Não conseguiria contar nos dedos das mãos a quantidade absurda de vezes que

fui procurada por jornalistas tendenciosos, propondo um circo descabido com a história de Alisha. Pensar nisso faz meu estômago se retorcer.

Contudo, é a primeira vez que um deles tenta me contatar através da secretaria da faculdade. O pensamento me desperta curiosidade.

— Não tem problema, posso entrar e ver do que se trata.

— Ótimo, srta. Clark. Me acompanhe.

Sou conduzida até seu escritório. Lá dentro, vejo a mulher que me aguarda sentada em uma cadeira. A jovem de pele negra, fios lisos e olhos esverdeados se levanta para me receber. Ela veste um terninho cor bronze e usa uma maquiagem leve que ressalta as maçãs do rosto proeminentes.

Ela vem em minha direção, oferecendo-me a mão para um aperto.

— Kaylee Clark! É um prazer finalmente conhecê-la. Sou Luna Ramirez, assistente e membro da equipe de Norma Goodwin. Acredito que deva conhecê-la, certo? Do especial semanal *Goodwin Desvenda*.

Deus do céu!

Ela disse Norma Goodwin?

Encaro a mulher da cabeça aos pés e engulo em seco, chocada. Descrente, aperto a mão dela e estendo um sorriso nervoso.

— Eu conheço, eu... hm... claro que conheço Norma Goodwin. Sempre assisto ao especial semanal!

Ela sorri, gostando do que escutou.

— Bom, se já conhece o trabalho da Norma, isso facilita as coisas.

— Vou dar um minuto a vocês — o reitor nos diz. — Fiquem à vontade.

O sr. Dalton deixa a sala e fecha a porta.

Encaro a assistente e passo as mãos pela calça cargo, um tanto impaciente e sem jeito. Ela indica as cadeiras em frente à mesa do reitor.

— Vamos nos sentar?

— Sim — respondo rápido demais, agitada.

Eu me acomodo no lugar, a bolsa apoiada no colo e as mãos se apertando inquietas. Luna Ramirez ajeita a lapela do terninho e cruza as pernas em uma postura pomposa.

— Primeiramente, quero que saiba que Norma está bastante interessada em você. A sua história tem rodado o país, e isso chamou a atenção dela.

Pisco rapidamente.

— Ela sabe da minha existência?

A assistente sorri e move a cabeça positivamente.

— É claro! Você praticamente conduziu uma investigação contra o seu próprio professor que, diga-se de passagem, era um dos maiores nomes de Denver, e trouxe a verdade à tona. Quem não te conheceria? Norma está sempre procurando jovens jornalistas em ascensão para integrar um projeto que preza pela diversidade nos veículos de comunicação, principalmente aqueles que não têm medo de arregaçar as mangas e possuem um bom faro jornalístico. Ela tem uma ótima mão para isso.

Sorrio, nervosa, e mordo o canto da boca, sem saber o que responder. Mantenho-me estática ao assimilar, temendo cair da cama a qualquer momento e perceber que estou sonhando.

Isso é real?

— Primeiro, preciso saber se estaria disposta a ir a Denver e participar de uma gravação rápida no estúdio.

— Eu topo! — respondo sem nem pensar muito.

— Que bom! E você estaria disposta a me responder algumas perguntas agora? — Ela remexe em sua bolsa e puxa um gravador de última geração de lá. — É coisa rápida. Apenas um apanhado geral que vou repassar à Norma.

Estou tão perplexa que não consigo parar de sorrir. É inacreditável pensar que estou prestes a conhecer em carne e osso a minha maior inspiração profissional. Norma Goodwin é fantástica e... ela quer me conhecer!

Caramba!

— Sem problemas, me pergunte qualquer coisa! — O entusiasmo é evidente em meu timbre.

— Meses atrás, Lawson Ross, um jornalista da nossa equipe esteve em Faigan a convite de Theo Périgord. Depois do escândalo, ele comentou que foi apresentado a você naquela época. Se lembra de quando aconteceu?

Resgato a memória, recordando-me do coquetel na mansão. A primeira vez que decidi bisbilhotar aquela casa. Foi lá que o conheci.

— Hm... sim. Foi no final de agosto.

— E naquela época você já suspeitava de Theo Périgord?

Puxo o fôlego, pronta para esclarecer qualquer dúvida. Tento parecer séria e profissional, embora no fundo esteja dando gritinhos por saber que terei a chances de ir a Denver para conhecer a minha maior inspiração e visitar seu estúdio. Isso pode significar tanto, pode ser minha grande chance.

Vou agarrá-la com todas as forças.



Venho ao hospital com tanta frequência que já conheci todos os enfermeiros dos turnos diurnos e noturnos.

Ao cruzar o corredor ladeado por paredes brancas e quadros com avisos de silêncio, passo por Carmen, uma das enfermeiras que cuida do Finch. Eu a cumprimento e sigo rumo ao quarto à esquerda. Passo pela porta aberta e avisto Finch em seu leito. Igualmente aos dias anteriores, ele se encontra de olhos fechados, inteiramente imóvel e com uma máscara de oxigênio lhe cobrindo nariz e boca.

Nos primeiros dias, foi angustiante vê-lo dessa forma. Eu queria arrancar aqueles tubos e agulhas do corpo dele e tirá-lo daqui, ansiando guardá-lo na segurança dos meus braços até que acordasse. Entretanto, após quase três semanas do acidente, tenho conseguido controlar melhor as emoções. Antes eu apenas chorava em sua presença, mas agora consigo me sentar ao lado dele e contar como foi o meu dia.

Os enfermeiros me disseram que as atividades auditivas são uma das primeiras a retornar após a retirada dos sedativos. Então, estou sempre falando com ele. Vez ou outra, Finch tem espasmos em que seus dedos das mãos e dos pés se movem. De acordo com os médicos, seus níveis de consciência têm aumentado aos estímulos, o que é bom.

Ontem, quando segurei a mão dele e o atualizei sobre o meu dia, foi a primeira vez que seus dedos se apertaram suavemente ao redor dos meus, e ele não os soltou. Comecei a chorar, emotiva, e chamei pela enfermeira. Depois, passei as próximas horas junto dele, na esperança de vê-lo despertar. Ele se mexeu outras vezes, mas não abriu os olhos.

Bom, agora, estou aqui novamente.

Deposito a bolsa no chão e me sento na poltrona ao lado do leito. Cubro a mão de Finch com a minha e observo a respiração suave inflar e retrair seu peito lentamente. Seus cabelos estão bem rentes à raiz, visto que precisou raspá-los para a cirurgia. Ele perdeu um pouco de peso e ganhou uma cicatriz no couro cabeludo, que certamente será ocultada depois que seus fios negros crescerem outra vez.

— Oi, *Mon Coeur* — digo a ele, acariciando o dorso da sua mão. — Já voltei.

Suas pupilas se movem discretamente, mas nada além disso. Absorvo oxigênio e expiro pela boca, tentando regular o nervosismo no peito.

É sempre uma montanha-russa de emoções estar aqui, diante dele, esperando por qualquer mínima reação e recebendo nada além de silêncio. A expectativa e a desilusão se digladiando para decidir qual delas irá imperar dentro de mim.

— Aperte minha mão, como fez ontem, Finch.

Fico aguardando, atenta, examinando-o minuciosamente. Para o meu desespero, Finch não reage. A fagulha de esperança acesa em meu coração dá lugar à dor.

Me machuca tanto não poder ouvir sua voz. Espremo os lábios, deprimida. Toco sua cabeça e faço um carinho pelos fios curtos.

— Eu vou para Denver na próxima semana — conto, convencendo-me de que ele está me ouvindo. — Não lembro se já cheguei a te falar sobre Norma Goodwin, mas é uma grande jornalista que eu admiro. Ela quer me conhecer. Dá pra acreditar nisso?

As sobrancelhas de Finch se mexem, e as pálpebras se apertam um pouquinho. Prendo o fôlego, pasma, quando sua cabeça se movimenta no travesseiro. Mais uma vez, as sobrancelhas se franzem e um suspiro pesado abandona seus lábios.

Reteso a postura e o encaro espantada. Meus olhos marejam, e, rápido demais, as lágrimas traçam um caminho pela minha face. A expectativa provoca um bombardeio em meu coração e, ao mesmo tempo, me paralisa. Fico em um impasse entre chamar a enfermeira ou continuar segurando a mão dele para incentivá-lo a reagir.

Durante os intermináveis segundos acompanhando cada sutil movimentação em seu corpo, preciso me preparar para tudo, seja para recebê-lo de volta ou para outro alarme falso.

A ansiedade me corrói.

Aperto os dedos dele com um pouquinho mais de força, desesperada. Em resposta, como quem se desprende de um sono profundo, Finch abre os olhos.

Finalmente, após vários dias sem os sedativos, está despertando. Meu choro se intensifica, e minha mão treme em contato com a dele. Finch fecha e abre as pálpebras repetidamente, encarando o teto, as paredes e, enfim, focando aqueles orbes pretos em mim.

Afasto a máscara de oxigênio do seu rosto às pressas, esperando que me diga algo. Finch, no entanto, se mantém em completo silêncio. O semblante dele esboça um notável estranhamento, e seus olhos fazem uma nova inspeção pelo quarto, tentando se localizar.

Ah... Deus...

Ele ainda sabe quem sou eu?

O que esse olhar vazio significa?

— Finch? — chamo por ele com um fio de voz. Lágrimas lavam meu rosto e respingam pela camisa. — Finch, consegue me ouvir?

Suas íris perdidas miram em mim. As sobrancelhas continuam franzidas, e seus traços indicam dúvida. O medo me devasta. Aperto o maxilar, a fim de suprimir os gemidos de choro. Sullivan fita nossas mãos unidas e limpa a garganta, bastante sonolento.

— Por que está chorando, *gatinha*? — ele sopra para mim.

Meu queixo despenca em completo choque. O choro angustiante se torna um clamor de pura alegria ao ouvi-lo proferir esse apelido.

Finch sabe quem sou. Ele se lembra.

Envolvo a mão dele nas minhas e deixo as lágrimas rolarem. Finch se move lentamente, debilitado, e ergue a mão para tocar meu rosto. Seu polegar afaga minha bochecha, e tudo o que consigo fazer é sorrir em meio ao pranto.

— Pare de chorar assim, ou vai acabar comigo, mulher.

Salto da poltrona e me acomodo na beirada do leito. Fico tão abismada que não sei o que fazer. Quero tocar seu rosto, abraçá-lo, deitar em seu peito e ser recebida pelo seu carinho tão familiar.

Minhas mãos trêmulas envolvem o maxilar de Finch delicadamente, temendo machucá-lo mas precisando senti-lo.

— Você se lembra de mim?

Um sorriso suave molda os lábios dele.

— É claro que me lembro de você, Kay. Mas... não sei como cheguei aqui — confessa, desorientado. Seu timbre é fraco e marcado pela rouquidão. — Eu estava com você no cemitério. O que aconteceu?

— Não pense nisso agora, precisa repousar. Os médicos disseram que era normal que tivesse lapsos de memórias recentes. Então, não se preocupa. Estou aqui com você.

Meio anestesiado, ele faz que sim com a cabeça. Tenta mudar de posição e se sentar, mas brame de dor e desiste.

— Ei! Não se mexa tanto. Tem que ficar quietinho, sem se esforçar muito. Você quebrou alguns ossos.

— Quebrei?

— Sim, uma perna e algumas costelas. Mas deu tudo certo. Está com gesso.

Um vinco confuso marca sua testa. Ele afasta o cobertor do corpo e comprova que digo a verdade. Afunda a cabeça no travesseiro e solta uma lufada de ar.

— Caralho... como assim? Eu não consigo me lembrar disso, Kaylee.

— Olhe para mim — peço, focada em seus olhos. — Não se preocupa. Em breve, vai se lembrar de tudo. Enquanto isso, não vou sair do seu lado.

— Há quanto tempo tô aqui?

— Está hospitalizado há dezoito dias. Estamos em janeiro.

A revelação o impacta.

— Uou... Tá legal, entendi. Janeiro.

Toco seu peito e, com cuidado, me aninho em seu corpo. Finch seca minhas lágrimas e empurra meu cabelo para trás da orelha. As íris obsidianas viajam pelo meu rosto, um tanto cansadas.

— Pensei que fosse te perder, Finch. Eu não suportaria. Tive medo que não acordasse. Também tive medo que acordasse sem se lembrar de mim.

— Não seja boba, Clark. Mesmo se eu perdesse a memória, no momento que eu acordasse e desse de cara com esse seu rostinho lindo do meu lado, eu me apaixonaria por você facilmente outra vez. Não teria erro.

Sorrio feito uma boba. Cubro a mão de Finch sobre o meu rosto, conforme seu polegar acarinha minha bochecha. É tão bom sentir seu toque.

Sua pele na minha. Receber a afeição do seu olhar.

Novas lágrimas preenchem meus olhos, transbordando o alívio que aquece meu peito.

— Não chore, amor. Tô aqui e continuo me lembrando de tudo que importa. Lembro da primeira vez que invadi seu quarto. Lembro da noite em que você me mostrou suas tatuagens e se abriu comigo pela primeira vez. Foi naquele dia que eu percebi que estava fodido, porque não conseguia mais ignorar o quanto eu gostava de estar perto de você.

Faço que sim com a cabeça, me debulhando de tanto chorar. Meu coração incendeia, e, de uma só vez, eu despejo todas as verdades que estive guardando dentro dele:

— Não houve um dia em que eu não dormi e acordei pensando em você, Finch. Eu jamais me perdoaria se não tivesse outra chance de dizer que eu te amo. E eu te amei por todos esses dias, mesmo sem ouvir sua voz, sem poder olhar nos seus olhos, sem poder te sentir. Tudo o que eu tinha era a esperança de te ter comigo outra vez. E eu te amei com todo o meu coração.

Seus olhos lacrimejam, avermelhados e sensíveis.

— Veio aqui todos os dias? — ele repete, comovido.

— Sim, meu amor. Estive aqui com você até durante o Natal e o Réveillon. Você disse que queria passar o final de ano apenas comigo. Bom, não foi do jeito que planejamos, mas éramos apenas nós dois neste quarto e eu dormi bem aqui, do seu lado, segurando sua mão e esperando que você segurasse a minha de volta.

O braço dele contorna minha cintura, e Finch me leva para si. Tomando o cuidado de não exercer peso em seu tórax, deito a cabeça em seu peito e me aconchego nele. Lágrimas deslizam por sua face, e Finch comprime os lábios em uma linha trêmula, profundamente mexido. Beijo o rosto dele e vou secando cada gotinha salgada.

Nossos olhos imergem um no outro, e eu declaro novamente:

— Eu te amo tanto, *Mon Coeur*.

Seu sorriso me desmancha.

— Isso faz parte do lapso de memória ou até hoje você realmente não me disse o significado dessa coisa que me chama?

Dou risada, impressionada com o quão afiado seu senso de humor já está. Tive tanto medo de que ele sofresse traumas irreversíveis. Mas é o

meu Finch, exatamente como eu me lembrava.

— Ele acordou! — Uma comemoração surge de repente.

Olho para o lado e encontro Carmen, a enfermeira, parada na porta. Ela sorri, surpresa, e se apressa em nossa direção.

— Que maravilha, veja só! — Sorri para Finch e verifica o monitor de sinais vitais. — Consegue falar?

— Sim.

— E como se sente?

Finch olha ao redor e se remexe no leito.

— Cansado, meio sonolento e... com frio.

— Em breve, estará bem melhor. — A enfermeira toca a testa e o pescoço dele. — Pode estar com uma febre baixa. Vou medir sua temperatura.

Ele faz que sim com a cabeça.

Carmen pousa os olhos gentis em mim e continua:

— Vou trazer o doutor Turner aqui, não demoro. Qualquer coisa, é só apertar o botão e me chamar.

— Obrigada! — Minha voz continua comprometida pelo choro.

A enfermeira deixa o quarto e segue pelo corredor.

Olho para Finch e sorrio. Ele se mostra tão abatido e cansado. Saio do leito, para lhe dar espaço, e me acomodo na poltrona. Finch deita com a cabeça virada na minha direção e estende a mão para segurar a minha. Entrelaço nossos dedos, e faço sua mão descansar no meu colo.

— Você vai ficar bem — afirmo, otimista. — Logo, logo, vamos para casa.

Ele move a cabeça em concordância e suspira, sereno. Seus dedos brincando com os meus, e seus olhos sorrindo para mim.

Foram dias sombrios, marcados pelo medo, pelo sentimento de perda e saudade. Finalmente, o peso que massacrou minha alma ao longo das últimas semanas se dispersa, trazendo alento ao meu coração. Meus músculos relaxam, e me sinto flutuar, nutrida por uma leveza que eu nem lembrava ser capaz de experimentar.

Preenchida por uma calmaria transbordante, fecho os olhos e descanso, sabendo que agora o pesadelo acabou.

# 43

## Kaylee Clark

***Seis meses depois.***

Desde que consegui um estágio em Denver e ganhei a oportunidade de trabalhar com a equipe de Norma Goodwin, bastante coisa mudou na minha vida.

Larguei oficialmente o emprego na farmácia para conseguir me dedicar cem por cento à faculdade e ao estágio fora da cidade. Tenho traçado tantos planos para o futuro, sobretudo, em relação à minha carreira em Denver.

Talvez eu me mude para lá futuramente, mas ainda não é uma certeza. Não sei se tenho coragem de sair de perto do papai e deixar esse prédio que possui tantas lembranças significativas. Quanto ao Finch, ele deixou claro que isso não seria um problema. Na verdade, até sugeriu se mudar também, caso eu fosse. Eu disse a ele que era loucura e que Denver nem fica tão longe de Faigan, e sua resposta foi: "*Não sou apegado a lugares, mas sou apegado a você, gata. Vou aonde estiver, sabe disso*".

E eu não consegui rebatê-lo, porque estava ocupada demais sorrindo, toda derretida, e sentindo borboletas rastejarem suas asas pelo meu estômago.

O acidente e a fase de recuperação acabaram nos aproximando ainda mais. Os primeiros dois meses após sua alta foram os mais delicados. Finch precisou de muletas e fisioterapia até se recuperar totalmente das fraturas na perna. E eu estive ao lado dele em todos os momentos. Praticamente fiz com que se mudasse para o meu flat durante esse período, ajudando-o na adaptação com as muletas e os demais cuidados, trocando seus curativos e incentivando-o a manter repouso.

No quarto mês, ele já não precisava mais das muletas, caminhava sem dificuldade ou dor. E, no mês passado, de uma hora para a outra, ele me deu um grande susto quando decidiu comprar uma moto e sair pilotando por aí. Preocupada, eu o questionei se já estava apto a pilotar. Só de imaginá-lo numa moto em alta velocidade, eu chegava a ter calafrios. Contudo, Finch me garantiu que já está bem.

E ele realmente está. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente também.

Dia após dia, percebo como seus traumas exercem cada vez menos poder sobre ele. Os temores que o assombravam têm libertado ele pouco a pouco, e sei que isso é um reflexo da morte do seu irmão.

Finch visitou o túmulo de Andrew uma única vez, semanas depois de deixar o hospital. Daquele dia em diante, nenhum de nós tornou a mencionar o nome do seu irmão nem uma vez sequer. Optar pelo esquecimento foi a forma que Finch encontrou de superar as dores e seguir em frente, longe dos fantasmas do passado.

E tem dado certo.

Depois que Nash conseguiu um ótimo estágio em um escritório de advocacia no centro da cidade, sugeri que Finch tentasse a vaga de operador de caixa na farmácia e garanti que convenceria meu tio a contratá-lo. Porém, ele não quis. Também sugeri que ele usasse o dinheiro que Devan lhe deu para investir em um negócio próprio, dessa forma teria uma renda fixa e uma garantia para um futuro próximo. Ele considerou, mas ainda não sabe o que poderia fazer. A única certeza é que, por ora, Finch está decidido a ficar longe de Royaume, das lutas ilegais e das atividades criminosas de antes.

Acho que é a primeira vez na vida que ele está se permitindo ter descanso.

Por enquanto, o montante que recebeu do Lancaster tem bancado suas despesas. Não vai durar para sempre, e Finch sabe disso. Mas estamos em uma fase tão boa de descobertas, convivência e parceria que nenhum de nós quer se preocupar com o amanhã agora.

Em algum momento, ele saberá o que fazer. E cabe somente a ele decidir que caminho vai traçar. Independentemente do que aconteça, estarei ao lado dele, assim como sei que ele estará do meu.

Isso é tudo o que importa.

— Já disse que não roubei dinheiro nenhum — Finch garante.

— É mentira. Está roubando, sim! — Nash o acusa.

— Como pode ter tanta certeza que roubei? Consegue provar?

Enquanto Finch e Nash discutem fervorosamente, Ve, Gavin e eu nos entreolhamos e seguramos o riso, nos divertindo com o bate-boca.

Já que hoje é sábado, meus amigos e eu decidimos fazer uma noite de jogos no meu flat. Como Finch estaria por aqui, quis incluí-lo no pacote, o que me gerou um baita trabalho porque foi uma batalha convencê-lo a jogar com a gente. Com muita insistência, ele topou, mas somente porque prometi fazer os crepes de morango que ele gosta.

Finch é um belo trapaceiro, e Nash é supercompetitivo, então é claro que uma partida inocente de banco imobiliário virou um campo de guerra. Estamos sentados no chão da sala, ao redor da mesa de centro recheada de salgadinhos e bebidas. Faz cinco minutos que os dados se encontram parados e os peões estagnados no tabuleiro, porque Nash se recusa a jogar enquanto Finch não devolver o dinheiro que supostamente roubou do banco.

— Até uma rodada atrás você estava quase falindo — Nash argumenta com convicção. — Nenhum de nós passou pelas suas propriedades, então de onde tirou todo esse dinheiro para comprar outro terreno?

Esse argumento é dos bons.

Ve, Gavin e eu giramos nossas cabeças na direção de Finch, aguardando sua defesa. Ele não se abala com as acusações. Apenas dá de ombros, exibindo o cinismo que é nato dele.

— Já disse que não roubei, e você não pode provar o contrário. É apenas a sua palavra contra a minha.

Nash fica ultrajado.

Pego o copo de refrigerante e finjo tomar uns goles para esconder meu sorriso, me divertindo com o conflito. Nash me encara, ofendido, e aponta para Finch com a cabeça.

— E você não vai dizer nada enquanto seu namorado rouba de nós?

Prendo um riso e afasto o copo da boca.

— Eu não o vi roubando.

— E confia nele?

Olho para Finch e tiro uns segundos estudando-o. O moreno me oferece um sorrisinho torto e dissimulado, sustentando aquela aura envolvente que é típica dele. Definitivamente, não confio nele. Acho mesmo que está trapaceando. Ainda assim, não vou entregá-lo.

— Não sei, Nash — eu me isento.

Meu primo estreita os olhos para mim.

— Será mesmo que não? Ele pode estar roubando e te repassando algumas notas. Assim vão sair na nossa frente e a decisão vai acabar entre os dois.

Dou risada e apoio o copo na mesa de centro.

— Não estamos fazendo isso!

— Ótimo! Então o Finch vai devolver tudo o que pegou.

Sullivan ergue as mãos em sinal de inocência e volta a se defender:

— Não peguei nada, cara. Sai dessa!

— Será que vou ter que ler as regras pela *terceira* vez?

Finch ri nasalado, com descaso.

— Qual é? Para com isso. Tá todo mundo te esperando jogar.

— Eu vou ler! — meu primo insiste.

— Não, Nash! — Gavin intervém na discussão. Ele segura o braço do namorado e tomba a cabeça em seu ombro de forma suplicante ao encenar sofrimento. — Não leia aquilo de novo, são muitas instruções. Vamos só jogar numa boa.

Veronica concorda:

— É, pelo amor de Deus! Ninguém aguenta mais você lendo aquelas regras.

— Acontece que, se o Finch não devolver o dinheiro, vou ler as regras pela terceira vez e *bem devagar.* Tópico por tópico.

Finch se recosta no sofá atrás de nós e estica as pernas no chão, numa postura relaxada.

— Só jogue de uma vez! — o moreno resmunga, fingindo tédio.

Nash se recusa. Para provar que não está blefando, ele captura o caderno de regras e limpa a garganta, prestes a discursar. Com o timbre firme e teatral, sabendo que nenhum de nós tem saco para ouvir essa ladainha outra vez, ele recita:

— Bem-vindos ao *Banco Imobiliário*! Se torne o jogador mais rico através da compra...

— Chega! — Finch o interrompe, arrancando o papel das mãos do meu primo. — Não vai ler esse negócio de novo. Olha aqui! — Ele enfia a mão dentro da calça e puxa um bolo de notas falsas de lá. — Tá aí o dinheiro que roubei e... — Vasculha por baixo da camisa e puxa mais um bolo de notas, jogando o dinheiro no tabuleiro. — Pronto! Tudo que eu tinha roubado. Feliz?

Gavin e Veronica explodem em gargalhadas. Olho feio para Finch, reprovando-o pela trapaça, e preciso fazer um esforço enorme para suprimir o sorriso que quer me escapar. Nash recolhe o dinheiro do tabuleiro, satisfeito em mostrar que tinha razão.

— Viram só? E vocês duvidando de mim. — Meu primo nos aponta. — Saudade de quando os jogos de sábado à noite eram com gente decente e honesta.

Finch rola os olhos e estala a língua com desdém.

— E que graça tinha isso?

Nash solta um muxoxo, recusando-se a responder. Busca pelos dados na mesa e, enfim, dá prosseguimento à rodada.

Finch se levanta e nos diz:

— Eu vou ali pegar uma cerveja.

— Vou junto — aviso e também me ponho de pé.

Apanho o pote de salgadinhos quase vazio sobre a mesa, visando reabastecê-lo. Seguimos para a cozinha. Finch abre a geladeira em busca de uma latinha enquanto eu encho a tigela com salgadinhos. Assim que termino, paro em frente ao Finch e uso os braços para cercá-lo contra a bancada.

— Que coisa feia, roubando no *Banco Imobiliário*, Sullivan.

— Roubei mesmo, eu estava perdendo — admite sem ressalvas. Bebe a cerveja e se recosta na bancada, relaxado. — Da próxima vez é você quem vai roubar. Nash confia em você. Vamos pegar aquela ideia dele e fazer um complô contra eles, gata.

— O quê? — Dou risada, negando com a cabeça. — Não vou manchar minha dignidade no *Banco Imobiliário*.

A mão dele se encaixa em minha cintura, levando-me para mais perto.

— Achei que fosse minha parceira de crime.

— Não nesse jogo. Aqui vamos competir pra valer. — Fico na ponta dos pés para beijar sua bochecha. — Tá gostando de fazer parte da sua primeira noite de jogos com meus amigos?

Ele dá de ombros.

— É... até que é legal fazer essas coisas sem graça de gente normal, para variar.

— Idiota! — Eu o empurro de leve.

Ele abafa uma risada e bebe a cerveja. Distribuo mais beijinhos pelo seu pescoço enquanto a mão dele acaricia minhas costas. Penteio seus cabelos com os dedos e os afasto da testa. Os fios escuros conseguem ocultar completamente a cicatriz que Sullivan ganhou na lateral do couro cabeludo.

Meses atrás, durante a internação, cheguei a acreditar que jamais poderia me inebriar no seu calor e beijá-lo outra vez. Entretanto, o tempo me mostrou da forma mais benevolente que eu me enganei. É inevitável olhar para as cicatrizes que marcam sua pele e não pensar que fui presenteada com uma segunda chance de tê-lo comigo.

O celular de Finch toca, e eu me afasto para que ele possa atender.

— Oi, pode falar! — Ele aguarda em silêncio, ingere mais cerveja e prossegue. — Tá legal, eu já tô indo aí. Valeu cara!

Encerra a chamada e repousa a latinha vazia na bancada.

— Vou ter que dar uma saída rápida, Kay.

— Agora? São quase nove da noite, e o jogo ainda não acabou.

— Eu tenho que resolver um lance importante. É sério, não dá para adiar.

— E vai pilotar a essa hora com a chuva caindo lá fora? Você bebeu cerveja.

— Não vou pilotar, Reid tá lá embaixo me esperando. Ele vai dirigir. — Ergue meu queixo e me beija. Passo os braços ao redor do pescoço dele, apreciando seus lábios apetitosos nos meus. — Volto em uns trinta minutos no máximo.

Fico mais tranquila.

— Tá legal. Vou te levar lá embaixo.

Retornamos à sala. Deixo a vasilha de salgadinhos na mesa de centro e prendo o cabelo em um coque. Finch busca a mochila no sofá e a coloca nas costas.

— Rolou uma parada, e eu vou dar uma saída — ele avisa aos meus amigos. — Mas eu me diverti, minha parte favorita foi quando quase peguei no sono com Nash lendo as regras pela primeira vez.

— Ah! Que engraçado — meu primo debocha. Quem os vê se alfinetando, nem poderia imaginar que, na verdade, eles se dão muito bem. Mas Finch gosta de bancar o ranzinza, e Nash não deixa barato. — Vai ser realmente uma pena não ter mais ninguém para roubar no jogo. Com certeza, fará muita falta na partida. Nem sei como vamos continuar sem você.

Finch segura o riso para se manter no personagem. Ele se despede dos três e se encaminha ao hall. Pesco minhas chaves na cômoda e aviso:

— Eu vou levar o Finch lá embaixo. Já volto!

Saímos do flat, e acompanho Sullivan até a entrada do prédio. Fico sob o alpendre da construção para me proteger da chuva enquanto Finch desce os degraus para a calçada, correndo na direção do furgão estacionado na minha porta. Reid abaixa a janela do motorista e acena para mim.

— Ei, Kay!

— Boa noite, Reid! — Aceno de volta e sorrio.

Finch adentra no furgão e se acomoda ao lado do amigo. O motor ronca e, sem demora, Reid avança pelo quarteirão.

E eu retorno ao flat.



Finch voltou da rua minutos atrás, pouco depois que meus amigos foram embora.

Após tomarmos banho juntos, com direito a muitas mãos bobas, beijos roubados e cafunés, ele foi para a cozinha e assaltou a geladeira preparando um lanche. Agora Finch está na sala, vendo TV com Duquesa, enquanto eu termino de finalizar o cabelo em frente ao espelho do banheiro.

Após amassar suavemente os cachos nos dedos para modelá-los, acoplo o difusor no secador e começo a secar as madeixas. O processo dura alguns minutos, e, quando termino, meus cachos estão bem enroladinhos e volumosos, do jeito que gosto.

Ajusto a toalha branca que envolve meu corpo e guardo os produtos de cabelo de volta no armário. Pelo canto do olho, vejo Finch surgir à porta do banheiro, sem camisa e vestindo uma calça moletom preta. Ele dá duas batidinhas no batente para chamar minha atenção.

— Já terminou?

— Uhum, já tô saindo.

Ele entra no banheiro e se coloca atrás de mim. Sua mão contorna minha cintura, puxando-me para si e me abraçando por trás em um aperto gostoso. Finch aproxima o nariz do meu cabelo e inspira profundamente.

— Cheiro bom — conclui com o rosto enterrado nos meus cachos.

Giro o rosto para encará-lo sobre o ombro e ganho um selinho. Eu me derreto toda com o carinho. A palma da mão dele desliza pelo meu abdômen, por cima da toalha. Entrelaço nossos dedos e sorrio para ele.

— Tenho que te mostrar uma coisa — revela, misterioso.

— O quê?

— Vem comigo.

Sigo Finch até o quarto, e meu olhar aterrissa nos três lírios brancos desabrochados em cima da cama. Um sorriso enorme toma conta do meu rosto. Mordo o lábio inferior, dando pulinhos entusiasmada, e olho para Finch.

— Vá pegar seu presente, Clark — ele me incentiva, contente com minha reação.

Eu me apresso até a cama e percebo que há um envelope com um laço vermelho debaixo dos lírios. Sento-me no colchão e capturo uma das flores. Inalo seu perfume suave, com o coração quentinho pela surpresa.

— São lindos — declaro, encantada.

— São três lírios, como os da sua tatuagem.

Finch chega mais perto. Afasta meu cabelo das costas e dedilha a tatuagem em minha nuca. Ele estala um beijo naquele ponto, fazendo meus pelos se eriçarem e meu rosto esquentar. Um rastro de calor se espalha pelo meu corpo quando ele traz a boca para bem perto do meu ouvido, sussurrando:

— Abra o envelope, amor.

Ele não precisa falar duas vezes. Irradiando empolgação, pego o envelope e rompo a fitinha vermelha que o sela. Desdobro o papel dentro dele e leio as informações impressas. Meus olhos vão se arregalando conforme assimilo o que está escrito. Pisco repetidas vezes, boquiaberta.

— Finch? — Olho para ele e torno a encarar a folha. — Ah, meu Deus! Comprou passagens para a França!

Salto da cama imediatamente, rindo incrédula e soltando gritinhos eufóricos. Eu me lanço nos braços de Finch, saltitando, incapaz de conter a animação.

— Finch, isso... é de verdade? Não é brincadeira?

— É sério, Kay. Foi por isso que saí com Reid mais cedo. Comprei as passagens há uns dias, mas queria te dar elas com os lírios. Consegui eles hoje.

Saber que ele teve o cuidado de planejar isso com antecedência me deixa ainda mais radiante. Quero beijá-lo até perder meu fôlego.

— Isso é incrível, mas... essas passagens são caras. Essa quantia não vai fazer falta para você?

Ele move a cabeça em negação, como se não fosse nada.

— Digamos que eu tenho um bom dinheiro guardado. Então, vou levar a minha gata para a França nesse verão. Vai fazer a viagem que sempre quis.

O sorriso no meu rosto se estica de orelha a orelha, e meus olhos lacrimejam de felicidade. Fico boquiaberta e demoro a assimilar que realmente vou realizar o sonho de atravessar o oceano. Desejei isso por tantos anos, e agora será real. Embrulho o rosto de Finch nas mãos e o beijo, não conseguindo colocar em palavras a tamanha alegria que sinto.

— Você não precisava ter feito isso. Gastou tanto dinheiro comigo.

As mãos dele se fixam na minha cintura. Sullivan sorri para mim, contagiado pela minha animação.

— Sei que sempre quis visitar a França e conhecer a cidade natal da sua mãe. É importante para você. Tudo que estiver no meu alcance para te deixar feliz e te ver sorrindo desse jeito, vou fazer.

Acaricio o rosto dele, mexida por suas palavras.

— Finch Zachary Sullivan, você é incrível! Isso é tão significativo para mim. Muito obrigada.

Seu olhar exala afeição. Sou hipnotizada por aquelas esferas negras e intensas. Minhas bochechas doem de tanto que sorrio.

— Sabe aquele mapa de Lyon que está pendurado no seu antigo quarto? Se prepare para conhecer todos os pontos circulados, Kaylee Florence Clark.

Pensar naquele mapa que pendurei em meu quarto durante a adolescência faz com que eu me desmanche em emoções. As lágrimas que deslizam pelas minhas bochechas são fruto da mais genuína alegria. Abraço Finch, desejando que a intensidade do meu corpo buscando pelo dele consiga transmitir a gratidão e o amor que estou sentindo.

Seguro as mãos dele e levo-o comigo para a cama, sentando-me de frente para ele.

— Vai ser nossa primeira viagem juntos. Tô animada. Ah, caramba! — Jogo os cabelos para trás e respiro fundo, deixando minha mente decolar com a ideia. Tem tantos lugares que quero ver, pratos que preciso provar, fotos que vou tirar. — Você me fez a pessoa mais feliz do mundo com essa surpresa.

— E você me faz a pessoa mais feliz do mundo todos os dias.

Ajusto a toalha no corpo e mudo de lugar, acomodando-me e em seu colo. Uno nossas mãos, emocionada.

— Amo você, Finch.

Seu nariz toca o meu, e ficamos a milímetros de um beijo quando ele sopra:

— E eu amo você, gatinha linda.

Abaixo a cabeça e observo nossas mãos unidas, meus dedos brincando com os dele. De repente, eu me atento a algo que, até então, não havia reparado. Ergo a mão direita dele e observo a tatuagem da bússola.

Tem algo diferente nela.

Um ponteiro!

— Ei! Quando fez isso? — Fico curiosa.

Ele encara a tatuagem e logo entende ao que me refiro.

— Foi nessa semana. Fiquei só esperando você perceber.

A revelação me intriga.

Ano passado, neste mesmo quarto, Finch me contou o significado das suas tatuagens, incluindo esta em especial.

— Por que fez um ponteiro na bússola?

Seus lábios esboçam um sorriso dócil, e ele mexe no meu cabelo, pensativo. O olhar plácido e banhado de fascínio me arrebata.

— Uma vez você me perguntou por que a bússola na minha mão não tinha um ponteiro. Eu expliquei que a tatuagem era sobre não ter um rumo certo, estar desnorteado. Mas acontece que agora eu encontrei o meu ponteiro norteador, aquele que me faz saber exatamente para onde devo ir. E ele está apontando para você.

Minha visão fica toda embaçada quando as lágrimas vêm à tona novamente.

— Vai me fazer chorar outra vez, Finch! — digo, com a voz já embargada.

Seus lábios pincelam beijos cuidadosos pelo meu rosto. Eu me agarro a ele, colando peito a peito, com seu calor emanando por cada pedacinho da minha pele e a sensação de que posso tocar nossos corações.

Trilho beijos em direção à sua boca até selar nossos lábios em uma explosão precisa e extasiante. Eu o beijo até que meus pulmões supliquem por fôlego e minha mente gire em um frenesi.

Lágrimas ternas deslizam pela minha face ao mesmo tempo que nossas línguas se encontram com avidez, em uma união que emana carinho e paixão. Interrompo o beijo, sentindo-me torpe, e sopro para ele:

— Às vezes, me pergunto se, antes de você, eu já havia conhecido esse tipo de amor. Gosto de como confiamos e nos abrimos com o outro e de sentir que meus planos são importantes para você. Gosto que cuide de mim, e gosto mais ainda de poder cuidar de você. Gosto que se sinta amado e seguro comigo, que saiba que aqui, ao meu lado, você sempre terá um lar.

Minha declaração o toca.

— Obrigado por me fazer sentir amado e seguro. Eu descobri tanto ao seu lado, *me* redescobri. Antes, eu não sabia direito o significado de família

ou amor, mas hoje sei que *você* e a Duquesa são minha família. Minha casa. E eu não saberia viver longe de vocês.

Selo nossos lábios outra vez, entorpecida.

É o sentimento mais belo que já vivenciei. Finch e eu nos tornamos o lar um do outro. Criamos raízes profundas, ligando coração a coração em um elo que nos fez reféns de um sentimento arrebatador. Compartilhando nossas cicatrizes, nossas dores, nossas verdades e anseios. Demos tudo o que tínhamos um ao outro, o que havia de melhor e pior, nada foi negado.

Fascinada pela beleza de cada imperfeição, eu descobri que, além da sua armadura, existe um coração pulsante capaz de incendiar por mim. E Finch descobriu que, independentemente das cicatrizes que carrega e do caos que habita em si, ainda é capaz de nutrir o sentimento mais nobre e puro de amar e ser amado incondicionalmente.

Viemos de uma colisão imprevisível. Tivemos que encarar um caminho repleto de altos e baixos e lidar com uma queda dolorosa. E hoje, após forjados por nossos medos, expectativas, enfrentamentos e um ímpeto indomável ardendo em nossos corações, somos pura e simplesmente amor.

# EPÍLOGO




Não sei se é apenas uma impressão boba e minhas emoções estão mexendo comigo, mas o sol parece diferente do outro lado do oceano.

Eu não sei explicar, mas não se trata de um fenômeno apenas climático. É só… diferente. A sensação de assistir ao pôr do sol na cidade de Lyon, na França, é mais do que bela. É deslumbrante. Verdadeiramente de arrancar o fôlego.

Finch e eu desembarcamos no aeroporto Lyon-Saint-Exupéry há dois dias, e é impressionante o quanto cada novo minuto neste lugar me encanta. Tem cheiro de novidade e aguça minha sede de explorar, vivenciar e conhecer tudo o que estiver ao meu alcance, desde os restaurantes com estrelas Michelin até as ruas e praças que minha mãe mencionava durante minha infância.

Fizemos check-in em uma hospedaria na região conhecida como a Velha Lyon. Nos instalamos num alojamento modesto e adorável onde passaremos os próximos três dias, antes de embarcarmos para Paris, nossa próxima parada.

O alojamento se assemelha a um loft, garantindo um cômodo que anexa sala e cozinha e um mezanino superior reservado para o quarto. O lugar é uma graça, todo aconchegante com a decoração saudosista, que faz jus a típica arquitetura renascentista do bairro.

Desde que chegamos, Finch me acompanhou em cada passeio que fiz pelas ruas de Lyon. Visitamos o Parque Olímpico Lyonnais, conhecemos o centro histórico da cidade, andamos de barco pelo rio, exploramos o

comércio local e, é claro, fomos ao bistrô da Dame Mila para comer os famosos macarons dos quais minha mãe tanto falava. E, por Deus! São divinos. Tanto que voltamos para o alojamento carregando uma caixa abarrotada deles para comermos pelo resto da viagem

Agora, no finalzinho da tarde, arrastei Finch até um pequeno café nas redondezas, para assistirmos ao sol se pôr.

Sentada em uma mesa da área externa, com o queixo apoiado no punho e o cotovelo sobre a mesa, contemplo a brilhante esfera dourada repousando além das nuvens e se unindo ao horizonte.

É magnífico.

Estamos no final do verão. A temperatura amena é acolhedora, tornando perfeita minha escolha de roupas para o passeio: um vestido leve e casual de alças finas, uma echarpe colorida e saltos altos.

Quando a conta chega em nossa mesa, sou eu quem se comunica com o garçom, visto que Finch não entende absolutamente nada em francês. As únicas coisas que aprendeu no idioma foi dar bom dia, perguntar onde fica o banheiro e pedir um táxi.

Deixamos o café e partimos pelas ruas da Velha Lyon. Caminho de mãos dadas com Finch enquanto observo os moradores locais transitando entre os comércios e pontos turísticos. Pouco a pouco, o céu escurece sobre nós, trazendo uma bela noite à vista. Pareço uma criança curiosa vislumbrando toda e qualquer novidade pelo caminho, fascinada com a beleza monumental e histórica destas ruas e vielas.

No exato segundo que meus olhos vão ao encontro do estabelecimento com a placa escrita “Floriculture” acima das portas de entrada, aperto a mão de Finch e o arrasto naquela direção. Saco o celular do bolso e escolho um bom ângulo que capture as diversas flores coloridas que decoram a vitrine da floricultura. Após vários cliques, puxo Finch comigo e nos enquadro na câmera para tirarmos uma selfie.

— Sorria para mim, *Mon Coeur*.

Finch acha graça, mas não olha na direção da câmera.

— Não sou muito de fotos, Clark.

— Não seja rabugento. Vai?! — o incentivo. Coloco-me na ponta dos pés para plantar um beijo em seu rosto e capturo o momento no celular. — Tire uma foto legal comigo.

Ele segura meu queixo e estala um beijo em minha boca. Seu braço envolve minha cintura, nos unindo com precisão.

— Posso tirar algumas. Mas não sorrindo. Aí já é demais.

Reviro os olhos.

— Certo, sem sorrisos então.

Com a câmera apontada em nossa direção, tiro várias fotos nossas. Em algumas estou sorrindo, e em outras fazendo careta, um contraste e tanto com o semblante imutável de Finch, que, apesar de sério, sai muito bonito na câmera. Verdade seja dita, ele é absolutamente atraente fazendo essa cara de poucos amigos, é um charme.

— Agora, vou fotografar a fachada da floricultura — aviso.

Finch libera a passagem, e eu recuo um pouco pela calçada, buscando o ângulo que enquadre o pôr do sol. No entanto, acabo me distraindo com a movimentação ao lado. Bem no beco à minha esquerda, em meio a uma pilha de caixas de madeira e lixo, encontro algo se mexendo.

Aproximo-me das caixas e me abaixo para descobrir do que se trata.

— O que foi? — Finch quer saber.

— Vi uma coisa aqui, acho que é um... — Abaixo mais o rosto para enxergar o animalzinho que se esconde atrás das caixas.

É um gato!

Finch remove uma das caixas, descobrindo um filhote de gato preto bem pequeno que se encolhe, assustado, no meio do lixo. Seu pelo escuro está todo arrepiado e úmido, e ele parece sentir frio. Os pequenos olhos arredondados em tom de âmbar se arregalam na direção de Finch.

Corro o olhar pelo entorno, em busca de alguma pista que indique mais felinos por perto, mas não encontro nada.

— Será que o abandonaram? — presumo.

— Acho que sim.

Fico com o coração na mão vendo o filhotinho todo encolhido e cheio de medo.

— Não podemos deixá-lo aqui.

— Pode me emprestar? — Finch pergunta, apontando a echarpe que cobre meus ombros.

Sem entender, removo ela e lhe entrego. Finch ajeita o tecido nas mãos e, agilmente, se abaixa para pegar o gatinho do meio do lixo, envolvendo-o

na echarpe.

Meus olhos saltam.

— Passou minha echarpe no lixo?! — me choco. Céus, ela foi tão cara!

— Foi mal, gata. Mas acho que ele precisa mais dela do que você. — Finch embrulha o animal cuidadosamente e o carrega nos braços. — Ele não para de tremer.

— Tem razão. Apesar dessa echarpe ser linda e muito, *muito* cara mesmo, salvamos o gatinho. É isso que importa.

Eu me aproximo para vê-lo melhor. Há terra e sujeira grudada em seu pelo, e ele resmunga baixinho, bastante assustado. Os olhos dele são lindos, um castanho-amarelado marcante.

— É um macho — eu constato. — Ele é tão pequenininho, deve ter no máximo dois meses. — Sorrio para o gatinho preto que se encolhe mais nos braços de Finch. — E é lindo.

Sullivan o observa por um tempo, pensativo.

— É, ele é bem bonito mesmo.

Faço um carinho nas costas do filhote para acalmá-lo. Seu miado suave e fininho é uma gracinha.

— Em pensar que algumas pessoas dizem que você dá azar. Que bobeira. O que aconteceu com você, garoto? Se perdeu da sua família? Foi abandonado por algum humano sem coração? Não deveria estar aqui fora sozinho. Precisa de um lar.

Olho em volta e levo as mãos ao quadril, ponderando o que fazer. O gatinho aparenta não se alimentar direito há dias. Poderíamos procurar algum mercado pela redondeza e comprar ração.

— Acha que devemos entregá-lo a alguém? — sugiro. — Talvez conseguir o número de um abrigo, ou…

— Vou ficar com ele — Finch anuncia de súbito, pegando-me de surpresa.

Pisco as pálpebras.

— Mas o que vamos fazer? As regras da hospedaria proíbem a entrada de animais. Não vão te deixar entrar com ele.

Finch solta um muxoxo, fazendo pouco caso do aviso.

— Não vão deixar o quê! Eu derrubo aquela porra de lugar se não me deixarem passar com esse gato. Até parece que não vou entrar lá com ele.

Sorrio, impressionada com sua convicção.

— Tem certeza, Finch? Adotar um animal é uma decisão séria. Não dá para voltar atrás depois que ele já estiver grande.

— Não vou mudar de ideia, Kay. Quero ele. Além do mais, você mesma disse que ele não pode continuar aqui. E, mesmo que ele dê azar, não ligo, acho até que gosto mais dele assim. Os renegados com péssima reputação também merecem um lar, não é?

Não posso discordar da linha de raciocínio. Até porque me parece uma ótima ideia Sullivan adotar um gatinho que lhe fará companhia em todos os momentos. Sei que ele nunca teve animais de estimação, mas não é tarde para começar.

Portanto, meneio a cabeça em concordância.

— Tem razão. Eles merecem um lar!

Finch observa o filhote e toca a cabeça do animal, acarinhando suas orelhas.

— E esse carinha acabou de ganhar um.



Tivemos que correr pelas ruas de Lyon em busca de ração para gatos e de comedouros. Retornarmos à hospedaria após o anoitecer. Finch escondeu o gatinho dentro da sacola de papelão do mercado, a fim de passarmos despercebidos na recepção. Funcionou. Ninguém notou que trouxemos um filhote para o nosso alojamento, e estamos contando com a discrição dele para que não mie alto demais e nos denuncie.

Demos um banho no filhote, e foi simplesmente uma graça ver Finch cuidando dele. Está mesmo decidido a voltar ao Colorado com um gatinho de estimação.

Agora, depois de ter devorado toda a ração do comedouro, o gatinho preto que ainda não possui um nome se deitou na caminha improvisada que Finch e eu montamos, utilizando uma caixa de papelão e uma toalha. Ele ainda estranha a nossa presença, mas parece se sentir seguro dentro da caixinha.

Foi um dia cheio, mas os planos para hoje ainda não acabaram. Daqui a pouco, Finch e eu vamos sair para jantar em um restaurante que conhecemos em nosso primeiro dia na cidade.

Saio do banheiro de banho tomado, com um robe de cetim envolvendo meu corpo e o cabelo preso em um coque no topo da cabeça. Dirijo-me à sala do alojamento, e não me surpreendo ao me deparar com Finch enraizado em frente à caixa do gatinho, vendo o felino dormir.

Ele gostou mesmo do gato.

A cena me arranca um sorriso.

Chego mais perto e seguro o braço de Finch, apoiando a cabeça em seu ombro. Aproximo o nariz da sua camisa só para sentir seu cheirinho de banho recém-tomado. A mão dele se ancora em meu quadril, mantendo-me junto de si.

— Já escolheu um nome para ele? — quero saber.

— Já, foi bem fácil. — Ele ri nasalado e torna a observar o gato. — É um gato preto, então é o Azarado.

— Ah, não, Finch. Não pode chamá-lo disso.

Ele vê graça.

— Por que não? É um título idiota que as pessoas colocaram nele, sem nenhum motivo plausível, e o culpam por isso. Mas, na verdade, isso o torna ainda mais interessante. Faz ele parecer intimidador, do tipo que não leva desaforo pra casa. Tem fama de ser mal-encarado, astuto e até traiçoeiro. Eu acho o máximo!

Cerro os olhos, focando nele e no gato preto.

— Hm... Parece alguém que eu conheço.

Ele ri, mas não discorda.

— Tem alguma chance de você mudar de ideia sobre o nome do gato?

— Nenhuma, Clark. É bom se acostumar com o Azarado.

Abraço seu tronco e suspiro, dando-me por vencida.

— Tomara que ele se dê bem com a Duquesa. Vou levá-la ao seu apartamento para visitá-lo assim que estivermos em casa.

Saio do seu aconchego e sigo pelos degraus em direção ao mezanino. Vou até as malas e começo a selecionar as peças que vou vestir no jantar. Finch sobe a escada atrás de mim e se esparrama na cama king size.

— Pensou naquela ideia que te dei? — indago ao pescar um vestido coral da mala.

Solto o cabelo do coque e balanço os cachos, conferindo-me no espelho acima da penteadeira. Finch se deita de lado, sustentando o peso pelo cotovelo, com a cabeça apoiada na mão. Seus olhos me escaneiam desde a ponta dos pés até o último fio de cabelo, banhados de admiração.

— A da oficina? — arrisca.

— É, pode ser uma boa, não acha?

Dias atrás, sugeri que Finch investisse na abertura de uma oficina, levando em conta que ele adora motos e está sempre reparando a sua desde que a comprou. Teria relação com algo que ele gosta e poderia se tornar uma fonte rentável a longo prazo.

— Pode dar certo, mas não sei ainda — divaga, incerto. Seu olhar se desvia do meu quando ele prossegue: — Erick trabalhou numa oficina de motos por um tempo, depois que fugiu do Maine. Se ele estivesse aqui e ouvisse a ideia, talvez fosse curtir.

Penduro o vestido no cabideiro e vou até a cama, sentando-me ao lado dele.

Já faz um tempo que Finch consegue falar sobre o amigo sem desmoronar. Aquele peso que o esmagou nas primeiras semanas de luto foi se abrandando, cedendo lugar às lembranças que valem a pena ser guardadas. De vez em quando, Finch me conta histórias do passado, de quando conheceu Erick e de todas as enrascadas em que se meteram até chegarem em Faigan.

Toco a bochecha de Finch, ganhando seu olhar. Decido mudar de assunto:

— E o curso de culinária? Ainda é uma opção?

Depois que tomei a iniciativa de ensiná-lo a cozinhar, Sullivan e eu estamos sempre preparando jantares juntos e, vez ou outra, ele até se arrisca a pôr a mão na massa sozinho, alegando que a atividade o acalma.

— Ainda tô considerando. Não seria má ideia — ele revela.

A resposta otimista me anima.

— Agora me diz, o que está achando de Lyon?

— É uma cidade bonita. Parece um bom lugar para se viver. Mas e você? Essa cidade é tudo que imaginou que seria?

Um sorriso involuntário brota em minha boca.

— Sem exageros, está sendo muito mais do que esperava! Foi o melhor presente que você poderia me dar.

Ele gosta do que ouve. Suas mãos me capturam, e, rápido demais, estou sendo levada para me deitar ao lado dele. Eu me aconchego nos lençóis macios, virada para Finch.

— Eu vou ter que me esforçar muito para retribuir e te fazer uma surpresa à altura agora — brinco.

— Não precisa, Kay. Na verdade, sou eu quem precisa retribuir o quão incrível você foi durante minha recuperação. Você me ajudou pra caralho, me deixou passar meses morando no flat e fez de tudo por mim.

— Sei que foi um período complicado, mas… sabe que sinto saudade? Da convivência. Era tão gostoso acordarmos juntos, tomarmos café e passarmos o restante do dia na companhia um do outro. Você, eu e Duquesa deitados no sofá, vendo TV.

Ele concorda com a cabeça, saudoso.

— Bom, agora, durante a viagem, estamos fazendo isso de novo. Dormindo e acordando lado a lado e passando os dias juntos. Tô gostando pra cacete.

Fico toda boba ouvindo isso. Mexo em seu cabelo e brinco com as mechas escuras.

— Estamos passando tempo demais juntos. Será que vamos enjoar um do outro?

Eu falo brincando, mas ele encara a pergunta a sério e me responde categoricamente:

— Jamais. Não encontraria em nenhum outro lugar o que encontrei em você. É a mulher que quero ter do meu lado, e quero ser alguém que te dê essa mesma certeza. Porque eu te garanto que não vou dar para trás nessa. — Seus dedos capturam meu queixo delicadamente. — Sou completamente seu, Kaylee. E você, minha.

— Tem que parar de dizer essas coisas se não quiser que eu fique chorando toda hora — recito com bom humor. — Você faz eu me sentir a pessoa mais amada do planeta.

— Faz sentido, porque é a pessoa que mais amo no planeta, então… — Sorrimos juntos, cúmplices. Sullivan toca os corações-sangrentos embaixo da minha orelha, depositando carícias ali. — Eu aprendi tanto com você.

— Você também me ensinou lições que nunca vou esquecer. Depois de te conhecer, entendi que não existe nada puramente bom ou ruim, os dois extremos existem dentro de nós, e às vezes precisamos dessa dualidade. Aprendi a atacar e não apenas me defender. Saber disso me fez atirar em Theo Périgord e matá-lo naquela noite. Quando me lembro de tudo e penso que coloquei três balas no peito dele, sinto alívio.

A princípio, tenho receio em confessar essa verdade tão crua e assombrosa. No entanto, me sinto acolhida ao encontrar compreensão nos orbes escuros.

— Conheço a sensação. Senti isso depois do que fiz com Callum Allen e com outros homens que poderiam te colocar em perigo. Por você, aceitei o que há de pior em mim para fazer o que precisava ser feito, e não houve um dia que eu tenha me arrependido. Se tivesse que escolher, faria de novo e de novo. Não ligo se isso parece bom ou ruim, só me importo com a minha prioridade, que é você.

Troco de posição e me arrasto para cima de Finch, meu tronco sobre o dele e meus dedos fazendo um carinho em seu maxilar.

— Talvez eu não devesse dizer isso, mas gosto de saber que o homem que eu amo seria capaz de colocar o mundo abaixo por mim. Porque eu faria o mesmo por você.

Sullivan passa meu cabelo para o lado e viaja os dedos em carícias delicadas pelas minhas costas. O contato eriça minha pele. Todas as áreas do meu corpo despertam para usufruírem dos seus toques.

— Kaylee, enquanto eu estiver respirando, vou continuar cuidando de você. Se eu tivesse que me sujar outra vez, eu desceria ao inferno só para te ver feliz.

A mesma centelha que se acende em meu peito dispersa fagulhas para cada extremidade minha. Anseio senti-lo, amá-lo, reivindicá-lo de forma demasiada.

Sento-me em seu colo, cada uma de minhas coxas cercando-o.

— A boa notícia é que você não precisa, porque já tenho tudo o que quero comigo e sou feliz com você. Não necessito de mais nada.

Lentamente, desfaço o laço do robe e deixo a peça escorregar pelos meus braços, revelando a nudez dos meus seios. A cobiça atravessa aquele par de esferas negras conforme mapeia meu busto. Num piscar de olhos as mãos dele estão subindo pelo meu tronco e me enchendo de carícias.

— Achei que quisesse sair para jantar — Finch comenta.

— Mudança de planos. — Toco os lábios dele com o indicador e sorrio travessa.

Uma de suas mãos desce pela minha coxa, acendendo faíscas em minha pele. A outra termina de arrancar o robe de mim, deixando-me só de calcinha. Espalmo as mãos em seu peitoral e me deito sobre ele para beijá-lo. Mordo seu lábio e gemo quando seus dedos se embrenham na raiz dos meus cabelos. Sinto seu membro se enrijecer sob mim e o instigo rebolando em cima dele.

Ergo-me do colo de Finch apenas o suficiente para que ele se livre da calça e cueca. Removo a calcinha e, sem demora, volto a montar nele, satisfeita ao senti-lo sem nenhum obstáculo entre nós. Fico arrepiada com o calor da pele dele esquentando a minha, com as mãos explorando minhas coxas e com meus lábios deixando uma trilha de beijos que vai do peitoral dele até a boca. Deslizo a língua de encontro a dele, com sede do seu sabor. Sullivan agarra meu quadril e arfo silenciosamente quando sua ereção começa a deslizar para dentro de mim.

Sempre que fazemos sexo, é quente e lascivo, marcado por doses insaciáveis de luxúria. No entanto, muitas vezes é ameno e sentimental, um contraste entre uma foda apaixonante e fazer amor. Porque agora, com cada investida vagarosa, toques delicados e sussurros ofegantes, numa calmaria alucinante tomando nossos corpos, estamos mesmo fazendo amor.

Finch acompanha o vaivém do meu quadril sobre ele, estocando lentamente em um ritmo tão suave e tão gostoso que derrete minha mente, submersa nas sensações, nos toques e no prazer que me preenche da maneira mais arrebatadora possível.

Meus lábios roçam nos dele, e estou gemendo em cada respiração. Finch enrosca os dedos no meu cabelo, me fazendo tombar a cabeça, e abre espaço para que sua boca me saboreie, beijando meu pescoço e me enchendo de chupões. Seu gemido grave vibra contra a minha pele, e eu acelero um pouquinho no vaivém, rebolando em seu membro mais intensamente ao encontrar uma posição deliciosa na qual nosso atrito fricciona meu clitóris.

Num segundo, somos calmaria. Mas logo seus apertos me enlouquecem e minha respiração falha ao sentir seus dedos cravarem minha bunda, seios, coxas e todas as partes ao seu alcance. E então somos um

furacão incessante, mais rápidos e famintos, beijos ávidos e em total combustão.

Comigo sentada em seu colo, subindo e descendo em seu membro, Finch abocanha meu seio. Embrenho os dedos em seu cabelo e tombo a cabeça para trás, apreciando o toque quente e úmido da sua língua em meus mamilos. Espasmos arqueiam minha coluna, e mordo meus lábios, choramingando de prazer.

Finch repuxa meu cabelo e desliza a língua do meu busto até o pescoço. Aperto seus ombros com força, sentindo o orgasmo avançar pelo meu baixo ventre. Meus gemidos se prolongam, e Finch me cala com um beijo. Estou explodindo com a chegada do ápice, gemendo sem pausa enquanto seus lábios reivindicam os meus.

Meus músculos fraquejam por puro efeito do clímax, as correntes de prazer acariciando a linha abaixo do meu umbigo. Totalmente fraca e com o corpo sensível, permaneço encaixada em seu colo. Uno meu abdômen ao dele, e meus seios pressionam seu peitoral. Talvez Finch consiga sentir a maneira como meu coração tamborila na caixa torácica.

Ele me faz deitar de lado no colchão e se encaixa atrás de mim. Estou recuperando o fôlego, enevoada pelo recente orgasmo, quando Finch segura minha coxa e a flexiona. A cabeça do seu pau desliza pela minha boceta, e eu me agarro ao lençol, pronta para mais. Sua glande resvala em meu clitóris, e eu aperto as pálpebras, trêmula com as caricias excitantes.

— Tô louco para enfiar a cara nessa sua boceta e te chupar gostoso — ele me provoca e beija a hélice da minha orelha. — Todos os outros hóspedes vão te ouvir quando estiver gozando na minha boca.

Engulo a saliva e arfo, atiçada pelo tesão. O calor do corpo dele se espalha pelas minhas costas, e a sua mão apalpa meu seio conforme a ereção me penetra. Suas estocadas vêm suaves e precisas.

Vou ao êxtase com Finch me fodendo de ladinho e sussurrando promessas lascivas no meu ouvido.

A mão dele escorrega pelo meu abdômen, eriçando cada pedaço percorrido até tocar minha intimidade. Finch esfrega meu clitóris deliciosamente ao mesmo tempo que estoca para dentro de mim. Começo a ofegar, eletrizada por correntes de prazer, desfrutando de seu estímulo em minha vulva e seu pau me preenchendo. Afundo o rosto no lençol e espremo os lábios para segurar os gemidos. Os dedos dele intensificam a

masturbação, e suas investidas se tornam ainda mais rápidas. Meu corpo começa a tremelicar, e eu mordo a fronha do travesseiro para não fazer muito barulho.

Seus lábios macios deslizam do meu ombro para a curva do meu pescoço.

— Por que está tentando abafar os gemidos, amor? — ele sussurra no meu ouvido. — Não quero que se segure, Kaylee, é uma delícia te escutar desse jeito. Não me prive de ouvir seus gemidos tão gostosos.

Finch desgruda os fios de cabelo suados do meu rosto. Paro de morder a fronha quando ele segura meu queixo e gira meu rosto em direção ao dele.

— Geme para mim — ele me pede.

Não desfaço o contato visual quando ele escorrega sua mão pelo meu corpo e retoma o estímulo no meu clitóris. O moreno me masturba habilmente enquanto seu membro desliza para dentro e para fora de mim.

Encaro as íris negras e me perco em uma espiral de prazer intenso. Cravo os dedos no lençol e me permito gemer mais alto, tomada pelo embalo delicioso que vem desde o meio das minhas pernas e sobe pelo meu ventre, me enchendo de êxtase.

Firmo a mão na nuca dele, arfando e choramingando, sem me importar com o mundo à nossa volta. Ele diminui o ritmo das investidas, assumindo uma velocidade gostosa e viciante. Meu corpo se contrai, e eu libero um gemido manhoso, as pernas bambeando e minha pele suada sedenta por mais. A boca dele vem de encontro à minha, e eu me desmancho em nosso beijo, atingindo outro orgasmo.

Saio do seu beijo ofegantemente, com um choramingo sôfrego rasgando minha garganta. Finch parece adorar o som, porque estapeia a minha bunda e empurra com mais força para dentro de mim, me incitando mais e mais.

Estou atordoada pelo ápice no momento que Finch gira meu corpo no colchão, me fazendo deitar totalmente de bruços e ficando por cima de mim, pronto para me foder por trás. Nessa nova posição, ele estoca mais firme e veloz, e seus gemidos roucos escapam junto à respiração entrecortada. Minhas pernas já estão trêmulas e frágeis, mesmo assim, eu me empino mais para ele, permitindo que chegue ainda mais fundo em mim. Suas mãos cobrem as minhas sobre o colchão, colocando-me

totalmente à mercê do seu comando. Sua respiração quente e veloz atinge minha nuca, e ele afasta meus cabelos para me marcar com um chupão.

Um gemido rouco e estendido flui dos seus lábios, e Finch atinge seu clímax dentro de mim. O corpo dele pesa sobre o meu, e eu continuo me esfregando nele. Finch desfaz nossa ligação e descansa o corpo exausto no colchão.

Estou com as pernas doloridas, e um formigamento gostoso toma cada músculo meu. Eu me encontro nas nuvens, totalmente saciada. Viro-me na direção de Finch e deito o rosto em seu ombro, relaxada.

As mãos de Finch buscam por mim, e me sinto ainda mais plena ao receber seus afagos e cafunés. Me ajeito melhor nos braços dele e beijo seu pescoço, bem onde a meia-lua está tatuada. Olhamos um para o outro e compartilhamos um sorriso igualmente rendido.

Ele beija minha testa conforme dedilho a coroa em chamas no peito dele, acompanhando cada traço.

— Ainda quer sair para comer? — pergunto.

— Posso comer *você* pelo resto da noite. Não vou sair desse quarto tão cedo.

Rio, baixinho.

A moleza que se apossa do meu corpo e o aconchego de Finch me fazem enrolar na cama por mais algum tempo. No entanto, quando o furor do sexo passa e eu começo a sentir fome, pulo do colchão e visto o robe.

Depois de ir ao banheiro e me limpar, decido ligar para o serviço de quarto e pedir o menu, visto que nem eu e nem Finch pretendemos sair daqui tão cedo. Após solicitar o jantar, retorno ao mezanino e encontro Finch já vestido. E, nossa! Ele fica tão sexy sem camisa, com as tatuagens à mostra e usando apenas aquela calça de algodão.

Depois do jantar, com certeza vou querer um segundo round.

Vou em direção à janela e observo a vista da cidade. Não muito longe, está a Catedral de Saint-Jean, um dos marcos históricos da Velha Lyon. O cenário é estonteante visto daqui de cima, com as luzes dos comércios acesas e pessoas passeando pelas ruas.

Sinto Finch se aproximar. Não demora até que suas mãos envolvam meu quadril e ele cole meu corpo no dele. Sorrio docemente e descanso a cabeça em seu ombro.

— Temos que fazer isso mais vezes — comento.

— Transar de ladinho?

Eu o acerto com uma cotovelada leve e rio.

— Não! Temos que viajar juntos mais vezes. É tão bom.

— Ah, é, isso também. Eu ia curtir fazer isso outras vezes.

— E para qual lugar poderíamos ir?

— Por mim tanto faz, qualquer lugar com você será um paraíso, amor.

Meu coração se aquece e se desmancha no peito. Como é possível que esse homem consiga me arrancar tantos sorrisos maravilhados?

— Já que é assim, vou escolher nosso próximo destino, *Mon Coeur*.

— Como quiser, minha gatinha linda. — Estala um beijo na minha bochecha e passa os braços pela minha cintura, abraçando-me mais forte.

Chego a fechar os olhos para apreciar plenamente o amparo dos seus braços. Encolho o pescoço, cheia de arrepios gostosos, com os lábios dele salpicando beijos nos corações-sangrentos embaixo da minha orelha.

Um sorriso resplandecente se arrasta em minha boca. De repente, um lampejo atravessa meus pensamentos e recordo-me de algo importante.

— Você sempre quis saber por que te chamo de *Mon Coeur*. Quer saber o motivo? — solto a dúvida e giro no lugar, ficando de frente para Finch.

A curiosidade brinda seu semblante.

— Quero. Por quê?

Seguro a mão dele e o faço tocar o centro do meu peito.

— Porque te sinto aqui. No meu coração. É isso que você é para mim, *Mon Coeur*. É meu coração.

Suas sobrancelhas sobem discretamente, e as pálpebras batem devagar. Reflexivo, ele assente e sorri, finalmente descobrindo o significado do apelido que lhe dei.

Os olhos obsidiana ganham um fulgor magnetizante. Finch afasta meu cabelo do rosto e une nossas bocas em um beijo que transborda paixão. Seguro seu pescoço a retribuo na mesma intensidade.

O destino possui um jeito único de conduzir nossos passos. No começo, Finch era uma incógnita, puro desafio e audácia correndo em suas veias. Mas bastou que eu olhasse além da superfície brutal e espinhosa para descobrir que, dentro daquele homem, havia ternura, fragilidade, traumas e o desejo intrínseco de ser amado. E, quando ele se viu cuidado e acolhido,

revelou o que de mais belo escondia dentro de si. A capacidade de zelar, proteger e amar incondicionalmente.

Nós dois nos conhecemos em uma catástrofe, e, apesar disso, Finch se tornou meu paraíso em meio ao caos. O meu porto seguro, para onde sei que posso correr e me refugiar a qualquer momento.

Na mesma medida que nossos sentimentos possuem a força de um amor puro, viciante e abrasador, eles carregam o poder letal de uma tormenta avassaladora, pronta para arrebatar tudo o que toca e deixar sua marca perpétua. Enfrentamos provações tortuosas, lutamos com unhas e dentes para defender esse amor. Porque nós dois morreríamos e mataríamos um pelo outro, como já fizemos antes. Nos corrompemos, nos desafiamos, nos perdoamos, mergulhamos no mais profundo reduto dos nossos corações e encontramos uma maneira de seguir em frente. Por amor.

Sei que mudei. O que enfrentamos me tornou mais forte. Cada lição aprendida está marcada em mim como uma cicatriz invisível. Ter excedido os meus limites e lutado por Finch Sullivan desvirtuou todas as minhas antigas verdades e convicções.

Eu me lancei de corpo e alma, assim como ele. Colidi com seu reino de ruínas e, em troca, recebi as raízes desse amor se embrenhando em meu peito e fazendo morada em mim. Deslumbrada pela intensidade sombria e misteriosa que o adornava, me vi disposta a desvendá-lo. Eu me permiti cair na mais sedutora e perigosa tentação e encontrei minha paz durante a derrocada.

E quero permanecer em declive ao seu lado pelo resto dos meus dias.

**FIM**.



# AGRADECIMENTOS

Declive foi o livro mais intenso que já escrevi até hoje. E, com certeza, foi o universo pelo qual eu mais me apaixonei. Kaylee e Finch conquistaram um lugar muito especial no meu coração, com sua força, com seus erros e acertos, com as cicatrizes que carregam, que em muitos pontos se parecem com as minhas, e com a beleza admirável de suas imperfeições, porque isso os torna ainda mais próximos da realidade.

Declive é especial para mim por tantos motivos, mas, principalmente, por ter chegado em um momento onde eu estava decidida a desistir da escrita. Mas eu amei Kaylee e Finch com tanta verdade que não me vi capaz de abandoná-los. Precisava dar a eles o desfecho que mereciam e fico imensamente feliz por ter concluído esse trabalho.

Gostaria de agradecer algumas pessoas que fizeram parte da jornada do lançamento desse livro.

Obrigada às minhas leitoras beta por fazerem parte do desenvolvimento de DECLIVE e me ajudarem a extrair o melhor dessa história. Foi lindo ver vocês surtando por Kaylee e Finch (e me ameaçando por um final feliz haha!)

Agradeço também a Karol. Muito além de revisora, você foi uma baita parceira e me deu um suporte gigantesco para que esse livro pudesse acontecer, sempre com palavras de incentivo, não me deixando abaixar a cabeça e ressaltando pontos positivos do meu trabalho. Mais uma vez, foi uma experiência incrível trabalhar com você.

Obrigada Kelly! Você não faz ideia do quanto me deixa feliz receber seu carinho por mim e pelo meu trabalho. Seu apoio foi essencial em diversos momentos. Ver você torcer por Kaylee e Finch tocou meu coração.

E, é claro, obrigada a vocês, leitores que me acompanham, que esperaram por esse desfecho e abriram seus corações para receber Kaylee Clark e Finch Sullivan novamente. Tudo isso foi por vocês. Me deixa muito

honrada saber que DECLIVE cativou pessoas de uma forma tão bonita. Obrigada pelas mensagens de carinho e pelo apoio.

Para encerrar esse agradecimento com chave de ouro e retribuir a estima de vocês pelo meu trabalho, quero anunciar que ainda vamos reencontrar Kaylee e Finch novamente em projetos futuros.

E eu espero que, quando esse momento chegar, vocês se apaixonem por eles outra vez.

*Com amor,*
*Miss Confused!*

# REDES SOCIAIS

Instagram | Twitter